Isabel Maria Galhano Rodrigues

Fala e movimentos do corpo na interacção face a face

Estratégias de reparação e de (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez

Vol. I

FLUP
Porto - 2003

Isabel Maria Galhano Rodrigues

Fala e movimentos do corpo na interacção face a face

Estratégias de reparação e de (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez

Vol. I

FLUP
Porto - 2003

"O GESTO E A LINGUAGEM DURAM UM MOMENTO FUGAZ. NA ARTE, ELES ADQUIREM, POR VEZES, UM SIGNIFICADO MAIS ELEVADO; POR VEZES, UM MOVIMENTO RÁPIDO GANHA UMA FORMA PERMANENTE" Wilhelm Wundt, 1919, *Völkerpsychologie*, Vol. 3, p. 5, cit. *in* Franz Boas (1996: 5).

ALMADA NEGREIROS: VARINAS

ÍNDICE

Prefácio ..... ix-xi

INTRODUÇÃO 1

PARTE I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 6

1. **A INVESTIGAÇÃO DA INTERACÇÃO** 7
1.1 Orientação psicológica 8
1.1.1 Psiquiatria interpessoal 8
1.1.2 Análise de Contexto 10
1.1.3 Psicologia e Psicolinguística 11
1.2 Orientação sociológica 12
1.2.1 Interaccionismo 13
1.2.2 A interacção social de Goffman 14
1.2.3 Etnometodologia 16
1.2.4 Análise Conversacional Etnometodológica 19
1.2.5 Recepção da Análise Conversacional Etnometodológica na Europa 21
1.3 Orientação linguístico-pragmática 29
1.3.1 A Análise do Discurso 29
1.3.1.1 A Análise do Discurso Britânica 30
1.3.1.2 A Escola de Genebra 30
1.3.2 O desenvolvimento da Análise do Discurso e a sua recepção na Europa 32
1.4 Orientação antropológico-etnográfica 34
1.4.1 Antropologia Cultural e Antropologia Linguística 34
1.4.2 Teoria da Contextualização 35
1.5 Orientação etológica 38
1.5.1 Etologia Humana 39
1.5.2 Etologia Linguística 39
1.6 Orientação informática 41
1.7 Interacção face a face: uma área interdisciplinar 42

2. **A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL** 46
2.1 Aspecto exterior 47
2.2 Proxémica 48
2.2.1 Contacto físico 48
2.2.2 Distância interpessoal 49
2.2.3 Orientação 50
2.2.4 Postura 50
2.2.5 Configuração espacial 50
2.3 Movimentos da cabeça 52
2.4 Mímica 55
2.4.1 Universalidade e determinação cultural 56
2.4.2 Classificação das expressões faciais 57
2.5 Olhar 59
2.6 Gestos 65
2.6.1 Questões ligadas à origem do gesto 65

2.6.2 O gesto e a fala ... 66
2.6.3 Tipologias dos gestos ... 66
2.6.3.1 Tipologia de Efron ... 67
2.6.3.2 Tipologia de Ekman/Friesen ... 68
2.6.3.3 O modelo e a tipologia de McNeill ... 73
2.6.3.4 Tipologia de Müller ... 81
2.6.3.5 Tipologia de Poggi ... 85
2.7 Observações ... 86

3. A PROSÓDIA ... 90
3.1 O conceito de prosódia e os parâmetros prosódicos ... 90
3.2 Prosódia: uma dimensão linguística ou paralinguística? ... 92
3.3 Fonologia e Fonética: modelos de análise da entoação ... 95
3.4 Prosódia e interacção verbal ... 99
3.4.1 A frase prosódica na investigação da comunicação não-verbal ... 99
3.4.2 A prosódia e a sua natureza universal ... 101
3.4.3 Prosódia no discurso e na conversação ... 102
3.4.4 Prosódia e Linguística Interaccional ... 105
3.4.5 Unidades, formas e funções prosódicas ... 107
3.4.6 Sistema de transcrição ... 115

4. A LÍNGUA FALADA ... 116
4.1 Sintaxe da língua falada ... 117
4.1.1 Redução frásica ... 118
4.1.1.1 Elipse ... 119
4.1.1.2 Frase incompletas e não-gramaticais ... 121
4.1.2 Parênteses ... 122
4.1.3 Paráfrases ... 123
4.1.4 Expressões preparatórias e anúncios ... 124
4.2 Partículas e sinais do discurso/conversação ... 127
4.2.1 Partículas, marcadores e sinais do discurso e da conversação ... 127
4.2.2 Sinais conversacionais ... 131
4.2.2.1 Sinais interactivos ... 133
4.2.2.2 Sinais topográficos ... 133
4.2.2.3 Sinais modais ... 133
4.2.2.4 Sinais de alternância de vez ... 134

PARTE II - BASES TEÓRICAS E ANÁLISE DO *CORPUS* ... 135

1. BASES TEÓRICAS, METODOLOGIA E CATEGORIAS DE ANÁLISE ... 136
1.1 Unidades e categorias de análise dos sinais verbais ... 138
1.2 Unidades e categorias de análise dos fenómenos prosódicos ... 139.
1.3 Unidades e categorias de análise da comunicação não-verbal ... 141

2. ALTERNÂNCIA DE VEZ ... 145
2.1 O mecanismo de alternância de vez ... 146
2.2 Alternância de vez: uma função conversacional ... 149
2.3 Os papéis de falante e de ouvinte ... 152
2.4 Estado sócio-cognitivo, condicionamentos externos e estruturas de expectativas ... 155

2.5 Funções de alternância de vez 157
2.6 Sinais verbais na função de alternância de vez 159
2.7 Características da manutenção de vez 163
2.8 Reparação e (des)focalização na manutenção de vez 165

3. AUTO-REPARAÇÃO E ALTER-REPARAÇÃO 166
3.1 Organização da reparação 166
3.2 Outros aspectos da investigação da reparação 171
3.2.1 Reparação e sintaxe 172
3.2.2 Reparação e comunicação não-verbal 173
3.2.3 Reparação e prosódia 174
3.3 Observações 177

4. REPARAÇÃO NA MANUTENÇÃO DE VEZ: análise do *corpus* 179
4.1 Auto-reparação 180
4.1.1 Exemplo (1): AUTO-INICIAÇÃO > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRA)..... 180
4.1.2 Exemplo (2): AUTO-INICIAÇÃO > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRA)..... 185
4.1.3 Exemplo (3): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (INSERÇÃO DE FRASE) 193
4.1.4 Exemplo (4): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE)..... 195
4.1.5 Exemplo (5): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE)..... 204
4.1.6 Exemplo (6): FALSOS ARRANQUES: AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO--REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE)..... 207
4.1.7 Exemplo (7): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE) 210
4.1.8 Exemplo (8): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE) 213
4.1.9 Exemplo (9): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (ANÚNCIOS)..... 217
4.1.10 Exemplo (10): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE + + RETOMA) 223
4.1.11 Exemplo (11): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO 225
4.1.12 Exemplo (12): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE - - COM SUBSTITUIÇÃO DE FRASE + RETOMA) 233
4.1.13 Exemplo (13): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE + + RETOMA) 243
4.1.14 Exemplo (14): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (PARÁFRASE).... 249
4.1.15 Exemplo (15): AUTO-INICIAÇÃO (PROCURA LEXICAL) > AUTO-REPARAÇÃO 252
4.1.16 Exemplo (16): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (REPETIÇÃO) 259
4.1.17 Exemplo (17): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO 266
4.1.18 Exemplo (18): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO 270
4.1.19 Exemplo (19): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (ACTO DE ARGUMENTAR) 278
4.1.20 Exemplo (20): AUTO-INICIAÇÃO > (INTERROGAÇÃO) 280
4.2 Alter-reparação 285
4.2.1 Exemplo (21): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > AUTO--REPARAÇÃO > ACEITAÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO 285
4.2.2 Exemplo (22): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > AUTO--REPARAÇÃO > ACEITAÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO 292
4.2.3 Exemplo (23): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > AUTO--REPARAÇÃO > ACEITAÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO E AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > REJEIÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO 299

4.2.4 Exemplo (24): ALTER-REPARAÇÃO > REJEIÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO 309
4.2.5 Exemplo (25): ALTER-REPARAÇÃO (IRONIA) > RETOMA DA VEZ (IRONIA) 314
4.2.6 Exemplo (26): ALTER-REPARAÇÃO (IRONIA) > RETOMA DA VEZ COM REPETIÇÃO 317
4.3 Retrospectiva e sistematização 322
4.3.1 Reparação 322
4.3.1.1 Origens da auto-reparação 322
4.3.1.2 Origens da alter-reparação 322
4.3.1.3 Características formais da auto-reparação 323
4.3.1.3.1 Sinais com características de fecho 323
4.3.1.3.2 Sinais com características de abertura 324
4.3.1.4 Características formais da alter-reparação 324
4.3.2 Manutenção da vez 326
4.3.2.1 Sinais de retoma 326
4.3.2.2 Sinais de pedido de retorno e sinais de reforço informativo 327
4.3.3 Estratégias básicas 327
4.3.3.1 Focalização e desfocalização 327
4.3.3.2 Actos metacomunicativos 328
4.3.3.3. Elementos coesivos 328
4.3.4 Relação entre a comunicação não-verbal e a comunicação verbal 328
4.3.5 Relação entre a comunicação não-verbal e a cognição 329

5. (DES)FOCALIZAÇÃO 330
5.1 Foco, focalização, desfocalização 330
5.2 Meios de (des)focalização 340
5.2.1 (Des)Focalização sintáctica e semântico-lexical 343
5.2.2 (Des)Focalização linguístico-pragmática 345
5.2.2.1 Molduras 346
5.2.2.2 Actos metacomunicativos e anúncios 348
5.2.2.3 Sinais de fecho e apartes 350
5.2.2.4 Sequências lógico-argumentativas 352
5.2.2.5 Sequências repetidas 353
5.2.3 (Des)Focalização prosódica 354
5.2.4 (Des)Focalização não-verbal 359

6. (DES)FOCALIZAÇÃO NA MANUTENÇÃO DE VEZ: análise do *corpus* 369
6.1 Exemplo (27): SEQUÊNCIA LÓGICO-ARGUMENTATIVA: REJEIÇÃO - -RECTIFICAÇÃO 370
6.2 Exemplo (28): SEQUÊNCIA LÓGICO-ARGUMENTATIVA: REJEIÇÃO - -RECTIFICAÇÃO 381
6.3 Exemplo (29): SEQUÊNCIAS DE FRASES COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E PROSÓDICAS IDÊNTICAS 393
6.4 Exemplo (30): SEQUÊNCIAS DE FRASES COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E PROSÓDICAS IDÊNTICAS (INTERROGAÇÕES) 409
6.5 Exemplo (31): SEQUÊNCIAS DE FRASES COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E PROSÓDICAS IDÊNTICAS 427
6.6 Exemplo (32): SEQUÊNCIAS LÓGICO-ARGUMENTATIVAS: CONDICIONAL/CAUSAL 432
6.7 Exemplo (33): SEQUÊNCIAS DE FRASES COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS IDÊNTICAS (INTERROGAÇÕES) 445
6.8 Exemplo (34): SEQUÊNCIAS LÓGICO-ARGUMENTATIVAS 466
6.9 Exemplo (35): APENSO/APARTE - PEDIDO DE RETORNO/REFORÇO INFORMATIVO 483
6.10 Exemplo (36): SEQUÊNCIAS DE ACTOS COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E

PROSÓDICAS IDÊNTICAS: CONTAGENS 490
6.11 Exemplo (37): CONTEXTUALIZAÇÃO DE SEQUÊNCIAS NARRATIVAS E SUA ESTRUTURAÇÃO 511

7. CONCLUSÃO 533
7.1 Estratégias de focalização 533
7.1.1 Meios linguístico-pragmáticos 533
7.1.2 Meios prosódicos 534
7.1.3 Meios não-verbais 536
7.1.3.1 Tronco / cabeça / olhar 536
7.1.3.2 Mímica 538
7.1.3.3 Gestos 538
7.2 Manutenção da vez e actividades de focalização 540
7.2.1 Pedido de retorno ..... 541.
7.2.2 Actividades de retorno (realimentação) 543
7.2.3 Reforço informativo 543
7.2.4 Retoma da vez / retoma do tema 544
7.3 Relação entre a comunicação verbal e a comunicação não-verbal 545
7.3.1 Movimentos do corpo e estruturação do discurso 546
7.3.2 Significado do movimento *vs.* significado dos elementos verbais 547
7.3.3 Coordenação entre os movimentos do corpo e a fala 549
7.4 Relação entre as diferentes modalidades não-verbais 551
7.4.1 Relação entre o significado das modalidades não-verbais 551
7.4.2 Coordenação entre as modalidades não-verbais 552
7.5 O ritmo no corpo 552

BIBLIOGRAFIA 555

ANEXO - TRATAMENTO DO *CORPUS* - INDICAÇÕES TÉCNICAS - - TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA DO *CORPUS* 580

1. RECOLHA E DESCRIÇÃO DO *CORPUS* 582
1.1 Características do *corpus* 582
1.2 Realização das gravações 583

2. TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA E NOTAÇÃO DO *CORPUS* 584
2.1 Transcrição prosódica da fala 584
2.1.1 Sistema de transcrição da fala 586
2.1.2 Sinais de transcrição prosódica 588
2.2 Notação da comunicação não-verbal 591
2.2.1 Variáveis da notação 593
2.2.2 Descrição da trajectória de um gesto 595
2.2.3 Especificação para um interactante 595

3. INDICAÇÕES TÉCNICAS 598
3.1 Características dos ficheiros áudio e vídeo 598
3.2 Ficheiros transcritos e notados 599

4. BIBLIOGRAFIA 559

5. TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA DO *CORPUS* 600

Prefácio

Em muitos países da Europa e nos Estados Unidos, a investigação da interacção face a face que integre a abordagem das dimensões verbal e não-verbal tem vindo, cada vez mais, a mostrar-se como indispensável para o estudo e para a compreensão da complexidade dos parâmetros que estão envolvidos numa situação de comunicação daquela natureza. Os resultados obtidos neste tipo de investigação têm sido aplicados em vários sectores, por exemplo na formação de profissionais nas áreas da saúde, do ensino, da comunicação social e da gestão, no campo forense (análise conversacional forense) e na informática (relação pessoa-computador e animação de figuras virtuais). O presente trabalho insere-se na grande área da investigação da interacção face a face e tem por objectivo o estudo de algumas formas e funções dos sinais verbais (linguísticos, não-linguísticos e prosódicos) e não-verbais (movimentos do tronco, da cabeça, dos braços e mãos, orientação do olhar e expressões faciais).

O meu interesse pela análise da interacção face a face foi despertado, em parte, pela minha própria vivência em duas culturas distintas - portuguesa e alemã -, que me fez olhar com certa curiosidade para as diferentes posturas e atitudes dos indivíduos em situações de interacção. Quem lida com mais do que um sistema linguístico e com parceiros de interacção de outras culturas torna-se mais atento a certos aspectos da comunicação. Esses aspectos não são só os que se relacionam com questões morfo-sintácticas e semânticas da língua; são ainda os que estão ligados a questões de ordem pragmática e que parecem ser responsáveis por essa variedade de modos de comunicar na interacção face a face (variedade que, aliás, também se encontra a nível intracultural). A entoação, os gestos, a distância mantida entre os interactantes, que parecem óbvios quando a interacção decorre entre falantes nativos, podem, por vezes, ser sentidos como estranhos ou desconfortáveis por parte dos parceiros em interacções interculturais. Isso demonstra que há modos de comunicar que são mais típicos de uma cultura do que de outra. E quais são esses modos de comunicar típicos do português? Qual é a relação entre os movimentos do corpo e a fala que acompanham? Quais são as funções desses movimentos? Será que são idênticas às funções pragmáticas desempenhadas pelos elementos verbais?

Apenas o estudo da maior quantidade possível de parâmetros que confluem na interacção face a face, de preferência numa análise contrastiva de interacções de dois ou mais sistemas de língua, pode fornecer resultados que permitam responder a estas perguntas. Para o caso de algumas línguas europeias, a investigação já se encontra numa fase adiantada. O mesmo não se pode dizer no que toca ao português.

Neste sentido, foi minha primeira intenção desenvolver um trabalho contrastivo de análise dos sinais verbais e não-verbais de interacção do português e do alemão, tendo mesmo chegado a recolher um corpus considerável em ambas as línguas. No entanto, o trabalho de contrastação apresentou-se como demasiado ambiciosa para um trabalho deste teor. As primeiras dificuldades apresentaram-se quando fui confrontada com as tarefas de transcrição prosódica e de notação dos movimentos. A decisão sobre os programas a utilizar e o trabalho de

transcrição/notação exigiram um tempo considerável, sem falar na própria análise dos dados recolhidos. Além disso, ao contrário do que acontece em muitos trabalhos desta área, em que há uma redução das variáveis a analisar, dei preferência a uma análise o mais completa possível da interacção, ou seja, uma análise que abrangesse uma grande variedade de sinais - com efeito, uma delimitação de variáveis acaba sempre por anular alguns aspectos que podem ter importância para a interpretação dos dados.

Por estas duas razões, tive necessidade de delimitar o tema previsto, adiando o trabalho de constrastação para outra altura. Sendo assim, o presente estudo incide apenas sobre dados da língua portuguesa e pretende ser um dos primeiros contributos para a análise do português falado ("falado" através do canal verbal e dos vários canais não-verbais).

Uma circunstância decisiva para a escolha deste tema e para a consideração da comunicação não-verbal foi o encontro com o Professor Adam Kendon (Universidade de Pennsylvania), que, no Congresso GESTURES, decorrido na Universidade de Fernando Pessoa, em 2000, no Porto, reforçou a minha decisão de estudar os movimentos do corpo na interacção face a face. Neste Congresso travei também conhecimento com outras figuras, o que se revelou valioso para a continuação do meu trabalho. Quero destacar Massimo Serenari (Universidade Técnica de Berlim), que, além de se interessar pelos gestos dos portugueses, de me ceder material bibliográfico importante e de me apoiar na recolha do corpus em alemão, foi um interlocutor sempre disponível para trocas de impressão profícuas. Mais tarde, no Congresso ORAGE 2001, realizado em Aix-en--Provence, pude contactar ainda com o Doutor Michael Kipp (DFKI - Instituto de Investigação Alemão de Inteligência Artificial de Saarbrücken), autor do programa ANVIL, a quem agradeço o apoio dado na programação usada neste trabalho, e com o Doutor Jürgen Trouvain (Universidade de Saarbrücken), que me forneceu indicações muito úteis para a análise da prosódia.

Uma palavra de agradecimento também aos docentes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Professora Maria da Graça Pinto, Professor António Franco, Professor José Manuel Azevedo, Professor Luís Grosso Correia e Dr. João Veloso -, pelo interesse que mostraram pelo meu projecto de doutoramento, apoiando-me, junto do Conselho Directivo desta Faculdade, no pedido de material técnico, indispensável para a elaboração deste trabalho. Agradeço ao Professor Rui Centeno, na altura Presidente do Conselho Directivo, ter acreditado no referido projecto, acedendo a este pedido.

Não posso deixar de expressar também o meu reconhecimento ao Centro de Linguística da Universidade do Porto, por me ter facilitado o acesso a material bibliográfico que, de outro modo, teria sido difícil de consultar. Agradeço igualmente aos (nessa altura ainda) estudantes da Faculdade de Letras e da Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto que, amavelmente, se ofereceram para "conversar" à frente de uma câmara.

Estou também muito grata ao Professor Jürgen Schmidt-Radefeldt, meu professor de 1976 a 1981 na Universidade de Kiel, não só pelo seu apoio e reforço positivo desde o momento em que, em 1991, ainda na Alemanha, mostrei

o meu interesse em seguir a carreira académica, mas também pela co-orientação deste estudo.

Um agradecimento especial ao Professor António Franco pela orientação desta tese, pelas sugestões e reparos críticos feitos, assim como pela leitura rigorosa e incansável da mesma. A ele devo ainda o meu reencontro com a Linguística e a re-descoberta da vertente fascinante do uso da língua na interacção.

Por último, e com o maior carinho, agradeço à família e aos amigos que, suportando a minha ausência, me proporcionaram um ambiente de paz para poder trabalhar com eficiência.

Porto, 23 de Dezembro de 2003 *Isabel Galhano Rodrigues*

INTRODUÇÃO

Quando dois ou mais indivíduos se encontram face a face e comunicam entre si, não só falam e ouvem, mas também movimentam o corpo, gesticulando, acenando, abanando ou inclinando a cabeça, movendo o tronco, sorrindo, erguendo as sobrancelhas ou olhando em várias direcções.

É indiscutível que as informações dadas tanto por parte do falante como por parte do ouvinte são transmitidas através de dois canais, o verbal e o não-verbal. Simultaneamente, são recebidas outras, provenientes do contexto envolvente, através dos canais auditivo e visual. Quer dizer, à medida que um interactante (falante) fala, pode observar e ouvir as reacções do parceiro de interacção e, de acordo com os seus próprios interesses comunicativos, vai moldando e adaptando o que diz/faz à situação interaccional. Por sua vez, ao mesmo tempo que ouve e observa a vez do falante, o ouvinte pode influenciar o desenvolvimento desta, emitindo comentários positivos ou negativos, orientando o olhar para o parceiro ou para fora do espaço interaccional, sorrindo ou franzindo o sobrolho, inclinando-se para trás ou para a frente, ou fazendo gestos com significados mais ou menos convencionalizados.

Esses comentários, assim com outros tipos de verbalizações, acompanhados por entoações mais ou menos marcadas, as pausas na fala e os movimentos de partes do corpo, como os que acabei de referir, desempenham funções importantes na organização do discurso e nas relacionamento entre os interactantes: são um apoio útil na codificação e descodificação do que está a ser dito/feito, do que vai ser dito/feito e transmitem informações sobre as emoções do falante e do(s) ouvinte(s), influenciando a progressão da interacção. Por todos estes motivos, são entendidos como sinais. A identificação e análise desses sinais (dos verbais, incluindo os prosódicos, como a altura de tom, a intensidade da voz, a velocidade da fala e a qualidade da voz, e dos não-verbais) são indispensáveis para entender o desenvolvimento da interacção face a face, a sucessão das ideias e os tipos de relações que se estabelecem entre os parceiros da interacção.

Os sinais da interacção são de natureza heterogénea. Essa heterogeneidade manifesta-se não só em questões formais, mas também no que diz respeito à função e ao significado do que se comunica: em primeiro lugar, porque os meios envolvidos são fisicamente diferentes - de um lado, sons, do outro, movimentos de partes do corpo, também estes de trajectória e amplitude bem distinta; em segundo lugar, porque a comunicação de uma informação se relaciona com vários planos interaccionais - o temático ou interactivo (da expressão e encadeamento lógico-argumentativo de ideias de acordo com as intenções do interactante), o estrutural ou topográfico (da organização interna das ideias), o emocional ou modal (da expressão de emoções e de atitudes relativamente ao conteúdo dos enunciados, relativamente ao parceiro e às suas expectativas) e, ainda, o social, ou seja, o plano das relações entre os interactantes, no que diz respeito aos seus interesses e ao seu papel interaccional (de falante ou de ouvinte) na alternância de vez; por último, como ocorrem em simultâneo, os sinais de diferentes modalidades podem relacionar-se entre si de modos distintos. Com efeito, os sinais não-verbais fornecem informações importantes para a interpretação do que, em dado momento, está a ser verbalizado, complementando,

reforçando ou contradizendo o conteúdo dos enunciados ou até substituindo elementos verbais.

Sendo assim, a análise global e abrangente de uma interacção face a face - entendida esta como o acto de pôr em prática todos os meios de que o ser humano dispõe para comunicar, e que se estendem deste o próprio ser e saber ao ser e saber do(s) outro(s) - lida com aspectos que pertencem ao domínio de várias áreas disciplinares, a saber, da Etologia, da Antropologia da Linguagem e da Etnografia da Comunicação, da Sociologia, da Psicologia, da Neurologia, da Fonética, da Fonologia e da Linguística.

Por conseguinte, pode-se partir do princípio de que uma análise da interacção face a face que se debruce apenas sobre a comunicação verbal é incompleta - conduzindo eventualmente a interpretações erradas -, pois não tem em linha de conta os inúmeros gestos, trocas de olhares, sorrisos, posturas, gestos e posições da cabeça efectuados, consciente ou inconscientemente, pelos parceiros da interacção, actividades que não só influenciam a construção dos enunciados, mas também reforçam a organização do discurso. Inversamente, um estudo da interacção que se concentre apenas sobre a comunicação não-verbal e que, embora considerando a sua relação com os enunciados, não proceda a uma análise linguístico-pragmática dos mesmos, também não consegue descrever com precisão as funções que as várias formas de comunicação não-verbal podem desempenhar.

Foram estes os motivos que me levaram a proceder a uma análise da interacção face a face de que resultasse uma descrição, o mais completa possível, de todos os meios que, em simultâneo, ou sucessivamente, se inter-condicionam e participam na transmissão de informações.

Para isso, tomo como ponto de partida o sistema de alternância de vez, ou seja, o modo como se inicia, se detém e se cede o direito à palavra e como os enunciados se sucedem passando de um interactante para o outro, conforme as respectivas intenções comunicativas e motivações. Este sistema permite classificar certos tipos de enunciados conforme a sua função de tomar, manter, ceder, reclamar a vez ou de emitir sinais de retorno e serve de base para a determinação de co-funções noutros planos da interacção.

Foi também esta a perspectiva já seguida no trabalho precedente (Rodrigues, 1998), em que desenvolvi uma classificação funcional dos sinais conversacionais, que serviu de modelo teórico para descrever a polifuncionalidade e polissemia dos mesmos. Aí, foram considerados quatro grandes grupos funcionais, correspondentes a quatro planos da interacção atrás referidos - os sinais conversacionais interactivos, topográficos, modais e de alternância de vez. Como se mostrou válida para a descrição funcional dos sinais verbais da interacção, esta mesma classificação servirá de base de análise no presente trabalho e será aplicada, também, à descrição dos sinais conversacionais não-verbais.

Atendendo a que uma abordagem de todas as funções de alternância de vez dos sinais verbais e não-verbais e das respectivas co-funções interactivas, topográficas e modais

seria demasiado vasta, o tema a investigar - os sinais verbais e não-verbais de alternância de vez na interacção face a face - teve de sofrer uma delimitação.

Como se trata de um primeiro estudo nesta área sobre o português falado, não procurei analisar os casos mais marcantes, que parecem geralmente mais atractivos para uma análise da interacção, como as situações em que um ouvinte pretende reclamar para si o papel de falante ou em que um falante toma a vez, impondo-se ao outro. Optei pelos aspectos que, embora relativamente pouco proeminentes, não deixam de ser importantes. Esses detectam-se nas situações de manutenção de vez e apoiam um falante na condução da sua vez de forma a transmitir a informação que deseja, a ser ouvido pelo parceiro e a obter a sua aprovação. Servindo-me da classificação dos sinais conversacionais atrás referida para a descrição das funções e polifunções dos sinais verbais, pretendo demonstrar que, na interacção, os movimentos das diferentes partes do corpo e os sinais da fala podem desempenhar as mesmas funções.

O recurso a uma tecnologia desenvolvida para este fim tornou possível não só a transcrição auditiva e acústica da fala, mas também a análise pormenorizada das formas dos movimentos das várias partes do corpo, assim como da sincronização destes movimentos com a fala e também entre si. Com base nesses dados, além de explorar as formas e estratégias conversacionais de manutenção de vez, tratarei - embora de um modo menos aprofundado e menos sistematizado - a) a relação e a coordenação entre as várias formas de movimentos de diferentes partes do corpo em simultâneo, b) a relação entre estes e os elementos verbais (sob os pontos de vista formal, semântico e polifuncional) e c) a sua respectiva coordenação. Outro aspecto que não poderá deixar de ser focado é a sincronização entre os sinais emitidos por um interactante e os sinais emitidos, ao mesmo tempo, pelo parceiro.

Partindo sempre do princípio de que é preciso conhecer primeiro o mais simples e comum, antes de passar ao estudo dos casos mais específicos, não quis analisar interacções de contextos situacionais de debate político, entrevistas ou situações de sala de aula, também mais comuns em análises de conversação. O *corpus* recolhido, que serviu de base para esta análise, é constituído por gravações vídeo de interacções face a face, em situação quase natural e espontânea, de três conversações informais entre, respectivamente, três interactantes.

Uma desvantagem de qualquer investigação abrangente é que não permite aprofundar certos aspectos que teriam merecido um tratamento mais minucioso. No entanto, esta proposta de aplicação de um instrumental teórico e técnico-metodológico mostra como é possível registar e analisar a **fala** (entendida como o que é produzido pelos movimentos dos órgãos do aparelho fonador) e os **movimentos do corpo** efectuados, em simultâneo, por um ou mais interactantes. Além disso, este instrumental salienta a importância de cada sinal no conjunto holístico de todos os sinais, criando um ponto de partida indispensável e, espero eu, válido para análises posteriores.

Este trabalho divide-se em duas partes principais: na primeira parte, são descritas as bases teóricas sobre que assentaram os estudos da interacção face a face, da comunicação não--verbal, da prosódia e da língua falada, delas retirando aquelas orientações que, por sua vez, constituem os fundamentos do presente estudo. São conhecimentos de disciplinas como a Análise Conversacional Etnometodológica, a Análise do Discurso e a Teoria da Contextualização. A segunda parte dedica-se à análise prática de exemplos retirados do *corpus*. Esta análise é ainda precedida por um resumo das principais categorias de análise utilizadas, que foram descritas com mais pormenor na primeira parte.

No primeiro capítulo da primeira parte, passo em revista a investigação da interacção realizada no âmbito de várias áreas disciplinares. Como este tema foi, até agora, pouco tratado em Portugal, achei importante descrever as principais investigações sobre a interacção face a face, passando em revista as obras que me pareceram mais representativas para cada uma das áreas. Estes preliminares permitem também situar a perspectiva aqui seguida no panorama interdisciplinar da investigação da interacção face a face.

No segundo capítulo, descrevo não só o que se entende por comunicação não-verbal, mas também os principais estudos realizados sobre os movimentos das diferentes partes do corpo. Dou mais atenção a algumas tipologias desenvolvidas para descrever as características funcionais e formais dos gestos. Embora alguns dos aspectos descritos neste capítulo não façam parte das bases teóricas de análise, muitas informações dadas facilitam a compreensão de certos pormenores formais, semânticos e funcionais dos movimentos analisados.

No terceiro capítulo, encontram-se algumas indicações sobre a investigação da prosódia em situações de interacção face a face. Depois de me deter sobre questões definitórias e classificativas dos fenómenos prosódicos, refiro o papel das unidades prosódicas na investigação da interacção, assim como as principais funções que podem desempenhar. Com mais algum pormenor serão descritas as categorias e funções prosódicas estudadas no âmbito da teoria da Linguística Interacional, a orientação teórica seguida na presente análise da prosódia.

O quarto capítulo é dedicado à língua falada. Vi-me, aqui, confrontada com uma questão: ou procedia à descrição de inúmeros trabalhos dedicados aos fenómenos típicos da língua falada, como as partículas modais e os vários sinais, marcadores e partículas da conversação (alguns dos quais já explorei com certo pormenor em Rodrigues 1998), ou me limitava a referir, mais superficialmente, as principais características do uso da língua em situações de interacção face a face. Atendendo aos propósitos de análise, em que se considera apenas um número limitado de aspectos formais da língua falada, optei por passar em revista apenas as características mais marcantes, isto é, as que têm sido apontadas como as mais distintivas (relativamente à língua escrita) e que se relacionam sobretudo com questões de completude/incompletude frásica ou com os sinais conversacionais, os elementos linguísticos que assumem funções de natureza pragmática.

A segunda parte do trabalho contém uma síntese das bases teóricas seguidas, assim como a sua aplicação na análise prática das estratégias de reparação e de focalização no desempenho da função de manutenção de vez.

Os três primeiros capítulos incidem sobre questões teóricas: no capítulo 1 são apresentadas as bases gerais, as principais categorias e a metodologia seguidas; depois de passar em revista os conceitos mais importantes para cada uma das modalidades a analisar, ocupo-me, no capítulo 2, da categoria alternância de vez e de todas as subcategorias e conceitos com ela relacionados, nomeadamente a função e os sinais de manutenção de vez, assim como os papéis de falante e de ouvinte; o capítulo 3 é dedicado à actividade de reparação, um fenómeno muito comum na produção verbal.

O capítulo 4 consiste na aplicação prática dos conceitos tratados na parte teórica. Com base na análise de 26 exemplos, são descritas diferentes actividades de reparação efectuadas por meios verbais e não-verbais. Nesta análise, são ainda salientadas outras estratégias típicas da função de manutenção de vez, nomeadamente as estratégias de focalização.

No seguimento dos resultados obtidos nesta análise, apresentam-se, no capítulo 5, os conceitos teóricos relacionados com o conceito de foco e definem-se vários meios verbais e não-verbais de focalização (e também de desfocalização) que, no capítulo 6, serão analisados com base em 11 exemplos. Como sinais conversacionais, esses meios de focalização deverão poder assumir, simultaneamente, outras funções interaccionais. O capítulo 7 destina-se à notação de observações e de conclusões tiradas a partir da análise dos 37 exemplos.

Em anexo encontram-se algumas indicações técnicas relativas ao levantamento do *corpus* e ao instrumental informático utilizado, assim como a transcrição prosódica daquele material.

PARTE I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1. A INVESTIGAÇÃO DA INTERACÇÃO

Desde o princípio do século XX que a interacção humana tem sido estudada com muito interesse por inúmeros investigadores das diferentes áreas disciplinares que acompanharei ao longo deste capítulo. A importância da análise da interacção (face a face) aumentou sobretudo a partir de meados dos anos 50, no âmbito da Psicanálise e da Sociologia norte-americanas, assim como de outras áreas vizinhas. Foi objecto de investigação da Psiquiatria, da Psicologia, da Sociologia, da Linguística, da Antropologia e da Etologia, recentemente também da Engenharia Informática.

Atendendo a que este trabalho tem por objectivo uma análise multimodal da conversação fundamentada em conceitos e princípios teóricos provenientes de várias áreas disciplinares, torna-se necessário descrever as principais linhas de investigação da interacção. A extensão dos estudos realizados dentro de cada uma das disciplinas acima mencionadas não permite fazer uma descrição exaustiva da pesquisa sobre a interacção. Por isso, o que importa aqui é, acima de tudo, traçar uma panorâmica geral da investigação, nomeadamente no que diz respeito aos diferentes objectivos, conceitos, categorias e metodologias de análise. Embora procurando manter um certo equilíbrio relativamente à informação a dar sobre cada uma das áreas disciplinares acima mencionadas, não pude deixar de fornecer mais pormenores sobre certas características e procedimentos das áreas mais relevantes para o presente trabalho, a saber, a Análise Conversacional Etnometodológica, a Análise do Discurso e a Teoria da Contextualização[1].

O conceito de **interacção** nem sempre é o mesmo para cada uma destas áreas, aliás algumas delas não o empregam, como é o caso da Análise do Discurso. No presente trabalho, este termo é utilizado no sentido lato, independente de qualquer orientação teórica específica, para designar a situação em que dois (ou mais) indivíduos interagem usando a fala e/ou os movimentos do corpo para comunicarem um(uns) com o(s) outro(s), podendo, ou não, encontrar-se numa situação face a face. Com a expressão interacção verbal pretendo referir apenas os enunciados verbais da interacção, ou seja, o que é veiculado pelo canal verbal. É assim sinónimo de conversação, termo utilizado pela teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, e de discurso (no sentido restrito) ou diálogo, designações usadas pelas investigações que se baseiam na teoria da Análise do Discurso.

Os aspectos focados nesta breve introdução serão explorados mais de perto nos parágrafos que se seguem, onde se procura explicar o que esteve por trás e durante as diferentes investigações da interacção.

[1] Alguns pormenores destas áreas, que ficam por referir neste capítulo, serão abordados nos capítulos 2, 3 e 4, referentes respectivamente à comunicação não-verbal, à prosódia e à língua falada.

1.1 Orientação psicológica

Com o intuito de estudar o funcionamento da mente humana e o modo como o ser humano expressa (ou não) determinadas atitudes numa situação de contacto social, como pode (ou não) ser influenciado e influenciar o(s) outro(s), recorreu-se à mais evidente manifestação comunicativa entre indivíduos, a saber, a interacção face a face. Esta grande área do estudo da mente humana foi, dentro da ciência moderna, uma das primeiras em que se manifestou o interesse pela interacção. Destacam-se aqui os trabalhos realizados no âmbito da Psiquiatria interpessoal (que, em colaboração com outras disciplinas, deu origem à Análise de Contexto), da Psicologia e da Psicolinguística.

1.1.1 Psiquiatria interpessoal

A Psiquiatria Interpessoal começou a constituir-se e a desenvolver-se a partir de 1920. Na sua fase inicial analisou interacções entre indivíduos com deficiências ou disfunções a nível de relacionamento interpessoal com vista à obtenção de informações e resultados que pudessem ser aplicados na Psicopatologia. Ao contrário da Psiquiatria, orientada para o organismo, ou da Psicanálise, que considera o distúrbio psíquico uma condição do indivíduo, a Psiquiatria Interpessoal entende esses distúrbios em termos de padrões ou marcas de relações interpessoais. A terapia consiste assim num processo de interacção entre paciente e terapeuta em que este procura causar alterações no modo como esses indivíduos com distúrbios geram as suas interacções com os outros, pois a personalidade de um indivíduo era vista como sendo o produto do modo como ele interage como as outras pessoas e vice-versa. Neste campo trabalhou, entre outros, Sapir (1949, 1994) que inaugurou a pesquisa linguística do pensamento. Os métodos usados na observação da interacção doente-terapeuta socorreram-se dos ensinamentos da Teoria da Informação e da Cibernética, que permitiram evidenciar o modo como o comportamento podia funcionar como comunicação. Além disso, a possibilidade de realizar gravações através de filmes, levou à introdução do método de observação da História Natural, segundo o qual as descrições pormenorizadas de tudo o que podia ser observado não se apoiavam em categorias pré-estabelecidas. Na análise e transcrição das gravações aplicaram-se as técnicas de transcrição da Linguística Descritiva, assim como princípios da Linguística Estruturalista, o que implicou a formação de unidades estruturais dentro das modalidades comunicativas e o reconhecimento de que estas unidades participam a vários níveis de organização. Durante as décadas que se seguiram, foram realizados inúmeros trabalhos experimentais quantitativos sobre a interacção. Para melhor entendimento do modo como estas orientações teóricas influenciaram a análise da interacção desenvolvida no âmbito da psiquiatria, passo a apresentar as suas principais características:

- A Teoria da Informação desenvolveu-se com a finalidade de medir a quantidade de informação que pode ser transmitida através de um canal. Nesta perspectiva, a informação é vista como uma medida de relação entre um dado sinal e o número possível de sinais diferentes que teriam podido ser emitidos: é mais fácil predizer qual é o estado de um dispositivo que emite sinais num determinado momento, se só precisarem de ser considerados dois estados em que ele se possa encontrar, do que se tiverem que ser considerados 10 estados possíveis. Ou seja, quanto mais

predizível for o estado do dispositivo, menos informação é precisa. Nesta área são importantes as noções de ruído, de polifuncionalidade comunicativa da mensagem inserida num contexto e de metacomunicação[2] (cf. Kendon, 1990: 25 segs.).

- A Cibernética[3] é uma teoria geral de sistemas de auto-regulação que se formou como consequência dos problemas levantados pela teoria da informação relativamente ao modo como o fluxo de informação dentro dos sistemas controla as suas operações. A aplicação da cibernética ao estudo da interacção humana deve-se Bateson (1985) (cf. Kendon, 1990: 27). Nesta perspectiva, existe, como na condução de um automóvel, uma relação entre a informação que o condutor recebe e o modo como as suas acções são guiadas por essa recepção. As acções do condutor podem controlar os tipos de informação que ele recebe. Do mesmo modo, na interacção os participantes podem ser vistos como conduzindo na direcção um do outro.

- A perspectiva da História Natural, que consiste num método que observa, em campo e pormenorizadamente, todas as ocorrências para as descrever posteriormente, já tinha sido utilizada em estudos etnográficos da interacção por sociólogos, linguistas e antropólogos. Birdwhistell (1970) e outros investigadores da Escola de Palo Alto[4] costumavam utilizar esta metodologia, recorrendo também a gravações áudio-visuais. O uso do filme era um método que oferecia o único modo de captar eventos específicos de comportamento, de os colocar em frente do observador, de um modo mais natural do que se um naturalista tivesse capturado um espécimen para observação.

- A Linguística Estruturalista forneceu a outras disciplinas não só instrumentos capazes de descrever a estrutura da língua e um quadro estrutural sobre o modo como os elementos da língua se encontram organizados a vários níveis, mas também métodos de transcrição da fala (cf. Kendon, 1990: 33). Além disso, os princípios estruturalistas da linguística serviram de modelo para a descrição e classificação de ocasiões sociais (cf. Pike, 1967b)[5] e dos movimentos do corpo (cf. Birdwhistell, 1970: 82 segs., e Kendon, 1972)[6]. Birdwhistell (1970) analisou e descreveu os movimentos do corpo sugerindo a noção de cinética[7], e distinguiu várias categorias estruturais do movimento e de sequências de movimentos[8].

---

[2] Este conceito será tratado mais adiante, no capítulo 4.1.4 da parte I.

[3] **A cibernética**, "do grego *kubernetike*, arte de pilotar, arte de governar", é "a ciência que tem por objecto o estudo comparativo dos sistema e mecanismos de controlo automático, regulação e comunicação nos seres vivos e nas máquinas" (Houaiss, 2003).

[4] Cf. capítulo 1.1.2.

[5] Pike (1967b) mostra que as ocasiões sociais se estruturam em termos da sua organização sequencial, como uma sucessão de *slots*, e em termos de unidades de comportamento (*fillers*) que servem para preencher os *slots*.

[6] Veja-se a divisão das unidades do gesto, ou das unidades de movimento (cf. parte I, 2.6.3.3, nota 42).

[7] **Cinética** é "o ramo da física que trata da acção das forças nas mudanças de movimento dos corpos" (Houaiss, 2003). Aplicada aos movimentos do corpo, estuda os gestos e as posições do corpo e explica os significados transmitidos pelo comportamento não-verbal. Os **princípios fundamentais da cinética**, formulados por Birdwhistell (1970: 183-184), são os seguintes:

1.1.2 Análise de Contexto

Embora a comunicação não-verbal já tivesse sido alvo de estudos no âmbito de várias áreas, a Escola de Palo Alto (*Center for Advanced Study in Behavioral Sciences, California*) representa o primeiro exemplo de uma abordagem pluridisciplinar e integrada da interacção. Nesta Escola desenvolveu-se um trabalho de colaboração entre investigadores de diferentes áreas[9] (Psiquiatria, Antropologia, Linguística e Cibernética) que deu origem à chamada *Context Analysis* (Análise de Contexto).

Esta designação deve-se à importância dada ao estudo do comportamento de indivíduos em interacção nos contextos em que ocorre, estudo esse que evidencia a importância de uma perspectiva integrada do estudo da interacção, i.e., não há nenhuma modalidade da comunicação (seja ela verbal ou não-verbal) mais evidente do que as outras. Todos os aspectos das acções dos interactantes estão interligados. Sob o ponto de vista metodológico, a Análise de Contexto aplica conhecimentos das áreas da Teoria da Informação (segundo a qual qualquer aspecto do comportamento pode ser visto como comunicação), da Cibernética (sendo as interacções pensadas como sistemas de troca de informações), da História Natural (com o método de observação, proveniente também da Antropologia) e da Linguística Estrutural (que fornece as unidades de análise para a estruturação do comportamento em níveis hierárquicos, assim como os métodos para a realização de transcrições). A observação e descrição de tantos factores interaccionais implicou, para a teoria da Análise de Contexto, análises de sequências breves de comportamentos. Neste sentido, os principais objectivos desta teoria consistiram em observar formas e usos de comportamento típicos na interacção e, a partir de marcas correntes, em formar unidades de comportamento importantes para o sistema de comunicação em actividade.

---

1. Como os outros eventos na natureza, não há nenhum movimento nem expressão do corpo que não tenha significado no contexto em que surge.
2. Como os outros aspectos do comportamento humano, a postura, o movimento do corpo e as expressões faciais estão padronizados e, por isso, sujeitos a uma análise sistemática.
3. Tendo em conta as possíveis limitações impostas por determinados substractos biológicos, até se demonstrar o contrário, os movimentos sistemáticos do corpo dos membros de uma sociedade são considerados uma função do sistema social a que pertence esse grupo.
4. Tanto a actividade visível como a acústica influenciam sistematicamente o comportamento dos outros membros de qualquer grupo particular.
5. Até ser demonstrado o contrário, tal comportamento será considerado como tendo uma função comunicativa que pode ser investigada.
6. Os significados provenientes desse comportamento são função tanto do próprio comportamento, como das operações mediante as quais é analisado.
7. O sistema biológico particular e a experiência de vida de cada indivíduo contribuem com elementos idiossincráticos para o seu sistema cinético. Mas a qualidade individual ou sintomática desses elementos só poderá ser determinada através da análise do sistema mais amplo de que faz parte.

[8] À semelhança do fonema, a unidade distintiva mais pequena, o **quinema** é a mais pequena unidade de acção perceptível, cuja variante é o **aloquinema**; os movimentos abstractos precedentes de mais de uma zona do corpo que se podem substituir reciprocamente formam a classe dos **quinemorfemas**. A todo o material que interactua, transforma e dá um valor particular à corrente cinética chama **paracinético** (Birdwhistell, 1970: 193-200).

[9] Sobre a formação da Escola de Palo Alto, cf. Kendon (1990: 16-18).

A última geração da Análise de Contexto, sobretudo os investigadores das áreas da Etnografia da Comunicação e da Análise Conversacional, foi influenciada por Goffman[10]; sendo assim, a Análise de Contexto considera a interacção como um evento social, governado por normas. Essas normas actuam não só a nível verbal, mas também a nível não-verbal, por exemplo, relativamente ao aspecto exterior, gestos, localização, postura, e muitas outras características comportamentais e a aspectos interaccionais (cf. Kendon, 1990: 40).

1.1.3 Psicologia e Psicolinguística

Com a viragem cognitivista em meados do século XX e com o desenvolvimento das Ciências Cognitivas (uma área interdisciplinar que abrange a Psicologia, a Psicolinguística, a Filosofia, a Neurologia e a Informática), que vieram afastar a visão positivista da mente humana como uma *tabula rasa*, começou a prestar-se mais atenção às capacidades cognitivas inatas do ser humano, como a percepção, a memória e a utilização de informações (cf. Schwarz, 1992: 14-15).

A maioria dos estudos desta grande área foca a relação entre a fala e a comunicação não-verbal que a acompanha: a Psicologia interessou-se por explicar fenómenos a nível cognitivo relacionados sobretudo com a expressão de emoções, de atitudes interpessoais e da personalidade; a Psicolinguística, por questões ligadas à codificação e descodificação da língua para descobrir os processos subjacentes à produção e percepção dos gestos e da língua falada. Tanto uma como a outra área encontraram na interacção um objecto de estudo rico não só em manifestações de estados emocionais (por exemplo, depressão vs. euforia) e de vários tipos de atitudes (por exemplo, dominância vs. submissão) entre dois indivíduos, mas também em fenómenos que apontavam para "disfunções" ou, melhor, funcionamentos deficitários dos processos de codificação e de descodificação da fala. A Psicologia Social abordou sobretudo aspectos da comunicação não-verbal ligados a fenómenos interpessoais e sociais. Das numerosas experiências e observações realizadas resultaram várias propostas de tipologias de gestos e dos movimentos do corpo em geral (cf. Ekman/Friesen, 1969, entre outros)[11]. Como se poderá constatar mais adiante, estas investigações não se mantiveram estanques a outras áreas disciplinares, tendo recorrido a conceitos provenientes de outras disciplinas, nomeadamente aqueles que dizem respeito à organização e regulação da conversação desenvolvidos no âmbito da Análise Conversacional Etnometodológica.

No contexto da Psicologia Social e da Psicolinguística atendeu-se sobretudo a questões relacionadas com a) vários tipos de pausas de hesitação (Maclay/Osgood, 1959; Boomer/Dittmann, 1962; Boomer, 1965; Dittman/Llewellyn, 1967, 1968, 1969; Goldman-Eisler, 1972); b) as relações entre os fenómenos de hesitação e os gestos (Butterworth/Beattie, 1978), c) a fluência da produção verbal (Dittman, 1972); d) vários tipos de "erros" de produção verbal (Fromkin, 1977); e) fenómenos ligados à expressão

[10] Cf. parte I, 1.2.2.

[11] Estes aspectos encontram-se descritos com maior pormenor no capítulo 2, dedicado à investigação da comunicação não-verbal.

das emoções (Ekman, 1974, 1976, 1982; Ekman/Friesen, 1974, 1978, 1982; Scherer, 1977, 1980, 1982, 1984, 1993; Scherer/Wallbott, 1985; e Scherer/Wallbott/Scherer, 1979) e g) com a relação entre significados dos gestos e a fala e diferentes tipos de gestos (Ekman/Friesen, 1969; Feyereisen/van de Wiele/Dubois, 1988, cit. *in* Feyereisen/Lannoy, 1991: 81). Procurou-se verificar o papel dos gestos e das posturas na comunicação no que diz respeito à expressão de determinadas características dos participantes, isto é, se, a partir da sua comunicação não-verbal, se podiam realizar inferências sobre o seu estado emocional, características da personalidade, sexo e idade. Neste âmbito foram realizadas inúmeras experiências com informantes, que nem sempre comprovaram as hipóteses admitidas[12]. Segundo Feyereisen/Lannoy (1991: 49), destes estudos resultou um consenso comum relativamente aos seguintes aspectos:

- a fala e a comunicação não-verbal desempenham funções diferentes;
- as emoções e as atitudes interpessoais são expressas sobretudo através de meios não-verbais;
- a comunicação não verbal permite estabelecer, desenvolver e manter relações sociais.

No entanto, muitas questões relacionadas com os processos subjacentes à comunicação não-verbal continuam por resolver. Esses processos ainda são desconhecidos. Como afirmam os autores (*ibid.*, 49), sabe-se que os sinais do corpo se relacionam com estados emocionais, a saber, padrões de reacções automáticas e padrões de experiências subjectivas juntamente com a actividade muscular. Mas não se sabe ainda como é que estes aspectos da emoção se relacionam uns com os outros (*ibid.*, 61).

Com o intuito de responder a estas questões, continuam a ser realizadas investigações sobre a relação entre a fala e o gesto. Tem-se comprovado que "as acções falam mais alto do que as palavras" (cf. *ibid.*, 64), e que os gestos e as posturas fornecem diferentes informações relacionadas com as emoções e os fenómenos sociais. Verificou-se que os gestos e a fala podem interagir de modos complexos, como demonstram os estudos experimentais que decorreram, e decorrem, no Laboratório de McNeill na Universidade de Chicago[13].

1.2 Orientação sociológica

A partir da área da Sociologia, que vê a interacção na perspectiva da sua inserção numa sociedade, desenvolveram-se várias orientações teóricas ligadas à análise do fenómeno de comunicação face a face. Entre elas destaca-se o chamado Interaccionismo e os estudos de Goffman. Foi também da Sociologia que se originou a Etnometodologia, de onde, por sua vez, se desenvolveu a Teoria da Análise Conversacional.

---

[12] Para uma bibliografia detalhada, cf. Feyereisen/Lannoy (1991: 51 segs.).

[13] Depois de, na Neuroanatomia, se ter comprovado que os mecanismos fisiológicos subjacentes à produção verbal e gestual são compartilhados (Kimura, 1976, cit. in Feyereisen/Lannoy, 1991: 88), McNeill (1992) mostrou, mais recentemente, através da noção de *growth point*, que a fala e o gesto fazem parte de um sistema comum (cf. parte I, 2.6.3.3).

1.2.1 Interaccionismo

O Interaccionismo considera a personalidade individual e a estrutura social como um produto de processos de interacção. Esta linha de investigação foi introduzida nos EUA por Georg Simmel, filósofo alemão, que definiu a Sociologia como o estudo das formas de interacção, sendo a sociedade a designação para um grupo de indivíduos em que estes interagem reciprocamente. Essa acção recíproca produz-se sempre com determinados fins (eróticos, religiosos ou simplesmente sociais, objectivos de defesa, de ataque, de jogo ou de aquisição, de ajuda ou de ensino, etc.) e faz com que um indivíduo tenha de agir em conjunto com outros indivíduos, que exerça influência sobre eles e, por sua vez, seja influenciado por eles (Simmel, 1939: 13). Outro aspecto importante é o facto de, em todo o fenómeno social, o conteúdo e a forma constituírem uma realidade unitária. A forma social não pode ser concebida como desligada de todo o seu conteúdo (*ibid.*, 14). Neste contexto, o sentido do "eu" é estudado com base na interacção em família, o grupo primário. É na interacção dentro deste grupo que um indivíduo adquire os seus valores, o seu sentido do "eu" e a sua individualidade. Isto quer dizer que um indivíduo define subjectivamente a situação e, segundo as suas necessidades, assume um determinado papel e segue as suas regras. Neste sentido, todo o comportamento social é visto como um jogo (Ricci-Bitti/Cortesi, 1980: 73-77).

A importância teórica atribuída ao processo de interacção no quadro da Sociologia americana dos anos 50 impulsionou a realização de estudos empíricos da interacção em grupos específicos. Desenvolveram-se trabalhos sobre a dinâmica de grupo, sobre a resolução de problemas por grupos, desenvolvimento de papéis, natureza do *leadership* e do *followership*, etc. No Interaccionismo desenvolveram-se sistemas de categorias pré--estabelecidas para classificar os "actos" dos participantes. A análise realizada era estatística e quantitativa. Neste enquadramento destaca-se o antropóglo social Chapple (1940, cit. *in* Kendon, 1990: 23), que desenvolveu a metodologia da cronografia interaccional[14], uma técnica de acesso a diferenças individuais no comportamento interaccional que teve vastas aplicações na Psiquatria.

A metodologia desenvolvida pelas Ciências Sociais difere da utilizada na Análise de Contexto e na Antropologia. O carácter artificial do trabalho experimental do Interaccionismo não correspondeu à orientação etnográfica da Antropologia, e as técnicas de observação utilizadas (usando sistemas de categorias pré-estabelecidas) foram contrárias aos estilos de observação abertos e flexíveis da orientação antropológica e psiquiátrica. Além disso, a metodologia da cronografia interaccional, que insistia nas dimensões acção/inacção, não considerou outros aspectos relevantes da interacção que permitissem superar a falta de meios de descrição da língua falada por parte da Linguística Estruturalista.

---

[14] A cronografia interaccional consistiu em medições dos períodos de acção/inacção de um indivíduo em situações de interacção. Por acção, entendia-se a duração de tempo que um indivíduo passa em fala ou gesto activo (ou ambos). A frequência de duração das acções e dos períodos entre as acções ou interacções foi medida dentro das ocasiões de interacção, de onde se extraíram os vários índices quantitativos da *performance* interactiva do indivíduo. Estas predizem o modo como o indivíduo se deve comportar em vários tipos de situações de interacção.

1.2.2 A interacção social de Goffman

Dentro da área da Sociologia destaca-se Goffman (1955, cit. *in* Kendon, 1990: 40; 1963, 1971, 1974, 1976, 1978, 1987) que, influenciado por Simmel (1939) e por Durkheim (1998)[15], sugeriu que se observasse o comportamento na interacção da perspectiva do seu funcionamento no sistema interaccional e não da perspectiva de como a interacção revela as intenções do indivíduo ou aspectos da sua personalidade. Para Goffman, a interacção face a face constitui uma realização de ordem social, governada por um conjunto de normas, que pretende descrever a partir da análise de conversações face a face do quotidiano. Para estudar a natureza ordenada da interacção que se manifesta em todas as circunstâncias de co-presença, Goffman considera não só a fala, mas também o aspecto exterior, os gestos, a posição e postura dos interactantes e muitos outros aspectos interaccionais. O seu objectivo transparece na seguinte pergunta formulada por Kendon (1990: 39): "What are the underlying practices that govern all communication occasions, and what are the fundamental sets of expectations and norms that govern them?". Toma ainda em linha de conta o ponto de vista dos participantes no tratamento dos eventos conversacionais, uma perspectiva inovadora quando começou a escrever.

Goffman contribuiu para o estudo da interacção verbal e não-verbal com novos conceitos e perspectivas de observação, que foram adoptados por outras orientações teóricas como a Análise do Discurso, Linguística Pragmática, Análise de Contexto e Análise Conversacional Etnometodológica. Fala da flexibilidade da conversação apresentando-a como uma sequência de *twists and moves*[16], resultantes da liberdade de escolha de acção por parte dos interactantes. Observa e descreve a sequencialidade da conversação e investiga a noção de par adjacente[17] introduzida por Sachs/Schegloff/Jefferson (1974), sugerindo dois tipos distintos de pares de carácter mais universal: *statement* (asserção), caracterizado por uma orientação para qualquer resposta que se segue, e *reply* (réplica), em resposta a um assunto previamente abordado. Porém a orientação indicada no *statement* nem sempre é cumprida, pois o falante seguinte pode recorrer a outra alternativa estratégica, por exemplo responder a uma pergunta com outra pergunta, originando *side sequences*, como apartes ou pedidos de repetição. Por sua vez, as sequências também podem apresentar formas especiais, como nos casos em que parte da sequência é elíptica (cf. Goffman, 1976: 259). Outros encadeamentos são as *responses* (reacções), enunciados reactivos que apenas comentam qualquer aspecto do enunciado antecedente, reacções a acontecimentos linguísticos ou extra-linguísticos. O próprio par adjacente de saudação "*Hello*"/"*Hello*" é, a esta luz, uma *response* a um estímulo exterior, i.e., ao facto de duas pessoas conhecidas se verem (*ibid.*, 289). Ao contrário dos *replies* (respostas), que têm um alcance retroactivo, as *responses* (reacções) saem do enquadramento da frase e focam aspectos relativos à transmissão, estilo, origem, vocabulário, etc., mas não ao significado de uma asserção. Goffman (1976) demonstra

---

[15] O sociólogo Durkheim (1858-1917) entende a sociedade moderna como assentada sobre a divisão do trabalho, mediante uma interpenetração e inter-relação das partes, que, por sua vez, a une indirectamente com os seus membros.

[16] Para uma definição de ***move***, cf. parte I, 1.2.4.

[17] Um **par adjacente** é uma sequência de enunciados em que o primeiro determina a realização do segundo. Cf. parte I, 1.2.4; parte II, 2.1.

assim que na base da conversação está uma unidade interaccional que pode ser não--verbal e se apoia em inferências, ou seja, deduções que o falante e o ouvinte podem realizar a partir do contexto de enunciação e do seu saber comum.

Segundo Goffman, uma interacção implica o domínio de uma *skilled performance* por parte dos participantes, como sucede com um condutor de automóvel ou um piloto, em que o "operator must continuously organize his behavior so that it is patternd to meet the complex demands of the situation and still keep the car on the road or the plane on course" (Kendon, 1990: 3-4). Essa performance tem a ver com a manutenção de uma determinada aparência, de uma negociação contínua das regras de alternância de vez, com a capacidade de lidar com o conteúdo daquilo que se diz e daquilo que os outros dizem, com a adaptação da sua própria actividade a esses factores. Para explicar casos particulares de sequências de vezes, procura sistematizar dois tipos de condicionamentos a que falante e ouvinte estão sujeitos para que a comunicação seja efectiva, a saber, os condicionamentos do sistema e os condicionamentos rituais[18].

A noção de imagem é outro conceito relevante desenvolvido por Goffman (1971) para o contexto da interacção face a face. Corresponde à ideia de um valor social positivo, às qualidades socialmente aceites que correspondem à imagem que cada um pretende dar de si próprio e que também reconhece no outro. Numa situação face a face, cada indivíduo recorre a técnicas rituais de tratamento de imagem, como uma orientação defensiva relativamente à manutenção da própria imagem e uma orientação protectiva em relação à imagem do outro (cf. *ibid.*, 10-53). Dado que a interacção representa uma ameaça para a

---

[18]Os **condicionamentos do sistema**, pelos quais os interactantes terão que se orientar e que têm a ver com vários tipos de capacidades como, por exemplo, capacidades de transmissão física, de realização de actividades entre falante e ouvinte, de estruturação da vez, de observação do princípio de cooperação e das máximas conversacionais de Grice, são os seguintes:

1. capacidade de transmissão da mensagem (física);
2. capacidade de realimentação (*back-channel*) para informar sobre a recepção durante a mensagem;
3. sinais de contacto: meios de anunciar uma conexão através de um canal; meios de certificação de que o canal está aberto; meios para fechar o canal que estava aberto; sinais de identificação, etc.;
4. sinais de rotação: meios para indicar o fim de uma mensagem e a alternância do papel de falante (onde se podem distinguir vários tipos de selecção de falante como *speaker selects* ou *self-select*);
5. sinais de antecipação: meios para induzir um pedido de repetição (*rerun*), evitando uma interrupção da vez em curso devido a um pedido de canal,
6. capacidades de molduragem (*framing*): introdução de pedaços de conversação em parênteses, apartes, etc.;
7. normas que obrigam os respondentes a responder honestamente apenas com os elementos relevantes (no sentido do princípio de cooperação e das máximas conversacionais de Grice);
8. condicionamento de não-participantes respeitante a escuta, ruído e bloqueamento do contacto visual (cf. Goffman, 1976: 264-265).

Os **condicionamentos rituais** dizem respeito às técnicas de comportamento social dos indivíduos, também relacionadas com o tratamento da **imagem**, e são definidos como "constraints regarding how each individual ought to handle himself with respect to each of the others, so that he not discredit his own tacit claim to good character or the tacit claim of the others that they are persons of social worth whose various forms of territoriality are to be respected" (Goffman, 1976: 266). Condicionamentos deste tipo são, por exemplo, *remedy*, que neutraliza a consequência ofensiva potencial de um enunciado, *relief*, que demonstra que o esforço de anular uma ofensa foi aceite, *appreciation*, que explicita a gratidão por um serviço prestado, ou *minimization*, que minimiza um serviço prestado (Goffman, 1972: 139-143, cit. *in* Goffman, 1976: 265).

face de cada indivíduo, falante e ouvinte procuram, por um lado, defender a sua face, por outro, proteger a face do(s) seu(s) parceiro(s). Goffman entende que a satisfação dos condicionamentos rituais irá salvaguardar a imagem dos participantes que, exposta à interacção, pode facilmente ser atingida – porque iniciar uma conversação é obrigar o outro participante a cooperar e colocá-lo numa situação de obrigação, caso este aceite interagir. No mesmo sentido, terminar a conversação ou mudar de tópico pode ser visto como um atentado à face do parceiro de interacção (Goffman, 1976: 267). Para evitar que tal aconteça, os interactantes executam um *management of talk*, o processo de escolha dos meios de comunicação mais adequados para cada situação particular, ou seja, estratégias de defesa das faces[19] (Goffman, 1976: 268).

Estas principais noções de Goffman, além de terem sido adoptadas por outras linhas teóricas, como a Análise do Discurso e a Análise Conversacional, chamaram a atenção para uma grande variedade de fenómenos, por um lado, evidentes, por outro, subtis que se podem observar na interacção face a face. Evidentes, porque a eles reagimos espontânea e prontamente; subtis, porque a percepção consciente da sua existência tem a ver com uma capacidade de observação que exige atenção, sensibilidade e, de certo modo, um dado grau de conhecimento do comportamento humano, obtido quer através da própria experiência em sociedade, quer através do seu estudo.

1.2.3 Etnometodologia

A Etnometodologia[20] foi iniciada no princípio dos anos 60 por Garfinkel (1967) numa tentativa de encontrar uma resposta para a pergunta central da Sociologia "como é possível uma ordem social?" (cf. Bergmann, 1994: 5). Seguindo o pensamento e a análise do carácter tipificado e aproximado do conhecimento e das representações do senso comum do filósofo e sociólogo Alfred Schütz (cit. *in* Garfinkel, 1967: 272), Garfinkel pretende analisar a realidade social a partir do comportamento social. Argumenta que tudo aquilo que nós aprendemos e tratamos como estados de coisas objectivos, ou realidades independentes da nossa participação, são produzidos através das nossas acções e percepções. As estruturas do processo de produção desta realidade são comuns a todos os membros de uma sociedade.

Com a Etnometodologia, Garfinkel (*ibid.*, ix) vem contradizer a orientação de carácter normativo dominante na Sociologia dessa época: a perspectiva de Parsons (1937, cit. *in* Heritage, 1995: 391), segundo a qual a acção social é vista como um produto casual e motivacional de normas morais interiorizadas e de regras determinadas por contextos sociais relevantes. Essas normas e regras, que constituem um sistema de representações e

[19] Este aspecto social da interacção foi desenvolvido mais tarde na **teoria das faces** de Brown/Levinson (1978). Segundo os autores, cada indivíduo tem uma face negativa (a necessidade de defender o seu território e de agir livremente) e uma face positiva (a necessidade de ser apreciado).

[20] O termo **Etnometodologia** baseia-se no conceito antropológico de *Ethnoscience* usado na Antropologia Cognitiva para designar o estudo da ordem das coisas na mente das pessoas, estudo em que, através da análise semântica do vocabulário, se procuram determinar esquemas de orientação cultural de uma comunidade linguística. Com o prefixo *ethno*, Garfinkel pretendeu realçar o que os membros de uma sociedade sabem, pensam e fazem nas suas tarefas quotidianas (cf. Bergmann, 1981: 10).

de símbolos culturais compartilhados pelos interactantes, permitem a estes últimos o seu acordo mútuo sobre a natureza dos objectos, eventos e acções que formam o *setting* da acção ou *Umwelt* (envolvimento) e tornam possível a coordenação na interacção (cf. *ibid.*, 391-392). Esta perspectiva não prevê que as acções sejam produzidas por agentes que compartilham a compreensão e que guiam e justificam as suas acções um para com o outro através do uso de um raciocínio de senso comum. Por outras palavras, ao partir do princípio de que as circunstâncias dos actores/interactantes não podem ser alteradas pelas suas acções, esta teoria atribui ao contexto um carácter determinante e torna-se demasiado estática (cf. *ibid.*, 392).

Contrariamente a esta visão normativa, a Etnometodologia compreende os processos sociais como sendo realizados pelas interacções entre os membros de uma sociedade, ou seja, vê a realidade social como um produto do comportamento social. Por outras palavras, os processos sociais são realizados pelas interacções entre os membros de uma sociedade. Garfinkel demonstrou que os membros de uma sociedade possuem um comportamento compartilhado sobre o mundo. Sobre ele assentam as pressuposições, que lhes permitem assegurar a compreensão compartilhada dos objectos, acções e eventos. Tanto essa compreensão mútua, que não está fundida com o raciocínio moral e é realizada de um modo constitutivo e de momento para momento, como o conhecimento activado na situação de interacção são processos dinâmicos e constantemente renováveis. Neste sentido, o contexto situacional em que a acção ocorre não é independente das acções que nele se realizam e o constroem.

O maior contributo de Garfinkel foi, pois, mostrar que a realidade social se constrói, (re)cria, mantém ou altera através das interacções em que os indivíduos participam e que todos os aspectos do conhecimento compartilhado do mundo social dependem de uma grande variedade de *methods of reasoning*, de carácter processual e socialmente compartilhados, que são usados, a cada momento, no reconhecimento de objectos e eventos sociais; por sua vez, esse mundo social compartilhado é construído e reconhecido em conjunto através de uma base compartilhada de processos de raciocínio prático que opera sobre *corpora* de conhecimento inexacto (cf. *ibid.*, 393).

Uma característica da realização dessa realidade social consiste no facto de os membros de uma sociedade, ao mesmo tempo que estabelecem relações entre comportamentos, fornecerem as descrições práticas e explicações para essas relações. Na interacção está-se em presença de enunciados linguísticos e da comunicação não-verbal, factos concretos ou reais com que os interactantes criam sentido, interpretam o contexto comunicativo (de grande relevância na geração da ordem social) e dão indicações de sentido, sob a forma de ajudas de compreensão, ao parceiro da interacção. Para isso, os interactantes dispõem de técnicas e mecanismos de produção, regulamentados por regras gerais e pertencentes a uma ordem social comum. Segundo Garfinkel (*ibid.*, 1, 9), o processo comunicativo da interacção é um processo de realização dos métodos formais que permitem a constituição das configurações e dos acontecimentos do mundo social. A interacção é caracterizada como sendo reflexiva, visto existir uma identidade entre a realização da acção e a descrição da acção, e indicial, por se tratar de um forma particular do acontecimento social, analisado e definido em cada novo contexto referencial (*ibid.*, 9). Essa identidade

de realização de comportamentos chama-se *accounts reflexivity*, um princípio básico segundo o qual a realidade social surge aos interactantes como uma realidade ordenada, exterior e fática. A reflexividade é percebida pela indicialidade dos enunciados linguísticos e pelas acções. Neste sentido, o termo Etnometodologia refere-se "to the investigation of the rational properties of indexal expressions and the other practical actions as contigent ongoing accomplishments of organized artful practices of everyday life." (Garfinkel, 1967: 11).

Por conseguinte, os métodos formais apresentam-se como estruturas gerativas da sociedade humana que constituem as configurações e os acontecimentos do mundo social. Essas estruturas gerativas são detectadas a partir dos enunciados intuitivamente compreendidos em conversações familiares. As competências interpretativas e interactivas dos elementos de uma sociedade, compreendidas como quase-naturais e fazendo parte da constituição básica do ser humano, permitem aos membros dessa sociedade dominar esses métodos formais ou estruturas gerativas[21]. Esta concepção da interacção como um processo reflexivo e indicial através do qual se constrói a realidade social é importante para a compreensão dos princípios básicos das teorias de teor etnometodológico.

Atendendo a que o instrumento que dá sentido a uma situação é a língua, mais concretamente, o uso da língua na interacção, a análise da conversação representa o

---

[21] Bergmann (1994: 6-7) apresenta as características estruturais reveladas pelo processo (metodológico e não-subjectivo) de produção da realidade transmitida com sentido aqui resumidas:

1. O que é considerado um facto social pelos interactantes não é fixo: a realidade é um acontecimento no tempo, possível de ser transformada e frágil. Na interacção, os participantes são confrontados com a tarefa de conciliar entre si as suas definições da realidade e de a confirmar continuamente através de realizações de marcas (que apontam para modificações).
2. Na execução de comportamentos e acções, os participantes utilizam técnicas, de modo a tornar esses comportamentos e acções significativos e racionais, identificáveis, compreensíveis, explicáveis e predizíveis, isto é, o processo de construção da realidade transmitida significativamente é um trabalho interactivo.
3. O processo de atribuição de significado ou sentido é reflexivo. A definição da realidade reconhecível numa acção procura que esta acção surja como apropriada à situação. As práticas de geração do sentido estruturam o comportamento e a acção não de fora para dentro, mas são uma parte constitutiva do acontecimento para cuja organização significativa se orientam.
4. Os decursos da interacção e os processos de compreensão nas situações de comportamento quotidianas caracterizam-se por uma economia de tempo específica. Os actantes são conduzidos no dia a dia por motivos de comportamento pragmáticos e só podem explicar antecipadamente as condições e implicações das suas decisões de um modo muito limitado. Os métodos de atribuição de sentido prático-quotidiano funcionam aqui como atalhos que, economizando o tempo, possibilitam, em condições pouco claras, comportamentos eficientes, convincentes e racionais.
5. A geração interactiva da ordem social é inevitavelmente um processo de produção local, i.e. realiza-se sempre em condições situacionais e contextuais específicas. As acções e as interpretações dos actantes estão relacionadas, em princípio, com as condições contextuais que reflectem no seu modo de realização (por exemplo, a nível linguístico, através do uso de dícticos). Devido a esta realização local, os enunciados têm um carácter indicial. Isso significa que muito do que o falante intende com o que diz fica por articular e só está presente num horizonte remoto. Para a sua interpretação, os interactantes recorrem às relações contextuais dos enunciados. Caso a interacção social seja só concebida como a realização de modelos de comportamento, o seu carácter indicial é ignorado.

objecto mais importante para o estudo da construção social do sentido, pois contém os dados explicativos dos comportamentos sociais. Através de gravações de conversações que permitem a fixação de um acontecimento social no seu percurso temporal real, os etnometodólogos podem seguir a produção local da ordem social, ou seja, analisar o modo como os interactantes se orientam um pelo outro com um determinado sentido e realizam, em conjunto, construções de realidades intersubjectivamente harmonizadas. Nas transcrições das gravações procuram registar todos os detalhes relativos, por exemplo, à entoação, a pausas e hesitações, a características dialectais, etc. (cf. Bergmann, 1994).

1.2.4 Análise Conversacional Etnometodológica

A Análise Conversacional Etnometodológica (*Ethnometodological Conversational Analysis*), iniciada em meados dos anos 60 nos Estados Unidos por Sachs e Schegloff, discípulos dos sociólogos Garfinkel e Goffman, não é mais do que a aplicação prática da Etnometodologia e dos conhecimentos sociológicos da interacção. Com base nos conceitos e princípios etnometodológicos, Sachs e Schegloff estudam atentamente conversações naturais espontâneas realizadas em diversos tipos de contextos e procuram os mecanismos formais da organização da interacção linguística e não-linguística utilizados pelos interactantes para reconhecer e tornar reconhecível o conteúdo da acção e o sentido do enunciado. Sendo assim, de cada conversação são filtrados e identificados os princípios estruturais gerais e esclarece-se de que modo os interactantes se orientam por eles (*cf. ibid.*, 7).

Devido ao avanço tecnológico, o material analisado, até então recolhido de observações ou de gravações em banda magnética transcritas, passou a ser registado em gravações audiovisuais, permitindo assim uma observação mais precisa de todos os pormenores da comunicação não-verbal e não-linguística, como por exemplo os gestos ou a tosse, o riso, a respiração, que, embora por vezes produtos do acaso, são responsáveis pela continuidade dada ao discurso.

Importantes contribuições da Análise Conversacional são o tratamento da temporalidade e da dinâmica da interacção: a interacção é reconhecida como algo que no seu percurso vai atravessando diversos estádios e sofrendo modificações constantes. Esse percurso não depende apenas do mecanismo formal de produção linguística, mas também das obrigações recíprocas que se criam entre os interactantes e do modo como estes actuam no momento, segundo um plano estratégico. É também o ponto de encontro das actividades do falante/ouvinte que, emitindo simultaneamente sinais de contacto, acordo, desacordo, compreensão, incompreensão, disposição para falar/ouvir, ou falta de cooperação, funcionam como dois pólos da interacção. São portanto o falante e o ouvinte que definem os trilhos da interacção ao mesmo tempo que a fazem avançar.

Nas investigações que se apoiaram na teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, foram abordados aspectos relativos à organização da alternância de vez (*turn-taking*) (Sachs/Schegloff/Jefferson, 1974), à construção interactiva da vez (*turn*) (Goodwin, 1981), à estrutura sequencial da interacção (Schegloff/Sachs, 1973,

Jefferson, 1981), à organização macro-estrutural e ao papel do contexto. Schegloff e Jefferson realizaram ainda diversos estudos sobre vários temas como, por exemplo, fases de abertura e de fecho da conversação (Schegloff, 1968, Schegloff/Sachs, 1973, reparação de erros (Schegloff, 1979, 1992, 1997, 2000), hesitações (*uh huh*) e formas semelhantes (Schegloff, 1982), relações entre gestos e a fala (Schegloff, 1984), conversações com diferente número de participantes (Schegloff, 1995) e organização da vez (Schegloff, 1996).

Uma das obras mais representativas desta área um estudo de Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) sobre o funcionamento do sistema de alternância de vez, que irá ser descrito mais pormenorizadamente na parte II, 2.1. Este sistema, que estabelece o modo como a palavra passa de um interactante para o outro conforme estes pretendem representar os papéis de falante ou de ouvinte, é um dos fenómenos mais marcantes da conversação.

O carácter individual da conversação dever-se-á, por sua vez, ao facto de os participantes recorrerem a um mecanismo que opera na selecção das palavras e dos tópicos na admissibilidade e ordenação das sequências, opções e obrigações para iniciar e terminar a conversação, ou seja, um mecanismo que sujeita a organização da vez a um *recipient design*. Esta expressão que refere a construção da interacção tendo em conta o ouvinte, ou seja, a adaptação constante ao mesmo por parte do falante, foi introduzido por Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) para referir "(...) a multitude of respects in which the talk by a party in a conversation is constructed or designed in ways which display an orientation and sensitivity to the particular other(s) who are the co-participants. In our work, we have found recipient design to operate with regard to word selection, topic selection, admissibility and ordering of sequences, options and obligations for starting and terminating conversations, etc., as will be reported in future publications" (*ibid.*, 727). Neste contexto, a definição dos papéis de falante e de ouvinte surge como indispensável para a descrição do funcionamento da alternância de vez e das relações de determinação e obrigação que se podem observar nas sequências de vezes[22].

Outro conceito importante desta teoria é a noção de par adjacente, já atrás referida. Trata-se de uma unidade comunicativa constituída por sequências de vezes que formam pares, ou seja, em que uma vez pré-determina a existência de outra. Schegloff (1968: 1085) designa-as por *adjacency pairs* (pares adjacentes), em que o *first pair part* (primeiro

[22] Verificando esta diferença funcional entre os dois diferentes papéis interaccionais e a sua igual importância para a organização da interacção, houve necessidade de focar as características da qualidade de ouvinte, assim como de precisar o seu grau de atenção e participação. Goffman (1976: 260) distingue entre três tipos de ouvintes: "those who overhear, whether or not their unratified participation is inadvertent and whether or not it has been encouraged; those who are ratified participants but (in the case of more than two-person talk) are not specifically addressed by the speaker; and those ratifed participants who are addressed, that is, oriented to by the speaker in a manner to suggest that his words are particularly for them, and that some answer is therefore anticipated from them more so than from the other ratified participants. (...)". Sobre tipos de ouvinte cf. também Goodwin (1981: 4). Goodwin parte de uma perspectiva diferente e mostra como o termo ouvinte se pode referir a três diferentes objectos: "First, it might designate the complementary position to "speaker" provided by the activity of conversation. Second, it might refer to the addressee of an act by a speaker. Third, it might designate a party performing acts in his own right relevant to the position of hearer. If these distinctions are not kept in mind, confusion results, since, for example, a party may be an addressee without acting as a hearer" (Goodwin, 1981: 5).

segmento do par) estabelece uma relação de *conditional relevance* (relevância condicional) com o *second pair part* (segundo segmento do par) (*ibid.*). Esta sequencialidade determinada não se reduz aos pares adjacentes funcionais do tipo saudação, despedida, elogio-agradecimento, etc., mas também se aplica a qualquer situação da interacção em que um enunciado do falante acarreta uma reacção num parceiro e cria uma obrigação.

Resumindo, na teoria da Análise Conversacional parte-se do princípio de que falante e ouvinte se encontram simultaneamente activos e atentos[23] no desempenho das suas tarefas. Para conduzirem a conversação de acordo com os seus interesses, nomeadamente pelo que toca ao papel que pretendem desempenhar, recorrem a determinados meios ou estratégias que fazem parte de um saber comum, culturalmente adquirido. Esses meios permitem aos interactantes a compreensão sobre o possível espaço de tempo que irá ocupar a vez de um falante, ou sobre o momento propício para tomarem a vez. A consideração destes aspectos aproximou os investigadores da realidade da interacção. No entanto, tendo sido desenvolvida, em primeira linha, para a análise e descrição das regularidades da organização do discurso, esta teoria foi superficial e pouco vantajosa para a descrição dos elementos linguísticos da conversação. Procurou-se encontrar regularidades de uso de certos elementos e expressões verbais, que foram descritas (apenas) em termos da sua função na organização da conversação (função de alternância de vez ou de reparação).

1.2.5 Recepção da Análise Conversacional Etnometodológica na Europa

Devido à importância desta corrente teórica para o presente trabalho, assim como das investigações que lhe deram continuidade, convém passar em revista a recepção da Análise Conversacional Etnometodológica a nível europeu.

A Análise Conversacional Etnometodológica foi recebida de um modo muito heterogéneo na Europa, mais rapidamente pela Alemanha, Países Baixos e Suécia do que pelos restantes países, inclusive na Grã-Bretanha. Foi adoptada com maior facilidade pelos investigadores das áreas mais ligadas ao estudo da língua falada, como é o caso da Linguística Pragmática, da Sociolinguística e da Psicolinguística e concorreu sobretudo com a Análise do Discurso, outra orientação teórica dedicada à análise da língua (falada).

Na Alemanha dos anos 70, os linguistas pragmáticos mostraram um grande interesse, por um lado, pelos elementos típicos da língua falada - como comprovam inúmeros estudos sobre partículas (Weydt, 1969, 1979, 1983, 1989), interjeições (Ehlich, 1986), apensos (Rehbein, 1979), anúncios (Rehbein, 1983), *gambits* (Keller, 1983), características entoacionais da língua (Winkler, 1974) etc.) e da sintaxe da língua falada (Brinkmann,

---

[23] Como afirma Goffman, falante e ouvinte mantêm uma atenção recíproca que "tends to be transferred smoothly by means of formal or informal clearance cues, by which the current speaker signals that he is about to relinquish the floor and the prospective speaker signals a desire to be given the floor. An understanding will prevail as to how long and how frequently each participant is to hold the floor. The recipients convey to the speaker, by appropriate gestures, that they are according him their attention" (Goffman, 1955: 34, cit. *in* Yngve, 1970: 571).

1974; Weiss, 1975; Betten, 1976) [24]; por outro lado, pela teoria dos actos de fala de Austin (1962)[25] e de Searle (1984) [1969][26], cuja recepção é feita por Wunderlich (1976) (cf. nota 33 deste capítulo). Além disso, como refere Bergmann (1981: 32), a situação da Sociologia alemã do pós-guerra também contribuiu para uma maior permeabilidade a novas correntes. Depressa se introduziu o termo *Konversationsanalyse* para designar "die empirische Erforschung von sprachlichen Texten, die in natürlichen Kommunikationssituationen hervorgebracht, mit elektronischen Mitteln aufgezeichnet und gespeichert sowie unter dem Gesichtspunkt der Strukturen des Kommunikationsablaufs, der Aktivitäten der beteiligten Interaktionspartner und/oder der von diesen getätigten Bedeutungsvoraussetzungen und -zuschreibungen transkribiert und analysiert werden" (Kallmeyer/Schütze, 1976: 4). Ao contrário das análises da interacção verbal que seguiam a teoria da Análise do Discurso, mais conhecida e praticada nos outros países da Europa, a *Konversationsanalyse* considerou o tipo de conversação quotidiana a forma básica da interacção, sendo todos os outros tipos específicos, mais institucionalizados, transformações dessa estrutura básica. Sendo assim, é a conversação natural e espontânea que constitui o objecto de estudo deste tipo de análise. Os seus princípios teóricos e metodológicos[27] mantêm-se próximos da Análise Conversacional Etnometodológica norte-americana. Sob o ponto de vista teórico, considera-se a natureza de realização da realidade social (*Vollzugscharakter der sozialen Wirklichkeit*)[28], o carácter ordenado da interacção e a relação das actividades com o contexto (*Kontextbezogenheit der Aktivitäten*).

Os representantes da *Konversationsanalyse* partem do princípio de que a interacção é realizada ordenadamente até ao último detalhe por ambos os interactantes (cf. Spiegel,

---

[24] Cf. parte I, 4.2.

[25] Relembrando, segundo a teoria dos actos de fala, qualquer enunciado, numa situação de interacção, tem uma determinada força ilocutiva e um conteúdo proposicional pela relação que estabelece entre o falante e o ouvinte na enunciação. Qualquer acto de fala pode ser analisado segundo as suas condições de felicidade, ou seja, segundo as condições do contexto que permitem a sua realização.

[26] Searle (1984 [1969], 1974, 1975, 1976, 1979) continua o trabalho iniciado por Austin e evidencia o sentido convencional, não literal, do uso de certas expressões que se podem observar sempre que um locutor diz alguma coisa e intende alguma coisa de diferente, e que designa por **acto de fala indirecto** (definido como a enunciação simultânea de dois actos ilocutivos: um primário, com um significado ilocutivo não-literal, ou seja, aquilo que o falante intende, e outro, secundário, com um significado ilocutivo literal) (cf. Searle, 1975: 62). O conceito de acto de fala indirecto está ligado à noção de **implicatura conversacional** de Grice (1975: 49-50).

[27] Sob o ponto de vista metodológico, a análise da conversação praticada pela *Konversationsanalyse* decorre em três fases: numa primeira fase, procuram-se determinar regularidades formais que apontam para uma determinada ordem e estrutura através da observação do material; numa segunda fase, a partir das regularidades encontradas, reconstrói-se o objectivo da análise; em terceiro lugar, descreve-se o sistema metódico que conduz a essas regularidades, através do qual os participantes desenvolvem e estruturam e organizam a interacção (cf. Bak, 1996: 59; Bergmann, 1981: 23 f)

[28] A natureza de realização da realidade social é o modo como os interactantes, durante a interacção, constituem localmente a realidade social e, simultaneamente, fornecem descrições e explicações práticas para as suas acções. Estas descrições e explicações práticas consistem na indexação, ou estrutura de indicação, dos enunciados linguísticos, através da qual os falantes indicam os padrões estruturais de base e o sentido da interacção linguística. Por indexação entende-se a ligação situativa (mostrativa) ao contexto de um enunciado, onde o conhecimento compartilhado dos interactantes e as suposições que cada um faz sobre o outro são essenciais (cf. Spiegel, 1995: 40-44).

1995: 30). Um sistema de regras de base[29], constituições de reciprocidade e regras et-cetera criam as condições para que essa ordem e o sentido sejam alternadamente negociados e instaurados pelos interactantes. O uso das regras de base implica ainda que exista uma situação de cooperação entre os interactantes. Na interacção a cooperação tanto pode actuar a nível da aplicação das regras de base, como na resolução de tarefas interaccionais ou no atendimento às máximas de Grice[30], à relevância condicional[31] e no respeito pelas obrigações que se criam através da situação de interacção (cf. Henne/Rehbock, 1982: 207). E para que se possa falar em cooperação, "müssen der Interaktion irgendwelche Muster und Regeln zugrundeliegen, die die Beteiligten kennen und beim Gesprächspartner voraussetzen können, denn die Möglichkeit zur Kooperativität setzt das Wissen um das, worum es eigentlich geht, sowie darum, wie etwas abläuft, kurz, das Wissen um diese Muster voraus " (Spiegel, 1995: 35)[32].

Além disso, a teoria da *Konversationsanalyse* considera vários níveis de ordem da conversação, cujo número pode diferir de autor para autor: enquanto Henne/Rehbock distinguem o nível de expressão, o nível de acção e o nível de relação (Henne/Rehbock, 1980: 210, cit. *in* Spiegel, 1995: 44) e Brinker/Sager (1996: 56), orientando-se por Searle,

---

[29] As regras de base, ou seja, o método interpretativo que está na base das normas das acções linguísticas e não-linguísticas, tornam as acções dos participantes "esperáveis" e compreensíveis e referem-se aos seguintes aspectos:

1. Reciprocidade das perspectivas ou pontos de vista: falante e ouvinte partem do princípio de que as suas experiências alternadas na interacção são idênticas e não consideram as diferenças individuais de significado até serem comprovadas divergências.
2. Regras et-cetera: não é preciso dizer tudo ao pormenor porque os participantes têm a capacidade de tratar um dado item lexical (ou vários) como um índice de um conjunto de significados mais abrangente (Cicourel, 1981: 177, cit. *in* Spiegel, 1995: 33). Por isso é que os participantes podem superar ambiguidades. A regra et cetera também permite aos participantes criar antecipadamente sentido, que no decurso da interacção pode ser alterado ou comprovado.
3. O entendimento sobre a existência de uma forma normal ou tipificação comum: cada participante espera que aquilo que cada um sabe, ou seja, o saber colectivo sobre o estado de coisas, o conhecimento sobre o mundo e o seu uso na interacção, representa a base verdadeira da acção real. Este conhecimento tem a ver com a formação de esquemas de acção, o fornecimento de um enquadramento, a organização da conversação, a distribuição dos papéis interaccionais, etc. (cf. Spiegel, 1995: 32-33).

[30] As máximas de Grice são: **máxima da quantidade** - 1. "Make your contribution as informative as is required (for the current purposes of the exchange)" 2. "Do not make your contribution more informative than is required"; **máxima da qualidade** - com a super-máxima "Try to make your contribution one that is true" e mais duas máximas específicas: "1. Do not say what you believe to be false. 2. Do not say that for which you lack adequate evidence"; **máxima da relação** - "Be relevant"; **máxima do modo** - com a super-máxima "Be perspicuos" e várias máximas como "1. Avoid obscurity of expression. 2. Avoid ambiguity. 3. Be brief (avoid unnecessary prolixity). 4. Be orderly" (cf. Grice, 1975: 45-46). Estas máximas, que consideram apenas a perspectiva do falante, foram reinterpretadas nas máximas de Betten (1976: 225-226), que também dão conta das reacções do ouvinte.

[32] A noção de **relevância condicional** esclarece que o que liga enunciados (partes de pares adjacentes) não é a formação de uma regra (por exemplo a que explica que a seguir a uma pergunta se segue uma resposta), mas a formação de expectativas específicas que têm que ser atendidas. No caso do par adjacente, se a segunda parte não ocorre, é entendida como ausente (cf. Levinson, 1983: 306).

[32] Na sua análise sobre discussões, Spiegel (1995) mostra como a violação das regras de base e da cooperatividade, como a atitude dos participantes de não assumirem, ou de se recusarem a assumir a perspectiva do outro, constitui fenómenos que dão origem a situações de desentendimento nas conversações.

distinguem um nível communicativo-pragmático, outro semântico-temático e outro gramatical, Kallmeyer (1977 e 1982, cit. *in* Spiegel, 1995: 44-46) considera cinco (o nível da organização da conversação, o da constituição da acção, o do estado de coisas, o da modalidade da interacção e o dos esquemas de relações. Spiegel (1995) adere a esta classificação, à qual acrescenta o nível da expressão, que engloba a realização semântica das acções da conversação por meio de elementos lexicais, gramaticais e sintácticos (*ibid.*, 46).

Um dos aspectos muito debatidos na Análise Conversacional alemã foi o conceito de acto de fala de Austin (1962) e de Searle (1984) que, no quadro da *Sprechakttheorie*, a continuação por parte de Wunderlich da teoria dos actos, foi criticado por se revelar afastado da realidade intereaccional e por tomar em conta só a perspectiva do falante, relegando o ouvinte para um papel de "reagente". Wunderlich (1976)[33] alargou o conceito de acto de fala de modo a abranger toda a sequência e contexto interaccional. Neste sentido, Henne/Rehbock propõem a inclusão numa *Sprechakttheorie* de uma *Hörverstehensakttheorie* (teoria dos actos de audição-compreensão),ambos entendidos como partes de um acto linguístico comunicativo (Henne/Rehbock, 1982: 17). De acordo com esta teoria, os actos de fala são uma parte específica das unidades mínimas da conversação, designadas por actos conversacionais[34], cuja realização engloba uma força ilocutiva (do falante) e uma força inauditiva (do ouvinte). Caracterizam-se pela sua polifuncionalidade, sendo as várias funções detectáveis e definíveis a partir da sua sequencialidade na interacção, e por terem um carácter determinativo a nível local, ou seja, por criarem obrigações para os participantes. Parte-se do princípio de que o não--atendimento das regras que regulam os actos conversacionais permite mudar implícita ou explicitamente a determinação dos actos[35], ponto de vista que permite, por sua vez, explicar o funcionamento dos actos de fala indirectos[36]. Confirme as suas funções comunicativas no discurso e o plano de interacção com que se relacionam, os actos conversacionais foram, ainda, classificados de estruturais ou temáticos[37]. O significado do

---

[33] Wunderlich comenta que, no âmbito da Filosofia da Linguagem, os actos de fala foram tratados como unidades isoláveis (...) como anteriormente as frases ou as proposições; e o material relevante podia ser mais ou menos inventado pelos investigadores (Wunderlich, 1976: 296).

[34] **Actos conversacionais** são unidades conversacionais verbais comunicativas mínimas, mímico-gestuais da língua, que têm, dentro de uma conversação, e em relação ao plano accional, um valor em todo o caso específico (Henne/Rehbock, 1982: 182).

[35] Atendendo ao carácter determinativo dos actos conversacionais, Henne/Rehbock atribuíram-lhes as seguintes propriedades: 1) capacidade de determinar os actos que se seguem; 2) a determinação realiza-se a três níveis (de acção, temático, e das relações), em três modalidades (obrigações ou opções, motivação e conclusão) ou simplesmente sem determinação; 3) o mesmo acto conversacional pode ter determinações diferentes a níveis diferentes (por exemplo nos casos em que comportam um significado literal e um significado indirecto); os actos conversacionais também anunciam o que iniciam (actos metacomunicativos); através da força determinante de um acto conversacional, o falante pode antecipar a reacção do ouvinte e assim *conduzir* a conversação (Henne/Rehbock, 1982: 210-211).

[36] Henne/Rehbock (1982) explicam os actos de fala indirectos pela sua determinação a vários níveis, de acordo com as estratégias escolhidas pelos falantes segundo as suas intenções.

[37]1) Os **actos estruturais** têm a função de articular as vezes (*Gesprächsschritte*). Localizam-se no início, no fim ou no meio das vezes e desempenham diferentes funções conforme a sua posição na frase (Henne/Rehbock, 1982: 182 segs.): a) no início, têm uma função iniciativa (*einleitende Funktion*) sujeita a interpretações específicas distintas, p. ex. iniciativa de fecho (*Beendigungsinitiative*), acordo (*Zustimmung*), disposição para a acção (*Bereitwilligkeit*); b) no final e no meio da frase podem ter uma função de

acto conversacional, pertencente ao nível estrutural médio da conversação, resulta da interpretação pragmática dos sinais verbais e não-verbais que a formam. Entre os sinais verbais linguísticos destacam-se as partículas, micro-estruturas da conversação, a sua colocação na frase e a entoação com que são realizadas.

A consideração da sequencialidade dos actos conversacionais foi determinante para a distinção entre vezes (actividades do falante) e não-vezes (actividades de ouvinte) implicou, certamente, uma preocupação com a definição precisa dos papéis de falante e de ouvinte[38], como se verifica em Henne (1979). Esta distinção dos papéis interaccionais é essencial para compreender as motivações interesses de cada um, uma condição para a classificação de certas formas linguísticas, não-linguisticas e não-verbais da comunicação.

Entre os primeiros representantes da *Konversationsanalyse* distinguiram-se Berens (1976), Jäger (1976), Schank (1976, 1981) e Schwitalla (1976a, 1976b, 1979) que realizaram os primeiros trabalhos sobre a conversação no âmbito do *Projekt Dialogstrukturen* em Freiburg, Kallmeyer (1978), que descreveu formas de condução da conversação a um nível estrutural inferior, como as actividades de constituição da conversação, e Bublitz/Kühn (1981), que exploraram a *Aufmerksamskeitsteuerung* (monitorarão da atenção). A investigação da *Konversationsanalyse* dedicou-se não só à análise de conversações do quotidiano, mas também, a par da investigação que segue a perspectiva da Análise do Discurso e da corrente dela derivada *Theorie des sprachlichen Handelns* (Teoria do Agir Linguístico) de Rehbein (1977), ao estudo de conversações em situações institucionais. Por exemplo, Henne/Rehbock (1982) investigam conversações entre vendedor e cliente e Spanz-Fogasy (1986, 1992, 1993) diferentes aspectos das conversações entre médico e doente. Outros estudos incidem sobre a comunicação em firmas (cf. Becker-Mrotzek/Fiehler, 2002). Os resultados destes estudos são aplicados em seminários para a respectiva profissão[39].

Entretanto, a par de *Konversationsanalyse,* encontram-se na Linguística também os termos *Diskursanalyse* (Wunderlich, 1976, Ehlich, 1994, Rehbein, 1983), *Gesprächsanalyse* (Henne/Rehbock, 1982, Brinker/Sager, 1996, Schmitz, 1998a, Müller, 1998), *Dialoganalyse* (Schröder/Steger, 1981) e *ethnometodologische Konversations-analyse* como uma delimitação da *Gesprächsanalyse* orientada para a acção[40]. A

---

solicitação de confirmação (*bestätigungsheischende Funktion*) ou de reforço de informação (*informationsverstärkende Funktion*). Aos actos conversacionais estruturantes do falante correspondem os *Rückmeldungsakte* (actos de retorno) do ouvinte. Estes actos são frequentemente realizados por meios lexicais, que os autores designam por *Gliederungspartikeln* e *Rückmeldungspartikeln* (*ibid.*, 26, 183).

2) Aos **actos temáticos** cabe a função de estabelecer uma relação temática e determinar actos temáticos. Estes podem ser classificados como os actos de fala de Austin e Searle (cf. *ibid.*, 185). São identificados, para além das suas características estruturais, através do seu valor no planeamento da acção. Por outras palavras: o acto de fala indica a intenção, o acto de conversação, a acção. Sendo assim, os actos de fala indirectos podem ser reformulados em termos de um jogo entre acto de fala e acto conversacional (*ibid.*, 186). Cf. também Schwitalla (1976b) e Burkhardt (1982).

[38] Os aspectos relacionados com os papéis de falante e de ouvinte serão descritos mais adiante com algum pormenor (cf. parte II, 2.3).

[39] Para mais exemplos sobre trabalhos nesta área, cf. Becker-Mrotzek (1994: 93).

[40] Cf. Spiegel (1995: 28). Bak (1996: 42, nota 39) enumera todas as designações relacionadas com a análise de "diálogos" (ou monólogos, orais ou escritos): "Für die Forschung des Dialogs bzw. des Gesprächs gibt

designação varia, pois, de autor para autor, conforme a orientação teórica predominante em que se baseia. Os trabalhos da *Diskursanalyse* seguem a orientação da Teoria da Análise do Discurso que será descrita no próximo capítulo. No que diz respeito à distinção entre *Konversationsanalyse* e *Gesprächsanalyse*, parece, neste momento, um pouco arriscado fornecer uma descrição precisa dos princípios teóricos e metodológicos abrangidos por cada um destes termos. É que, por exemplo, a *Gesprächsanalyse* praticada, entre outros, por Müller (1998) e Schmitz (1998a) abrange áreas de investigação empírica de várias disciplinas. Mas, enquanto Müller (1998)[41] analisa a relação entre o significado de certos elementos linguísticos e os gestos, os colaboradores de Schmitz (como Ingenhoff 1998 e Schwalfenberg 1998), da área das Ciências da Comunicação, embora apontem para a necessidade de uma análise integrada de todas as modalidades da conversação, acabam por aprofundar pouco a parte linguística. Talvez se possa partir do princípio de que a *Konversationsanalyse* se ocupa principalmente da modalidade verbal, enquanto a *Gesprächsanalyse* considera também as modalidades não--verbais e a sua relação com a verbal, sendo certamente por isso que "(...) Gesprächsanalyse ist und bleibt ein schwieriges, höchst aufwendiges umd machmal auch mühsames Unternehmen, in dem es weiterhin konkurrierender Ansätze und der Möglichkeit gegenseitiger Ergänzungen und wechselseitiger Korrekturen bedarf" (Schmitz, 1998c: 44).

Além de a cada um destes termos se associar uma determinada orientação teórica, eles também são usados pelos próprios autores para designar a análise da interacção na sua generalidade: por exemplo Schank/Schoenthal (1976)[42] usam o termo *Dialoganalyse*; Ehlich (1994) e Rehbein (1983) utilizam o termo *Diskursanalyse*; Brinker/Sager (1996)[43]

---

es viele Bezeichnungen, wie z.B. *Dialoganalyse* (Hundsnurscher/Weigand 1986, Weigand/Hundsnurscher 1989 usw.), *Dialogforschung* (Schröder/Steger 1981), *Dialoggrammatik* (Hundsnurscher 1980, Weigand 1989a, Franke 1990 usw.), *Dialoglinguistik* (Steger 1976), *Diskursanalyse* (Sinclair/Coulthard 1977), Wunderlich 1976, Levinson 1990 usw.), *Diskursforschung* (Becker-Mrotzek 1992), *Gesprächsanalyse* (Henne-Rehbock 1979, van Dijk 1980, Brinker/Sager 1989 usw.), *Gesprächsforschung* (Kanth 1981, Sucharowski 1985 usw.), *Kommunikationsanalyse* (Loening/Sager, 1986, Ehlich 1991, Rehbein/Mazeland 1991 usw.), *Kommunikationsforschung* (Ungeheuer 1974), *Kommunikationslinguistik* (Becker-Mrotze 1992), *Konversationsanalyse* (Bergmann 1980, Kallmeyer/Schütze 1976, Streeck 1983c usw) usw. (vgl. dazu Sucharowski 1985). Manche von diesen Bezeichnungen, wie z.B. *Dialoganalyse*, *Diskursforschung*, *Gespraechsforschung* usw. werden als Oberbegriff für eine linguistische Teildisziplin vewendet, die sich mit dem Dialog bzw. Gespräch beschäftigt, während durch den Gebrauch einer bestimmten Bezeichnung, wie z.B. *Konversationsanalyse*, *Diskursanalyse*, *Dialoggrammatik*, usw., eine bestimmte Richtung der Teildisziplin verstanden wird. In dieser Arbeit wird der Terminus *Dialogforschung* als Oberbegriff verwendet, während *Dialoggrammatik* eine Richtung der *Dialogforschung* bezeichnet, von deren Theorie und Methodologie diese Arbeit ausgeht".

[41] cf. parte I, 2.6.3.4.

[42] Schank/Schoenthal (1976) acentuam a identidade do tempo e do lugar como elementos constitutivos da categoria diálogo: "Unter Dialog/Gespräch verstehen wir kommunikatives Handeln zwischen mindestens zwei Personen, die (1) simultan, d.h. zu gleicher Zeit, (2.a) am gleichen Ort anwesend sind oder (2.b) über einen technischen Kanal in Verbindung stehen, so dass jederzeit eine Übernahme der Sprecherrolle durch jeden der Teilnehmer möglich ist, wobei (3.) die Aufmerksamkeit auf ein gemeinsames Thema gerichtet ist (*ibid.*, 64).

[43] Brinker/Sager (1996: 9-11) defendem o uso do termo *Gespräch* para designar "eine begrenzte Folge von sprachlichen Äusserungen, die dialogisch ausgerichtet ist und eine thematische Orientierung aufweist" Brinker/Sager (1996: 11). Os autores argumentam que o termo *Dialog* refere uma conversa séria sobre um tema importante; *Konversation*, a conversação convencional, superficial e descomprometida; por sua vez, a

preferem referir-se a *Gesprächsanalyse*. Esta falta de homogeneidade pode dar origem a grandes confusões quando se desconhece a tradição teórica seguida (cf. Ehlich, 1994: 9). Recentemente, os termos *Gesprächsanalyse* e *Gesprächsforschung* encontram-se generalizados para referir o estudo da interacção face a face que abrange não só a língua, mas também a prosódia e os movimentos do corpo. Esta linha de investigação, praticada no *Institut für Gesprächsforschung* em Mannheim, está, presentemente, em grande actividade, como indicam os inúmeros colóquios e seminários que se têm vindo a realizar nos últimos anos. Os temas mais tratados são a expressão corporal, a voz e a prosódia, a sintaxe da língua falada, a constituição de significado, a organização da conversação e a constituição da acção. Além disso, a revista *Gesprächsforschung*[44], organizada por Deppermann, Habscheid, Hartung e Klem, disponível on-line a partir de 2000, assim como a lista de contactos em constante inter-colaboração, vêm motivar e facilitar a pesquisa nesta área, também a nível internacional e intercultural.

Embora a principal preocupação da Análise Conversacional Etnometodológica norte-americana não fosse a análise da língua, mas sim a descrição das regras sociais, os trabalhos dos anos 80 na Alemanha que seguem esta perspectiva teórica, por influência da teoria dos actos de fala e de outras subdisciplinas da linguística, focaram também características do uso da língua (cf. Bergmann, 1981: 33). Esse desenvolvimento, assim como o modo como a metodologia da Análise Conversacional Etnometodológica foi adoptada pelos linguistas - aceitação e generalização imediata dos resultados obtidos nos primeiros trabalhos - foi criticado por alguns autores (cf. Schmitz, 1998a: vii segs.). Essa generalização resulta certamente do facto de o trabalho de análise de conversações ser uma tarefa complexa e difícil de repetir nos mesmos moldes. Dada a dificuldade na obtenção de *corpora* idênticos no que diz respeito a situação, contexto, características dos participantes, etc., muitas experiências não foram repetidas de um modo idêntico.

Na Grã-Bretanha, devido à posição dominante da Análise do Discurso e da Linguística de Texto de Halliday (1978b) e Halliday/Hasan (1989), a Análise Conversacional Etnometodológica foi relativamente pouco praticada. Destacam-se Atkinson/Heritage (1984) e Heritage (1984, 1985, 1989, 1995). A necessidade de recorrer a análises nesta perspectiva está sobretudo ligada à Sociolinguística e é representada pela pesquisa da comunicação intercultural que foca o aspecto da discriminação social (cf. Watts, 1994: 53).

Na Suécia, a pesquisa da interacção foi sobretudo influenciada por Heritage, Atkinson e Drew e pela Análise Conversacional Etnometodológica norte-americana. Foram, neste âmbito, realizados inúmeros trabalhos sobre conversações assimétricas em situações institucionalizadas (escolas, hospitais, etc.), de onde se pretendeu ressaltar as estruturas de organização da interacção verbal (cf. Gunnarsson, 1994: 26). Nos anos 70 e 80 lançaram-se vários projectos de investigação em várias universidades. Formou-se a FUMS (Unidade para Estudos Avançados do Sueco Moderno) na Universidade de

---

palavra *Gespräch* tem um significado mais neutro, sendo, por isso, mais apropriada para designar o objecto da análise linguística da conversação: "Wir geben deshalb auch dem Terminus "Gesprächsanalyse" den Vorzug vor den konkurrierenden Bezeichnungen "Dialog-" oder "Konversationsanalyse" (*ibid.*, 10).

[44] http://www.gespraechsforschung-online.de

Uppsala, em que, com base na teoria da Análise Conversacional Etnometodológica e na Teoria da Contextualização[45], foram investigados vários tipos de interacções assimétricas[46].

Um exemplo das tendências mais recentes da análise da interacção na Suécia é a Análise da Comunicação baseada na Actividade (*Activity-based Communication Analysis* - ACA), um modelo de investigação híbrido, desenvolvido por Allwood e os seus colaboradores (Allwood/Ahlsén, 1999). É uma orientação interdisciplinar que envolve a Filosofia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia. A ACA parte do princípio de que os aspectos comunicativos de uma actividade são determinados por factores colectivos (como objectivo da actividade, contexto institucional e físico, etc.) e factores individuais (objectivos individuais, bases biológicas, psicológicas e sociais, como por exemplo, sexo, educação, estrato social, etc.). Estes factores influenciam não só os padrões de interacção (alternância de vez, sequências de vezes, etc.), mas também os tipos de expressão linguística e o modo como as expressões são usadas e interpretadas nas actividades. No projecto *Spoken Language and Social Activity*, que parte de um programa de pesquisa sobre semântica e língua falada, em curso na Universidade de Göteborg[47], utiliza-se este modelo na análise da língua falada em vários tipos de actividade social, tanto profissional, como não-profissional.

Na Suíça alemã destacam-se os trabalhos realizados por Werlen e os seus colaboradores (cf. Werlen, 1994: 167). Desde 1986 têm sido contemplados no âmbito de um projecto, comportamentos comunicativos específicos, como conversações de *mass media* e conversações entre médico e paciente (*ibid.*). No entanto, os trabalhos realizados na Escola de Genebra, seguem a teoria da Análse do Discurso. Na Holanda a pesquisa incide sobre conversações que ocorrem em diferentes tipos de interacção e de contextos (cf. Sauer, 1994: 72 segs.). Nos países de língua românica, a perspectiva da Análise Conversacional Etnometodológica teve relativamente pouca adesão: em França, esta corrente foi sobretudo adoptada pelas áreas da Psicologia e Psicolinguística na pesquisa da aquisição de L2 (cf. Bange, 1994: 181). Nas restantes investigações, predomina uma orientação da Análise do Discurso.

Em Portugal, não se pode ainda falar de uma recepção da Análise Conversacional Etnometodológica. Destacam-se alguns trabalhos realizados ou por romanistas alemães ou por investigadores portugueses que, seguindo orientações teóricas de investigadores alemães, se interessaram pelas características da língua falada, adoptando esporadicamente algumas noções relativas à organização da conversação: Scotti-Rosin (1983), Harden (1989), Schmidt-Radefeldt (1993, 1996), Martins (1987) (cf. Rodrigues, 1998: 62-69). Esta fraca representação da língua falada deve-se à tradição não só da área da linguística, mas também das áreas vizinhas - Psicologia, Sociologia e Antropologia - que, em Portugal não dão grande atenção a fenómenos ligados à interacção verbal. Em Rodrigues (1998), encontra-se uma primeira reinterpretação da teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, que consiste num estudo sobre os sinais

[45] Cf. parte I, 1.4.2.
[46] Mais informações sobre a investigação da interacção na Suécia em Gunnarsson (1994: 26 segs.).
[47] http://www.ling.gu.se/projecto/SLSA

conversacionais e em que se dá especial atenção à função de alternância de vez[48]. Alguns aspectos desta teoria foram focados por Fonseca (1994: 111 segs.), numa abordagem da dimensão accional da linguagem e do discurso.

Muitos trabalhos mais recentes seguem um modelo teórico híbrido, baseado nesta orientação teórica, sobretudo no que diz respeito à organização e regulação da interacção, e noutros conceitos provenientes de áreas vizinhas. Alguns destes casos serão descritos com maior pormenor nos capítulos 2, 3 e 4 deste trabalho.

1.3 Orientação linguístico-pragmática

Para registar há ainda outras áreas disciplinares que se interessaram pela interacção, sobretudo pelo facto de esta representar uma situação de actividade linguística. Foi isso que aconteceu na área da antropologia linguística britânica por influência de Pike (1967a), que define o discurso como o resultado de um processo interactivo no contexto sócio-cultural. Pike desenvolveu a teoria a que chamou Tagmémica[49], como instrumento de análise que lhe permitiu considerar os aspectos transfrásicos da actividade linguística e dar conta de diversos níveis hierárquicos e das relações funcionais entre esses níveis. Segundo Lörscher/Schulze (1994: 52), este tipo de análise do discurso teria sido o precursor da Análise do Discurso actual[50]. O objecto de análise não é, porém, a conversação, como no caso da Análise Conversacional, mas o discurso, termo genérico que abrange todo o acontecimento comunicativo monológico, dialógico, literário e não-literário. Esta corrente é, por isso, designada por teoria da Análise do Discurso, perspectiva que, ao contrário da teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, se mostrou, inicialmente, pouco receptiva a questões ligadas à organização da interacção, à construção simultânea da interacção pelos participantes, à constante negociação entre estes sobre a orientação a dar à conversação, às relações interpessoais, à prosódia e à comunicação não-verbal.

1.3.1 A Análise do Discurso

Em Rodrigues (1998: 12-13, 17 segs.), apresentei, em linhas gerais, as principais características e objectivos dos grupos de investigadores da Grã-Bretanha e de Genebra, que representam uma primeira fase da Análise do Discurso. Passo, em seguida, a relembrar o essencial de cada uma destas perspectivas de investigação.

---

[48] Estes sinais e as suas respectivas funções em vários planos da língua, serão descritos na parte I, 4.2.

[49] **Tagmémica** é a teoria gramatical que procura integrar um comportamento linguístico e não-linguístico e parte de unidades de comportamento - ***behavioremes*** - verbais e não-verbais, que se devem entender como *slots* (i. e. posições) estruturantes, que se destinam a ser preenchidas por determinadas classes de palavras (Pike, 1967b: 121) Um behaviorema verbal é o ***uttereme***. O ***tagmeme***, *a verbal motifemic-slot-class-correlatives* (Pike, 1967b: 196), é a unidade complexa composta de função e forma, a correlação entre o *slot* (o lugar para preencher) e o *filler* (*ibid.*, 196). Sobre a teoria tagmémica do discurso, cf. também Edwards (1996).

[50] "Diskursanalysen in diesem Sinne können in wissenschaftshistorischer Sicht allenfalls als Vorläufer in Methode und theoretischem Grundanliegen gegenüber zeitgenößischen Ansätzen betrachtet werden" (Lörscher/Schulze, 1994: 52).

1.3.1.1 A Análise do Discurso Britânica

Na Escola britânica distingem-se duas linhas de orientação: uma, representada, entre outros, por Halliday/Hasan (1989), segue a Linguística de Texto[51]; outra, praticada por Sinclair/Coulthard (1975) e por Coulthard/Brazil (1979), analisa discursos dialógicos no contexto de situação "aula". Com vista à construção de um modelo funcional de análise do discruso didáctico, é isolado um número de categorias básicas do discurso e formulado um conjunto de regras de concatenação que operam sobre essas categorias, permitindo distinguir sequências bem formadas (discursos coerentes) e sequências mal formadas (discursos incoerentes). Este modelo considera várias áreas (organização não-linguística, discurso e gramática), cada uma composta por várias unidades hierarquicamente organizadas. As unidades do discurso são: a *lesson* (lição), formada por *transactions* (transacções), composta por *exchanges* (trocas sequências de intervenções), que podem ser divididas em *moves* (intervenções) e, estas, por sua vez, em *acts* (actos de fala) (cf. Sinclair/Coulthard, 1975: 24). Cada unidade é classificada relativamente à sua estrutura interna e à função que desempenha na unidade hierarquicamente superior. Um exemplo é a estrutura de sequências IRF (*Iniciation - Response - Feedback*), em que I determina R e R vem em resposta de I; por sua vez, F fecha a sequência de vezes. Devido a esta divisão rígida em hierarquias e em função de um modelo de sequencialidade, o discurso[52] não pode ser abordado como uma construção recíproca resultante das actividades conjuntas de falante e ouvinte, em que as unidades surgem em sequências mais ou menos esperadas, ou até mesmo inesperadas. Na Análise do Discurso, as unidades discursivas ficam condicionadas (e dominadas) pelo iniciador, pelo acto nuclear da iniciação. Como comentam Lörscher/Schulze (1994: 61), o discurso não é compreendido como um produto de uma negociação da realidade, mas como um produto rigidamente estruturado, como uma realidade composta. Além disso, este modelo só permite uma aproximação limitada do discurso, porque a interacção do tipo professor-aluno, condicionada pelo tipo específico de relação entre os interactantes, apresenta estruturas que não se encontram numa conversa natural espontânea. Sendo assim, os comportamentos encontrados não se podem generalizar para outros tipos de conversação.

1.3.1.2 A Escola de Genebra

A Escola de Genebra desenvolveu-se com Roulet (1980), Roulet *et al.* (1985), Moeschler (1982, 1985, 1987, 1989) e Auchlin (1985). Esta corrente teórica conjuga o modelo hierárquico-funcional da *Discourse Analysis* com a teoria dos actos de fala de Austin (1962) e Searle (1984), as máximas de Grice (1975), a perspectiva da interacção de Goffman (1971) e a teoria da Argumentação de Ducrot (1980). O recurso aos conceitos de força ilocutiva, do princípio de cooperação e das máximas conversacionais (cf. Grice,

---

[51] Dois conceitos importantes desenvolvidos nesta perspectiva são o de **coesão** (boa-formação estrutural do discurso para além do nível de frase) e o de **coerência** (referente à ordem do conteúdo do discurso) (cf. J.Fonseca, 1992: 7 segs.). Nesta área destacam-se também van Dijk (1976, 1980) e Beaugrande/Dressler (1981).

[52] O discurso do tipo 'aula', como a 'entrevista', é uma situação de interacção específica, não pode ser considerado uma interacção natural e espontânea.

1975: 45-46), de implicatura conversacional[53], pressuposição, inferência e subentendido[54] permitiu dar conta de questões que se encontram para além da boa ou má formação de frases. A interpretação dos enunciados de acordo com a sua direcção e força argumentativa[55] levou à consideração dos marcadores ou operadores argumentativos[56], representados pela classe das conjunções, a que foi atribuída a função de estabelecer ligações entre as informações contidas nos actos do enunciado. As relações interpessoais foram explicadas com base na investigação de Goffman[57]. As unidades do discurso - *incursion, transaction, échanges, interventions* e *actes de langage* (cf. Moeschler, 1987: 133) - são idênticas às da Análise do Discurso britânica. Uma diferença importante entre estas duas perspectivas, é que, na Escola de Genebra se distingue um constituinte director ou principal (CD) - que comporta a função argumentativa da conclusão, realizado por um constituinte intervenção (ID), ou acto de fala (AD) - e um constituinte subordinado (CS), realizado por uma *échange* (ES), intervenção (IS) ou acto de fala (AS). O modelo compreende ainda uma componente sintáctica, que fornece as regras para a boa formação das sequências dos constituintes, e uma componente semântica, que proporciona as interpretações das funções ilocutivas[58] que ligam as intervenções.

---

[53] Cf. Grice (1975: 49-50). A **implicatura conversacional** é gerada pela violação das máximas conversacionais: por exemplo, o facto de, num determinado contexto, um falante não respeitar a máxima da relação e responder a uma pergunta com outra pergunta poderá implicar que, embora pretenda colaborar com o outro parceiro de interacção, prefere não contribuir com informações sobre o tema em questão. Opõe-se à **implicatura convencional**, em que é o significado convencional das palavras que determina o que é implicado, como por exemplo no caso de expressões idiomáticas.

[54] A **inferência** é vista como ligada às crenças relativas à realidade, às relações entre os factos e pode ser de dois tipos de natureza diferente: **pressuposição**, que revela uma relação estreita com as construções sintácticas gerais, ou **subentendido,** que não tem relação com a sintaxe e que é aquilo que o ouvinte interpreta ou conclui do enunciado do falante (cf. Levinson, 1983: 169; Anscombre/Ducrot, 1988).

[55] De acordo com Anscombre/Ducrot (1988), os encadeamentos argumentativos num discurso estão ligados à estrutura linguística dos enunciados que devem ser tratados sob o ponto de vista de influências, ou seja, do modo como o falante influencia o ouvinte. Estas influências são realizadas através da argumentação: "un locuteur fait une argumentation lorsqu'il présente un enóncé E1 (ou un ensemble d'enoncés) comme destiné à en faire admettre un autre (ou un ensemble d'autres) E2" (Anscombre/Ducrot, 1988: 8). Neste contexto, destacam-se o **acto de argumentar**, que determina as possibilidades de encadeamento argumentativo, e o **acto de inferir**, que consiste numa dedução de um facto preciso que conduz à realização do seu enunciado.

[56] Estes dispositivos do discurso serão referidos com mais pormenor na parte I, 4.2.

[57] Cf. parte I, 1.2.2.

[58] Como se refere em Rodrigues (1998: 18-19), as **funções ilocutivas** "são determinadas pelo constituinte a seguir à primeira intervenção da *échange*; as *funções interactivas* são dadas pelo constituinte principal de uma intervenção. Tanto as funções ilocutivas como as interactivas são determinadas a partir do encadeamento das intervenções, i.e., das sequências de intervenções. Este encadeamento é tratado como dependente de obrigações, ou seja, de restrições sequenciais (*contraintes séquencielles*). Numa reestruturação posterior a este modelo (cf. Moeschler 1989, 1994: 81), são referidas estratégias respeitantes às obrigações de encadeamento com vista à boa-formação dos respectivos constituintes, talvez numa tentativa de aproximar o modelo da realidade interactiva. Em cada uma destas estratégias (interactivas ou ilocutivas, conforme se encontrem ao nível das intervenções ou ao nível das sequências de intervenções), o falante está sujeito a condições temáticas, condições de conteúdo proposicional, condições ilocutivas e condições de orientação argumentativa, que obedecem a determinados princípios. Será então o grau de cumprimento das estratégias que determina o grau de coerência/coesão da sequência. Por outras palavras, quanto maior for a adequação contextual, maior será o grau de coerência/coesão. Por sua vez, a adequação contextual da ligação dialógica depende da interpretação do constituinte iniciativo (cf. Moeschler, 1994:83)".

Apesar de esta perspectiva teórica ter contribuído com conceitos importantes para a análise da interacção verbal, não deixa de poder ser criticada, como foi referido em Rodrigues (1998: 20). Os pontos fracos são os seguintes: 1) "as categorias e os métodos de análise utilizados estão de tal modo presos ao modelo hierárquico que a sua aplicação se torna demasiado complexa" (*ibid.*); 2) as unidades e categorias de análise não proporcionaram um "instrumental teórico capaz de dar conta da globalidade das características dinâmicas da conversação, da negociação constante e em simultâneo por parte do falante e do ouvinte sobre a orientação a dar à conversação" (*ibid.*); 3) "não foi considerada a possibilidade de um sinal discursivo poder desempenhar mais do que uma função ao mesmo tempo" (*ibid.*); e 4) "tanto os comportamentos não-linguísticos, como a prosódia e certas vocalizações, como os não-verbais (gestos, mímica, olhar e outros movimentos do corpo) foram ignorados. Trata-se de uma teoria que se ocupou exclusivamente dos aspectos verbais da língua (falada)" (*ibid.*).

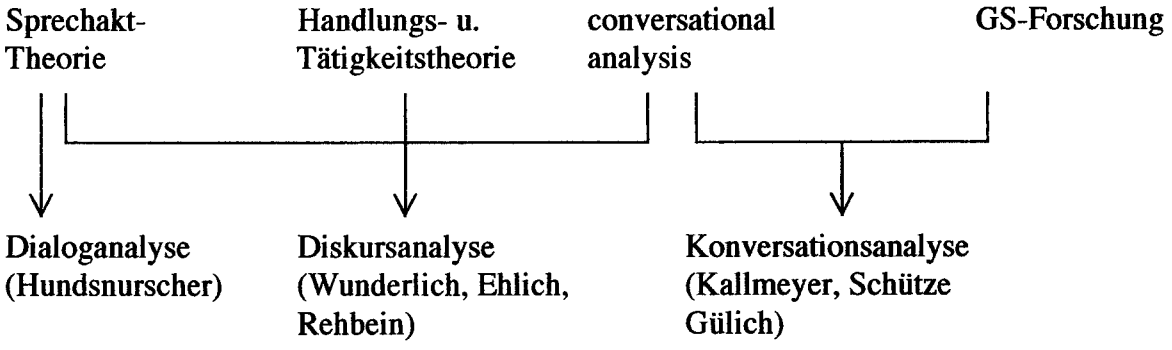
1.3.2 O desenvolvimento da Análise do Discurso e a sua recepção na Europa

O modelo de Genebra também foi seguido por um grupo de Lyon (cf. Bange, 1994: 180). Kerbrat-Orecchioni (1986, 1990) adoptou o essencial desse modelo para descrever a organização da conversação e apoiou-se sobretudo na noção de ritual de Goffman para descrever as relações interpessoais. A procura de uma síntese e, como refere Bange (1994: 180), uma tendência para um sincretismo, estão patentes em Kerbrat-Orecchioni (1992), obra em que também salienta a importância da comunicação não-verbal. Esta orientação teórica também foi adoptada pelo psicólogo e etólogo Cosnier, que trata igualmente aspectos não-verbais da comunicação (Cosnier/Huyghues-Despointes, 2000) e por Plantin, que estuda as relações da comunicação não-verbal com a emoção e a fala em diferentes situações de interacção (Plantin/Doury/Traverso, 2000).

Como já se pode verificar a partir destes trabalhos, a Análise do Discurso foi sofrendo algumas modificações positivas em termos da sua adequação à realidade interaccional, talvez por alguma influência da teoria da Análise Conversacional. Outros exemplos são Stubbs (1989), Schiffrin (1987) e Stenström (1994), que, em ordem crescente, se servem de noções relativas à organização da conversação e ao sistema de alternância de vez e ao papel activo do ouvinte para a descrição dos sinais do discurso (cf. Rodrigues, 1998: 20--22, 58-60). Esta tendência de ampliação manifesta-se não só noutros países que receberam esta teoria, mas também nos próprios trabalhos desenvolvidos pelos representantes da Escola de Genebra (cf. Roulet *et al.*, 2001).

Na Alemanha, a Análise do Discurso desenvolveu-se a par da Análise Conversacional Etnometodológica, aliás, como atrás mencionado, sob novas orientações e designações. Enquanto a teoria dos actos de fala era recebida por Wunderlich (1975) e reinterpretada e continuada por Hundsnurscher (Hundsnurscher/Weigand, 1986, 1989) na *Dialoganalyse*, formava-se a *funktionelle Pragmatik* (Ehlich/Rehbein, 1977) e a *Theorie des sprachlichen Handels* (Rehbein, 1977), que também considera alguns princípios da

Análise Conversacional Etnometodológica, como indica o seguinte esquema de Becker-Mrotzek (1994: 88) referente à *Diskursforschung*[59]:



Segundo este esquema, a *Dialoganalyse* é uma continuação da teoria dos actos de fala, dentro da qual muitos aspectos do trabalho de Searle foram criticados e ampliados, como já foi atrás referido. A *Diskursanalyse*, por sua vez, está ligada à formação da *Theorie des sprachlichen Handelns* (Teoria do Agir Linguístico). Compreende o *Diskurs* como acções sociais básicas, causadas por exigências sociais do agir, cuja consideração é indispensável para a avaliação e análise das primeiras (cf. *ibid.*, 89)[60]. A Análise do Discurso procura explicar o que determina as formas de acção linguística usadas pelos falantes conforme os seus objectivos do agir. Para investigar diferentes objectivos de acção, observaram-se sobretudo discursos em contextos institucionais. Na grande maioria dos casos, não são consideradas formas de comunicação não-verbal, embora se tenha verificado recentemente a tendência para a sua inclusão na análise (cf. Rehbein *et al.*, 2001).

Os tipos de discurso mais investigados por estas correntes foram a narrativa (Rath, 1981, Quasthoff, 1981), conversações em hospitais, comunicação entre médico e paciente, entre vendedor e cliente, em firmas e em outros tipos de situação de interacção (cf. Becker-Mrotzek, 1994: 92-93; Becker-Mrotzek-Fiehler, 2002). No IDS (*Institut für Deutsche Sprache*), em Mannheim, têm também sido desenvolvidos vários projectos focando diferentes aspectos das conversações em diferentes situações, como por exemplo a *power related language*, investigação ligada à área da psicologia (Thimm/Rademacher/Augenstein, 1994, Rademacher/Augenstein/Kruse, 1996). Uma outra área mais antiga ligada à Análise do Discurso alemã é a investigação linguístico-pragmática das unidades "mais pequenas" típicas da língua falada, como as partículas modais, os *Gesprächswörter* e outras[61].

Na área da Linguística românica europeia, predomina a orientação teórica da Análise do Discurso, talvez pelo acesso mais fácil às obras em língua francesa por parte dos romanistas. Isto constata-se sobretudo para o italiano (Bazzanella, 1985, 1995, Bazzanella/Fornara, 1995) e para o português europeu, em que os trabalhos de Análise do

[59] *Diskurs* refere-se aqui à interacção verbal na sua generalidade.
[60] Para um resumo das características da *Diskursanalyse*, cf. Becker-Mrotzek (1994: 94-95).
[61] Cf. parte I, 4.2.

Discurso aplicados ao discurso oral são ainda esporádicos (cf. Carreira, 1997, 2001, Martins, 1998; Morais, 2002 e Silva, 2002). Os trabalhos orientados para o discurso escrito reflectem a orientação teórica da Linguística de Texto e da teoria da Argumentação (cf. Barros, 1986, Matos, 1986, 1999, Duarte, 1989, Fonseca, 1981, 1992, 1993, 1994, Ramos, 1996, Pinto, 1997). Em contrapartida, entre os linguísticas espanhóis (catalães), já se nota uma abertura para a Teoria da Análise Conversacional e para a recolha de *corpora* orais (cf. Tusón Valls, 1997; Calsamiglia Blancafort/Tusón Valls, 1999; Payrató, 1998a, 1998b, Payrató/Alturo, 2002).

1.4 Orientação antropológico-etnográfica

A interacção também representa uma fonte de informação sobre fenómenos típicos de uma cultura. A perspectiva de observação de teor antropológico procura filtrar de uma situação de comunicação todos os elementos que tenham a ver com questões de competência cultural. Essa competência cultural faz parte dos conhecimentos compartilhados pelos membros de um grupo, em que eles se baseiam para fazer as suas pressuposições. São estas as linhas gerais da Antropologia (Social, Cultural e Linguística), cuja investigação forneceu os pilares teóricos fundamentais para o desenvolvimento da Teoria da Contextualização.

1.4.1 Antropologia Cultural e Antropologia Linguística

As vertentes sócio-cultural e linguística da Antropologia interessaram-se pela interacção do ser humano, com o objectivo de estudar a interpenetração entre os componentes verbais e os não-verbais na interacção, sendo a comunicação não-verbal vista dentro de uma matriz de competência ou de convenção cultural.

Ao contrário do que fez uma parte dos etólogos, os antropólogos sociais (Birdwhistell, 1970) não tomaram em linha de conta a universalidade dos movimentos expressivos. Para alguns, mais extremistas, todo o comportamento não-verbal é o produto da cultura, não é inato nem herdado; outros limitaram-se a constatar semelhanças básicas na comunicação não-verbal de várias culturas (Leach, 1972: 331; cf. também Feyereisen/Lannoy, 1991: 27 segs.).

Enquanto os etólogos vêem os componentes comunicativos dos rituais como resultado de um processo evolutivo (ontogenético e filogenético), os antropólogos estabelecem analogias entre a comunicação não-verbal e linguística, sugerindo que as rotinas simbólicas, como a não-fala[62], são causadas pela tendência inata do ser humano para organizar todo o seu comportamento comunicativo do mesmo modo que organiza o sistema de língua, ou seja, gramaticalmente (Leach, 1972: 328-329). Por esta razão, à semelhança do que se passa com a língua, os antropólogos atribuem ao comportamento não-verbal uma gramática própria, com regras sintácticas (em menor quantidade, mas

[62] Por exemplo, Lyons (1972: 64), introduzindo uma comunidade imaginária que adoptou uma linguagem não-falada, mostrou que, para falar como um nativo, é preciso agir como um nativo. Leach (1972: 317) propõe o termo "non-speech" para referir a "meaningful action which is peripheral to speech action".

mais explícitas e complexas do que as regras da língua, pelo facto de a comunicação não-verbal se realizar através de vários canais) (*ibid.*, 317). Assim, as expressões faciais que surgem em várias culturas são comparáveis às unidades da língua, pois têm significados diferentes conforme os elementos a que se associam e a cultura em que ocorrem.

Na vertente linguística da Antropologia, fundada por Boas (1913, 1982 [1940], 1996) e Sapir (1949, 1967), dá-se especial atenção à relação língua-pensamento-cultura. A observação das relações de interdependência entre estes três domínios permite aos investigadores desta área descobrir diferenças culturais existentes entre várias comunidades, cujas marcas se verificam tanto a nível linguístico como a nível de pensamento. Um exemplo são os estudos realizados sobre as estratégias discursivas de cortesia, que são utilizadas em todas as culturas, mas, em cada uma delas, de um modo específico. A Antropologia acentua a diferença, a diversidade, enquanto outras disciplinas mostram mais o comum e o universal (cf. Duranti, 1997). Foi num quadro antropológico que Efron (1972 [1941]) desenvolveu os seus estudos comparativos sobre os gestos[63] e Kendon, em inúmeras obras, explorou várias formas de comunicação não-verbal[64].

A Etnografia da Comunicação é outra corrente antropológica que começou a desenvolver-se nos anos 60 com Gumperz/Hymes (1964) e Gumperz (1971). Para estes, a competência linguística é parte do conjunto de conhecimentos e capacidades que compõem a competência comunicativa, sendo esta, por sua vez, parte da competência cultural. Isso significa que um grupo cultural ou uma comunidade linguística compartilha um repertório verbal, assim como padrões ou hábitos de uso desse repertório. A comunicação ou relações de comunicação entre os membros de um grupo cria uma relação de coesão entre os indivíduos. É um entendimento da sociedade a partir da interacção, o fenómeno que reflecte a realidade sócio-cultural dos grupos humanos, a sua organização e estrutura. Desta orientação teórica resultou a Teoria da Contextualização, uma nova perspectiva de abordagem da interacção.

1.4.2 Teoria da Contextualização

A Teoria da Contextualização desenvolveu-se em meados dos anos 70. Esta designação foi introduzida pelo sociólogo Gumperz (1982) para identificar a nova corrente em que a noção de contexto é essencial. O contexto refere-se a um conceito sócio-cultural, à maneira como os indivíduos que fazem parte de um grupo ou subgrupo dão significado aos parâmetros físicos (lugar e tempo) de uma situação e do que aí sucede num dado momento. Para Goodwin/Duranti (1997: 6), contexto é um fenómeno socialmente construído, interactivamente mantido e limitado no tempo. Seguindo uma orientação etnográfica, Gumperz estuda aspectos da fala, como a prosódia (entoação, padrões rítmicos, etc.), geralmente excluídos da análise linguística, e verifica que há variáveis que co-ocorrem simultaneamente a nível fonológico, morfológico, sintáctico e semântico e que são comunicativamente relevantes (Gumperz, 1992b: 40). Essas co-ocorrências surgem com certa regularidade e são socialmente condicionadas, construídas sobre o

[63] Cf. parte I, 2.6.3.1.
[64] Cf. parte I, 2.2.5, 2.5, 2.6.3.3, 3.4.1.

conhecimento compartilhado dos participantes ou sobre as pressuposições associadas a um repertório de variantes, paradigmaticamente organizadas para atingir determinados fins comunicativos. Uma das suas características mais importantes é a de apoiar as estratégias comunicativas dos parceiros da interacção (*ibid.*, 41). A essas variáveis chama *contextualization cues* (pistas de contextualização), que define como os meios formais através dos quais os participantes contextualizam a língua, ou seja, todas as actividades dos participantes que tornam ou mantêm relevante qualquer aspecto do contexto[65], o reavivam ou cancelam, aspecto que é responsável pela interpretação de um enunciado (cf. Auer, 1992: 4). A noção de contextualização implica um entendimento de contexto como um fenómeno flexível e reflexivo, ou seja, um fenómeno que está continuamente sujeito a redefinições ou reformulações e que é tornado disponível pelos esforços conjuntos dos parceiros da interacção (*ibid.*, 21-22).

O conceito de pista de contextualização tem características comuns com a noção de *frame* (moldura)[66] de Goffman (1974) e à de metacomunicação de Bateson (1956. cit. *in* Kendon, 1990: 17)[67], na medida em que fornece ao parceiro da interacção as informações necessárias para a interpretação dos enunciados do modo intendido pelo outro parceiro (cf. Auer, 1992: 23). Distingue-se da Etnometodologia e da Teoria do Contexto por delimitar o seu objecto de investigação a formas não-referenciais e não-lexicais, ou seja, à prosódia, à comunicação não-verbal, como o gesto, a postura e o olhar, e a todos os elementos verbais que não façam parte do léxico, como a variação linguística (estilo de fala). Assim, desta perspectiva de observação ficam excluídas formulações que explicitam essas indicações de contextualização (*ibid.*).

Os aspectos do contexto disponibilizados pelas pistas de contextualização podem pertencer a vários níveis da interacção e relacionar-se com diferentes aspectos: a uma actividade micro-estrutural como o acto de fala, ao tom com que essa actividade é realizada, ao tema da interacção e aos papéis de falante e ouvinte, etc., à relação social entre eles, à relação entre o falante e a informação que ele fornece através da língua (modalidade) e o estatuto da interacção em foco (cf. *ibid.*, 4). Outros exemplos são a comutação de código (*code switching*), mudanças da qualidade da voz ou da língua utilizada, que constituem indicações de que qualquer coisa se alterou ou vai alterar, influenciando, por essa razão, a compreensão: "The mere fact (usually abrupt) of changing one (or more than one) aspect of the interaction may be enough to prompt an inference about why such a thing happens" (*ibid.*, 31).

As características das pistas de contextualização são, então, as seguintes: a) a marcação de padrões de contraste de co-ocorrências verbais e não-verbais que são percepcionados e descodificados pelo ouvinte; b) a natureza semiótica, que torna possível processos de inferência por parte dos parceiros da interacção; c) a redundância de codificação, ou seja, co-ocorrência de várias pistas (linguísticas, prosódicas, não-verbais), que facilita o

---

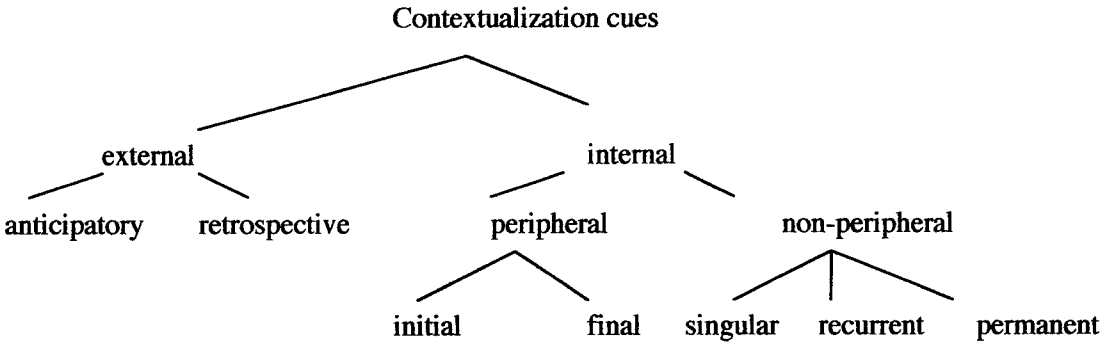
[65] Para várias definições de contexto, cf. Calsamiglia Blancafort/Tusón Valls (1999: 101-132). Na perspectiva antropológica, fala-se de contexto de situação, que engloba as pessoas com que se fala, os temas que se tratam e o lugar onde se está.

[66] Este conceito será tratado na parte II, sob 5.2.2.1.

[67] Cf. parte I, 4.1.4.

processo de inferência; d) o seu carácter não-referencial, que, embora não permita que sejam directamente interpretadas, por ter uma base de significado inerente, influencia o processo de inferência e a interpretação da actividade (cf. *ibid.*, 30). Essa base de significado potencial das pistas de contextualização pode ser convencionalizada (como a comutação de código), arbitrária (como o uso de contornos entoacionais de acordo com a situação), ou natural (como a entoação descendente no final da vez) (*ibid.*, 33). Nas palavras de Gumperz, "conversational interpretation is cued by empirically detectable signs, contextualization cues, and that the recognition of what these signs are, how they relate to grammatical signs, how they draw on social-cultural knowledge and how they affect understanding, is essential for creating and sustaining conversational involvement and therefore to communication as such" (Gumperz, 1992b: 42).

As pistas de contextualização podem, ainda, desempenhar mais do que uma função em simultâneo, e o seu significado depende dos contextos precedente e subsequente. É este aspecto que Auer (1992: 34) salienta quando se refere ao carácter de indexação dupla das pistas de contextualização: indiciam não só um esquema de contexto relacionado com a alternância de vez e com a organização de tópicos ou tipo de actividade, mas também outro, relacionado com a posição sócio-cultural dos parceiros de interacção: "There is, then, a double indexing of contexts at the two levels, which is done simultaneously with the same cues" (*ibid.*, 35). Atendendo a que a posição das pistas de contextualização relativamente ao enunciado é importante para a sua interpretação, Auer (*ibid.*, 25-28) distingue os seguintes pontos relevantes:



Segundo este esquema, a contextualização pode ocorrer em posição externa ou interna relativamente ao conteúdo relevante. No primeiro caso, se for antes do conteúdo relevante é antecipatória, se for depois deste, é retrospectiva. A contextualização interna ocorre durante o contexto relevante e pode encontrar-se, em relação a este, em posição periférica inicial ou final ou em posição não periférica. Um exemplo de contextualização periférica inicial são os ataques elevados de novas unidades prosódicas[68] que assinalam a introdução de um novo tópico; por sua vez, os contornos entoacionais no final da frase que marcam a completação da vez são pistas de contextualização periférica final. As pistas de contextualização não-periféricas podem ser singulares (mais extensas, como, por exemplo, um gesto que acompanha um enunciado), recorrentes (que mostram a

[68] O conceito de unidade prosódica encontra-se explicado sob I, 3.3. Cf. também parte I, 2.3, nota 9.

relevância de um contexto, remarcando-o) e permanentes (como a postura, a qualidade da voz, etc.).

Gumperz defende, também, que a noção de contextualização tem implicações significantes para a nossa compreensão sobre o que significa cultura: "Traditionally, anthropologists speak of culture in terms of shared meaning or shared interpretive practices or shared cognitive structures. Our discussion points to the importance of shared typifications that enter into the signaling and use of activity types in interaction, as well as systems of contextualization conventions" (Gumperz, 1992b: 51).

Os trabalhos desenvolvidos segundo esta orientação teórica contribuíram de um modo muito positivo para a compreensão do funcionamento da interacção, sobretudo no que diz respeito à relação entre as outras modalidades de comunicação que com elas podem ocorrer para atender aos objectivos de comunicação dos participantes (cf. Auer/Di Luzio, 1992, Couper-Kuhlen/Selting, 1996). Embora o tratamento da modalidade verbal se tenha limitado aos fenómenos não-lexicais, esta perspectiva, de certo modo híbrida, foi uma das poucas orientações teóricas capaz de tratar a interacção em termos de sincronização entre as diferentes modalidades comunicativas e relativamente a outros domínios ligados aos níveis de atribuição de sentido e à relação entre os participantes. Procurou também mostrar que qualquer das modalidades comunicativas é relevante na interacção.

1.5 Orientação etológica

A Etologia consiste no estudo biológico do comportamento dos seres vivos. Surge possivelmente como reacção às teorias baseadas no behaviorismo e no relativismo cultural que, nos anos 40, começaram a orientar as pesquisas das áreas da Psicologia (Margareth Mead, 1937) e da Antropologia (Boas, 1913, 1982 [1940]; Sapir, 1967), como referido na parte I, 1.1. (cf. Eibl-Eisfeldt, 1989: ix). O comportamento deixa assim de ser visto como um reflexo ou como um condicionamento cultural, mas sim como um fenómeno com bases filogenéticas profundas. Foi fundada no anos 50 por Konrad Lorenz (1973 [1950]), (1984 [1955]) e Nicolas Tinbergen (1978 [1951]), que introduziram a dimensão da filogenia (evolução da espécie) na ciência do comportamento e se basearam na teoria evolucionista de Darwin. A Etologia preocupa-se, assim, com o modo como o comportamento funciona com vista a facilitar a relação do animal com o seu meio-ambiente e com os outros animais. As principais investigações etológicas ligadas à comunicação foram realizadas no Centro de Fisiologia Comportamental do Instituto de Max Plank por Lorenz e Eibl-Eisfeldt (cf. Eibl-Eisfeldt, 1989: xi).

Embora no presente trabalho não se siga uma linha de orientação etológica, na análise da interacção face a face é importante não perder de vista que muito do que se faz e se diz, e de como se faz e se diz alguma coisa, tanto pode reflectir aspectos sócio-culturais, adquiridos no processo de socialização numa determinada comunidade (ou em várias), como aspectos inatos, resultantes de processos evolutivos, que se podem, por sua vez, reflectir em várias áreas culturais do ser humano. O que poderia significar que os aspectos culturais são o resultado de fenómenos inatos. Por isso, fornecerei, em seguida,

algumas informações sobre as subdisciplinas desta área mais ligadas à investigação da interacção entre humanos.

1.5.1 Etologia Humana

No início dos anos 60, Eibl-Eisfeldt começou a dedicar-se à Etologia Humana, ou seja, a incluir o comportamento humano nas suas pesquisas. Desenvolveu programas de investigação intercultural observando sobretudo as adaptações filogenéticas e culturais do comportamento humano, as interacções sociais, assim como o desenvolvimento e a função de rituais[69].

A esta luz, a interacção pode ser vista como o resultado da necessidade do ser humano de sobreviver no seu mundo, em que precisa de comunicar as suas intenções e os seus interesses aos outros membros do grupo, assim como de os perceber. A pesquisa etológica humana procura, pois, descrever os processos evolutivos que fizeram com que se desenvolvessem meios de comunicação tão específicos, assim como os mecanismos próprios da espécie (humana) que permitem aos seus elementos inter-comunicarem e inter-agirem.

Além de explorar os comportamentos em termos evolutivos, a Etologia Humana tem como objectivo o estudo das estruturas do comportamento humano e o modo como estas funcionam. Sob o ponto de vista metodológico, assemelha-se à perspectiva estruturalista: observa e descreve padrões de acção, examina o comportamento no contexto em que está inserido, identifica as funções dos padrões de comportamento e descreve os modos como as unidades de comportamento estão marcadas no contexto. São precisamente os princípios metodológicos de identificação e descrição de padrões de comportamento desta disciplina que Kendon (1990: 42) reconhece como um contributo muito importante para o estudo de padrões universais de comportamento humano ("Nonetheless, there are patterns of interaction that do seem to have the same form in widely separated cultures and if these can be well established there seems no reason to consider them in terms of their biological evolutionay significance") e reclama a necessidade de realizar estudos contrastivos de práticas de interacção: "It remains our own view that cultural comparative studies of interaction practices should be given a high priority" (*ibid.*).

---

[69] **O ritual**, um conjunto isolado de sinais espontâneos, é definido em termos dos conceitos estímulo-resposta-reforço (Leach, 1972: 318). Os componentes comunicativos dos rituais são ontogenética e filogeneticamente determinados e encontram-se envolvidos em acções de tipo não-comunicativo. Os estudos etológicos focam a sequência sinal-resposta e preocupam-se com a evolução e a manutenção dos rituais de origem filogenética (*ibid.*, 329). Por exemplo, o cuidado parental, um comportamento positivo, constituiu um ponto de partida para desenvolver o apego ao grupo através da selecção e da ritualização do comportamento de nutrição. Eibl-Eisfeldt (1989: 438) descreve as mudanças mais típicas que actuam na ritualização de padrões comportamentais e que fazem com que eles passem a desempenhar a função de sinais: os movimentos típicos de um comportamento básico de sobrevivência são simplificados, ao mesmo tempo ampliados e, muitas vezes, repetidos com ritmo. Nos animais, são por vezes visualmente marcados através do desenvolvimento de estruturas de suporte (juba, coloração da pele, etc.).

1.5.2 Etologia Linguística

Para estudar o comportamento humano, os etólogos recorrem também à análise da interacção entre dois ou mais indivíduos. Da aproximação da Etologia Humana com o estudo da língua resulta uma nova vertente - a Etologia Linguística. Para investigar a interacção, os etólogos recorrem aos instrumentais teóricos geralmente usados no estudo e análise da conversação por linguistas. É o caso do psicólogo etólogo Cosnier e os seus colaboradores (Cosnier/Huyghues-Despointes, 2000) que, apoiando-se na teoria da Análise do Discurso da Escola de Lyon, observam aspectos não verbais da comunicação, a sua relação com a emoção e com a língua falada, e descrevem práticas comunicativas em diferentes situações interaccionais (cf. Bange, 1994: 181).

No sentido inverso, também a Linguística reconhece a validade da metodologia da Etologia: Sager (1995) tenta aproximar a Linguística Pragmática da investigação etológica do comportamento. Neste sentido, relaciona as regularidades sócio--convencionais da interacção social com as regularidades biológico-constitutivas de padrões ancestrais filogenéticos que estão na origem das primeiras. A acção verbal é apreendida como um caso especial, socialmente especificado, de um comportamento verbal antropológico e constitutivo. A Etologia Linguística torna-se, assim, uma disciplina fundamental e uma perspectiva complementar para a Linguística Pragmática, que permite, sob um ponto de vista diferenciado e com base noutros limites do sistema, esboçar um enquadramento teórico antropológico, biológico e etológico para a língua e para a fala (*ibid.*, 5).

O autor parte assim do princípio de que, numa situação de comunicação verbal se manifestam esquemas de comportamento adquiridos constitutivamente pelo ser humano ao longo do seu desenvolvimento filogenético e que são formas de adaptação do comportamento. Para comprovar a existência e as causas dessas regularidades de comportamento, é necessário proceder à elaboração de um etograma[70] e à comprovação do carácter constitutivo dos padrões de comportamento apreendidos no etograma. Quando a contrastação de comportamentos em áreas distintas permite identificar estruturas idênticas que correspondem a padrões com funções idênticas, parte-se do princípio de que esses fenómenos se devem a uma origem filogenética comum (*ibid.*, 6). Atendendo a que tudo aquilo que é significativo para o ser humano no seu contexto imediato de interacção, marca de alguma forma as suas representações, objectos e eventos, é natural que existam equivalências entre características semióticas estruturais e de significado e o comportamento na interacção (perspectiva da etologia cultural). Essas formas são, segundo o autor, marcadas pelas disposições constitutivas do comportamento e surgem em culturas totalmente independentes e diferentes entre si.

---

[70] O **etograma** é uma lista descritiva exaustiva, elaborada na fase descritiva da análise (de identificação e de descrição morfológica de comportamentos) que contém o conjunto dos componentes observados em indivíduos durante vários períodos de tempo e permite "développer un ensemble de critères précis et systématiques d'appartenance des gestes moteurs à un schème comportemental, des schèmes à une sous-catégorie et des sous-catégories à une catégorie" (Strayer/Trudel, 1985: 13).

A tarefa da Etologia Linguística consiste, assim, em estabelecer comparações entre áreas consideradas categorialmente diferentes (arte, religião, arquitectura, moda, objectos de uso quotidiano, objectos usados em rituais, etc.) e discuti-las em termos da sua determinação constitutiva. A interacção verbal e não-verbal representa o ponto de partida, o ponto de ancoragem e de finalização da observação (*ibid.*, 9). Sendo assim, a análise linguístico-etológica deverá englobar três categorias: análise da comunicação não-verbal, análise da conversação e análise da cultura, sendo a conversação o ponto de partida para todos os tipos de observações: "Das alltägliche interaktive Gesprächsverhalten wird in diesem Sinne als ein kategorialer Phänomenbereich mittlerer Integrationsstufe betrachtet, der eine Schlüsselstellung einnimmt. Die spezielle Methode, wie sie soeben skizziert wurde, wollen wir als triadisch-vergleichende, interkategoriale Analysemethode (der linguistischen Ethologie) bezeichnen" (*ibid.*, 9-10).

1.6 Orientação informática

A título de curiosidade e para completar o leque das diferentes linhas de investigação da interacção, convém ainda referir a pesquisa mais recente das áreas da Engenharia da Linguagem, Síntese da Fala, Interfaces e Linguística Computacional.

Com os avanços tecnológicos na área da interacção pessoa-computador criaram-se novas necessidades de aperfeiçoar a comunicação, não só entre o humano e a máquina, mas também entre várias pessoas por meio do computador, o que levou a que a interacção humana e as características multimodais da conversação se tenham também tornado objecto de interesse das áreas acima mencionadas.

Neste sentido, têm-se vindo a fomentar trabalhos de investigação sobre a fala e a comunicação não-verbal com vista à aplicação dos resultados obtidos no desenvolvimento de novas tecnologias e instrumentos de análise que, por sua vez, são utilizados na análise da comunicação verbal e não-verbal. Criaram-se tanto instrumentos para a análise da fala[71] e dos movimentos do corpo[72], como sistemas multimodais que têm a fala como componente de *input* e de *output*[73].

---

[71] Cf. Heeman, Peter/Allen, J. (1995); Leech *et al.* (1998); Grice, M. *et al.* (2001) pertencentes ao grupo de trabalho LE-EAGLES.

[72] Cf. Martell, Craig (2001). Colaborando com engenheiros informáticos, Serenari *et al.* (2002), fazem um levantamento dos instrumentais de análise do gesto, expressões faciais, e sistemas de codificação para aplicação na "natural interactivity tools engeneering (NITE).

[73] No campo da interacção pessoa-computador, há vários tipos de sistemas multimodais: os que combinam o *input* de fala com informações dadas pelo canal visual (detecção da face, reconhecimento da face e leitura de movimentos de lábios); os que usam *talking faces* e agentes conversacionais (combinações de fala e de *output* visual). Parte-se do princípio de que a multimodalidade facilita a compreensão e evita ambiguidades (Benoit, *et al.* 1998: 6). Dentro da taxonomia de sistemas multimodais salientam-se aqueles que combinam a fala com os gestos mostrativos (gestos dícticos) bi e tridimensionais, os que combinam a fala com o movimento dos olhos e o contacto visual e os que combinam a entrada de fala com síntese da fala ou com síntese da face. Estes aspectos tecnológicos demonstram como as investigações da interacção centradas na relação entre as várias modalidades comunicativas, da entoação à mímica, passando pelo gesto, postura, movimentos da cabeça e contacto visual são de extrema relevância. Note-se que, nesta área, as diferentes formas de comunicação não-verbal se entendem como "modalidades", e não como "formas" de

Por influência da Engenharia da Linguagem, também na área da Fonética cresceu o interesse pelo estudo das características da língua falada em situações naturais e espontâneas. Neste contexto, têm vindo a ser realizados estudos na área da síntese da fala. Têm também sido abordadas questões ligadas às modalidades não-verbais que acompanham a fala e que nela deixam as suas marcas. É que um ouvinte não-observador apercebe-se não só das emoções marcadas na voz do falante, mas também de alterações fonéticas causadas por movimentos do corpo, posturas, gestos, expressões faciais que, sem que esse ouvinte o compreenda de um modo consciente, podem ser de grande relevância comunicativa, sobretudo em situações onde não existe contacto visual entre os interactantes (cf. Laver/Beck, 2001; Trouvain, 2001).

No que diz respeito à investigação da comunicação não-verbal, posso referir o exemplo da linguista italiana Poggi e dos seus colaboradores que se dedicam ao estudo dos movimentos de várias partes do corpo. Os resultados obtidos nas análises das diferentes "modalidades" não-verbais têm aplicação prática na área da Inteligência Artificial, com vista ao desenvolvimento de faces falantes (cf. Poggi, 2000, 2002a, 2002b,2002c; Poggi/Pelachaud, 2000a, 2000b, 2002; Poggi *et al.* 2000, no prelo)[74].

1.7 Interacção face a face: uma área interdisciplinar

Como resulta do que se escreveu nos subcapítulos 1.1-1.6, a interacção tem sido observada e analisada sob perspectivas muito heterogéneas, com bases teóricas e metodológicas distintas, de acordo com os objectivos de investigação pretendidos.

Algumas disciplinas, como a Análise Conversacional Etnometodológica e a Teoria da Contextualização, preocuparam-se mais com aspectos referentes à organização da conversação e aos meios usados pelos interactantes para tornarem as suas acções significativas, de modo a poderem comunicar as suas atitudes e emoções e a interagir uns com os outros.

Mais ligada à grande área da Psicologia encontra-se a pesquisa das áreas da Psicologia Social e da Psicolinguística, centrada na relação entre a fala e os movimentos do corpo. Através da realização de experiências e de observações de comportamentos de indivíduos em situações de interacção, procurou-se identificar os comportamentos que apontam para determinadas características individuais dos participantes, assim como aceder aos processos subjacentes à codificação e descodificação da fala. Parte destes estudos mostrou interesse pelas formas verbais em termos da sua relação com o comportamento não verbal, focando não só aspectos específicos das verbalizações, como hesitações, correcções, velocidade de produção da fala, etc., mas também actividades não-verbais realizadas em simultâneo.

---

comunicação não-verbal, pois os diferentes movimentos de cada parte do corpo constituem um sistema próprio.

[74] cf. parte I, 2.6.3.5.

Questões relacionadas com comportamentos típicos de uma cultura ou com a sua origem filogenética e ontogenética foram o objecto de estudo respectivamente das áreas da Antropologia e da Etologia. Tradicionalmente, estas investigações não analisaram sistematicamente as expressões verbais nem as estratégias linguísticas utilizadas com determinados fins comunicativos. Apenas filtraram do acontecimento interactivo os índices linguísticos com informações relevantes para os objectivos de estudo. Os fenómenos linguísticos foram sobretudo observados no âmbito da Análise do Discurso e da Análise Conversacional que deu continuidade à Análise Conversacional Etnometodológica norte americana. Nas primeiras investigações que se orientaram pelo modelo da Análise do Discurso, o instrumental teórico utilizado obrigou a um maior afastamento da realidade interaccional, pois não abrangia muitos fenómenos concorrentes com os enunciados linguísticos, de grande relevância para a sua interpretação pragmática.; no caso das investigações que seguiram a perspectiva da Análise Conversacional Etnometodológica, faltou um tratamento minucioso dos fenómenos linguísticos, dando-se especial atenção a questões de organização e de regulação da interacção por parte do falante e do(s) ouvinte(s).

Nota-se que, comparativamente com o número de investigações sistemáticas e micro--analíticas da comunicação não-verbal, é muito reduzida a quantidade de micro-análises sistemáticas de formas verbais (linguísticas ou não-linguísticas) enquadradas num instrumental teórico que permitisse dar conta do maior número possível dos fenómenos que confluem na interacção face a face (inclusive da comunicação não-verbal que acompanha a fala). Essa desproporção verifica-se, à partida, em termos quantitativos: o número de disciplinas que se ocupou do canal de comunicação não-verbal é superior ao das que estudaram o canal verbal em interacções face a face. Segundo McNeill (1992: 3), entre outros, essa desigualdade deve-se ao carácter inovador das modalidades não-verbais no interior da Linguística. Noutra perspectiva, também se pode afirmar que no âmbito da Linguística, que se manteve tradicionalmente afastada das outras disciplinas que investigaram a interacção, não se desenvolveu um instrumental teórico capaz de descrever com clareza o funcionamento da língua falada, de tal modo que pudesse mostrar a importância dos meios linguísticos na organização da interacção e na expressão de características pessoais e de relações sociais. Uma descrição mais completa da língua falada permitiria também a interpretação mais precisa da comunicação não-verbal. Fosse esse o caso, as disciplinas que dão especial atenção ao canal não-verbal poderiam ter sido, por sua vez, sensibilizadas para o papel comunicativo de certos fenómenos linguísticos a que parecem não dar valor. Sendo assim, pode-se concluir que não só a Linguística se fechou a questões extra-linguísticas, mas também as outras disciplinas não reconheceram a importância dos elementos e estruturas linguísticas que acompanham o comportamento não-verbal (ou são acompanhadas por ele).

Verificou-se que, com o correr dos tempos e à medida que muitas tentativas para dar conta de todo o acontecimento interactivo pareciam falhar por não ser possível abranger a totalidade dos fenómenos observados, muitos investigadores, tanto das áreas de investigação que se centravam exclusivamente na comunicação verbal da interacção, como daquelas que estudavam apenas a comunicação não-verbal, sentiram cada vez mais a necessidade de reconhecer a importância respectivamente do canal não-verbal e do

canal verbal. Por isso, procuraram nas áreas vizinhas o instrumental teórico que lhes pareceu ser seguro e útil. Assim, depois de na área da Sociologia se ter chamado a atenção para certos fenómenos comuns na interacção face a face e de se ter avançado para o estudo da ordem social através da conversação e de os estudos realizados sobretudo na área da Psicologia e da Fonologia terem salientado a relação estreita entre a língua (fala) e os movimentos do corpo, os linguistas começaram a aperceber-se de que o uso da língua abrange níveis interaccionais que não podem ser explicados só através dos significados das palavras. Neste sentido, foram incluídos na análise dos diálogos fenómenos não-linguísticos (como a prosódia, estratégias de repetição e de correcção) e, mais tarde, fenómenos não-verbais (movimentos do corpo, da cabeça, gestos, etc.). Hoje são poucos aqueles que não reconhecem ainda esta ligação e que continuam a investigar um ou outro canal isoladamente, ignorando a existência do outro (o estudo de um só canal não impede que se esteja atento à actividade do outro), assim como os que rejeitam uma análise multimodal da conversação, mesmo aqueles mais ligados à teoria da Análise do Discurso. Em outras disciplinas mais interessadas em questões comportamentais, nota-se uma tendência no sentido oposto, ou seja, a necessidade de procurar na comunicação verbal informações importantes que complementem a interpretação dos comportamentos não-verbais. É o caso, por exemplo, da Etologia Linguística e da Teoria da Contextualização. Porque, na verdade, "Speech and movement appear together, as manifestations of the same process of utterance, that is, in the translation of ideas into observable behaviour which may be read by others as being repertoire of those ideas, the output that results is manifested in both speech and movement" (Kendon, 1980b: 208). Segundo Müller (1998: 71), esta observação de Kendon, que descreve a expressão do pensamento como um processo simultaneamente linguístico e verbal, serviu de paradigma a muitas investigações da interacção verbal e não-verbal.

Contudo, entre defender uma análise deste teor e executá-la vai uma longa distância e o percurso é árduo: a complexidade da análise multimodal e a quantidade de instrumentos teóricos e metodológicos que ela exige continuam a representar obstáculos difíceis de superar. De facto, para dar conta do maior número possível de fenómenos que confluem no acto de comunicar, é inevitável considerar em simultâneo aspectos de natureza filosófica, linguística, cognitiva, social, cultural e biológica.

Pode-se também concluir que desta pluralidade e heterogeneidade de disciplinas, que, pouco a pouco, foram adoptando alguns conceitos umas das outras e foram combinando, cruzando e trocando entre si critérios teóricos e metodológicos, resultou uma disparidade de investigações híbridas que dificulta qualquer taxonomia definida. Perante este panorama e para simplificar qualquer tentativa de classificação, propõe-se, para as diferentes investigações da multimodalidade da interacção, a divisão de carácter global sugerida por Müller (1998: 84-85) em duas perspectivas distintas: a investigação psicolinguística e a investigação etnográfica.

Da **investigação psicolinguística** fazem parte os estudos que se interessam pelas bases mentais dos gestos que acompanham a fala, pelos conceitos mentais indexados pela língua, que podem ser expressos pelos movimentos do corpo e que variam de cultura para cultura; neste grupo cabem as investigações da área da Psicologia Social que, através da

realização de inúmeras experiências, sobretudo em laboratório, tentaram explicar o modo como a fala acompanha o gesto, ou vice-versa, o modo como os sistemas vocal e motor são activados e percepcionados. Procuraram ainda identificar os mecanismos do discurso que lhe são subjacentes. Juntamente com a Neuropsicologia, a Psicolinguística procura compreender o funcionamento do processador humano de informação (cf. Feyereisen/Lannoy, 1991: 71-103). É nesta área que se insere a investigação de McNeill (1992) que, como se poderá ler mais adiante, comprovou a ligação estreita entre o pensamento e o gesto que acompanha a fala. Mostrou que por trás da realização verbal e gestual dos enunciados se encontra um processo de geração da comunicação que leva a considerar a fala e o gesto como pertencendo a um mesmo sistema.

Da **investigação etnográfica** fazem parte os estudos cujo principal interesse reside na procura de formas de comportamento não-verbal, universais de regulação da interacção social, assim como de diferenças sociais correspondentes a formas e usos distintos do comportamento não-verbal. Müller (1998: 71) introduz o termo etnográfico como denominador comum de estudos realizados em várias áreas, mas com concepções teóricas e metodológicas diferentes. As investigações pertencentes a este grupo são das áreas da Etologia, Análise de Contexto, Estruturalismo, Etnometodologia, Análise Conversacional, Teoria da Contextualização, Análise da Comunicação baseada na actividade (ACA) e Etnografia. A sua característica comum reside no método descritivo micro-analítico de situações de comunicação natural e espontânea utilizado na investigação das funções reguladoras e constitutivas de sentido dos movimentos do corpo na interacção face a face.

Há ainda outro aspecto que merece ser focado: a heterogeneidade terminológica existente a nível desta investigação pode representar também um obstáculo a superar para evitar alguma indefinição a nível científico. Seria, pois, importante caminhar para uma maior homogeneidade a nível do instrumental de análise, o que, perante a aproximação interdisciplinar em curso, parece ser a tendência actual. Uma maior aproximação interdisciplinar não significa a constituição de objectivos comuns, mas sim de critérios (categorias, classificações) e metodologias (por exemplo, recolha de dados, sistemas de transcrição) de análise da interacção. A sua consolidação permite não só ter à disposição um único instrumento para a análise de todos os tipos de comunicação (verbais e não-verbais) observados a partir de um *corpus*, mas também que um mesmo *corpus* possa ser analisado sob pontos de vista diferentes, com objectivos diferentes, sendo cada uma das análises realizadas um complemento das outras. Tal procedimento cooperativo contribuiria para uma análise cada vez mais completa dos fenómenos observáveis a partir da interacção entre indivíduos.

2. A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL

> "(...) *Mas qual serya o coraçom, por duro que seer podesse, que nom fosse pungido de piedoso sentimento, veendo assy aquella companha; ca huũs tiinham as caras baixas, e os rostros lavados com lagrimas, olhando huũs contra os outros; outros estavam gemendo muy doorosamente, esguardando a altura dos ceeos, firmando os olhos em elles, braadando altamente, como se pedissem acorro ao padre da natureza; outros feryam seu rostro com suas palmas, lançando-sse tendidos em meo do chaão; outros faziam suas lamentaçoões em maneira de canto, segundo o costume de sua terra, nas quaaes, postoque as pallavras da linguajem aos nossos nom podesse seer entendida, bem correspondya ao graao da sua tristeza*" Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos Feitos da Guiné*, 1453[1].

O texto em epígrafe documenta uma situação histórica, humanamente triste e dolorosa que, facilmente, suscita "sentimentos piedosos" em quem o ler. Esses sentimentos são provocados pela sequência de imagens narradas, que ilustram os movimentos, as posturas e outras manifestações dos escravos. Embora não compreenda a sua língua, Zurara descodifica o seu estado de espírito pela simples observação das formas de comunicação não-verbal e pelas vocalizações ouvidas. A posição das cabeças (caras baixas), a reacção fisiológica 'choro' (caras lavadas em lágrimas) estão, metaforicamente, por sofrimento; a orientação do olhar (uns para os outros) transcreve o medo e a busca de protecção e de consolo recíproco; a orientação do corpo e do olhar (para os céus), acompanhada por "gemidos dolorosos" e gritos, revela desespero. A soma de todos estes sentimentos - sofrimento, dor, medo, desespero - é transmitida pelo lançar-se estendido para o chão e bater-se no rosto. E, no topo desta escala de sofrimento, encontram-se os que, apoiados nas suas crenças, dominam as emoções e as sublimam, cantando em coro. O efeito das formas de comunicação não-verbal sobre os "nossos", foi, sem dúvida, muito mais profundo do que se os escravos tivessem usado as "palavras" de uma "linguagem" que pudesse ser entendida.

A designação de **comunicação não-verbal**[2] refere, pois, todo o tipo de actividade motora ou física de várias partes do corpo que, na interacção face a face tem um papel comunicativo importante: os movimentos do corpo dão informações sobre o estado de espírito de um indivíduo, sobre a sua atitude e intenções comunicativas, assim como sobre questões relacionadas com a informação transmitida pela fala. Os factores que veiculam informações relacionadas com todos estes aspectos importantes para o desenrolar da interacção são os seguintes:

---

[1] In: Oliveira, Corrêa de/Machado, Luís Saavedra (1969) *Textos portugueses Medievais*. Coimbra: Coimbra Editora, 632-633.

[2] Por oposição a **comunicação verbal**, comunicação que pode ser descodificada através do canal auditivo; cf. parte 1, capítulo 3). Herculano de Carvalho (1979: 649) também se refere a uma forma de linguagem não-verbal do ser humano, a linguagem dos gestos, "constituída por movimentos e atitudes do corpo, e particularmente das mãos e da cabeça".

- aspecto exterior;
- proxémica, ou comportamento espacial (que engloba o contacto físico, as relações de proximidade e distância e a orientação ou postura do corpo)[3];
- movimentos da cabeça;
- mímica;
- olhar;
- gestos ou movimentos dos braços, mãos e dedos.

Estas formas de comunicação não-verbal, assim como as principais funções que lhes têm sido atribuídas no âmbito da investigação sobre a comunicação não-verbal serão descritas nos capítulos que se seguem[4]; serão ainda apresentadas e comentadas as investigações mais importantes e as tipologias ou categorizações funcionais que delas resultaram.

Como decorre do que atrás se disse acerca da investigação da interacção, o número de investigadores que estudam a língua falada como uma realização simultânea de fala e dos movimentos do corpo (sobretudo do gesto) tem vindo a aumentar a olhos vistos (cf. parte I, capítulo 1). Independentemente do ponto de vista adoptado por cada investigador, é indiscutível que as duas modalidades de comunicação, verbal e não-verbal, estão envolvidas no acto de comunicar e que ambas fornecem indicações importantes tanto para a codificação, como para a descodificação dos enunciados. Também é geralmente reconhecido que as várias formas de comunicação não-verbal se orientam por uma espécie de regras e de códigos que são apreendidos pelo ser humano durante a sua socialização, se bem que pareça ser consensual a existência de modos de agir que podem estar mais relacionados com questões biológicas inatas. Sem pretender pôr de lado essa discussão, o que apresentarei em seguida é a descrição das várias formas de comunicação não-verbal, que servirá para ilustrar como o canal não-verbal é importante em situações de interacção verbal face a face.

2.1 Aspecto exterior

O aspecto exterior é um sinal não-verbal estático que se refere à imagem de um indivíduo e a tudo o que para ela contribui (o que ele veste, o aspecto da pele, do cabelo e outros factores) e que dá informações sobre questões de natureza social e individual. O aspecto exterior só é respectivamente significativo dentro de um determinado contexto social.

Tanto a semiótica de um indivíduo, isto é, os sinais que são intrínsecos à sua imagem, como a leitura dessa imagem, ou seja, a interpretação desses sinais por parte de outro indivíduo são factores que não podem ser menosprezados. Deles depende a atitude

[3] Embora o aspecto exterior e a proxémica não sejam tratadas neste tabalho, serão também resumidas nos próximos parágrafos para que a descrição das modalidades não fique incompleta.

[4] Em Payratό (no prelo) encontra-se um resumo da investigação da comunicação não-verbal, em que o autor descreve não só as obras e estudos historicamente mais importantes, mas também as linhas de investigação mais recentes. Sobre o tema comunicação não-verbal e linguagem corpórea cf. Nöth (2000: 293-322) e Grammar (1997, cap. 168).

(consciente ou inconsciente) que os interactantes assumem uns para com os outros. Comportam valores culturais de estatuto e grupo social, dando, *a priori*, informações sobre a personalidade dos interactantes, estado de espírito, ou mesmo sobre a importância que cada um dá à sua imagem ou ao tipo de imagem que pretende dar de si.

O significado do aspecto exterior já foi testado por vários investigadores. Em Ricci-Bitti/Cortesi (1980: 57 segs.) encontram-se resumidas algumas das investigações realizadas nesta área, e que consideraram, entre outras coisas, tipos de roupa, o uso do baton e de maquilhagem, configurações físicas e estereótipos de caras. Como a partir destes sinais exteriores se podem extrair informações sobre o estatuto e a classe social de um indivíduo, o aspecto exterior exerce normalmente uma maior ou menor influência sobre o parceiro da interacção. Na minha opinião, essa influência está ligada aos factores gerais positivo/negativo, que, por sua vez, se relacionam com os factores agradável/desagradável, proximidade/distância, superioridade/igualdade /inferioridade e muitos outros.

2.2 Proxémica

Como o nome indica (do latim *proximum*), a proxémica refere-se a grandezas espaciais como a distância que é mantida entre dois indivíduos, a sua orientação e postura quando se encontram numa situação de interacção. Todas estas categorias, ou elementos proxémicos - distância, orientação, contacto físico e postura - estão relacionadas com o espaço físico[5].

2.2.1 Contacto físico

O contacto físico, o tocar-se ou dar-se pancadinhas, varia grandemente de cultura para cultura. Como é óbvio, o contacto físico é importante para chamar a atenção de outra pessoa para qualquer coisa e para manifestar uma maior vontade de aproximação do parceiro da interacção.

---

[5] Este conceito está também ligado às noções de **território** (área que o seu titular defende e personaliza como o seu espaço pessoal), **territorialidade** (o comportamento característico de defesa do território) e **espaço pessoal** ou **distância interpessoal** ou ***body buffer zone*** (zona que circunda um indivíduo e é vista como projecção do "eu", ou seja "the invisible bubble around a person's body which one usually does not want to be entered by other persons" (Wallbott, 1995: 485). As unidades territoriais ligadas entre si constituem o **território colectivo,** que, por sua vez, pode ser caracterizado como formal (profissional) ou informal (social). A **configuração espacial** é o resultado da interacção e interligação dos elementos proxémicos - distância, orientação, contacto físico e postura que constituem importantes fontes de informação acerca do modo como os indivíduos entram em relação uns com os outros e com o ambiente (cf. Ricci-Bitti/Zani, 1997: 138). Em Hall (1974) está patente a importância dos estudos interculturais relativos à noção de espaço em diferentes culturas, pois a concepção de espaço está ligada a estruturas culturais: "People from different cultures inábil different sonsory worlds (...) They not only structure space differently, but experience it differently" (*ibid.*, 27). Cf. também Watson (1974).

A maior parte da pesquisa sobre o contacto físico preocupou-se em descrever quem toca quem, como, em que parte do corpo e com que função. Sob o ponto de vista fisiológico, o contacto físico produz uma actividade electrodérmica que, em algumas culturas, pode ser considerada desagradável, noutras não. Como refere Argyle (1972: 246), enquanto na Grã Bretanha e no Japão há muito pouco contacto físico, o mesmo não acontece entre os africanos e os árabes, que se tocam frequentemente. Também se observaram variações relativamente à parte do corpo que pode ser tocada, tendo sido sugerida uma taxonomia do contacto físico, onde são diferenciadas cinco categorias: contacto físico funcional, profissional, social, amistoso, íntimo, sexual (cf. Argyle, 1972: 247; Ricci-Bitti/Zani, 1980: 140). O toque (do outro) (a parte do corpo tocada, o modo de tocar - palmadinhas, apertos, etc.) influencia muito o desenvolvimento da interacção entre indivíduos de sexos diferentes (cf. Rosenfeld et *al.*, 1976).

Um dos trabalhos mais recentes nesta área foi realizado por Poggi (2002c) e Poggi et *al.* (no prelo), para o italiano, para o caso do toque na função de alternância de vez. A proxémica na cultura portuguesa constitui uma área de estudo muito interessante, pois parece haver grandes diferenças de ordem sócio-cultural no que diz respeito ao contacto físico e à distância interpessoal tolerados.

2.2.2 Distância interpessoal

Em cada cultura há uma distância própria que deve ser mantida entre dois indivíduos numa situação de interacção face a face, variável com o tipo de situação (contexto social, ambiente) e a relação entre os interactantes. Pode-se, pois, afirmar que é sobretudo determinada por factores culturais. Sabe-se, por experiência, que os povos do sul da Europa não mantêm tanto a distância física com o parceiro de comunicação e também se tocam com mais frequência do que os povos nórdicos. Aliás, como constata Argyle (1972: 247), os latino-americanos e os árabes colocam-se mais próximos uns dos outros do que os suecos, escoceses e ingleses. Mas, independentemente destes factores culturais, está comprovado que a distância é indirectamente proporcional ao grau de afecto que existe entre indivíduos, sendo as diferenças individuais atribuíveis a diferentes personalidades. No entanto, sempre que a proximidade ameaça demasiado a intimidade de um indivíduo, este pode tomar uma atitude de compensação através de formas de comunicação não-verbal que lhe permitem certo afastamento (numa situação de maior intimidade o desvio do olhar contribui para manter o equilíbrio entre distância/proximidade e intimidade). É neste fenómeno que se baseia a **hipótese de equilíbrio** proposta por Argyle/Dean (1965). Em Schrerer/Wallbot (1985) e Wallbott (1995) encontram-se descritas várias experiências orientadas para medir esses movimentos.

As alterações na proximidade entre os indivíduos comportam informações adicionais sobre a intenção de iniciar ou de terminar uma interacção: "if A wants to start an encounter with B he will move closer, though this must be accompanied by appropriate gaze and conversation" (Argyle, 1972: 247; cf. também Wallbott, 1995: 484-485).

2.2.3 Orientação

A orientação é o ângulo mantido entre dois indivíduos numa situação de interacção (o ângulo é formado pelos eixos definidos pelo alinhamento dos ombros de cada um) (cf. Argyle, 1972: 247).

Goodwin (1981: 95 segs.) descreve manifestações de comprometimento e de descomprometimento dos participantes da interacção com base em fenómenos vocais, modos de olhar (desvio do olhar ou contacto visual) e no modo como os participantes se encontram orientados. Segundo o autor, esses fenómenos são não só responsáveis pelos períodos de fala ou de silêncio que possam surgir na interacção, mas também condicionam a sua estrutura relativamente ao tipo de participação mais apropriado, à relevância de um enunciado seguinte e ao envolvimento total dos participantes nos períodos de fala. As manifestações de comprometimento são sustentadas pela disposição e orientação dos corpos dos participantes e pela sua monitorização recíproca.

2.2.4 Postura

A postura é o modo como uma pessoa se encontra posicionada (de pé, com o tronco inclinado para a frente, para trás, erecto, de cabeça erguida, etc.). Como referem Ricci-Bitti/Zani (1997: 144 segs.), é um sinal involuntário que pode ter implicações importantes no processo de comunicação. Há posturas de carácter individual que, por serem típicas de um indivíduo, podem ser inseridas no grupo dos sinais estáticos. No entanto, a postura também varia de acordo com o estado emocional[6] e com a atitude de um indivíduo. Assim sendo, contribui com informações adicionais à fala sobre o que um indivíduo possa pensar ou sobre como se possa sentir. Como é menos controlável do que a voz e a expressão facial, é susceptível de revelar o que o falante pretende esconder. Sobre trabalhos realizados nesta área, cf. Wallbott (1980, 1991, 1995: 484); Scherer/Wallbott (1985:212).

2.2.5 Configuração espacial

Para exemplificar o modo como as pessoas se posicionam no espaço da interacção para iniciarem uma actividade em conjunto, assim como o significado comunicativo das categorias espaciais, Kendon propôs o *F-formation system* (Kendon, 1990: 209-237)[7]. Quando tomam uma posição para interagirem uns com os outros, os interactantes criam um sistema de comunicação espacial-orientacional que pode ser considerado uma unidade de organização a nível interaccional[8].

---

[6] Sobre estado emocional e postura cf. Mehrabian/Ferris (1974), Mehrabian/Ksionzky (1974) e Ekman/Friesen (1969).

[7] Segundo uma comunicação pessoal do autor (08.07.2003), a letra 'F', "is just a label. It is NOT an abbreviation for anything" (...) "I am afraid we chose 'F' because we had previously talked about 'facing formations' ".

[8] Kendon explica o que podem ser algumas das funções desempenhadas por esse sistema e como ele organiza o espaço físico criado. Refere ainda que o estudo da configuração espacial é essencial por a) representar um meio para manter separadas a identidade e a integridade da interacção social; b) ser um meio através do qual os participantes têm acesso diferencial um ao outro, o que facilita a manutenção de

Com vista à descrição da postura e das diferenças de postura e da distância interpessoal, Kendon divide em categorias o espaço que se forma quando dois ou mais indivíduos iniciam uma relação interaccional: "An F-formation system, thus, generates three kinds of functional spaces: an inner space, the o-space; a narrow zone immediately around this called the p-space; and beyond this, a much less well defined region or r-space which functions as a buffer, protecting the system from outside influences, and also a kind of front hall or reception room in which visitors may be dealt with or newcomers greeted before they are fully incorporated into the system itself" (*ibid.*, 234-235).

O tipo de formação, ou seja, o padrão de distribuição dos indivíduos no espaço, depende de inúmeros factores: do número de participantes, da natureza do ambiente e de outros sistemas interaccionais, como o tipo de transacção, a distância e o ângulo entre os interactantes. Os padrões típicos são a disposição face a face (*vis-a-vis arrangement*), a disposição em L (*L-arrangement*) e a disposição lado a lado (*side-by-side arrangement*). A distância e o ângulo definido pela sua disposição relativa no espaço a que os interactantes se encontram influenciam o modo como estes interagem; sendo assim, o padrão típico de uma situação de cooperação é a disposição em L; numa situação de competição, é mais comum a posição face a face, de modo a cada um poder monitorizar o comportamento do outro com maior facilidade (*ibid.*, 214-215). Pares que não interagem preferem posições em que não fiquem voltados um para o outro, ou seja "*arrangements which avoided transactional segment overlap*" (*ibid.*, 215). Por sua vez, amigos íntimos preferem colocar-se lado a lado, de modo a tornar possível o contacto físico (cf. *ibid.*, 215). O papel de um indívíduo pode, de certo modo, ficar definido pela sua colocação relativamente ao(s) outro(s): em disposições circulares todos têm direitos iguais; quando alguém se encontra espacialmente afastado dos outros, tem uma posição de chefia.

Kendon descreve experiências realizadas com vários indivíduos e constata que em *F-formations* em que os indivíduos estão de pé, sempre que alguém muda de posição, orientação ou localização, os outros também mudam a sua posição, orientação e localização de um modo compensatório, de modo a não alterar a distribuição inicial (*ibid.*, 216). Sendo assim, a manutenção do mesmo sistema de formação com a constante preocupação de compensar qualquer alteração representa um sinal de consenso entre os interactantes; além disso, marca a duração de um tema. Pelo contrário, a alteração da configuração espacial denuncia uma mudança de tema ou de consenso entre os interlocutores, que pode estar relacionada com vários níveis de interacção: ao mudar de posição, um interactante pode mostrar a intenção de alterar o seu papel (de ouvinte para falante), pode expressar o seu desacordo com o que está a ser dito; pode fornecer ao falante informações sobre o modo como está a receber a sua vez. Em resumo: uma mudança de tópico, de tema, uma orientação contrária de intenção ou de atitude causa, geralmente, uma alteração do sistema de configuração espacial. Aí entram em jogo todos os elementos espaciais (contacto físico, distância interpessoal, orientação, postura).

---

um foco de atenção comum; c) ter uma função de delimitação, definindo um encontro social como uma unidade de análise; e d) organizar a estrutura espacial da interacção face a face (Kendon, 1990: 209-210).

Estas observações relativamente à proxémica mostram como uma alteração da posição que os interactantes mantêm entre si, ou uma alteração de posturas e de orientação está ligada ao nível estrutural do discurso: uma mudança de tema ou até qualquer outro evento que interfira na orientação do discurso pode ser acompanhada por uma mudança de posição, orientação ou postura dos intervenientes. Por sua vez, o contacto físico pode funcionar como um meio de chamar a atenção do outro para alguma coisa. Assim sendo, a proxémica é uma modalidade não-verbal susceptível de assumir funções interaccionais de regulação e de organização do discurso.

2.3 Movimentos da cabeça

Um dos primeiros estudos a focar a relação entre os movimentos da cabeça e a fala deve-se a Birdwhistell (1970: 229), que considera o aceno da cabeça (*head nod*) uma unidade cinética distinta, com uma velocidade típica de 0,8° a 3° por 1/24 segundos e desenhando um arco no espaço de 5° a 15°. O quinema aceno foi classificado como um marcador cinético pronominal (devido à sua sincronização com os pronomes pessoais), a que foram atribuídas as propriedades de acentuação e de mostração (elemento díctico).

Os movimentos de cabeça mais estudados foram os acenos típicos do ouvinte (cf. Yngve, 1970; Duncan, 1973). Uns autores, como Kendon (1972), descrevem os movimentos de cabeça do ouvinte em relação aos do falante - Kendon chama a atenção para o facto de o ouvinte sincronizar os seus movimentos com os do falante; outros, como Dittman/Llewellyn (1968), só focaram o comportamento do ouvinte, concluindo que os ouvintes têm a tendência para produzir vocalizações e acenar com a cabeça nas fronteiras entre as unidades prosódicas (***phonemic clauses***)[9]. Estes movimentos são também estudados em culturas diferentes, o que permite comparar o seu funcionamento: Manyard (1987) estuda os movimentos da cabeça em conversações entre participantes japoneses e verifica que o tipo de movimento de cabeça mais frequente é o aceno como sinal de retorno e que os movimentos do falante marcam a fronteira de frase ou o fim de vez para preencher uma fase de transição de vez e para assinalar ênfase ou afirmação. Comparativamente com o que tem sido observado para o caso do inglês americano, verifica que os japoneses acenam mais com a cabeça do que os americanos e, à excepção dos sinais de afirmação e de ênfase, os japoneses não acenam com a cabeça no meio de uma frase com fins interaccionais, mas apenas entre as vezes.

Kendon foi o primeiro investigador a estabelecer uma relação entre o movimento da cabeça e a estrutura do discurso: analisa o movimento da cabeça em relação com a fala e constata que as fronteiras entre as unidades do canal verbal coincidem com as fronteiras entre as unidades cinéticas; mostra também que padrões distintos de movimentos da cabeça coincidem com locuções verbais, ou seja, estão sincronizados com a unidade

[9] Para uma definição de *phonemic clause*, cf. parte I, 3.3. Utilizo, por agora, a expressão **unidade prosódica** como uma designação neutra para referir os vários tipos de unidades fonológicas (*phonemic clause, prosodic phrase, tone unit, breath group*, etc.) consideradas pelos vários autores que se basearam em diferentes orientações teóricas da Fonologia.

prosódica[10]. Mais tarde, constata que a posição da cabeça do falante difere conforme o falante verbaliza um aparte ou continua com a sua orientação argumentativa (Kendon, 1992: 193); demonstra também como os movimentos da cabeça estão relacionados com as outras formas de comunicação não-verbal: por exemplo, quando um interactante se prepara para tomar a vez, reposiciona a cabeça antes de começar a falar; neste caso, o movimento da cabeça pode ser considerado um sinal de tomada de vez (*ibid.*). Reconhece também a capacidade dos movimentos da cabeça de influenciarem a interacção, mesmo na ausência da fala: na descrição de "Some functions of the face in a kissing round" (Kendon, 1990), o autor mostra como padrões de comportamento da cabeça e da face controlam e organizam a interacção.

Por sua vez, Argyle (1972: 248) atribui aos *acenos* uma função típica de *reinforcer*, a que atribui uma função a nível da regulação do sistema de alternância de vez: um aceno com a cabeça pode ser um sinal de tomada ou de cedência de vez, vários acenos consecutivos podem constituir um sinal de reclamação de vez.

Na correlação entre as mudanças de orientação da cabeça e as mudanças de postura (também de velocidade e de amplitude do movimento da cabeça) Duncan (1972) reconhece uma função reguladora da alternância de vez; Kendon (1972), a função de marcar as fronteiras semânticas das vezes e Dittman (1972), a de indicar dificuldades de codificação da fala. Hadar *et al.* (1984a) concluem que as mudanças posturais da cabeça são mais significativos quando ocorrem entre as frases (unidades sintácticas) em associação com situações de tomada e cedência de vez. No que diz respeito à correlação entre os movimentos da cabeça e a fala, Hadar *et al.* (1983) verificam que é semelhante àquela que existe entre a fala e o gesto (a cabeça move-se quase constantemente durante os períodos de fala e permanece imóvel nos períodos de silêncio e nas pausas) e que os movimentos rápidos da cabeça são acompanhados por picos primários de sonoridade (não se constatando, contudo, a relação inversa). Quanto às pausas vazias, Hadar *et al.* (1984b) constatam que as pausas mais curtas (com menos de 0,5 segs.), que ocorrem dentro de frases ou em fronteiras de frases, são frequentemente acompanhadas por movimentos rápidos; as pausas longas, que tendem a ocorrer entre as frases, são acompanhadas por movimentos mais lentos, mudanças de postura ou imobilidade da cabeça.

McClave (2000, 2001) tem-se dedicado à micro-análise desta modalidade e comprovou que alguns movimentos da cabeça têm funções semânticas, discursivas e comunicativas; outros dão indicações sobre conteúdos proposicionais, ou seja, comportam uma carga semântica específica (para além do significado de afirmação e de negação). Às várias formas de movimentos da cabeça (movimento lateral[11] e movimento vertical) a autora atribui funções semânticas, narrativas, cognitivas e interactivas:

---

[10] Tipicamente, quando a locução (unidade em que se podem combinar unidades tonais) começa, a cabeça encontra-se numa determinada posição, e muda de posição no final da locução. Para a unidade prosódica de uma locução, a cabeça mantém frequentemente a posição final da locução precedente, funcionando como uma espécie de dispositivo cinético de coesão. Durante a segunda unidade prosódica, a posição da cabeça muda e mantém-se assim durante o resto da locução (cf. Kendon, 1972: 190 segs.).

[11] Os movimentos laterais da cabeça são aqui designados por **abanos** (cf. parte II, 1.3; Anexo, 2.2.1).

1. Funções semânticas:

- **Inclusividade** – função atribuída ao movimento lateral que co-ocorre com termos que exprimem inclusividade como *everyone, everything*. A autora apoia-se na interpretação conceptual da metáfora de Lakoff/Johnson (1980) e interpreta esse movimento como sendo baseado na "bodily experience of a collection of things taking up more than one point in space" (McClave, 2000: 860). A expressão de inclusividade não é sempre acompanhada por estes movimentos, mas quando eles co-ocorrem com estas expressões apresentam o padrão lateral.

- **Intensificação** – função atribuída também ao padrão lateral que acompanha elementos lexicais de intensificação como *very, a lot, great, really, exactly*, etc. Esta denominação baseia-se em Schegloff (1987), que refere que as avaliações incluem intensificadores verbais e que os movimentos sincronizados são intensificadores: "In sum, a horizontal or lateral head shake can have at least three distinct uses: as a marker of expression of the negative, of disagreement and/or of intensification" (*ibid.*, 106)". Goodwin/Goodwin (1992) classificam-nos como *assessment markers*. Para este significado de intensificação, McClave considera ainda duas hipóteses: "One hypothesis regarding the link between lateral movements and verbal intensifiers is that the lateral movement is related to negation and, therefore, carries the meaning of "unbelievable" in such cases (David McNeill, personal communication)" (McClave, 2000: 861); a outra hipótese consiste numa interpretação semelhante ao caso da inclusividade, com base nos esquemas conceptuais formados a partir da experiência do corpo (porque intensificar é acrescentar, aumentar em quantidade e em energia).

- **Incerteza** – os enunciados afirmativos podem ser tornados inseguros ou incertos através de elementos lexicais, como *whatever, whoever, I think*, ou por marcadores cinéticos, como, por exemplo, deslocações laterais de cabeça.

2. Funções narrativas:

- ***Direct quotes*** – marcam as mudanças do discurso directo para o indirecto, ou seja, a passagem do falante do papel de narrador para o papel de personagem da narração.

- **Expressão das imagens mentais** das personagens – diferentes posturas de cabeça por parte do falante, quando ele se refere ou representa alguém, fornecem diferentes informações sobre estatuto social ou altura da personagem da narração. Isso significa que o falante tem uma imagem mental dessa personagem e que usa a posição da cabeça para fornecer esse conteúdo (*ibid.*, 865).

- **Deixis e uso referencial do espaço** – a cabeça é usada para localizar um referente no espaço e para orientar alguém ou alguma coisa para o referente. Assim como o gesto na narrativa, também a cabeça é usada metaforicamente para localizar pontos no espaço.

- **Listagem de alternativas** – quando se faz uma listagem ou enumeração de conceitos, a cabeça move-se com cada elemento da lista, geralmente para a posição oposta àquela em que se encontrava durante a produção do elemento antecedente. Este movimento funciona aqui também como um indicador da conceptualização espacial de entidades (concretas ou abstractas) (*ibid.*, 867).

3.Funções cognitivas:

- **Indicação do processamento cognitivo** em correcções lexicais: a reparação (*repair*) lexical é tipicamente precedida ou acompanhada por movimentos da cabeça, sendo os mais comuns acenos laterais, por vezes pequenos tremores laterais. Esse movimento, já caracterizado por marcar relações de contraste entre enunciados, marca, no caso das correcções, um contraste de carácter mais intrapessoal do que interpessoal, e é uma reminiscência de um apagar ou afastar de alguma coisa (*ibid.*, 869).

4. Funções interactivas:

- **Pedidos de retorno** – a micro-análise da relação entre os movimentos da cabeça do falante e os movimentos de cabeça do ouvinte revela que os movimentos da cabeça típicos do ouvinte, os acenos, são respostas a pedidos de retorno não--verbais do falante. Estes pedidos de retorno, formalmente idênticos aos sinais de retorno do ouvinte, são logo reconhecidos pelo(s) ouvinte(s), que a eles reagem numa fracção de segundo. Assim, o que se pensava ser uma actividade espontânea e internamente motivada do ouvinte (cf. Duncan 1972), são de facto reacções a pedidos de retorno não-verbais do falante.

McClave (2000: 876) sugere que alguns dos movimentos apresentados podem ser culturalmente específicos (como o caso dos pedidos de retorno), outros, universais[12] (como o uso díctico da cabeça, que, à semelhança do gesto, é uma manifestação de núcleos de conceitos que são expressos verbalmente e não-verbalmente).

2.4 Mímica

A expressão facial do ser humano é o meio de comunicação mais especializado para transmitir atitudes e emoções. Talvez por esta razão, tenha sido, desde Darwin (1999)

[12] Procurando investigar esta questão da universalidade ou determinação cultural do gesto, McClave (2001) analisa os movimentos de cabeça para o árabe, búlgaro, coreano e inglês africano dos Estados Unidos e conclui que os acenos laterais na função de marcar intensificação e as mudanças de posição da cabeça no início do discurso directo narrado se verificam através de várias culturas, mas não são universais. Nas culturas observadas, os movimentos usados nas contagens (enumerações), nas indicações de alguma coisa e da inclusividade, assim como em pedidos de retorno, são predizíveis, havendo variações culturais evidentes no caso dos pedidos de retorno. Os movimentos de cabeça possivelmente universais são os que concretizam a localização no espaço de entidades e os que solicitam a realimentação por parte do ouvinte.

[1872], alvo de grande interesse sobretudo das áreas da Biologia, Etologia, Antropologia e Psicologia. Para melhor entendimento de todos os aspectos que estão envolvidos na investigação da mímica, convém, em primeiro lugar, focar algumas questões geradas em torno deste tema.

2.4.1 Universalidade e determinação cultural

O facto de a face humana apresentar características musculares idênticas às dos primatas, sobretudo no que diz respeito aos músculos usados na expressão das emoções primárias[13], provocou discussões polémicas sobre a origem da comunicação não-verbal. Uns investigadores defendem a universalidade das expressões faciais, outros sustentam que as expressões faciais das emoções são culturalmente determinadas, não rejeitando, porém, a possibilidade de as emoções primárias apresentarem características universais.

Eibl-Eisfeld, por exemplo, que, como já referido (parte I, 1.5.1), se debruçou sobre a comunicação não-verbal do ser humano, defende a universalidade expressiva de certas emoções que pôde verificar através de várias experiências. Um dos seus estudos centrou-se sobre o movimento composto pelo erguer das sobrancelhas ligado a um movimento da cabeça e a um sorriso (Eibl-Eisfeldt, 1972: 299 segs.). Para este gesto, o autor encontrou um denominador comum, um "sim", ou seja, solicitação ou aprovação de contacto. Verificou que os sujeitos que recebiam este sinal se sentiam incomodados ou não, conforme ele fosse emitido por um desconhecido ou por uma pessoa conhecida.

Por sua vez, Ekman (1974), um dos primeiros investigadores a estudar a mímica sistematicamente e em pormenor, defende uma teoria *neurocultural,* segundo a qual os factores determinantes das expressões emotivas são tanto de natureza universal como particulares de certas culturas. A repressão ou não-repressão das emoções é explicada por Ekman/Friesen (1969) através das **regras de exibição**[14] (*display rules*) da expressão do rosto que são apreendidas nos primeiros anos de vida de um indivíduo e determinam se uma emoção é expressa naturalmente, modificada ou totalmente reprimida[15].

Além dos aspectos culturalmente determinados, há aqueles que estão relacionados com a personalidade de um indivíduo e dos indivíduos que o observam e com os contextos sociais (cf. Ricci-Bitti/Cortesi, 1980: 46-54).

---

[13] Um dos primeiros estudos mais importantes sobre as emoções nos animais e no homem foi realizado por Darwin, [1872] 1999.

[14] Os autores constatam quatro **regras de exibição** fundamentais:

- desintensificação da emoção (desintensificar o índice visual de uma certa emoção: mostrar apenas um tremor quando se tem muito medo);
- intensificação da emoção (aumentar a intensidade: ter um medo moderado e simulá-lo enorme);
- ostentação de indiferença;
- simulação da emoção experimentada através de outra (Ekman/Friesen, 1969: 75 segs.).

[15] Ekman (1974) distinguiu três categorias principais de **determinantes culturais**: 1) **estímulos** que provocam emoções; 2) **regras** que regem as expressões faciais das emoções; e 3) **consequências**, ou seja, os comportamentos como consequência de uma determinada expressão do rosto.

2.4.2 Classificação das expressões faciais

As primeiras investigações sistemáticas sobre a mímica tiveram como objectivo a elaboração de categorizações das expressões faciais relativamente às emoções expressas, tendo em conta a relação entre as expressões faciais e a fala numa situação de interacção. Para isso, foram levados a cabo vários trabalhos de medição e análise (cf. Argyle, 1988; Kendon, 1990: 92; Wallbott, 1995: 483).

Os trabalhos mais conhecidos nesta área foram realizados nos anos 70 por Ekman e Friesen, que procuram verificar em que medida é que a face é capaz de expressar com exactidão determinados estados emocionais. Para detectar esses estados emocionais realizaram-se experiências que seguiram dois métodos distintos: o estudo da mímica através de juízos de terceiros; e o estudo da mímica através da análise de constituintes, ou seja, de diferentes movimentos de diferentes músculos que co-ocorrem na expressão facial[16]. Ekman/Friesen/Thomkins (1974) desenvolvem a *Facial Affect Scoring Technique* (FAST), através da qual se registam movimentos para três áreas da face: distinguem-se 8 posições diferentes para as sobrancelhas e testa, 17 para os olhos e pálpebras e 45 para a parte inferior da cara. FAST detecta a acção do sistema nervoso e permite a análise dos efeitos dos músculos opostos e diferentes modos de abertura dos olhos. Posteriormente, Ekman/Friesen (1978) desenvolvem o *Facial Affect Coding Scheme* (FACS) baseado em pequenos movimentos faciais (Action Units) provocados pela acção de diferentes músculos da face, visíveis para o observador. O manual elaborado descreve, em fotografias e filmes, 33 unidades de acção e 45 combinações destas e fornece informações sobre muitas outras combinações possíveis (cf. também Ekman, 1982; Ekman/Friesen, 1982; Buck/Savin/Miller/Caul, 1974).

Outros autores argumentam que a face não permite definir uma emoção, sendo apenas possível fazer distinções a nível das oposições entre estado afectivo negativo/estado afectivo positivo (cf. Mehrabian/Ferris, 1974). Segundo a maior parte das experiências realizadas, apenas três dimensões de emoções podem ser descodificadas a partir das expressões faciais: agradável/desagradável, intensidade/controle e interesse (Argyle, 1988: 122). As informações que a face pode fornecer relativamente à personalidade são também bastante restritas (*ibid.*, 137-138). Na situação de interacção, a face pode transmitir atitudes interpessoais, como por exemplo a atracção, geralmente expressa de um modo semelhante à alegria (através de sorrisos), e a dominância (rosto sério e por via de regra de sobrancelhas descidas) (*ibid.*, 135). Além destes sinais, a expressão facial fornece indicações sobre atitudes de surpresa, compreensão e interesse dos participantes.

Uma parte da face que tem sido muito estudada são as *sobrancelhas*. Ekman (1979, cit. in Argyle, 1988: 123) distingue 3 unidades de acção (a parte interior da sobrancelha erguida, a parte exterior da sobrancelha erguida e a parte interior descida) e combinações destas, que são usadas para expressar diferentes emoções e diferentes sinais de falante e

[16] Na maioria dos casos, as técnicas usadas para estudar a mímica e o olhar apoiam-se em métodos de observação e de juízos. Wallbott (1995:483) descreve técnicas electromiográficas (EMG) para medir o movimento dos músculos faciais e constata que estas técnicas, embora eficientes nuns casos, demonstram ser demasiado incómodas no caso de observações em situações de interacção face a face.

de ouvinte. Argyle (1994: 26) elabora uma sistematização em que atribui diferentes emoções a diferentes posições das sobrancelhas[17].

Por sua vez, Poggi/Pelachaud (2000a)[18] referem algumas funções específicas do erguer das sobrancelhas: podem expressar surpresa, perplexidade, significado adversativo (quando acompanha palavras que indicam oposição como "ma", "pero", "tuttavia") (*ibid.*, 59); pode ainda marcar ênfase. O elemento semântico comum é um componente de "violação de expectativas". A este juntam-se outros significados, conforme a origem dessa violação (*ibid.*, 60). Segundo Poggi (2002c), o movimento das sobrancelhas (como todas as outras unidades de modalidade de comunicação) tem um significado indirecto e um significado literal[19]. Antes do significado literal há o significado zero, sugerido por Posner/Serenari (2000, 2002). Segundo os autores, na base de todas as funções que o erguer das sobrancelhas pode ter encontra-se uma acção não-comunicativa original - o chamado **grau zero** de significado -, realizada em função da interacção do ser-humano com o ambiente; gradualmente foi sendo usada em novos contextos e adquirindo novos significados.

Para a zona à volta da boca, que desenha arcos cuja forma varia entre ∪ e ∩, foram detectadas outras informações além da emoção, expressões micro-momentâneas de sentimentos reprimidos (Argyle, 1972: 249), que representam pistas importantes na detecção de mentiras[20]. O sorriso é descrito como um mecanismo inato de

---

[17] Argyle (1994: 26) apresenta uma lista da forma das sobrancelhas e das emoções que elas representam: incredulidade - sobrancelhas completamente erguidas; surpresa - sobrancelhas semi-erguidas; indiferença - sobrancelhas em posição normal; perplexidade - sobrancelhas semi-descidas; cólera - sobrancelhas completamente descidas.

[18] Este estudo de Poggi/Pelachaud (2000a) insere-se num trabalho de investigação mais vasto, que está a decorrer, com vista à realização de dicionários de "modalidades" não-verbais. Com esta pesquisa Poggi pretende também contribuir para o desenvolvimento de agentes virtuais, novas interfaces na interacção multimodal ser humano - computador. Note-se que a autora considera dois tipos principais de **modalidade**: a receptiva e sensorial (que pode ser visual, auditiva, etc.), considerada na perspectiva do receptor; e a produtiva e motora (que pode ser verbal, prosódico-entoacional, facial, gestual e corpórea), considerada na perspectiva do emissor de sinais. Para cada parte do corpo em movimento pode se considerar um sistema de sinais com regras próprias (cf. Poggi, 2002c: 1-2).
Outros estudos interessantes são Poggi (2002b), (2002c), Poggi/Pelachaud (2000b), (2002).

[19] No meu entender, trata-se de significados a vários níveis da interacção verbal: a nível temático, estrutural, modal e interaccional e não de um significado indirecto e de um directo.

[20] Ekman/Friesen (1974) explicam que os mentirosos não prestam atenção ao tom da sua voz nem aos movimentos do corpo. As pistas que melhor permitem detectar mentiras são os movimentos nervosos e as **fugas não-verbais** (*nonverbal leakage*), sinais que revelam sentimentos verdadeiros. Ekman/Friesen (1974) demonstram que há movimentos do corpo e da face que denunciam a mentira e o engano. Isso acontece porque o indivíduo que pretende enganar o outro se concentra mais na face para reprimir e produzir certas expressões faciais; geralmente, deixa escapar micro-movimentos musculares, movimentos dos pés e das maos (gestos de adaptação e manifestações de estados afectivos - cf. parte I, 2.6.3.2). As expressões faciais são mais controláveis porque estão sujeitas a uma maior realimentação externa (external feed-back), ou seja, são aprecebidas pelos outros; consequentemente, têm também uma maior realimentação interna (é apercebida pelo próprio). Quanto aos movimentos das pernas e dos pés, por serem os menos expressivos, não estão tão sujeitos às realimentações externa e interna e escapam, por isso, ao controle do falante mentiroso (não treinado). A estas pistas de engano, disfarce ou mentira, os autores chamam *nonverbal leakage* (fugas não-verbais). Por via de regra, os ouvintes são mais sensíveis à comunicação não-verbal do que ao que é comunicado verbalmente; no entanto, como afirma Scherer

desencadeamento de reacções, que é emitido pela nossa face em situações de interacção social e tem o valor de um sinal de aproximação espacial, de apaziguamento, mostrando que um indivíduo está pronto para uma relação afectiva positiva (cf. Corraze, 1980: 99). Argyle (1988: 135-136) comenta que o sorriso é um dos sinais de reforço mais importante, que indica recompensa interpessoal e sentimentos positivos; por outro lado, as sobrancelhas descidas têm um efeito oposto. Há ainda a considerar vários tipos de sorriso: Ekman/Friesen (1982) sugerem que os sorrisos se podem dividir em sentidos, falsos e tristes. Um sorriso falso está relacionado com a auto-representação e difere dos sorrisos sentidos, na medida em que certos músculos faciais não estão activados, de tal modo que os olhos e as faces não ficam envolvidos no movimento. Por sua vez, no sorriso irónico, há conflito entre dois conjuntos de músculos (Argyle, 1988: 122). Descrições sobre o significado do riso encontram-se em Poyatos (1993), Poggi/Chiroco (1998). Falta ainda referir que o sorriso é também importante como sinal de retorno (Brunner, 1979). Convém aqui referir a investigação mais recente sobre o sorriso (como expressão de vários tipos de emoções) que tem vindo a ser realizada por Freitas-Magalhães (1997, 2003) e Freitas-Magalhães/Neto (2000, 2003) em Portugal[21].

Resumindo o que aqui foi apresentado, a mímica não só apresenta características universais, biologicamente determinadas, mas também é influenciada por factores culturais e individuais. Muitas vezes, expressões habituais do indivíduo ligadas a atitudes e sentimentos vividos frequentemente podem cristalizar-se em modelos expressivos que passam a constituir traços distintos do próprio indivíduo. Embora tenha sido atribuída à mímica a função de exprimir emoções, esta modalidade também actua a outros níveis da interacção. Ricci-Bitti/Zani (1997: 153-155) salientam a função das expressões faciais de sublinhar, modelar e acentuar os significados (quando exibidas pelo falante) e de expressar uma determinada atitude (quando manifestadas pelo ouvinte). Também Corraze (1980: 99) refere que as expressões faciais não se limitam à expressão do afecto, por intervirem também na comunicação entre indivíduos.

2.5 Olhar

É através da percepção visual que um indivíduo se pode inteirar do que se passa à sua volta. Orientando o olhar para o falante, o(s) ouvinte(s) mostra(m) (ou não) atenção, interesse, compreensão, incompreensão, acordo ou desacordo pelo contributo do falante; ao olhar para o ouvinte, o falante recolhe essa informação ou reclama atenção. O modo de olhar é igualmente importante, pois transmite informações acerca da atitude do falante, ou outros significados relacionados com o conteúdo.

(1977), a falta de regras de descodificação da comunicação não-verbal não permite que, numa comunicação em que se constate uma contradição comportamental, o falante possa ser acusado de ter mentido. Segundo o autor, esta comunicação não-verbal desempenha uma função parassintáctica de contradição relativamente à fala, distinta da ironia (em que o significado do enunciado verbal é invertido através da comunicação não-verbal inapropriada) (cf. Scherer, 1977: 282 segs).

[21] Agradeço ao Prof. Doutor A. Franco a referência a este investigador.

Há duas situações distintas que se devem considerar na descrição desta modalidade de comunicação: a orientação assimétrica do olhar (um interactante orienta o seu olhar para o parceiro, mas o parceiro está a olhar noutra direcção), e a orientação simétrica do olhar, que implica uma situação de contacto visual recíproco, em que os parceiros olham um para o outro (olhos nos olhos).

A importância que o olhar desempenha na interacção face a face começou a ser mais sistematicamente estudada a partir dos anos 60, em que foram abordados fenómenos ligados sobretudo à "quantidade de olhar" do indivíduo que olha (cf. Kendon, 1990: 51). O contacto visual mútuo é, por via de regra, mais curto: Argyle (1994) refere que cada indivíduo olha intermitentemente para o outro por períodos de 1 a 10 segundos, o que corresponde a 25 % - 75 % do tempo da interacção; o ouvinte olha geralmente mais vezes para o falante do que o falante para o ouvinte; em situações de mais intimidade, à medida que a distância entre os interactantes se reduz, diminui também a quantidade de olhar mútuo. Isto tem a ver com uma procura de equilíbrio da intimidade pretendida entre as duas pessoas. Argyle (1994: 30) sugere que a intimidade é uma função da proximidade física, do contacto visual, da expressão facial (sorriso), do tópico da conversação (se é mais ou menos pessoal), tom de voz (caloroso), etc. Sempre que um destes componentes é afectado e, consequentemente, o equilíbrio de intimidade, dá-se uma alteração complementar do outro para restaurar o equilíbrio perdido. É neste fenómeno que se baseia a **teoria do equilíbrio** de Argyle/Dean (1965), segundo a qual uma maior proximidade de A conduz a uma redução de proximidade de B, conseguida através de uma orientação menos directa, inclinação do corpo para trás e redução da produção verbal (Argyle, 1988: 95). Além disso, à semelhança do que foi dito em relação à proxémica, as pessoas olham mais para aquele(s) de quem gostam. Devido ao factor intimidade, a quantidade ou duração de contacto visual é (excepto nos casos de grande intimidade) limitada (cf. Argyle, 1994: 29).

Essa procura de equilíbrio também está ligada ao facto de o "ser olhado" implicar emoções (reacções) contraditórias (Argyle, 1994: 27 segs.): ao desejo de se ser observado, que corresponde a um certo exibicionismo ou, segundo Corraze (1980: 109), à necessidade de aproximação, contacto e reforço positivo, opõe-se o "evitar ser olhado", por causar uma certa ansiedade em frente do público. Essa ansiedade deve-se ao medo de revelar estados interiores ou de perceber a rejeição dos outros (Corraze, 1980: 109; Argyle/Dean, 1965). Como refere Argyle (*ibid.*), o olhar demorado provoca uma excitação fisiológica excessiva e, consequentemente, sensações incómodas. Enquanto em certas espécies animais o desvio do olhar faz diminuir a agressividade e funciona como um meio de apaziguamento, no ser humano também pode estar associado ao embaraço, ou, mais uma vez, como sugere Eibl-Eisfeldt (1972: 28), ao medo inato de ser olhado. Sendo assim, a comunicação visual está sujeita a uma força que tende a estabelecer um contacto visual e a outra força oposta que tende a evitá-lo. Estas duas forças actuam em conjunto e procuram a estabilidade num determinado ponto de equilíbrio, como foi atrás referido.

O modo e a quantidade de olhar estão também relacionados com o estatuto social (dominância/submissão; superioridade/inferioridade) e com as características da

personalidade (extroversão/introversão). Como estes aspectos não fazem parte do âmbito deste trabalho, não serão aqui aprofundados[22].

Uma das primeiras investigações sistemáticas sobre a relação entre a direcção do olhar e a fala e das suas funções a nível de alternância de vez foi realizada por Kendon (1990: 53). O autor vê a função da direcção do olhar simultaneamente como um acto de percepção, através do qual o interactante pode monitorizar o comportamento do outro, e como signo expressivo e sinal regulador, através do qual ele pode influenciar o comportamento do outro. Kendon analisa várias conversações entre dois participantes e conclui que a actividade perceptual da interacção social funciona de dois modos principais:

- olhando para o outro, um interactante monitoriza o seu comportamento; sendo assim, a direcção do olhar tem uma função de monitorização;
- olhando (ou não) para o outro, um interactante pode influenciar o comportamento dele, visto a direcção do olhar ter uma função reguladora e expressiva.

Atendendo à importância que estas funções têm para o caso específico da alternância de vez, é conveniente descrevê-las com maior detalhe:

1. Funções de monitorização:

Estas funções relacionam-se com o sistema de alternância de vez. Kendon constata que o falante (p)[23] olha para o ouvinte (q) nos pontos do discurso em que espera uma reacção do seu interlocutor (pedido de retorno) que, por sua vez, influenciará o seu comportamento posterior. Sendo assim, quando se aproxima do fim de enunciados mais longos, os olhares para o outro (*q-gazes*) são mais frequentes do que no início dos enunciados (cf. Kendon, 1990: 82-83)[24]. Este aspecto também foi comprovado por Goodwin (1981).

---

[22] Para o caso do estatuto social, Exline (1974) verificou que o interactante que está numa posição de inferioridade tem uma maior necessidade de regular o comportamento expressivo do outro, não para indicar à pessoa mais poderosa a sua aceitação de um papel dependente e da consequente adaptação dos seus comportamentos a esse papel, mas sim para controlar o modo como o parceiro reage àquilo que ele diz O autor constata que, por via de regra, as pessoas dominantes ou com mais poder social não controlam visualmente os menos poderosos. Numa interacção frente a frente, o interactante com menos poder social tem uma maior necessidade de controlar. Isso significa que a necessidade de um indivíduo se impor aos outros está patente no comportamento visual dominante. No que diz respeito à personalidade, Ricci-Bitti/Cortesi (1980: 57) referem que as pessoas extrovertidas têm um olhar mais prolongado do que as introvertidas; as pessoas com maior necessidade de aproximação usam com mais frequência o olhar em situações amistosas e de colaboração; em situações competitivas são as pessoas dominantes ou com menor necessidade de aproximação que usam mais o olhar. Sobre estudos acerca da relação entre a interacção visual no que diz respeito à competitividade, cooperação, sexo e necessidade de aproximação, cf. Mehrabian/Ksionzky (1974) e Kendon (1990:88). Segundo Argyle (1994: 30), como no caso dos recém-nascidos, o olhar parece ter um valor de recompensa: é uma fonte de emoções sobretudo no caso de olhares de maior duração, onde pode estar implícito um sentido sexual ou agressivo-competitivo. Por sua vez, os olhares breves assinalam a recolha ou aquisição de informações.

[23] Kendon (1990: 53) distingue entre ***p*** (=indivíduo em questão) e ***q*** (=o outro); ***p-gazes*** (quando p olha para q); e ***a-gaze*** = quando p não está a olhar para q.

[24] Neste contexto, também se podem considerar diferenças na necessidade de aproximação: existe a possibilidade de algumas pessoas dependerem mais da informação visual na interacção do que outras. A

2. Funções reguladoras e expressivas:

As mudanças de orientação do olhar funcionam para o outro (parceiro-q) como sinais das intenções e expectativas de p, sobretudo no que diz respeito ao tempo de fala - função reguladora. Quando p desvia o olhar antes de começar uma frase longa, mostra a q que está a falar, ou que se prepara para falar (tomada de vez), e que, depois de q olhar para ele, lhe dá a indicação de que aceitou a sua cedência de vez. Sempre que olha para q nas frases longas, p mostra que a sua frase vai chegar ao fim - anúncio da cedência de vez. Os olhares rápidos de p durante a sua vez mostram um pedido de retorno; um olhar mais intensivo mostra que p quer tomar a vez (reclamação de vez): "It will be seen that, insofar as gaze direction changes do have this signalling function for q, they may also be employed by p to regulate the behavior of q by not looking at him, or he can increase his demand for a response from him by looking at him" (*ibid.*, 85).

As mudanças da direcção do olhar também expressam sentimentos e atitudes. O desvio do olhar não só pode funcionar como um *cut-of-act*, mas também como uma indicação a q de que p está embaraçado. As mudanças de olhar têm um significado mais independente do contexto do que o gesto e a mímica (*ibid.*, 86). Com base nas observações realizadas, Kendon registou vários tipos de fenómenos interaccionais que estão relacionados com o olhar[25].

---

capacidade de adaptação ao ambiente é outra característica que condiciona o olhar. Cada indivíduo tem uma imagem interna do meio ambiente, da qual pode retirar informação para determinar acções futuras. Num ambiente que muda constantemente, é necessário retirar exemplos a partir de observações para manter esse modelo interno actualizado. As alterações na imagem interna estão relacionadas com a *persistence of set* ou rigidez de um indivíduo: indivíduos caracterizados por uma maior rigidez ou elevado grau de *persistence of set* não alteram tão facilmente essa imagem interna como as pessoas com *persistence sets* menos elevados (cf. Kendon, 1990: 83).

[25] Fenómenos interaccionais relacionados com o olhar:

Características do papel de falante/ouvinte: os *q-gazes* do falante são, por via de regra, mas curtos do que os *q-gazes* do ouvinte; a duração do *q-gaze* e a percentagem com que p muda a direcção do olhar está directamente relacionada com a média de *q-gaze* do parceiro e da sua mudança de direcção do olhar: "It clearly suggests that how much p will look at q will depend to an important extent upon factors specific to the dyad he is in" (Kendon, 1990: 59).

Alternância de vez: geralmente há alguma alteração nos comportamentos dos participantes conforme passam de falante para ouvinte e vice-versa. Essas alterações precedem geralmente o enunciado e contribuem para que os participantes possam antecipar o modo como o outro vai lidar com o momento da transição da vez, permitindo uma alternância de vez suave. Ao desviar o olhar, p (falante) é capaz de se concentrar na organização do enunciado e, ao mesmo tempo, mostra a sua intenção de continuar a vez, evitando assim qualquer tentativa de acção por parte do seu interlocutor. Quando olha para o ouvinte, o que acontece nos finais das frases, e por mais tempo no fim da vez, ele pode verificar como o seu interlocutor está a reagir àquilo que está a dizer e assinalar-lhe que está à procura da sua resposta. Para q (ouvinte), estes olhares intermitentes servem como sinal de que p quer uma resposta sua *(ibid.*, 70-71).

Fluência da fala: a quantidade de fala é maior e mais rápida durante o olhar do que durante o não-olhar. P tem uma maior tendência para olhar para q durante a fala fluente do que durante a fala hesitante. P tem maior tendência para olhar para q no fim do enunciado do que quando retoma a fala depois de uma pausa de fronteira. A distribuição do olhar é diferente nas pausas de fronteira e nas hesitações: na pausa de fronteira, p olha para q no fim da frase, continua a olhar durante a frase (embora quanto mais longa for a pausa, menor é a possibilidade de olhar), e desvia o olhar quando a frase seguinte começa; no caso da

Os significados mais evidentes do facto de um indivíduo olhar para o outro são a informação sobre o estado de abertura do canal visual de um indivíduo (cf. Goodwin, 1981: 30), a procura de informação ou o desejo de captar a atenção desse outro, podendo este ser motivado por variadíssimos factores. No seu estudo de carácter micro-analítico sobre certos comportamentos não-verbais relacionados com o comportamento verbal, Goodwin (1981) foca a função do olhar a nível de alternância de vez e mostra como há uma sequência de olhar preferida, de acordo com os papéis de falante e de ouvinte, que parece ser regulada por "regras". Goodwin sugere que a sequência preferida dos olhares num momento da conversação é: 1° - o ouvinte olha para o falante, 2° - o falante olha para o ouvinte. Isso significa que, sempre que o falante olha para o ouvinte, este deve estar a olhar para ele. Sempre que o falante, no início ou durante a vez, verifica que o ouvinte não está a olhar para ele (como deveria), o falante desvia de novo o olhar para evitar um estado despreferido (*ibid.*, 85). Pode então recorrer a outras estratégias que conduzem à situação preferida de contacto visual. Estas consistem em fenómenos não linguísticos, como hesitações, pausas e falsos arranques. Ao executá-los, o falante provoca uma descontinuidade no discurso, que é logo notada pelo ouvinte, e à qual ele reage, olhando para o falante (certamente para se certificar do que está a acontecer). Sendo assim, estas estratégias funcionam como pedidos de olhar do ouvinte por parte do

---

hesitação, há uma diminuição na extensão do olhar de p para q, voltando p a olhar para q quando começa a falar fluentemente (*ibid.*, 66-70).

Unidade de informação: ao olhar para o ouvinte no final das frases, o falante verifica o modo como o ouvinte está a seguir a sua contribuição. Esse olhar tem, assim, para o falante, uma função de verificação e, para o ouvinte, a função de sinalização de fim de frase/vez, visto marcar o limite de uma unidade de informação. Esse limite corresponde também aos momentos em que p procura um sinal de retorno (*accompaniment response*) de q (*ibid.*, 70).

Sinais de retorno: quando p verbaliza um sinal de retorno que expressa atenção, continua a olhar para q; quando o sinal de retorno significa acordo, geralmente desvia o olhar, deixando cair brevemente as pálpebras ao mesmo tempo que executa um aceno duplo com a cabeça, de amplitude restrita (*ibid.*, 74); com sinais de retorno constituídos por frases exclamativas, p olha para q durante a exclamação se os sentimentos forem positivos; caso contrário, não olha; durante o *riso*, p olha para q; nas interrupções, em que o ouvinte (p) tenta "cortar" o tempo de fala (vez) de q, p e q olham um para o outro enquanto negoceiam sobre quem vai continuar a falar; no caso de perguntas curtas, p olha firmemente para q enquanto pergunta; há desvio de olhar em perguntas que tocam assuntos que podem causar a ansiedade de p: "by looking away [p] is effectively cutting down his level of emotionality, either by cutting down the intensity of the direct relationship he has with q, or by reducing information intake from q, which would be arousing for him" (*ibid.*, 76).

Emoção: os olhares mútuos momentâneos são indicadores de que cada um ainda está a falar com o outro; os olhares mútuos extensos, por sua vez, indicam que há uma intensificação de relações directas entre os participantes, por exemplo, quando p orienta o olhar para a pessoa com que está a interagir de um modo afiliativo ou competitivo. Como comenta Kendon, "Exline's findings (1963) are consistent with the idea that the amount of mutual gaze in an encounter will increase in proportion to the degreee to which p and q are directly relating to one another, and that the amount of mutual gaze will decline in direct proportion as the individuals want to avoid or withdraw from this relationship" (*ibid.*, 77). O sorriso de um participante está relacionado com o sorriso de outro - é uma resposta emocional, recíproca e simétrica. Os vários graus de sorriso ("light smile, definite smile, extreme smile, laughter" (*ibid.*, 77-78) são indicadores de emoção, que se podem correlacionar com o olhar: quanto mais sorriso há, menor é a quantidade de olhar mútuo. Isso deve-se ao facto de, para cada situação, haver determinado grau de emotividade aceitável. Para regular a emoção de acordo com a situação e encontrar o grau de equilíbrio desejado, os interactantes desviam o olhar do parceiro. Sendo assim, o desvio do olhar é um modo defensivo de regular a emoção.

falante. Para coordenar o discurso com a actividade do ouvinte, o falante pode ainda recorrer a reparações, repetições, interrupções, prolongamentos ou introduções de novas secções ao enunciado. Desta vez, ele não solicita o olhar do ouvinte, mas retarda a completação do enunciado, esperando que o ouvinte olhe (*ibid.*, 127). Outros olhares podem funcionar como pedidos de verificação dirigidos a outros destinatários (*ibid.*, 150).

O autor refere que a orientação do olhar do falante para o ouvinte tem a função de indicar o destinatário do seu enunciado; quando orienta o olhar para outro lado, desviando-se do contacto visual com o ouvinte, o falante pode estar não só a precisar de se concentrar na estruturação da fala ou à procura de palavras, mas também a querer evitar que o ouvinte tome a vez. A orientação do olhar do ouvinte para o falante é um sinal de aceitação do desempenho do papel de ouvinte e de atenção e interesse, sendo, por isso, importante para o falante. A orientação do olhar para o lado (desvio do olhar) por parte do ouvinte é aceitável se este mantiver outro tipo de sinais de retorno (sinais verbais ou movimentos da cabeça); caso contrário, demonstra desinteresse, desaprovação ou descomprometimento.

Têm sido também feitas várias tentativas de classificar os modos e formas de olhar, de acordo com a sua função interaccional. Uma das primeiras foi realizada, para o alemão, por Ehlich /Rehbein (1982), que distinguem um tipo de olhar específico - o *deliberatives Wegblicken*, um desvio dos olhos de uma posição central no globo ocular para um lado e para cima, para reflexão. Segundo os autores, esta unidade de movimento está ligada às actividades mentais: tem a função cognitiva de informar o parceiro de que o falante está ocupado com um processo cognitivo de procura lexical e dá-lhe a entender que pretende continuar a vez.

Também Poggi (2002c) considera no seu dicionário (*the lexicon of gaze*) esta forma de olhar, a que atribui a função metacomunicativa de informar que o falante está a raciocinar sobre alguma coisa; em contrapartida, a outra forma de olhar com funções metacomunicativas consiste na orientação do olhar para baixo, que informa que o falante procura um elemento lexical. Estas duas formas de olhar oblíquo têm um significado directo e indirecto: "... both looking down obliqualy and looking up, at the literal level provide a metacognitive information ("I am trying to remember" or "I am trying to make inferences"), but at a second level (Poggi, 2002a: 17) they may imply a turn-holding request: "let me think, please, let me finish expressing my thoughts" (*ibid.*). A classificação do olhar é feita com base em parâmetros formacionais (formational parameters), como por exemplo as partes da região do olho (sobrancelhas[26], pálpebras, rugas), movimentos e outros aspectos dos olhos como a humidade, direcção do olhar, etc., que servem para distinguir uns dos outros os diversos tipos de olhar. Embora o dicionário ainda se encontre em elaboração, a autora apresenta algumas funções/características típicas do olhar/orientação do olhar. Umas relacionam-se com aspectos semânticos: o grau de abertura dos olhos pode ter uma função adjectival, contribuindo para indicar as noções de pequenez e de grandeza (olhos quase cerrados =

[26] As sobrancelhas são incluídas no grupo da mímica.

muito pequeno; olhos muito abertos = muito grande); outras, como a posição das sobrancelhas, fornecem indicações sobre a atitude do falante (grau de certeza) relativamente ao enunciado (dúvida = sobrancelhas erguidas; certeza = sobrancelhas ligeiramente descidas); outras, como as características formais dos olhos, podem funcionar como actos performativos: um olhar sério e directo representa uma ordem; um olhar implorante, um pedido, etc.; outras, como a orientação do olhar, podem também estar relacionadas com a estrutura tópico-comentário: no tópico, o falante não olha para o ouvinte; no comentário, o falante olha para o ouvinte, levantando também as sobrancelhas e abrindo mais os olhos; outras dão informações a nível metadiscursivo (estabelecem, por exemplo, relações adversativas entre os enunciados) e a nível de alternância de vez; outras ainda, podem mostrar emoções individuais (o que o falante sente) e emoções sociais (o que o falante sente para com o ouvinte) (cf. também Poggi/Pelachaud, 2002).

2.6 Gestos

Os gestos são os movimentos realizados com as mãos e com os braços. Representam a forma de comunicação não-verbal à qual sempre foi prestada atenção no que diz respeito à sua origem e à sua relação com a fala.

2.6.1 Questões ligadas à origem do gesto

Pelo que foi descrito nos parágrafos dedicados à Etologia[27], já se pôde ver que o estudo do gesto levantou grandes controvérsias relativamente à sua origem. Sob o ponto de vista neurológico, encontrou-se uma ligação estreita entre disfunções a nível verbal e disfunções a nível gestual: às diferentes afasias (de Brocca e de Wernicke) correspondem diferentes tipos de disfunções gestuais[28] (cf. Argyle, 1988: 191). No que diz respeito à ontogénese dos gestos, já puderam ser observados alguns paralelismos no desenvolvimento do gesto e da língua na criança, por exemplo relativamente à capacidade de exprimir um determinado grau de abstracção (*ibid.*, 190). Quanto à filogenia do gesto, as opiniões são ainda controversas. Há muitos factores que dificultam a classificação do gesto quanto à sua origem. O que se pode desde já afirmar é que, embora muitos gestos pareçam ter um significado universal[29] (como o gesto de apontar, gestos de agressão, etc.), muitos outros são visivelmente afectados pelos processos de socialização e pela respectiva história cultural.

---

[27] cf. parte I, capítulo 1.5.

[28] Na afasia de Brocca as lesões encontram-se na área anterior esquerda; as palavras mantêm-se, mas não a gramática; as pessoas afectadas por esta afasia executam gestos icónicos, mas nenhuns gestos batuta (cf. 2.6.3.2). Na afasia de Wernicke, as lesões são na região posterior esquerda; os significados dos elementos lexicais perdem-se, mas a sintaxe mantém-se. Estes afásicos fazem poucos gestos representativos, mas mantêm a capacidade de realizar gestos batuta (estes gestos serão explicados sob 2.6.3.2, parte I). Parece, pois, haver uma ligação estreita entre os défices verbais e gestuais (cf. Argyle, 1988: 191).

[29] Apesar de estes gestos terem um carácter universal, Argyle (1988: 191) não os considera inatos. Para si são símbolos naturais, isto é, o modo mais óbvio de usar o corpo humano para certas mensagens.

Como os gestos revelam muito do que se passa no nosso interior e transmitem informações que não são expressas pela fala, um modo de aceder ao funcionamento da fala a nível conceptual é o estudo da relação entre o gesto e a fala que acompanha. O estudo da relação entre o gesto e a fala produzida em simultâneo pode contribuir, por sua vez, com informações importantes para o estudo da origem do gesto. Neste sentido, sobretudo a partir dos anos 60, foram realizadas muitas investigações sobre os movimentos dos braços e das mãos de onde resultaram várias classificações de formas e funções gestuais que serão descritas mais adiante.

2.6.2 O gesto e a fala[30]

Já na Antiguidade clássica os retóricos relacionaram determinadas formas gestuais com a fala, aliás com a intenção de os ensinar aos oradores. Os gestos eram considerados elementos essenciais da arte retórica, através dos quais os oradores podiam influenciar os ouvintes de acordo com os seus interesses[31]. O estudo do gesto por investigadores da "língua" caiu no entanto em desuso e só foi retomado muito mais tarde, por volta dos anos 90, impulsionado pela investigação da interacção face a face por parte de disciplinas vizinhas.

No âmbito das Ciências Sociais e da Psicologia começou a desenvolver-se, por volta dos anos 60, a investigação sobre as relações entre o gesto e a produção e percepção verbal. Neste contexto, procurou-se verificar como as formas gestuais são determinadas pelas condições de uso, dando-se, por isso, alguma atenção ao significado expresso pelos gestos e a aspectos linguísticos e não-linguísticos da fala. Birdwhistell (1970: 110) propôs uma primeira classificação estrutural da comunicação não-verbal, em que são considerados diferentes tipos de **quinemas** (unidades de comportamento) relacionados com a fala, a saber, os marcadores cinéticos pronominais, verbais, de modo e de pluralização. Seguem-se vários estudos sobre os gestos (cf. Kendon, 1980a, 1980b, 1981, 1986a, 1986b, 1988, 1993, 1995, 1999) e desenvolvem-se outras tipologias, posteriromente também das áreas da Psicolinguística e da Linguística, que incidem principalmente sobre as características formais e funcionais dos gestos que acompanham a fala[32]. As mais importantes para o estudo do gesto em geral e para as restantes modalidades não-verbais serão descritas a seguir. Paralelamente serão abordadas ainda outras questões relacionadas com os gestos, como forma, composição e grau de convencionalidade.

2.6.3 Tipologias dos gestos

As classificações escolhidas para salientar as principais propriedades e perspectivas de abordagem dos gestos são as de Efron (1972) [1941], Ekman/Friesen (1969), McNeill (1992), Müller (1998) e Poggi (2002a). Estas tipologias pertencem a épocas distintas e

---

[30] Recorro ao termo **fala** (como tradução de *speech*), como já mencionei na Introdução, para referir os sinais verbais produzidos pelos movimentos dos órgãos do aparelho fonador.

[31] Uma descrição detalhada dos gestos na retórica da Antiguidade clássica e na Idade Média encontra-se em Müller (1998: 25-55).

[32] Cf. Rimé/Schiaratura (1991).

foram escolhidas de entre outras pelas seguintes razões: a primeira, resultante de um dos estudos pioneiros sobre formas e funções dos gestos na interacção face a face, pela sua importância histórica no estudo dos gestos; a segunda, por ter sido desenvolvida também com base na observação das outras formas de comunicação não-verbal; a terceira, pela sua perspectiva de abordagem cognitivista; as duas últimas, realizadas por duas linguistas, fazem realçar diferentes aspectos funcionais dos gestos, tendo sido desenvolvidas com objectivos distintos: a de Müller, com o intuito de contrastar gestos de diferentes culturas; e a de Poggi, com vista à elaboração de um dicionário de gestos contribuindo para a produção de agentes físicos no âmbito da interacção pessoa--computador. Nos parágrafos que se seguem procurarei apresentar o essencial de cada uma das tipologias em questão para dar a conhecer as diversas funções atribuídas aos gestos, algumas das quais já praticamente convencionalizadas na pesquisa desta forma de comunicação não-verbal[33].

2.6.3.1 Tipologia de Efron

Deve-se a Efron (1972 [1941]) um dos primeiros trabalhos sobre formas e funções dos gestos, uma sistematização funcional de tipos de gestos, que foi fundamental para a investigação do século XX[34]. Esta obra constituiu um elo de ligação entre os estudos sobre o gesto público da tradição da antiga retórica e a nova pesquisa do gesto. Efron comparou gestos dos judeus da Europa Central e italianos do sul com os dos judeus das mesmas etnias (de origem europeia e italiana) radicados na cultura nova-yorquina, em termos de expansividade e de velocidade. Verificou que os gestos dos dois primeiros grupos apresentavam ligeiras diferenças; por sua vez, os judeus de origem europeia e italiana que viviam em Nova York, utilizavam a comunicação não-verbal típica dos americanos, verificando-se, aliás, também a existência de gestos híbridos que testemunhavam um bilinguismo gestual. O autor vê o gesto como meio de comunicação ligado à comunicação linguística, desempenhando funções tanto na organização da interacção face a face, como na representação de objectos concretos e abstractos e de estados de coisas (cf. Müller, 1998: 91). A tipologia introduzida é suficiente para atender aos interesses do autor que consistiam em comparar o comportamento não-verbal humano levantando questões de ordem cultural e genética.

Efron baseou-se nos tratados de retórica da Antiguidade Clássica para as distinções de tipos de gestos e para a terminologia usada na sua classificação[35]. Centrou-se no movimento das mãos, que relacionou com o movimento da cabeça (não observou nem a postura, nem a mímica, nem o contacto visual). Considerou três aspectos distintos característicos dos gestos (o espacial-temporal, o interaccional e o informativo); ao ter em conta a relação entre gesto e palavra, distinguiu entre *discursive gestures* (gestos que acompanham a palavra) e *object-oriented gestures*, aqueles que são compreensíveis sem a

---

[33] Sobre questões formais dos gestos cf. também Kendon (1996).

[34] Deve-se ainda mencionar o trabalho datado de 1832, realizado por Andrea de Jorio, o primeiro etnógrafo do gesto. Esta obra foi recentemente traduzida por Kendon e re-publicada em de Jorio (2000). Cf. recensão por Roodenburg (2001).

[35] Efron adopta termos, sistematizações e concepções dos gestos que remetem para Claudius, Bacon, Quintiliano e Cícero (cf. Müller, 1998: 58; 84).

produção verbal. Os primeiros subdividem-se em gestos batuta (*beats*) e em gestos ideográficos; os segundos, em gestos dícticos e gestos descritivos, estes, por sua vez, podem ser imagísticos, de movimento e emblemáticos.

2.6.3.2 Tipologia de Ekman/Friesen

Ekman/Friesen (1969) apoiam-se na classificação de Efron (1972) e procuraram descobrir o modo como se atribui significado e se descodificam espontaneamente diferentes formas de comunicação não-verbal. Desenvolveram um sistema de classificação vasto, em que a gestualidade (gestos dos braços e das mãos) surge como uma forma de comunicação não-verbal entre outras. Os critérios utilizados na classificação dos diferentes tipos de comunicação não-verbal foram o *uso*, a *origem* e a *codificação*[36].

Procurando evitar novas terminologias e com base na obra de Efron, os autores consideraram os seguintes tipos de gestos e de comunicação não-verbal: *emblems*, *illustrators*, *affect displays*, *regulators* e *adaptors*.

Emblems **(emblemas)** – são sinais com significado específico que repetem ou substituem o conteúdo da comunicação verbal; são susceptíveis de ser traduzidos por palavras. Os emblemas são gestos específicos de uma cultura e são apreendidos pelos elementos pertencentes a essa cultura, como, por exemplo, o dedo indicador sobre a boca significando silêncio. São executados consciente e intencionalmente pelo emissor (falante) perante um receptor (ouvinte). Podem ter um tipo de codificação arbitrária,

---

[36] O **uso** engloba seis aspectos (*ibid.*, 53 segs.):

1. as condições externas (meio ambiente, contexto, situação);
2. a relação com o comportamento verbal (relação de repetição, reforço, ilustração - que esclarece através de uma imagem -, acentuação, contradição do que é dito; antecipação, coincidência, substituição ou sequência do canal verbal);
3. consciencialização ou *feed-back* interno;
4. intencionalidade;
5. *feed-back* externo; e
6. tipo de informação e de significado conferidos.

A **origem** refere-se ao modo como o comportamento não-verbal se tornou parte do repertório de um indivíduo: pode ser de origem inata, como um reflexo, ou ser um comportamento não herdado, apreendido na interacção do ser humano com o meio-ambiente ou, por último, representar um comportamento apreendido no processo de socialização de um indivíduo dentro de uma cultura.

A **codificação** refere-se à relação entre o acto não-verbal (ANV) e o seu significado. Os autores sugerem três tipos de codificação para um ANV: **codificação extrínseca arbitrária**; **codificação extrínseca icónica**; **codificação intrínseca**. Nos dois últimos tipos de codificação, o ANV mantém relações de vários tipos com o seu significante: relações **pictóricas** (o movimento desenha a sua imagem, a imagem de um evento, de um objecto ou de uma pessoa), **espaciais** (o movimento indica a distância entre pessoas, objectos e ideias), **rítmicas** (o movimento traça uma ideia, acentua uma palavra ou marca a velocidade de uma actividade), **cinéticas** (o movimento executa toda ou parte de uma acção e essa acção, sendo essa acção o seu próprio significado) e **dícticas** (o acto de apontar, com a mão ou com outras partes do corpo, para um objecto, lugar ou conceito abstracto). O tipo de codificação nestas relações é sobretudo icónico ou intrínseco (Ekman/Friesen, 1969: 61 segs.).

icónico-pictórica, icónico-cinética ou intrínseca (*ibid.*, 63 segs.)[37]. Como comentam Ekman/Friesen (*ibid.*, 358), é através do estudo dos emblemas que muitas diferenças culturais se tornam evidentes. Por esta razão, o suicídio é expresso, em culturas distintas, de modos gestuais distintos: os ocidentais colocam o dedo indicador sobre as têmporas (pistola), os habitantes de Nova Guiné agarram a garganta com a mão aberta (suicídio por enforcamento), os japoneses pressionam o punho no estômago (harakiri), etc.

Os gestos emblemáticos distinguem-se da **pantomima** no que diz respeito ao grau de convencionalização. Quando há necessidade de comunicar através da língua oralmente e isso não é possível (devido ao barulho ou à distância), criam-se equivalentes gestuais que podem compreender a imitação do significado do objecto ou da acção, que são icónicos ou arbitrários. É o princípio que rege a pantomima. Embora tenha sido levantada a hipótese de a mímica do corpo poder ser universal, constatou-se que a escolha de determinadas formas e movimentos é culturalmente determinada. Tais sistemas de comunicação são designados **antroposemióticos** (cf. Argyle, 1988: 262).

Illustrators **(ilustradores)** (Ekman/Friesen, 1969: 68 segs.) - representados por todos os movimentos directamente ligados à fala que servem para ilustrar o que é dito verbalmente. Este grupo subdivide-se em:

- *Batons* (gestos batuta) – movimentos que acentuam ou dão ênfase a uma determinada palavra ou grupo de palavras.
- *Ideographs* (gestos ideográficos) – movimentos que esboçam um percurso, uma direcção de pensamento, um itinerário.
- *Deictics* (gestos dícticos) – movimentos de apontar para um objecto presente.
- *Spatial* (gestos espaciais)- movimentos que demonstram uma relação espacial.
- *Kinetographs* (gestos cinetográficos) – movimentos que representam uma acção do corpo.
- *Pictographs* (gestos pictográficos) - movimentos que desenham a imagem do seu referente.

Os ilustradores são produzidos conscientemente. Podem incluir um *emblema* para substituir, repetir ou contradizer uma palavra, assim como *affect displays* (manifestações de estados afectivos). Embora estejam estreitamente relacionados com o conteúdo preposicional dos enunciados, por si sós não têm significado. Ligados à comunicação verbal, eles repetem, substituem, contradizem, reforçam a informação verbal, completando o seu conteúdo, marcando relações entre partes do discurso, estabelecendo relações espaciais, delineando formas de objectos ou de movimentos. São apreendidos durante o processo de socialização de um indivíduo e encontram-se sobretudo iconicamente codificados (*ibid.*, 69)[38].

---

[37] Efron (1972) usa o termo *emblem* só para gestos que não estão morfologicamente relacionados com o que significam; esta categoria é alargada por Ekman/Friesen (1969), que consideram também o tipo de codificação icónica dos emblemas. Por sua vez, Ruesch (1956, cit. *in* Ekman/Friesen, 1969: 63, nota 6) utiliza o termo *gesture* para designar o grupo que abrange os ilustradores e os emblemas de Ekman/Friesen.

[38] Sobre gestos que reforçam, acentuam e completam a "exteriorização falada" e gestos que a substituem, cf. também Carvalho (1979: 65 segs.).

Affect displays (**manifestações de estados afectivos**)[39] - podem ser produzidos por todas as partes do corpo; localizam-se sobretudo na face e são indicadores do estado afectivo de um indivíduo. Ekman/Friesen referem que os *affect displays* (manifestações de afectos) se formam em cada indivíduo durante o seu desenvolvimento e podem ser elaborações de grandezas constantes da constituição humana envolvidas no desempenho de actividades rudimentares ou em certos reflexos. Há assim determinados estímulos que evocam determinados sentimentos. Enquanto os movimentos dos músculos correspondentes a determinados estados afectivos podem ser universais[40], as *display rules* e as consequências comportamentais não o são: durante o seu crescimento em sociedade, um indivíduo aprende a fazer certas associações entre determinados eventos e certos estados afectivos de acordo com regras. Atendendo a que, para cada sociedade, existem **regras de ostentação do estado afectivo** (*display rules)* diferentes, os estímulos que dão origem a determinados estados afectivos diferem de cultura para cultura. Também é distinto todo o comportamento físico que se manifesta como uma consequência de um determinado estado afectivo. Essas regras de ostentação, socialmente apreendidas, podem actuar de modos diferentes: tanto desintensificam ou sobre-intensificam ou neutralizam a aparência do estado afectivo, como dissimulam esse estado afectivo substituindo-o por outro (*ibid.*, 75).

A cada instante a face pode reflectir estados afectivos mistos (*affect blends*), de que transparece mais do que um estado emocional. Estas manifestações de misturas ou de sequências rápidas de diferentes estados afectivos podem dever-se a circunstâncias ou a hábitos apreendidos que associam uma emoção a outra (*ibid.*, 75). Um problema para um investigador que observa as manifestações de afectos é distinguir entre as manifestações verdadeiras e as falsas, detectar quando é que um indivíduo está a mentir, ou quando há algum movimento que escapa ao seu controle, constituindo uma fuga involuntária (*nonverbal leakage*) [41] (*ibid.*, 77).

Os gestos que manifestam afectos comportam mais informações pessoais do que os ilustradores e os emblemas, mas estão mais sujeitos a tabus sociais. Os autores comentam que, embora este grupo de comportamento não-verbal possa funcionar como um canal de comunicação sem relação com o restante comportamento, também pode estar associado à fala, repetindo, qualificando ou contradizendo estados afectivos verbalmente manifestados (*ibid.*).

---

[39] Esta designação pareceu-me mais adequada do que "manifestações de emoções", atendendo a que o estado afectivo (tristeza, alegria, medo, etc.) é o efeito de uma emoção.

[40] Segundo Darwin/Tomkins (1962, 1963, 1964, cit. in Ekman/Friesen, 1969: 71), os movimentos dos músculos da face associados aos estados afectivos primários (felicidade, surpresa, medo, tristeza, fúria, desprezo e interesse) são universais; no entanto, Ekman/Friesen (*ibid.*, 73) afirmam que a universalidade dos movimentos musculares atribuídos aos diferentes estados afectivos ainda está por comprovar.

[41] Como já mencionei na nota 20 deste capítulo, a **fuga não-verbal** (*non-verbal leakage*) é uma categoria introduzida pelos autores (Ekman/Friesen 1969) para referir uma situação de discrepância de canal, em que, por exemplo, o falante, que está sujeito a determinadas normas sociais, não verbaliza o seu verdadeiro estado de espírito, que, por sua vez, é revelado, mais ou menos inconscientemente, através de determinados movimentos do corpo.

Regulators **(reguladores)** – são actos não-verbais que, como comentam os autores, mantêm e regulam a natureza de vai-vem da fala e da audição entre dois ou mais interactantes (*ibid.*, 82). São, portanto, os gestos a que atribuem a responsabilidade de regular a alternância de vez. Realizados pelo falante, servem para pedir ao ouvinte que tome atenção, que fale, etc. Através deles, o ouvinte dá ao falante indicações para continuar, para repetir, para se apressar, para se tornar mais interessante ou para lhe dar a oportunidade de falar. Estão relacionados com a fala, na medida em que regulam a fluência e a velocidade da conversação assim como a alternância de vez. Esta função é muitas vezes assumida também por movimentos da cabeça (o *head-nod*, o equivalente mais comum ao *mm mm* verbal), leves mudanças de postura e de posição, contacto visual, o erguer de sobrancelhas e muitos outros pequenos actos não-verbais.

Os reguladores parecem situar-se na periferia da consciencialização. Embora quase inconscientemente produzidos e descodificados, a sua ausência é sentida pelos outros interactantes quando não são realizados. Fazem parte de um repertório de hábitos socialmente apreendidos, a sua frequência e tipo varia consideravelmente de acordo com o papel social, contexto e categorias demográficas, ou seja, ontologicamente formadas, de um indivíduo (*ibid.*, 83).

Os autores comentam que muitos gestos reguladores, como os gestos batuta e ilustradores ideográficos, não transmitem significados relacionados com o conteúdo de mensagem, mas fornecem informações sobre o ritmo da conversação. Diferem contudo dos gestos batuta na medida em que são apenas responsáveis pela organização da alternância de vez e, ao contrário destes últimos, não acentuam a palavra, nem marcam o desenvolvimento da conversação (*ibid.*). Embora já tenha sido salientado que qualquer unidade de comunicação não-verbal tem consequências interactivas, os autores insistem em reservar o termo regulador para referir os comportamentos que não se inserem em nenhuma das outras categorias, ou seja, os comportamentos que parecem servir apenas para regular a interacção (*ibid.*, 82, 83). E, se muitos comportamentos têm uma função reguladora, isso não significa que seja essa a sua intenção primária.

Ekman/Friesen parecem pouco seguros quanto aos tipos de codificação dos reguladores. Atribuem um tipo de codificação intrínseca àqueles que representam uma mudança de postura e suspeitam que muitos sejam iconicamente e arbitrariamente codificados. Concordam com Scheflen, no que diz respeito ao tipo de significado, considerando os reguladores como actos interactivos-informativos, mas não comunicativos.

Adaptors **(gestos de adaptação)** (*ibid.*, 84 segs.) são movimentos não intencionais que fazem parte do repertório gestual de um indivíduo. Foram primeiramente apreendidos como parte de esforços de adaptação do corpo ao mundo envolvente, para satisfazer as necessidades físicas, lidar com emoções, desenvolver contactos interpessoais e para aprender actividades experimentais. Ao longo do crescimento de um indivíduo, estes movimentos de adaptação sofreram modificações graduais e reduções do padrão de adaptação total. No estado adulto, e especialmente na conversação, só pode ser visto um fragmento do movimento de adaptação apreendido. Estes tipos de comportamento de adaptação ocorrem em situações que não precisam de estar relacionadas com o contexto

em que foram originalmente aprendidos. Os autores distinguem três tipos de gestos de adaptação: os *self-adaptors*, os *alter-adaptors* e os *object adaptors*[42].

Estes grupos de gestos de adaptação são icónica (sobretudo codificação cinética) ou intrinsecamente codificados. Os gestos de adaptação comuns a várias culturas são aqueles que têm a ver com funções do corpo e sensações.

No final da sua apresentação, os autores chamam a atenção para o facto de poder haver outros tipos de comunicação não-verbal que não se inserem em nenhuma das cinco categorias descritas; acentuam também a polifuncionalidade da comunicação não-verbal, ao referir que a mesma unidade não-verbal pode, às vezes, ser abrangida por mais do que uma destas categorias (mas não especificam como). Confessam ainda a não-completude da investigação, sobretudo também porque os vários tipos de comunicação não-verbal foram tratados como unidades isoladas da sequência de unidades da interacção.

Embora esta classificação seja bastante vasta e se tenha mantido de certo modo como representativa para muitas classificações posteriores, pode ser criticada pela sua falta de clareza de conceitos e pela heterogeneidade de critérios de classificação (cf. Müller (1998: 96), pelo facto de ter misturado critérios formais com critérios funcionais. Se tivesse sido elaborada com base nas funções linguístico-pragmáticas e interaccionais dos enunciados produzidos em simultâneo, talvez os autores se tivessem dado conta dessas falhas.

---

[42] Os *self-adaptors* (**gestos de auto-adaptação**) - são movimentos de manipulação do próprio corpo. Aprendem-se na interacção com o próprio corpo para resolver problemas e atender a necessidades, ou seja, para facilitar o *input* sensorial (ouvir, cheirar, ver, etc.), para executar funções de ingestão e de excreção, em actividades de auto-erotismo, no namoro, na limpeza ou na modificação da atractividade do rosto e do corpo, para facilitar ou bloquear a produção de sons e da fala. Na sua aprendizagem, foram associados a emoções particularmente sentidas; durante o crescimento sofrem modificações nos processos de sociabilização. Mais tarde, na idade adulta, são repetidos, certamente para realizar o acto de adaptação ou porque algum aspecto da situação desencadeia um hábito adaptativo (*ibid.*, 85-86). Os gestos mais fáceis de descodificar são aqueles em que as mãos tocam diversas partes do corpo. Os autores fornecem uma série de exemplos destes comportamentos (*ibid.*, 87). Todos os gestos de adaptação dirigidos para a própria pessoa têm um significado psicológico muito rico. Os comportamentos de auto-adaptação aumentam com a ansiedade; em circunstâncias idênticas, nos indivíduos com tendência para a rigidez muscular, a sua frequência diminui.
Os *alter-adaptors* (**gestos de alter-adaptação**) - gestos de adaptação centrados no outro, são os movimentos aprendidos em contactos interpessoais (*ibid.*, 88). Muitos envolvem o uso das mãos no espaço e em contacto com o corpo. Aqueles que envolvem movimentos de mãos podem ser difíceis de distinguir dos gestos ilustradores, nomeadamente dos ilustradores cinetográficos. Os autores também consideram as mudanças posturais e posicionais gestos de alter-adaptação a que atribuem uma função reguladora na conversação (*ibid.*, 89).
Os *object-adaptors* (**gestos de adaptação ao objecto**), dirigidos a objectos, são movimentos originalmente aprendidos na execução de uma tarefa. Esta aprendizagem é mais tardia do que no caso dos outros dois tipos de gestos adaptativos. Não se encontram tão sujeitos a restrições de uso impostas por tabus sociais como no caso dos comportamentos de auto e de alter-adaptatação.

Na minha opinião, a principal falha desta tipologia reside no facto de Ekman/Friesen não considerarem, ou de apenas não explicitarem, de um modo claro, a polifuncionalidade dos diferentes tipos de gestos; por outras palavras, não explicam como os gestos podem (porque geralmente podem) desempenhar mais do que uma função em simultâneo, embora representando uma delas mais do que as outras. Limitaram-se a comentar que "The five categories are not exclusive; the same nonverbal act can and sometimes must be placed within multiple categories. The emblems can include affect displays or adaptors which have been isolated by the culture and given explicitly defined meaning. The illustrators can include adaptors as kinetographic or pictographic to illustrate what is being said verbally. Affect displays which repeat or augment the affect being described verbally could be considered to illustrate the word, but we have not called such affect displays illustrators. Almost any of the categories can have a regulative influence, if observed, but we have tried to label as regulators only those acts which are not emblems, adaptors, affect displays or illustrators" (Ekman/Friesen, 1969: 92-93). Este comentário levou Müller (1998: 96-97) a criticar a sobreposição de critérios: "So kann etwa eine Hand-Kopf-Berührung als Selbstadaptor, als Affektausdruck (Unsicherheit, Nervosität), als Illustrator (Nachdenken), oder auch als Regulator (Beibehalten des Rederechts trotz Sprechpause) klassifiziert werden".

2.6.3.3 O modelo e a tipologia de McNeill

McNeill segue uma orientação etnográfica (pois também tem o objectivo de descrever as funções comunicativas e os contextos culturais da gestualidade) e psicolinguística (por descrever as bases cognitivas da gestualidade (cf. Müller, 1998: 181). É o primeiro investigador a estudar sistematicamente uma relação entre o pensamento e o gesto. Para ele, gesto e a língua são um só sistema. Definindo a língua, por um lado, como uma progressão linear de sequências fónicas e, por outro lado, como uma produção imagística não linear e instantânea, cria um fundamento teórico através do qual mostra como o gesto e a língua se encontram interligados (McNeill, 1992: 1-2). É a sincronia entre o gesto e o discurso que indica que estas as modalidades gestual e linguística operam como uma unidade inseparável, reflectindo diferentes aspectos semióticos da estrutura cognitiva que está por detrás deles. Com este conceito de inseparabilidade entre gesto e língua, McNeill assume uma posição contrária não só à tradição sócio-psicológica, que considera a comunicação verbal e a comunicação não-verbal como formas distintas e separadas, mas também à tradição linguística, que considera a comunicação verbal como a única realização do sistema de língua.

De acordo com o seu modelo, o gesto e a fala são os produtos de um só processo de formação do enunciado que é simultaneamente imagístico e linguístico: "My own hypothesis is that speech and gesture are elements of a single integrated process of utterance formation in which there is a synthesis of opposite modes of thought - global-synthetic and instanteneous imagery with linear-segmented temporally extended verbalization. Utterances and thoughts realized in them are both imagery and language" (*ibid.*, 35). Este aspecto já fora aliás referido por Kendon, que esboçara as primeiras impressões: "It seems that the speech-accompanying movement is produced along with the speech, as if the speech production process is manifested in two forms of activity

simultaneously: in the vocal organs and also in bodily movement, particularly in movements of the hands and arms" (Kendon, 1972: 205)[43].

McNeill caracteriza os gestos como **globais** e **sintéticos** por representarem unidades de significado compactas, não-segmentadas e não-lineares; ao contrário do uso da língua, em que as partes do significado se combinam para formar um todo, no gesto é o todo que determina os significados das partes – um só gesto pode concentrar vários significados (*ibid.*, 19-21). Não há estruturas hierárquicas de gestos compostos por outros gestos, pois os gestos não se podem combinar para formar um gesto mais complexo: "with gestures, each symbol is a complete expression of meaning itself" (*ibid.*, 21). Isso não impede que, para fins de análise, um gesto não possa ser decomposto em várias partes. Além disso, são unitários, não apresentam, como a língua, uma dualidade de forma e significado, apenas uma forma cinética determinada pelo seu significado (*ibid.*, 23). Essa falta de dualidade explica como os gestos podem expressar, de um modo directo e imediato, significados difíceis de transmitir pelo canal verbal.

Para McNeill, o gesto e a língua encontram-se ligados através do significado (são semântica e pragmaticamente coexpressivos), através do tempo (realizam-se em sincronia um com o outro), função, desenvolvimento e dissolução (desenvolvem-se em conjunto na criança, desaparecem juntos nos casos de afasia). Por este motivo, juntos formam um sistema e representam a mesma ideia de modos diferentes (*ibid.*, 23-25): "For all these reasons gestures and speech are most appropriately regarded as two sides of a single underlying verbal-gestural process of constructing and presenting meanings" (*ibid.*, 25). Assim, como o gesto é uma manifestação visual dos aspectos imagísticos da cognição, a sua análise pode informar sobre a nossa compreensão da estrutura que está por detrás dos aspectos linguísticos da cognição, por exemplo as noções de percurso, modo, movimento, etc. A pesquisa realizada nesta área salienta a importância do gesto para a compreensão das estratégias do falante na codificação da informação conceptual numa determinada língua. Este fenómeno, ou seja, o processo através do qual um evento é expresso numa língua foi designado por Slobin (1996) *thinking-for-speaking* (cf. http://mcneilllab.unichicago.edu/topics/tfs.html).

A unidade mínima, que tem as propriedades do todo, em que surge a ideia integrada pela fala e pelo gesto e que representa o ponto de partida para o enunciado é designada por *growth point* (GP): "The growth point is the speaker's minimal idea unit that can develop into a full utterance together with a gesture" (*ibid.*, 220). "We regard a GP as a minimal psychological unit in Vygotsky's (1987) sense; that is, a smallest unit that retains the

[43] O modelo de McNeill explica a geração de um enunciado e do gesto do seguinte modo: no início do processo de comunicação há um movimento contínuo do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento, ou seja, a conceptualização do pensamento e a formulação linguística desenvolvem-se interactivamente. Por outras palavras, os signos linguísticos permitem a ancoragem da consciência no sistema de língua (McNeill, 1992: 219), e o enunciado, ao mesmo tempo que evolui, influencia o seu próprio desenvolvimento, criando reconceptualizações (*ibid.*, 233-236). Este modelo é formado por duas fases: a fase transitiva, não-consciente, da transformação dinâmica do pensamento e a fase substantiva, consciente, da articulação linguística final da unidade de ideia global. Deste ciclo também faz parte a mediação de uma componente social do contexto do pensamento através de uma categoria linguística (*ibid.*, 240).

essencial properties of a whole. The whole presented in this case is an image and a linguistically codified meaning category; it is such a unit that we find in the speech--gesture window" (McNeill/Duncan, 2000: 313). O GP, traduzido por **ponto de geração** (PG), é considerado o pico do **dinamismo comunicativo** (DC)[44], equivalente ao predicado psicológico. O conteúdo do PG é o elemento de pensamento que ressalta do contexto e pode ser o ponto de maior relevância; é uma unidade só, que une imagem, palavra e conteúdo pragmático. Como tem propriedades de carácter distinto (imagísticas, linguísticas, idiossincráticas, sociais, globais, segmentadas, etc.) é instável. A observação do ponto de geração permite compreender como a língua e o gesto se combinam (McNeill, 1992: 220).

Considerando as três fases do gesto, a saber, preparação, golpe e retracção[45], McNeill verifica que o golpe do gesto coincide com os segmentos linguísticos - estiveram os dois juntos na génese do enunciado verbal. A fase de preparação do gesto coincide com uma grande variedade de conteúdos verbais - está associada à fala que há-de vir. McNeill comprova que, em línguas diferentes em contextos idênticos, os pontos de crescimento respectivos apresentam traços comuns. Na mesma língua em contextos diferentes, os pontos de crescimento variam (*ibid.*, 222- 226).

---

[44] O termo **dinamismo comunicativo** (DC) provém de Firbas (1974: 19; 1992); McNeill (1992: 207) considera-o uma variável importante para o estudo do gesto, na medida em que qualquer referência a um evento cria um foco sobre um elemento, e qualquer foco faz avançar a comunicação e provoca um *peak* local de DC. Os pontos de DC baixo não são acompanhados por gestos (*ibid.*). Os gestos acompanham geralmente os elementos frásicos que comportam mais informação sobre o tema e que, por isso, têm um DC elevado. Este facto está também relacionado com o grau de previsibilidade (quanto menos previsível, mais informação é necessária). A quantidade de material codificado aumenta, assim como a quantidade de material gestual (*ibid.*, 208). No ponto de geração, o autor constata a existência de uma correlação entre o DC e a voz: a voz do emissor faz avançar mais a comunicação do que a voz do observador; por sua vez, um observador interior, mais do que um exterior. Os gestos icónicos são aqueles que surgem num momento de maior DC (*ibid.*, 208-209). Os gestos não são coexpressivos com os referentes nominais, mas com uma grande variedade de outros segmentos de frase, sobretudo com os predicados. É provável que um golpe de gesto que coincida com um predicado ou frase completa marque o grau de descontinuidade e de imprevisibilidade mais elevado: "Thus I will regard full predicates and clauses, when they are accompanied by gesture strokes over their full extent, as having higher CD than any nominal form - zero, pronoun, or full noun phrase" (*ibid.*, 211).

[45] Kendon (1980b: 212) considera as seguintes unidades para os movimentos dos braços e mãos: a unidade supra-ordenada, a ***Gesticular-Unit, G-Unit*** **(unidade gestual)**, designada por McNeill ***Gesture-Unit*** (1992: 83), que corresponde aos movimentos dos braços/mãos realizados entre duas posições de repouso; as ***Gesticular-Phrases / Gesture-Phrases*** **(sintagmas gestuais)**, em que se subdivide a Gesticular-Unit, sendo estas compostas pelas seguintes fases: ***preparation*** (preparação) - (opcional) o membro afasta-se da sua posição de descanso para uma posição no espaço de gesto em que o golpe começa. Tipicamente precede os segmentos linguísticos coexpressivos com o significado do gesto; ***pre-stroke-hold*** (paragem pré-golpe) - (opcional) - posição final da preparação, pode demorar mais quando o golpe está atrasado; ***stroke*** (golpe) (obrigatório) - o pico do esforço no gesto. Esta fase, em que se expressa o significado do gesto, está sincronizada com os elementos linguísticos coexpressivos. Realiza-se, por via de regra, no espaço de gesto central, ligado aos ombros, peito e braços; ***post-stroke-hold*** (paragem pós-golpe) (opcional) - posição final do golpe; pode ser mantida mais tempo antes de voltar à posição de descanso, sempre que a frase coexpressiva está atrasada; e ***retraction*** (retracção) - (opcional) - regresso à posição de descanso (não necessariamente àquela que se verificou antes da G-Phrase (cf. Kendon, 1980b: 214; McNeill, 1992: 83).

McNeill ainda distingue três tipos de sincronização entre gesto e a comunicação verbal: enquanto a fase de preparação do gesto antecipa, por via de regra, a fala coexpressiva (essa antecipação prova que em primeiro lugar se forma uma imagem global-sintética no momento em que a preparação começa e em que ainda não existe nenhuma estrutura linguística fixa (*ibid.*, 26)), o golpe representa a fase de **sincronia fonológica** com a fala por preceder ou terminar com a sílaba do pico fonológico da fala (cf. Kendon, 1980). Por **sincronia semântica** o autor entende a representação simultânea do mesmo significado pelos dois canais. Por exemplo: a uma ideia vaga corresponde um gesto vago; por sua vez, para superar momentos de hesitação, como por exemplo em pausas, o golpe é continuado durante a pausa, mostrando uma continuidade no plano semântico durante a interrupção da fala; pode haver vários gestos sucessivos em diferentes fases temporais do discurso dentro da mesma frase que representam uma ideia sob várias perspectivas, ou um só gesto acompanhando várias frases (*ibid.*, 28-29). Existe **sincronia pragmática** quando os dois desempenham a mesma função, por exemplo, mandar alguém embora, mostrar um objecto, etc. (*ibid.*, 29).

A análise dos gestos na investigação de McNeill decorrre sobre um *corpus* constituído por narrativas orais. McNeill afirma que, deste modo, a análise do gesto permite investigar o processo dinâmico da construção narrativa e da estrutura do discurso (*ibid.*, 206). Realizou uma experiência, em que os informantes descreveram, em frente de uma câmara, uma sequência de um filme observado antes. Os gestos produzidos na narração desse filme desempenham funções relevantes no que diz respeito à marcação da perspectiva narrativa assumida pelo falante (como observador ou como actor), e da marcação da distância entre falante e eventos narrados, na indicação de mudanças de registo narrativo, na realização de reparações e introdução de detalhes na estrutura narrativa e na definição do espaço narrativo (*ibid.*, 188 segs.). Com base neste *corpus* específico, McNeill elabora uma proposta de classificação tipológica de gestos que caracteriza como funcional e semiótica (*ibid.*, 79) e fornece um método sistemático para inferir os significados e as funções dos gestos (*ibid.*, 76). Os tipos de gestos considerados foram os icónicos, os metafóricos, os batuta, os coesivos e os dícticos que passo a descrever mais pormenorizadamente.

Gestos icónicos - correspondem aos gestos ilustrativos (à excepção dos batuta) de Ekman/Friesen (1969), pois têm uma relação formal com o conteúdo semântico da fala. São também designados por gestos do concreto, símbolos que exibem significados de objectos ou de acções. Coexistem com as palavras do enunciado, mas são qualitativamente diferentes no que diz respeito à expressão do espaço, movimento e forma (*ibid.*, 105-106). Os gestos icónicos foram analisados de acordo com as suas características cinéticas (por exemplo, o modo como se apresentavam os dedos, palmas da mão, ou mãos, etc.), que puderam ser comparadas com as características semânticas dos verbos (verbos de movimento da área do entrar, sair, movimento descendente, movimento ascendente, etc.) (*ibid.*, 117). A variação da complexidade dos icónicos sugere um modo não só de determinar o que é relevante para o falante, mas também o momento em que essa marcação é relevante para ele. Acrescentar uma característica a um gesto e o momento exacto em que essa característica é acrescentada representam pormenores importantes para a interpretação do elemento lexical. As mesmas escolhas

linguísticas têm diferentes implicações consoante as características dos gestos que surgem com elas (*ibid.*, 126-127). Os gestos são até susceptíveis de criar novos significados, ou novos aspectos do significado que não podem ser expressos verbalmente (*ibid.*, 128).

Este tipo de gestos revela aspectos dos processos mentais dos falantes e da sua atitude e perspectiva de observação dos eventos que não são articulados pela fala. Na narração, os gestos icónicos mostram a posição do falante num determinado lugar, mesmo sob o ponto de vista fictício (*ibid.*, 113). Podem expressar o seu papel na narração, mais concretamente, se o falante é um actor ou um observador (C-VPT - *character viewpoint* / O-VPT-*observer viewpoint*)[46].

Gestos metafóricos - os gestos metafóricos são o reflexo de uma abstracção. O conteúdo é uma ideia abstracta, mais do que um objecto concreto, um evento ou um lugar (*ibid.*, 14-15). À semelhança da metáfora, criam uma correlação entre ideias abstractas e objectos do concreto (cf. Lakoff/Johnson, 1980; Lakoff, 1987)[47]. A diferença entre o gesto icónico e o metafórico reside no facto de a homologia criada pelo gesto icónico ser do mundo real, e a criada pelo metafórico ser do mundo mental (McNeill, 1992: 145).

Os gestos metafóricos são tanto idiossincráticos, permitindo a cada indivíduo criar as suas próprias imagens, como culturalmente específicos, conservando, no entanto, um núcleo comum relacionado com a natureza do processo de metaforização: "This fact explains why metaphoric gestures are such a common accompaniment of speech in narrations and conversations and why apparently all cultures provide schemata for constructing homologies between abstract content and concrete imagery. Metaphoric images are the culture's way of influencing individual's thought. Society cannot directly control thinking, but it does influence it by providing schemata for creating metaphoric images" (*ibid.*, 179).

Gestos batuta *(beats)* - são gestos que representam movimentos curtos e rápidos em movimentos bifásicos. O seu valor semântico reside em indexar a palavra ou frase que acompanham como sendo significativa pelo seu conteúdo pragmático (e não pelo seu conteúdo semântico). Na narrativa, servem para introduzir novas personagens na narração ou novos temas, para resumir a acção, para marcar a informação que forma a estrutura da acção que se desenvolve ou para indicar as transições para outros níveis da narrativa (*ibid.*, 15). Além disso, também realizam *repairs* (reparações), marcando a palavra que

---

[46] McNeill verificou que, no papel de observador, o falante tem a tendência para manter uma maior distância relativamente ao conteúdo narrado do que quando desempenha o papel de actor (McNeill, 1992: 118-119). Também pôde comprovar que os enunciados relativos a eventos centrais apresentavam a estrutura C-VPT e os relativos a eventos periféricos, a estrutura O-VPT. A introdução de eventos periféricos com manutenção da coesão implica uma mudança de ponto de vista (de C-VPT para O-VPT) (*ibid.*, 122).

[47] O funcionamento da metáfora foi explicado através da **metáfora da conduta** (*conduit metaphor*): um **contentor**, que pode conter uma substância que passa para um recipiente através de uma conduta (Reddy, 1993). Estas imagens de contentores, substâncias e condutas estão implícitas não só nas palavras, mas também nos gestos metafóricos, em que as mãos são colocadas de forma a evocar essa imagem.

serviu para corrigir a antecedente (*ibid.*, 169). O valor semiótico do gesto batuta reside no facto de dar ênfase a um momento do discurso, destacando-o do discurso antecedente, "It is somewhat akin to using a highlighter in a written text" (*ibid.*, 169). Essa marcação especial convida também o ouvinte a procurar o contexto certo para uma determinada palavra (*ibid.*).

Gestos coesivos - servem para juntar, de acordo com o tema, partes do discurso que se encontram temporariamente separadas. Evidenciam simultaneamente a continuidade e a descontinuidade. A sua forma é ecléctica: podem ser realizados por gestos icónicos, metefóricos ou dícticos. A coesão gestual é assegurada pela repetição do mesmo gesto[48], do mesmo movimento ou localização do espaço gestual[49]. A repetição do gesto implica continuidade (*ibid.*, 16-18). A manutenção da mesma forma gestual durante uma série de enunciados cria uma coesão entre essas partes do discurso (*ibid.*, 177). Para referir o fenómeno de repetição de características formais de gestos antecedentes num determinado gesto, McNeill recorre, mais tarde, ao termo ***catchment*** que define como "a recurrence of gesture features over a stretch of discourse (McNeill, 2001: 29). Por outras palavras, os *catchments* **(reactivações)**[50] consistem em dois ou mais gestos de características formais de movimento, espaciais, orientacionais e de dinâmica parcial ou totalmente idênticas (cf. McNeill *et al.*, 2001: 11).

Gestos dícticos - são os gestos mostrativos que indicam objectos e eventos no mundo concreto ou fictício. Esse apontar realiza-se no espaço gestual (*ibid.*, 18). São tipicamente realizados pela mão, com o dedo indicador esticado, embora também possam ser efectuados por qualquer outra parte do corpo (cabeça, nariz, queixo) ou objecto (lápis, pau, etc.). O significado do gesto depende do valor referencial que é atribuído ao espaço gestual seleccionado (*ibid.*, 80). Ao contrário de Ekman/Friesen (1969), McNeill refere o apontar abstracto - um gesto em que o falante parece indicar um espaço vazio, que não se encontra vazio, mas cheio de significado conceptual. É uma *deixis am Phantasma* (cf. Bühler, 1965: 123), que implica o uso metafórico do espaço em que se dá uma forma espacial aos conceitos.

Na experiência realizada (a narração de um desenho animado), os gestos que acompanham eventos, que têm a ver com um mesmo elemento, indicam sempre o mesmo espaço abstracto. Isso produz uma ligação coesiva que coincide por vezes com a coesão

---

[48] Este fenómeno é idêntico àquele que já foi descrito para a comunicação verbal (cf. Uhmann, 1997: 251; Schönherr, 1993): funciona como a repetição de sinais verbais na manutenção de vez: uma retoma de um tema pode, por exemplo, ser realizada por repetições de palavras relacionadas com um tema antecedente deixado em suspenso ou por repetições de características prosódicas da frase deixada em suspenso (cf. parte II, 3.2.1). Atendendo a que o *catchment* envolve a reactivação de um movimento na actualização de um determinado referente na mente do falante, traduzo o termo *catchment* por **reactivação** (do gesto). Relativamente à coesão, pode-se considerar a possibilidade de estas reactivações terem funções anafóricas e catafóricas na referência a diferentes partes do discurso.

[49] McNeill (1992: 89-91) define o espaço do gesto como um disco chato em frente do indivíduo, com a parte inferior achatada quando o indivíduo está sentado. Através de um sistema de quadrados concêntricos, divide esse espaço nos seguintes sectores: centro-centro (em frente do peito do indivíduo); centro (à volta do centro-centro); periferia (à volta do centro) que, por sua vez, se divide em superior, inferior, direita e esquerda. Mais afastada do indivíduo encontra-se a periferia extrema.

[50] A reactivação pode ser também considerada para movimentos de outras partes do corpo.

linguística (escolha de palavras, estruturas de frases) (*ibid.*, 171-173). O gesto de apontar também é direccional. Quando se aponta, não só se cria uma meta, mas também uma origem. De acordo com a orientação da linha traçada entre origem e meta, a origem pode estar localizada dentro do espaço do falante ou fora dele e é ainda definida em relação a terceiros (*ibid.*, 174).

McNeill distingue ainda as áreas do espaço gestual em que os diferentes tipos de gestos são preferencialmente realizados: a área centro-centro é geralmente ocupada pelos gestos icónicos; os metafóricos realizam-se na área correspondente ao centro inferior, os dícticos, na periferia e os batuta, em vários pontos, sobretudo no centro e na periferia inferiores (*ibid.*, 90)

Atendendo a que se verificou que os gestos mais frequentes são os icónicos, que os batuta são produzidos em qualquer tipo de frase, que os dícticos surgem mais nas frases narrativas e os metafóricos, em frases não-narrativas, McNeill conclui que os gestos icónicos e os gestos dícticos estão relacionados com a *sequência* (em contextos narrativos), os batuta e os metafóricos, com a *estrutura.* Estes últimos surgem sobretudo em contextos não-narrativos (*ibid.*, 93).

Baseado na constatação de Kendon (1972) de que a parte proeminente do enunciado verbal coincide com a execução do golpe de um gesto[51], McNeill afirma que as hierarquias fonológicas e cinéticas se alinham de tal modo que os limites entre os níveis mais elevado e mais baixo de cada hieraquia co-ocorrem no tempo (McNeill, 1992: 85).

Falta ainda referir a questão da convencionalidade e valor comunicativo dos gestos, um factor importante para a classificação dos gestos, que Ekman/Friesen (1969) já tinham referido ao considerar os critérios uso, origem e codificação (cf. parte I, 2.6.3.2). Kendon aborda este aspecto, tendo em conta o papel da fala para a compreensão dos gestos e propõe a seguinte sequência, em ordem crescente de valores de convencionalidade, como explicação para a "lexicalização dos gestos": "Gesticulation > language-like gestures >pantomimes > emblems > signed languages" (cf. Kendon, 1988: 134). Nesta sequência, à medida que se avança da esquerda para a direita, a presença obrigatória da fala diminui, a presença de propriedades linguísticas dos gestos aumenta e os gestos idiossincráticos são substituídos por sinais convencionalizados. A **gesticulação** consiste na realização de movimentos espontâneos, idiossincráticos dos braços e das mãos que acompanham a fala (gestos); os **gestos idênticos à língua** são semelhantes aos primeiros no que diz respeito à sua forma, mas estão gramaticalmente integrados no enunciado - o gesto pode ocupar um espaço vazio de fala; nas **pantomimas**, as mãos desenham objectos e acções, mas a fala não é obrigatória; os **emblemas** seguem padrões de boa formação, uma propriedade que falta à gesticulação e à pantomima; por último, as **linguagens de sinais**, como o ASL (*American Sign Language*) são sistemas linguísticos com uma gramática e um léxico próprios. Esta sequência, chamada por McNeill (1992: 37) *Kendon's continuum*, é importante para a classificação dos vários tipos de gestos. Procurando dar conta de mais dimensões que estão em jogo no uso do gesto, McNeill sugere que este *continuum* passe a

[51] Este aspecto será retomado mais adiante, parte I, 3.4.1.

ser considerado relativamente a quatro dimensões: a) a da sua relação com a fala, b) a das propriedades linguísticas, c) a das convenções e d) a do seu carácter semiótico; isso implica *continua* diferentes (cf. http://mcneilllab.uchicago.edu/topics/comm.html). É com base neste *continuum* que McNeill (*ibid.*) delimita os gestos que constituem o seu objecto de estudo: "I use the term 'gesture' in this book especifically to refer to the leftmost, "gesticulation" end of the spektrum".

Há um aspecto, que me parece de certo modo confuso, relativo aos critérios utilizados na tipologia de McNeill. O autor afirma, em primeiro lugar, que a classificação apresentada é funcional e semiótica. De facto, a classificação proposta atribui aos gestos diferentes funções de acordo com a sua relação com a fala, relação que está patente na forma de realização do gesto: os icónicos, desenhando formas; os metafóricos, representando conceitos abstractos, ou seja, desenhando também formas; e os batuta, marcando momentos relevantes do discurso. Tanto os gestos icónicos, como os gestos metafóricos funcionam a nível do conteúdo de frase; os gestos batuta são caracterizados sobretudo pela sua função estruturante. Estes três tipos de gestos foram distinguidos em primeiro lugar pelas suas características semióticas, ou seja, pela forma da sua realização. Por sua vez, o grupo dos gestos coesivos é sobretudo funcional. No desempenho desta função podem surgir tanto os gestos icónicos, como os metafóricos, os dícticos e os batuta. Isso significa (o que não foi bem especificado por McNeill) que existem dois níveis importantes, o semântico e o estrutural, onde qualquer tipo de gesto se pode responsabilizar pelo desempenho de uma determinada função. Posteriormente, é explicada a falta de clareza relativamente à polifuncionalidade do gesto: "A misconception has arisen about the nature of the gesture categories described in Hand and Mind, to wit, that they are mutual exclusive bins into which gestures should be dumped. In facto, pretty much any gesture is going to involve more than on category (...) the notion of a type, therefore, should be considered a *contiuum* - whith a given gesture having more or less iconicity, metaforicity, etc." (http://mcneilllab.uchicago.edu/topics/comm.html).

O facto de McNeill ter delimitado a sua investigação a gestos idiossincráticos que acompanham a fala e a um *corpus* constituído por narrativas orais também pode ser criticado. Isso não lhe permitiu considerar nem os gestos emblemáticos e idiossincráticos que substituem a fala, nem o nível das relações entre parceiros da interacção, em que os gestos podem desempenhar funções reguladoras da alternância de vez, nem o nível modal, em que os gestos estão ligados às emoções, atitudes, expectativas e intenções dos interactantes. Esteve apenas interessado na génese da unidade imagístico-linguística, no modo como cada falante utiliza o gesto e a palavra para comunicar, no processo de distribuição da informação a veicular pelos dois canais.

Convém ainda salientar que, como atrás referido (parte I, 1.1.3), McNeill dirige um laboratório na Universidade de Chicago, Departamento de Linguística e de Psicologia, onde é desenvolvida investigação nesta área. Por apresentarem provas convincentes para a existência de bases conceptuais comuns à linguagem e gesto, muitos conceitos de McNeill já têm sido adoptados dentro da investigação da comunicação não-verbal. Os argumentos positivos para esta tese de bases conceptuais comuns são o facto de 1) os

gestos que acompanham a fala só surgirem durante a fala (distinguem-se dos gestos pantomímicos e dos emblemas que substituem enunciados linguísticos); 2) gestos e fala exprimirem o mesmo significado e desempenharem funções pragmáticas paralelas; 3) existir uma sincronização temporal entre gesto e a fala; 4) e haver uma ontogénese comum e o desaparecimento em conjunto dos gestos e da fala em afasias (cf. Müller, 1998: 76).

2.6.3.4 Tipologia de Müller

O estudo de Cornelia Müller (1998) surge na sequência das tipologias de gestos e, sobretudo, da integração da dimensão cognitiva no estudo da comunicação linguística e gestual. A autora elabora uma análise semântico-cognitiva dos gestos que acompanham os verbos de movimento em alemão e em espanhol, pondo em evidência diferenças patentes nos dois sistemas de língua.

A autora entende os gestos como formas imagísticas de comunicação que, juntamente com a língua, são usados para transmitir as intenções e emoções do falante: "Gesten sind kommunikative Bewegungen der Hände und Arme, die - ähnlich wie Sprache - dazu verwendet werden, die Gedanken, Gefühle und Intentionen eines Sprechers zum Ausdruck zu bringen und die soziale Ordnung des Gesprächs aktiv herzustellen" (*ibid.*, 13). Isso significa que, à semelhança da língua, os gestos se encontram inseridos na actividade linguística e são co-responsáveis pela organização da conversação e pela representação de objectos e de estados de coisas.

Salientando as insuficiências das categorizações - disponíveis até ao momento - de vários tipos de gestos, a autora mostra que, nas funções tidas em conta, se podem distinguir funções básicas, a saber, a expressiva, a reguladora dos papéis sociais e relações, a apelativa e de organização do comportamento interactivo. Estas funções coincidem com as funções linguísticas de Bühler (expressiva, representativa e apelativa), autor que também já se referira, embora por alto, a funções dos gestos (Bühler, 1965: 84, 86, 88, 89, 97 segs., 100, 111 segs., 142, 149, 157 segs., 166). Com base nesta divisão, Müller distingue três funções principais e descreve a actividade gestual de acordo com a função dominante que desempenham:

A **função expressiva** tem a ver com a qualidade de realização do movimento, que permite tirar conclusões sobre o tipo de estado afectivo expresso. Pode ser dominante a nível do uso dos gestos e a nível da qualidade do movimento; pode expressar um estado afectivo positivo ou negativo (*ibid.*, 103).

A **função apelativa** é descrita como uma função sócio-organizadora de gestos, como, por exemplo, no que diz respeito à distribuição dos papéis de falante e de ouvinte: nesta precisa função, os gestos livres, em que as mãos se encontram à frente do corpo e em movimento, são típicos do papel de falante; os toques em si mesmo (auto-toques), em que as mãos se encontram junto ao corpo, geralmente em posição de descanso, são, por sua

vez, mais típicos do papel de ouvinte[52]. Também são comentadas as formas intermédias que correspondem a momentos de possível cedência ou tomada de vez (*ibid.*, 106). Os gestos surgem assim como um complemento dos meios linguísticos relativamente à possibilidade de projecção dos pontos de possível alternância de vez (*ibid.*, 106-107).

O objecto de estudo em Müller (1998) são os gestos com **função representativa** dominante. Estes gestos descrevem de vários modos diferentes tipos de imagens que correspondem a determinados conceitos. Os gestos representativos são considerados, sob o ponto de vista semiótico, como formas de representação gestual e imagística. Na elaboração dessa imagem através das mãos, um indivíduo torna as abstracções da realidade apreendida visíveis, de modo que a análise das imagens gestuais é uma análise de desenhos, esculturas e objectos móveis. A autora divide os gestos representativos (de acordo com a sua função comunicativa) em referenciais, performativos e discursivos.

Gestos referenciais - designam coisas concretas (objectos, qualidades, comportamentos e acções, acontecimentos, designações de tempo e de lugar) e abstracções. Distinguem-se os que designam coisas de um modo concreto e os que designam coisas de um modo metafórico (por exemplo um quadro teórico). A qualidade metafórica do gesto provém da metáfora linguística, sendo a ligação com a língua que ele designa qualquer coisa de abstracto. Esta concepção de metafórico não coincide com a de McNeill. Enquanto este vê o gesto metafórico como aquele que representa uma imagem do invisível, uma imagem da abstracção, e esboça uma metáfora concreta para um conceito, Müller defende que o gesto não designa a metáfora, mas representa a base concreta da metáfora dada pelo enunciado linguístico metafórico (*ibid.*, 111). Sendo assim, a representação gestual de estados de coisas abstractas fica ligada ao concreto. Esta observação está em harmonia com a teoria de significado e metáfora empírico-cognitivista de Lakoff/Johnson (1980), que partem do princípio de que os próprios conceitos abstractos, e mesmo a racionalidade, se baseiam em vivências concretas e físicas no mundo. O gesto também parece realizar o mesmo tipo de transposição metafórica que se encontra na língua, pois são abstracções transformadas em imagens da realidade apreendida e de conceitos abstractos. Segundo Müller, tem um tipo de representação metonímica[53], ou seja, ao representar gestualmente aspectos mais simples do referente, o falante indica esse referente. Os aspectos do referente escolhidos para serem indicados gestualmente são escolhidos pelo falante. Essa escolha é um processo criativo. O modo de representação

---

[52] A autora critica o facto de os *auto-toques* só terem sido considerados em estudos psicológicos (Freedman, 1977). Tanto os investigadores da área da Psicolinguística (McNeill, 1992, Kita, 2000, Alibali *et al.*, 2001, Kita/Essegbey, 2001, Seyfeddinipur/Kita, 2001) como os da área da Análise Conversacional (Schegloff, 1992; Kendon, 1980b; 1983) os excluem da investigação. Para Müller (1998), os auto-toques, além de terem um carácter comunicativo (ou seja, não-intencional, não-consciente), desempenham funções organizadoras da conversação por estarem ligados ao papel de ouvinte: "Sie stellen damit auch jenseits einer Zuordnung zum Hörerstatus Gegenpole zu freien Gesten des Sprechers selbst dar" (*ibid.*, 108). Além disso, por articularem os gestos livres, têm efeitos estilísticos e estruturantes sobre os enunciados linguísticos.

[53] Como comenta a autora, o fenómeno da relação metonímica, para o caso da língua, já tinha sido salientado por Arnheim, que sugere que a língua tanto pode ser usada no sentido concreto, como no sentido metafórico: "The properties of physical objects and actions are applied without hesitation to non-physical ones by people all-over the earth, although not always in exactly the same fashion" (Arnheim, 1969: 117) (cf. Müller, 1998: 123).

gestual resulta assim de uma escolha individual, inter-subjectiva e culturalmente motivada. Por esta razão, como afirma a autora, os gestos não são réplicas da realidade, mas sim representações de vários aspectos da realidade percebidos, analisados e formados para a interacção.

A autora comenta que, através de gestos referenciais, se pode designar um largo espectro de objectos concretos e abstractos e estados de coisas: a par de objectos, características (formas), indicações sobre recusas a ofertas de negociação ou sobre acontecimentos, como o correr da água ou de dinheiro. Com a palma da mão esticada dão-se indicações relativas de lugar (por cima, por baixo, etc.; a apresentação de um argumento pode ser situada metaforicamente num lugar relativo) e de tempo (por exemplo, um gesto para trás indica alguma coisa passada, refere um ponto no espaço que se encontra atrás do falante, ou seja, o gesto refere a base concreta da metáfora linguística espaço-tempo) (*ibid.*).

Gestos performativos - representam actos de fala: o ponderar, o defender, o apresentar, o recusar de argumentos, o cancelar. Estão estreitamente ligados à fala, sem a qual não teriam sentido (*ibid.*, 111). São sobretudo os gestos performativos, com função expressiva e apelativa dominante, que podem ser muitas vezes usados como substitutos da língua (como por exemplo os gestos de pedir, de jurar, de dar a bênção, assim como a expressão gestual de tristeza, de alegria (bater palmas) ou fúria (bater com o punho no ar / mesa). A diferença entre gestos referenciais e performativos reside na imagem tornada visível, que tanto pode ilustrar aspectos do conteúdo proposicional como da força ilocutiva. (*ibid.*, 112).

Gestos discursivos - estruturam e articulam o enunciado linguístico. Exemplos de gestos discursivos são os que dão ênfase, que ligam e que articulam. Os movimentos curtos bifásicos (atribuídos aos gestos batuta) que marcam o ritmo da fala, salientam aspectos relevantes do enunciado linguístico. A forma destes gestos também pode acumular funções e formas performativas e referenciais: um movimento rítmico pode tornar-se adicionalmente uma representação de uma forma circular de uma coroa - o gesto representa assim simultaneamente a forma de um objecto e a relevância do conteúdo comunicado. Os gestos discursivos também podem actuar na ligação de partes de enunciados, por exemplo tornando apartes visíveis. Esses gestos podem relacionar ou ligar, quase anaforicamente, partes de enunciados afastadas. Através da repetição de um mesmo gesto, as partes do discurso são postas em relação uma com a outra (*ibid.*, 112)[54].

Müller dá conta da polifuncionalidade dos gestos afirmando que uma só forma gestual pode designar concreta e metaforicamente e pode realizar actos de fala. A autora acentua que a função representativa do gesto tem que ser vista como uma relação de sinais motivada. Os diferentes modos de representação dos gestos demonstram como as mãos são utilizadas não só como meios para criação de sinais motivados, mas também como

[54] Já McNeill (1992) tinha focado este aspecto na descrição dos gestos coesivos. Mas também pode ter um efeito interactivo quando um gesto é retomado pelo falante seguinte. "Damit vergindet sie nicht nur Äußerungsteile ein und derselben Person, sondern sie verknupft Äußerungsteile verschiedener Personen, was bedeutet, dass sich hier für die Dauer eines Gesprächs Mikrokonventionen herausgebildet haben" (Müller, 1998: 112). Neste grupo são incluídos os gestos de contar e outros sinais de articulação.

imagens. A representação de objectos e estados de coisas está marcada pelas capacidades das mãos (*ibid.*, 114) que permitem quatro modos de representação imagística: as mãos agem, modelam, desenham e representam[55]. O caso de apontar (em que a referência é criada pela própria representação) não é aprofundado pela autora.

É também a função representativa que torna possível o desenvolvimento da pantomima e de linguagens gestuais (*ibid.*, 17). Sendo assim, os gestos funcionam como um elemento híbrido, porque, por um lado, são um constituinte do comportamento expressivo e social do ser humano e, por outro, fazem parte da comunicação linguística. Por este motivo, este tipo de gesto é o mais interessante para uma análise linguística. Além disso, o estudo dos aspectos semânticos dos gestos pressupõe a consideração das suas funções pragmáticas relativas ao encadeamento dos enunciados na interacção (*ibid.*, 17).

A autora conclui que a função mais evidente dos gestos que acompanham a fala é a formação de um perfil/relevo contínuo na comunicação da informação, que marca o que é subjectivamente e interactivamente mais relevante e que está sujeito aos limites dos meios de representação. A análise dos gestos que acompanham a fala permite observar estruturas de relevância complexas e clarifica o modo como os falantes usam os seus meios de comunicação numa determinada situação de interacção (*ibid.*, 235).

No entanto, embora fosse salientada a polifuncionalidade dos gestos, Müller não explora esse aspecto na sua análise. Não exemplifica como funciona a relação entre uma função representativa e uma apelativa; nem menciona se os gestos referenciais e performativos podem ser simultaneamente discursivos, nem se os gestos discursivos podem ser simultaneamente apelativos. Estas capacidades parecem ter ficado implícitas, mas não foram esclarecidas.

O facto de a autora ter destacado estes gestos de todas as outras modalidades não verbais também não permitiu determinar outros tipos de comportamentos não-verbais que podem desempenhar simultaneamente uma função idêntica às dos gestos que acompanham os verbos de movimento.

---

[55] Quando a **mão age**, ela representa-se a si própria na realização de uma acção. Elabora uma transformação do real para a representação sem objecto, como é o caso de executar o movimento de guiar sem segurar um volante. Kendon designa este modo de representação por *imitação* (1980a: 87). Estes gestos também podem ser usados metaforicamente: com o afastar de ofertas de negociação; ou o desqualificar (no caso de um acto de fala avaliativo de conotação negativa) num movimento de apagar (*ibid.*).
Quando a **mão modela** surge no ar um objecto ou a trajectória de um acontecimento que parece poder-se tocar. Streeck chama-lhes "*makings*" (Streeck, 1994: 2 cit. *in* Müller, 1998: 117, nota 38); McNeill (1992: 119 segs) descrevera-os como gestos que reflectem uma perspectiva subjectiva do falante; Efron designa-os por "*modeling gestures*" e diz corresponderem, sob o ponto de vista de conteúdo ou de referência, aos movimentos ideográficos dos judeus (Efron, 1972: 129). Por sua vez, Müller comenta que os gestos ideográficos de Efron se podem considerar discursivos (*ibid.*, nota 39).
Quando a **mão desenha,** funciona como um lápis traçando o contorno dos objectos. Distingue-se dos outros movimentos por ser bidimensional (*ibid.*, 118).
A última forma de movimento considerado é a representação tridimensional de objectos ou de acontecimentos que recaem sobre esses objectos (a **mão representa**). A este tipo de movimento Kendon chama "*body modeling*" (1980a: 88).

2.6.3.5 Tipologia de Poggi

Pretendo, para terminar, apresentar ainda a classificação de **Poggi** (1998, 2002a), cujos parâmetros são idênticos aos que servem de base ao dicionário de gestos (gestionário) em elaboração[56]. Esta tipologia difere um pouco das restantes, na medida em que acentua (aliás Müller também refere esse aspecto) as características de polissemia e polifuncionalidade das diferentes formas gestuais; além disso, considera a relação entre os gestos e as restantes "modalidades" não-verbais[57], baseando-se em quatro parâmetros: 1) a relação com os outros sinais não-verbais produzidos em simultâneo; 2) a construção cognitiva dos gestos; 3) a relação entre os gestos e a fala; e 4) o conteúdo.

O primeiro parâmetro está por detrás da distinção entre **gestos autónomos** - os que podem ser realizados independentemente da fala - e **gestos acompanhantes** - os que não podem ser descodificados se não forem produzidos ao mesmo tempo que a fala.

O segundo parâmetro, relacionado com a representação do gesto na mente do falante/ouvinte de uma determinada cultura, permite a distinção entre *gestos codificados* - a forma específica e o movimento do gesto encontram-se representadas em termos de imagens mentais ou programas motores - e **gestos criativos** - quando temos que usar as mãos e inventar novas formas e movimentos para fornecer significados; esse significado é descodificado pelo ouvinte através de regras de inferência baseadas na sua iconicidade (cf. Poggi/Magno Caldognetto, 1997: 51 segs.). Os *gestos criativos*, que correspondem aos ilustradores de Ekman/Friesen, subidividem-se em **dícticos** e **icónicos.**

O terceiro parâmetro determina se um gesto é **motivado** - se o significado pode ser inferido do sinal mesmo por alguém que nunca o tenha percepcionado antes - ou **arbitrário** - quando o sinal e o significado não estão ligados nem por uma relação de semelhança, nem por qualquer outra que permita inferir o significado do sinal. Os gestos subdividem-se ainda em sinais **icónicos** ou sinais mecanicamente determinados, podendo estes últimos ser ainda **biológicos** ou **naturais** (Poggi, 2002a: 160).

Por último, relativamente ao conteúdo expresso, a autora distingue os gestos que comunicam sobre objectos e eventos abstractos e concretos do mundo exterior. Aí destacam-se os emblemas e os que comunicam sobre a mente do falante, os **marcadores**

---

[56] Neste gestionário, para cada unidade gestual é dada a informação relativamente a: 1) formulação verbal - paráfrase verbal; 2) contexto; 3) sinónimos; 4) significado; 5) classificação morfológica: holofrástica ou articulada; 6) classificação pragmática: valor performativo; 7) classificação semântica: informação sobre o mundo, sobre a mente do falante (performativo, emoção); 8) e 9) dispositivos retóricos (cf. Poggi, 2002c; Poggi *et al.*, no prelo).

[57] Magno Caldognetto/Poggi (2000) e Poggi (2002c) referem-se a "modalidades" não-verbais para designar as várias formas de comunicação não-verbal. Têm duas concepções de modalidade: uma receptiva, ou sensorial, da perspectiva de B, o indivíduo que recebe os sinais; outra produtiva ou motora, na perspectiva de A, o indivíduo que emite os sinais. B utiliza duas modalidades receptivas - o olhar e a audição; A usa, pelo menos, cinco modalidades produtivas - a verbal, a prosódico-entoacional, a facial, a gestual e a corpórea. A pode, pois, produzir sinais com vários órgãos do seu corpo, dispondo cada órgão de um sistema de comunicação próprio. Sendo assim, um emissor dispõe de diversas modalidades de comunicação e decide quais são as partes da sua representação mental que exprime numa ou noutra modalidade (Magno Caldognetto/Poggi, 2000: 47; Poggi (2002c: 1-2). .

gestuais da mente (*gestural mind markers*) (cf. Poggi, 1996). Estes podem fornecer as seguintes informações específicas: a) grau de certeza do falante (certeza = mão aberta, palma para cima); b) significado metacognitivo (um gesto de pensar); c) significado performativo (um levantar da mão para chamar a atenção); d) tópico e comentário (marcando o que o falante quer enfatizar e os seus objectivos comunicativos); e) significado metadiscursivo (estrutura hierárquica e relações lógicas entre os enunciados); e d) regulação da alternância de vez.

Neste sentido, um gesto codificado pode ter uma origem cultural ou natural, icónica ou arbitrária; um gesto criativo, pode também ser irónico ou arbitrário. Esta classificação abrange as propriedades das tipologias atrás descritas e dá conta da possibilidade de os gestos serem polissémicos e polifuncionais. Um grupo que parece ser aqui omitido é o dos adaptadores, os chamados não-gestos.

Com vista à futura produção de agentes físicos capazes de produzir qualquer tipo de gestos, Poggi apresenta uma proposta de geração de gestos que se estende desde a decisão de fazer gestos até à execução dos mesmos (Poggi, 2002a: 165). Com isto, mostra uma aplicação prática da pesquisa da comunicação multimodal do ser humano.

2.7 Observações

Para resumir as funções aqui apresentadas, baseio-me em Argyle (1972), um dos primeiros autores a sintetizar formas e funções da comunicação não-verbal na sua generalidade[58]. A sistematização de Argyle fornece uma vista geral sobre o funcionamento da comunicação não-verbal nos diferentes níveis interaccionais. O autor atribui-lhe duas funções principais: a função de gestão e controle da situação social, a nível individual e interindividual, e a função de apoio à comunicação verbal, no plano da relação entre a comunicação não-verbal e o que é expresso verbalmente na interacção.

1. Função de gestão e controle da situação social

A nível da situação da interacção e da relação atitudinal entre os participantes, a comunicação não-verbal é, segundo Argyle, susceptível de exprimir

- **atitudes interpessoais** - como o nome indica, o tipo de atitude que cada um dos parceiros da interacção tem para com o(s) outro(s) implica relações do tipo dominância-submissão, simpatia-antipatia, etc.;

- **estados emocionais do indivíduo**[59], sobretudo aqueles que são mais difíceis de disfarçar; e de servir de

[58] Sobre funções da comunicação não-verbal em geral, cf. também Scherer (1980).

[59] Sobre a expressão não-verbal das emoções, cf. Argyle, 1988: 71 segs. O autor resume as diferentes razões pelas quais o ser humano emite sinais sobre o seu estado interior:

- alguns sinais expressivos são reacções fisiológicas directas, não intencionais, manifestadas frequentemente pela expressão facial;

- **auto-apresentação**, ou seja, a informação sobre o status, pertença a um grupo, profissão, personalidade, disponibilidade sexual. Tudo isto é dado pelo aspecto exterior, fenómenos prosódicos da fala, estilo geral da produção verbal e não-verbal: "NVC can convey information, as in gesture languages, and the verbal channel can sustain interpersonal relations, as in informal chat and it can communicate attitudes and emotions by the words chosen" (Argyle, 1972: 253).

2. Função de apoio à comunicação verbal

No que diz respeito à função da comunicação não-verbal relativamente à fala, Argyle distingue o tipo de comunicação que afecta o significado das frases, aquele que tem implicações a nível da alternância de vez ou a nível da expressão da atenção (esta, a meu ver, dever-se-ia incluir no grupo dos sinais de alternância de vez), e o que substitui sinais verbais:

- **Comunicação não-verbal que afecta o significado das frases** (canais vocal e cinético): assim como há certas características da prosódia que afectam o significado das frases, também os sinais cinéticos afectam o significado do enunciado verbal. Certos movimentos do corpo marcam a pontuação, delimitam grupos de palavras ou de frases, ou seja, a estrutura gramatical das frases, outros apontam para pessoas ou para objectos, outros dão ênfase a determinadas palavras/frases, outros ilustram formas e movimentos, outros comentam a frase no sentido de que esta deva ser considerada a sério ou não.

- **Comunicação não-verbal que tem implicações na alternância de vez:** o sistema de sinalização não-verbal é importante durante o período de adaptação dos estilos de fala de dois indivíduos. Argyle ilustra superficialmente alguns destes aspectos: um pouco antes do final do enunciado, o falante olha para cima; ouvinte emite sinais não-verbais de retorno para mostrar como está a receber aquilo que o falante lhe está a comunicar; deste modo, o falante pode-se adaptar ao(s) ouvinte(s). Muita informação de retorno é fornecida através da expressão do rosto.

- **Comunicação não-verbal que assinala atenção:** para demonstrarem atenção, os ouvintes recorrem a vários tipos de sinais não-verbais (proximidade, orientação, olhar, movimentos da cabeça, postura, movimentos do corpo). Estes sinais reflectem por vezes os sinais verbais e não-verbais do falante.

- **Comunicação não-verbal que substitui a comunicação verbal:** há sinais não--verbais que substituem os sinais verbais.

- outros foram desenvolvidos durante a evolução como sinais sociais, que são emitidos espontaneamente nos animais e no ser humano, como resultado de um fenómeno adaptativo.

Algumas expressões emocionais são sinais sociais deliberadamente emitidos. Isso só é possível porque existe um repertório de expressões com significados convencionalizados. No entanto, muitos destes sinais não reflectem o estado emocional verdadeiro. As expressões faciais e os tons de voz usados para transmitir emoções são também utilizados com outros fins, acompanhando a fala de vários modos.

Atendendo a que a interacção engloba tanto uma actividade produtiva como interpretativa, Argyle chama a atenção para a importância da comunicação não-verbal na percepção interpessoal, no que diz respeito à interpretação em termos de

- estatuto e personalidade;
- estado emotivo;
- atitude interpessoal;
- e de dinâmica da interacção em curso, ou seja, aquilo que se entende por alternância de vez (*ibid.*, 257-259):

Falta ainda acentuar que todas estas formas de comunicação não-verbal podem agir em simultâneo no desempenho das mesmas funções. No entanto, tipicamente, umas relacionam-se mais com determinados níveis de interacção do que outras (por exemplo a postura pode transmitir mais informações sobre o estado psicológico ou a personalidade do falante do que os gestos, que, em grande parte, se encontram mais relacionados com a fala). Mas, isso não impede uma forma de movimentos do corpo de funcionar simultaneamente a vários níveis da interacção (por exemplo uma gesticulação mais rápida pode apontar para um estado de ansiedade do falante, para a sua necessidade de atrair a atenção do ouvinte para o que está a dizer, para estruturar partes do conteúdo da sua vez, para dar ênfase a determinados tópicos, etc.).

Essa actuação, ou dança, de várias partes do corpo está sincronizada com a fala. No caso dos gestos, isso deve-se, segundo McNeill (1992), à natureza do processo de pensamento e ao facto de a fala e o gesto surgirem de uma representação cognitiva comum. Kendon (1980b, 1983, 1985) acentua o paralelismo entre a estruturação do discurso (em parágrafos e unidades tonais) e a organização dos movimentos comunicativos do corpo. Kendon (1972) sugere que nas fronteiras entre as unidades da fala se detectam mais movimentos de diferentes partes do corpo; nesses pontos de transição ou fronteiras de unidades da fala, caracterizados por qualquer interrupção numa vez, ou na transição de vezes, observam-se actividades específicas de partes do corpo (cf. Feyereisen/Lannoy, 1991: 75). Também se constata um paralelismo entre a marcação do ritmo pelos movimentos do corpo e na marcação do ritmo através da colocação da ênfase nas unidades verbais (cf. parte I, capítulo 3). Além disso, as modalidades de comunicação não só se encontram sincronizadas entre si, ou seja, a nível intrapessoal, mas também a nível das relações entre o falante e o ouvinte no contexto da interacção. A este fenómeno Kendon chama *interactional synchrony,* a coordenação dos movimentos entre falante e ouvinte. Como refere o autor, a comunicação não-verbal evidencia a estrutura das frases, torna o falante mais interessante e mantém a atenção do ouvinte; além disso anuncia antecipadamente o tipo de enunciado que vai ser proferido (cf. Kendon, 1974).

Pelo que foi apresentado neste capítulo, pode-se concluir que, à semelhança dos **sinais conversacionais** (cf. Rodrigues, 1998; cf. parte I, capítulo 4; parte II, 1.1), também as unidades de comunicação não-verbal parecem ser susceptíveis de desempenhar funções a vários níveis da interacção, pois estão relacionadas com:

- fenómenos de natureza individual - relativos à personalidade, estatuto, etc. dos participantes;
- fenómenos de natureza modal e interpessoal - o nível da expressão das expectativas, emoções e atitudes;
- fenómenos de natureza interaccional - relativos à alternância de vez – regulação dos papéis de falante e ouvinte e expressão das intenções comunicativas;
- fenómenos de natureza semântica - relativos à estruturação do conteúdo (temática/informativa) dos enunciados;
- fenómenos de natureza metacomunicativa - relativos ao modo como o falante pretende que o seu enunciado seja interpretado;
- fenómenos de natureza conceptual – relativos aos movimentos fundamentados nas bases conceptuais formadas a partir da experiência física entre o corpo e o ambiente que o rodeia.
- fenómenos de natureza cognitiva – relativos à produção e percepção da fala (compreendida aqui como um sistema formado por um canal verbal e um canal não-verbal).

Parte-se, pois, do princípio de que uma forma de comunicação não-verbal - o sinal não- - verbal - é susceptível de assumir várias funções interaccionais e que várias formas de sinais não-verbais podem desempenhar a mesma função. Sendo assim, a comunicação não-verbal caracteriza-se por ser **polifuncional** e **polissémica**.

3. A PROSÓDIA

"Prosody is a source of delight and a means of control"
Gibbon (1995: 442).

A prosódia é outra dimensão da conversação que prova ser indispensável não só na percepção e expressão das atitudes dos participantes, mas também na organização do discurso. É, em grande parte, nos fenómenos prosódicos que transparecem informações sobre a atitude, o estado emocional e as intenções comunicativas dos participantes da interacção. Ligada à fala, a prosódia actualiza-a constantemente no contexto interaccional em que está inserida. Como refere Gumperz, à semelhança de Gibbon citado em epígrafe, "It is prosody that animates talk and in large part determinates its situational characteristics. Only through prosody do sentences become turns at speaking and come to be seen as actions performed by living actors" (Gumperz, 1996: x).

Nos parágrafos que se seguem, além de definir o conceito de prosódia e os respectivos parâmetros, abordarei algumas questões de ordem classificatória levantadas pela natureza variada dos fenómenos prosódicos e pelos factores acústicos e auditivos em jogo; após uma breve referência às diferentes perspectivas teóricas de análise da prosódia e tendo em linha de conta os objectivos deste trabalho, descreverei com algum pormenor as principais categorias prosódicas, assim como as funções atribuídas aos fenómenos prosódicos no âmbito da investigação da Linguística Interaccional.

3.1 O conceito de prosódia e os parâmetros prosódicos

Como se sabe, a fala é percepcionada como uma sequência de sons com variações de tom, intensidade e velocidade que lhe conferem uma determinada melodia. Todos os fenómenos ligados a esse "canto"[1] fazem parte da prosódia.

À semelhança da música, os sons emitidos pelo aparelho fonador, produzidos pela articulação/movimentação dos vários órgãos que o constituem, podem ser definidos de acordo com parâmetros acústicos e auditivos. Assim, a vibração das pregas vocais é entendida, a nível acústico, em termos de frequência fundamental (F0), a unidade que designa o número de vibrações por unidade de tempo e que é responsável pela percepção auditiva de uma determinada altura de tom; a velocidade de articulação dos diferentes sons, que, sob o ponto de vista acústico, se designa por duração, provoca a percepção auditiva de quantidade (é frequente o uso do termo velocidade da fala para referir este parâmetro); a quantidade de energia utilizada na articulação é responsável pela amplitude do som e implica a sensação auditiva de uma determinada intensidade; por sua vez, a caixa de ressonância formada na articulação do som confere uma determinada estrutura

[1] O termo *prosódia* provém do grego *prosodía* e significa literalmente o "canto de acordo com, donde o canto para acompanhar a lira" (Houaiss, 2003). Decompõe-se em *proso* (junto) e *aido* (cantar) (*ibid.*); cf. também Pereira/Mata/Freitas (1992: 3).

aos formantes, o correlato acústico da qualidade das vogais[2] Para melhor esclarecimento, veja-se o seguinte quadro proposto por Schmidt (1983: 103):

nível articulatório	nível acústico	nível auditivo (perceptivo)
vibração das pregas vocais	frequência fundamental (F0)	altura de tom (pitch)
velocidade de articulação	duração	quantidade
energia da articulação	amplitude	intensidade
caixa de ressonância	estrutura dos formantes	timbre (qualidade das vogais)

Assim, como refere Gumperz, a prosódia inclui: "(a) intonation, i.e. pitch levels on individual syllables and their combination into contours; (b) changes in loudness; (c) stress, a perceptual feature generally comprising variations in pitch, loudness and duration; (d) other variations in vowel length; (e) phrasing, including utterance chunking by pausing, accelerations and decelerations within and across utterance chunks; and (f) overall shifts in speech register. These are conceptual conflations of variations in the three basic phonological dimensions of frequency, amplitude and duration" (Gumperz, 1982: 100).

A correspondência entre as características prosódicas formais (linguísticas) e as suas manifestações físicas não é directa nem simples: as possíveis relações de variação e de compensação e de dependência entre a altura de tom, intensidade e quantidade podem provocar uma impressão auditiva que não corresponde à realidade física do som. Por exemplo, embora a intensidade e a duração sejam os parâmetros responsáveis pela marcação do acento de frase, a F0/altura do tom parece fornecer uma pista eficaz para a percepção da proeminência, o que significa que existe uma assimetria entre a produção e a percepção do sinal verbal[3]. Gibbon (1995: 458) explica que o facto de a altura de tom (*pitch*) fornecer uma pista de proeminência mais eficiente do que a quantidade/duração e a intensidade se deve à influência do conhecimento intuitivo de padrões de fonação possíveis e a expectativas semânticas ou pragmáticas. Isto é, falante e ouvinte, além de terem o conhecimento linguístico do sinal da fala, dispõem de uma representação cognitiva própria do mundo físico do sinal. Por isso, a dicotomia entre os níveis de análise linguístico e físico não é estanque e muitas definições de entoação "fall somewhere in between the formal and the physical extremes, and refer to the speaker's or listener's **impressions** of physical characteristics. The terms **pitch, loudness, length** and

[2] As designações em inglês para estes parâmetros auditivos variam de autor para autor. Para dar um exemplo, Cruttenden (1986) utiliza os termos *pitch, loudness* e *length*; Hirst/Di Cristo (1998) referem-se a *tone, stress* e *quantity*, com os respectivos correlatos acústicos *F0, intensity* e *duration*; Gumperz (1982) usa os termos *pitch, loudness* e *duration* e os correlatos acústicos *frequency, amplitude* e *duration.* Para o caso do alemão, também se verificam algumas variações terminológicas: Schmidt (1983) usa os termos *Tonhöhe, Intensität* und *Dauer*, com os correlatos acústicos *Grundfrequenz, Amplitude* e *Dauer*; e Schönherr (1997), os termos *Tonhöhe, Lautstärke* und *Sprechgeschwindigkeit* para designar os parâmetros auditivos da prosódia.

[3] Como afirmam Clark/Yallop (1995: 332): "(...) when a syllable or word is perceived as 'stressed' or 'emphasized', it is pitch height or a change of pitch, more than length or loudness, that is likely to be mainly responsible". Cf. também Schmidt (1983), Cruttenden (1986:3), Hirst/Di Cristo (1998: 6).

timbre are often used in this sense as auditory correlates of **fundamental frequency, intensity, duration** and **spectral characteristics** respectively "(Hirst/Di Cristo, 1998: 6).

Pode-se concluir que os fenómenos prosódicos abrangem simultaneamente vários níveis que se relacionam com parâmetros físicos-concretos e cognitivos-abstractos. Como iremos ver mais adiante, esses parâmetros concretos e abstractos envolvem factores linguísticos (relativos ao conhecimento do uso da língua) e extra-linguísticos (relativos a características do contexto da fala, como o conhecimento compartilhado por falante e ouvinte de saberes sobre o mundo.

3.2 Prosódia: uma dimensão linguística ou paralinguística?

A escolha de uma determinada altura de tom, intensidade e quantidade depende não só das convenções fonéticas e fonológicas de um sistema de língua, mas também das circunstâncias em que um enunciado é produzido. Além disso, os fenómenos prosódicos tanto podem estar ligados a palavras (por exemplo entoação ascendente no final de uma frase), como a pausas e a vocalizações que não representam elementos lexicalizados. Esta natureza complexa dos fenómenos prosódicos levanta problemas de ordem classificatória: serão de natureza linguística ou paralinguística? Quais são os fenómens prosódicos que devem ser considerados linguísticos? Quais é que são paralinguísticos?

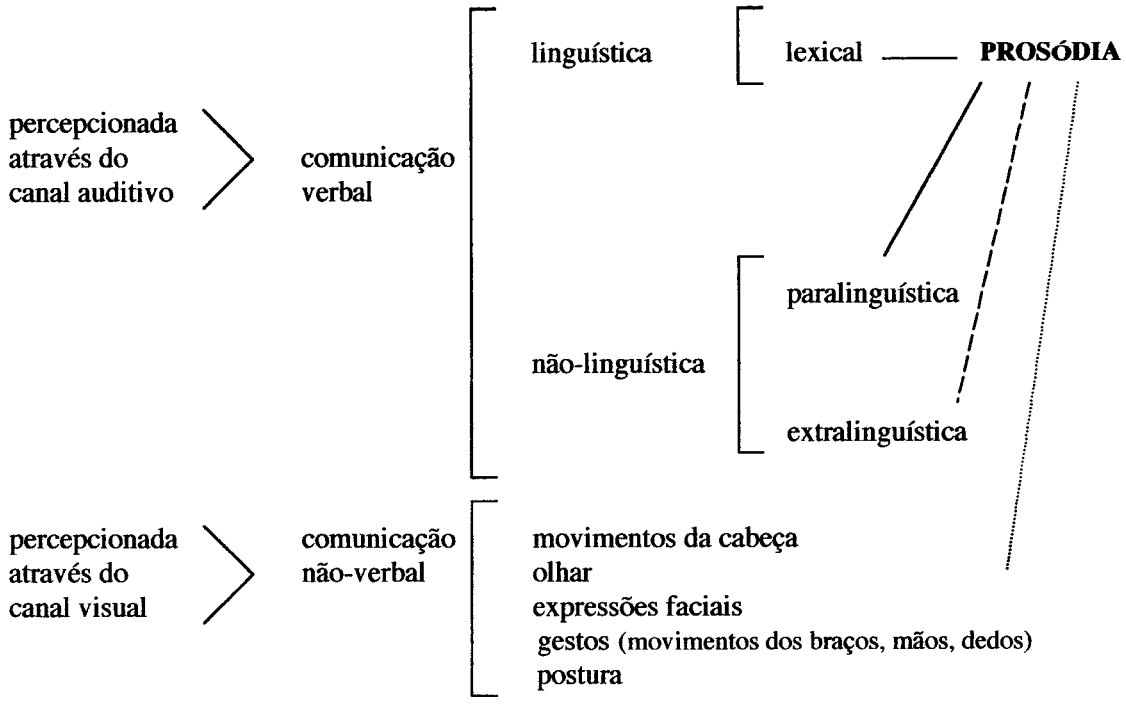
O termo paralinguístico pode ser ambíguo, atendendo a que já foi usado por Bridwhistell (1970: 108 segs.) e por Lyons (1972) para referir também a comunicação não-verbal, enquanto o termo vocal é utilizado para referir qualquer tipo de actividade que seja produzida pelo aparelho fonador. Contudo, para a maioria dos investigadores, a designação de paralinguístico abrange os fenómenos prosódicos (cf. Duncan, 1972; Ladd, 1996). Outro problema reside na distinção entre vocal e verbal. Laver/Hutchenson (1972) sugerem uma classificação própria distinguindo entre sinais vocais, não-vocais, verbais e não-verbais. Os sinais vocais são quaisquer tipos de sons produzidos pelo aparelho fonador; os sinais não-vocais estão ligados a qualquer outra actividade comunicativa do falante que não tenha sido produzida pelo aparelho fonador; os sinais verbais são sinais vocais formados por palavras, expressões linguísticas e frases; os sinais não-verbais são todos os elementos vocais que não são palavras. Assim, os sinais vocais-verbais são constituídos por elementos linguísticos; os sinais vocais não-verbais abrangem a prosódia; os sinais não-vocais não-verbais são os movimentos de diferentes partes do corpo; por último, os sinais não-vocais e verbais correspondem à expressão escrita (Laver/Hutchenson, 1972: 12).

Kerbrat-Orecchioni (1990) comenta a grande confusão existente no que diz respeito ao caso específico da prosódia: "confusion bien compréhensible: c'est que pendant des décennies et même des siècles, on a confondu la langue avec son expression écrite (...)" (*ibid.*, 140). A autora distingue dois subgrupos de sinais voco-acústicos: "matériel verbal, i.e., phonologique, lexical et morpho-syntaxique; matériel paraverbal, prosodique et vocal: intonations, pauses, intensité articulatoire, débit, particularités de la prononciation, différentes caractéristiques de la voix" (*ibid.*, 137), e, perante a grande disparidade de

opiniões, renuncia a explicações a respeito da marcação da fronteira entre o prosódico e o vocal. Referindo-se às vocalizações que não correspondem a elementos do léxico, como o caso de *euh* e de *mmh*, e para as funções semânticas e pragmáticas da entoação, a autora salienta a falta de clareza das propostas até agora feitas e os problemas que elas acarretam (*ibid.*, 139-140).

Tendo em conta estas dificuldades de delimitação de um fenómeno que parece estar tanto ligado à estrutura frásica como a questões motivacionais, parece-me adequado considerar a prosódia no sentido sugerido por Clark/Yallop (1995: 329 segs.), como um contínuo de funções e de efeitos que se estendem de um extremo não-linguístico ou extra-linguístico, passando pelo paralinguístico, até ao extremo linguístico. Do nível não-linguístico fazem parte a qualidade da voz; no extremo oposto, nível linguístico, situam-se características como o acento e o tom, que desempenham funções específicas dentro de um sistema de língua; o nível paralinguístico corresponde a uma zona cinzenta situada entre os dois extremos acima mencionados, em que se inserem certas particularidades da fala. Os autores chamam a atenção para o facto de todo este contínuo, do linguístico ao não--linguístico, indicar o alcance da informação transmitida pelo sinal da fala, mas não mostrar o que realmente se passa: que tipo de informação foi codificada e como é que ela foi percebida pelo ouvinte, ou melhor, o que é que ele abstraiu do enunciado do falante como sendo realmente relevante para o contexto. Atendendo a que "(...) both speakers and listeners operate in a context of largely shared assumptions about the significance of prosody, ranging from expectations about the effects of tiredness and nervousness and sore throats, and conventions about appropriate levels of loudness and speeds of delivery, to knowledge of systematic ways of structuring discourse" (Clark/Yallop, 1995: 330), a análise dos fenómenos prosódicos típicos do uso de uma língua obriga a seguir uma perspectiva interaccional.

Para rematar o que aqui foi apresentado, sugiro a classificação esquematizada na página seguinte. Por questões de simplificação, proponho que se faça uma primeira distinção, mais geral, entre as modalidades de comunicação que são apreendidas pelo canal auditivo e as que são apreendidas pelo canal visual. As restantes subdivisões depreendem-se do esquema. A preferência dada ao termo verbal em vez de vocal deve-se a uma razão de carácter prático: a dicotomia terminológica mais comum é verbal/não-verbal. O termo verbal refere-se a todas as manifestações vocais audíveis que contituem sinais pragmáticos importantes e têm influência sobre a interacção (note-se que muitas vocalizações são constituídas por partes de palavras/sílabas, sendo por isso difícil classificá-las como vocais não-verbais); o termo não-verbal refere-se exclusivamente à comunicação realizada através dos movimentos do corpo e dos gestos. Se os conceitos de paralinguístico e extralinguístico se devem inserir ou não no grupo dos sinais verbais, não me parece, por agora, importante. Nem mesmo o facto de um elemento ser paralinguístico ou extralinguístico se pode considerar de grande relevância para a análise de uma interacção. Mas, por questões de precisão terminológica, convém que os critérios classificatórios desta taxonomia fiquem bem claros.



Resumindo, a prosódia abrange fenómenos auditivos que podem estar sobretudo ligados a elementos linguísticos, contribuindo mais ou menos para o seu significado, e a elementos não-linguísticos (como as pausas cheias); por sua vez, as manifestações vocais não ligadas à fala podem-se dividir em comunicativas-informativas-interactivas[4] (como o riso, suspiros, pausas cheias) e não-informativas-não-comunicativas-interactivas (como a tosse, espirros, etc.). Por este motivo, como consta do esquema, relaciona-se com as modalidades de comunicação linguística e não-linguística. As manifestações verbais não--linguísticas realizadas com fim comunicativo e informativo fazem parte do grupo dos sinais paralinguísticos; as manifestações verbais não-informativas, sem relevância para o fluxo da informação mas que podem influenciar a sequência das vezes, fazem parte do grupo dos sinais extralinguísticos. A entoação faz parte da prosódia e entende-se pela sequência de movimentos de altura de tom, com (ou sem) variações de intensidade e de quantidade[5].

---

[4] Os termos comunicativo, informativo e interactivo provêm de Ekman/Friesen (1969): "INFORMATIVE nonverbal behavior encompasses those acts which have some shared decoded meaning, in that such acts elicit similar interpretations in some set of observers (...) The term informative refers only to decoded meaning (...) COMMUNICATIVE nonverbal behavior encompasses those acts which are clearly and consciously intended by the sender to transmit a specifiable message to the receiver (...) Communicative acts need not necessarily have a shared decoded meaning (...) INTERACTIVE nonverbal behavior encompasses those acts which meet this last criterion: They are acts by one person in an interaction which clearly modify or influence the interactive behavior of the other person(s). (...) Not all informative behavior is interactive; many informative acts may not influence or modify the interaction, at least in detectable ways. Interactive behavior need not be communicative; many informative acts will influence the interaction and yet not be the result of an intent to communicate" (Ekman/Friesen, 1969: 55-56).

[5] Alguns autores entendem a entoação no sentido restrito, como consistindo apenas em variações do parâmetro acústico frequência fundamental (cf. Viana, 1987: 165).

De acordo com a maioria dos investigadores, as unidades entoacionais (prosódicas) distinguem-se umas das outras pelos tons de fronteira existentes nas junturas. Essas junturas podem ser marcadas por pausas, mudanças de ritmo ou de velocidade de produção da fala. Todos estes fenómenos – pausas, velocidade de produção da fala, etc. - fazem parte da prosódia. Se um elemento é ou não considerado paralinguístico, como é o caso do riso que acompanha a fala e do riso sem fala, depende de os fenómenos que acompanham a sua realização conterem ou não informação adicional relevante para a interpretação do enunciado. Suponha-se que um riso produzido sem fala, e/ou externo à vez, tem uma ênfase especial que lhe confere um determinado significado. Esse elemento não-linguístico é acompanhado por um fenómeno prosódico (entoacional). Imagine-se, por exemplo, um jogo em que se pretende comunicar somente através de sons a que são conferidos determinados parâmetros prosódicos (entoação, ritmo, pausas, etc.) característicos de um sistema linguístico compartilhado pelo falante e pelo ouvinte. A partir dessa sequência de sons, o ouvinte poderá entender, não o conteúdo preciso do que está a ser dito, mas a atitude do falante para com ele (se lhe fala de um modo afectuoso, se lhe mostra agrado ou desagrado), o estado psicológico do falante (se está triste, contente, relaxado, tenso, etc.), se o enunciado é uma pergunta, um pedido, uma ordem, uma censura, etc.[6] São também as características prosódicas dessa cadeia sonora que marcam os limites da vez do falante e mostram se ele quer manter ou ceder a sua vez, por outras palavras, que organizam a alternância de vez.

Como se pode verificar no esquema apresentado, está também marcada a pontilhado uma ligação entre a prosódia e a comunicação não-verbal. Isso deve-se ao seguinte pensamento, que aqui se antecipa: a observação mais intensiva da comunicação não--verbal conduziu inevitavelmente à reflexão sobre a possibilidade de aplicação do conceito de prosódia (com os parâmetros físicos de intensidade, frequência e duração do movimento) à dimensão espacial-motora e da consideração de uma prosódia da comunicação não-verbal.

3.3 Fonologia e Fonética: modelos de análise da entoação

Atendendo a que a entoação compreende as características mais relevantes para a comunicação, foi ela o fenómeno prosódico que mais atenção recebeu por parte dos fonologistas e foneticistas que estudaram a prosódia sob um ponto de vista semântico--pragmático[7]. Tradicionalmente tem sido analisada sob duas perspectivas distintas:

---

[6] Falta saber em que medida é que uma "conversação" destas pode ser entendida por indivíduos pertencentes a outras culturas cuja língua apresenta características prosódicas totalmente diferentes. Recorde-se, a este propósito, uma série checa de desenhos animados, apresentada há anos na RTP por Vasco Granja, em que a língua falada por bonecos de plasticina era apenas uma sequência de sons de diferentes alturas de tom.

[7] Este tipo de investigação difere da realizada por foneticistas e fonologistas, no âmbito da Psicolinguística, com vista ao estudo da percepção e produção da fala.

- a perspectiva da **escola britânica**, que abrange as linhas de investigação desenvolvidas por Halliday (1985) [1950] (seguida por Coulthard, 1992, e Brazil, 1992) e por Crystal (1972) [1969] (adoptada por Gumperz, 1982);

- e a perspectiva da **escola americana**, representada pelos estruturalistas americanos Trager/Smith (1951 cit. *in* Cruttenden, 1986: 28) e Pike (1967a).

Estas duas pespectivas de investigação, uma centrada no uso de *tone marks*, em que as variações de F0 são descritas em termos de movimentos ascendentes, descendentes e estacionários, a outra em que os valores de F0 são descritos em termos dos níveis tonais alto, baixo, médio, médio alto, médio baixo (cf. Viana, 1987: 31-32) representam a origem das diferentes orientações de abordagem da interacção (Cruttenden, 1986: 26)[8].

A Escola britânica, cujas orientações várias Selting (1995a: 22) agrupa sob a designação de perspectiva **tonética**, dá especial atenção ao movimento de altura de tom que, associado à última sílaba acentuada, é designado por **núcleo**. Este último tem um estatuto fonológico particular – o acento da frase (*sentence accent, stress*) ou acento primário. A primeira sílaba acentuada de uma unidade prosódica - a *tone unit* (**unidade tonal**) -, que se pode estruturar em pré-cabeça, cabeça, núcleo e cauda, é o ataque. A combinação de sílabas não-acentuadas com a sílaba acentuada forma o pé *(stress foot / stress group* ou *foot),* importante para a estrutura tonal de uma frase, para determinar diferentes tipos de frases, assim como as características rítmicas de uma língua[9]. Estas categorias foram desenvolvidas sobretudo para análises da entoação dirigida para a determinação das suas funções gramaticais. O processo de análise seguido consiste em localizar os elementos de maior acentuação no enunciado, ou seja, o núcleo, e determinar a sua configuração melódica (Gumperz, 1982: 108). Esta perspectiva, ainda ensinada sobretudo na Grã--Bretanha, é, segundo Gumperz (1982: 108), a orientação teórica mais útil e adequada aos propósitos da análise conversacional e a que veio influenciar a Fonologia Interaccional de Local/Kelly/Wells (1986). No entanto, este modelo apresenta algumas falhas: a **unidade tonal**, uma unidade fonológica com uma fronteira obrigatória entre acentos proeminentes, conduz muitas vezes a segmentações empiricamente impraticáveis; além disso, como estas unidades foram desenvolvidas com base em frases desligadas de qualquer contexto de comunicação natural, não podem ser aplicadas nas condições de uso de língua em conversações (cf. Selting, 1995a: 22 segs.).

A Escola americana, onde se desenvolveram as primeiras análises sistemáticas da entoação americana, é representada pelos estruturalistas americanos Pike (1967a) e Trager/Smith (1951 cit. *in* Cruttenden: 1986). Nesta perspectiva, designada por *level-based approach* (Grice *et al.,* 2001: 3), ou por *structure-based approach* (Ladd, 1996:

[8] Estas perspectivas teóricas não serão aqui aprofundadas. A sua referência tem apenas a função de ajudar a situar a perspectiva teórica de análise da prosódia seguida neste trabalho.

[9] Assim, há línguas com a cabeça à esquerda e línguas com a cabeça à direita, em que a sílaba acentuada se encontra respectivamente à esquerda ou à direita das não-acentuadas com as quais forma o pé (cf. Hirst/Di Cristo, 1998: 22 segs.).

160 segs.), a entoação é analisada em termos de níveis de altura de tom distintos, que se combinam em contornos de entoação estruturalmente significantes, de um modo idêntico ao que combina os fonemas para formar palavras e frases. Fala-se de contornos terminais *(terminal contours)*, dados pelas sequências e níveis de altura de tom, que indicam se a altura de tom é ascendente, descendente, em suspenso ou enfática no final da frase. A unidade prosódica de análise usada é a *phonemic clause* (que se pode traduzir por **frase fonémica**)[10] de Trager/Smith (1951, cit. in Dittman/Llewellyn, 1969: 99) e de Pike (1967a), um macro-segmento fonologicamente marcado que contém apenas um acento primário e termina com uma juntura.

Este modelo foi criticado a) por ser atomista; b) por não distinguir as configurações de altura de tom significantes das não-significantes; c) por não considerar que aquilo a que o ouvido humano reage não é aos níveis de altura de tom, mas às mudanças de direcção de altura de tom (cf. Gumperz, 1982: 108); e d) pela arbitrariedade na escolha de quatro níveis de altura de tom (Cruttenden, 1986: 28). Foi certamente este facto, como sugere Cruttenden (*ibid.*, 28), que conduziu a uma nova orientação desta perspectiva baseada apenas em dois níveis - a perspectiva **auto-segmental e métrica** que caracteriza os modelos gerativos mais recentes.

Estes modelos generativos orientam-se por Pierrehumbert (1980/1987, cit. *in* Cruttenden, 1986: 28) e Nespor/Vogel (1986). Neles, a unidade prosódica é o **sintagma entoacional**, uma unidade com pelo menos um núcleo obrigatório, uma sílaba com um acento nuclear e ainda outras sílabas proeminentes como outros acentos. Assim, as variações holísticas de altura de tom da análise tonética podem ser decompostas em sequências de tom alto e tom baixo (\ corresponde a H*T, / corresponde a T*H, etc.) (cf. Selting, 1995a: 26). A designação **auto-segmental e métrica**[11] refere-se a um intrumental de análise, onde os sons são transcritos numa fiada tonal independente da fiada segmental[12]. Este modelo foi desenvolvido "numa perspectiva fonológica multi-linear. A entoação é representada a nível fonológico por uma sequência estruturada de tons altos e baixos e a nível fonético, pelo próprio contorno de F0" (Viana, 1987: 32). A representação fonológica é regulada

---

[10] Segundo Goodwin (1981: 26), a *phonemic clause* é importante não só para a análise das unidades naturais em que se divide a fala/enunciado, mas também para a investigação da entoação, cinética e codificação da fala. Uma outra unidade sugerida por Lieberman (1975: 55 segs.) é o *breath group*, que resulta da acção de um movimento articulatório. Se existe um esforço articulatório adicional, a altura de tom baixa naturalmente no final do enunciado (*breath group* não-marcado); se a tensão dos músculos na laringe aumenta durante os últimos 150-200 msegs. de fonação, o contorno terminal não desce, falando-se, então de um *breath group* marcado. As características comuns ao *breath group* e à *phonemic clause* são as seguintes:

- é possível demarcar unidades na cadeia sonora;
- o contorno entoacional no final das unidades maiores é importante;
- as diferenças de contorno terminal têm tipos de classificação aproximados;
- a entoação descendente encontra-se no final das unidades / no final das asserções; a entoação não-descendente ou assinala interrogação, ou a não-completação do enunciado em curso (cf. Goodwin, 1981: 26).

[11] Esta teoria foi proposta por Goldsmith (1976, cit. *in* Vigário, 1998: 31, "para dar conta de fenómenos tonais em línguas africanas, e posteriormente modificada e alargada (cf. Goldsmith, 1979 e 1990)" (Vigário, 1998: 31).

[12] Sobre as principais características destas investigações, cf. Grice *et al.* (2001 : 4).

por uma gramática, por um conjunto de regras de associação dos tons ao texto e por um conjunto de regras contextuais (*ibid.*) Assim, os segmentos alinhados nas duas barras (fiadas) são ligados ou postos em relação um com o outro através de linhas que representam a simultaneidade de ocorrência (cf. Vigário, 1998: 31). As regras de associação é que gerem essas possibilidades de associação. São elas que determinam que "(a) todos os tons têm que ser associados a pelo menos uma unidade susceptível de os receber (a TBU – 'tone bearing unit'); (b) a todas as TBU's tem que ser associado pelo menos um tom; (c) as linhas de associação não podem cruzar-se" (*ibid.*, 31).

Para este tipo de investigação tornou-se necessário desenvolver e aperfeiçoar um sistema de transcrição que pudesse ser utilizado universalmente, à semelhança do Alfabeto Fonético Internacional. Surgiram assim o INTSINT[13] (International Transcription System for Intonation) (Hirst/Di Cristo, 1998: 14 segs.); Leech et al, 1998: 42) e o ToBI[14] (Tones and Break Indices) (cf. Hist/Di Crito, 1998: 14).

Pode-se concluir que uma das preocupações do estudo da entoação, independentemente da perspectiva teórica que lhe serviu de base, consistiu na descrição de padrões entoacionais típicos de uma língua ou universais. Além disso, como referem Hirst / Di Cristo (1998: 18), todas as perspectivas de abordagem convergem na distinção de uma unidade prosódica - o sintagma fonológico, sintagma prosódico, ou unidade tonal[15].

Selting refere-se a outra orientação teórica britânica de análise da entoação, a chamada **perspectiva configuracional** - *configuration-based approach* (cf. Grice *et al.*, 2001: 3; Hirst/Di Cristo, 1998: 12) ou *highlightening-based approach* (Ladd, 1996: 160 segs.). O seu principal representante é Bolinger (1972, 1980), que acentua que as funções gramaticais da entoação são secundárias relativamente às emocionais. Foi esta linha de investigação que serviu de base para os trabalhos desenvolvidos pela *Interactional Linguistics* (Selting/Couper-Kuhlen, 2001), a nova corrente teórica de análise da interacção que será descrita mais adiante.

---

[13] Informação sobre INTSINT em http://www.lpl.univ-aix.fr/~hirst/intsint.html.

[14] Este sistema foi utilizado por Viana (1987), Vigário (1998) e Frota (2000) na análise da prosódia no português. Informação sobre GtoBI (aplicado à língua alemã) em http://www.coli.uni-sb.de/phonetik/projects/Tobi/gtobi.html. Sobre outros sistemas de anotação linguística: http://morph.ldc.upenn.edu/annotation.Cf. Hirst/Espesser (1996), Gibbon *et al.* (1998) e Leech *et al.* (1998).

[15] Dentro da Fonologia portuguesa encontram-se ao lado de **unidade tonal**, da perspectiva britânica, definida como "a extensão de elocução entre pausas virtuais onde ocorre uma sequência distintiva de variações de altura" (Pereira/Mata/Freitas, 1992: 39; Mateus *et al.* 1992: 334), as definições de **sintagma fonológico** (ϕ) e de **sintagma entoacional** (I), duas unidades hierarquicamente distintas e definidas de acordo com a hierarquia sintáctica do enunciado (Mateus *et al.*, 2003: 1060 segs.). Como se poderá ver sob 3.4.5, atendendo à orientação seguida neste trabalho, dá-se preferência à expressão **unidade entoacional** para referir a **unidade prosódica**, cujas características iniciais, globais e finais a distinguem das unidades envolventes. A unidade entoacional pode-se fazer correlacionar com a *phonemic clause* (Pike, 1967a), a *prosodic phrase* (Kendon, 1972) e a *Intonationsphrase* (Uhmann, 1997). Esta designação, distinta das que são geralmente utilizadas nas perspectivas britânica, americana e segmental e métrica, foi utilizada por Selting *et al.* (1998), da área da Linguística Interaccional, a perspectiva teórica seguida neste trabalho.

3.4 Prosódia e interacção verbal

3.4.1 A frase fonémica na investigação da comunicação não-verbal

Na investigação sobre a interacção verbal e sobre a conversação realizada no âmbito de várias áreas disciplinares a prosódia recebeu relativamente pouca atenção. Os primeiros trabalhos a considerar a prosódia provêm sobretudo das áreas da Psicologia Social e da Psicolinguística. Estes estudos tiveram por objectivo o estudo de variáveis relacionadas com estados emocionais, personalidade e influências recíprocas entre os interactantes. Foram analisados fenómenos prosódicos relacionados com a maior ou menor fluência da fala, a saber, fenómenos de hesitação (pausas vazias e cheias), padrões de ritmo e velocidade de produção da fala, assim como a sincronização entre os movimentos do corpo e as unidades da fala.

Neste âmbito, o ponto de partida para a análise do nível supra-segmental é a frase fonémica (*phonemic clause*) de Pike (1967a). Esta unidade termina por contornos entoacionais com um movimento de altura de tom (ascendente, descendente ou estacionário). Como explicam Dittmann/Llewellyn (1969: 99), "It consists of a string of words, averaging five in length, in which there is one and only one primary stress and which is terminated by a juncture, a barely perceptible slowing of speech, often with slight intonation changes at the very end".

Esta unidade entoacional esteve, assim, na base dos estudos realizados, entre outros, por Condon/Ogston (1966, 1967), os primeiros investigadores a estudar a relação entre os movimentos do corpo e a fala, e que observam que as mudanças mais frequentes de movimentos de partes do corpo ocorrem nas fronteiras das unidades maiores da fala, por exemplo entre frases; por Dittmann/Llewellyn (1969: 105) e Dittmann (1972), que verificam que as palavras ou grupos de palavras mais importantes, que comportam o acento primário e coincidem com a juntura terminal, são acompanhados por um movimento e que o elemento lexical que tem mais importância na frase surge, geralmente, no fim e é marcado por mais ênfase.

Seguindo uma perspectiva da teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, Duncan (1972, 1973, 1975, 1980) e Duncan/Fiske (1977) distinguem a entoação da paralinguagem, que definem como a variedade de comportamentos vocais que ocorrem na fala, mas que não fazem parte do sistema de sons da língua (Duncan, 1972: 285). A paralinguagem recebe uma importância idêntica àquela que é atribuída à sintaxe e à semântica dos enunciados e aos movimentos do corpo que acompanham a fala. Nas transcrições dos *corpora* figuram representações fonológicas, paralinguísticas e notação dos movimentos do corpo. Estes são notados relativamente às sílabas das palavras enunciadas ou às pausas entre as sílabas. A representação fonológica segue o esquema de transcrição de fonemas segmentais e supra-segmentais sugerido por Trager/Smith (1957, cit. *in* Duncan, 1972: 285)[16].

[16] Para a transcrição da paralinguagem, Duncan baseia-se em catálogos de paralinguagem elaborados por Trager (1958). Distingue três tipos de comportamento paralinguístico que desempenham um papel

Duncan é dos primeiros a referir o papel da entoação no sistema de alternância de vez. A entoação ascendente ou descendente no fim de uma unidade entoacional, assim como os prolongamentos de palavras e o abaixamento da altura de tom e da intensidade são três das seis pistas para um sinal de cedência de vez (*turn signal*) (cf. Duncan, 1972: 286; 1973: 37). Estas pistas são muito importantes para a alternância de vez suave; não sendo manifestadas pelo falante, o ouvinte pode tomar a vez, originando a ocorrência de vezes sobrepostas (*simultaneous talking*). Argumenta ainda que os elementos prosódicos são dos sinais mais importantes para a delimitação da unidade de análise da alternância de vez (Duncan, 1975: 199-200). Os limites desta unidade são marcados por comportamentos específicos[17]. Embora Duncan não tratasse a prosódia de uma forma sistemática, certos aspectos entoacionais e relativos à altura de tom, intensidade e quantidade foram referidos como fenómenos importantes na alternância de vez e na delimitação das unidades de análise.

Uma das primeiras abordagens das dimensões discursiva, prosódica e não-verbal deve-se a Kendon (1972). Baseando-se nas investigações de Condon/Ogston (1966, 1967) e considerando divisões da fala em *prosodic phrases* (sintagmas prsódicos), "the smallest grouping of syllables over which a completed intonation tune occurs" (Kendon, 1972: 184), Kendon constata que a cada uma destas unidades entoacionais está associado um padrão de movimento ou uma posição. O que caracteriza cada unidade entoacional é o movimento para uma posição distinta. Essa posição é alcançada no meio da unidade, isto é, no ponto em que a sílaba proeminente ocorre (*ibid.*, 200). Kendon distingue quatro grupos de unidades acima do nível do sintagma (*phrase*): os *phrase clusters*, a *locution*, os *locution groups* e os *locution clusters* (*ibid.*, 184 segs.)[18]. O autor constata que a *locution* ("the principal unit into which phrases combine" e que "tends to correspond to a complete sentence") está associada a uma unidade gestual distinta e que a cada unidade entoacional (*prosodic phrase*) corresponde a uma unidade gestual distinta (Kendon, 1972: 185). Várias unidades entoacionais podem corresponder também a um só gesto (sintagma gestual / *Gesticular-Phrase*)[19]. Isso permite-lhe afirmar que cada unidade entoacional é uma manifestação de uma *idea unit* expressa pelo enunciado e ligada à sua

---

importante na alternância de vez, a saber, a) intensidade (*overloud - oversoft*), b) altura do tom (*overhigh - overlow*) e c) quantidade (*drawl - clipping of individual syllables*).

[17] Os comportamentos a que Duncan atribui a capacidade de caracterizar as terminações da unidade entoacional são os seguintes: 1) pausa vazia; 2) movimento de cabeça do falante em direcção ao ouvinte; 3) descida de altura de tom e da intensidade tanto nas junturas, como ao longo da unidade entoacional ou de sílabas; 4) relaxamento do(s) pé(s); 5) altura de tom ascendente ou descendente; 6) prolongamento da última sílaba; 7) paragem da gesticulação; 8) uso de expressões estereotipadas; 9) descida da altura de tom juntamente com o uso de expressões estereotipadas; 10) completação gramatical de frases (cf. Duncan, 1972: 288; 1973: 31; 1975: 201).

[18] A ***locution***, a unidade principal em que se combinam as ***phrases***, encontra-se separadaspor pausas; a fase inicial de cada locução apresenta um aumento ligeiro de intensidade de voz relativamente ao fim da locução antecedente; nas frases da mesma *locution* o grau de alteração de altura de tom é menor do que entre frases de locuções diferentes); as frases mais ligadas dentro da *locution* formam os ***phrase clusters*** (geralmente não estão separados por pausas; as características entoacionias dos diferentes *phrase clusters* são geralmente contínuas); várias *locutions* adjacentes com certas características comuns formam os ***locution groups;*** vários *locution groups* constituem, por sua vez, os ***locution clusters***, os parágrafos do discurso, que geralmente coincidem com uma mudança temática (Kendon, 1972: 184 segs.).

[19] cf. parte I, 2.6.3.3, nota 40.

produção (Kendon, 1980: 216). O autor mostra ainda que o golpe do gesto é completado ou antes do núcleo ou no seu ataque (*ibid.*, 218) e conclui que se o sintagma gestual se organiza ao mesmo tempo, ou até mesmo antes da fala a que está associado, não pode ser visto como um produto do processo de produção da fala, mas como uma actividade que se forma em simultâneo (*ibid.*, 219)[20]. O mesmo pôde verificar a partir da análise da relação entre sintagmas gestuais e frases da fala contendo pausas e hesitações: as pausas dentro da unidade entocional em que a actividade não-verbal (cinética) continua reflectem uma interrupção do processo de produção da fala, mas não a interrupção do processo do enunciado. Atendendo a que os sintagmas gestuais se distinguem em termos de núcleos de ênfase cinético e as unidades tonais, em termos de núcleos de proeminência vocal, o autor sugere que é muito possível que as melodias entoacionais tenham paralelos na organização do movimento (*ibid.*, 221).

Constata, ainda, que os movimentos dos olhos e a orientação do olhar coincidem sobretudo com as pausas de hesitação e as pausas na fronteira entre unidades tonais (Kendon, 1990) e, confirmando o que foi dito por Condon/Ogston (1966, 1967) relativamente às mudanças nos padrões de movimentos estrarem coordenadas com mudanças no padrão de som (cf. Kendon, 1972: 205), sugere ainda que a cada unidade entoacional se associa um padrão de movimento distinto, cuja direcção é apropriada ao significado da frase: "In many instances, it appears to be best to say that the movement that distinguishes each phrase is a movement to a position that is distinctive for the [prosodic] phrase"[21]. Relativamente à prosódia, o autor conclui, "It seems that the speech--accompanying movement is produced along with the speech, as if the speech production process is manifested in two forms of activity simultaneously: in the vocal organs and also in bodily movement, particularly in movements of the hands and arms" (*ibid.*).

3.4.2 A prosódia e a sua natureza universal

O estudo da prosódia nas pesquisas semântico-pragmáticas da Eescola britânica foram influenciadas pela perspectiva configuracional de Bolinger (1972, 1980), que distingue entre acento de frase (*stress*) e acento da palavra (*accent*) e concebe os fenómenos prosódicos como fazendo parte de um sistema independente da gramática (cf. Selting, 1992b: 317). Chama ainda a atenção para aspectos interessantes da produção verbal na interacção que se podem relacionar com outras modalidades de comunicação que as acompanham. Com base na divisão funcional da frase em tema-rema, sublinha a função do acento na determinação da colocação da ênfase na frase. No caso de tema-rema, há dois acentos principais, um para o tema, outro para o rema, sendo este o que contém geralmente o *stress* principal do enunciado (Bolinger, 1980: 39). O autor verifica que,

---

[20] É precisamente esta constatação em que se apoia McNeill 1992, quando defende que a língua e o gesto constituem um sistema único.

[21] Kendon (1972: 202) constata que só quando o pronome ocorre no centro da unidade entoacional (como núcleo) é que recebe um marcador cinético do tipo descrito por Birdwhistell, e sublinha que este facto vem confirmar as observações de Birdwhistell (1970: 121) relativamente aos *kinesic pronominal markers*. Segundo Birdwhistell (*ibid.*), associados aos pronomes pessoais *I*, *me*, ao demonstrativo *this*, assim como aos advérbios *here* e *now* observa-se um movimento na direcção do falante. Juntamente com os pronomes *he*, *they* e os advérbios *there* e *then* o movimento realiza-se na direcção oposta ao falante. A estes movimentos o autor chamou *kinesic pronominal markers*.

tendencialmente, o acento de frase (*stress*) é colocado o mais à direita possível na frase e conclui tratar-se de uma tendência universal de natureza afectiva. Designa este fenómeno por clímax (Bolinger, 1980: 41), um processo produtivo que enfatiza o enunciado, colocando a maior carga sobre a parte final. Por vezes o clímax modifica o acento normal da palavra (sobretudo no caso de palavras compostas). Mesmo quando isso não acontece, está sempre presente cooperando com o acento remático na enfatização do enunciado. Ou seja, o acento remático é requerido para assumir a função de clímax. Qualquer proeminência entoacional, seja em posição temática, seja em posição remática, fica mais marcada quando não há outras proeminências à esquerda e à direita do enunciado. Por sua vez, o acento sobre o tema é colocado à esquerda do enunciado e é muitas vezes precedido de sílabas não acentuadas (Bolinger, 1980: 46). É também à esquerda do enunciado que surgem os sons de hesitação, quando o falante ainda está a organizar o que vai dizer. Bolinger mostra que a prosódia é importante na alternância de vez: por exemplo o acento à esquerda é vantajoso nas situações em que o falante pretende manter o ouvinte atento. Em casos de maior afectividade, o falante coloca o acento numa proeminência extrema muito antes do fim da frase. Quando, nesses casos, há intensificadores, como na frase "he was térribly tactless!", o acento emotivo é logo adoptado pelos intensificadores. Para o autor, a colocação do acento é determinada por factores externos à língua e, por conseguinte, é universal. Esta posição, demasiado generalizaste, foi criticada, entre outros, por Ladd (1996), visto as afirmações de Bolinger terem sido formuladas apenas com base na língua inglesa. A colocação do acento varia de língua para língua: há sistemas linguísticos em que o acento de frase não pode assumir as funções e significados que lhe foram atribuídos para o caso do inglês (cf. Ladd, 1996: 181 segs.).

Apesar disso, o facto de ter referido vários tipos de funções da proeminência frásica que se encontram mais ligadas a questões motivacionais e emocionais do que a fenómenos gramaticais fez com que o seu trabalho tivesse uma influência positiva no estudo da prosódia na interacção verbal.

3.4.3 A prosódia no discurso e na conversação

No âmbito da Análise do Discurso, a prosódia recebeu relativamente pouca atenção. Foram sobretudo Sinclair/Coulthard (1975)[22], Brazil (1992 cit. *in* Coulthard, 1992)[23],

[22] Sinclair/Coulthard (1975) usaram a co-ocorrência de características prosódicas (entoação ascendente e descendente a seguir a palavras como *now, well, right*, etc.) para isolar momentos em que esses elementos lexicais funcionam como marcadores de fronteira entre partes do discurso.

[23] Seguindo uma perspectiva tonética, Brazil apresenta quatro princípios que servem de base para a descrição da entoação e argumenta que as divisões entoacionais dos enunciados feitas pelos falantes não são motivadas pela estrutura gramatical, mas pela necessidade de estes irem acrescentando, passo a passo, significados específicos da situação. Esses significados são conferidos a determinadas palavras ou a grupos de palavras através da entoação, ou seja, da escolha de um tipo de altura de tom (cf. Coulthard, 1992: 37). Estas observações interessantes influenciaram as metodologias e pressupostos teóricos da Escola de Birmingham, como se pode constatar na revisão da estrutura da *exchange* de Coulthard/Sinclair (1975), apresentada por Coulthard/Brazil (1992), onde já figuram as características da entoação acima descritas

Schiffrin (1987)[24] e Kerbrat-Orecchioni (1992)[25] que reconheceram a importância dos fenómenos entoacionais na interacção face a face. Outros autores analisam palavras ou não-palavras da língua falada, evidenciando as funções e os significados que a entoação pode desempenhar.

Por exemplo Ehlich (1979) chama a atenção para elementos típicos da língua falada que não constituem (ainda) elementos lexicais, a saber, as diferentes formas do sinal *hm* do alemão, sinais típicos do ouvinte que expressam vários graus de acordo e de desacordo[26]; Harden (1989) descreve diferentes realizações fonológicas da expressão *na ja* do alemão e sublinha que as diferentes entoações com que é realizada correspondem a diferentes significados de atitudes do emissor[27]; a polissemia desta expressão é ainda examinada e posta em evidência através da sua contrastação com as diferentes correspondências no português; numa área mais específica da linguística alemã, Spiegel (1995) realiza uma investigação linguística da disputa na interacção e sugere alguns aspectos prosódicos responsáveis pela transmissão da emoção (Spiegel, 1995: 205 segs.)[28]. Neste âmbito têm sido sugeridos vários sistemas de transcrição. Um dos mais conhecidos na Análise do Discurso alemã é o HIAT (cf. Ehlich, 1981), que distingue três tipos de entoação (ascendente, descendente e em suspenso).

---

[24] No seu estudo sobre os *discourse markers*, Schiffrin (1987) refere que, embora não sendo um trabalho sobre a prosódia dos marcadores, deu especial atenção à entoação com que foram realizados, não só na transcrição do *corpus*, mas também sempre que a entoação contribuiu para a interpretação de uma expressão (Schiffrin, 1987: ix).

[25] Tendo em conta a importância dos fenómenos prosódicos na conversação, Kerbrat-Orecchioni (1992) (baseada em Pike, 1967a) chega mesmo a distinguir entre

a) **marcadores paraverbais**, como a intensidade e o timbre da voz (por exemplo, um sinal de intimidade como o sussurro), o *débit* (velocidade das sequências de vezes e sobreposições de vezes) e a articulação dos fonemas, que são responsáveis pela expressão da intimidade/distância na interacção e
b) **taxemas paraverbais**, os indicadores de relação de lugar de superioridade ou de inferioridade, i.e., dominância/poder *vs.* submissão, que têm a ver com estilos de fala (uma melodia fortemente descendente tem um efeito dominador sobre o parceiro da interacção) e com a qualidade da voz (uma voz seca é mais autoritária do que uma voz doce) (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 43; 75; 80).

A autora relaciona ainda as características prosódicas da fala com o funcionamento do sistema de alternância de vez e com a personalidade (*ibid.*).

[26] O autor distingue o *hm* simples, o *hm* duplo (*hmhm*) e o *hm* curto, e parte do princípio de que "Die verschiedenen Realisierungen von 'hm' bedienen sich der Differenzierung verschiedener Töne zur Distinktion unterschiedlicher Funktionen" (Ehlich, 1979: 506). A partir da análise de um *corpus* falado, o autor destaca quatro grupos com diferentes significados e funções, determinados pelas características fonológicas dos quatro tipos de sinais. Os grupos de significado para as três formas de "hm" acima mencionadas, e definidos de acordo com a entoação com que são realizados, são os seguintes: Grupo I – entoação descendente-ascendente – significa, nas três formas, acordo (convergência); Grupo II – entoação ascendente – significa desacordo (divergência); na forma mais curta, uma divergência mais acentuada; Grupo III – entoação em suspenso – significa, nos três casos, um anúncio de desacordo (pré-divergência); Grupo IV – nas três diferentes formas, significa uma divergência mais complexa (cf. Ehlich, 1979: 510).

[27] Em muitos dos trabalhos realizados sobre expressões da língua falada, como por exemplo os de Kallmeyer (1978) e Koerfer (1979), não estão explicitadas as implicações entoacionais dos elementos linguísticos descritos.

[28] "Parasprachlich können Emotionen durch Klangfarbe, Tempo und Lautstärke der Stimme vermittelt werden (prosodische Elemente) sowie durch Affektlaute (Interjektionen, vokale Embleme)" (Spiegel, 1995: 212).

Para o caso do português europeu são poucos os trabalhos que se dedicam à função da prosódia na interacção face a face e na alternância de vez. Uma exemplo é Martins (1987), que menciona "certains marqueurs que permettent l'alternance des tours de parole" (Martins, 1987: 177). A autora descreve marcadores de interacção de natureza entoacional, localizados entre as vezes[29]. Também considera as pausas vazias entre as vezes que parecem diferir de acordo com o papel social de cada um dos interactantes (cf. Rodrigues, 1998: 69). Trata-se, porém, de uma investigação limitada, que foca apenas algumas das funções que a entoação pode desempenhar a nível discursivo.

Uma análise um pouco mais sistematizante, embora não extensiva, de fenómenos prosódicos e da entoação na conversação encontra-se em Rodrigues (1998). Embora de um modo superficial e pouco detalhado, foram destacadas as características prosódicas (entoação, pausas, prolongamentos, aumento de intensidade da voz) mais relevantes no desempenho das funções de a) sinais conversacionais de tomada, manutenção e cedência de vez, de retorno e de reclamação de vez; b) sinais conversacionais modais; c) sinais conversacionais topográficos e d) sinais conversacionais interactivos (Rodrigues, 1998). Noutro pequeno estudo, foi ainda sublinhado o papel da entoação na alternância de vez, assim como a importância do seu estudo a partir de *corpora* constituídos por conversações naturais e espontâneas (Rodrigues, 2001a).

Recentemente, no âmbito de um projecto do CLUL e do INESC, no Laboratório de Língua Falada, tem vindo desenvolver-se muita investigação sobre a prosódia do português europeu. Baseia-se em *corpora* constituídos por interacções verbais, em que os interactantes não se encontram face a face (isto é não se podem ver mutuamente), mas interagem verbalmente procurando resolver um problema no mapa (a chamada situação de *map task*)[30]. Esta investigação pertence à área da síntese da fala e recorre, na generalidade, ao modelo auto-semgental e métrico. Como tem objectivos muito diferentes dos deste trabalho (assim como de qualquer tipo de investigação que siga a teoria da Linguística Interaccional) não será aqui aprofundada[31].

---

[29] "Com base na relevância condicional, ou seja, no facto de determinadas vezes obrigarem a uma tomada de vez pelo falante seguinte, a autora distingue fins de vezes marcados por a) perguntas explícitas, b) frases declarativas completas, c) 'appuis' que permitem ao locutor retomar a vez, e d) marcas de insegurança. Por outras palavras, no final da vez encontram-se (ou não) marcas de insegurança de diverso grau que correspondem a determinadas estratégias para ceder a vez: 1) a ausência de insegurança constitui a estratégia forte para ceder a vez; 2) a insegurança implícita, marcada por hesitações, constitui a estratégia média para ceder a palavra; 3) a insegurança explícita, marcada por expressões vagas, constitui a estratégia fraca para ceder a vez (Martins, 1987: 178)" (Rodrigues, 1998: 69, nota 113).

[30] Cf. http://www.l2f.inesc-id.pt.

[31] Não posso, contudo, deixar de referir alguns trabalhos sobre a prosódia no português europeu oral lido: Cruz-Ferreira (1998), que segue uma perspectiva fonológica da Escola britânica, Viana (1987) e Frota (2000), que se inscrevem no modelo auto-segmental e métrico, e Vigário (1998), que descreve aspectos da prosódia em estruturas com advérbios de exclusão e de negação frásica. Por sua vez Franco (2000) realiza um trabalho onde salienta a importância dos fenómenos prosódicos na compreensão da leitura oral nos meios de comunicação social falada. Com base em alguns aspectos prosódicos de textos ouvidos de noticiários da rádio e da televisão portugueses, analisa certas "tendências e características de estilo" que certos locutores utilizam na produção oral de textos escritos. Demonstra que a segmentação entoacional dos textos lidos não facilita a compreensão da mensagem, pois, como afirma o autor, "não obedecem muitas vezes a critérios plausíveis e esperados dentro do quadro de uma teoria da fonologia prosódica". Constata que de facto as pausas articulatórias, realizadas fora do momento esperado e acompanhadas de variações de

Os estudos sistemáticos realizados sobre a prosódia na interacção verbal desenvolveram-se sobretudo a partir dos anos 90 e têm vindo a constituir, principalmente na Alemanha, uma perspectiva de abordagem própria, conhecida por Linguística Interaccional (*Interactional Linguistics*).

3.4.4 Prosódia e Linguística Interaccional

Na base dos estudos mais recentes sobre a prosódia na interacção está a Teoria da Contextualização, uma perspectiva sugerida e desenvolvida pelo sociólogo norte-americano Gumperz (1982, 1992a, 1992b) e pelos seus seguidores (cf. Auer/Di Luzio, 1992).

Com já foi referido, a Teoria da Contextualização difere da Etnometodologia de Garfinkel (1967) e dos *frames* de Goffman (1974), assim como da Teoria do Contexto e da metacomunicação de Bateson (1956, cit. *in* Kendon, 1990: 17), pelo facto de teórica e metodologicamente se limitar à observação das pistas de contextualização verbais e não-verbais, não-referenciais e não-lexicais através dos quais os participantes contextualizam a língua (cf. parte I, capítulo 1).

Como afirma Auer (1992: 24), esta restrição às pistas não-referenciais e não-lexicais realizadas por meio da prosódia, gesto, postura, olhar, sinais de retorno e variação linguística, foi estabelecida por razões de ordem prática, para poder dar conta em simultâneo de várias indicações de sentido que não tivessem sido expressas no conteúdo lexical das frases. Em virtude disto, a prosódia obteve um lugar de destaque como pista de contextualização importante na transmissão de informações a nível de alternância de vez, de organização de tópicos, do tipo de actividade e dos papéis sociais.

Gumperz (1982) procura mostrar o modo como a prosódia é importante para assinalar conexões temáticas e gerar interpretações das intenções comunicativas dos participantes. Sublinhando o significado da prosódia a nível semântico, mostra o tipo de informação que os fenómenos prosódicos podem transportar (*ibid.*, 100). O autor confere a estes fenómenos uma importância primordial para o discurso e, por conseguinte, para a análise conversacional, pelo papel que desempenha: "in enabling the conversationalists to chunk the stream of talk into the basic message units which both underlie interpretation and control the turn taking or speaker change strategies that are essential to the maintenance of conversational involvement" (*ibid.*, 107). Na sua opinião, as características prosódicas são escolhas livres, não determinadas por regras como no caso da sintaxe, nas quais o falante [e também o ouvinte!] se apoia para sublinhar partes do discurso, criar relações de coesão entre estas e para fazer com que a atenção do(s) ouvinte(s) se dirija para elas e as interprete do modo como foram intendidas pelo falante. Embora haja padrões prosódicos típicos de uma língua, há enfatizações na interacção que só podem ser interpretadas a partir do contexto interaccional em que foram realizadas. Essas características prosódicas

---

frequência, "conferem características muito particulares à sua actividade verbal" (*ibid.*, 144). Uma abordagem da entoação das frases interrogativas numa situação do tipo aula (interacção face a face) encontra-se em Mata (1990).

permitem assim ao falante seleccionar uma variedade a partir de um paradigma existencial que tem à sua disposição, induzindo o ouvinte a uma determinada interpretação semântica do enunciado e ao seguimento de uma linha de argumentação. Também são os fenómenos prosódicos que permitem segmentar a fala em unidades. Atendendo a que as nossas percepções de proeminância prosódica são cognitivamente organizadas e surgem em sequências rítmicas, sendo o ritmo um sistema distinto do enunciado, Gumperz afirma que a prosódia não pode ser directamente explicada apenas em termos de altura de tom e de ênfase. Os fenómenos de focalização e de desfocalização ou de acentuação e de desacentuação (relativos à colocação do acento) mostram a importância da prosódia na manutenção da coesão e de estruturação entre as frases (ou partes de frases) e provam que os processos semânticos nela envolvidos devem ser examinados a nível do discurso (cf. *ibid.*, 112). Por sua vez, às mudanças de registo de altura de tom (subida ou descida do nível geral do altura de tom) e às mudanças de velocidade da fala que abrangem segmentos (grupos tonais ou sequências de grupos tonais) tem sido atribuído, como afirma o autor, um significado de natureza emotiva ou expressiva. No entanto, também têm funções importantes a nível do discurso, de acordo com as intenções do falante.

Resumindo, Gumperz considera os fenómenos prosódicos como dispositivos de sinalização ou pistas de contextualização que, em conexão com os elementos lexicais e as estruturas sintácticas e dos enunciados, provocam inferências fundamentadas, em grande parte, no conhecimento cultural ou em molduras interpretativas (cf. Selting, 1987: 788). No processo inferencial o(s) ouvinte(s) apercebem-se das intenções do falante e reconhecem os seus processos de pensamento e as suas estratégias de desenvolvimento temático. Nas sequências de vezes, estes fenómenos podem assinalar a estrutura retórica, realçando as relações temáticas chave (Gumperz, 1982: 118).

Neste enquadramento teórico, foram criadas as categorias de análise necessárias para classificar a colocação das pistas de contextualização relativamente ao enunciado a ser contextualizado (cf. Auer, 1992: 28). De acordo com o esquema proposto, as pistas de contextualização prosódicas encontram-se numa posição interna periférica (inicial ou final) relativamente ao enunciado que contextualizam. Por exemplo os inícios de unidades entoacionais com altura de tom elevada podem assinalar um novo tópico (contextualização periférica inicial); os contornos entoacionais finais podem marcar a completação da vez (contextualização periférica final) (*ibid.*, 28).

Os investigadores que seguem esta orientação teórica, influenciada sobretudo pelo modelo configuracional da Escola britânica (cf. Selting, 1995a: 26 segs.) e que vieram a desenvolver a Fonologia Interaccional que, por sua vez, deu origem à Linguística Interaccional[32], são French/Local (1983), Local *et al.* (1985, 1986), Auer (1992), Couper-Kuhlen (1983, 1992), Couper-Kuhlen/Auer, 1991, Couper-Kuhlen/Selting (1996, 2001), Gibbon/Selting (1983), Selting (1987, 1988, 1992a, 1992b, 1994, 1995a, 1995b, 1996, 2001, 2002), Selting /Couper-Kuhlen (2000, 2001), Schönherr (1993, 1997) e Uhmann

[32] Sobre as principais características desta nova área disciplinar cf. Couper-Kuhlen/Selting (2001).

(1992, 1996, 1997[33]). Neste âmbito foram investigados (entre outros) os seguintes aspectos:

- o papel da prosódia em momentos de competição na alternância de vez (French/Local, 1983);
- criação rítmica da coesão entre os enunciados (Couper-Kuhlen, 1983);
- estruturação dos enunciados (Gibbon/Selting, 1983);
- aspectos ligados a um *more-than-normal involvement*, ou seja, processos enfáticos (Selting, 1994);
- estruturação e organização dos enunciados (marcação de molduras na narrativa) (Selting, 1992a);
- marcação e superação de momentos de reparação na fala (Selting, 1988; Couper-Kuhlen, 1992);
- marcação de apartes ou frases intercaladas (Schönherr, 1993);
- marcação do ritmo (Auer/Couper-Kuhlen, 1994);
- velocidade da produção fala como pista de contextualização de reparações, apartes, preâmbulos, resumos e outros momentos proeminentes dos enunciados (Uhmann, 1992);
- questões ligadas à ordem das palavras (cf. Selting /Couper-Kuhlen, 2001).

Como a investigação realizada com base nesta orientação teórica é a que mais tem vindo a contribuir para o conhecimento do funcionamento da prosódia a nível interaccional, dedicarei os próximos subcapítulos à descrição das unidades nela tidas em conta e das funções e significados atribuídos aos fenómenos prosódicos.

3.4.5 Unidades, formas e funções prosódicas

Unidade de análise: a unidade de análise da prosódia é a **unidade entoacional** (cf. Selting *et al.*, 1998).

Acentos: dentro da unidade entoacional considera-se, geralmente, um **acento primário** e um ou mais **acentos secundários**. Estes elementos são determinados pelos parâmetros prosódicos auditivos altura de tom, intensidade e quantidade. Não é só a maior ou menor intensidade (F0) com que os sons são produzidos que determina a atribuição das características de acento primário ou secundário às sílabas; a quantidade (duração) pode contribuir para que um acento se estenda ao longo de mais que uma sílaba e seja percepcionado como mais proeminente. Recorde-se que a percepção auditiva do acento (com este termo refiro-me aqui ao acento de frase) nem sempre corresponde à realidade física do som. De qualquer modo, a colocação do acento primário e dos secundários é importante sob o ponto de vista comunicativo, pois é ela que determina o *ritmo* dos enunciados.

[33] Uhmann segue o modelo auto-segmental e métrico; no entanto, ao contrário da maior parte dos investigadores que se orientam por este modelo, a autora baseia-se em categorias e princípios que lhe permitem dar conta da realidade interaccional numa situação de interacção face a face e das funções que os fenómenos prosódicos aí podem desempenhar.

Ritmo: Auer/Couper-Kuhlen (1994) ocupam-se do estudo do ritmo na fala e definem-no, usando as palavras de Sonnenschein (1925: 26, cit. *in* Auer/Couper-Kuhlen, 1994), como: "[...] that property of a sequence of events in time which produces in the mind of the observer the impression of proportion between the durations of the several events or groups of events of which the sequence is composed" (Auer/Couper-Kuhlen, 1994: 86).

Sendo assim, o ritmo não é analisado sob o ponto de vista métrico, mas sim como a percepção de formas rítmicas, que se deve a um processo cognitivo activo de atribuição de forma no tempo. Segundo Auer/Couper-Kuhlen (*ibid.*, 82 segs.) o material acústico está sujeito à seguinte sequência de processos interpretativos: no primeiro nível, as variações de F0, amplitude e duração são compreendidas como variações de altura de tom, intensidade e quantidade; a um segundo nível, estes parâmetros são interpretados, num processo complexo, como acentos; no nível seguinte, as sequências de acentos são compreendidas, segundo determinados princípios, como formas rítmicas. Os acentos que desempenham um papel importante nestas formas rítmicas são as **batidas** (*ibid.*, 86), sendo a duração relativa entre as batidas rítmicas conhecida por **cadência** (F. Müller, 1996: 170). Para que a sequência de eventos (batidas) seja entendida como rítmica, ou seja, como um padrão rítmico, é necessária a repetição de pelo menos três eventos consecutivos (dois intervalos de duração idêntica) (cf. Auer/Couper-Kuhlen, 1994: 86). Os padrões rítmicos podem ser mais ou menos complexos; o ritmo, por sua vez, pode dividir-se em dois componentes centrais: a isocronia e a isometria. A primeira tem a ver com os intervalos regulares das batidas; a segunda, com a proporção entre batidas fracas (quando a batida coincide com uma sílaba fraca e não acentuada) e batidas fortes (sílabas acentuadas). Assim, uma forma rítmica mais forte caracteriza-se como **isométrica** e **isocrónica**. Como referem Auer/Couper-Kuhlen (*ibid.*, 88), a **ritmização óptima**

- não tem acentos fora da batida e não tem batidas vazias - a relação entre acentos e batidas é de 1:1;
- não ultrapassa as fronteiras dos intervalos rítmicos bem reconhecíveis (que são de entre 0,3 a 1 segs.);
- realiza acentos com a ajuda de variações de altura de tom (para o caso do inglês);
- não varia muito a quantidade de sílabas fracas entre as batidas;
- apoia os ritmos prosódicos através de características segmentais como repetições e paralelismo.

Ritmo / integração e não-integração rítmica: Couper-Kuhlen (1992) refere-se à importância do ritmo (*rhythmic beats,* proeminências prosódias regulares) na marcação de continuidade e de descontinuidade na fala, assim como na impressão de velocidade, dada pela quantidade destas proeminências por unidade de tempo. Um ritmo regular (em qualquer tipo de actividade) é sempre um indicador de continuidade, ordem, sintonia entre diversos elementos. O mesmo se pode dizer do ritmo da fala. A manutenção do mesmo ritmo (na vez de um falante ou em enunciados consecutivos de falantes diferentes) é um sinal de harmonia, de consenso e de acordo. Pelo contrário, ritmos diferentes, não só na vez de um falante, mas também nos enunciados consecutivos produzidos por diferentes falantes, indicam que há uma dissonância, uma desarmonia ou desacordo.

Couper-Kuhlen (1992) observou que as passagens da vez de um falante para a vez do outro obedecem, caso não haja desarranjos, a um padrão regular (é por exemplo a obediência a esse padrão que faz com que duas pessoas comecem a falar ao mesmo tempo, ambas se calem ao mesmo tempo, comecem de novo a falar ao mesmo tempo, e assim por diante). A integração rítmica de uma vez na vez antecedente é um sinal de sintonia. Em contrapartida, a não-integração rítmica provoca uma irregularidade na interacção. Assim, no caso concreto da alter-reparação, a integração rítmica da reparação pelo outro na fala do primeiro é um sinal de cortesia.

Casos de expressão de acordo/desacordo foram referidos por Selting (1988) em termos do uso da altura do tom pelos participantes: as modificações locais dos acentos enfatizam a divergência, ou seja, assinalam "Stop! You are going too far in the wrong direction! Come back in my direction!" (*ibid.*, 320); por outro lado, a convergência da entoação assinala "Let's go further in this direction" (*ibid.*). Sendo assim, pode-se concluir que o contraste, o diferente, expresso por modificações dos parâmetros prosódicos, constitui uma irregularidade.

F. Müller (1996) observa esse fenómeno para o caso de sinais de retorno do ouvinte e constata que, quando o ouvinte se encontra em sintonia com o falante, a altura de tom e a intensidade do sinal de retorno são idênticas às da fala do primeiro; quando não se encontra em sintonia, o seu *token* está *out of tune*, *out of place* e *out of rhythm*. Quando o sinal verbal do ouvinte está *out of beat*, o desacordo está implícito. No entanto, o recurso à integração rítmica também pode servir de estratégia para disfarçar o desacordo (Müller, 1996: 160), como é o caso da integração rítmica na alter-reparação (cf. Couper-Kuhlen, 1992).

Por sua vez, Auer/Couper-Kuhlen (1994: 95 segs.) constatam que a integração rítmica e a não-integração rítmica na passagem da vez de um falante para o outro têm significados interaccionais importantes: a transição da vez com integração rítmica é a forma não-marcada; a não-integração, que pode ser por retardamento ou por antecipação, pode assinalar uma falha passageira na interacção (depois de superada, o ritmo é retomado) ou o desacordo (o ritmo é interrompido e não é retomado). Verificam ainda que o retardamento rítmico não está necessariamente ligado a sequências despreferidas, porque:

- as vezes ritmicamente integradas encontram-se também em situações não-preferidas, como por exemplo em reparações;
- as vezes despreferidas também podem ser antecipadas;
- a antecipação rítmica pode ser interpretada de acordo com a actividade - pode contextualizar impaciência, desinteresse, etc.;
- o retardamento rítmico (ou a batida vazia - a ausência de batida onde era esperada) pode ser intencional para aumentar o efeito de surpresa ou solicitar um sinal de retorno do parceiro.

Sendo assim, o ritmo não deve ser entendido como o reflexo do estado de preferência da vez, mas como um componente adicional que, em determinadas sequências, e contra as reacções esperadas, introduz uma terceira dimensão.

Entoação / coesão: aos padrões entoacionais foram também atribuídas propriedades coesivas entre diferentes níveis do discurso (cf. Gibbon/Selting, 1983, Couper-Kuhlen 1983). Couper-Kuhlen constata que a entoação é capaz de marcar a fronteira entre as unidades textuais, de estabelecer uma ligação coesiva interna nessas fronteiras e de criar um foco prosódico. Sob o ponto de vista textual, as relações lógicas (aditivas, adversativas, causais, temporais, etc.), independentemente de estarem marcadas ou não através de conectores, podem ser assinaladas pela entoação. Assim, uma reduplicação de *micro-paratones*[34] representaria uma estrutura paratáctica, uma subordinação, uma estrutura hipotáctica (cf. Couper-Kuhlen, 1993: 85). A autora defende que a sequência movimento ascendente - movimento descendente é um sinal para o facto de dois elementos se excluírem mutuamente.

Relativamente ao funcionamento destes critérios na alternância de vez, a autora constata a ocorrência de ataques de tom elevado em tomadas de vez (note-se que o *corpus* consistiu em debates em que os interactantes pretendiam emitir uma opinião quando tomavam a vez), o recurso, na vez que começa, ao *macro-paratone* da vez antecedente (em comentários sobre o que foi dito antes). Nestes casos, a coesão é maior. Em situações de competição do direito à vez encontra-se, com frequência, uma relação de reduplicação: o falante actual adopta uma altura de tom do ataque do *micro-paratone* idêntica à altura de tom da fala do ouvinte que quer tomar a vez. Muitas vezes os movimentos nucleares de um falante são retomados (imitados) pelo falante seguinte, o que pode ter significados específicos (*ibid.*, 95). A autora conclui que os fenómenos macro-prosódicos são susceptíveis de desempenhar não só funções de estruturação do discurso, mas também funções estéticas e retóricas.

Velocidade da fala: a percepção da fala como mais rápida ou mais lenta nem sempre corresponde à realidade física. É natural que, após uma sequência em que o parâmetro quantidade foi mais reduzido, a fala produzida dê a impressão de ser muito rápida. A velocidade percepcionada é sempre uma velocidade relativa (cf. Uhmann, 1992). Independentemente disso e com base nos critérios *Density I* (densidade de todas as

---

[34] Couper-Kuhlen (1983) utiliza o termo *macro-paratone* para designar o correlato prosódico do parágrafo ortográfico. Estes segmentos caracterizam-se por um início (*onset*) com uma altura de tom elevada. Esta unidade é composta pelos *micro-paratones* (correspondentes aos segmentos de um parágrafo), de ataque em tom alto (se correspondem ao início do *macro-paratone*), médio ou baixo (se continuam o *macro-paratone*) (*ibid.*, 77 segs.). As sequências de *micro-paratones* estabelecem relações de coesão dentro do *macro-paratone* através de sequências sucessivas de alturas de *onset:* podem formar reduplicações (sequências de tons iguais, por exemplo, baixo-baixo-baixo) ou subordinações (sequências de tons diferentes, por exemplo, médio-baixo). Os núcleos (sílabas acentuadas) têm, assim, uma força coesiva por não só estabelecerem relações de subordinação ou de reduplicação entre si. Aos diferentes tipos de movimento da altura de tom a autora atribui forças coesivas distintas: o movimento ascendente ou o ascendente-descendente é susceptível de criar expectativas no ouvinte, tendo por isso uma força coesiva notável; a altura de tom em suspenso, mantém o ouvinte atento; o movimento descendente é o menos coesivo (*ibid.*, 80).

sílabas de uma unidade tonal) e *Density II* (densidade de sílabas acentuadas - batidas[35] - numa unidade tonal), Uhmann (1992: 309) fornece a explicação para a percepção de fala rápida e de fala lenta. A densidade I e a densidade II podem encontrar-se combinadas em relações de compensação ou de adição, originando diferentes impressões de rapidez da fala. As quatro possíveis combinações "marcadas" destes dois tipos de densidade sugeridas são as seguintes:

1. um elevado número de sílabas por unidade de tempo combinado com um elevado número de acentos;
2. um elevando número de sílabas por unidade de tempo combinado com um baixo número de acentos - esta combinação dá uma impressão de 'mais rápido';
3. um baixo número de sílabas por unidade de tempo combinado com um elevado número de acentos - esta combinação dá a impressão de 'mais lento';
4. um baixo número de sílabas por unidade de tempo combinado com um baixo número de acentos (*ibid.*, 311-312).

Tendo em conta os critérios atrás referidos, Uhmann define a *intonational phrase* como "the maximal unit in which tempo and density are measured" (*ibid.*, 312).

Uhmann (1992) mostra que as variações da impressão de 'rápido/lento' são pistas de contextualização importantes para marcar apartes e dispositivos de cedência de vez (*turn-exit devices*). Estas passagens, sentidas como de menor relevância para o desenvolvimento do argumento do falante, são marcadas e percepcionadas como "fala rápida" (elevada densidade I e baixa densidade II). Por outro lado, partes mais importantes são contextualizadas através de uma baixa densidade I e elevada densidade II e percepcionadas como "fala lenta" ou "fala enfática" (cf. também Uhmann, 1997: 185 segs.).

Além dos parâmetros densidade I e densidade II, a autora constata outros factores fonológicos essenciais para a percepção de velocidade na fala: são os *beat clashes*[36] (**colisões de batidas**), a assimilação, o contorno de F0 e as pausas (Uhmann 1997: 204). As colisões de batidas são fenómenos que violam os princípios de alternância rítmica de uma língua. Como refere Uhmann, "are highly marked rhythmical structures in which the phonologically unmarked alternation between prominent and non-prominent syllables is cancelled in favor of a succession of prominent syllables" (Uhmann, 1996: 303). Isto é, nas colisões de batidas as sílabas não-proeminentes tornam-se proeminentes.

Às alterações de velocidade da fala a autora atribui uma função icónica ou onomatopaica de marcação de reparações, de apartes mais ou menos importantes e de outros tipos de sequências intercaladas. Por outras palavras, as mudanças de velocidade constituem pistas de contextualização fundamentais.

---

[35] Como se irá ver mais adiante, as batidas são os acentos que desempenham um papel importante nas formas rítmicas.

[36] Selting (1995b: 233) refere-se a *accent clashes*, uma estrutura de sequências de sílabas acentuadas que contrasta com a estrutura não-marcada formada pela alternância de sílabas acentuadas e sílabas não-acentuadas. Tais estruturas fonologicamente marcadas são adequadas para assinalar um estilo marcado.

Para Couper-Kuhlen (1992), a variação da velocidade da fala no caso das reparações está ligada ao facto de estas fases representarem uma perda de tempo para o desenvolvimento da conversação e uma ameaça à face dos participantes. Por este motivo e para restabelecerem a ordem social, os interactantes estão interessados em superá-las o mais rapidamente possível. Sendo assim, são realizadas em <accelerando>, ou seja, cada vez mais rapidamente (*ibid.*, 345).

Variação de parâmetros - marcação de fronteiras: há tipos de enunciados que são tipicamente marcados através de determinadas variações de parâmetros prosódicos. Para o caso dos apartes (parênteses), Schönherr (1993: 231-232) refere as seguintes características prosódicas: construção de uma unidade entoacional própria, aumento de velocidade da fala, diminuição da intensidade da voz, tom de voz mais grave, alterações do tipo de acento (ascendente, descendente, estacionário) relativamente à frase-suporte (principal), contornos finais do tom. Schönherr considera neste estudo também a comunicação através do olhar e do gesto, meios que podem, em determinados momentos, provocar a impressão de continuidade/descontinuidade, propriedade atribuída igualmente à prosódia. A autora verifica que estes três meios actuam nas fronteiras antes do parênteses e depois deste (a prosódia é o meio que actua sempre, muitas das vezes combinada com o gesto). Estas marcações facilitam a percepção deste segmento de fala como um aparte (parêntese). Os meios prosódicos e não-verbais têm uma vantagem relativamente aos meios linguísticos: marcam a retoma da frase suporte (principal) antes que esta seja reconhecida verbalmente (cf. *ibid.*, 239). Sendo assim, são elementos importantes para o processo de descodificação por parte do ouvinte.

Variação de parâmetros - ênfase: são também as pistas prosódicas que conferem a partes da fala a qualidade de **unidades enfáticas**. Este aspecto foi explorado por Selting (1996) que verifica que o aumento de densidade das sílabas acentuadas, a organização rítmica com cadências isócronas marcadamente mais curtas, a subida de altura de tom marcada e o aumento da intensidade da voz relativamente à fala antecedente, a existência de elementos lexicais de intensificação e dispositivos sintácticos (como elipses ou estruturas paralelas) conferem a unidades da fala a propriedade de enfáticas (cf. Selting, 1994: 385). O estilo[37] enfático é conseguido pelo uso de uma prosódia marcada, sobretudo pela densidade mais elevada de sílabas acentuadas relativamente às sílabas envolventes, por vezes em unidades de acento rítmicas isócronas em concorrência com meios de sinalização sintácticos e lexicais[38] (Selting, 1995b: 249). As pistas prosódicas

---

[37] Por *estilo*, a autora entende: "ein aktiv hergestelltes, flexibles, dynamisches Gestaltungsmittel, an dessen Herstellung, Aufrechterhaltung und Veränderung Sprecher und Hörer-Rezipient gleichermaßen beteiligt sind. 'Stil' ist ein komplexes, holistisches Gestaltungsmittel, das Sprecherinnen und Sprecher durch die Wahl kookurrierender Stilmittel aus unterschiedlichen linguistischen Subsystemen, sowie durch die Herstellung spezifischer Sprechhandlungstypen und Sprechhandlungssequenzen signalisieren" (...) Stil wird als Kontextualisierungshinweis verwendet, d.h. mit Stil werden Interpretationsrahmen für die Interpretation von Aktivitäten in Situationskontexten nahegelegt" (Selting, 1995b: 251-252).

[38] O estilo enfático pode ser expresso por um conjunto dos seguintes sinais:
ou [+ (um máximo de) sílabas acentuadas juntas]
ou [+ cadências, unidades de acento, curtas, ritmicamente isócronas];

típicas do estilo enfático, que contextualiza um maior "envolvimento" do falante, foram observadas em narrativas orais e constituem os momentos de clímax da história, os pontos culminantes da narração que estão prosodicamente marcados (*ibid.*, 233). No entanto, estes parâmetros prosódicos também se podem detectar noutras situações em que o falante pretende conferir mais ênfase à sua fala, ou seja, em todo o tipo de comunicação emotiva[39]. Na maioria dos casos detectados pela autora, a unidade enfática não é apresentada de repente; pelo contrário, é preparada antecipadamente, através de um movimento escalar em termos das alterações dos parâmetros acima mencionados, ou através de um silêncio curto. Além de servir para exibir o envolvimento do falante, o estilo enfático orienta o ouvinte para uma reacção, ou seja, tem a função de sinal de pedido de retorno.

Uhmann (1997: 97 segs.) também se refere a uma função focalizadora da ênfase prosódica. Através do aumento de intensidade de cada sílaba, consegue-se um aumento das sílabas acentuadas e, por conseguinte, uma focalização dos constituintes compostos por essas sílabas. Indica-se assim ao ouvinte as passagens de maior relevância. Deste modo, independentemente da sua posição na frase (de tópico ou informação de segundo plano), determinados elementos podem ser focalizados (através do aumento de proeminência métrica) ou desfocalizados (através da diminuição da proeminência métrica (desacentuação) (*ibid.*, 89). O aumento de proeminência é conseguido através da **colisão de batidas** (*ibid.*, 97).

Schmidt (1983) analisa uma estrutura enfática que caracteriza momentos da vez em que o falante pretende obter um sinal de retorno do ouvinte. Essa estrutura enfática caracteriza-se por um aumento da intensidade e tom ascendente num determinado momento da vez. Nos casos em que a altura do tom se mantém constante, esta impressão (de pedido de retorno) pode ser conseguida através de diferentes formas de compensação dos parâmetros de intensidade e quantidade: intensidade forte + pouca quantidade (velocidade mais lenta) ou intensidade igual + muita quantidade (velocidade mais rápida). Este aspecto foi também tratado por Selting, que verifica que a manifestação de emoções pelo falante torna a reacção correspondente do ouvinte relevante. Por este motivo, o estilo enfático pode ser usado como uma técnica de organizar a reciprocidade interactiva (cf. Selting, 1995b: 249, nota 8).

Günthner (1996) descreve um caso especial do uso da ênfase: nos enunciados com o significado de censura, em forma de uma interrogativa introduzida por "*why*". As características prosódicas destes enunciados distinguem-nos da simples pergunta realizada por frases formalmente idênticas. Assim, a altura de tom terminal descendente, o aumento global de intensidade, as sequências de subidas e descidas de tom, os prolongamentos de sons, o *foco-verum*, a acentuação em *staccato* e o aumento de velocidade atribuem à interrogativa com *why/warum* um significado adicional de irritação e de avaliação negativa do tema em questão que, por sua vez, funciona a nível

---

[+/- variações, local ou globalmente, marcadas de altura de tom e/ou de intensidade e/ou de quantidade] [+/- meios sintácticos e lexicais] (Selting, 1995b: 248).

[39] A autora define a comunicação emotiva como a expressão intencional de sentimentos e atitudes através de *displays* culturalmente apreendidos (Selting, 1994).

interaccional como *censura*. Estas frases constituem um meio de diminuir a ameaça à face do indivíduo que se quer censurar.

Variações de parâmetros - alternância de vez: os estudos sobre as variações da altura de tom, intensidade e quantidade mostraram em que medida estes parâmetros fornecem pistas de contextualização importantes para o funcionamento do sistema de alternância de vez.

No seu artigo sobre o funcionamento da prosódia em situações de competição na alternância de vez, French/Local (1983) mostram como a altura de tom e a intensidade da voz com que um participante realiza um enunciado durante a vez de outro podem ser determinantes para a sua qualidade de "competitivo". Quando as características "tom alto" e "voz alta" não estão presentes no enunciado, realizado em simultâneo com a vez do falante actual, este não o entende como competitivo e continua a sua vez, mantendo a mesma altura de tom e a mesma intensidade usada até esse momento. Pelo contrário, se o enunciado produzido por um participante, simultaneamente a uma vez em curso, se caracteriza por uma maior altura de tom e uma maior intensidade do que aquela que está a ser utilizada pelo falante actual na sua vez, esse enunciado é interpretado pelo falante actual que, imediatamente, altera as características prosódicas da vez. Essas alterações podem consistir a) num aumento da intensidade da voz acompanhada por uma redução da velocidade de produção da fala, caso o falante pretenda manter a sua vez; e b) numa diminuição da intensidade da voz quando o falante pretende ceder a vez (ou muitas vezes na suspensão/interrupção da fala.

Schmidt (1983) investiga para o francês estes parâmetros primários no desempenho das funções de **pedido de retorno** (quando realizados pelo falante) e de **retorno** (quando realizados pelo ouvinte). Assim, refere três tipos de estruturas para o pedido de retorno, a que correspondem diferenças de significado e que provocam um sinal de retorno por parte do ouvinte: estrutura enfática, estrutura de progressão, estrutura pós-final e pausa. Estas estruturas distinguem-se por diferentes proporções de valores dos parâmetros de altura de tom, intensidade e quantidade. Assim, nos momentos da vez em que o falante pretende obter um sinal de retorno do ouvinte, a altura de tom sobe ou mantém-se ao mesmo nível e dá-se um aumento de pelo menos um dos outros dois parâmetros (aumento de intensidade ou de quantidade). No caso de o falante pretender ceder a vez, o seu enunciado tem uma estrutura pós-final, caracterizada pelo tom descendente (baixo), acompanhado por uma diminuição da intensidade e uma maior quantidade (prolongamento do som). O autor também distingue vários significados para os sinais de ouvinte (*mhm*) de acordo com os parâmetros prosódicos utilizados.

Pausas: as pausas são outros fenómenos prosódicos importantes. As pausas vazias, os momentos ausentes de articulação, ou seja, silêncios, podem encontrar-se entre ou no interior das unidades entoacionais. As primeiras são geralmente designadas por *juncture pauses*, as segundas por *hesitation pauses* (cf. Boomer/Dittman, 1962: 215). Às primeiras atribuiu-se a função de marcar a fronteira entre as diferentes unidades entoacionais; às segundas atribuí-se uma função cognitiva (procura lexical, etc.) (cf. Goldman-Eisler, 1972: 111). No entanto, esta distinção não é linear, pois as pausas

podem ter também funções de teor retórico, pragmático ou interaccional. Por exemplo, o caso das batidas vazias de Uhmann (1992: 304). Além disso, nem sempre existem pausas entre as unidades entoacionais.

Para a definição dos dois tipos de pausa acima referidas, realizaram-se várias medições que permitiram concluir que as pausas de juntura duram entre 500-1000 msegs., enquanto as pausas de hesitação (dentro das unidades entoacionais) são de menor duração (200 msegs.) (Boomer/Dittman, 1962). Por sua vez, Goldman-Eisler (1958, cit. *in* Boomer/Dittman, 1962: 215) sugere que os silêncios entre 200/250 mseg. fazem parte de pausas necessárias para a articulação da fala, sendo portanto a duração de 250 mseg. o limite mínimo para a sua medição como pausa vazia). Outras experiências mostraram que a duração (real) não é um critério válido para a percepção das pausas: a impressão de silêncio varia de acordo com a sua localização no enunciado (as pausas situadas entre constituintes ou dentro dos constituintes são mais dificilmente reconhecidas do que as pausas entre as unidades entoacionais), com o seu contexto acústico e com a informação sintáctico-semântica do enunciado (cf. Duez, 1985).

As vocalizações prolongadas (*ehmmm:::*) ou outros tipos de verbalizações (linguísticas ou não linguísticas) são incluídas no grupo das pausas cheias (cf. Uhmann, 1992: 305).

Funções da prosódia: pode-se concluir que a prosódia é usada para separar (marcar contrastes, diferença, desacordo), para unir (marcar igualdade, acordo), para delimitar (marcar fronteiras), para interligar (estabelecer coesão), para desfocalizar e focalizar, atraindo ou desviando a atenção para o idêntico, para a diferença, para o que é importante ou menos importante, para lembrar algo "like a knot in the handkerchief" (Selting, 1992: 255), e para definir diferentes tipos de actividades. Como refere Selting (*ibid.*, 256), "Intonational and prosodic cues are thus used to signal specific locally relevant interpretative frames of different sorts and on different levels like e.g. "same or different activity/ subjectivity", "more or less cohesive", "more or less expected", more or less important or in the foreground", "more or less like recognisable activity types like lecturing, reading aloud, telling a fairy tale, chatting", etc.".

3.4.6 Sistema de transcrição

No âmbito da Linguística Interaccional os diferentes autores recorreram a sistemas de transcrição ligeiramente diferentes por falta de uma uniformização a este nível. Com o avançar da investigação, esta heterogeneidade de sinais de transcrição tornou-se incómoda. Em consequência disso, em finais dos anos 90, um grupo de investigadores (Selting *et al.*, 1998) elaborou o sistema de análise da conversação GAT (*Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*) que tem vindo agora a ser utilizado. Este sistema, usado na transcrição do *corpus* analisado no presente trabalho, encontra-se descrito no Anexo, sob 2.1.2.

4. A LÍNGUA FALADA

> *A palavra falada é imediata, local e geral. Quando falamos, falamos para ser ouvidos imediatamente, como quem está ali ao pé de nós, e de modo a que sejamos facilmente entendidos dele, que sabemos quem é, ou calculamos que sabemos e que pode ser toda a gente, devendo nós pois falar como se fosse qualquer.*
> Fernando Pessoa, *A Língua Portuguesa*, 56[1].

Por língua falada entende-se um modo de falar espontâneo, em que discurso é livremente formulado, em situações de comunicação naturais entre dois ou vários indivíduos (cf. Schank/Schoenthal, 1976: 7; Schmidt-Radefeldt, 1984: 247), em que um interactante emite uma mensagem verbal e outro a descodifica através do canal auditivo. Porque, como refere Pessoa, "falamos para ser ouvidos". A língua falada distingue-se do discurso monológico elaborado e de outros usos da língua em contextos institucionalizados. Utilizando os conceitos de linguagem da proximidade e linguagem da distância sugeridos por Koch/Oesterreicher (1990), pode-se dizer que a língua falada (em situações naturais e espontâneas) tem as características de uma linguagem de proximidade, enquanto o uso não natural e não espontâneo da língua tem as características da linguagem da distância (*ibid.*, 8 segs.)[2]. No âmbito da investigação da interacção ou da conversação, que se debruça sobre situações de comunicação o mais naturais e espontâneas possível[3], a língua falada é tratada como comunicação verbal, a "linguagem *verbal* ou *falada* ou *vocal*" (Carvalho, 1979:63); esta foi atrás definida como sendo constituída pelos sinais verbais ou vocais, usados com fins comunicativos, produzidos pelos movimentos dos órgãos do aparelho fonador[4] e opõe-se à comunicação não-verbal, executada pelos movimentos de outras partes do corpo[5].

A língua falada começou a ser sistematicamente estudada por volta dos anos 60 (sobretudo na Alemanha), como objecto da Linguística (cf. Schank/Schoenthal, 1976: 1). Os primeiros estudos foram realizados no âmbito do projecto *Gesprochene Sprache* (Língua Falada) realizado pelo IDS (*Institut für Deutsche Sprache*) sob a direcção de Hugo Steger. Este projecto, orientado para o ensino de línguas (L1 e de L2), tinha em

---

[1] Fernando Pessoa (1997) *A Língua Portuguesa*. Lisboa: Assírio e Alvim.

[2] Com base nestes dois modos de uso da língua de e das respectivas características, os autores podem dar conta de vários tipos de uso oral e escrito da língua, como por exemplo a língua falada escrita. Cf. também Koch/Oesterreicher (1985).

[3] Geralmente aqui os *corpora* são classificados de acordo com a situação de comunicação, definida em termos cognitivo-psicológicos, sócio-culturais, situacionais e temáticos.

[4] Cf. parte I, 3.2.

[5] Embora a prosódia tenha sido descrita no capítulo antecedente, também faz parte da comunicação verbal e da língua falada. Esta separação deve-se ao carácter mais específico da investigação dos fenómenos prosódicos dentro da Linguística. Além disso, as informações dadas no capítulo 3 podem servir para um melhor entendimento de algumas características linguísticas e não-linguísticas da língua falada.

vista a análise sistemática de estruturas sintácticas da língua falada. Para a importância da pesquisa da língua falada contribuíram, também, a Dialectologia e a Sociologia[6].

Para dar alguns exemplos (além dos mencionados na parte I sob 1.3 e 3.4.3), os principais focos de interesse dos linguistas europeus foram as estruturas sintácticas da língua falada (cf. Engel, 1974; Weiss, 1975), a redução frásica (Benes, 1974; Brinkmann, 1974; Rath, 1975b; Betten 1976); diferentes tipos de partículas (Weidt, 1969, 1978, 1979, 1983, 1989; Frank, 1979, Streecker, 2002) e outras palavras do discurso (Koerfer, 1979; Hölker, 1987; Schmidt-Radefedt, 1993; Blühdorn/Schmidt-Radefeldt, 2003); expressões estruturantes e/ou preparatórias do discurso (Meyer-Hermann, 1978; Keller, 1983; Rehbein, 1983) e a situação da conversação/diálogo (Schank/Schoenthal, 1979; Schöder/Steger, 1981; Henne/Rehbock, 1982; Brinker/Sager, 1996). É dos fenómenos linguísticos de redução, incompletude frásica, assim como das várias partículas e sinais da conversação - aspectos marcantes e típicos da língua falada numa situação de interacção face a face - que me ocuparei neste capítulo.

A menor extensão deste capítulo comparativamente aos antecedentes justifica-se não só pelo facto de muitos fenómenos relacionados com a investigação da língua falada em situações de interacção já terem sido descritos no trabalho sobre os sinais conversacionais verbais (Rodrigues, 1998), mas também porque uma abordagem mais completa de toda a investigação realizada nesta área se afastaria de mais do âmbito deste trabalho, em que, como se poderá ver na parte II, as formas de comunicação verbal de maior interesse são, além dos aspectos prosódicos, os fenómenos linguísticos de redução e não-completação frásica, os parênteses, as expressões preparatórias e os sinais conversacionais. Além disso, o tema abrangente deste trabalho não permite aprofundar muitos aspectos linguísticos abordados, que, por si sós, já constituem um tema digno de ser investigado ao pormenor.

4.1 Sintaxe da língua falada

As características estruturais mais marcantes da língua falada e que mais a diferenciam da língua escrita são as frases incompletas, os falsos e novos arranques, as pausas vazias e as repetições de sílabas, de palavras e de frases. Ao contrário do que se poderia pensar, em situações de interacção face a face, os pedaços de fala incompleta funcionam de um modo muito eficaz na transmissão de informações sobre as motivações, intenções e atitudes do falante. Sendo assim, podem transmitir tipos de informações que seriam

[6] A maior atenção concedida neste capítulo aos autores dos países de expressão alemã deve-se ao facto de estes terem criado vários centros de pesquisa da língua falada, sobretudo a partir dos anos 70, onde se desenvolveram estudos sistemáticos sobre diversos aspectos da língua falada (cf. Schank/Schoenthal, 1976: 3). Pode-se dizer que foram sobretudo os linguistas alemães que impulsionaram a investigação da língua falada nos anos 70; em Portugal essa investigação ainda se encontra numa fase inicial: Martins (1987); Franco (1988, 1989, 1990, 1991, 2000); Brauer-Figueiredo (1993, 1995, 1999); Carreira (1997); Rodrigues (1998, 1999, 2001a, 2001b, 2003); Silva (2002); Morais (2002). Em contrapartida, a maioria das obras dos romanistas alemães que se dedicaram ao português falado já data dos anos 70: destaca-se a pesquisa e o *corpus* de Meyer-Hermann (1973, cit. *in* Schmidt-Radefeldt, 1984: 251, 1978, 1983, 1984, 1993); Scotti-Rosin (1983); Harden (1989); Schmidt-Radefeldt (1983, 1984, 1993, 1994, 1996, 1997).

certamente difíceis de veicular por meio de frases bem formadas e gramaticalmente correctas. Surgem, assim, dúvidas sobre o modo como se devem classificar os casos de redução frásica, atendendo a que a gramática normativa não parece adequada para descrever a língua falada (Scherer, 1884: 148). Explora-se o problema de classificação destes fenómenos da língua falada (Betten, 1976: 209) e da definição da mesma (Schank/Schoenthal, 1976: 7); alude-se à existência de um sistema gramatical próprio, ponto de vista rejeitado por Engel (1974) e Weiss (1975), e à necessidade de introduzir novas categorias gramaticais (Betten, 1976: 223). Neste contexto, surgiram os primeiros trabalhos de sistematização de vários tipos de fenómenos típicos da língua falada: as construções incompletas e não-gramaticais (redução frásica), os parênteses e as paráfrases, as expressões preparatórias.

4.1.1 Redução frásica

A redução frásica consiste na não-produção de elementos linguísticos, deixando a valência da frase reduzida e incompleta, muitas vezes desprovida do próprio verbo. As principais causas deste fenómeno são de natureza extra-linguística e não podem ser explicadas a nível de língua, mas obrigam à consideração de factores de ordem temática, situacional, social, cognitivo-psicológica e co-referencial.

1. Redução de ordem **temático-situativo-social**: segundo Scherer, a intimidade existente entre falante e ouvinte e o conhecimento compartilhado sobre um tema são determinantes para a não-completação frásica (Scherer, 1984: 154, 159). O falante pode detectar em que medida é que está a sobrecarregar o ouvinte com informações desnecessárias (*ibid.*, 160) e que não precisa de as verbalizar para que o ouvinte compreenda o que ele pretende dizer. Os conceitos que descrevem razões válidas para a não-necessidade de verbalizar frases completas são o horizonte comum[7] e a constância de sentido[8].

2. Redução de ordem **cognitivo-psicológica**: outros tipos de redução frásica estão ligados a mudanças de planeamento do discurso, que podem ser causadas por a) correcções que já vêm a ser realizadas a nível cognitivo, mesmo antes de um enunciado ter sido produzido, ou b) por correcções realizadas após o falante ter ouvido o seu próprio enunciado e não o achar correspondente à ideia que pretende transmitir, ou então c) por correcções provocadas pela reacção do ouvinte (cf. *ibid.*, 170-171).

3. Reduções devidas à utilização simultânea de **outras formas de comunicação complementares**: as formas de comunicação não-verbal que acompanham a fala

[7] Com o termo **horizonte comum,** Scherer pretende referir a determinação consciente do mesmo objecto pelos parceiros da interacção (Scherer, 1984: 161), o que se consegue quando há proximidade psíquica entre eles; cf. também Brinkmann (1974: 153).

[8] A expressão **constância de sentido** (*Sinnkonstanz*) provém da psicologia da *Gestalt* e refere a grandeza que permite ao sujeito que percepciona a mensagem completar partes da fala que faltam (Scherer, 1984: 163; Brinkmann, 1974: 153).

podem, em certos momentos, torná-la menos importante e necessária para a compreensão da mensagem.

Os tipos de redução frásica mais conhecidos são a **elipse**, a **aposiopese** e o **anacoluto**[9].

4.1.1.1 Elipse

As elipses foram definidas por Bühler (1965: 166) como um tipo de construção inacabada. São variadíssimas as razões pelas quais um falante perde o fio à meada, ou o fôlego, ou lhe parece que cada palavra que diga mais já está ultrapassada e é desnecessária; pode ser também interrompido pelo parceiro da interacção (*ibid.*). O que Bühler entende por elipse são os tipos de redução frásica em que internamente é exigida uma completação sintáctica, que externamente não se realiza por parecer contextualmente desnecessária (*ibid.*). Apoiando-se nas três regras de Maurenbacher, o autor refere que existe elipse sempre que

1. partes de uma ideia de frase não são expressas verbalmente, mas estão presentes na consciência do falante e do ouvinte (leitor), que as compreendem.
2. as mesmas ideias são expressas por meio de outros canais (movimentos de partes do corpo).
3. a completação se processa por meio de outras frases (na maioria dos casos antecedentes) do a) mesmo falante, b) da fala do outro (cf. *ibid.*, 167).

Scherer (1984: 158) e Koch/Osterreicher (1990) entendem o conceito de elipse no sentido de Bühler (1965): há uma elipse quando (de acordo com o significado etimológico do termo) é omitido um constituinte da frase, que pode ser reconstruído segundo o sentido e o contexto linguístico.

Na investigação da língua falada, a razão que leva à redução frásica , independentemente de a parte que falta poder ser compreendida a partir do contexto, parece ser determinante para a classificação de um fenómeno como elíptico ou não. Por exemplo Weiss (1975: 31) distingue entre *Setzungen*[10] - frases, cuja forma reduzida é previamente planeada e que permitem ao falante acelerar a produção dos seus enunciados sem deixar de ser compreendido - e *elliptische Sätze*, interrupções antecipadas e não-planeadas de frases que ocorrem porque o final da frase pode ser compreendido e facilmente completado pelo ouvinte, ou então porque o falante desiste de uma formulação planeada por esta ser demasiado extensa e complexa. Os elementos omitidos diferem de caso para caso. Weiss

---

[9] Note-se que, sob o ponto de vista interaccional, os fenómenos de redução foram explicados através das regras de base que permitem a interpretação e a compreensão das acções dos interactantes (cf. parte I, 1.2.5, nota 41).

[10] O exemplo seguinte ilustra uma *Setzung* com omissão do verbo: "*im ersten semester hab ich an die achtunddreißig stunden in der woche gehabt.* (P) *nur vorlesungen?*" (*ibid.*, 35). Uma frase elíptica é um pouco diferente no que diz respeito ao planeamento do discurso: "*der L.: wie halt der halt, hat er zum L. gesagt // also der L. hat ihn gefrage, was ist, wenn man latein dazukriegt als fach: nicht, wenn man die schriftliche* [zu ergänzen: Matura] *verhaut*" (*ibid.*, 48),

não considera as interrupções de frases (enunciados) pelo outro parceiro da interacção como elipses (*ibid.*, 47). Quanto às frases elípticas, divide-as em dois grupos: elipses comunicativas e elipses não-comunicativas (de conteúdo). As primeiras são interrupções de frases que se devem a modificações de planeamento do discurso ou a questões de economia de língua (porque o falante verifica que objectivo comunicativo do seu enunciado foi cumprido); as segundas também são interrupções causadas por mudanças de intenção do falante, localizadas no fim de um enunciado; caso se encontrem no início de um enunciado, podem ser classificadas como falsos arranques (*ibid.* 48-49). Note-se que as elipses são entendidas como frases, mas os falsos arranques não, pois os elementos que os constituem não permitem determinar a extensão da frase que poderia ter sido realizada, e a parte que ficou por enunciar não pode ser compreendida (*ibid.*, 49)[11].

Os tipos de redução frásica, livres de contexto, mas dependentes do envolvimento - fragmentos de frases do tipo: "dois cafés!" - funcionam sem problemas no contexto em que se encontram inseridos, mesmo não formando frases completas (Bühler, 1965: 155; Brinkmann, 1974: 152). Segundo Bühler (*ibid.*), estes elementos são usados empraticamente[12], i.e., encontram-se ligados a um determinado contexto de situação e de acção, e não são elipses.

Por sua vez, para Betten (1976: 210) o conceito de elipse abrange omissões de palavras tanto por razões da importância do conteúdo (sendo o que não é importante omitido e o importante, salientado), como porque o conteúdo que o falante pretende transmitir se torna compreensível a partir do contexto, de tal modo que não é necessário verbalizá-lo (é o caso das *Setzungen* de Weiss). Ao contrário de Koch/Oesterreicher (1990: 86) e de Bühler (1965: 167-168), que criticam o uso cada vez mais ambíguo do conceito de elipse, a autora acha que seria importante alargá-lo, de modo a abranger todas as formas de redução possíveis (Betten, 1976: 213-214).

Um caso especial da elipse é a **aposiopese** (Betten, 1976: 215; Koch/Oesterreicher, 1990: 88), em que os elementos remáticos são eliminados, ficando a frase incompleta e composta apenas pelos elementos temáticos. Frases do género são "olha que eu...". Nesta frase com o valor ilocutivo de *ameaça*, aquilo em que consiste a ameaça é omitido.

Pelo que aqui foi apresentado, e seguindo a proposta de Bühler, pode-se concluir que a elipse é um fenómeno de redução frásica, em que os elementos omitidos são compreensíveis a partir do contexto frásico e interaccional em que se encontram inseridos. Como mencionam Mateus *et al.* (2003: 871), a elipse é a "omissão de uma expressão que o contexto linguístico ou a situação permitem recuperar". Os outros casos de redução frásica, que não deixam "adivinhar" o que ficou por verbalizar, não são elipses. Constituem pedaços de enunciados, frases incompletas que, geralmente, resultam de mudanças de planeamento do discurso.

---

[11] Os novos arranques, repetições de novos arranques e as construções intercaladas (apartes/parênteses) são tratados sob a rubrica "mudanças de construção" (Weiss, 1975: 49 segs.).

[12] "das ist ein empraktischer Gebrauch von Sprachzeichen. Das relevante Umfeld, in welchem er steht, ist in diesem Falle eine Praxis; wir sagen darum (des Gleichklangs wegen) auch, es trete auf: sympraktisch eingebaut" (Bühler, 1965: 158-159).

4.1.1.2 Frases incompletas e não-gramaticais

Enquanto as formas frásicas reduzidas e as elipses são produzidas sobretudo por questões de economia da fala, as formas "defeituosas", não-gramaticais, são como estruturas não planeadas, que o falante teria evitado se se tivesse apercebido mais cedo delas. Segundo a maioria dos autores, estas estruturas decorrem de mudanças de intenções comunicativas do falante que, por sua vez, causam alterações no planeamento do discurso (Rath, 1975b: 1; Betten, 1976: 215 segs.; Koch/Oesterreicher, 1990: 85)[13]. Destacam-se os seguintes tipos mais comuns:

Anacoluto (do adj. grego *anakólouthos*, sem sequência) é definido por Rath (1975b) como o resultado de um processo de correcção específica que está ligada ao nível cognitivo da língua. Estes processos são importantes na medida em que podem revelar intenções ocultas do falante. Rath constata que nem todas as correcções conduzem a anacolutos e nem todos os anacolutos resultam de correcções (*ibid.*, 2). As correcções que não conduzem a um anacoluto são estratégias de precisão, de desenvolvimento de pensamentos, de explicação e de argumentação (*ibid.*). Os anacolutos que resultam de correcções são a) **interrupções** (em que o falante não completa uma construção e escolhe uma nova, ou seja, faz um falso arranque e um novo arranque); b) **aperfeiçoamentos** (em que a construção sintáctica se mantém, mas as palavras se alteram; e c) **repetições**, que tanto podem ser anacolutos, como outros tipos de construções gramaticalmente correctas (*ibid.*, 3). Os anacolutos não corrigidos podem apresentar formas mais comuns: a) **contaminações** - na escolha de construções alternativas, o falante escolhe partes de duas construções; frases com a ordem dos elementos trocada (***Drehsätze***) segundo a fórmula 'abac' são tipos de anacoluto, com repetições especiais (*ibid.*, 6-7); as correcções também pode ser explicitamente introduzidas por elementos verbais, como *beziehungsweise*, sobretudo em enunciados mais longos, dando apoio à fala (*ibid.*, 7). Nesse caso não dão origem a anacolutos.

Koch/Oesterreicher (1990: 85) distinguem entre **correcção** (a interrupção dentro de uma palavra) e o **anacoluto**, a interrupção dentro de uma construção. Consideram, também, a **contaminação**, definida como um caso especial de anacoluto, em que a mudança de plano não se manifesta numa correcção, mas na integração fluida da construção iniciada noutra construção nova (*ibid.*, 85). Outras formas de mudança no planeamento do discurso são o **acrescento** (*Nachsatz*) (Koch/Oesterreicher, 1990: 85) e a **técnica de afunilamento** (*Engführung*), em que há uma repetição de um constituinte, ou seja, uma relação semântica de precisão entre o constituinte interrompido e o novo (*ibid.*). [14]

Em Weiss (1975), as características dos anacolutos atrás referidas encontram-se distribuídas pelos grupos das interrupções de frase (*Satzbrüche*), dos novos arranques

---

[13] Uma explicação sobre o funcionamento cognitivo destas mudanças de planeamento encontra-se em Scherer (1984: 171 segs.).

[14] Brauer-Figueiredo (1993: 133 segs.) faz uma pequena análise de casos de correcção, afunilamento, contaminações e anacolutos do português falado de filhos de emigrantes portugueses residentes na Alemanha).

(*Neuansätze*) e das repetições. Estas diferentes formas são condicionadas por diferentes causas: psicológicas, comunicativas, apoios ao planeamento frásico, etc.

Tendo em consideração a situação de interacção face a face, pode-se partir do princípio de que o anacoluto é uma interrupção na sequência da fala, no interior de uma frase que, sob o ponto de vista sintáctico-semântico, fica incompleta. Essa construção é logo substituída por outra, que a vai corrigir, o que reflecte uma alteração do planeamento da fala. O anacoluto pode fazer-se corresponder a um falso arranque seguido por um novo arranque (ou também por outro falso arranque). É um indicador de que vai ser realizada uma correcção. Pode ser originado por factores variados, pertencentes a planos distintos da situação de interacção, a saber, aos planos a) **cognitivo-psicológico** (relativo ao estado psicológico em que se encontra o falante e à sua capacidade de codificação verbal), b) **temático** (o falante muda as suas intenções comunicativas para apresentar a sua informação do melhor modo possível, ou muda de tema), c) **social** e **interpessoal** (a reacção do ouvinte pode levar a uma alteração nos planos comunicativos) e d) **co-referencial** (outras formas de comunicação não-verbal podem substituir elementos da fala, levando o falante a interrompê-la por um intervalo de tempo). Sendo assim, este fenómeno da língua falada só pode ser devidamente interpretado tendo em conta o contexto e co-texto em que se encontra inserido. No âmbito da Análise Conversacional Etnometodológica, estes fenómenos foram tratados em termos de (estratégias de) reparação[15].

4.1.2. Parênteses

Segundo Betten (1976: 271) os parênteses verdadeiros são frases independentes que se encontram intercaladas noutras, cuja continuidade sintáctica interrompem. Essa continuidade sintáctica é retomada após a terminação da parte intercalada. A opinião sobre os elementos que podem constituir um parêntese e o seu significado no enunciado em que se encontram inseridos difere de autor para autor[16]. Como uma função importante dos parênteses é a de comunicar sobre o tema do enunciado em que se encontram, eles são frases do tipo comentário.

Winkler (1974), que considera a entoação como um indicador importante deste fenómeno, interpreta os parênteses também como resultantes de mudanças de planeamento do discurso, como actividades do falante provocadas por reacções do ouvinte. Nesse caso, os parêntese, podem ter características comuns aos anacolutos ou às correcções.

Um dos trabalhos mais recentes sobre os parênteses (ou apartes) do alemão falado foi realizado por Schönherr (1993, 1997). Trata-se de uma investigação de teor interaccional em que a autora dá grande importância ao papel da prosódia na marcação desta unidade. A autora define-os como palavras, sequências de palavras ou frases estruturalmente

[15] Cf. parte II, capítulo 3.
[16] Sobre várias definições e concepções de parênteses, cf. Betten (1976: 217 segs.).

independentes que se incritas numa frase (Schönherr, 1993: 225[17]). A unidade sintáctica em que os parênteses se encaixam e cujo conteúdo é comentado através deles chama-se *Trägersatz* (frase suporte). Os parênteses caracterizam-se por serem realizados a uma velocidade da fala mais elevada, com uma menor intensidade da voz e um registo de voz mais grave (*ibid.*, 228-229). Estes parâmetros não precisam de surgir em conjunto, mas, quando isso acontece, a marcação do parêntese é mais intensa. A unidade tonal que corresponde a estes enunciados é delimitada por uma fronteira inicial e uma fronteira final, que são os pontos de mudança das características prosódicas. Um dos modos de marcação de fronteira consiste na mudança do tipo de acento relativamente à frase suporte, sobretudo aos contornos finais da frase suporte (a um acento ascendente da frase suporte segue-se um descendente no parêntese, e vice-versa).

Concluindo, esta categoria típica da língua falada, encontra-se sintáctica e prosodicamente destacada da frase suporte; sob o ponto de vista semântico, fornece informações adicionais ou comentários sobre o tema principal (na minha opinião, também pode conter um tema colateral). As informações transmitidas também podem estar relacionadas com o nível interaccional da relação entre os parceiros da comunicação, como um tipo de sinal fáctico.

Pode dar-se também o caso de a frase principal ser interrompida pela introdução de parênteses, originando assim um anacoluto; no entanto, nos parênteses, o tema principal é retomado após a sua terminação; nos anacolutos com falsos arranques e novos arranques não se pode falar de uma retoma do que foi interrompido, mas sim de uma correcção estrutural ou de uma mudança de orientação temática[18].

4.1.3 Paráfrases

Rath (1975a) também se ocupa das paráfrases comunicativas[19] na língua falada. Este termo é geralmente usado para referir um enunciado, sob o ponto de vista comunicativo igual ou idêntico ao antecedente, cujo conteúdo modifica, aprofunda, precisa ou generaliza (*ibid.*, 103-104). Tem-se partido também do princípio de que "dizer o mesmo por outras palavras" serve para estabelecer uma relação de concordância entre os parceiros da interacção. Rath (1975a: 106) vai mais longe, referindo-se a uma necessidade de parafrasear que está relacionada com a estrutura linear da língua. Não são as insuficiências semânticas que tornam a paráfrase necessária, mas sim a linearidade da comunicação verbal e o seu carácter de percurso no tempo e no espaço que determinam esta forma de comunicação: "Ich bin genötigt, meine Themen, meine Gedanken *nach*einander vorzubringen, bzw. die des Partners *nach*einander aufzunehmen. Ich muss

[17] Schönherr serve-se de uma definição de Bußmann para definir esta unidade: "Eine Parenthese wird hier verstanden als "in einen Satz eingefügter selbständiger Ausdruck (Wort, Wortfolge oder Satz), der unabhängig ist vom gesamten Satzgefüge" (Bußmann, 1990, S. 560)" (Schönherr, 1997: 134).

[18] E, quantas vezes, um falante projecta a realização de um parêntese e não retoma o tema principal após a sua introdução devido a novas motivações no planeamento do discurso. Nesse caso o previsto parêntese deixa de ser um parêntese. A este respeito, cf. Stoltenburg (2003), um estudo sobre a extensão e localização de vários tipos de parênteses em frases do alemão falado.

[19] As paráfrases comunicativas devem distinguir-se das paráfrases pragmáticas; não devem ser entendidas como formulações alternativas. São apenas empiricamente observáveis (cf. Rath, 1975a: 111).

also in der Weise gliedern, daß ich Bestimmtes zuerst sage (bzw. aufnehme), anders später" (*ibid.*, 105). O facto de outras paráfrases serem realizadas para resolver problemas semânticos individuais é secundário. Sendo assim, "Paraphrasierung (...) ist nicht Ausgleich sprachinterner Unzulänglichkeiten, sondern durch die linearen Realisierungsbedingungen der Sprache begründete Grundeigenschaft der sprachlichen Kommunikation" (*ibid.*). Neste sentido, Rath (*ibid.*) é de opinião que, no curso da comunicação, a paráfrase tem uma função de ponte (superação de um obstáculo) e, como uma forma de repetição específica, constitui a base para a introdução gradual de conteúdos novos ou relacionados. A necessidade de explicitação desses conteúdos varia conforme o horizonte comum dos interactantes. É claro que a paráfrase também representa um modo eficaz de eliminar desentendimentos que o ouvinte manifesta através das chamadas "Rückfragen"[20] (*ibid.*, 107-108).

Rath distingue ainda entre paráfrases implícitas, mais comuns na língua falada (*ibid.*, 116), em que os enunciados, idênticos em conteúdo, se seguem uns aos outros; e paráfrases explícitas, em que a repetição, precisão ou reformulação é anunciada por meio de elementos verbais. Estes são designados *Paraphrasenankündigungen* (anúncios de paráfrases) e contêm informações relativas ao modo como a paráfrase deve ser interpretada, como é o caso, para dar um exemplo, da expressão *etwas allgemeiner gesagt* (dito de um modo mais geral, em termos gerais) (*ibid.*, 114). Sendo assim, são unidades metacomunicativas[21] (cf. *ibid.*, 115). O autor fornece uma lista de várias formas de anúncios de paráfrases, entre as quais se destacam as seguintes expressões e elementos lexicais, cuja forma correspondente portuguesa também é frequente: *mit anderen Worten* (por outras palavras), *anders gesagt* (dito de outro modo), *das heißt* (isto é) (cf. *ibid.*)[22].

Na minha opinião, sob o ponto de vista interaccional, a paráfrase desempenha também outras funções importantes. Por exemplo, o facto de um falante repetir informações demonstra que pouco mais tem a dizer sobre um determinado tema e que, por variadíssimas razões, ainda mantém a vez ou está em vias de a terminar. Assim, as repetições e reformulações de conteúdos - fenómenos que parecem corresponder à técnica de afunilamento sugerida por Koch/Oesterreicher (1990: 85) - têm sido vistas como formas de indicar o fim da vez, podendo o parceiro preparar-se para assumir o papel de falante (Rodrigues, 1998: 90). Além disso, um falante também se pode servir de paráfrases para retardar a introdução de novas informações, ou porque ainda se encontra numa fase de estruturação do discurso (cf. Rodrigues, 1998: 108-109), ou porque o ouvinte demonstra não estar atento (cf. Goodwin, 1981: 127), ou, ainda, devido a qualquer interferência externa na situação de comunicação.

4.1.4 Expressões preparatórias e anúncios

Outras construções típicas da língua falada são as que servem para organizar o discurso, dando indicações sobre o que vai ser dito. Muitos linguistas, por influência de Bateson (1985) e dos seus seguidores Watzlawick/Beavin/Jackson (1996), recorrem à noção de

[20] Sobre *Rückfragen*, cf. Schmidt-Radefeldt (1996).
[21] Sob 4.1.4 referir-me-ei com mais pormenor ao conceito de **metacomunicação.**
[22] Estes tipos de paráfrases são entendidos neste trabalho como uma forma de **anúncio** (cf. pate I, 4.1.4).

metacomunicação[23] para definir o **acto metacomunicativo** entendido pela grande maioria como um dispositivo usado pelo falante para instruir o ouvinte e que este usa para interpretar o enunciado do falante. Os vários tipos de actividades preparatórias foram tratados de diferente modo por vários linguistas. Salientam-se:

- Meyer-Hermann (1978), que se ocupou da distinção entre a) **actos metacomunicativos**[24] (do tipo anúncio) que contêm os elementos que qualificam a interacção antecedente ou que se vai seguir (como por exemplo a frase "je vais pronnoncer le mot qu'il ne faut pas pronnoncer" (*ibid.*, 138), e b) **expressões introdutórias performativas explícitas**, que realizam aquilo que anunciam, como por exemplo a frase "*il faut préciser que*" (*ibid.*). O autor defende que a noção de metacomunicação se deve aplicar apenas à comunicação verbal, aos actos metacomunicativos, isto é, aos actos de fala cuja função comunicativa é a de qualificar a interacção antecedente ou a que se vai seguir (cf. *ibid.*, 128). Ao acto metacomunicativo que tem a função de antecipar informações sobre o acto que se segue e a que se refere chama **anúncio** (*Ankündigung*) (*ibid.*, 136).

- Keller (1983), que recorre ao termo ***gambit*** para referir vários tipos de expressões com maior ou menor capacidade de focalização, de entre os quais de destacam os *gambits* de *semantic frame,* que delimitam a parte do discurso em que vai ser tratado um tópico.

- Rehbein (1983) também se debruçou sobre o mecanismo interno que regula as actividades preparatórias e considerou, como Meyer-Hermann, um grupo de anúncios (*announcements*), elementos do discurso que formulam planos sobre actividades futuras, orientando o ouvinte para elas. Por outras palavras, os **anúncios** são expressões que implicam execução de uma acção e devem ser definidas de acordo com o plano para os objectos que referem (cf. Rehbein 1983: 217). Os diferentes tipos de anúncios[25] são entendidos, globalmente, como

---

[23] "We shall describe as 'metacommunication' all exchanged cues and propositions about (a) codification and (b) relationship between the communicators. We shall assume that a majority of propositions about codification are also implicit or explicit propositions about relationships and vice-versa, so that no sharp line can be drawn between these two sorts of metacommunication" (Bateson, 1951: 209, cit. *in* Meyer-Hermann, 1978: 120). Watzlawick/Beavin/Jackson (1996 [1967]) adoptam a noção de metacomunicação de Bateson e comentam: "Quando deixamos de usar a comunicação para comunicar mas a empregamos para comunicar sobre comunicação, como inevitavelmente acontece na pesquisa da comunicação, então recorremos a conceitualizações que não são parte da comunicação mas sobre esta. Em analogia com a matemática, isso tem o nome de metacomunicação" (1996: 36 segs.).

[24] Sobre várias definições de *metacomunicativo*, cf. Meyer-Hermann (1978: 116 segs.).

[25] Os **anúncios** de Rehbein (1983) são os seguintes:

1. ***Pre-fixed announcements*** (anúncios antepostos) chamam a atenção do ouvinte para o valor ilocutivo ou para o conteúdo da vez que introduzem, como as frases: "*jetzt hab ich noch' ne Frage*" e "*öh ich hab folgendes Problem*" (Rehbein, 1983: 237). Estes anúncios apresentam-se sob duas formas:
   - na primeira, o falante refere-se aos elementos proposicionais da fala que se segue - anuncia um tema ou retoma um tema já tratado; assim, o anúncio divide a fala em fala precedente e fala subsequente.
   - na segunda, o falante refere-se às marcas ilocutivas da fala que se segue, "i.e. he uses speech act designating expressions" (*ibid.*, 236 segs.).

dispositivos pertencentes a uma aparelhagem comunicativa por meio da qual o falante e o ouvinte se influenciam mutuamente.

Em Rodrigues (1998), na análise dos sinais conversacionais de alternância de vez, o recurso a esta categoria tornou-se indispensável, o que demonstra que se trata de um fenómeno comum da interacção verbal. Apoiando-me na classificação de Rehbein (1983), defini dois tipos principais (e mais frequentes) de anúncios:

---

2. ***Pre-fixations/Announcements of Paraphrases*** (anteposições/anúncios de paráfrases) não são, ao contrário dos anúncios antecedentes, independentes dos elementos da fala seguinte. Neste caso usam-se sobretudo expressões que pretendem chamar a atenção do ouvinte, como, por exemplo, *listen, well, now.* Rehbein designa estes elementos, que têm a função de orientar o foco do ouvinte para a acção da fala imediatamente subsequente, por *aumentos ou apensos da acção da fala,* que contribuem para a monitorização do ouvinte por parte do falante (Rehbein, 1983: 239). Muitos deles, como "por outras palavras", "quer dizer", servem para anunciar paráfrases (cf. Rath, 1975a). Tais elementos, que têm a função de estruturar a fala, foram classificados em Rodrigues (1998) como sinais conversacionais topográficos de abertura.

3. ***Pres*** (Prés) podem ser quaisquer elementos linguísticos ou não-linguísticos, como a inspiração antes de começar a falar. Segundo Rehbein, os prés têm a força de um anúncio. Além disso, são quase sempre sinais do ouvinte. Neste grupo o autor inclui os sinais típicos do ouvinte *hm,* ou expressões mais complexas *Yes, just a minute, wait a minute, Just a minute!,* etc. Funcionam como anúncios, porque, perante esse sinal, o falante "constructs a close relationship between the perceived hearer's signal and the respective future action, although he gets no explicit scheme rendering of the future action" (*ibid.*, 240). Estas expressões exclamativas têm um grande efeito de atrair a atenção do ouvinte; por essa razão foram tratadas em Rodrigues (1998) como um tipo de focalização semântica e também como sinais conversacionais topográficos.

4. ***Stand-ins*** - têm a função particular de preparar o ouvinte para o momento em que se espera que seja realizado o segmento de acção, no qual será executada a acção desejada. Surgem quando há vários pedidos para serem executados ao mesmo tempo pelo actor. Estes tipos de actividades de "deixar para depois" não foram considerados em Rodrigues (1998).

5. ***Pre-announcements*** (pré-anúncios) - apresentam um plano de acção que poderá ocupar várias sequências de enunciados, sem conter qualquer explicitação sobre a ilocução, a modalidade ou o tema. O falante dá ênfase ao discurso completo, que caracteriza quanto ao tipo, e que considera de todo o interesse para o ouvinte. O falante refere-se a algo que o ouvinte ainda não sabe, mas que o falante considera ser de interesse para ele. "such formulas at the same time are statements about the subsequent talk as a whole, without giving detailed information, thus establishing the hearer's focus on a long stretch of discourse" (Rehbein, 1983: 242). Nestes anúncios o falante dá ênfase a) a uma unidade maior do discurso; b) a um determinado elemento, o seu objecto de interesse. Os pré-anúncios também têm uma estrutura própria: (1) o falante avalia uma acção futura; (2) o ouvinte avalia-a; (3)a) o falante produz/reprime um anúncio; (b) o falante começa a falar. Este tipo de anúncio contém "a demand for the hearer to give an explicit and positive point of view about the planned action" (*ibid.*, 243). Estes anúncios são idênticos aos *announcements* de Sachs (1971, cit. in Rehbein, 1983: 246), elementos verbais a que atribui a função de manter a atenção do ouvinte durante mais tempo. Estes anúncios não contêm informação sobre o que vai acontecer nem sobre a duração da conversação, mas têm apenas uma capacidade de orientar a atenção dos ouvintes para o que vai acontecer. São os anúncios no sentido lato.

6. ***Preceding summary*** **vs.** ***preceding comment*** - têm a ver com a organização temática do discurso planeado (cf. *ibid.*, 244 segs). No **sumário precedente** resume-se o tema antecipadamente - por exemplo, quando, no início de uma narrativa, o falante faz uma avaliação do conteúdo proposicional sem o verbalizar como um todo. Os **comentários precedentes** fornecem um "purpose-directed embedding of the subsequent discourse" (*ibid.*, 246). A finalidade dos comentários é ancorar as acções linguísticas no contexto funcional que produzem. Assim os comentários pertencem à categoria das **introduções** (sobre introduções cf. *ibid.*, 249-250).

1. os **anúncios antepostos**, que têm a propriedade de informar antecipadamente sobre o valor ilocutivo ou o conteúdo proposicional das actividades que se seguem; a este grupo acrescentei uma terceira propriedade - a de informar sobre a modalidade, ou seja atitude do falante e "a cooperação do ouvinte para receber a sua mensagem no sentido em que o próprio falante intende que ela deve ser entendida" (cf. Rodrigues, 1998: 80-81);

2. e os **pré-anúncios**, "que apresentam um plano de acção que poderá ocupar várias sequências de intervenções, sem conter qualquer explicitação sobre ilocução, modalidade ou tema" (*ibid.*).

As expressões que dão simplesmente indicações sobre as intenções do falante de se preparar para o seu papel, mostrando que vai começar a falar, ou sobre as intenções do ouvinte de reclamar para si o papel de falante, ou seja, os sinais topográficos de abertura[26], não foram inseridos no grupo de actividades preparatórias, por, na maioria dos casos, estarem integradas numa frase.

4.2 Partículas e sinais do discurso/conversação

Com a viragem pragmático-comunicativa da Linguística, certas palavras do discurso (falado e escrito), que tinham sido negligenciadas pela gramática tradicional por não terem um significado bem determinável, passam a receber particular atenção. A esta nova luz, surgem como indispensáveis para a transmissão de significados subtis, importantes para a compreensão das mensagens[27]. Nos subcapítulos seguintes, passarei em revista algumas definições e classificações destas pequenas palavras da língua falada.

4.2.1 Partículas, marcadores e sinais do discurso e da conversação[28]

Elementos linguísticos típicos da língua falada, como "pois então", "não, pronto, afinal", ou "até quero" relacionam-se com vários níveis de língua: com o emocional, transmitindo a atitude do falante/ouvinte para com um tema; com o seu interlocutor, expressando as suas expectativas ou a sua avaliação subjectiva; com o interaccional, mostrando o papel de falante ou ouvinte assumido; com o temático, estabelecendo relações argumentativas

---

[26] Cf. parte I, 4.2.

[27] A investigação nesta área desenvolvida na Alemanha contribuiu para que estes elementos verbais se encontrem já lexicalizados nos dicionários da língua alemã (cf. Helbig, 1994: 16). O mesmo se pode dizer para o caso do inglês (cf. Collins, 1995; Parrot, 2000), italiano (Bazzanella, 1985, 1995) e espanhol (Bosque/Delmonte, 1999).No que diz respeito ao português, a situação é diferente: embora já exista alguma investigação sobre partículas do discurso/conversação (Barros, 1986, Duarte, 1989, Matos, 1986, 1999) e sobre as partículas modais (Franco, 1988, 1989, 1990, 1991), os dicionários mais recentes não acompanham a investigação: por exemplo, a partícula modal *afinal*, continua a ser considerada um advérbio, e os sinais da conversação *bem* e *pronto* são classificados como interjeições (cf. Houaiss, Dicionário da Língua Portuguesa, Lisboa: Círculo dos Leitores, 2002-2003).

[28] Neste capítulo não são considerados os estudos de partículas, conectores e marcadores realizados sobre o discurso escrito, mas apenas as classificações e investigações que se basearam na língua falada em situações de interacção naturais e espontâneas.

entre partes do discurso; e com o estrutural, marcando o encadeamento proactivo ou retroactivo dos enunciados na vez. Por isso, a sua sistematização é uma tarefa difícil, e é natural que à sua volta se tivessem desenvolvido várias propostas classificatórias. Uma delas encontra-se no dicionário das **partículas** da língua alemã de Helbig (1994). O autor define-as, num sentido estrito e de acordo com critérios sintácticos, como todas as palavras inflexionáveis, que representam uma classe de palavras própria, distintas dos advérbios, dos advérbios de frase, das preposições e das conjunções (*ibid.*, 20), destacando os seguintes grupos (*ibid.*, 31):

1) partículas de atenuação (também conhecidas por partículas modais);
2) partículas escalares;
3) partículas de intensificação/intensificadoras;
4) partículas de resposta/responsivas;
5) partículas de negação;
6) partículas de infinitivo.

Como estes elementos lexicais se encontram sobretudo na conversação, algumas das partículas dos grupos acima mencionados foram inseridos numa subclasse, a dos chamados ***Gesprächswörter*** (palavras da conversação), termo sugerido por Brinkmann, (1962) e Henne (1878) (autores cit. *in* Helbig, 1994: 52).

Burkhardt (1982) segue esta ideia e desenvolve a sua classificação de **palavras da conversação**, elementos que englobam as funções de estruturação, de realimentação, de atenuação, assim como as funções comunicativas das interjeições. Com base na distinção entre actos de estruturação, responsáveis pelas funções interaccionais de alternância de vez, e actos temáticos, responsáveis pelas funções interactivas (*ibid.*, 143-144), o autor elabora uma proposta de re-classificação destas palavras, alargando os critérios considerados por Henne[29]. Um aspecto importante desta classificação é o facto de o autor ter distinguido entre palavras ou partículas do ouvinte e do falante. Além disso, considera a polifuncionalidade destas partículas: "Para cada classe de funções instituída, Burkhard toma em conta uma escala de valores funcionais que permite determinar mais precisamente a polifuncionalidade das palavras da conversação. Aí pode predominar uma ou outra função" (Rodrigues, 1998: 56).

Na linha de Burkhardt destacam-se Koch/Oesterreicher (1990) e Brauer-Figueiredo (1995, 1999). Esta última, para dar conta não só do nível estrutural da conversacão, mas também do temático e das sequências lógicas dos enunciados, dá preferência à expressão marcadores conversacionais, que subdivide em marcadores conversacionais iniciais e finais; considera também o grupo dos sinais fáticos (do ouvinte ou do falante), os sinais de hesitação, os sinais de auto-correcção (implícita ou explícita), os sinais de insegurança ou de imprecisão e as repetições eco. Infelizmente a autora não dá importância ao aspecto da sequencialidade da conversação e não mostra a posição que os elementos identificados

[29] Henne introduziu o termo *Gesprächswörter* para designar uma classe de palavras com três subclasses funcionais: partículas de articulação do discurso (*Gliederunspartikeln*), partículas de retorno (*Rückmeldungspartikeln*) e interjeições (Henne, 1978: 44 segs. cit. *in* Burkhardt, 1982: 139).

aí ocupam, nem a relação entre as actividades do falante e as do ouvinte realizadas em simultâneo.

Cerca de uma dezena de anos antes de Burkhardt, já Gülich (1970) elaborara um dos primeiros trabalhos sobre as partículas, palavras ou sinais do discurso - os ***Gliederungssignale*** (sinais de estruturação ou de articulação). Esta designação deve-se ao facto de estes sinais parecerem segmentar ou dividir o discurso em unidades (*ibid.*, 9). Este trabalho inicial, ligado à linguística de texto, tem por objectivo descrever estas partículas com vista à determinação do seu significado e função, semelhanças e diferenças, participação no discurso segundo o tipo de texto e distribuição no texto (*ibid.*, 15 segs.). No entanto, a definição de sinais de articulação é insuficiente para dar conta de todas as funções interaccionais que estão em jogo numa conversação, porque, como referido em Rodrigues (1998: 47), "em primeiro lugar, não considera o papel de ouvinte, ou seja, não há uma distinção clara entre tarefas do falante e tarefas do ouvinte; em segundo lugar, de acordo com este entendimento dos sinais conversacionais, pode dar-se o caso de funções separadamente agrupadas poderem coincidir, ou, pelo contrário, de funções díspares serem atribuídas ao mesmo tipo de sinal. Isso acontece por exemplo no caso de um sinal de fecho, definido assim por fechar o tema e por pôr fim à vez do falante. Segundo a classificação de Gülich, com este sinal o falante averigua se o ouvinte está atento; deste modo, o sinal não fecha forçosamente a vez nem o tema, mas marca apenas o fim de uma unidade conversacional.

Depois do estudo de Gülich (1970) surgiram muitos outros, de diferentes linhas de investigação. No âmbito da Escola de Genebra, com a orientação teórica da Análise do Discurso, Roulet e os seus colaboradores procederam à análise sistemática dos **marcadores pragmáticos**, os sinais linguísticos do discurso que contêm toda a informação indispensável para a interpretação das relações funcionais entre os constituintes do discurso em que são usados (cf. Roulet *et al.*, 1985)[30]. Procurando dar conta de vários níveis em jogo na conversacão (o nível ilocutivo, o temático e o hierárquico), dividem os marcadores pragmáticos em **marcadores ilocutivos, conectores interactivos** e **marcadores de estruturação**[31]. Esta classificação contribuiu para a análise destes elementos verbais com informações importantes sobre o nível hierárquico da conversação e sobre o tipo de relações que os diferentes marcadores e conectores aí podem assumir: o grupo dos conectores interactivos - argumentativos, contra--argumentativos, consecutivos e reavaliativos (cf. Rodrigues, 1998: 49; Roulet *et al.*, 1985: 111 segs.) - traz para a análise dos sinais da conversação a vertente argumentativa; o grupo dos marcadores de estruturação - marcadores sintomáticos de alcance local ou global e marcadores estruturais retroactivos ou proactivos - salienta o alcance da articulação e a orientação do encadeamento dos enunciados. Em contrapartida, este modelo "não fornece uma classificação convincente das funções dos marcadores e conectores pragmáticos" (Rodrigues, 1998: 50) por se prender de mais a questões formais, por não focar o lado polifuncional destes elementos e por não considerar o lado dinâmico da conversação (cf. *ibid.*, 50-51).

---

[30] Outras classificações mais ligadas a esta orientação teórica são as de Spengler (1980) e Hölker (1984).

[31] Uma recensão crítica à classificação da escola de Genebra encontra-se em Rodrigues (1998: 47-51).

Foram, também, praticadas investigações de carácter mais híbrido, que, embora seguindo a orientação da Análise do Discurso, adoptaram alguns conceitos da Análise Conversacional Etnometodológica, como o sistema de alternância de vez. Isso permitiu não só explorar mais aspectos e funções da situação de comunicação, como o dos papéis de falante e de ouvinte e a distinção entre elementos verbais típicos do falante e elementos verbais típicos do ouvinte (nas primeiras investigações só tinham sido considerados os sinais de retorno do ouvinte), mas também ampliar o conceito de marcador, sinal do discurso, etc., de modo a abranger os elementos não-linguísticos e não-verbais da conversação. Essa tendência já se nota em Schiffrin (1987: 327), quando sugere (embora não o desenvolva) que os marcadores do discurso não se inserem facilmente numa classe linguística e que até as formas de comunicação não-verbal podem ser possíveis **marcadores discursivos**: "The result would be a catalogue of discourse markers which is firmly grounded in observations of how participants themselves differentiate interactional units. A key feature of this approach is that entries within such a catalogue would include both verbal and nonverbal markers for both local and global sized units" (*ibid.*). Schiffrin entende os marcadores do discurso como unidades do discurso sequencialmente dependentes e analisa pormenorizadamente as expressões *and*, *because*, *but*, *I mean*, *now*, *oh*, *or*, *so*, *then*, *well* e *y'know*, retiradas de um *corpus* constituído por entrevistas. O seu principal interesse consistiu em estudar as relações de coerência do discurso estabelecidas pelos marcadores discursivos (*ibid.*, 326). A autora considera cinco planos com os respectivos tipos de coerência: *exchange structure*, *action structure*, *ideational structure*, *participation framework* e *informational state* (*ibid.*, 24--25). Na sua opinião, os marcadores do discurso fornecem as coordenadas do enunciado, localizando-o num determinado plano da fala, indexando-o ao falante, ao ouvinte ou a ambos, indexando o enunciado ao discurso antecedente ou subsequente e, assim, contribuindo para a sua coerência. Distingue entre os marcadores que estabelecem relações de significado e os que estabelecem relações lógicas entre as frases.

Outros estudos em que foram considerados vários planos da conversação são, por exemplo, o de Schmidt-Radefeldt (1993) e o de Stenström (1994). De acordo com diferentes planos, Schmidt-Radefeldt (1993: 66-67) esboça a seguinte classificação:

- **partículas discursivas argumentativas** - com que o falante sublinha o valor semântico do seu discurso ou da sua argumentação;
- **topográfico-textuais** - que permitem ao falante estruturar textualmente o seu discurso;
- **interaccionais** - através das quais o falante sublinha a relação interaccional para com o ouvinte e
- **modais** - que apoiam o falante na expressão de emoções, de três tipos de modalidade (cognitiva, volitiva ou emotiva), no seu enunciado.

Por sua vez, num estudo mais sistemático, Stenström (1994) distingue entre

- ***interactional signals***, usados para iniciar, continuar e terminar a conversação, e
- ***discourse markers***, que desempenham a função de manter a vez, marcar os limites das unidades do discurso (cf. *ibid.*, 61).

Embora tenha resultado de uma análise intensiva destes sinais e marcadores, a classificação de Stentröm apresenta algumas falhas. Como se criticou em Rodrigues (1998: 59), a autora não deixa claro se estes dois tipos de sinais podem desempenhar as duas funções ao mesmo tempo; além disso, muitas das funções que podem ser consideradas dentro do sistema de alternância de vez, e que podem ser desempenhada por estes sinais, ficaram por mencionar.

4.2.2 Sinais conversacionais

Perante este panorama e para abranger todos estes níveis e funções que estão em jogo na conversação, propus, em Rodrigues (1998), a classificação de **sinais conversacionais**[32]. Da teoria da Análise do Discurso recolhi as noções necessárias para dar conta de características dos enunciados relacionadas com o desenvolvimento lógico-argumentativo e com a estruturação dos enunciados; e da área da Análise Conversacional Etnometodológica, os princípios teóricos que permitiram considerar a interacção como uma realização dinâmica da realidade social, construída em negociações sucessivas pelos parceiros que nela participam. A primeira orientação teórica permitiu formar os grupos de sinais conversacionais interactivos e topográficos; a segunda forneceu o instrumental para descrever não só o mecanismo que regula o funcionamento da alternância de vez, mas também as relações interaccionais entre falante e ouvinte; da área da Linguística Pragmática provêm outros aspectos teóricos que facilitam, entre outras coisas, a descrição das funções modais de determinados sinais (cf. Rodrigues, 1998: 76 segs.).

Com base em todos estes fundamentos teóricos, a interacção pôde ser definida como uma actividade em que se distinguem quatro níveis principais: o nível de desenvolvimento temático, o nível das relações estruturais entre as diferentes unidades, o nível da expressão das emoções (modal) e o nível das relações entre o falante e o ouvinte, no que diz respeito à negociação dos papéis interaccionais (cf. Rodrigues, 1998: 70 segs.). Desta abordagem resultou a proposta de classificação representada no esquema da página seguinte.

As principais características dos sinais conversacionais são a sua polifuncionalidade e polissemia: geralmente desempenham, em maior ou menor grau, mais do que uma função conversacional[33]. Sob o ponto de vista formal não se limitam a formas linguísticas; também podem ser constituídos, como sugere Schiffrin (1987: 328), por diferentes tipos de fenómenos prosódicos e por sinais não-verbais, ou seja, movimentos do corpo.

---

[32] Dei preferência a *sinal* em vez de *partícula*, pois parti do princípio de as funções que lhes atribuí também poderem ser desempenhadas por formas de comunicação não-linguísticas e não-verbais.

[33] Como se exemplifica em Rodrigues (1998: 72), "considere-se a enunciação de uma contra-argumentação maracada por um sinal conversacional interactivo contra-argumentativo, que tem repercussões a nível interaccional, por informar o ouvinte sobre a continuidade do tema e, consequentemente, sobre a continuidade da vez do falante. Neste caso, embora encontremos duas funções, a interactiva é dominante. Também um sinal que introduz uma vez reactiva de um falante, informando sobre a sua atitude perante o que é dito, ou seja, desempenhando funções modais, anuncia uma tomada de vez (função interaccional). As funções interaccional e a modal podem ser as funções dominantes".

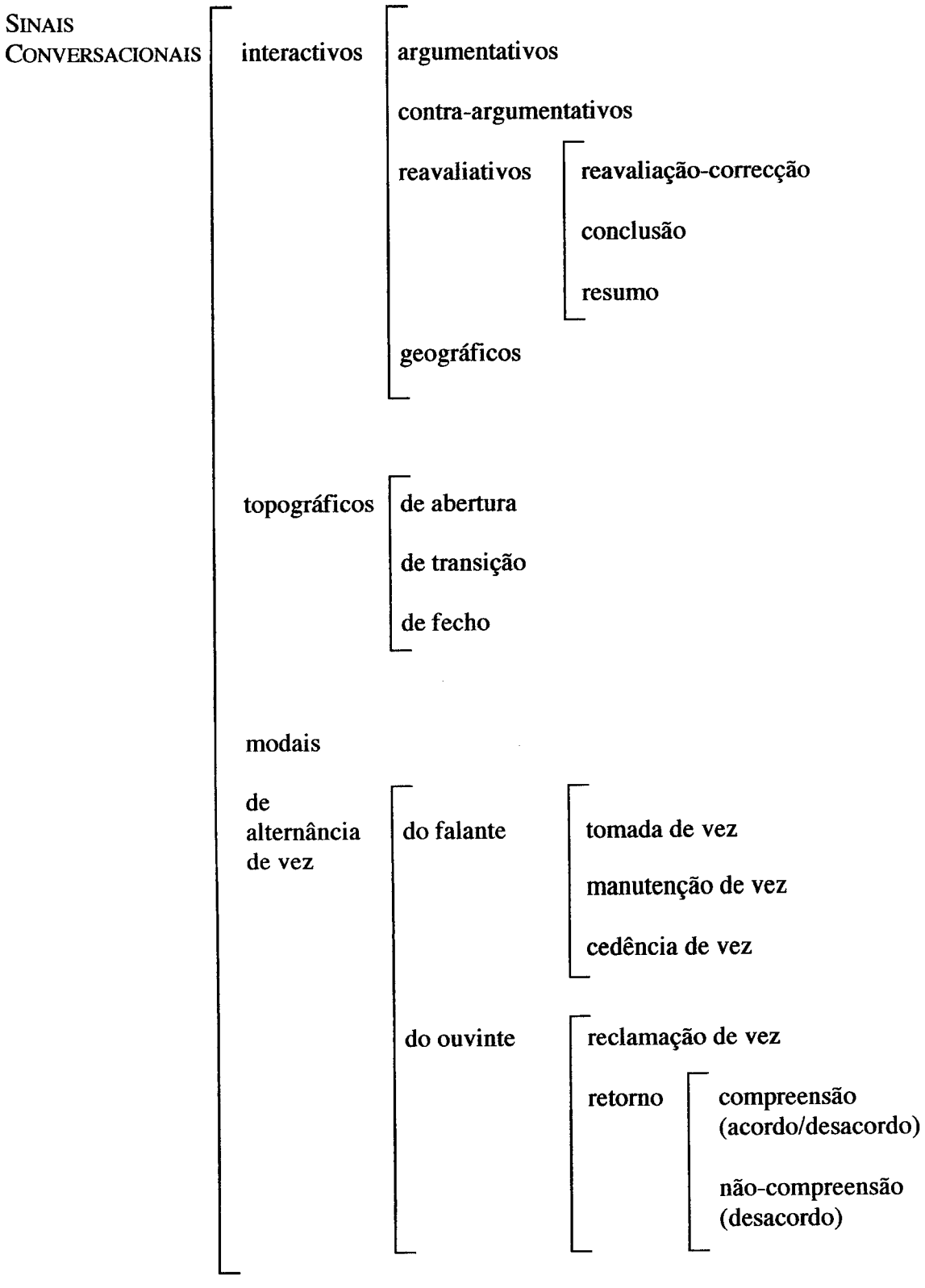


Figura 4/1: Classificação dos **sinais conversacionais** (cf.Rodrigues, 1998: 79; 2000: 44).

Convém, aqui, descrever as características dos principais grupos dos sinais conversacionais, a saber, os sinais interactivos, topográficos, modais e de alternância de vez, como se encontra em Rodrigues (1998).

4.2.2.1 Sinais interactivos

Os sinais interactivos são os elementos responsáveis pelo estabelecimento de relações lógico-argumentativas e coesivas entre os actos conversacionais[34]. Estes sinais conversacionais interactivos subdividem-se de acordo com as respectivas propriedades de estabelecer relações a) argumentativas, b) contra-argumentativas, c) reavaliativas (incluindo as de conclusão e de resumo), d) geográficas (incluindo as aditivas - *ajout* - e as alterantivas) (cf. *ibid.*, 73-74).

4.2.2.2 Sinais topográficos

Os sinais topográficos são elementos, de conteúdo semântico reduzido, que contribuem, independentemente da sua forma, para a estruturação da conversação. Podem actuar a nível local ou global, proactiva ou retroactivamente. Destacam-se as funções de a) abertura - quando um sinal conversacional marca o início da vez ou do tema, onde se manifesta a propriedade de retoma (reabertura) de um tema deixado em suspenso; b) fecho - quando o elemento marca o fim de um tema (assunto) ou de uma vez; c) transição - quando, independentemente da sua distribuição na vez, marcam a transição de temas. Alguns têm simultaneamente uma natureza anafórica e catafórica, sendo, por isso, susceptíveis de fechar o tema precedente e de abrir um novo tema. A propriedade de abertura, por exemplo, é muitas vezes dada através de fenómenos supra-segmentais (contorno entoacional final ascendente) (*ibid.*, 74-75).

4.2.2.3 Sinais modais

Os sinais modais são os elementos responsáveis por transmitir a atitude mental do falante/ouvinte relativamente ao que é dito / e feito na conversação, para com o(s) parceiro(s), e relativamente às suas expectativas, suposições e estratégias comunicativas. Este grupo congrega as funções modais volitivas (desejo do falante/ouvinte de influenciar o comportamento do ouvinte), cognitivas (atitude do falante/ouvinte perante o conteúdo do enunciado) e emotivas (suposições e expectativas do falante/ouvinte relativamente ao saber-comum e às relações sociais com o ouvinte). Estes elementos são caracterizados pelas propriedades que têm sido atribuídas às partículas modais, às interjeições e a outros elementos como os advérbios de frase e os verbos modais, que revelam as intenções e as emoções do falante (*ibid.*, 75-76).

---

[34] Os sinais interactivos têm uma função correspondente às dos conectores ou marcadores interactivos de Roulet (1980) Roulet, *et al.* (1985) e de Spengler (1980). Como atrás referido, a classificação dos subgrupos resulta de uma síntese das funções encontradas nos trabalhos de Spengler (1980), Roulet *et al.* (1985), Koch/Oesterreicher (1990), Schmidt-Radefeldt (1993) e Christl (1992) (cf. Rodrigues, 1998: 73 segs.).

4.2.2.4 Sinais de alternância de vez

Os sinais de alternância de vez são os meios e estratégias que permitem ao falante tomar, manter e ceder a vez e ao(s) ouvinte(s) emitir sinais de retorno ou reclamar a vez. Levados pelas suas motivações, interesses, necessidades e saber e com uma tendência correctiva/negativa ou cooperativa/positiva, os parceiros da interacção negoceiam entre si a construção da interacção, ao mesmo tempo que a constróem [35]. Os vários subgrupos de alternância de vez, a saber, a tomada, a manutenção, a cedência de vez por parte do falante, e as actividades de retorno, realimentação e de reclamação de vez por parte do ouvinte serão descritos com mais pormenor na parte II, sob 2.2 e 2.6.

Como subgrupo dos sinais conversacionais, os sinais conversacionais de alternância de vez também se caracterizam pela sua polifuncionalidade e polissemia. Sob o ponto de vista formal, parece ser quase impossível estabelecer limites - parto aqui do princípio de que qualquer tipo de comunicação transmitida pelo aparelho fonador ou por qualquer movimento do corpo pode desempenhar uma destas funções a partir do momento em que esteja inserida num determinado contexto interaccional. No entanto, algumas características formais de cada um destes grupos já se encontram registadas em Rodrigues (*ibid.*, 128-187) e serão descritos mais adiante (parte II, 2.6).

Atendendo a que neste primeiro estudo sobre os sinais verbais de alternância de vez pude comprovar a eficácia desta tipologia funcional na descrição de elementos verbais, dando conta da sua função e do seu significado a vários níveis da conversação, decidi utilizá-la de novo no presente trabalho, como modelo de análise para a comunicação verbal e não-verbal. Na segunda parte deste estudo, poderei demonstrar como esta classificação, desenvolvida com base na análise da fala numa situação de interacção entre três indivíduos, também se pode aplicar à descrição das várias formas de comunicação não-verbal.

---

[35] Para gerir a sucessão dos seus enunciados numa situação de interacção face a face, manifestando as suas intenções de assumir ou não o papel de falante, os interactantes podem recorrer a vários meios e estratégias como, por exemplo, processos de focalização e de desfocalização, através de actividades preparatórias, processos sintácticos e elementos lexicais com um determinado semantismo (cf. Rodrigues, 1998: 76-77). Outros aspectos que entram em jogo na alternância de vez são a relevância condicional que se pode instaurar entre actos iniciativas e actos reactivos, assim como outras obrigações que se podem explicar com base no princípio de cooperação e nas máximas de Grice (1975), nos condicionamentos rituais de Goffman (1976) e na motivação de cada participante de assumir um determinado papel interaccional (o de falante ou o de ouvinte) (cf. Rodrigues, 1998: 78). Estes aspectos serão tratados com mais pormenor na parte II, capítulo 5.

PARTE II

BASES TEÓRICAS E ANÁLISE DO *CORPUS*

1. BASES TEÓRICAS, METODOLOGIA E CATEGORIAS DE ANÁLISE

As bases teóricas gerais que suportam este trabalho provêm sobretudo da Teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, da Teoria da Contextualização e da Análise do Discurso. Para a descrição funcional dos sinais e estratégias de manutenção de vez sigo a classificação dos **sinais conversacionais** desenvolvida em Rodrigues (1998) e já apresentadas na parte I, 4.2.2. Como no presente estudo o objecto de análise não é só constituído pelos sinais linguísticos e não-linguísticos, mas integra também uma maior quantidade de pormenores prosódicos, assim como diversas modalidades de comunicação não-verbal, é necessário considerar e, em parte, adoptar alguns conceitos provenientes de áreas vizinhas da Linguística, já descritas nos capítulos 2, 3 e 4 da parte I.

Na análise dos **fenómenos prosódicos** orientei-me pelos princípios teóricos da Fonologia Interaccional e da Linguística Interaccional (cf. Selting/Couper-Kuhlen, 2000), perspectivas que se baseiam, em grande parte, na Teoria da Contextualização desenvolvida por Gumperz (1982), segundo o qual os fenómenos prosódicos são pistas de contextualização importantes para a codificação e descodificação da fala. A prosódia será tratada com maior precisão e detalhe do que em Rodrigues (1998), onde considerei apenas três tipos de contornos entoacionais finais (ascendente, em suspenso e descendente). No presente trabalho serão considerados todos os parâmetros prosódicos e as suas possíveis variações, isto é, a nível estrutural, temático, modal e interpessoal.

No que diz respeito ao tratamento da **comunicação não-verbal,** tomei em conta os resultados das investigações realizadas no âmbito de várias áreas disciplinares sobre diferentes formas e funções de movimentos do tronco e da cabeça, da orientação do olhar, da mímica e dos gestos. No entanto, não me baseei em nenhuma das tipologias do gesto, nem em classificações da comunicação não-verbal pré-existentes. Isso deve-se ao facto de, por um lado, pretender analisar a comunicação não-verbal com as categorias usadas em Rodrigues (1998) na análise da comunicação verbal, a saber, *os sinais conversacionais*; por outro lado, por as classificações existentes (para os gestos e para os movimentos de outras partes do corpo) não considerarem, de um modo claro, os diferentes níveis da interacção (o estrutural, o temático, o modal e o interaccional), por sua vez abrangidos pela classificação funcional (e polifuncional) dos *sinais conversacionais*. Isso não significa que não utilizasse algumas designações mais divulgadas de formas de gestos, como, por exemplo, o gesto díctico, o gesto batuta, etc.

Com McNeill (1992), parto do princípio de que a língua e o gesto têm uma origem comum, podendo assim ser considerados como fazendo parte de um mesmo sistema. Como afirma McNeill (1992: 23-25), língua e gesto estão ligados através do significado (são semanticamente e pragmaticamente coexpressivos), através do tempo (realizam-se em sincronia um com ou outro) e através da função, do desenvolvimento e da dissolução (desenvolvem-se em conjunto na criança e desaparecem juntos nos casos de afasia). Mas a observação de todos os movimentos do corpo e do modo como se encontram coordenados no desempenho de determinadas funções leva-me a questionar se esse sistema único, a que pertencem a língua e o gesto, não poderá também abranger movimentos de outras partes do corpo. McNeill centrou-se no estudo dos gestos e não se

interessou pelos movimentos das outras partes do corpo. Isso deve-se, certamente, a dois motivos: em primeiro lugar, porque os objectivos do autor consistiram em descrever as características semânticas do gesto e em relacioná-las com os significados expressos pela fala (ou seja, o significado expresso pelo gesto foi analisado em termos da sua relação com a fala, sobretudo na medida em que contribui com informações adicionais); em segundo lugar, porque as próprias limitações ou características físicas de muitos movimentos do corpo implicam a sua exclusão de análises cujos objectivos consistem em observar relações entre os significados expressos pelos canais verbal e não-verbal.

Mas, se, por exemplo, os olhos tivessem capacidades motoras de uma flexibilidade idêntica às dos braços e mãos, teriam sido, certamente, incluídos nesse sistema. E o que se pode dizer relativamente aos movimentos dos pés que acompanham a fala em pessoas que nasceram sem braços[1]? Será que o sistema único do modelo de McNeill só é representado pela fala e pelo gesto, ou também abrange outras partes do corpo manifestando-se em movimentos capazes de expressar significado? Ou será que se pode considerar a existência de vários subsistemas dependentes desse sistema supra-ordenado? Além disso, o significado do gesto não depende também dos outros movimentos do corpo realizados em simultâneo? É precisamente este ponto de vista que Poggi[2], uma linguista que pratica a investigação multimodal da interacção na área da interacção pessoa--computador, parece defender quando afirma que "**not only words or symbolic gestures**, as it is generally accepted, but also **other kinds of gestures**, like batons, affect displays or some adaptors (with the exception, perhaps, only of iconics and metaphorics), **and even gaze, facial expression, posture shifts, are in fact "lexical" systems.** This means, in my definition, that each item in these systems has a precise meaning that is coded in the conversants' minds, and this meaning is precisely stated, so much that if we substituted one item for the other the overall meaning of the interaction would not be the same" (Poggi, 2002c: 4)[3].

Na minha opinião, um dos significados da comunicação não-verbal que Poggi acredita estarem codificados na mente dos interactantes pertence ao nível interaccional (alternância de vez), outro pode fazer parte, por exemplo, do nível interactivo (lógico--argumentativo), outro ainda localiza-se no plano do conteúdo informativo, em que pode desempenhar, por exemplo, as funções de reforçar, substituir, completar ou contradizer as informações dadas através da fala. Defendo, assim, que cada "modalidade" não-verbal é susceptível de desempenhar várias funções tanto a nível interaccional, de alternância de

[1] Numa curta interacção com um indivíduo sem braços e que se serve dos pés para realizar vários tipos de actividades, pude constatar que ele movimenta os pés enquanto fala. Esses movimentos dos pés são muito idênticos a movimentos realizados com as mãos e com os braços por indivíduos não portadores de deficiência.

[2] Cf. parte I, 1.6.

[3] Negrito meu. Para responder a todas as perguntas acima formuladas e comprovar as hipóteses sugeridas por Poggi, é necessário uma recolha de dados extensiva e uma análise intensiva dos elementos recolhidos. Por isso, apoio a sugestão de Poggi de realizar dicionários de sinais não-verbais através da análise de todos os sinais de um sistema de comunicação segundo critérios funcionais.

vez, como a nível interactivo, topográfico e modal[4]. Para confirmar este ponto de vista, é necessário, a partir de uma análise detalhada da comunicação não-verbal, dividir as várias modalidades não-verbais em unidades comunicativas e descrevê-las sob o ponto de vista funcional. É uma análise deste tipo que me proponho realizar e que, aliás, deverá considerar não só a relação entre as informações transmitidas pelos canais verbal e não--verbais, mas também a relação entre as informações transmitidas por cada uma das modalidades não-verbais [5]. Segue-se, em linhas breves, a descrição da terminologia utilizada na análise do *corpus*. Atendendo à heterogeneidade dos aspectos a considerar nessa descrição, e para facilitar a sua compreensão, abordarei a comunicação verbal, a prosódia e a comunicação não-verbal em separado.

1.1 Unidades e categorias de análise dos sinais verbais

Para analisar o *continuum* da fala é indispensável dividi-la em unidades. Como em Rodrigues (1998), consideraram-se aqui unidades pertencentes a um nível macro--estrutural da interacção, como, por exemplo, **sequências de vezes** e outras unidades que pertencem a níveis micro-estruturais como **a vez**, o **acto conversacional** e os **sinais conversacionais**, acabados de descrever no fim da parte I. As unidades de conversação consideradas e que serviram de base para a classificação dos sinais conversacionais são

- a **alternância de vez** - que corresponde ao *turn-taking* da Análise Conversacional Etnometodológica (cf. Sachs/Schegloff/Jefferson, 1974) e à *échange/exchange* da Análise do Discurso (cf. Sinclair/Coulthard, 1975; Moeschler, 1994) (cf. Rodrigues, 1998: 29 segs.);

- a **vez** - que é idêntica ao *turn* de Goffman (1966), definido como o que um indivíduo diz e faz quando tem a palavra. No âmbito da Escola de Genebra foi tratada como *intervention*; por *intervention* compreende-se, aliás, não só o *turn*, mas também o *move*[6]; este último parece corresponder ao que, na presente classificação, se entende por

---

[4] Como, entre outros, Poggi (2002c) e Payrató (no prelo), optei por utilizar a expressão **modalidade não-verbal**, partindo do princípio de que os movimentos das diferentes partes do corpo constituem sistemas próprios. Por sua vez, Scherer (1980:217) refere-se a vários códigos não-verbais.

[5] Esta perspectiva de abordagem permite ir ainda mais além no sentido sugerido por Poggi, de elaborar dicionários de diferentes modalidades com base em *formational parameters*: "We can view Formational Parameters as criteria to analyse all signals in a communication system. Each signal (sign, gesture, gaze or touch) can be analyzed in terms of different parameters, each with a small number of possible values, in such a way that each signal is described as a combination of all the possible values it assumes against all parameters. Each value in each parameter of a gesture, gaze or touch has a "phonological" status, in that changing that value on that parameter transforms the item either from one signal to another signal of from a signal to a non-signal" (Poggi, 2002c: 8). Mas antes de poder pensar numa tal tarefa, é preciso não só observar minuciosamente as várias formas e combinações de sinais não-verbais e determinar as suas funções relativamente à fala que acompanham no contexto interaccional.

[6] Goffman define ***move*** como "any full stretch of talk or of its substitutes which has a distinctive unitary bearing on some set or other of the circumstances in which participants find themselves (some "game" or other in the peculiar sense employed by Wittgenstein) such as a communication system, ritual constraints, economic negotiating, character context, "teaching cycles", or whatever" (Goffman, 1976: 272).

- o **acto conversacional**[7]-, uma unidade comunicativa, em cuja produção participam em simultâneo o falante e o ouvinte;

- os **sinais conversacionais** - que se definem, mais uma vez, como as unidades linguísticas, não-linguísticas e não-verbais que, numa interacção, apoiam os interactantes na realização das suas intenções e interesses.

Como é importante esclarecer todas as categorias de análise relacionadas com a vez e com a alternância de vez, as unidades de análise e outros conceitos a elas ligados serão tratadas com mais pormenor no capítulo 2, dedicado exclusivamente à descrição do funcionamento do sistema de alternância de vez.

1.2 Unidades e categorias de análise dos fenómenos prosódicos

As unidades de análise consideradas, já descritas na parte I, capítulo 3, são as seguintes:

- **unidade entoacional**, geralmente com um acento primário e, muitas vezes, com um ou mais acentos secundários e ostentando determinadas características prosódicas que as distinguem de outras unidades envolventes. A unidade entoacional coincide, na maioria dos casos (mas nem sempre), com o acto conversacional. Por isso, estes dois termos não são indiferentemente usados. Quando uma unidade verbal é tratada sob o ponto de vista prosódico, designo-a por unidade entoacional; quando essa mesma unidade é abordada na perspectiva de qualquer outra função conversacional dá-se preferência aos termos **acto** (conversacional) ou **enunciado** (termo mais neutro que não implica uma divisão em unidades);

- a **altura de tom** ou a variação da altura de tom da última sílaba da unidade tonal é muito importante para a sua análise funcional. Pode assim registar-se um movimento ascendente que alcança um nível de altura de tom alto (?), ou médio (,), um movimento descendente que atinge um nível baixo (.), ou médio (;) e a manutenção da mesma altura de tom (-);

- a **intensidade da voz** é o parâmetro prosódico que determina o **acento** de frase;

- a análise da prosódia na interacção comprovou também que não se pode definir a frase entoacional como contendo apenas um acento primário: há casos de **colisões de batidas**[8] em que o acento recai sobre várias sílabas sucessivas. A **ênfase** assim colocada nestas sílabas confere ao enunciado um determinado significado

[7] O **acto conversacional** é definido como uma unidade semelhante ao *move* de Goffman, em que se considera a participação simultânea do falante e do ouvinte; é mais do que o *speech act* de Searle (1972) (cf. Rodrigues, 1998: 35-36; 2001: 34). Cf. parte I, 1.2.5.

[8] Cf. parte I, capítulo 3.4.5.

comunicativo. Outros parâmetros que caracterizam o **estilo enfático** são subidas de altura de tom e impressão de menor velocidade;

- o parâmetro **quantidade**[9], que determina a quantidade de sílabas articuladas por unidade de tempo, é responsável, por exemplo, por prolongamentos de sons, que podem dar a impressão de fala lenta, ou pelos sons produzidos por movimentos articulatórios rápidos, que, por sua vez, dão geralmente a impressão de fala rápida. No entanto, a **impressão de velocidade** da fala depende também da intensidade: Uhmann (1992; 1997) mostrou que os critérios que dão a impressão de fala mais rápida ou de fala mais lenta são vários modos de combinação de **densidade I** (quantidade de sílabas produzidas por unidade de tempo) e **densidade II** (quantidade de sílabas acentuadas por unidade de tempo)[10];

- ligadas à impressão de velocidade encontram-se também as **pausas** vazias (de duração variada), **pausas cheias** e **prolongamentos** de sons, que caracterizam a fala hesitante;

- outra categoria considerada, mas pouco aprofundada, é o **ritmo**. As formas rítmicas são entendidas como repetições de eventos em distâncias percepcionadas como idênticas. É precisa a repetição de três eventos para constituir um padrão rítmico, que, depois de instituído, cria uma espécie de esquema de perspectivas relativamente à colocação do próximo evento no tempo (cf. Auer/Couper-Kuhlen, 1994: 85 segs.). O ritmo tem ainda um papel importante na organização da conversação, estabelecendo relações de coesão dentro da vez (cf. Couper-Kuhlen, 1983), e na alternância de vez, em que a integração ou não-integração rítmica na passagem de uma vez para outra pode ser muito significativa (cf. *ibid.*, 97 segs.); por fim,

- a **proeminência prosódica** é conseguida não só pela colocação do acento, mas também por variações de altura de tom (subidas, saltos ascendentes) e por prolongamentos de sons.

No presente estudo, a fala foi transcrita de modo a dar conta destas unidades (à excepção do ritmo, que foi apenas tratado em algumas passagens) para que pudessem ser correlacionadas com a comunicação não-verbal realizada em simultâneo e com as actividades dos restantes parceiros.

---

[9] Em vez de recorrer ao termo **quantidade**, para referir o parâmetro auditivo cujo correlato acústico é a *duração*, utilizo termos que, devido à sua transparência, são os mais usados para referir casos específicos ligados a este fenómeno prosódico, a saber, **velocidade** (velocidade da fala e velocidade de articulação) e **prolongamento** de som.

[10] Cf. parte I, capítulo 3.4.5.

1.3 Unidades e categorias de análise da comunicação não-verbal

As modalidades não-verbais analisadas são os movimentos do **tronco** e da **cabeça**, a orientação do **olhar**, a **mímica** e os **gestos**. As características físicas (formais) consideradas para cada uma destas modalidades (orientação do movimento, forma assumida pelas diferentes partes do corpo, etc.) encontram-se descritas no Anexo, que contém igualmente as indicações técnicas. Neste capítulo ocupar-me-ei de questões de definição das unidades e categorias de análise em que me baseei para classificar as várias formas de comunicação não-verbal.

Como as diferentes partes do corpo acima mencionadas têm características muito distintas no que diz respeito à trajectória e forma dos movimentos que são capazes de executar, parece difícil encontrar uma unidade uniforme que possa ser usada na análise de todas as modalidades de comunicação não-verbal. Pode dizer-se que, numa situação de interacção, o tronco é parte do corpo que executa movimentos menos definidos, mas relativamente simples: pode mover-se para a frente, para trás e para os lados e também segundo os dois eixos em simultâneo. Os movimentos dos olhos são um pouco mais complexos, porque não só envolvem a direcção do olhar (para quem/onde se olha), mas também a sua orientação dentro do globo ocular, a movimentação das pálpebras e o grau de abertura das mesmas; muito ligado aos olhos está o movimento de erguer e baixar as sobrancelhas, que se encontra incluído no grupo dos movimentos da face. Não foram considerados os micro-movimentos dos músculos da face (como aqueles para os quais Ekman/Friesen/Thomkins (1974) desenvolveram uma técnica - FAST (*Facial Affect Scoring Technique*) - e Ekman/Friesen (1978; 1982) o esquema de codificação - FACS (*Facial Affect Coding Scheme*)[11] - , mas apenas os movimentos da boca e da região dos olhos. As partes do corpo que têm, de longe, a maior capacidade de movimentação são as mãos. Os movimentos das mãos, por sua vez, também se articulam com os movimentos dos braços. Não prestei especial atenção aos membros inferiores, porque no *corpus* analisado os interactantes estão sentados e não movimentam muito as pernas. No entanto, sempre que necessário (por exemplo, em situações de maior tensão), fiz a notação da sua posição e movimentos.

Em todos estes tipos de comunicação não-verbal, há dois aspectos importantes a considerar: diferença/descontinuidade/contraste e identidade/continuidade/fusão. A descontinuidade manifesta-se em movimentos de orientação oposta, por exemplo para a esquerda e para a direita; a continuidade, em movimentos com as mesmas orientações: para a direita e um pouco mais para a direita; ou a iniciação de um movimento circular e a continuação desse movimento. Interessa também ter em conta as séries repetidas de movimentos de contraste (para a direita e para a esquerda, ou para cima e para baixo) e de movimentos circulares, no mesmo sentido ou em sentidos opostos, que formam padrões rítmicos. A cabeça e os braços/mãos são as partes do corpo que mais facilmente executam estes tipos de movimentos.

[11] Cf. parte I, 2.4.2.

Para analisar o **gesto**, não só nas diferentes fases da sua trajectória, mas também como um movimento inserido numa sequência de outros movimentos, recorro, sempre que necessário, à classificação sugerida por McNeill (1992: 82 segs.), baseada na hierarquia do gesto proposta por Kendon (1980b: 214)[12]. Sendo assim, a unidade máxima é a

> **unidade gestual**, composta por
> **sintagmas gestuais**[13] **(gestos)** formados pelas
> **fases gestuais** de:
> **preparação** - (facultativa),
> **paragem ante-golpe** - (facultativa),
> **golpe** (obrigatório) - a amplitude máxima do esforço no gesto; uso também o termo **batida do gesto** para designar um golpe de gesto, em cuja fase terminal a mão bate contra uma superfície - uma característica que define a classe dos gestos batuta[14] ;
> **paragem pós-golpe** (facultativa),
> **retracção** - (facultativa) (cf. McNeill, 1992: 83).

Mas, na realidade, as categorias **gesto** e **fase gestual** são apenas instrumentos de análise concebidos para casos, empiricamente observáveis mas ideais[15], pois um gesto nem sempre é tão claro como estas categorias deixam transparecer: durante a sua execução está sujeito a alterações de percurso, a interrupções, etc. Embora esses fenómenos de descontinuidade também se manifestem nos movimentos de outras partes do corpo, no caso dos gestos são mais visíveis: como as articulações dos braços e das mãos permitem uma grande variedade de movimentos precisos e complexos, qualquer alteração na trajectória é facilmente notada.

Sob o ponto de vista estrutural e de organização da conversação, a sub-unidade sintagma gestual /gesto pode-se fazer corresponder a outra forma de movimento de outras partes do corpo (por exemplo a um movimento de rotação da cabeça para um lado, ou a uma inclinação do tronco para a frente). Na minha opinião, a noção de sintagma (de movimento) também se pode aplicar a estes casos, ou até mesmo aos pequenos movimentos da cabeça, que se estendem de uma posição (mais ou menos estável) para a seguinte. A fase de maior amplitude do movimento numa direcção coincide, no caso dos movimentos da cabeça, com a fase final deste. Independentemente da sua amplitude, estes movimentos podem-se detectar, em milésimos de segundo, a partir da identificação do seu ponto de partida e do ponto de chegada. Na descrição de movimentos de outras partes do corpo, aplica-se, dentro do possível e em caso de necessidade, a expressão **sintagma de movimento**, indicando, assim, que se trata de uma unidade equivalente ao

---

[12] Cf. parte I, 2.6.3.3.

[13] A expressão **sintagma gestual** foi a que me pareceu mais adequada como tradução de *Gesture-Phrase*. No entanto, também uso com frequência o termo **gesto** para designar a sub-unidade de movimento das mãos e dos braços que pode ser composta pelas fases de preparação, golpe/batida e retracção.

[14] Cf. parte I, 2.6.3.2, 2.6.3.3.

[15] Trata-se de um caso idêntico às regras de alternância de vez, que também regulam situações ideais de interacção.

gesto, embora esta solução não me pareça adequada para referir um movimento bidimensional e unifásico. Além disso, para designar formas da mão recorri, em caso de necessidade (e imitando McNeill, 1992: 87-88), à terminologia utilizada na Língua Gestual Portuguesa (cf. Amaral/Coutinho/Martins, 1994; Martins *et al.*, 1997).

Quando há paragens entre os diferentes espaços percorridos por uma parte do corpo, a delimitação das diferentes unidades realiza-se sem grandes dificuldades. Quando, porém, o movimento é fluido e muda constantemente de forma e de orientação, as fronteiras entre as unidades são mais difíceis de definir. Os critérios considerados são a **amplitude** e a **forma da trajectória** do movimento, assim como o tempo de **repouso** ou de **paragem** (**congelamento**) do movimento das partes do corpo (que contrasta com a fase de movimento). Assim, em movimentos menos definidos ou mais complexos, uma unidade de movimento é delimitada pelos pontos de maior amplitude (que pode ser muito reduzida) da sua trajectória. Por exemplo, uma unidade de comunicação não-verbal dos movimentos dos olhos estende-se desde o momento em que os olhos deixam de fixar um ponto (por exemplo, o chão) e passam a fixar um interactante/objecto, ou um ponto qualquer acima, ao lado, etc. Outra unidade corresponderá à quantidade de tempo que os olhos fixam o mesmo ponto. Neste caso, não se pode falar de movimento, mas de um congelamento, isto é, uma unidade estática chamada **não-movimento**.

O mesmo acontece com os movimentos/não-movimentos da cabeça: distinguem-se unidades dinâmicas (de mudança de orientação) e unidades estáticas. As séries de movimentos mais pequenos segundo os eixos vertical e horizontal, muitas vezes provocados pelas actividades de articulação da fala, só são consideradas no caso de expressarem uma maior emoção do falante/ouvinte. Outros movimentos realizados segundo os eixos vertical e horizontal são os **acenos** (repetições de movimentos para baixo e para cima) e os **abanos**[16] (repetições de movimentos para a esquerda e para a direita ou da direita para a esquerda).

Dentro do possível, dou também conta da coordenação entre os movimentos de diferentes partes do corpo do próprio falante e a sua sincronização com outros movimentos realizados pelos parceiros de comunicação.

Parto, assim, de uma análise formal em unidades de movimento / não-movimento, que são analisadas em várias etapas:

- primeiro, as unidades de movimento são correlacionadas com a fala que acompanham;

- em seguida, com base no significado dos elementos verbais e na forma dos movimentos, são detectadas as possíveis correspondências semânticas entre a fala e essas unidades de movimento;

[16] Recorri ao termo **abano** por razões de comodidade para designar a actividade de "abanar a cabeça" com o significado de negação/"não", por analogia com o termo **aceno**, com significado de afirmação/"sim".

- com base nas funções conversacionais atribuídas aos elementos verbais, são, depois, detectadas possíveis correspondências funcionais;

- da correlação com a fala e com base no contexto interaccional, interpretam-se outros significados e outras funções que essas unidades possam desempenhar.

Para a determinação das funções conversacionais é essencial compreender o funcionamento do mecanismo de alternância de vez (aliás, foi com base neste mecanismo que elaborei a categorização dos sinais conversacionais), o aspecto formal mais evidente na situação de interacção face a face. Este mecanismo representa um ponto de partida ideal para a análise da conversação e de todas as funções que aí possam ser desempenhadas. Por este motivo, será descrito, em seguida, com mais pormenor.

2. ALTERNÂNCIA DE VEZ

Mme Martin:	*Je peux acheter un couteau de poche pour mon frère, mais vous ne pouvez acheter l'Irlande pour votre grand-père.*
M. Smith:	*On marche avec les pieds, mais on se réchauffe à l'électricité ou au charbon.*
Mme Martin:	*Celui qui vend aujourd'hui un boef, demain aura un oeuf.*
Mme Smith:	*Dans la vie, il faut regarder par la fenêtre.*
Mme Martin:	*On peut s'asseoir sur la chaise, lorsque la chaise n'en a pas.*
M. Smith:	*Il faut penser à tout.*
M. Martin:	*Le plafond est en haut, le plancher est en bas.*
Mme Smith:	*Quand je dis oui, c'est une façon de parler.*
(...)	

Ionesco, *La cantratrice chauve*, Scène XI, 71-72[1].

O texto em epígrafe transcreve uma série de enunciados com a forma de frases bem formadas, realizadas alternadamente por quatro indivíduos, M. e Mme Martin e M. e Mme Smith. Embora estas frases não se encontrem ligadas por quaisquer relações de coesão, não sendo, por isso, coerentes[2], o facto de serem produzidas ora por uma ora por outra pessoa leva a crer poder tratar-se de uma situação de comunicação entre vários indivíduos. Na verdade, o texto representa uma cena de "conversação" de uma peça de teatro de Ionesco, através da qual o autor pretende criticar um estrato social para o qual a palavra deixou de ter significado e para quem a língua consiste apenas em banalidades, fórmulas vazias e slogans[3]. Com este exemplo, quero mostrar que, esvaziando os enunciados produzidos numa conversação de todo o seu conteúdo (tema, encadeamento lógico-argumentativo do tema, significado pragmático) e dos aspectos emotivos (atitudes dos interactantes), o que resta é uma estrutura formal representada pela articulação ou pela sucessão de frases realizadas alternadamente pelos vários indivíduos. Neste texto vê-se ainda que todas as personagens produzem uma frase até ao fim, de tal modo que não há sobreposições: a "fala" de cada um segue-se, de um modo suave, à fala de outro. As personagens não se interrompem mutuamente, parece respeitarem as regras sociais e deixam que o que está a falar termine o que tem para dizer. Estas propriedades da conversação e dos interactantes, assim transpostas para o palco, caracterizam as personagens como indivíduos que dispõem dos "devidos" conhecimentos sobre o modo como se devem comportar numa situação de conversação. O exagero desta forma de (não) interagir deixa transparecer que estes indivíduos pertencem a uma classe social em que se valoriza *mostrar* que se tem uma "boa formação" e se é "bem educado", i.e., "culto". Deste modo, eles dominam as regras que regulam a sequência dos enunciados na

[1] Eugène Ionesco, *La cantratrice chauve*. Paris, Gallimard, 1976.
[2] A falta de coerência nesta sequência de enunciados numa situação de interacção explica-se, em termos griceanos, pela violação do princípio de cooperação e da máxima da relevância (Grice, 1975).
[3] Cf. Esslin, Martin, *Das Theater des Absurden*. Hamburg: Rowohlt, 1965: 98.

interacção: sabem que, quando alguém tem a vez, os outros se calam e um deles pode tomar a palavra após este ter terminado.

Com esta divagação "absurda" quero mostrar que a sucessão alternada e ordenada de fases de fala de um indivíduo e fases de fala de outro é não só a característica mais marcante de uma situação de interacção verbal, mas também, em termos da Análise Conversacional Etnometodológica, uma realização da "ordem social" (cf. Bergmann, 1981; Garfinkel, 1967: 1). Por essa razão, certamente, é que o funcionamento da alternância de vez foi um dos principais objectivos de análise dos investigadores que, nos anos 70, se interessaram pelas questões ligadas à interacção face a face (Yngve, 1970; Duncan, 1972, 1973, 1975, 1980; Duncan/ Brunner/Fiske, 1979; Duncan /Fiske, 1977; Goffman, 1966, 1981; Sachs/Schegloff/Jefferson, 1974).

2.1 O mecanismo de alternância de vez

Um dos primeiros investigadores da interacção a apontar este fenómeno de "passing of the turn from one party to another" como "nearly the most obvious aspect of conversation" foi Yngve (1970: 568). E é precisamente a constatação do facto de uma pessoa se comprometer com diferentes actividades quando tem a *vez* (*turn*), ou quando não a tem, que faz com que se considere a categoria *turn of conversation* (vez) (*ibid.*, 568). Yngve refere que tanto o indivíduo que tem a vez, como o que não a tem podem falar; o segundo, porém, fala *out of turn* (fora da vez), emitindo sinais de retorno. Os casos em que a alternância de vez não é suave, por exemplo quando ambos os interactantes iniciam simultaneamente as respectivas vezes, cada qual reclamando para si o papel de falante, são explicados pela noção de *state of mind*, um conceito que procura englobar toda a informação de que um interactante necessita na sua actividade comunicativa e através do qual mostra o seu estado de participação na interacção (*ibid.*, 567).

Starkey Duncan também se interessou pelo estudo da conversação e do *turn taking* (alternância de vez) (cf. Duncan, 1972, 1973, 1975, 1980, Duncan/Brunner/Fiske, 1979, Duncan/Fiske, 1977). Duncan examinou as conversações do dia-a-dia no que diz respeito ao conteúdo, sintaxe, entoação, paralinguagem e movimentos do corpo, procurando os sinais relevantes a nível de alternância de vez. Mostrou interesse em definir as unidades interaccionais que podem constituir a vez e distinguiu aquelas que são marcadas por indicações *within-turn* do falante (realizadas dentro dos limites da vez) e pelos sinais de *back-channel* do ouvinte. Ambas parecem estar relacionadas com o que Bateson "had in mind when he referred to 'the mechanism of relationships' " (Duncan, 1973: 44). Mais tarde, Duncan introduziu a noção de sinais estratégicos, acções de um participante, que têm um efeito específico sobre outro (Duncan/Brunner/Fiske, 1979: 301)[4]. Além disso,

[4] Os autores sugerem que a organização da interacção contém sinais (elementos compostos por acções linguísticas, paralinguísticas, movimentos do corpo, etc.) e regras (para o uso e resposta apropriados a esses sinais). As estratégias surgem quando há opções de uso de regras. Enquanto a *organização* tem a ver com a colocação apropriada das acções na sequência da interacção, a *estratégia* está ligada aos padrões de influência na interacção, ou seja, às acções que alteram a probabilidade de uma acção subsequente ocorrer.

chama a atenção para o facto de que "(...) face-to-face interaction seems not to depend solely upon language for its segmenting markers" (Duncan, 1973: 41).

O estudo sistemático sobre o funcionamento da alternância de vez, reclamado por Yngve (1970)[5], surge, ainda nos anos 70, com Harvey Sachs, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (Sachs/Schegloff/Jefferson, 1974), três dos principais representantes da Análise Conversacional Etnometodológica americana. Os autores descrevem um sistema, designado por *turn-taking system* (sistema de alternância de vez), que opera localmente na regulação das sequências de vezes, ou seja "vez" por "vez". É um mecanismo composto por um conjunto de quatro **regras de alternância de vez** e por duas **componentes de aplicação**[6]. Os momentos favoráveis à aplicação dessas regras localizam-se no final das unidades constitutivas da vez, determinadas, geralmente, por características de superfície (por exemplo, no texto da epígrafe, essas características são a completude frásica). Cada um desses momentos é designado *transitional relevance place*, conceito traduzido em Rodrigues, 1998: 31) por **ponto de transição** - PT[7]. Outro aspecto directamente relacionado com a organização da alternância de vez é a **sequencialidade da conversação** e a noção de **par adjacente**[8].

Uma descrição completa da interacção face a face requer a consideração das estratégias, ou seja, dos modos de jogar o jogo (Duncan/Brunner/Fiske, 1979: 309).

[5] (...) "in reviewing the literature on our topic, one is surprised to find that apparently no one has made any kind of a systematic study of how turn changes in dialogue" (Yngve, 1970: 569).

[6] As **regras de alternância de vez** regulamentam a sua coordenação, de modo a minimizar intervalos (silêncios) e sobreposições na atribuição da vez seguinte e aplicam-se sucessivamente de (1a) a (2) no ponto de transição (PT), o momento da vez favorável à aplicação da regra:

1a) caso a vez seja atribuída segundo a técnica "o falante actual escolhe o próximo falante", este, e mais ninguém, é obrigado a tomar a vez;

1b) caso a vez seja atribuída segundo a técnica de "selecção própria", o papel do próximo falante pode (mas não necessariamente) ser instituído, ou seja, haverá um próximo falante; o primeiro falante não-actual que tomar a vez será o próximo falante e a eficácia da selecção própria será maior se for realizada no PT;

1c) caso a vez não envolva a técnica "o falante actual escolhe o próximo falante", o primeiro pode (mas não necessariamante) continuar com o seu papel, a não ser que outro falante tome a vez; esta regra pode ser considerada uma técnica de reparação (*repair* de uma falta de *turn-transfer*) que está incorporada na organização básica do sistema de alternância de vez.

2) se no PT as regras (1a) e (1b) não forem postas em prática e o falante actual continuar a vez (1c), as mesmas regras aplicam-se de novo no próximo PT (Sachs/Schegloff/Jefferson, 1974: 724).

As **componentes de aplicação** são as seguintes:

1) ***turn-taking constructional component*** (componente de construção da alternância de vez), que envolve vários tipos de unidades (uma só palavra, uma frase, várias frases) capazes de constituir a vez.

2) **turn-allocation component** (componente de atribuição de vez), que consiste nas técnicas que permitem a atribuição da vez a outro falante: a) ***current speaker's selecting next speaker*** (o falante actual escolhe o próximo falante) e b) ***self-selecting*** (selecção própria) (cf. Sachs/Schegloff/Jefferson (1974: 702-704). Conforme a componente de aplicação, e de acordo com as regras de alternância de vez, pode dar-se o caso a) de o falante actual ceder a vez a um determinado próximo falante que a deverá assumir - aplicação da regra de alternância de vez 1a); ou b) de o falante actual não escolher o próximo falante, cabendo a vez ao primeiro falante que a assumir - aplicação da regra de alternância de vez 1b); ou, se isso não suceder, c) de o falante actual poder prosseguir com a sua vez - aplicação da regra de alternância de vez 1c). Caso nenhuma destas regras (1a - 1c) se aplique, entra em vigor a regra 2) que regula o recomeço da aplicação sucessiva das regras 1a)-1c) (Rodrigues, 1998: 32).

[7] Cf. parte I, 1.2.4.

[8] Cf.parte I, 1.2.4.

Além de fornecer explicações para as regularidades do sistema de alternância de vez, o modelo de Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) também explica as irregularidades nas sequências dos enunciados da fala, como os erros de alternância de vez apontados por Yngve (1970) e por Duncan (1973). A sua correcção ou superação é da responsabilidade de um *mecanismo de reparação* (cf. Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977). Neste âmbito foram introduzidos os termos *preferred* (preferido) e *dispreferred* (despreferido)[9], que referem tipos de reacções mais ou menos adequadas (sob o ponto de vista da defesa da face ou do tratamento da imagem dos parceiros) e que têm, por conseguinte, diferentes implicações para o desenvolvimento da interacção. Este tema é retomado por Levinson (1983) na perspectiva da *preference organization* (organização de preferência)[10].

Todos estes conceitos referidos nos últimos parágrafos, assim como outros aspectos focados na parte I, 1.2.4, foram considerados em muitos estudos provenientes de várias áreas de investigação; embora, como se depreende do que foi descrito sobre a investigação da interação no primeiro capítulo deste trabalho, as funções de alternância de vez não tivessem sido objecto de investigações sistemáticas[11]. É apenas atribuída,

---

[9] Os autores comentam: "We use the term "preference" technically to refer not to motivations of the participants, but to sequence- and turn-organizational features of conversation. For example, "dispreferreds" are structurally delayed in turns and sequences, and are (or may be) preceded by other items; dispreferreds may be formed as preferreds" (Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977: 362, nota 4).

[10] Levinson (1983) considera uma escala de valores de preferência na **organização de preferência** (*preference organization*) da conversação, que variam entre a segunda parte preferida (*preferred*) e a não preferida (*dispreferred*). Deste modo, alarga a noção de par adjacente de modo a esta poder continuar a descrever um determinado conjunto de expectativas. O autor constata que as segundas partes menos preferidas (*dispreferred*) são sintacticamente as mais marcadas e são tipicamente produzidas depois de uma pausa vazia (silêncio) significante, com um prefácio (sinal de abertura) ou até mesmo com uma referência ao facto de a preferida não ter sido escolhida (*ibid.*, 307). Este aspecto foi focado mais tarde no âmbito da Fonologia Interaccional / Linguística Interaccional.

[11] Relembrando as informações dadas na parte I, 1.2.4, da área geral da qual provêm os trabalhos de Dittmann/Llewellyn (1969), Dittmann (1972), Hadar *et al.* (1983a), Scherer/Wallbott/Scherer (1979), Scherer/Wallbott (1985), Freedman (1977), Ekman/Friesen (1969, 1972). Todos eles referem uma ou outra função interaccional de movimentos do corpo, focando alguns a relação destes sobretudo com hesitações e pausas na fala. Embora Kendon (1972, 1974, 1980b, 1981, 1985, 1986a, 1986b, 1990, 1993, 1995, 1998) descreva, esporadicamente, alguns movimentos do corpo em termos da sua função no mecanismo de alternância de vez, não dá conta da relação entre estes movimentos e a fala que acompanham. A atenção concedida ao sistema de alternância de vez também foi muito pouca, ou quase nula, nos trabalhos de teor linguístico, que se centram em sinais verbais e que têm como ponto de partida certas características formais; são os que se baseiam na teoria da Análise do Discurso, como, por exemplo os de Stubbs (1983), Schiffrin (1987), Roulet *et al.* (1985) e Koch/Oesterreicher (1985). Da área interdisciplinar mais recente, a que C. Müller (1998: 71) chama "investigação etnográfica", fazem parte os estudos que consideram várias modalidades e várias funções, entre elas as de alternância de vez; no entanto não tratam este mecanismo de organização da interacção de um modo sistemático: Goodwin (1981, 1986, 1995, 2000), Goodwin/Goodwin (1986), McClave (2000), Müller (1994, 1998), Ingenhoff (1998), Schwalfenberg (1998), Poggi (1996, 1999) e Poggi/Magno Caldognetto (1997). Destaca-se ainda a investigação da *Interactional Linguistics*, onde se dá especial atenção às pistas prosódicas no desempenho das diferentes funções de alternância de vez: French/Local (1983), Local/Wells/Sebba (1985), Selting (1988, 1992a, 1992b, 1994, 1995a, 1996, 2000), Couper-Kuhlen (1989, 1991) e muitos outros autores editados em Auer/Di Luzio (1992), Couper-Kuhlen/Selting (1996) e Selting/Couper-Kuhlen (2000).

conforme a conveniência, uma ou outra função de alternância de vez a determinados sinais (verbais ou não-verbais). Talvez essa atitude seja um indicador de que o mecanismo de alternância de vez, como foi descrito por Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) lhes pareça ser, por um lado, um dado adquirido - os termos *turn-taking*, *back-channel*, *turn-yielding*, *turn-maintaining*, etc. são adoptados sem grandes reflexões prévias pela generalidade dos investigadores que referem este sistema; por outro lado, talvez porque se distancie da realidade, o mecanismo de alternância de vez dá a impressão de servir apenas como uma referência para caracterizar, de um modo global, certos momentos mais típicos da conversação. Mas há muitos momentos específicos (diferentes situações que podem surgir no desempenho dos papéis de falante e de ouvinte) que se encontram com uma certa regularidade na organização de alternância de vez que ainda não foram descriminados nem descritos com pormenor. Falta também uma descrição pormenorizada não só de todos os meios que apoiam o falante e o ouvinte no desempenho dos seus papéis; mas também do modo como a função de alternância de vez e as co-funções conversacionais se encontram distribuídas pelas modalidades verbal e não-verbal. Como a grande maioria dos trabalhos realizados nesta área depois de Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) não tem como objectivo uma descrição sistemática nem das funções, nem dos sinais de alternância de vez, o entendimento deste mecanismo parece, por vezes, pouco preciso e constata-se uma falta de rigor na definição das várias funções de alternância de vez, o que, por sua vez, implica uma falta de clareza na definição dos papéis do falante e do ouvinte. Além disso, nota-se certa incompatibilidade entre a observação de aspectos linguísticos e a observação do funcionamento do mecanismo de alternância de vez: quem geralmente se ocupa de fenómenos ligados à alternância de vez dá pouca atenção a questões linguísticas como, por exemplo, a aspectos ligados ao desenvolvimento do tema ou à argumentação; aqueles que, numa perspectiva pragmática, dão preferência ao estudo de determinadas formas linguísticas ou verbais não consideram, por via de regra, as outras funções interaccionais que estes elementos também podem assumir; outros, ainda, dão especial atenção a algumas formas de comunicação não-verbal que desempenham funções importantes a nível de alternância de vez, sem descrever a fala que as acompanha. É, por isso, importante desenvolver uma análise multifuncional e multimodal da interacção que permita considerar todos estes aspectos no seu funcionamento em simultâneo.

2.2 Alternância de vez: uma função conversacional

Repetindo o que foi referido sob 4.2.2, parte I, foi com o intuito de realizar um estudo sistemático dos sinais verbais de alternância de vez que, em Rodrigues (1998), apresentei um modelo que permite descrever o maior número possível de fenómenos interaccionais, não só sob o ponto de vista da função de alternância de vez, mas também no que diz respeito a outras co-funções conversacionais: às co-funções interactiva (relativa ao desenvolvimento lógico-argumentativo do tema), topográfica (que diz respeito à articulação retroactiva e proactiva entre as diversas unidades constitutivas e temáticas da vez) e modal (ligada à expressão da atitude e das emoções). Como foi indicado sob 1.1 da parte II deste trabalho, o conceito de **alternância de vez** usado nessa mesma investigação corresponde ao *turn-taking* de Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) e de Duncan (1972) e

aproxima-se da *exchange* de Sinclair/Coulthard (1975) e da *échange* de Roulet (1980), Roulet *et al.* (1985) e de Moeschler (1987), mas considera ainda outros aspectos interaccionais importantes. Por exemplo, a alternância de vez diz respeito ao modo como falante e ouvinte(s) interagem no sentido de gerir e de negociar quem assume o papel de falante e quem assume o papel de ouvinte, e abrange não só o modo como os enunciados se sucedem de um modo suave e são realizados ora por um, ora pelo outro interactante, mas também o modo como as vezes se sobrepõem e se intercalam[12] (cf. Rodrigues, 1998: 29 segs.). Para que a comunicação na interacção seja efectiva, falante e ouvinte(s) têm, a cada passo, que negociar e orientar o que fazem, como o fazem e quando o fazem. Dentro deste mecanismo, foram distinguidos três tipos de situações de alternância de vez para o falante - tomada, manutenção e cedência de vez -, e dois tipos para o ouvinte - retorno e reclamação de vez, cujas principais características, que irão ser descritas com mais pormenor sob 2.5, se resumem do seguinte modo:

- **Tomada de vez:** na tomada de vez, o falante assume o papel de falante, ou por iniciativa própria, ou como reacção a um acto iniciativo do falante antecedente;

- **Manutenção de vez:** depois de tomar a vez, o falante detém-na porque lhe é concedido esse direito, quer ele queira, quer não; quando tem interesse em detê-la, faz todos os possíveis ou para que o ouvinte esteja sempre atento, ou para que o ouvinte não o interrompa, reclamando para si o papel de falante. Sendo assim, na manutenção de vez distinguem-se situações específicas de chamada de atenção e de defesa.

- **Cedência de vez:** quando o falante passa a desempenhar o papel de ouvinte, verifica-se uma cedência de vez. Essa mudança de papel pode ser voluntária ou involuntária. No primeiro caso, pode ou não criar obrigações de sequência num próximo falante (por exemplo, quando a cedência de vez consiste num acto iniciativo, provoca uma reacção de outro parceiro, ou seja, uma tomada de vez de outro parceiro); no segundo caso, a cedência de vez consiste numa perda do direito ao papel de falante porque outro parceiro o tomou, geralmente interrompendo a vez do falante antecedente que não foi capaz de a manter (defender).

- **Reclamação de vez**: esta situação constata-se sempre que um ouvinte pretende conquistar para si o papel de falante. Se tiver êxito, a reclamação de vez passa a constituir uma tomada de vez. Pode também suceder que uma tomada de vez

---

[12] Este aspecto das vezes simultâneas, que surgem sempre que ambos os participantes defendem ao mesmo tempo o papel de falante, foi também abordado por Duncan. Considerando este aspecto, Duncan define vários estados de participação na conversação:

1) falante - ouvinte (quando um participante quer a vez, e o outro não; o falante continua a vez e não é interrompido pelo ouvinte);
2) ouvinte - falante (quando o participante que previamente tinha sido falante é agora ouvinte, e vice-versa; neste caso há uma sequência suave das vezes;
3) falante - falante (vezes simultâneas, estado que representa uma interrupção ou corte no sistema de alternância de vez) (Duncan, 1973: 32 segs.).

consista numa sequência de reclamações de vez (por exemplo, quando um ouvinte só consegue de facto passar a falante após várias tentativas de tomar a vez).

- **Retorno de vez**: é a situação concretizada por sinais de ouvinte que expressam a sua atenção, compreensão/não-compreensão, acordo/desacordo relativamente à vez do falante. Há situações de retorno mais prolongadas, em que o ouvinte emite comentários mais longos à vez do falante, sem, contudo, pretender reclamar para si esse papel. O retorno positivo é designado por **realimentação** (*feed back*).

Consideram-se, ainda, como foi atrás mencionado, situações de **vezes simultâneas,** intervalos de tempo de relativamente pouca duração, em que um falante continua a sua vez ao mesmo tempo que outro a reclama ou toma, e **vezes intercaladas**, em que, durante a vez do falante actual, o ouvinte dá uma nova orientação à interacção iniciando uma **sequência intercalada**. À sequência intercalada segue-se a retoma do tema/orientação interrompidos.

A compreensão destas diferentes situações de alternância de vez é possível através da observação dos meios utilizados para a sua realização, isto é, os **sinais conversacionais de alternância de vez,** um subtipo dos **sinais conversacionais**[13].

Como a alternância de vez é o aspecto formal mais evidente na situação de interacção face a face, representa, na minha opinião, um ponto de partida eficaz para a descrição do maior número de fenómenos - linguísticos, prosódicos ou não-verbais - que confluem na interacção: é uma categoria que possibilita a consideração, em simultâneo, dos interesses de cada participante e do desenvolvimento do tema, situações de reparação, processos de adaptação a cada nova situação, etc. Foi por isso com base nesse sistema de alternância de vez que os sinais conversacionais foram identificados e analisados, primeiro, relativamente à sua função de alternância de vez e, em seguida, relativamente às suas possíveis co-funções interactivas, topográficas e modais. A partir desta análise pude comprovar, entre outras coisas, que

- a função de alternância de vez é desempenhada pelos sinais conversacionais de alternância de vez;
- os sinais de alternância de vez são muito heterogéneos: podem ser representados pelas formas mais variadas, isto é, tanto por expressões mais ou menos complexas e elementos lexicais, como por simples realizações vocais e prosódicas ou ainda por fenómenos de natureza não-verbal[14];
- os sinais de alternância de vez, como um subgrupo dos sinais conversacionais, são, por via de regra, polifuncionais (porque podem desempenhar simultaneamente, com maior ou menor grau de dominância, qualquer uma das outras funções conversacionais) e polissémicos (uma só forma pode-se encontrar

[13] Cf. parte I, 4.2.2.

[14] Com já indiquei na parte I, 4.2.2, parto do princípio de que esta classificação funcional também se pode aplicar a certos movimentos do corpo, posturas, gestos, orientações de olhar, ou seja, à comunicação não-verbal.

no desempenho de mais do que uma função, até dentro do mesmo grupo funcional);
- na alternância de vez é comum o recurso a estratégias de focalização e de desfocalização. São usadas sobretudo pelo falante para orientar o desenvolvimento da interacção num determinado sentido, ou para chamar a atenção para alguma coisa;
- as actividades de falante e as actividades de ouvinte influenciam-se reciprocamente.

Este último ponto referente aos papéis de falante e de ouvinte é um factor determinante para a classificação e identificação dos sinais de alternância de vez.

2.3 Os papéis de falante e de ouvinte

Atrás foi mencionado que, no texto que serve de epígrafe a 2., além da falta de coerência e de sentido que se nota entre os enunciados, não se encontram elementos linguísticos que sinalizem qualquer tipo de relação estabelecida entre as quatro personagens. Na verdade, cada indivíduo fala para si, ninguém parece ouvir ninguém, não se podendo, pois, afirmar que esta "conversação" consista na realização simultânea de actividades de falante e de ouvinte. Parece tratar-se apenas de uma sequência de actividades de diferentes falantes, sem que alguém assuma o papel de ouvinte. Numa conversação ou interacção "normal", ou seja, numa interacção mais ou menos espontânea numa situação face a face, tal coisa geralmente não acontece. Pelo contrário, a partir do momento em que aceitam o compromisso de cooperar em conjunto na constituição do complexo de actividades que constituem a interacção, o falante e o ouvinte interagem e influenciam-se reciprocamente, falam e ouvem.

Para descrever as principais características destas duas categorias, retomo o que já foi apresentado em Rodrigues (1998: 37-39) relativamente às principais actividades e tarefas de quem desempenha o papel de falante e de quem desempenha o papel de ouvinte:

Falante: "a tarefa do falante consiste em conduzir a conversação, construindo e desconstruindo, determinando as estruturas das relações, o desenvolvimento temático e o rumo da conversação" (*ibid.*, 37). Nessa condução não se trata apenas de orientar o desenvolvimento temático dos enunciados, mas também de influenciar determinadas atitudes do ouvinte: "conduzindo a conversação de acordo com os seus interesses e dispondo do saber interaccional que estabelece normas ou estruturas de expectativas, [o falante] é capaz de antecipar as reacções do ouvinte às actividades que produz e poderá até mesmo antecipar as reacções do ouvinte a um comportamento contrário às normas sociais" (ibid.) .

Ouvinte: "a tarefa do ouvinte consiste em conduzir a conversação activamente, através de reacções linguísticas e não-linguísticas, ou seja, acompanhar e controlar a conversação através de comportamentos de retorno" (ibid.). Através das suas actividades, o ouvinte também influencia o desenvolvimento da conversação, na medida em que qualquer sinal

de retorno tem consequências futuras que devem, por isso, ser sempre calculadas. Através dos sinais (verbais e não-verbais) de retorno, o ouvinte pode expressar atenção, compreensão, incompreensão, acordo ou desacordo. Posto isto, pode dizer-se que na interacção há um controle recíproco entre falante e ouvinte (*ibid.*, 38).

Foram também referidas actividades do ouvinte que correm o risco de ser interpretadas como sendo actividades de falante. Embora se assemelhem a actividades normais de falante, são interpretadas como actividades de ouvinte, porque, ao emiti-las, o ouvinte não mostrou o mínimo interesse em tomar a vez para dar a sua própria orientação à interacção. Há ainda actividades de ouvinte através das quais ele reclama a vez, mas não chega a continuá-la, visto haver outro parceiro interessado em continuar a detê-la.

Outro factor a considerar na interacção é o grau de compromisso ou de motivação dos interactantes, ou seja, o interesse que cada um mostra em participar na interacção. Conforme esse grau de participação, foram descritos os seguintes tipos específicos de ouvinte:

- **ouvinte ideal** - ouve e participa activamente na conversação, mantendo o seu ponto de vista e demonstrando uma determinada intenção;
- **ouvinte passivo** - desempenha o seu papel de não-falante e leva a que a conversação termine rapidamente por falta de intercomunicação;
- **ouvinte simulante** - dá a entender estar com atenção, mas de facto não está e não pretende participar activamente na conversação, inclusive preparar-se para o seu papel de falante[15].

No que diz respeito ao falante, podem-se ter em conta duas situações extremas:

- o falante que toma a vez apenas para "quebrar o silêncio" e que a pode terminar em qualquer momento mais preferido;
- e o falante chamado "egocêntrico", "que não está interessado em ouvir a opinião dos outros, colocando perguntas cujas respostas não está interessado em ouvir, mantendo a vez e orientando o tema noutras direcções" (*ibid.*, 39). Neste caso, desmotivação e distanciamento do ouvinte podem levar o falante a terminar a sua vez.

A especificação que aqui se faz dos papéis interaccionais é pouco comum. Na maioria dos casos não é dada grande importância à definição do que implica ser o falante e ser o ouvinte. Na verdade, em grande parte dos trabalhos que focam questões de alternância de vez, a distinção entre estes dois papéis consiste no facto de um estar calado e o outro falar. Aquele que fala é o falante, o que escuta é o ouvinte. As verbalizações que são tipicamente atribuídas ao ouvinte são os sinais de retorno, conhecidos, em inglês, por *feed-back signals* ou *continuers* (cf. Schegloff, 1982[16]). As actividades do ouvinte

[15] Na parte I, 1.2.4, nota 14, foram descritos outros tipos de ouvinte (de Goffman).

[16] "Perhaps the most common usage of 'uh huh', etc. (in environments other than after yes/no questions) is to exhibit on the part of its producer an understanding that an extended unit of talk is underway by another, and that it is not yet, or may not yet be (even ought not yet be), complete. It takes the stance that the

também podem consistir em enunciados mais prolongados, através dos quais ele emite um comentário sem, contudo, pretender tomar a vez. Esses casos, são classificados por muitos autores como actividades do falante (cf. Schegloff, 1972, 1979). De facto, há situações em que é difícil distinguir em que medida é que uma intervenção do ouvinte também pode ser classificada como actividade do falante. Na minha opinião, não é por meio de regras que se classifica essa actividade do tipo comentário como sendo do falante ou do ouvinte. Ela só pode ser classificada caso a caso, tendo em vista todo o contexto interaccional e o desenvolvimento da interacção. O único critério que se pode considerar tem a ver com questões atitudinais resultantes de vários factores contextuais: o falante é aquele que pensa e constata que tem a vez, porque a quer ter, ou porque pensa que lhe foi atribuído o direito à vez; o ouvinte limita-se a avaliar o que é transmitido pelo falante e a emitir (ou não) a sua opinião.

Mas, como se sabe, ser falante e ser ouvinte implica muito mais do que apenas falar e ouvir. Aliás, a influência mútua também se pode exercer através dos outros sentidos - visão, tacto e olfacto. E porque, no presente trabalho, a análise dos sinais de alternância de vez também dá conta dos sinais não verbais e se baseia no facto de um enunciado ter sido realizado por um falante ou por um ouvinte, convém redefinir estes dois papéis interaccionais.

Na interacção face a face tanto o falante como o ouvinte, ao mesmo tempo que desempenham, em simultâneo, a dupla tarefa de falar e de ouvir, fazem uso do canal visual, através do qual se apercebem, acima de tudo, do que se passa à sua volta. É pelo canal visual, filogeneticamente desenvolvido para reagir, em fracções de segundo, a qualquer movimento[17], que o falante percepciona e descodifica qualquer reacção não--verbal do ouvinte, por meio da qual ele manifesta o seu acordo, agrado ou desacordo ou fornece outra informação adicional. Este sinal, que não se pode ouvir evidentemente numa gravação áudio, mas que está bem visível numa gravação vídeo, apresenta-se como um elemento muito importante para o desenvolvimento da interacção. Por exemplo, ao mesmo tempo que o falante capta visualmente um sinal do ouvinte, o ouvinte observa o modo como o falante recebe esse sinal e (re)orienta o desenvolvimento do seu tema ou a apresentação da sua informação. A partir da postura, movimentos da cabeça ou gestos do falante, o ouvinte interpreta a atitude deste relativamente ao seu comentário não-verbal, ao parceiro, etc. Há, assim, um controle e uma adaptação mútuos e constantes, mais ou menos acentuados conforme o grau de envolvimento de cada um. Um maior grau de envolvimento (emocional) do falante e do ouvinte realça a natureza interaccional da conversação de tal modo que, como sugere Tannen (1989: 12), "both speaking and

---

speaker of that extended unit should continue talking ... 'Uh huh' etc. exhibit this understanding, and take this stance, precisely by passing an opportunity to produce a full turn at talk. When so used, utterances such as 'uh huh' may be properly be termed 'continuers' (Schegloff, 1982: 81). Como já foi referido, estes *continuers* também expressam acordo ou desacordo. Segundo F. Müller (1996), na expressão de acordo estes *affiliating tokens* apresentam características prosódicas que condizem com as características prosódicas da vez do falante, i.e., as reacções do ouvinte são "more in touch, 'in tune' and in rhythm' with the emerging talk of their environment than are their disaffiliating counterparts" (Müller, 1996: 163). Cf. também Ehlich (1979) e Rodrigues (1998: 171 segs).

[17] "The organism, to whose needs vision is geared, is naturallly more interested in changes than in immobility" (Arnheim, 1969: 20).

listening include elements and traces of the other". Concluindo, tanto o falante como o ouvinte podem realizar ao mesmo tempo quatro tipos de actividades: cada um deles pode ser falante, ouvinte, actor e observador. Como afirma Tannen (ibid.), o falante é um "co--listener", o ouvinte um "co-author".

Posto isto, seria aconselhável usar designações que reflectissem melhor estas quatro dimensões. Para evitar uma maior pulverização na terminologia e atendendo a que se parte do princípio de que um **falante**, na interacção face a face, capta o que se passa à sua volta através dos canais visual e auditivo e emite, falando e agindo, sinais que podem ser percepcionados respectivamente através dos canais auditivo e visual (não esquecendo os outros sentidos, como o olfacto e o tacto), nada indica que não se possa continuar a usar este termo para designar o indivíduo que detém a vez. O mesmo se passa com o termo **ouvinte.**

2.4 Estado sócio-cognitivo, condicionamentos externos e estruturas de expectativas

Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) foram algumas vezes criticados (cf. Bergmann, 1981; Schmitz, 1998c: 42) por apresentarem um modelo "elementar" que, na realidade, parece descrever uma coisa que não se verifica. De facto, na maioria dos casos, a alternância de vez não se processa de um modo suave; pelo contrário, constatam-se com frequência sobreposições de enunciados de dois ou mais parceiros, pausas vazias e cheias, etc. Por exemplo, o enunciado do falante actual pode ficar sobreposto com o enunciado do ouvinte que reclama a vez. Aliás, também pode ser realizado simultaneamente com sinais de retorno mais prolongados do ouvinte, através dos quais ele apenas emite um comentário sobre a vez do falante sem manifestar o desejo de tomar a vez. Outro exemplo de uma situação menos fluida é aquele em que o falante actual pretende ceder a vez e nenhum dos parceiros manifesta intenções de a tomar. Para evitar o silêncio[18], o falante vai repetindo informações já dadas, esforça-se por preencher o seu "tempo de antena" com material linguístico e/ ou verbal de significado impreciso e vago, ou então recorre a outros tipos de estratégias que conduzam um parceiro a uma tomada de vez.

Para melhor abarcar todos os factores que entram em jogo e estão envolvidos numa situação de interacção, pode-se partir do princípio de que existem dois pólos antagónicos: num encontra-se tudo o que é culturalmente determinado, em que se inserem, entre outras coisas, as regras de alternância de vez e questões de defesa de imagem descritas pela teoria das faces de Brown/Levinson (1978); no outro, encontra-se tudo o que tem a ver com as necessidades pessoais de cada indivíduo. Há ainda outro nível em que se enquadram as relações entre os interesses de cada um. Sendo assim, qualquer participante numa situação de conversação está sujeito a tensões de vária ordem, e, para que a comunicação se realize de um modo cooperativo e eficaz, é necessário encontrar um equilíbrio entre todas estas forças.

[18] A situação de compromisso criada pela co-presença numa interacção parece pressionar sempre os interactantes a preencher o tempo (e o espaço) com formas de comunicação verbal e não-verbal.

Para referir os aspectos que estão envolvidos no desempenho dos papéis de falante ou de ouvinte, Yngve (1970) introduz o conceito de *state of mind*[19]. Este conceito refere todas as informações contextuais, linguísticas e não-linguísticas de que o falante precisa na sua actividade comunicativa, ou seja, informações relativas ao contexto, à modalidade comunicativa e ao papel que desempenha (Yngve, 1970: 569). É esta variável que distingue o comportamento de um indivíduo que tem a vez do comportamento de um indivíduo que não a tem.

Na minha opinião, este conceito de *state of mind* pode ser visto como um estado originado por factores de natureza distinta:

1. como um **estado socialmente determinado**, resultante da aplicação das regras de alternância de vez que proporcionam a um indivíduo um papel específico num determinado intervalo de tempo;

2. e como um **estado de natureza informacional-cognitiva e psicológica**, que resulta da influência de factores internos e externos, não de natureza reguladora (como as regras de alternância de vez), mas ligados a questões de motivação e de atitude do próprio e dos outros parceiros, às necessidades de cada um, aos respectivos interesses relativamente ao desenvolvimento do tema, etc.

Desse **estado sócio-cognitivo** é que depende o modo como um indivíduo orienta, desenvolve e estrutura um tema, o modo como se relaciona com os seus parceiros e, consequentemente, estes últimos com ele, o modo como conduz a interacção para satisfazer os seus interesses o melhor possível, ao mesmo tempo que é condicionado pelos interesses dos outros. Assim, pelas razões acima referidas sobre a procura de equilíbrio, as necessidades pessoais de cada indivíduo são permanentemente condicionadas não só pelas necessidades do(s) parceiros, mas também por circunstâncias de natureza sócio-cultural, como as regras de alternância de vez. Nesse sentido, ao mesmo tempo que o estado informacional-cognitivo e psicológico de um indivíduo o pode levar a orientar as suas actividades para uma violação das regras de alternância de vez (impelindo-o, por exemplo, a interromper o falante actual só porque sente uma grande vontade de emitir uma opinião, tomando a vez), a necessidade de um bom relacionamento com o parceiro (que implica deixá-lo terminar a sua vez, não constituindo assim uma ameaça à sua face) contra-orienta esse impulso no sentido de o obrigar a respeitar essas regras[20].

---

[19] "through state of mind we are able to account for the variability of behavior; a means is provided whereby the situational context can be taken into account; we can handle in a unified way, and allow for the interrelations of, all of the various communication modalities, be they verbal, visual, or others; and through state of mind we can provide signalling activities with significance through changes in state" (Yngve, 1970: 576).

[20] Estes factores externos que condicionam as actividades interaccionais de um indivíduo têm alguns pontos comuns com os **condicionamentos do sistema** e com os **condicionamentos rituais** de Goffman (1976: 264- -265). Cf. parte I, 1.2.2, nota 18.

Como foi atrás referido, a alternância de vez é concretizada através de diversos meios de diferentes formas. Esses meios são escolhidos de acordo com a situação específica do mecanismo de alternância de vez e com as intenções de cada participante. Assim, um modo de manter a vez sem ser desagradável para o parceiro que a pretende tomar pode consistir em aumentar a intensidade da voz e desviar dele o olhar, ou focalizar através de actos metacomunicativos a informação que ainda se pretende dar. Este facto leva-me a concluir que a tensão gerada pela relação entre o referido estado informacional-cognitivo e psicológico de um indivíduo e as determinações culturais impostas teve um papel decisivo no desenvolvimento de um vasto paradigma de sinais e de estratégias de alternância de vez (mais ou menos explícitos, mais ou menos marcantes), cujo desempenho é interaccionalmente eficaz. Através deles, um interactante dá a entender aos outros parceiros se pretende tomar, manter ou ceder a vez, ou então desempenhar o papel de ouvinte, de tal modo que os outros podem interpretar antecipadamente as suas intenções e agir do modo que melhor entendem. Em termos da Teoria da Contextualização, estes meios contextualizam o que vai ser dito/feito, o que se está a dizer/fazer e o que se disse/fez, de modo a que todos os interactantes possam planear as suas actividades e descodificar as actividades dos outros.

Nestes processos de planeamento e de descodificação de actividades conversacionais está em jogo aquilo que Gumperz (1982: 170) chama estruturas de expectativas. Estas estruturas formam-se a partir do conhecimento de mundo que cada indivíduo vai adquirindo ao longo da sua socialização. É, por exemplo, este conhecimento do mundo que diz se algo pode ou não constituir uma ameaça para a face de alguém, se algo vai ser entendido deste ou daquele modo pelo parceiro, ou quais são as consequências de um ou de outro determinado modo de agir. E porque se dispõe do conhecimento sobre o que, por via de regra, se pode esperar numa ou noutra situação, é possível orientar todas as actividades interaccionais de acordo com essas estruturas e com os próprios interesses[21].

2.5 Funções de alternância de vez

Para completar a descrição do que se entende por alternância de vez e dos fenómenos que estão implicados nesse mecanismo, quero ainda explicar com mais pormenor, como foi atrás anunciado, o que caracteriza cada uma das subfunções de alternância de vez, a saber, a tomada, a manutenção, a cedência, o retorno e a reclamação da vez.

Os três primeiros casos (tomada, manutenção e cedência) têm a ver com actividades do falante. A **tomada de vez** refere todas as actividades que estão envolvidas no processo de um interactante deixar de ser ouvinte para passar a ser falante. Essa passagem pode ser uma reacção a uma solicitação do falante antecedente (uma resposta a uma pergunta, por exemplo) ou o resultado de uma iniciativa própria, de acordo com uma intenção do

[21] Como sugere Gumperz (1982: 170), a interpretação dos enunciados requer, em primeiro lugar, um *judgement of expectedness* e, em segundo lugar, a procura de uma interpretação que faça sentido, tendo em conta o saber resultante da experiência pessoal de cada um e o que se percepciona. A interpretação difere da inferência, na medida em que esta última envolve a percepção de pistas de contextualização que relaciona com outros sinais identificados.

próprio indivíduo. Isso acontece, de preferência, num momento favorável da vez do outro, ou seja, num PT (ponto de transição). Se o falante, que então ainda detém a vez a prolongar para além desse PT, ao mesmo tempo que o outro parceiro começa a falar porque a pretende tomar, dá-se uma sobreposição de vezes; tais sobreposições são, na maioria dos casos, de curta duração. Se, porém, o falante que ainda detém a vez pára de falar no momento em que o parceiro a quer tomar, é porque se mostra disposto a cedê-la; o parceiro que continua a falar passa automaticamente a ser o falante actual, isto é, toma a vez.

Acontece também que muitas actividades do falante, através das quais ele queria realizar uma **cedência de vez,** não chegam a poder ser classificadas como tal porque não são seguidas por uma tomada de vez. Nesses casos, embora o falante dê a sua contribuição por terminada, mas se mais nenhum parceiro tomar a vez a seguir, ele pode ver-se na obrigação de a continuar. Estas situações são reguladas pela segunda regra de alternância de vez de Sachs/Schegloff/Jefferson (1974: 724). Nessa **manutenção de vez** forçada encontram-se com frequência repetições de informações já tratadas, elementos vagos e imprecisos e hesitações. Por vezes, o falante acaba por introduzir um novo tema, dando uma nova orientação à interacção, ou então encontra um modo, mais ou menos explícito, de incitar um dos parceiros a tomar a vez, ou seja, um modo de ceder a vez.

Além deste caso específico, o conceito de **manutenção de vez** reporta-se, como já vimos atrás, tanto ao facto de se ter o direito à palavra, um estado passivo, como aos estados de não querer perder, ou de querer defender o direito à palavra. Isso implica uma atitude activa de evitar que algum parceiro ocupe o lugar de falante. Para isso, o falante produz os seus enunciados de modo a ser interrompido o menos possível pelos parceiros, verbalizando, da melhor maneira, as informações que lhes pretende transmitir. Com "melhor maneira" quero dizer "o modo mais fácil e menos fatigante de transmitir a informação para que esta seja facilmente descodificada pelo ouvinte". Assim, o falante recorre, muitas vezes, a informações adicionais fornecidas à parte do desenvolvimento temático da vez, que dão aos ouvintes as pistas necessárias para uma descodificação e interpretação correcta (i.e., do modo intencionado pelo falante) da sua vez. Por isso, os desvios e retomas do tema, por exemplo, são marcados como tal pelo falante (sinais de retoma). Aliás, essas marcações podem assumir uma dupla função, pois ao mesmo tempo que facilitam a descodificação por parte do ouvinte, apoiam o próprio falante na estruturação e no planeamento da sua vez.

Para poder continuar a vez conforme o planeado, o falante necessita, com certa frequência, de uma confirmação do ouvinte relativamente ao seu grau de atenção, compreensão ou acordo. Para isso, recorre a meios que provocam uma reacção (sinal de retorno) no segundo. Estes casos específicos de manutenção de vez foram designados por **pedidos de retorno** (cf. Rodrigues, 1998: 86). Outras vezes, para manter o ouvinte sempre atento e convencido da importância e veracidade da informação que está a receber, o falante recorre a meios que lhe permitem reforçar o conteúdo dos seus enunciados (sinais de **reforço informativo**).

O **retorno** e a **reclamação de vez** são marcas específicas do ouvinte. Através dos sinais de retorno o ouvinte manifesta toda uma escala de atitudes relativamente à vez do falante, e que estão representadas no seguinte esquema:

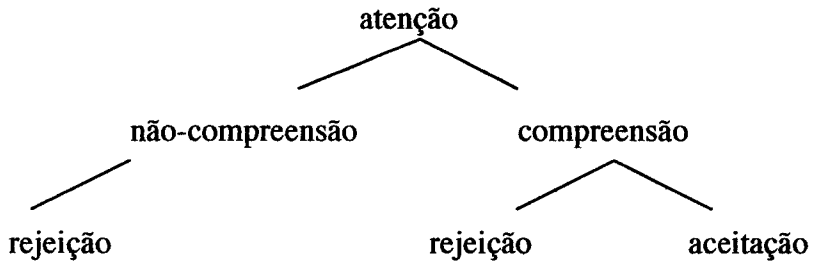


Figura 2/1: Classificação dos sinais do ouvinte (cf. Rodrigues, 1998: 91)

Sinal de retorno é a designação geral para qualquer tipo de sinal, quer indique os valores positivos de atenção, compreensão e acordo, quer indique os valores negativos de não--compreensão e desacordo (não-atenção implica não ser ouvinte). Para referir exclusivamente as actividades do ouvinte de reforço positivo, que expressam atenção, compreensão e aceitação, recorri à expressão **sinal de realimentação** (cf. Rodrigues, 1998: 91 segs.). Qualquer manifestação positiva do ouvinte apoia o falante nas suas intenções comunicativas. Em contrapartida, os sinais que expressam desacordo e não-compreensão obrigam, geralmente, o falante a uma reorganização da sua vez, a uma mudança da orientação até aí seguida. Muitas vezes o falante chega a suspender as actividades em curso para cooperar com o ouvinte, atendendo às suas necessidades, para, em seguida, retomar as actividades interrompidas.

A **reclamação de vez** refere-se a todas as situações em que um ouvinte pretende passar a desempenhar o papel de falante sem, no entanto, o conseguir. Quando eventualmente tem sucesso, todos os sinais de reclamação de vez são considerados como parte integrante do processo de tomada de vez .

2.6 Sinais verbais na função de alternância de vez

Todas as situações de alternância de vez atrás descritas são realizadas pelos respectivos **sinais de alternância de vez**[22], definidos como os meios a que os interactantes podem recorrer para realizar as negociações relativamente aos seus papéis interaccionais (cf. Rodrigues, 1998: 76 segs.). Estes sinais podem ser de natureza prosódica, lexical, sintáctica, semântica e não-verbal.

Já Yngve (1970) chamara a atenção para sinais sintácticos, semânticos e supra--segmentais que podem funcionar na alternância de vez (Yngve, 1970: 569) e Duncan (1972, 1973, 1975, 1980), Duncan/Fiske (1977) e Duncan/Brunner/Fiske (1979)

[22] Cf. parte I, 4.2.2.4.

apontaram fenómenos sintácticos, entoacionais, paralinguísticos e movimentos do corpo como sinais relevantes para a alternância de vez. A Duncan devem-se muitas das designações e distinções de diferentes tipos de sinais de alternância de vez: dele são as noções de *turn-yielding signal* (sinal de cedência de vez) (Duncan, 1973: 38), mais tarde designado por *speaker-turn signal* (Duncan, 1975: 202), e de *back-channel communication* (Duncan, 1972: 286-287). Na descrição do funcionamento da alternância de vez, Duncan destaca ainda o *claim-suppressing signal* (o sinal de barramento do falante que evita que o ouvinte queira tomar/tome a vez) (Duncan, 1973: 34), que parece ter sido mais tarde considerado no grupo dos *speaker gesticulation signals* (Duncan, 1975: 202), o *within-turn signal* (*speaker within-turn signal* em Duncan, 1975: 206), realizado pelo falante para marcar unidades da sua comunicação a um nível hierárquico imediatamente abaixo daquele em que se encontrava, momento em que geralmente se realiza uma resposta de *back-channel* do ouvinte (Duncan, 1973: 34) e o *turn-claiming signal*, emitido pelo ouvinte quando quer tomar a vez (ibid.). Estas variações terminológicas reflectem a procura da fixação de um termo mais apropriado para uma designação precisa dos factos.

Tendo isso em conta, em Rodrigues (1998) pretendi elaborar uma classificação dos sinais de alternância de vez que considerasse não só as situações específicas referidas por Duncan, mas também quaisquer outras que detectasse a partir da análise do *corpus*. Através dessa análise pude comprovar as propriedades de polifuncionalidade e de polissemia dos sinais de alternância de vez: depois de salientar algumas características formais e funcionais dos sinais de alternância de vez verbais, mostrei que, embora se verifiquem certas preferências formais para o exercício de determinadas funções, qualquer forma verbal (linguística e não-linguística) é susceptível de assumir qualquer uma das funções de alternância de vez (*ibid.*, 103 segs.). Para facilitar a compreensão da descrição dos exemplos 1-37 no próximo capítulo, passo a relembrar as características dos diferentes sinais de alternância de vez detectados em Rodrigues (1998).

Os **sinais de tomada de vez**, definidos como os elementos que apoiam o falante na assunção ou imposição do papel de falante, dependem do tipo de acto em que se realiza essa tomada de vez. Podem surgir a) em actos iniciativos, com a finalidade de interromper o falante antecedente e/ou de chamar a atenção do ouvinte para o que vai ser dito, ou b) em actos reactivos, ou seja, a seguir a uma cedência de vez, com a intenção de marcar o direito à vez. Assim,

1) "encontramos anúncios em actos reactivos, através dos quais o falante ganha tempo para estruturar o pensamento, ao mesmo tempo que conquista a atenção e curiosidade dos ouvintes;
2) sinais mais breves de chamada de atenção, que podem ser lexicais ou corresponder a determinadas estruturas frásicas, surgem em actos iniciativos;
3) a tomada de vez através de sinais de acordo é típica em actos reactivos; a expressão do descordo encontra-se, por sua vez, ligada não só a actos reactivos, mas também, e sobretudo, a actos iniciativos;
4) a tomada de vez através da repetição de frases é típica dos actos iniciativos, pois o falante necessita de marcar a sua posição;

5) os sinais interactivos, que estabelecem a relação com o que foi dito anteriormente para introduzir um novo acto, são típicos dos actos iniciativos;
6) os restantes sinais encontram-se igualmente distribuídos pelos dois tipos de actos" (*ibid.*, 128).

Os **sinais de manutenção de vez**, os elementos que apoiam o falante na manutenção do seu papel (por vontade própria ou por imposição exterior), também apresentam formas variadas. No desempenho desta função

1) "pudemos observar estratégias de focalização onde se distinguem vários tipos de anúncios, construções pseudo-clivadas e focalizações semânticas;
2) mencionei também a importância da força argumentativa de uma vez: quanto melhor o falante souber argumentar, mais facilmente evitará que alguém o interrompa e tome a vez; (...)
3) as repetições servem, por via de regra, como elementos de ligação entre unidades interrompidas (tanto por outro como pelo próprio falante) e mostram ser eficazes como sinais de manutenção de vez nos momentos críticos em que o ouvinte reclama a vez. Aí a entoação desempenha um papel importante;
4) os sinais de hesitação, ou seja, as pausas cheias que correspondem a momentos de hesitação do falante, são também frequentes. Aqui convém salientar as pausas cheias por elementos lexicais sem valor informativo, mesmo a nível interaccional, e as palavras de significação imprecisa, que parecem corresponder a falhas na informação;
5) os sinais topográficos e interactivos têm também uma função relevante na marcação de pontos de continuação da vez;
6) os sinais de pedido de retorno e os sinais de reforço informativo estão funcionalmente bastante próximos, a sua distinção depende das diferentes consequências que têm na sequencialidade do discurso - aos sinais de pedido de retorno segue-se uma actividade de retorno do ouvinte; aos sinais de reforço informativo não se segue actividade de ouvinte, mas sim a continuação da vez do falante" (*ibid.*, 156).

Os **sinais de cedência de vez**, que se verificam quando o falante cede voluntariamente a vez, levando o ouvinte a tomá-la, quando cede a vez perante a reclamação de vez efectuada pelo ouvinte, ou perde a vez por interrupção (tomada de vez) do falante seguinte, apresentam características diferentes nos actos iniciativos e nos actos reactivos:

1) "Nos actos iniciativos, onde está implícita a iniciação de uma sequência, a cedência de vez apresenta as seguintes formas:
    a) frase interrogativa;
    b) frase declarativa com apenso (pergunta-*tag*), a chamada técnica de saída;
    c) frase declarativa contendo partículas modais (como "*se calhar*" e "*então*"), verbos modais (como no caso de "podia") e advérbios modais (como "*talvez*")" (*ibid.*, 170).
2) Nos actos reactivos, a cedência de vez caracteriza-se por

a) um afastamento do tema conseguido através de um acto conversacional de carácter conclusivo,
b) uma diminuição da carga informativa e,
c) acima de tudo, pelos dois fenómenos que marcam o fim da vez: entoação descendente ou ascendente-descendente (exclamativa) e pausa vazia.

3) Outras cedências de vez, não voluntárias, dependem de eventos externos (interrupção por outro falante) e/ou internos (hesitações ou imprecisões no desenvolvimento da vez). A ocorrência destes eventos representa momentos propícios para a cedência de vez, ou, mais concretamente, para a perda de vez" (*ibid.*, 171).

Os **sinais de retorno** e **de realimentação** têm, geralmente características diferentes conforme expressam atenção, atenção e compreensão, atenção compreensão e acordo, ou atenção, não-compreensão e desacordo do ouvinte perante o enunciado do falante:

1) "Os sinais conversacionais de retorno na expressão de atenção, compreensão e acordo, i.e., os sinais de realimentação, realizam-se geralmente num PT[23] e apresentam-se de várias formas (limito-me aqui aos sinais verbais):
   a) sinal "*mm*" ou "*mm mm*" com várias entoações;
   b) sinais afirmativos, como "*pois*", "*é verdade*", "*exacto*" e "*claro*" que designam apenas o acordo, ou outros sinais que comportam mais informações sobre a atitude do ouvinte, como "*ora bem*", "*ora muito bem*" e "*pronto*".
   c) interrogações que implicam a compreensão do que foi dito e explicitam, por exemplo, a surpresa ou admiração do ouvinte;
   d) repetições das últimas palavras da vez do falante;
   e) completações (ou acrescentos) da última frase do falante;
   f) paráfrases da vez do falante.
2) Os sinais de retorno que exprimem desacordo podem ser representados por
   a) sinal "*mm mm*", realizado com entoação descendente-descendente e com uma nasalação mais alongada;
   b) partículas de negação;
   c) perguntas, devidas tanto a uma incompreensão por motivos acústicos, como ao desacordo do ouvinte.
3) Outros sinais de retorno são comentários breves que tanto podem constituir uma mensagem discordante, como concordante. Na maioria dos casos do presente *corpus*, os comentários realizam-se fora do PT e constituem uma ameaça para a face do falante, mas não são notadas por ele.

Os **sinais de reclamação de vez** são realizados quando o ouvinte pretende tomar a vez para, como falante, emitir a sua opinião, independentemente de esta ser contrária ou não à vez do falante actual. Aí pode encontrar circunstâncias adversas a uma tomada de vez: ou a reclamação de vez se realiza durante a vez de um falante que a bloqueia imediatamente através de um sinal de manutenção de vez, ou a reclamação de vez se realiza numa

[23] Lembre-se que PT significa ponto de transição, cf. parte II, 2.1.

situação de competição com outro participante que pretende também adquirir o direito à vez e o consegue. Como na tomada de vez, a reclamação de vez inicia-se frequentemente em PTs ou em momentos de hesitação do falante, propícios a uma tomada de vez" (*ibid.*, 186-187). Os sinais de reclamação de vez seguem as estratégias encontradas nos sinais de tomada de vez (cf. *ibid.*, 91 segs.).

Uma análise quantitativa sobre um *corpus* mais extenso permitiria realizar uma sistematização mais completa e mesmo elaborar uma lista das formas de sinais de alternância de vez verbais (e não-verbais) mais comuns no desempenho de uma ou de outra função. Não é esse, porém, o objectivo deste trabalho. Pelo contrário, a presente análise é mais qualitativa do que quantitativa, na medida em que abrange também as modalidades não-verbais e procura detectar o modo como as unidades de comunicação emitidas pelo corpo humano - elementos verbais, fenómenos prosódicos e manifestações não-verbais - intervêm na alternância de vez noutras funções conversacionais e se relacionam entre si.

Como a consideração de toda a gama de sinais de alternância de vez seria uma tarefa demasiado extensa e, por isso, dificilmente "aprofundável", escolhi os *sinais de manutenção de vez* como os "representantes" dos quatro grandes grupos de sinais de alternância de vez. Para justificar esta escolha, segue-se uma descrição mais pormenorizada da função de manutenção de vez, assim como do sistema de reparação, um mecanismo ligado à alternância de vez e de grande importância no caso específico da manutenção de vez.

2.7 Características da manutenção de vez

Tendo sido indicadas algumas formas de sinais de alternância de vez, inclusive dos sinais de manutenção de vez, falta ainda descrever, com mais precisão, em que consiste esta função. Em consequência com o que foi dito atrás, por **manutenção da vez** entende-se não só, a detenção, por parte do falante, da ocasião para se exprimir, para usar da palavra, durante um dado intervalo de tempo, mas também o uso de determinados meios, através dos quais dá indicações ao(s) ouvinte(s) sobre o seu estado de detenção da palavra. Esses meios são os sinais e estratégias de manutenção de vez.

Atendendo a que, quando alguém detém a vez, pretende fornecer uma determinada informação aos outros parceiros da interacção, nem que seja apenas para estabelecer uma simples comunicação, parte-se do princípio que qualquer unidade de informação, uma vez iniciada, vai ser completada. Essa unidade de informação está estruturalmente representada por uma *gestalt* sintáctica fechada (cf. Auer, 1996)[24]. Cada *gestalt* sintáctica comporta uma determinada informação e, se não for realizada na sua totalidade, é

[24] Como no caso da língua falada as estruturas sintácticas diferem com frequência das regulamentadas por regras gramaticais, Auer sugere o termo *syntactic gestalt* (Auer, 1996: 59) para designar a completude sintáctica de um enunciado.

possível que um ouvinte tenha dificuldades em descodificar adequadamente a informação que o falante lhe pretende transmitir.

Como já foi referido, os diferentes aspectos que contribuem para a completação da *gestalt* sintáctica foram tratados por Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) em termos de pontos de transição (PTs). Os autores sugerem que os pontos de completação frásica representam os momentos mais favoráveis a uma transição da vez do falante actual para o falante seguinte. Aliás, de acordo com as regras de alternância de vez formuladas por Sachs /Schegloff /Jefferson (1974), o ouvinte espera que o falante termine a sua vez para poder assumir o papel de falante (parte-se aqui do princípio que se trata de uma alternância de vez "ideal", em que o falante produz frases completas, com ideias completas). Sendo assim, a própria não-completude frásica, ou, melhor, a não-completude da *gestalt* sintáctica, constitui um sinal de que o falante ainda não terminou a sua vez. Chegado a um PT, o falante sabe que atingiu um momento favorável a uma tomada de vez por parte de outro parceiro; por sua vez, o ouvinte sabe que, se quiser tomar a vez, o deverá fazer no PT. Isto é, se ambos tiverem como objectivo transições de vez suaves, sem conflitos, nem sobreposições da fala, agem de acordo com as regras sugeridas por Sachs/Schegloff/Jefferson (1974) e que regem a alternância de vez ideal. Sempre que um falante pretende deter a vez para além de um PT, fornece (na maioria dos casos, inconscientemente) as indicações necessárias ao ouvinte para que ele não projecte uma possível tomada de vez para esse ponto. Essas indicações têm uma dupla função: por um lado, assinalam ao ouvinte que o falante ainda não terminou a vez; por outro lado, dirigem a atenção do ouvinte para o que vai ser dito. Sob o ponto de vista formal são muito heterogéneas. Tanto podem ser transmitidas através do canal verbal, como do canal não-verbal e são percepcionadas pelo(s) ouvinte(s)-observador(es) pelos canais auditivo e visual.

Como foi descrito em Rodrigues (1998: 129-156), dentro da função global de manutenção de vez, destacam-se subvenções mais específicas, como a de **pedido de retorno** e a de **reforço informativo** (ligadas respectivamente a situações da vez em que o falante ou pede um sinal de retorno do ouvinte e/ou reforça o conteúdo do que disse); outras têm a ver com momentos em que o falante **retoma a vez** a seguir a) a um sinal de retorno do ouvinte em forma apenas de uma simples manifestação de acordo ou de desacordo; b) a um comentário que, por sua vez, dá origem a uma sequência realizada à parte da vez; ou c) a uma reclamação de vez em que o falante tem que usar determinadas estratégias (como a repetição de partes de enunciados e/ou do aumento da intensidade da voz) para impedir o ouvinte de tomar a vez (cf. *ibid.*, 135-140). Neste último caso pode--se falar de uma situação de **defesa da vez**. Referi ainda várias estratégias verbais que chamam a atenção sobretudo para o que vai ser dito: as actividades preparatórias que podem ser concretizadas por meio de **anúncios** - com a propriedade de avisar os ouvintes sobre o valor ilocutivo, conteúdo proposicional ou modalidade do que vai ser dito a seguir (ibid. 77, 129-131) - e por meio de outras estratégias de focalização sintáctica (construções clivadas e pseudo-clivadas) e focalização semântica (elementos lexicais que, pelo seu significado, têm uma posição mais proeminente) (*ibid.*, 133-135). Apontei também as hesitações, devidas a problemas de estruturação do pensamento, que se manifestam em repetições de sílabas, prolongamentos de sons, vocalizações ou na

produção de elementos lexicais sem carga informativa que evitam apenas a interrupção da cadeia fónica (*ibid.*, 140-144).

2.8 Reparação e (des)focalização na manutenção de vez

Recordo que outro aspecto que ficou por tratar em Rodrigues (1998) consiste num mecanismo que está orientado para a eficácia e para a qualidade da transmissão da informação, conhecido por **organização da reparação**. Este mecanismo opera, proactiva ou retroactivamente, a cada momento de produção dos enunciados, zelando por uma produção o mais adequada e "gramatical" possível. Como iremos ver adiante, a reparação desempenha um papel importante na manutenção da vez, porque não só actua em hesitações, procurando um elemento verbal que melhor expresse aquilo que o falante pretende dizer, mas também assinala um segmento da vez como sendo a correcção de algo que foi retroactivamente avaliado como "errado" ou "inadequado" pelo falante ou pelo ouvinte[25]. Foi este o motivo que me levou, no presente trabalho, a analisar cuidadosamente a manutenção de vez tomando a reparação como ponto de partida. Parto, ainda, do princípio de que esta perspectiva de abordagem permite mostrar que a maioria dos sinais de manutenção de vez acima mencionados constitui diferentes tipos de reparação, em que estão envolvidas actividades não só de repetição e de substituição, mas também de focalização (e de desfocalização). Estes aspectos gerais, assim como outros específicos do funcionamento da reparação, serão exemplificados através da análise do primeiro grupo de exemplos retirados do *corpus*. Com esta análise pretende-se comprovar que tanto na organização da reparação como na manutenção de vez estão envolvidos processos de focalização e de desfocalização. Por este motivo, será também dada especial atenção a cada uma das estratégias verbais e não-verbais de focalização e de desfocalização mais comuns no desempenho (em simultâneo) das funções de reparação e de manutenção de vez.

Atendendo à complexidade e à quantidade das modalidades de comunicação analisadas, e para melhor entendimento do modo como funciona a **reparação** e a **(des)focalização**, a descrição de cada grupo de exemplos será precedida por uma apresentação teórica breve dos conceitos mais importantes para o tratamento do assunto em questão. Segue-se, por isso, uma descrição breve de alguns estudos sobre a reparação.

[25] Tais casos já foram referidos na parte I, 4.1, na descrição de frases incompletas, típicas da língua falada.

3. AUTO-REPARAÇÃO E ALTER-REPARAÇÃO

3.1 Organização da reparação

Ao contrário do que acontece (ou deveria acontecer) na leitura em voz alta, na fala ocorrem com frequência interrupções de palavras ou de frases, falsos arranques, repetições de sílabas e de palavras, vocalizações de partes de palavras, prolongamentos de vogais, pausas vazias, etc. Estes fenómenos mostram não só a quantidade de aspectos envolvidos nos processos de codificação e de produção da fala, mas também a preocupação constante do falante de encontrar a melhor forma de expressar o que pretende comunicar, para que o ouvinte descodifique a sua mensagem conforme ela foi intendida. Caso isso não aconteça, pode surgir uma interrupção no desenvolvimento temático dos enunciados. Por outras palavras, tanto o falante como o ouvinte detectam problemas na fala, dos mais variados tipos e origens, e necessitam de os eliminar o mais depressa possível para que a interacção possa prosseguir em conformidade com as suas últimas intenções e motivações.

Segundo os fundadores da Teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, para dar conta desses problemas, os parceiros da interacção têm à sua disposição um mecanismo auto-correctivo que contribui para a melhoria progressiva dos enunciados à medida que estes vão sendo produzidos e que faz parte integrante da organização da fala na interacção (Schegloff, 1992: 1299). Este mecanismo, conhecido por *organization of repair*[1], concebido par o caso do inglês americano, foi, e continua a ser, uma das características da conversação mais estudadas no âmbito desta corrente teórica[2]. Recentemente tem sido estudado para outras línguas.

Por **reparação** entende-se a substituição de uma palavra por outra, de uma frase por outra, uma expansão de um constituinte, a alteração de uma forma sintáctica pela introdução de uma moldura[3], a modificação das relações de subordinação/coordenação entre as frases, pausas vazias e cheias e repetições de sílabas, de palavras ou de expressões (cf. Schegloff, 1979: 263). Prende-se com qualquer espécie de perturbação da fala, ou desarranjo no discurso[4], não se limitando, pois, à correcção de um erro. Todas estas alterações deixam as suas marcas nos enunciados e têm consequências no desenvolvimento das vezes. Como

---

[1] "This "self-rightening mechanism" that alows talk-in-interaction to keep itself going in the face of such "problems" we have termed the organization of *repair*" (Schegloff, 1992: 1341). Schegloff, Jefferson e Sachs dão preferência ao termo *repair*, deixando a palavra *correction* para os casos particulares de *repair* (cf. Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977: 363). Atendendo a que a maioria dos trabalhos realizados a nível europeu sobre este fenómeno adoptou termos com a mesma origem etimológica da palavra *repair*, proponho, para o caso do português, o termo *reparação*, guardando o termo *correcção* para referir, de um modo mais específico, a correcção de um "erro", ou de um "lapso", dentro do mecanismo de reparação.

[2] Já nos anos 70 Schegloff, Jefferson e Sachs observaram e descreveram os "mechanisms which operate on a "case-by-case" (or environment-by-environemt) basis, yielding as a by-product some observable orderliness for the aggregate" (Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977: 362); Schegloff continua a preocupar-se com a descrição das regularidade formais que acompanham o mecanismo de reparação (Schegloff, 1992, 1997, 2000).

[3] Para uma definição de moldura, cf. parte II, 5.2.2.1.

[4] Geralmente a expressão inglesa utilizada é *trouble of talk*, que traduzo para português, tendo em conta o nível de superfície, por **perturbação da fala**. Esta perturbação resulta, na maioria dos casos, de uma mudança de planeamento do discurso, podendo, ser, a nível cognitivo de produção/codificação verbal, referida como um **desarranjo no discurso**.

refere Schegloff, a reparação tem em vista o sucesso, concretizado a) na retoma da unidade da vez, projectada antes da iniciação da correcção (no caso de reconstrução) ou b) na completação da unidade da vez (Schegloff, 1979: 277). Este sucesso está patente na boa--formação sintáctica do discurso na fase de pós-reparação que "desfocaliza" o momento do desarranjo. "Successful repair is, for the most part, built to "blend back" into untroubled talk" (ibid., 277)[5].

Schegloff mostra que a reparação decorre de um modo regular e ordenado não só relativamente à sua localização na vez, mas também no que diz respeito às suas características formais e acredita que a reparação se apoia em regras supra-sintácticas, ou seja, em regras que fazem parte de uma *syntax-for-conversation*, a que atribui características que consideram o desenvolvimento e a sequencialidade das vezes na conversação[6] (ibid., 281-282)[7]. Neste contexto, entende o mecanismo de organização da reparação como parte do sistema de alternância de vez[8].

---

[5] Fox/Jasperson (1995: 101, cit. *in* Rieger (2003: 49-50) distinguem sete tipos diferentes de auto-reparação:

1) repetição de um elemento lexical,
2) substituição de uma palavra interrompida,
3) repetição de vários elementos lexicais,
4) repetição e substituição de um elemento lexical,
5) repetição de uma oração ou frase e adição de novos elementos antes da reparação,
6) repetição e adição de novos elementos;
7) abandono da porção de fala que é interrompida e novo arranque.

[6] As oito características de uma supra-sintaxe da conversação, que integra a "*syntax-for-conversation*" e que regula o mecanismo de reparação, são assim formuladas por Schegloff:

"1. It will recognize that its sentences will be in turns and will be subject to the organization of turns and their exigencies (...).

2. It will treat the pace of talk and pauses in it as potentially deployable syntactic objects in a sentence in a turn and will admit such relationships between components of a turn as adjacency, pre- and postpositioning, etc.

3. It will recognize that the sentence may be part of a "project" (e. g. a story) pursued by the speaker through a series of turns and may be sensitive to its place in that project.

4. It will recognize that the turn the sentence is in is regularly a turn in a sequence, a structural unit whose organizational contingencies have consequences for component turns and, consequently, for sequences in them.

5. It will recognize that the sentence is always not only someplace in particular sequentially but is also spoken to some party or parties in particular, so that it is subject to considerations of "recipient design," which is relevant to the choice of words and syntactic forms in it.

6. It will recognize that, whatever long-term project or "intention" the sentence's speaker has, the speaker is first and most immediately under the constraints of, and afforded the resources of, some sequentially local here-and-now, and

7. that all the types and orders of organization that operate in and on turns in conversation can operate on the sentence.

8. It will be grounded in the inspections of sentences actually produced in turns at talk in naturally occurring conversation (Schegloff, 1979: 281-282).

[7] Algumas questões relativas a uma sintaxe da língua falada já foram referidas na parte I, 4.1.

[8] Mais recentemente, Schegloff acrescentou um ponto muito importante no que diz respeito à relação entre o sistema de alternância de vez e a organização da reparação: embora tenha sido dito que a forma mais frequente da reparação era a auto-iniciação, e que essa maior frequência era uma consequência das regras de alternância de vez (cf. Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977), Schegloff refere, a uma distância de cerca de 25 anos, que a organização da reparação se sobrepõe às regras de alternância de vez. Isso justifica-se pelo facto de se verificarem muitas interrupções pelo outro (alter-iniciações) que são toleradas, como no caso daquelas que se devem a dificuldades de audição (Schegloff, 2000: 232 segs.).

Segundo Schegloff, distinguem-se dois tipos principais de reparação: a reparação iniciada pelo falante (**reparação auto-iniciada**), localizada na vez em que ocorre o desarranjo, isto é, o *trouble source* ou o *repairable* (Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977), e a reparação iniciada pelo outro (**reparação alter-iniciada**), na vez a seguir ao desarranjo[9] (cf. Schegloff, 1992: 1341). A própria reparação pode ainda ser realizada pelo próprio ou pelo outro. Estes diferentes tipos de reparação estão sujeitos a uma ordem de preferências - a primeira é a forma **preferida**, a menos marcada, aquela que menos ameaça a face dos parceiros e, consequentemente, menos prejudica a sequência harmoniosa das vezes. A última é a forma **despreferida** que, pelo seu carácter mais ameaçador da face, pode dar origem a fases de reparação mais longas que se estendem por várias vezes (Schegloff/ Jefferson/Sachs, 1977: 366 segs., Schegloff, 1979: 267). Para evitar a sequência despreferida, a reparação é tendencialmente iniciada na vez actual, antes do momento em que a sequência despreferida se torne possível. As alter-iniciações, como sequências despreferidas[10], são realizadas com um certo atraso relativamente ao *repair-space* ou *repair-initiation opportuniy space*[11], oferecendo ao falante um *expanded transition space,* uma oportunidade extra para se auto-corrigir (Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977: 374 segs.). Este ponto de vista foi mais recentemente revisto: Schegloff conclui que o atraso não se deve necessariamente ao facto de o ouvinte querer dar ao falante a possibilidade de se auto--corrigir, mas sim ao facto de ele (ouvinte) ter que pensar no melhor modo de intervir, ou seja, no melhor modo de interromper a vez que ainda está em curso (Schegloff, 2000: 216).

No caso das auto-reparações auto-iniciadas destaca-se o *third turn repair,* a reparação executada a seguir a um sinal de retorno do ouvinte[12] (cf. Schegloff, 1997). Este tipo de

---

[9] De acordo com a definição de **vez** seguida neste trabalho, muitas das "vezes" referidas por Schegloff não são "vezes", mas sim actividades de ouvinte (comentários, pedidos de repetição, sinais de desacordo), não realizadas com vista a uma tomada de vez, mas sim como contribuição para a construção da vez em curso. É o caso das perguntas como *what?* referidas em Schegloff/ Jefferson /Sachs (1977: 370 segs.) que, segundo os autores, é um típico NTIR (*next-turn-initiated repair*). Tais perguntas foram tratadas em Rodrigues (1998: 180-181) e classificadas não só como estratégias de reparação, mas também como formas típicas de sinais de retorno (sinais do ouvinte) que expressam desacordo.

[10] Levinson (1983: 307-308) refere que as sequências despreferidas são as mais marcadas. A marcação consiste num atraso significativo da sua enunciação, no recurso a uma espécie de introdução que marca o estatuto de despreferido e uma explicação para o facto de o preferido não ter sido escolhido. "In contrast to the simple and immediate nature of preferred, dispreferreds are delayed and contain additional complex components" (Levinson, 1983: 341). Para o caso do *repair,* o autor apresenta a seguinte seriação de preferências: "*Preference 1* is for self-initiated self-repair in opportunity 1(own turn)
Preference 2 is for self-initiated self-repair in opportunity 2(transition space)
Preference 3 is for other-initiation, by NTRI opportunity 3(next turn),
or self-repair (in the turn after that)
Preference 4 is for other-initiated other-repair in opportunity 3(next turn)".

[11] Cada posição em que a reparação é iniciada representa a posição em que pode ser iniciada e proporciona uma *repair-initiation-opportunity*, ou seja, é um *repair-initiation opportunity space*: "The organization of self- and other-initiation is, then, fundamentally located in the organization of repair-initiation OPPORTUNITY POSITIONS: this operates whether or not any repair is initiated, by self or other. The 'repair space' through which a repairable passes is, then, to be understood as a 'repair-initiation OPPORTUNITY space' ..." (Schegloff/ Jefferson / Sachs, 1977: 375).

[12] Segundo a minha definição de "vez", este tipo de reparação não se localiza na terceira vez, mas na mesma vez, na continuação desta, após um sinal de retorno do ouvinte. Estes momentos da vez são designados por *retoma da vez* (cf. Rodrigues, 1998: 139 segs.).

reparação distingue-se do *third position repair*[13], consumado pelo falante depois de um problema na sua vez ter sido levantado pelo outro, ou seja, depois da iniciação pelo outro (Schegloff, 1992). Schegloff refere ainda o *fourth position repair*[14], uma sequência interaccional mais prolongada da reparação, que resulta de uma falta de compreensão do ouvinte (cf. ibid., 1324-1325). Outras localizações e tipos de alter-reparações são ainda descritas em Schegloff (2000). O *riso* (Schegloff, 2000: 220-222) e as piadas (*jokes* - Schegloff, 1992: 1326; 2001) são apontados também como estratégias de reparação; além disso, o autor corrige alguns pontos de vista mantidos antes: a localização na vez seguinte da alter-iniciação não é a característica mais evidente deste tipo de reparação, pois há muitas outras localizações.

As reparações em forma de piada, ou seja, reparações que "are done jokingly, or turn out to be jokes, and not seriously-proposed corrections" já tinham sido sugeridas em (Schegloff/ Sachs/Jefferson (1977: 379). Os autores parecem, com isto, referir-se a comentários irónicos do ouvinte com uma componente humorística: na verdade, a *ironia* (com ou sem componente cómica) é uma estratégia muito usada na expressão de uma avaliação crítica do parceiro. Como este juízo crítico é indirecto, atenua o efeito da crítica e reduz a possibilidade de um conflito. Como refere Hartung (1998: 164) "Im Gegensatz zum Lob, ist Kritik gleich welcher Art immer eine Belastung für soziale Beziehungen, so daß die ironische Indirektheit dazu beitragen kann, das Konfliktpotenzial zu reduzieren". Sendo assim, os comentários irónicos do ouvinte podem também ser considerados uma estratégia de alter-iniciação da reparação. O efeito desse comentário ou o seu êxito reparador depende de inúmeros factores contextuais, individuais, interpessoais e do *recipient design*[15] da situação de interacção.

No que diz respeito às características formais das auto-reparações, consideram-se três componentes de reparação: o segmento reparado (*repaired segment*), que contém o desarranjo (ou o *repairable*), a iniciação da reparação (*repair initiation*) e o segmento reparador (*repairing segment*) (Schegloff/Jefferson/Sachs, 1977). Schegloff distingue segmentos correctivos como *cut-offs* (oclusões glotais), *sound stretches* e *uh's* (Schegloff, 1979: 273). Estes três tipos de iniciadores funcionam de maneiras diferentes:

- o *cut-off* é realizado sobre um elemento já produzido, é pós-posicionado e sintacticamente disjuntivo, porque interrompe o que estava sintacticamente projectado, transportando-o para trás - é retroactivamente orientado;
- a combinação "*uh*" + pausa e os *sound stretches* iniciam a reparação no elemento que se deve seguir; são pré-posicionados, atrasam a projecção sintáctica, mas transportam-na para a frente - têm uma orientação proactiva (ibid., 272-273);

[13] A reparação iniciada por outro foi também tratada em Scheloff/Jefferson/Sachs (1977: 370 segs.).

[14] Schegloff refere que o tipo de reparação "depois da vez seguinte" representa uma defesa contra as possíveis subversões sistemáticas da ordem social que provocam faltas de compreensão e fornece "the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation" (Schegloff, 1992: 1304). Por intersubjectividade, ou, melhor, por carácter intersubjectivo do senso comum o autor entende uma variedade de processos interpretativos (que constituem a atitude na vida quotidiana) que convergem em indivíduos que são simultaneamente intérpretes do mundo e co-produtores da realidade social e interaccional (cf. Schegloff, 1992: 1298-1299).

[15] Cf. Hartung (1998: 183 segs.); sobre a ironia cf. também Guimarães (2001).

Estes movimentos pro e retroactivos destes tipos de iniciadores não são invariáveis. Isso está patente na chamada **conversão**, uma estratégia de reparação específica em que o elemento com que o falante auto-inicia uma determinada reparação (por exemplo um *uh* para iniciar uma busca lexical) é reutilizado e adaptado a outro tipo de reparação (um novo arranque resultante de uma mudança de planeamento do discurso) (cf. ibid., 273). Tais pausas cheias usadas para iniciar uma busca lexical, e reaproveitadas em seguida para marcar o início de um novo arranque, são descritas em forma de "circumlocution to avoid the need for the "missing" element" (ibid.).

- Schegloff (ibid., 275-276) refere-se ainda às palavras *pivot*, elementos que servem como último elemento à vez actual e primeiro elemento da reparação; estes casos parecem corresponder à contaminação, um tipo específico do anacoluto (cf. parte I, 4.1.1.2).

Quando uma só reparação não chega para obter o sucesso desejado, o falante produz sequências de correcções[16] que apresentam uma orientação para a progressividade, ou seja, mostram que cada correcção é um progresso no sentido da obtenção de uma solução para o desarranjo (ibid.).

No que diz respeito às reparações alter-iniciadas, destacam-se as seguintes formas mais comuns: interrogação através de *what?*, repetição do desarranjo numa frase interrogativa, repetição parcial da fonte do mesmo, recurso à expressão *I mean* e manifestação de compreensão da vez antecedente (cf. Schegoff/ Jefferson / Sachs, 1977: 370 segs.)[17].

O tipo de reparação menos preferido é aquele em que a própria reparação é realizada também pelo outro (cf. "*Preference 4*" de Levinson, 1983: 341). Pelo seu carácter mais ameaçador, estas *other-corrections* são frequentemente modalizadas no que diz respeito à forma (minimizadas na escala de certeza/incerteza) através de "*Y' mean X?*", em que X é uma possível correcção ou substituição (Schegloff/ Jefferson/ Sachs, 1977: 378). Esta mesma forma com *You mean X?* pode ser usada como verificação da compreensão. Em todos estes significados (modulação de incerteza ou confirmação de compreensão), esta expressão é produzida com entoação interrogativa, sendo, por isso, conhecida por *try* ou *correction invitation format* (ibid., 379).

Os *third turn repairs* são formados por quatro componentes: o primeiro serve para iniciar a reparação e consiste num elemento de negação - *no*, ou *no no no*, ou num *change of state token*[18] como *oh*. Estes elementos, chamados *repair initiation components*, têm a função de alertar para uma interrupção da progressão da fala devido a uma reparação (Schegloff, 1992: 1315); o segundo componente, *agreement/acceptance component*, serve para expressar acordo ou aceitação relativamente à "queixa" do outro; o terceiro, o *rejection*

[16] Aqui também se destacam regularidades formais, para as quais o autor apresenta exemplos elucidativos (Schegloff, 1979: 178-179).

[17] Para a língua alemã também foram consideradas as seguintes formas de auto-iniciações e de alter-iniciações de auto-reparações: prolongamentos de sons, oclusões glotais, pausas, partículas não-lexicais como *äh* e *ähm*, os elementos lexicais *oder*, *bitte* e *was*, pronomes interrogativos e repetições do elemento a reparar (cf. Uhmann, 2001: 378).

[18] O termo *change of state token* foi sugerido por Heritage (1984); Sachs fala de *touch-off marker* (cf. Schegloff, 1992: 1330).

component, tem dois formatos mais comuns, conforme se trate de uma *problematic reference*, ou de uma *problematic sequencial implicativeness*. No primeiro caso, usa-se a forma *I don't mean X*, no segundo, a forma *I'm not Xing*, em que X é a designação de uma acção (cf. ibid., 1306 segs.); o quarto componente é a própria reparação, que, por sua vez, pode ter várias formas: **repetição** do desarranjo de um modo mais claro; **reformulação** do desarranjo através de palavras diferentes; e **especificação, explicação ou caracterização** do desarranjo. Embora nem todos os componentes do *third turn repair* precisem de estar presentes, a sua sequência é ordenada, excepto nos casos em que é necessário adaptar a forma da vez ao contexto (ibid., 1316-1317)[19].

Concluindo, a produção verbal está sujeita a constantes reparações que parecem ser organizadas por um mecanismo de reparação. Este mecanismo, por um lado, regula a produção dos enunciados de acordo com as regras sintácticas da língua e com a informação que o falante/ouvinte pretende fornecer; por outro lado, opera a nível da regulação da alternância de vez. Por exemplo, por evitar que um falante seguinte interrompa a vez para manifestar a sua incompreensão ou desacordo relativamente ao que o falante actual está a dizer, a auto-iniciação da reparação funciona como uma estratégia de defesa de vez (manutenção de vez); a alter-iniciação da reparação, de acordo com a definição de "vez" que eu defendo, pode representar um sinal de tomada de vez ou um sinal de retorno do tipo comentário. Sendo assim, a reparação pode ser considerada como um fenómeno conversacional com implicações a nível do funcionamento do sistema de alternância de vez, sobretudo no desempenho da função de manutenção de vez. A observação do funcionamento dos sinais verbais e não-verbais da alternância de vez não pode deixar de considerar a análise da organização da reparação.

3.2 Outros aspectos da investigação da reparação

Pelo que se pôde constatar no primeiro capítulo da primeira parte, os trabalhos de representantes da Análise Conversacional Etnometodológica, Schegloff, Jefferson e Sachs, não tomaram em conta os aspectos sintácticos, prosódicos e não-verbais da organização da reparação. No entanto, serviram de base para muitas análises posteriores, levadas a cabo por outros investigadores e aplicadas a outras línguas: desde análises contrastivas (Rieger, 2003) a análises multimodais, em que a prosódia e algumas modalidades não-verbais foram consideradas em termos da sua participação no mecanismo correctivo de reparação. A comunicação não-verbal na reparação foi estudada não só por Goodwin (1981), que se ocupa do funcionamento do sistema de alternância de vez e do papel da direcção do olhar e da entoação em situações de reparação, mas também por Fornel (1991) e C. Müller (1994, 1999), que investigam o funcionamento do gesto na procura lexical e nas pausas vazias respectivamente para o francês e o alemão. Também a prosódia do alemão foi analisada em situações de reparação por Selting (1988, 1996) e Couper-Kuhlen (1992); na sua relação com a sintaxe, por Uhmann (1992: 315-316; 1997; 2001). Como estes estudos

[19] Não se pode esquecer que estas características foram descritas para o caso do inglês. Num trabalho contrastivo (inglês-japonês) recente sobre as reparações em forma de repetições, Rieger (2003) conclui que as estratégias de "self-repair" são motivadas pela língua, ou seja, é a estrutura da língua que lhes dá a forma.

evidenciaram outros aspectos relacionados com a reparação que não foram ainda explorados no âmbito da Análise Conversacional Etnometodológica, passo em seguida ao resumo dos seus principais resultados.

3.2.1 Reparação e sintaxe

A *syntax-for-conversation* de Schegloff também foi defendida por Uhmann (2001) na abordagem das auto-reparações realizadas no interior de frases alemãs. Procurando conciliar a Gramática com a Análise Conversacional Etnometodológica, a autora parte do princípio de que a interacção verbal segue as suas regras próprias e que há um sistema linguístico próprio da língua falada, embora na produção verbal as regras sintácticas também sejam activadas. Relativamente à reparação, a autora afirma, contradizendo Schegloff (1979: 263 segs.) que a auto-reparação não modifica a forma da frase: "Rather a kind of repair syntax seems to ensure that the speaker formulates the repair in such a way that the syntactic structure of the sentence in the ongoing turn remains intact as far as possible" (Uhmann, 2001: 382). Como referem Schegloff (1979: 278) e Fox/Jasperson (1995, cit. *in* Rieger, 2003: 49, cf. nota 4 deste capítulo); Uhmann, 2001: 373), nas auto-reparações os falantes reciclam parte da frase que antecede o elemento a reparar (*repairable*), ou seja, repetem *bits of talk* (Schegloff, 1979: 278). Com base nestas constatações, assim como no que pôde verificar para o caso do alemão, Uhmann formula a *Head Rule*, segundo a qual "self-repairs are preferred if the accomplishment of repair starts with the repetition of the functional head[20] which immediately c-commands[21] the repairable" (ibid., 388). Estas repetições de porções de frases são conhecidas por *syntactic loop* (Uhmann, 2001: 387) / *syntaktische Schleife* (Uhmann, 1997: 213), em português, **dobra sintáctica**[22]. Para dar conta de vários tipos de auto-reparação específicos do alemão, a autora amplia a *Head Rule*, formulando a *Extended Head Rule,* por sua vez composta por duas alíneas: "(a) If the repairable is not a functional head, the accomplishment of repair preferably starts with the repetition of the functional head which immediately c-commands the repairable. (b) If the repairable is itself a functional head, the accomplishment of repair preferably starts with the 'new' functional head (or opcional with its specifier)" (ibid., 392). Outros casos de repetição de certos elementos da frase são regulados pela *No Gap Rule*: "To avoid descontinuous structures, all constituents following the repairable up to the initiation of self-repair have to be repeated in the syntactic loop". Estas últimas regras não se aplicam à língua inglesa (ibid., 397), mas são típicas do alemão. As propriedades desta língua (os vários géneros gramaticais e as diferentes declinações, que permitem uma distribuição relativamente livre dos elementos na frase; as posições do verbo que são, de certo modo, pré-determinadas) fazem com que a auto-reparação envolva partes maiores do enunciado em construção (cf. ibid.). Deste modo, pode-se partir do princípio de que certas características da auto-reparação estão ligadas às propriedades sintácticas de um sistema de língua.

---

[20] Por "functional head" a autora entende "those non-complex constituents in head position which (simplifying somewhat) carry gramatical meaning, i.e. the preposition in PP (preposicional phrase) or the determiner in a nominal phrase, which therefore actually is a DP determiner phrase)" (Uhmann, 2001: 388).

[21] "C-command" significa: "X c-commands Y if Y is (a part of) a sister constituent of X; a funcional head X c-commands Y immediately if there is no intervening functional head that c-commands Y" (ibid., 389).

[22] Casos semelhantes foram mencionados em Rodrigues (1998: 139) a respeito da retoma da vez.

3.2.2 Reparação e comunicação não-verbal

Goodwin (1981) mostra que muitas reparações não se devem a problemas de codificação do discurso, mas sim a questões interaccionais: muitas vezes, quando o falante começa a falar e vê que o ouvinte não está a olhar para ele (o que seria a situação preferida[23]), atrasa propositadamente a introdução da informação que pretende dar a conhecer. Assim, enquanto espera que o ouvinte olhe para ele, "preenche" a sua vez com repetições de temas já mencionados, com elementos já produzidos, provoca prolongamentos, pausas cheias, ou acrescenta mais constituintes ao enunciado. Estes meios a que o falante recorre para "esperar" não fazem parte de uma fala fluida, antes, representam descontinuidades da cadeia sonora. Alertando o ouvinte para alguma coisa de diferente que está a acontecer e em que este poderá ter que intervir, estes meios funcionam como uma iniciação de reparação. Através deles, o falante dá a entender, por exemplo, que procura uma palavra; no entanto, na realidade, está a solicitar o olhar (atenção) do ouvinte (Goodwin, 1981: 143). O fenómeno de reparação é, assim, utilizado como um disfarce para a actividade de solicitar abertamente ao ouvinte que olhe para ele, uma actividade demasiado ameaçadora para a face e, como tal, despreferida. Resumindo: neste caso, a actividade de reparação deve-se, não a "problemas" de ordem acústica/auditiva, cognitiva ou de conteúdo, mas sim a factores interaccionais (interpessoais).

Outros autores ocuparam-se da relação entre os gestos e as pausas na procura lexical, actividades que constituem casos específicos de reparação. Freedman (1977) relaciona os gestos que acompanham os momentos de silêncio durante procuras lexicais com actividades cognitivas de focalização (processo de se lembrar, de reflectir sobre o que vai ser dito) e de representação (processo de verbalização do que vai ser dito); verifica que os auto-toques (gestos de fricção dirigidos para o corpo) estão ligados a processos de focalização, e todos os outros gestos, a processos de representação.

Fornel (1991) investiga os gestos nas reparações retrospectivas e prospectivas e distingue interrupções de gestos, começos de novos gestos e repetições de gestos em momentos de auto-reparação. Descreve também os gestos de auto-toque, que permitem, numa fase de transição da reparação, manter uma actividade gestual transitória até ao fim da correcção, transformando-se, depois, noutro gesto (Fornel, 1991: 140-141). Essa propriedade formal de transição é simultaneamente um sinal de que o falante pretende manter a vez.

São também os casos específicos de procura lexical e das pausas vazias e cheias na situação de reparação que C. Müller escolhe para mostrar a estreita relação entre os gestos e a fala (Müller, 1994, 1999). No caso da procura lexical, caracterizada pelas fases de iniciação, correcção e rectificação, Müller constata diferentes formas de gesto[24]. Conclui, em linhas

---

[23] A situação preferida relativamente à orientação do olhar é que o ouvinte esteja a olhar para o falante enquanto este fala; e é isso que o falante espera do ouvinte sempre que olha para ele. Sendo assim, pode-se considerar a orientação do olhar para o falante como uma das tarefas do ouvinte.

[24] C. Müller considera as seguintes formas de gestos nas diferentes fases da procura lexical (C. Müller, 1994: 78-79): INICIAÇÃO

- manutenção da posição de repouso das mãos e marcação verbal da procura lexical;
- nova posição de repouso das mãos e marcação verbal da procura lexical;
- gesto de fricção na posição de repouso e marcação verbal da procura lexical;

gerais, que se a procura lexical se manifesta enquanto o falante se encontra a gesticular, ela é iniciada através da paragem do gesto (*congelamento* do movimento); quando o problema surge num momento em que as mãos se encontram numa posição de repouso, então o falante tem a opção entre assumir uma nova posição de repouso, ou realizar um novo gesto que acompanha a fala. Müller (ibid.) salienta a importância comunicativa do gesto nas pausas que acompanham a procura lexical, porque, ao mesmo tempo que tornam as actividades cognitivas visíveis, estabelecem uma relação entre estas e as actividades sociais. Mais concretamente, através do gesto durante a pausa, o falante pode mostrar que a) procura uma palavra ou b) que, através de um gesto mais específico, procura uma determinada palavra ou pode ainda mostrar c) o estádio da sua busca ou d) se a procura lexical teve êxito (ou não). Isto é, os gestos dão indicações ao ouvinte relativamente ao conteúdo, qualidade e estado da procura lexical. Além disso, os gestos durante as pausas mostram que, apesar do silêncio, o falante ainda não terminou a sua vez (ibid., 271-272). Deste modo, os gestos dão às pausas uma dimensão material (fornecendo indicações sobre as características semânticas, morfológicas e de organização da pausa) e indicam que as actividades do falante não terminaram.

Através da análise dos gestos e das pausas na fala, a autora pretende confirmar e completar os trabalhos empíricos de Schegloff para uma *syntax-for-conversation*: "Im Hinblick auf eine noch zu schreibende Syntax der Konversation, illustriert das körperliche Verhalten in Sprechpausen in exemplarischer Form, welche Eigenschaften der gesprochenen Sprache in jedem Fall berücksichtigt werden müssen" (ibid., 282). Porém, para a completação dessa *syntax-for-conversation* também é necessário ter em conta a prosódia e o contributo de outras modalidades de comunicação não-verbal, aspectos que a autora não aborda[25].

3.2.3 Reparação e prosódia

Selting (1988) ocupa-se da reparação iniciada pelo sinal de retorno *was?*, já referida por Schegloff/Jefferson/Sachs (1977) para o caso do inglês americano, e constata que, através da entoação com que é realizada, o falante-ouvinte identifica o tipo de problema: a entoação em suspenso ou ascendente significa um problema de descodificação devido a questões acústicas ou auditivas; a entoação descendente prende-se com um problema referencial; um nível global de tom alto com um acento muito forte aponta para um problema de expectativas (Selting, 1988: 329-330). Também no caso da reparação

---

- início de um gesto e marcação verbal da procura lexical;

CORRECÇÃO
- manutenção da posição de repouso das mãos e paráfrase verbal
- gesto de fricção na posição de repouso e paráfrase verbal;
- novo gesto descritivo e paráfrase verbal;

RECTIFICAÇÃO (pelo ouvinte)
- manutenção da posição de repouso das mãos e sinal de ouvinte;
- novo gesto e confirmação verbal;
- finalização do gesto congelado e confirmação verbal;
- nova posição de repouso das mãos e confirmação verbal.

[25] A título de curiosidade, quero ainda referir lapsos gestuais do falante - *slips of the hand*; estes são imediatamente notados pelos ouvintes-observadores, que iniciam a reparação, que é, em seguida, efectuada pelo falante. Casos como estes são descritos por Kühn (no prelo a, b); cf. também Kühn (2002).

realizada pelo outro, a entoação (sozinha ou acompanhada por outras estruturas sintácticas) assinala o tipo específico de problema e provoca uma determinada sequência de reparação. Num trabalho posterior, Selting (1996) foca o aspecto da marcação/não-marcação destes tipos de reparação: as reparações prosodicamente não marcadas e que repetem o enunciado assinalam um problema acústico/auditivo; as reparações marcadas indicam um problema de expectativa. Estas reparações transmitem o tom de "espanto" através da prosódia, pela qual os interactantes se orientam e às quais podem reagir de diversas maneiras (cf. Selting, 1996: 240-241).

Selting (1988) aponta também determinados parâmetros prosódicos determinantes na indicação do estatuto de um enunciado, da concordância ou discordância entre os parceiros da interacção e em situações de conflito. Assim, nas reformulações ou nas actividades que resolvem "problemas", o nível global de tom é mais elevado do que nas actividades de reformulação pós-problemas; as modificações locais dos acentos enfatizam a divergência, mostrando que a resolução do problema está longe; a convergência da entoação parece assinalar um estado de acordo entre os interactantes (cf. Selting, 1988: 318 segs.). Todos estes aspectos são importantes para uma situação de reparação, sobretudo no caso da reparação iniciada e realizada pelo outro.

Por sua vez, Couper-Kuhlen (1992) observa que as reparações (os vários tipos de reformulações) são produzidas a uma maior velocidade do que a fala envolvente. Isso deve--se ao facto de este aparte especial (que requer um *looping-back in talk* e não um comentário paralelo) ser considerado algo de indesejável e, por conseguinte, uma perda de tempo (Couper-Kuhlen, 1992: 344). As duas razões para que seja resolvido o mais depressa possível por ambos os interactantes têm a ver com a sua contextualização (a fala mais rápida é uma pista de contextualização dessa reparação) e com a reconstituição da ordem social (Couper-Kuhlen, 1992: 345 segs.). As reformulações realizadas a uma velocidade mais lenta são as que reparam problemas auditivos (velocidade mais lenta, altura global de tom mais elevada). Neste caso, em que a reparação já não representa uma ameaça para a face dos interactantes, não se justifica apressar a sua realização como no caso das reparações devidas a problemas referenciais; pelo contrário, convém uma produção mais lenta da fala para facilitar a audição.

Uhmann (1992: 315-316) nota também um aumento de velocidade da fala na auto--reparação, mais concretamente na fase da reparação após os desarranjos não-lexicais da fala (oclusões glotais e prolongamentos de sílabas). A autora refere que "With the increase of speech rate directly after the non-lexical speech perturbations it is as if the speakers wanted to make the extra space they occupy in the conversation as small as possible. In contrast with a constant, or even slower speech rate, they demonstrate that they are making an effort at least to take no more time for their utterance than they would have done without the repair" (Uhmann, 1992: 316)[26]. De acordo com esta interpretação, a autora atribui a este aumento de velocidade que acompanha a fase de reparação uma **função icónica** ou

[26] Este aumento de velocidade que se faz sentir após as hesitações pode também estar ligado a um maior estado de tensão que é retida durante a hesitação e que se liberta quando o problema na produção verbal é eliminado. É o fenómeno entendido como o da energia acumulada que se liberta quando a actividade normal é retomada (cf. Feyereisen/Lannoy, 1991: 40).

onomatopaica (Uhmann, 1997: 207-208). Juntamente com as modificações de velocidade nas reparações, Uhmann refere o *bit of talk* (Schegloff, 1979: 278) que os falantes costumam repetir com a porção de fala reparado (ibid., 211-217), realizando a **dobra sintáctica** (*syntaktische Schleife)*, que já foi atrás referida. Assim, a repetição de elementos da frase deixada em suspenso funciona como um meio de estabelecimento da coesão textual entre os enunciados. Uhmann aprofunda mais este aspecto, considerando a quantidade dos elementos repetidos, e conclui que, através da mudança de velocidade, meio de contextualização icónica, o falante assinala os seguintes momentos: a) interrupção da actividade em curso, b) realização da reparação, c) o tempo que vai ser preciso para consumar a reparação e que faz os possíveis por tornar mais curto. A autora distingue ainda dois tipos de reparações, que se distinguem pela velocidade com que são produzidas: as reparações do tipo A (combinação de elevada densidade I e baixa densidade II) que dão a impressão de mais lento, são reparações de problemas acústicos; as reparações do tipo B (combinação de baixa densidade I e de elevada densidade II), apresentam características de velocidade mais lenta e referem-se a reparações de questões de planeamento do discurso (ibid., 222). Deste modo, a autora mostra que, embora a percepção auditiva dos sinais acústicos seja subjectiva e relativa, as percepções de variações da velocidade da fala em determinados momentos da vez conferem a essas variações o estatuto de importantes pistas de contextualização.

Couper-Kuhlen (1992) sublinha ainda a integração rítmica da reparação nas iniciações por outros. Quando as reparações iniciadas por outros se referem a problemas de audição, essas iniciações encontram-se ritmicamente integradas no enunciado reparado. Em contrapartida, no caso de reparações devidas a problemas referenciais, o ritmo não é integrado (como já foi referido, Schegloff/Jefferson/Sachs (1977) apontam um atraso nas alter-iniciações). Estes dois tipos de integração/não-integração rítmica podem ser usados de diferentes modos: quando a integração rítmica é usada para disfarçar (modalizar) reparações referentes a questões referenciais, esta funciona como um tipo de disfarce, a chamada *prosodic camouflage*[27]. Quando o ritmo não-integrado é transportado para outros tipos de problemas que necessitam de reparação, esta, por analogia, assume um carácter de ameaça. Na vez a seguir à reparação pelo outro, o ritmo é integrado quando a reparação é uma confirmação do outro parceiro; é não-integrado quando a reparação é correctiva do próprio falante ou do outro parceiro. Isso mostra que a integração rítmica tem a ver com tudo o que seja rotina, situação comum, sem anomalia (ou erro); em contrapartida, a não-integração rítmica aponta para algo de errado que é preciso solucionar e que constitui uma ameaça para a face dos parceiros. Assim, de acordo com o modo como querem resolver os problemas interaccionais ou com a sua motivação, os interactantes podem escolher a integração ou não-integração rítmica (cf. parte I, 3.4.5).

---

[27] "The integrated rhythm works because it is evocative of situations in which there is no threat to the face at all. Seen another way, it provides prosodic camouflage for something which is a potencial face-threat and prevents it from becoming an 'incident' in Goffman's sense of the word" (Couper-Kuhlen, 1992: 354). Por sua vez, Günthner (1996) refere a marcação/não-marcação em enunciados com valor de censura e verifica que esta dicotomia permite um tipo específico de censura disfarçada em forma de pergunta sobre a causa.

O estudo da prosódia na reparação, assim como de muitos outros aspectos da fala, contribui para o estudo mais aprofundado desta última e para, de certo modo, a descrição do seu funcionamento de um modo mais alargado e menos circunscrito às regularidades formais apontadas por Schegloff. Talvez a organização da reparação possa ser abordada sob o ponto de vista da descontinuidade, do contraste, tendo em conta as estratégias de camuflagem, de disfarce e de modalização de todas as situações menos agradáveis a nível da interacção.

3.3 Observações

Resumindo o que aqui foi apresentado sobre a reparação, pode-se concluir, de um modo menos formal do que o seguido pela Teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, que reparação é uma estratégia de "superação de algo indesejável". Essa superação está condicionada por inúmeros aspectos contextuais e interpessoais e tem um determinado fim dentro do contexto em que se encontra. Além disso, o "problema" a superar pode ter as mais diversas origens. Será que os diferentes tipos de origem do problema implicam diferentes formas de reparação? Qualquer estudo que incida sobre o funcionamento da reparação deverá, necessariamente, distinguir vários grupos de reparação com base no critério "origem do problema"[28]. Schegloff parece não ter considerado este aspecto que, a meu ver, pode influenciar a "forma" de cada reparação.

A descrição da organização da reparação, que ocupou as últimas páginas deste capítulo, pode levar a crer que este fenómeno representa um dos objectivos de estudo e de sistematização. Não é esse, porém, o caso. Pretendi apenas realçar a importância que lhe foi concedida na Análise Conversacional, o que, certamente, não surgiu sem razões fortes. Observando bem uma conversação, constata-se que esta se submete constantemente a avaliações (do próprio falante e dos outros) e é a cada momento ajustada e alterada em função desse controle. Estas actividades também têm implicações a nível de alternância de vez. Na minha opinião, não é fundamental determinar se são as regras de alternância de vez que regem a organização da reparação ou vice-versa. O que interessa é ter sempre presente que existem actividades de reparação, que essas actividades se caracterizam por uma certa regularidade formal, que são realizadas pelos interactantes de acordo com as suas motivações (mais ou menos egocêntricas) e que se encontram inseridas no encadeamento das vezes na interacção. Este último aspecto, por sua vez, pode ser explicado através das regras de alternância de vez.

O estudo da organização da reparação em termos da sua função no sistema de alternância de vez parece-me ser uma perspectiva que permite considerar as actividades de reparação

[28] A distinção de diferentes tipos de problemas deverá basear-se em diferentes planos da interacção, por exemplo o físico, o temático-emocional, o interaccional e o cognitivo, assim como no contexto interaccional. No primeiro plano, encontram-se questões ligadas a problemas do aparelho fonador e do canal acústico; no segundo, as opiniões convergentes ou divergentes dos interactantes relativamente ao conteúdo dos enunciados que, por sua vez, têm implicações a nível de alternância de vez; no terceiro, todos os "ajustes" do discurso a situações interpessoais; e no quarto, problemas ligados a procuras lexicais, actividades de estruturação do discurso, organização da informação, etc.

sem necessitar de estar constantemente a elaborar novas regras relativamente à sua localização (esta tendência verifica-se nos trabalhos realizados por Schegloff[29]).

Foi, assim, por partir das hipóteses de que

- grande parte das estratégias comuns a todos os sinais conversacionais de alternância de vez se pode observar nos sinais de manutenção de vez,
- a maioria dos sinais conversacionais de manutenção de vez é formada por reparações, ou iniciações a reparações,
- nas reparações se verificam estratégias típicas do desempenho da função de manutenção de vez, como é o caso da focalização/desfocalização,
- estas estratégias também estão patentes nos outros sinais conversacionais,

que resolvi iniciar a análise dos sinais conversacionais pelo grupo dos sinais de manutenção de vez. Por necessitar de um ponto de partida que permitisse um acesso mais fácil a uma análise plurifuncional e pluriformal dos sinais verbais e não-verbais de manutenção de vez, decidi analisar, em primeiro lugar, alguns exemplos de auto-reparações e de alter-reparações. Parto também do princípio de que, nestes casos, irão estar envolvidas as actividades de focalização/desfocalização acima mencionadas. Deste modo, esta perspectiva de observação permitirá o acesso a aspectos fundamentais da interacção não só no que diz respeito às funções de manutenção de vez, mas também às de tomada, cedência, reclamação e retorno e ainda a todas as funções conversacionais em geral (interactivas, topográficas e modais).

Sendo assim, nos capítulos que se seguem, e no âmbito da descrição da auto-reparação e da alter-reparação em termos da sua função de manutenção de vez,

- será exemplificado aquilo em que consiste cada reparação e serão focadas as estratégias nela envolvidas;

- serão consideradas todas as informações comunicadas verbalmente (por meio de elementos lexicais e da prosódia) e não-verbalmente (através dos movimentos do tronco, cabeça, braços e mãos, olhos e face);

- serão tomadas em conta as outras co-funções conversacionais que esses sinais de manutenção de vez também podem assumir;

- procurar-se-á ainda, na descrição de cada exemplo, dar conta das relações existentes entre as diferentes modalidades no contexto da sua realização.

[29] Curiosamente, estes trabalhos podem ser classificados como uma série de auto-reparações progressivas com vista a um sucesso.

4. REPARAÇÃO NA MANUTENÇÃO DE VEZ : ANÁLISE DO *CORPUS*

Com base nos conceitos de auto-iniciação, alter-iniciação, auto-reparação e alter-reparação da teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, serão descritos, neste capítulo, alguns exemplos concretos de auto-reparação e de alter-reparação. Como foi anunciado atrás, esta descrição incluirá todas as actividades que participam no mecanismo de reparação e as suas inter-relações funcionais. E porque, acima de tudo, o meu objectivo consiste na elaboração de uma análise multimodal da interacção em termos de alternância de vez, em que pretendo tomar em conta não só os diferentes canais de comunicação, mas também a polifuncionalidade e a polissemia dos sinais (verbais e não-verbais) de manutenção de vez, proponho-me descrever as actividades de reparação na função de manutenção de vez e considerar, em simultâneo, o desenvolvimento temático das vezes, as relações interpessoais e a expressão de atitudes, expectativas e emoções. Por outras palavras, as estratégias de reparação, que desempenham a função de sinais conversacionais de alternância de vez verbais e não-verbais, serão descritas também em termos das suas co--funções interactivas, topográficas e modais.

Trata-se, pois, de uma tarefa complexa, em que, devido à heterogeneidade das situações, sequências e formas dos enunciados analisados, foi impossível estabelecer um padrão de análise que se pudesse aplicar, de igual modo, a todos os casos. Em alguns exemplos, torna--se necessário dar mais atenção aos fenómenos prosódicos, noutros, a certas características linguísticas dos enunciados, noutros, finalmente, a questões relacionadas com os movimentos da cabeça, ou dos gestos, e à sua relação com a comunicação verbal. Além disso, a ordem pela qual cada uma das modalidades é tratada varia conforme a necessidade de cada caso. Verifica-se uma falta de uniformidade também a nível de ilustração por imagens: para completar a descrição de alguns exemplos, foi preciso, em algumas situações, introduzir imagens do sinal acústico (representadas no programa PRAAT), noutros, imagens retiradas do filme vídeo[2]. Em contrapartida, alguns exemplos são apenas explicados em texto. No entanto, para manter, tanto quanto possível, uma certa uniformidade na descrição dos vários exemplos, explica-se, em primeiro lugar, o que se passa a nível da fala, tendo em conta o contexto e o co-texto interaccional; em segundo lugar, e, conforme necessário, com maior ou menor aprofundamento, descrevem-se os fenómenos prosódicos e não-verbais .

Os primeiros 20 exemplos ilustram diferentes situações de auto-reparação; os 6 exemplos que se lhes seguem demonstram como a alter-reparação não implica uma mudança de falante. Todos os pormenores sobre a recolha e análise do *corpus*, assim como as informações necessárias para a interpretação dos sinais de transcrição e das representações gráficas dos sinais acústicos encontram-se descritos no Anexo deste trabalho. Antes da leitura dos exemplos convém consultar estas indicações técnicas.

---

[2] As imagens foram retiradas do filme em intervalos de tempo irregulares. Não foram escolhidas de acordo com o critério duração, mas sim conforme a sua relevância para a ilustração do movimento. Por este motivo, e atendendo a que o *corpus* se encontra à disposição para qualquer consulta (a duração de cada vídeo - de cerca de 1 minuto - permite uma consulta relativamente rápida), a contagem do tempo também não se encontra indicada nas imagens.

4.1 Auto-reparação

4.1.1 Exemplo (1): AUTO-INICIAÇÃO > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRA)

No primeiro exemplo, a auto-reparação deve-se a questões relacionadas com uma escolha lexical. Não se mostrando satisfeito com um elemento lexical usado, o falante procura outro mais adequado, para substituir o primeiro:

```
   2p2-48  BS:                                    [-e lim`pAR]
   2p2-49       o `PÒ
   2p2-50       <<all>-também vais limpAr o [`pó.>]
   2p2-51  CP:                                  [´lim]
   2p2-52       <<p>↑↓``´pAR o ``´pó::=
   2p2-53       =↑ó' -a´rrAN`-jo=[Uma:: -u]´mA ´`DO´na `de ↑``´ca-sa=
   2p2-54  BS:                [`e::´e::]
→  2p2-55  CP: uma::: ↑´`Em`pre`GA-da- [(.)]
   2p2-56  NF:                                [ah]
   2p2-57  CP: ↓-tá feito->
```

De modo a facilitar a compreensão da relação entre a CV e a CNV, convém especificar os movimentos do corpo realizados por CP:

Antes do enunciado (48), CP estava a rir-se e a olhar para BS (IMAGEM 1);

[-lim]<<p>↑``´pAR o ↑``´pó::' - *CP começa a virar a cabeça para baixo, depois para a frente e desvia o olhar para baixo (IMAGEM 2);*

ó' -a´rrAN`-jo= - *CP levanta o braço direito, mão ao nível da cara; vira ligeiramente a cabeça para a esquerda e depois para baixo; mantém os olhos orientados para baixo (fechados) (IMAGENS 3 e 4);*

Uma::- *baixa de novo o braço, palma da mão virada para baixo como querendo minimizar ou pôr alguma coisa em posição de subordinação, para um canto*[3]*; inclina a cabeça um pouco para baixo/esquerda (IMAGEM 5);*

-u´ma ´DO-na de ↑``´ca↓-sa= *CP está a olhar para baixo, tem as mãos já em posição de repouso e inclina a cabeça um pouco para a direita (IMAGENS 6 e 7);*

↓uma::: - *continua a olhar para baixo; abana o pé (IMAGEM 8);*

↑´``em`pre`GA-da- (.) - *sorri e vira a cabeça na direcção de BS, e no fim do enunciado olha para ele (IMAGEM 9);*

-tá feito-> - *mantém a cabeça virada para BS (IMAGEM 10).*

---

[3] Este gesto é típico da cultura alemã, o que não é de admirar pois o falante CP viveu bastantes anos na Alemanha.

Em (48)[4] BS faz uma pergunta a CP. Tendo em conta o contexto que a precede, a partir do qual se infere que CP não se mostra disposto a executar tarefas domésticas, esta pergunta é provocatória, embora não tenha sido entoacionalmente marcada nesse sentido.

CP responde imediatamente, mostrando-se indignado com a pergunta. Hesita devido a uma dificuldade em encontrar os elementos lexicais certos para designar o que pretendia, como se pode ver nos prolongamentos em (53) e (55). Depois de ultrapassado este momento, como não está interessado em continuar a vez e como as suas obrigações relativamente aos seus parceiros da interacção já estão cumpridas, CP cede-a a BS (57)[5].

Através dos seguintes meios verbais e não-verbais, CP expressa a sua indignação para com BS e um certo desprezo relativamente ao conteúdo do enunciado do seu parceiro:

- elementos verbais, como a interjeição "*ó*";
- prosódia: amplos movimentos ascendentes-descendentes de altura de tom em "*limpar o pó*", "*arranjo*", "*dona de casa*" e "*empregada*", cada elemento com contorno final fortemente descendente.
- movimento da cabeça: vira a cabeça da direita (BS) para a frente e inclina-a ligeiramente para baixo (deste modo, acentua o desacordo entre si e o falante antecedente[6]);
- desvio do olhar para baixo;
- gesto de afastamento.

Verifica-se que os momentos de hesitação foram acompanhados por um desvio de olhar para baixo, possivelmente para conseguir uma maior concentração no processo cognitivo de procura lexical. A este tipo de desvio de olhar para baixo, Poggi (2002c) atribui a propriedade de mostrar que o falante pretende recordar-se de qualquer coisa; em contrapartida, o desvio do olhar "para cima" demonstra outro tipo de actividade cognitiva, a saber, uma inferência[7]. Este mesmo tipo de desvio do olhar foi estudado por Ehlich/Rehbein (1982). Os autores descrevem o desvio do olhar para cima/lado, que designam por *deliberatives Wegblicken* (desvio do olhar para reflectir), como a atitude típica de um participante que está a pensar ou a reflectir sobre alguma coisa. No *corpus* encontram-se, ao lado de situações idênticas às descritas por Ehlich/Rehbein, outras em

---

[4] Estes números referem-se às linhas da transcrição e são aqui usados como referência para os diferentes actos conversacionais.

[5] Para ceder a vez a BS, CP olha para ele e produz um enunciado (57) com características de fecho (informação de carácter conclusivo, movimento de altura de tom terminal descendente) que se pode parafrasear do seguinte modo: "é assim e não tenho mais nada a acrescentar".

[6] Em muitos casos de reacções de desacordo, pude observar, entre muitos outros fenómenos, um desvio da orientação da cabeça para o lado oposto àquele para o que se encontrava orientada, nem que fosse por um espaço de tempo muito curto.

[7] A meu ver, estes dois tipos de desvios não podem ser classificados de uma maneira tão simplista como a sugerida por Poggi, porque há muitos outros factores a considerar, por exemplo, a situação da interacção, o tema em questão, as relações interpessoais e a motivação do falante.

que o falante desvia o olhar para baixo, também para pensar, mas quando não está interessado em manter a vez durante muito mais tempo.

A enunciação do termo "*dona de casa*" é acompanhada por uma inclinação da cabeça para a direita, a enunciação de "*empregada*", i.e., a reparação retrospectiva da palavra antecedente, pela rotação da cabeça para a direita, para BS. Ao mesmo tempo que os movimentos da cabeça desempenham funções importantes a nível interpessoal (movimentos relacionados com atitudes de desacordo e afastamento), também estão coordenados com a produção de palavras ou de partes do discurso de maior importância para o falante - e que, por isso, ele quer ver evidenciadas. Pode tratar-se aqui de um impulso interior sentido pelo falante no momento da realização dos tópicos para ele mais importantes.

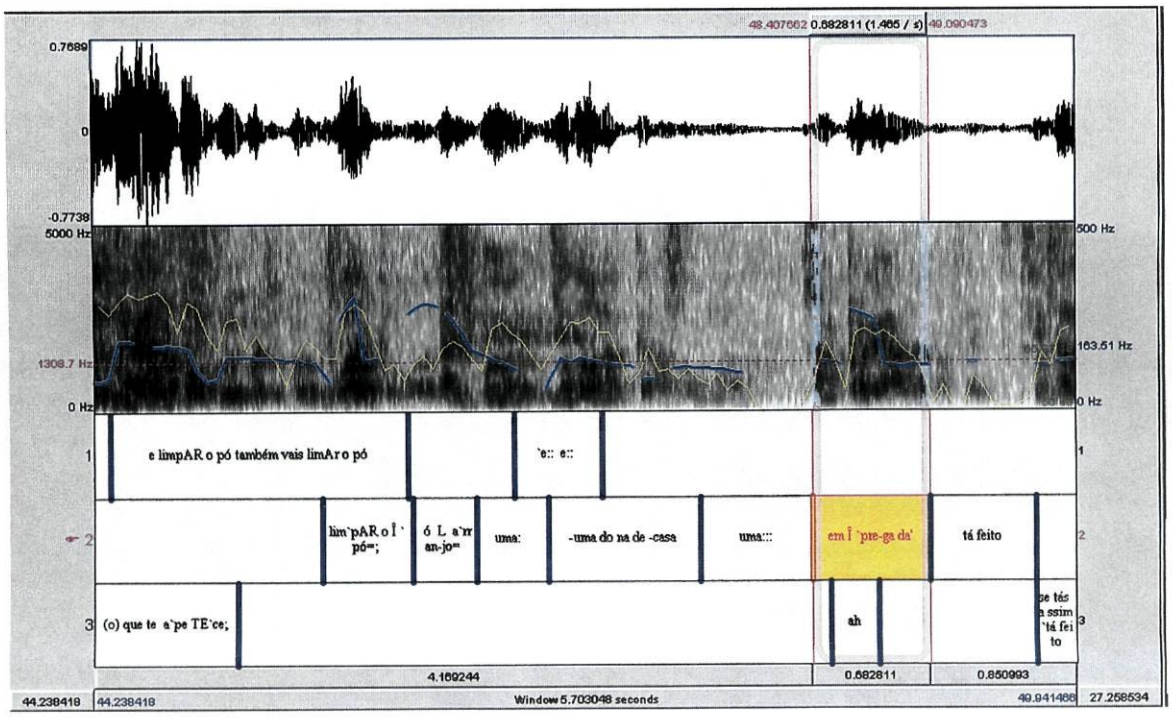


FIGURA 4/1: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P2 (51) - (57)

1 O PÓ

2 LIMPAR

3 ARRAN-

4 -JO

5 UMA

6 UMA

7 DONA-DE-CASA

8 UMA

9 EMPREGADA

10 TÁ FEITO

4.1.2 Exemplo (2): AUTO-INICIAÇÃO > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRA)

O elemento substituído pode ser também uma forma do tempo do verbo, como exemplificam dois momentos da seguinte passagem:

```
    2p3-12  NF: na E´ducação dU´MA dU`MA -duma cri[´nçA']
    2p3-13  BS:                                  [há que]
    2p3-14        ↑´`sE:::r' (for')=
    2p3-15  NF: <<f>=´NÃO é -a ´pUl``sO' `HÁ:Á'`Á'``Á::>
→   2p3-16        (0,373) <<all>-por ↑`Exem´plo> ↓´tu::'
→   2p3-17        ↑´`Eu ↓-tenho `como -mo´DE:lo'
→   2p3-18        <<all>Ó -tive como mo`´dElo na> minhA::na minhA::
                  (0,351)
    2p3-19  BS: -o ´tEu `´pAI,=
    2p3-20  NF: <<all><p>`no mEu cresciment'>>
    2p3-21        (-) ↓-o mEU ´`pA´`i;
    2p3-22        ↓`sei lá.
→   2p3-23        (-)`fUi -do clUbe  que o ´`mEu `pA´I'
→   2p3-24        ↓´`sOu -do clUbe que o mEU pAI ´É:?=
    2p3-25  BS: =iss ´tÁ `MAU <<p> `iss tá mau.>
```

Segue-se a descrição detalhada da comunicação não-verbal de NF:

`HÁ:Á'`Á'``Á:: - *NF olha para baixo mantendo a cabeça levantada, os braços e as mãos em posição de repouso;*

pausa vazia - *NF fecha a boca, continua a olhar para baixo e inclina a cabeça um pouco para baixo;*

<<all>-por ↑`Exem´plo> - *NF levanta a cabeça na direcção de BS e olha para ele.*

↓´tu::' - *NF levanta o braço esquerdo e aponta para si com o isqueiro (IMAGEM 1);*

↑´`Eu ↓-tenho `como -mo´DE:lo' - *NF aponta de novo para si (fase de stroke - em "tenho"; mão mais afastada em "modelo") (IMAGENS 2 e 3);*

<<all>Ó - *NF estica mais o indicador e aponta de novo para si, um pouco mais abaixo;*

-tive como mo`´dElo - *NF afasta a mão do corpo, ficando com o indicador apontando para o ombro esquerdo; olha para CP (IMAGEM 4);*

Nesta sequência, NF executa várias reparações: duas para substituir a forma do tempo verbal ("*tenho*" > "*tinha*"; "*fui*" > "*sou*"); uma para mudar o sujeito de "*tu*" para "*eu*" e outras duas para superar fases de hesitação relacionadas com questões cognitivas de planeamento do discurso[7].

A iniciação da primeira reparação, em (16), consiste no fecho de uma hesitação (prolongamento da vogal em "*há*" e pausa vazia). Verifica-se que, no primeiro momento da hesitação, o falante permanece mais ou menos imóvel e recolhido (olhar para baixo, cabeça inclinada para baixo, mãos em repouso). A superação desta fase está linguisticamente marcada pelo acto metacomunicativo "*por exemplo*", que informa sobre o conteúdo da fala seguinte e sobre o modo como este deve ser interpretado (como um "exemplo").

Este acto, que interrompe o antecedente e permite, através das suas características prosódicas, superar a hesitação, representa uma estratégia de reparação prospectiva. Está marcado por uma subida abrupta de altura de tom na sílaba acentuada, o que lhe confere uma posição de proeminência e, simultaneamente, uma função focalizadora. É realizado a uma velocidade mais elevada do que a fala envolvente, um fenómeno que se verifica com frequência nos enunciados que se seguem a hesitações[8]. No plano não-verbal também se observam alterações da posição de partes do corpo: NF levanta a cabeça, olha para BS e inicia uma nova unidade gestual. Todo este conjunto de CNVs e dos fenómenos prosódicos referidos reforça este acto no seu significado de sinal topográfico de abertura.

Em seguida, NF introduz a referência "*tu*", ao mesmo tempo que aponta para si próprio. Atendendo a que, logo a seguir à realização da palavra "*tu*", NF a substitui por "*eu*", é possível que a realização do primeiro pronome tenha sido um lapso (quer sendo interpretado como a forma pessoal da 2ª pessoa, quer como um "*tu*" impessoal). A reparação retrospectiva é iniciada através de um salto ascendente de tom que confere a este momento da correcção de "*tu*" por "*eu*" uma posição de proeminência na frase. NF repete o gesto de apontar, com uma pequena diferença relativamente à localização da mão em relação ao corpo (a mão que aponta com o isqueiro aproxima-se mais do corpo do que no gesto antecedente). Apesar desta pequena diferença, este gesto pode-se considerar uma repetição do primeiro.

Com base em McNeill (1992), segundo o qual o gesto e a fala fazem parte do mesmo sistema e os significados a nível conceptual podem ser expressos tanto pelo sistema verbal como pelo não-verbal, pode-se admitir a hipótese de que a reparação de um aspecto do significado através da fala não implica ter que corrigir o gesto que acompanhou a parte do discurso a reparar. É um caso idêntico ao da substituição de "*tenho como modelo*" por "*tive como modelo*" (exemplo comentado a seguir), em que apenas um elemento foi substituído, enquanto os outros foram repetidos no acto de reparação. No entanto, a repetição do gesto na reparação pode estar mais ligada a

[7] Por vezes, o tipo de actividade cognitiva pode ser deduzido a partir da observação da relação entre a comunicação verbal e a comunicação não-vebal, como já foi observado por C. Müller (1994) e Müller/Ingwer (1999) no estudo do gesto durante pausas.
[8] Cf. parte II, 3.2.2.

questões interaccionais: ao repeti-lo, o falante mostra ao ouvinte que o elemento verbal realizado agora e acompanhado por um gesto idêntico ao antecedente é uma reparação de um elemento realizado anteriormente em simultâneo com esse mesmo gesto antecedente. Este aspecto também foi tratado por Fornel (1991)[9].

No acto (17), NF utiliza um tempo verbal que avalia imediatamente como errado. Segue-se logo, em (18), a respectiva reparação, marcada por uma mudança de direcção do movimento do gesto: a realização da palavra corrigida é acompanhada por um gesto de apontar para o seu lado esquerdo, como se indicasse algo que se encontra atrás de si. Este gesto, além de marcar o contraste com o antecedente, reforça o significado de "passado", iconicamente localizado atrás de alguém. Também se verifica, neste momento, uma alteração na direcção do olhar - NF estivera a olhar para BS, mas, quando realiza o gesto de apontar para a direita/cima, roda a cabeça um pouco para a esquerda e olha para CP. Concluindo: pelo contraste de orientação do movimento em relação ao gesto antecedente, o gesto anula o que foi dito anteriormente; simultaneamente, apoia/reforça o significado do verbo, e o olhar, dirigido para CP, focaliza a importância do enunciado verbal que acompanha.

Segue-se outro momento de hesitação em que NF usa o gesto como apoio à sua actividade de planeamento do discurso: o prolongamento da palavra "minha" é acompanhado por um movimento circular, como se o gesto estivesse a impulsionar a actividade mental do falante, e mostra, ao mesmo tempo, que o falante ainda pretende manter a sua vez. A superação da hesitação foi conseguida em (20), em que NF repete, com menor amplitude, os movimentos que realizara durante a procura lexical. O sucesso da reparação caracteriza-se, verbalmente, por uma substituição dos elementos "*a minha*" por "*o meu*" e pela adição do elemento "*crescimento*"[10]; não-verbalmente, pela repetição, em menor amplitude, do gesto usado durante a procura lexical. A velocidade mais rápida da fala e a menor intensidade da voz conferem a este acto um valor secundário relativamente ao que vai ser dito a seguir. Estas características são típicas das superações das reparações, por representarem, como já disse, momentos menos agradáveis na produção do enunciado. Além disso, a importância desta reparação foi também reduzida pela aceleração, ou avanço, que BS provoca na conversação[11].

Em (22), NF prepara-se para iniciar uma enumeração de aspectos que justificam a sua opinião sobre o facto de uma criança precisar de um modelo de pai. Para apoiar a organização dessa enumeração e facilitar a sua descodificação pelo(s) ouvinte(s), NF recorre a um gesto típico das enumerações, a saber, uma contagem pelos dedos (cf. imagem 11). A seguir encontra-se uma descrição detalhada da comunicação não-verbal de NF nesta passagem:

---

[9] "La répétition du geste permet à la réparation de prendre une forme et une configuration locale donc sans pour autant devenir l'activité centrale de l'interaction (ce qui se passerait si le locuteur indiquait verbalement qu'il veut prendre en charge la réparation). Cet aspect de l'organisation gestuelle liée à la réparation peut donc permettre à l'interlocuteur de déterminer s'il est approprié de modifier sa participation au tour de parole en cours et de s'engager dans l'activité de réparation" (Fornel, 1991: 147).

[10] Pode-se falar aqui da aplicação da alínea b) da *Extended Head Rule* de Uhmann (2001), cf. parte I, 3.1.2.

[11] Este aspecto é tratado com mais pormenor no exemplo 22.

`fUi -do clUbe - *NF toca com o isqueiro, que segura com a mão esquerda, no dedo anelar da mão direita e move a mão direita para a frente; baixa a cabeça e olha para a mão (IMAGEM 12);*

que o ´`mEu `pA´I'- *NF volta a tocar com o isqueiro no dedo anelar e avança muito ligeiramente a mão esquerda para a frente; levanta a cabeça e olha para BS (IMAGENS 13, 14 e 15);*

↓´`sOu - *NF volta a tocar com o isqueiro no dedo anelar (IMAGEM 16);*

-do clUbe que - *NF avança com a mão esquerda para a frente (IMAGEM 17);*

o mEU pAI ´É:?= - *mantém posição. BS levanta as sobrancelhas em "é", assinalando que há algo de importante que notou ou de que pretende falar. A seguir, NF recolhe a mão esquerda para trás e afasta ambas as mãos para os lados, olhando sempre para BS (IMAGEM 18).*

No acto (24), NF realiza de novo uma correcção de um tempo verbal, interrompendo o enunciado (23) antes da sua completação sintáctica. Pode-se deduzir que NF se apercebe da necessidade de corrigir o tempo verbal quando chega o momento de ter que escolher uma forma verbal para o sujeito "*pai*". Se utilizara o passado para a primeira frase deste enunciado ("*fui*"), qual seria o tempo verbal mais indicado para esta segunda frase? Para o caso do pai que ainda trabalha para o Benfica, o passado não parece muito apropriado. NF soluciona este problema, decidindo corrigir também o tempo verbal na primeira frase deste enunciado, como se comprova em (24).

Sob o ponto de vista prosódico, esta reparação está pouco marcada, pois a altura de tom do novo arranque "sou do clube que o meu pai" mantém-se muito idêntica à usada em "*fui do clube que*". É iniciada apenas por uma oclusão glotal a seguir à palavra "*pai*". Como se pode verificar, tanto o enunciado "errado", como aquele que o substitui foram iconicamente localizados no mesmo dedo, ou seja, realizados através da repetição do gesto, como se pode ver nas imagens 14 e 16[12].

[12] Esta actividade de "contar pelos dedos" será descrita com mais pormenor no exemplo 36.

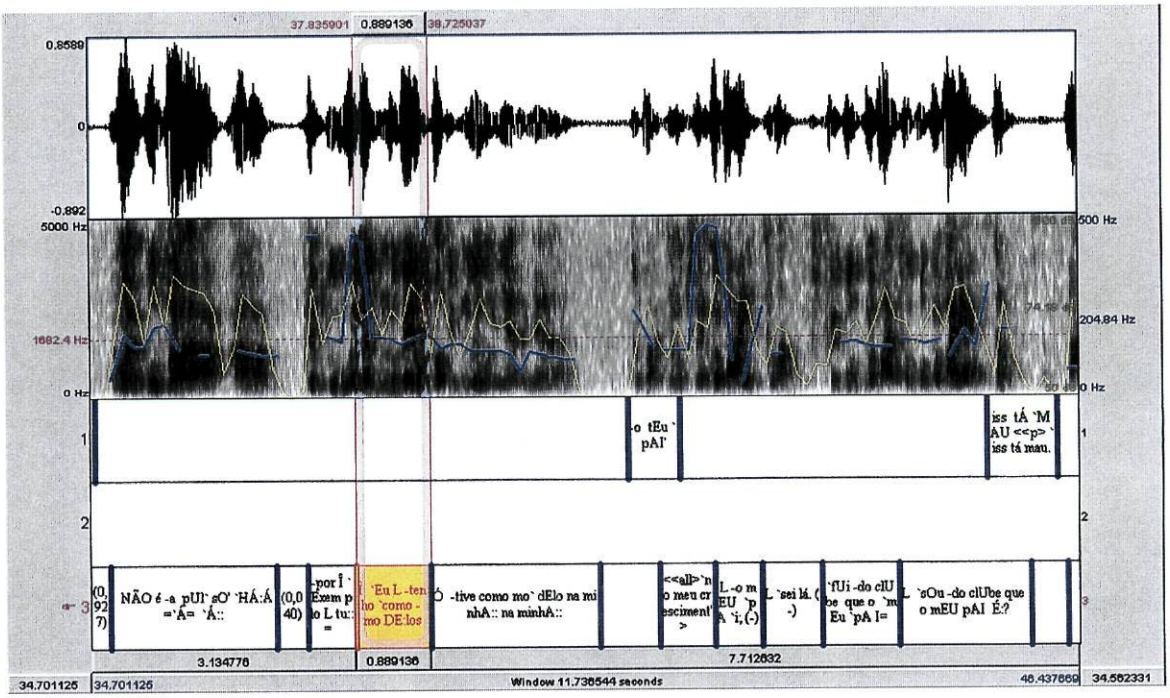
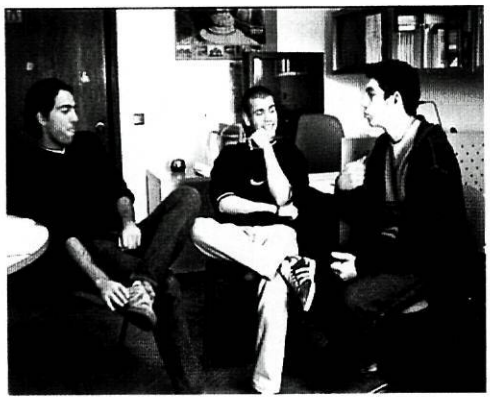


FIGURA 4/2: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P3 (15) - (24).

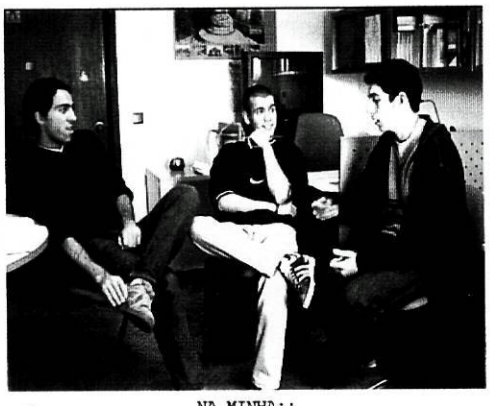


1 TU

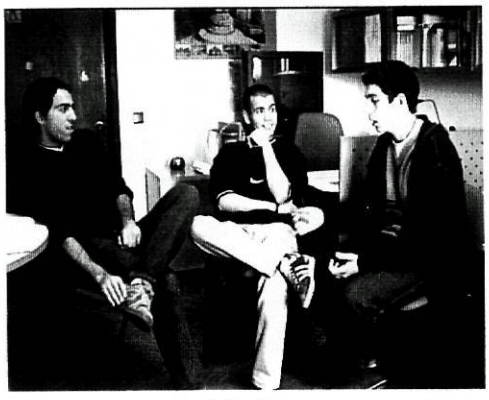
2 EU

3 TENHO

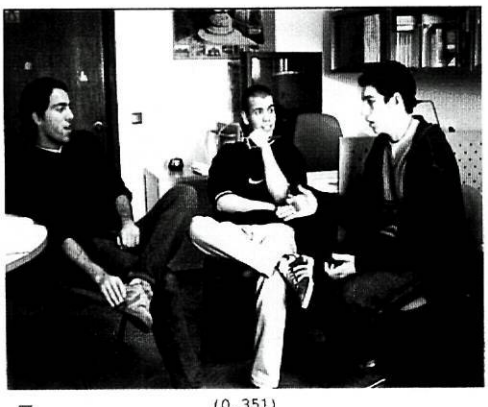
4 TIVE



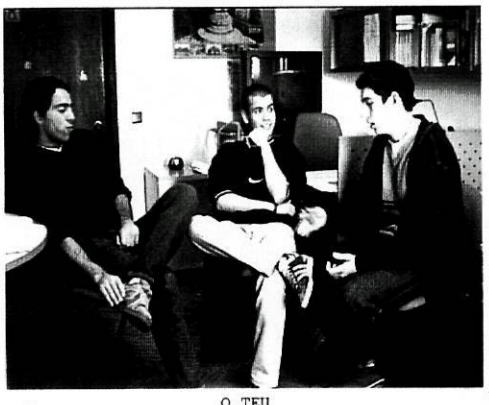
5 NA MINHA::



6 NA MINHA::



7 (0,351)

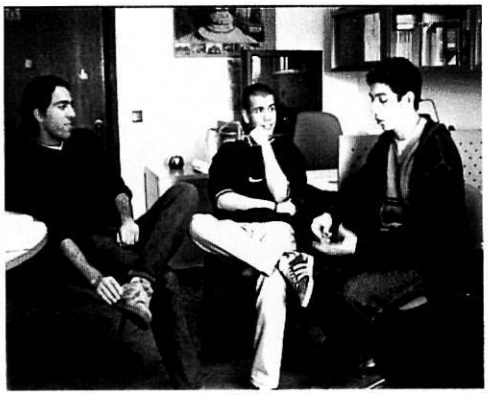


8 O TEU

9 CRESCIMENTO

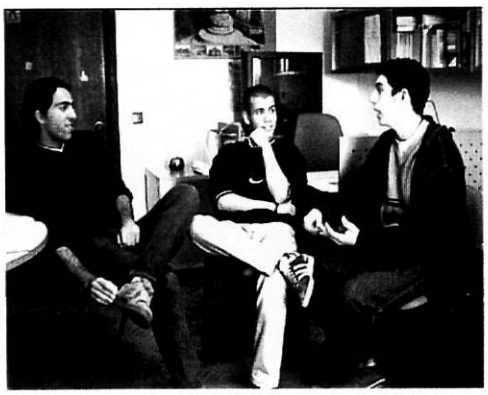
10 MEU PAI

11



12 FUI

13 CLUBE



14 PAI

15 I

16 SOU

17 DO CLUBE

18 É

4.1.3 Exemplo (3): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (INSERÇÃO DE FRASE)

Segue-se agora uma série de exemplos em que a reparação consiste na interrupção de um enunciado para introdução de outros elementos/frases:

```
2p2-69  CP:                    [<<a>´`en´TÃO `quê.>]
2p2-70       ´`A´chas ´`pou`´co,
2p2-71       (0,108) `co`´`zi`nhAR::;
2p2-72       <<g>`´fo´go,>
2p2-73       (0,457) -já -DÁ um `tra´BA:lho,
2p2-74       `eh´je`´sus,
2p2-75       (0,153) podia [tar a fazer nada (    ).]
2p2-76  NF:                [(    ) (não é dar trabalho)]
2p2-77       <<f>´`´`s=Ela `num;>
→ 2p2-78     <<all> `e se ´`Ela ´gost`AR -também de cozinhar-
2p2-79       e não gos`´tAR -DE -lavar ´`LOUça.>
2p2-80       (--)
2p2-81  CP: <<f> ´não É `mu`lhER pra `mIm.>  [hh,]    [((riso))]
```

Na linha (77), o falante começa uma frase condicional negativa, mas interrompe-a antes da sua completação para realizar uma frase condicional afirmativa com o mesmo sujeito. Da reparação realizada que originou, a nível sintáctico, um anacoluto, deduz-se que houve uma alteração de intenções por parte do falante que, em vez de apresentar uma só condição, como planeara primeiro, decide introduzir duas, reforçando assim o seu carácter sequencial (iniciativo). A sua primeira intenção foi enunciar a condição "*e se ela não gostar de lavar a louça*?"; mas muda de intenções e interrompe esta condição para antepor outra - "*e se ela gostar também de cozinhar*"-, repetindo, em seguida, a condição interrompida. Estas duas condições representam a primeira parte de uma sequência argumentativa "*se p, então q*"[13] e constituem um acto iniciativo, ao qual CP deve reagir emitindo a sua opinião - a segunda parte desta sequência.

Os meios activados para efectuar esta reparação consistem em alguns parâmetros prosódicos: o falso arranque em "num", realizado com entoação descendente, pode corresponder ao momento em que NF muda de intenções; segue-se o novo arranque em (78), pronunciado com uma maior rapidez, aparentemente para recuperar o tempo perdido com o falso arranque. A maior intensidade da voz com que este falso arranque foi realizado está ligada, certamente, ao facto de CP (o destinatário), não estar a olhar para NF. O único gesto realizado nesta passagem consiste num levantar do braço na direcção de CP, mão fechada segurando o isqueiro, que coincide com o segmento "*e não gostar*".

[13] Cf. J. Fonseca (1992: 117). Nas sequências condicionais a realização da primeira parte cria imposições sequênciais relativamente à realização da segunda.

A seguir baixa de novo o braço. Simultaneamente com a realização de "*e não gostar*", observa-se uma reacção em CP: levantar de sobrancelhas e orientação do olhar para NF. Nota-se que CP antecipou o conteúdo do enunciado e se prepara para responder à provocação de NF.

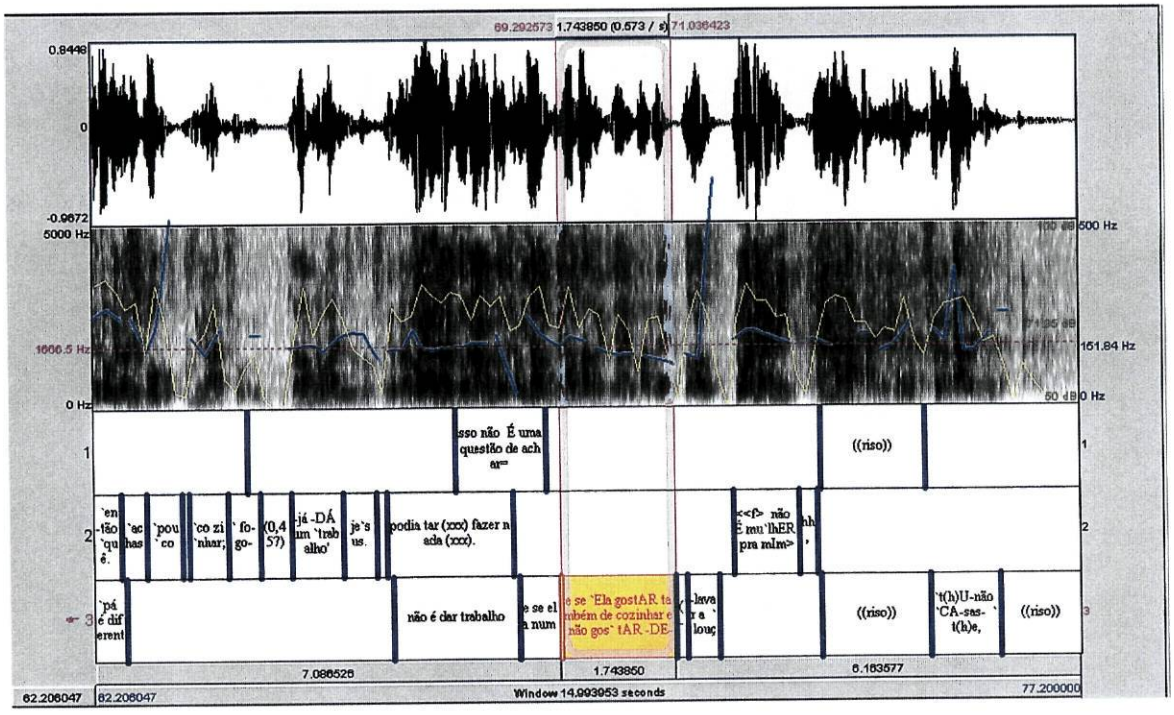


FIGURA 4/3: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P2 (70) - (81).

4.1.4 Exemplo (4): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE)

```
3p2-38   LV: !``-NÃO!=-É:: `fA-zem:- ``fA``ZEM ``tu`do;
3p2-39       (0,115)-dE:sde=´AlmOços e ↑`jan-tares em ``CA::-:sa-
3p2-40       `des´de -arru`mAr ´as`CA::`sas. ↑-desde- ↑ah'
3p2-41       (0,485)`fA´zem `mEs´mo=MUIto ´MA`IS;
3p2-42       ↓´elas ``vêm `trabalhar;
→ 3p2-43     <<all> ´a minha -mãe vem ´``tra`balhar>=às ↑``´SEte,
3p2-44       (0,538)`chE-ga a casa a ´tem`que ´fa`zer o
             jan´``TAR::;
```

No exemplo 4, LV substitui "*elas vêm trabalhar*" por "*a minha mãe vem trabalhar*". As características prosódicas destas duas passagens são idênticas, excepto no que diz respeito à velocidade de produção da fala: o novo arranque é realizado com maior rapidez do que o acto interrompido. A expressão "*às sete*" (43), produzida com maior altura de tom, destaca-se do restante enunciado. Nota-se aqui um desvio do foco do primeiro enunciado e da sua reparação ("*elas vêm trabalhar*"/"*a minha mãe vem trabalhar*") para "*às sete*". Este fenómeno torna a reparação menos evidente. Por sua vez, a repetição da prosódia pode ter aqui uma função idêntica à que foi atrás apontada para a repetição do gesto: dá a indicação de que o enunciado repetido é uma reparação do outro (cf. figura 4/4)[14].

Neste caso, como se pode ver em baixo, a nível gestual não se verifica nenhuma repetição do gesto antecedente, mas sim a realização de outro gesto:

↓´elas - *LV estava a olhar para VB e aproxima as mãos uma da outra à frente do corpo (IMAGEM 31);*

``´vêm - *LV levanta mais a mão direita e olha para baixo (IMAGEM 32);*

`trabalhar; - *LV baixa um pouco a mão direita e olha para VB (IMAGENS 33,34 e 35);*

<<all> ´a - *LV começa a levantar a mão esquerda e desvia o olhar de VB (olha em frente, mas não para VB);*

minha -mãe - *LV levanta mais a mão esquerda, até ao nível do ombro, palma para a frente, dedos afastados, olhando sempre em frente/cima; baixa em seguida o braço e a mão aberta, palma para dentro, e junta-a à direita (palma contra palma, como se estivesse a rezar) (IMAGENS 36 e 37);*

---

[14] Constata-se aqui a manutenção de certa identidade sintáctica entre o falso arranque e a parte nova, como foi referido por Uhmann (2001). Cf. parte II, 3.2.1.

vem ´`tra`balhar>=às ↑`´SEte, - *LV olha para baixo (IMAGENS 38, 39, 40 e 41);*

(0,538)`chE-ga a casa - *VB inclina a cabeça para a esquerda (lado oposto), continua a olhar para baixo e afasta as mãos, preparando-se para "contar pelos dedos" (IMAGENS 42 e 43);*

a ´tem`que ´fa`zer o jan´`TAR::; - *inicia a contagem; em "jantar" vira a cabeça para VB e olha para ela. A seguir vira de novo a cabeça para a frente (IMAGENS 44, 45, 46 e 47).*

Concluindo, no momento da reparação pode-se observar um desvio do olhar para frente/cima e uma alteração na direcção dos movimentos das mãos: em (42) a mão direita estava mais acima do que a esquerda e, no novo arranque, LV levanta a mão esquerda (movimento que acompanha a enunciação de "*mãe*") e baixa a direita, como se seguisse uma nova orientação.

Embora estes movimentos não sejam muito amplos, são manifestações de impulsos interiores com orientações opostas e, por mais pequenos que sejam, não podem ficar excluídos das observações, porque, no fundo, são movimentos idênticos a outros mais amplos e mais visíveis, realizados por outros indivíduos. Tanto os movimentos mais amplos como os menos amplos fornecem indicações importantes sobre a subjectividade do falante e a sua actividade cognitiva. A questão da amplitude dos movimentos está relacionada com factores individuais (como o de se tratar de um indivíduo mais ou menos extrovertido), emocionais e emotivos (grau de envolvimento[15]), situacionais (contexto situacional da interacção) e sócio-culturais (comportamentos e posturas são sócio--culturalmente apreendidos e "moldados"). Por isso, a amplitude dos movimentos só pode ser analisada em termos do seu valor relativo no conjunto de movimentos observados para cada indivíduo, ou para grupos de indivíduos[16]. Neste trabalho, não é a questão da amplitude dos gestos que está no centro das atenções, mas sim o momento em que foram realizados, o que pretenderam realçar através da orientação do seu movimento e da sua forma.

Quero ainda comentar outro fenómeno, nesta passagem, que representa um factor importante na manutenção de vez: a iniciação de uma contagem em (44) funciona como um indicador de uma continuação da vez eventualmente mais prolongada: como nas contagens se instaura um ritmo (cada acto termina geralmente com entoação ascendente) e o ritmo cria um esquema de perspectivas relativamente ao prosseguimento da vez, as parceiras da interacção sabem que se devem preparar para ouvir LV durante certo período de tempo. Esta contagem é ainda reforçada pelo gesto convencionalmente usado em contagens[17].

---

[15] Para uma definição de **envolvimento**, cf. Tannen (1989), Caffi/Janney (1994); este tema será considerado de novo na parte II, capítulo 5.

[16] Por exemplo, Müller (1998, 2001) observa, sob o ponto de vista contrastivo, a amplitude dos gestos realizados por alemães e espanhóis e constata que a amplitude dos movimentos é culturalmente determinada.

[17] Este aspecto vai ser tratado com maior pormenor no exemplo 36.

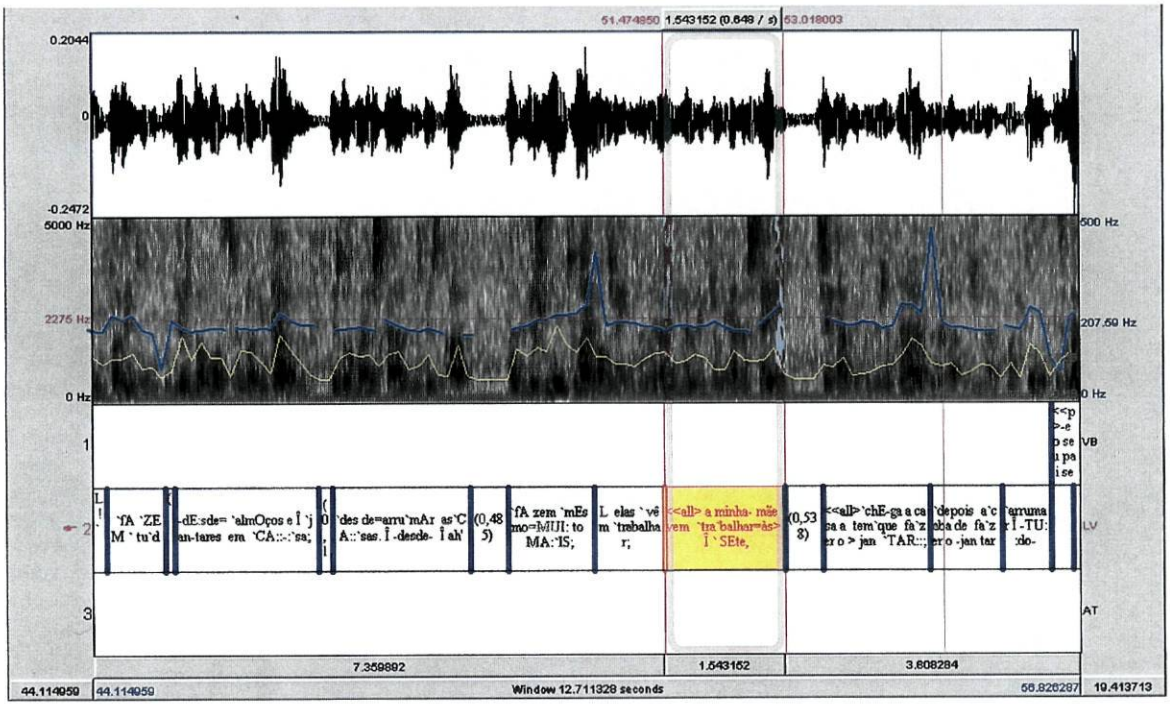


FIGURA 4/4: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P2 (39) - (44).

1 NÃO É

2 FAZEM

3 FAZEM

4 TUDO

5 (PAUSA VAZIA)

6 DESDE

7 ALMO-

8 -ÇOS

9 E

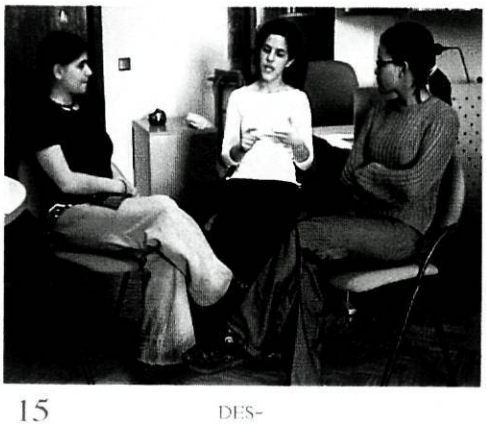
10 JAN-

11 -TARES

12 CA::

13 -SA

14



15 DES-

16 -DE

17 ARRUMAR

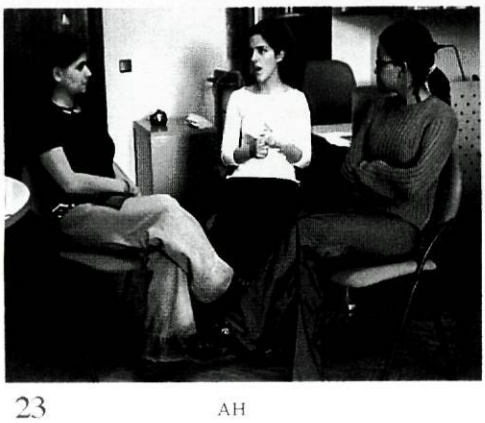
18 AS

19 CA-

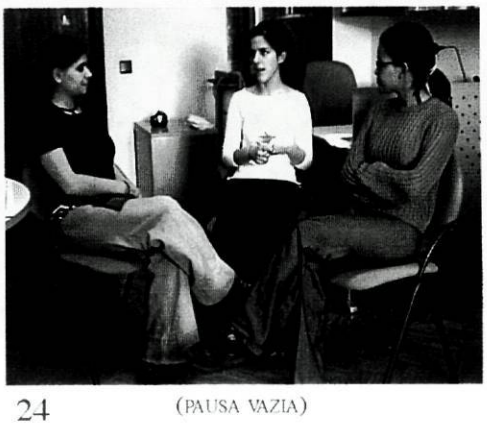
20 -SAS

21 DES-

22 -DE



23 AH



24 (PAUSA VAZIA)

25 FA-

26 -ZEM

27 MESMO

28 MUI-

29 -TO

30 MAIS

31 ELAS

32 VÊM

33 TRA-

34 -BA-

35 -LHAR

36 MINHA

37 MÃE

38 VEM

39 TRABALHAR

40 ÀS

41 SETE

42 CHEGA

43 CASA

44 TEM

45 FAZER

46 JANTAR

47

4.1.5 Exemplo (5): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE)

```
2p1-22      q::: ´vÃo -benefi´cIAr?
2p1-23      (0,443)
2p1-24  CP: ``´CLA [`ro;]
2p1-25  NF:       [tI]
→ 2p1-26    po. se tu Aich' ↑`Acho que tu deves ajudAR a tua
            mulhER a co´zi`NHA-re-
2p1-27  CP: <<ff>´EU [-cozi-nho]
2p1-28  NF:          [<<ff>tu va`is´]
2p1-30  CP: e `Ela -lAva a [´LOU`ça.> <<pp>(sozinha).>]
```

Na passagem correspondente à reparação, observou-se a seguinte comunicação não-verbal de NF e de CP:

se tu Aich' - *os braços de NF atingem a elevação máxima no momento da produção da sílaba mais proeminente; a cabeça encontra-se virada para a frente, bem levantada;*

`Acho que tu - *NF baixa os braços; em "tu" vira a cabeça para CP;*

deves aju - *NF levanta os braços e olha para CP; neste momento, CP abre um pouco os lábios, mantendo as sobrancelhas levantadas e a direcção do olhar (de baixo para cima para NF) e inicia um aceno - começa a mover a cabeça para baixo;*

dAR a tua mu- *NF baixa os braços; NF vira a cabeça para o lado esquerdo e olha para baixo;*

lhER - *NF baixa mais o braço esquerdo;*

a co´zi`NHA-re- - *NF sorri, vira a cabeça de novo para CP e olha para ele enquanto baixa mais o braço direito; enquanto isso, CP levanta muito a cabeça (movimento que constitui a 2ª parte do aceno).*

Neste exemplo, as pistas prosódicas e gestuais apoiam o falante na execução da reparação de um falso arranque. O falante NF retoma a vez em (25) através do elemento verbal "*tipo*". Este elemento constitui, por si só, um acto metacomunicativo, sinónimo de "*por exemplo*" (cf. exemplo 2), que indica aos ouvintes que o que se segue representa um aspecto particular do conteúdo de "*ajudar a mulher nas tarefas*", um exemplo das muitas tarefas que há para fazer. A nível de articulação dos enunciados funciona como um sinal topográfico de abertura. O seu significado de "abertura" é reforçado pelo novo gesto que acompanha a sua realização: braços abertos, palmas para cima, acompanhando o inclinar do tronco e da cabeça para trás. Durante este movimento, NF olha para baixo. A orientação do olhar mostra que o falante precisa de se concentrar no que vai dizer.

O destinatário destes enunciados é CP, cuja opinião NF tenta influenciar. Durante esta passagem, CP está a olhar para NF e, através da postura e da mímica, não só expressa a sua atenção e bom desempenho do seu papel de ouvinte, mas também transmite outras informações: CP encontra-se de braços cruzados, cabeça ligeiramente inclinada para a frente e voltada para NF, olhando para este de baixo para cima, com as sobrancelhas bem levantadas e um ligeiro sorriso nos lábios. Todo este conjunto de sinais emitidos não--verbalmente por CP informa sobre a sua atitude (de uma certa ironia, expectativa, ou antecipação de uma avaliação crítica) para com NF, como se estivesse a dizer "*vamos lá ver o que é que este vai agora dizer e como é que eu me vou defender sem mudar a minha atitude*".

Talvez o sorriso de NF, neste momento do seu enunciado, reflicta uma antecipação da reacção que vai obter por parte de CP.

A partir da observação da comunicação não-verbal de NF, verifica-se que a reparação foi acompanhada por um gesto, cuja direcção de movimento é oposta à do gesto antecedente que acompanhou o falso arranque (levantamento de braços - abaixamento de braços).

Como se pode ver na figura 4/5, o parâmetro intensidade é, sob o ponto de vista prosódico, idêntico em "*aich*' " e em "*acho*"; o mesmo não acontece relativamente à altura de tom, em que se verifica uma subida brusca de altura de tom entre "*aich*" e o ataque da primeira sílaba de "*acho*", realizada com uma grande descida de tom (do nível alto para o nível médio). O movimento ascendente está ligado à maior importância que o falante atribuiu a este novo começo. O resto da palavra e da frase é realizado numa altura de tom global média, talvez para substituir o falso arranque de um modo disfarçado. O acto termina com um movimento descendente-ascendente em "*cozinhar*". Esta variação de altura de tom é uma característica do estilo enfático[18] que reflecte o maior envolvimento do falante - neste caso, a manifestação de indignação para com CP.

Esta reparação retroactiva foi iniciada com interrupção de uma palavra (através de uma oclusão glotal) e realizada pela verbalização da nova palavra com repetição da altura de tom da palavra corrigida; esta verbalização foi acompanhada por um gesto, cuja direcção do movimento é oposta à do movimento do gesto antecedente.

[18] Sobre **estilo enfático** cf. parte I, 3.4.5.

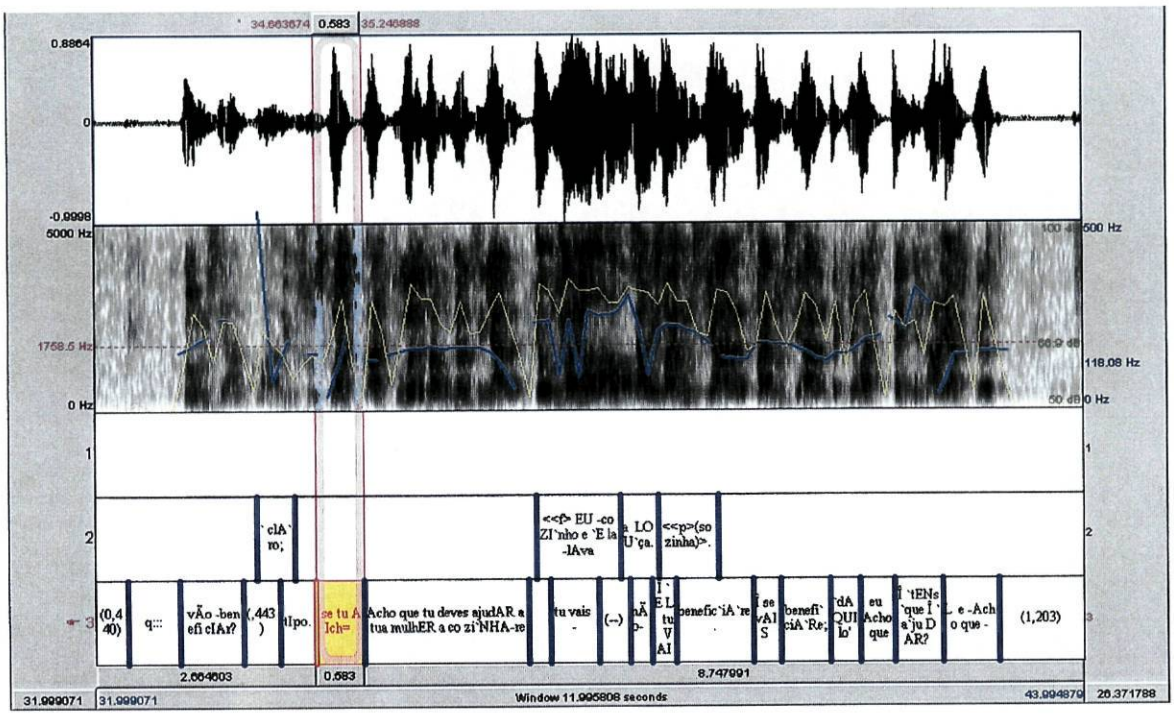


FIGURA 4/5: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P1 (22) - (35).

4.1.6 Exemplo (6): FALSOS ARRANQUES: AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE)

```
    3p3-70      (0,410) <<f>``´quAN-do->
→   3p3-71      ´eh' ``´Ach',
→   3p3-72      (0,546)-de´vI`A ´`SE::re;
→   3p3-73      <<all>´U`ma ´nÃO `po-dIa ´po``´dEr,>
    3p3-74      ´uma`pe-ssOA querE`re::↑``´um `fi-lho↓´só ´pra=`E-LA-
    3p3-75      (0,271)
    3p3-76  LV: `claro;
    3p3-77      (0,290)
```

O exemplo 6 demonstra um momento pouco fluente da vez de VB que abrange uma sequência de falsos arranques: a falante inicia uma frase temporal, em (70), que não termina, certamente porque se encontra insegura quanto ao modo de apresentar o que pretende dizer. Em (71) hesita (pausa cheia) e inicia um acto metacomunicativo ("*ach*'") que interrompe logo no começo; em (72), a seguir a uma pausa vazia, segue-se um novo arranque de outro acto metacomunicativo, que informa sobre a modalidade do que vai ser dito ("*devia ser*"). Este acto também não é terminado. O acto em (73) também não se caracteriza por uma boa formação (*"*uma não podia poder*"). Mas, pelo modo como está inserido nesta sequência de correcções e pelas características prosódicas que marcam a sua produção, tem a capacidade de pôr termo à falta de fluência da fala, marcando o momento pós-reparação, o momento de superação do "problema". Como no caso do exemplo 2 (16), é caracterizado por um aumento da velocidade de produção da fala - uma reacção típica na superação de fases mais lentas e/ou mais desagradáveis.

Do ponto de vista da comunicação não-verbal observa-se o seguinte:

(nesta parte, LV está a olhar para baixo e AT para VB).

Pausa vazia - *VB fecha as mãos que estavam afastadas e abertas em frente do corpo. Mantém as sobrancelhas levantadas (levantara-as em "assim", final do acto antecedente), continua a olhar para AT e fecha os olhos 0,2 segs. antes de falar.*

<<f>``´quAN-do-> - *VB encolhe os ombros, olha para baixo, vira as mãos para cima;*

´eh' ``´Ach',- *sobe mais a mão esquerda com o indicador esticado apontando para o corpo.*

Pausa vazia - *VB baixa as mãos para a frente e encolhe ligeiramente os ombros (este encolher de ombros assemelha-se a um baixar e levantar do pescoço) e continua a olhar para baixo.*

-de´vI`A ´`SE::re; - *VB vira as mãos abertas para fora, pontas dos dedos para baixo e de novo para dentro; levanta um pouco mais a cabeça;*

<<all>´U`ma ´nÃO `po-dIa - *encolhe um pouco os ombros, volta a rodar as mãos para fora, uma repetição do gesto que executara antes;*

´po`´dEr,>´uma`pe-ssOA querE`re::↑`´um `fi-lho↓´só ´pra=`E-LA- - *durante esta passagem do enunciado, partindo da última posição do gesto antecedente, VB desenha dois semi-círculos em direcções opostas com ambas as mãos (de fora para o corpo, de baixo para cima e no sentido inverso).*

Comparando as várias comunicações não-verbais de VB nos falsos arranques, encontra-se um parâmetro comum: em todos VB olha para baixo. Parece necessitar de se resguardar de influências externas para organizar o conteúdo do que vai dizer. No que diz respeito à actividade gestual, no primeiro arranque VB executa um gesto que se poderia classificar de "abertura", com uma função idêntica a um sinal topográfico de abertura; no segundo arranque, a configuração do gesto já é diferente: o indicador aponta para o corpo, realçando o falante, a pessoa que tem uma determinada opinião (reforço do significado de "*acho*"); no terceiro arranque, o gesto funciona de novo como um sinal de abertura, apresentando iconicamente um espaço que vai ser preenchido pela fala. No quarto arranque, que representa a fase de superação das sucessivas hesitações, o último gesto de abertura é repetido. Sendo assim, estas reparações sucessivas (também mencionadas por Schegloff, 1979: 278) apresentam uma progressão para a obtenção de um sucesso, finalmente conseguido em (73). O facto de este enunciado funcionar como superação do problema mostra que nem tudo o que está gramaticalmente errado é corrigido (reparado) pelo falante. É o caso dos enunciados (73) e (74) e da relação gramatical entre si. O falante parece não achar necessário proceder a mais reparações e, por isso, continua a vez, recorrendo aos meios necessários para obter um sinal de retorno do ouvinte, ou seja, produzindo um sinal de pedido de retorno.

O pedido de retorno efectuou-se do seguinte modo: depois de terminar o enunciado, VB mantém os braços abertos, as mãos abertas e a cabeça voltada para AT; fecha a seguir os olhos e ergue as sobrancelhas. Em (76) obtém o sinal de retorno de LV. Só que para a interpretação deste pedido de retorno é necessário, em primeiro lugar, observar o comportamento de LV. Considerando, em seguida, o comportamento da ouvinte que emitiu o sinal de retorno, verifica-se que esta esteve todo o tempo a olhar para baixo (para as mãos). Isso mostra que não foram as características não-verbais da vez de VB que funcionaram de facto como sinal de pedido de retorno, mas outras. Deste modo, conclui-se que a comunicação não-verbal foi praticamente redundante ou "inútil" e que os parâmetros prosódicos utilizados por VB foram suficientes para provocar a emissão de um sinal de retorno por parte de um ouvinte.

As características prosódicas que mais importância tiveram na obtenção do sinal de retorno foram as subidas bruscas da altura de tom nas últimas palavras do enunciado. Estes desníveis abruptos de altura de tom que caracterizam o estilo enfático transmitem o grande envolvimento do falante relativamente ao que está a dizer e a sua atitude crítica de

indignação a que os ouvintes não podem deixar de reagir, caso se cumpram as mínimas condições de cooperação na conversação.

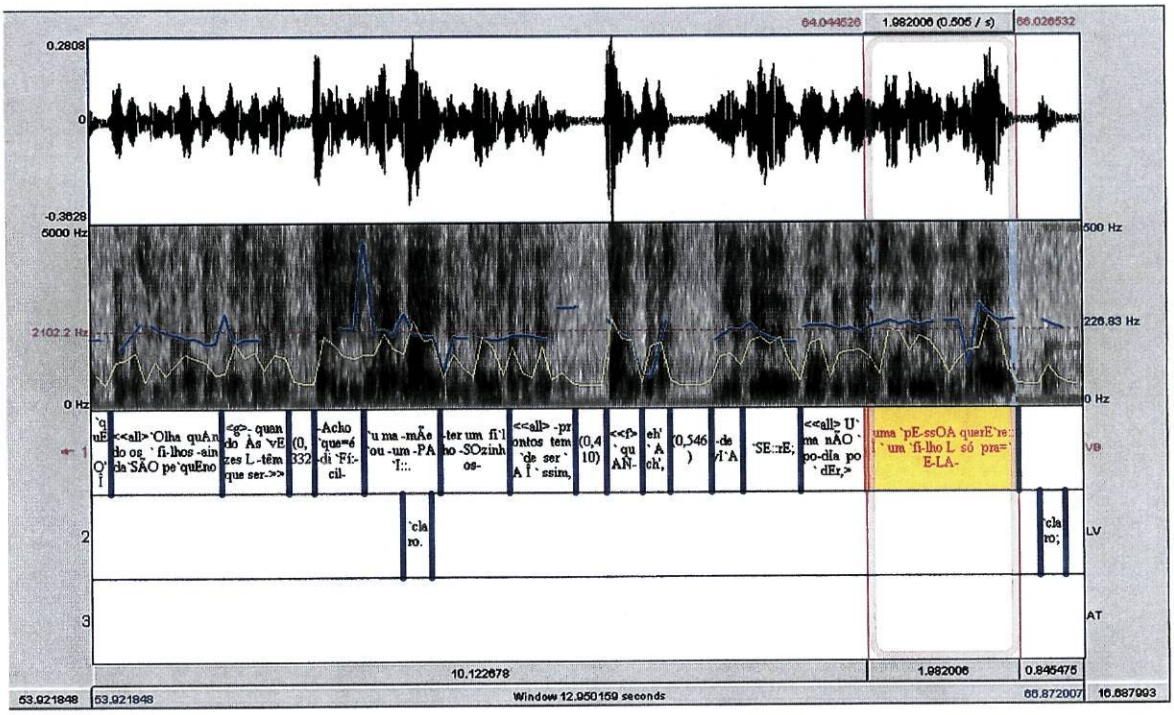


FIGURA 4/6: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P3 (70) - (74).

4.1.7 Exemplo (7): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE[19])

```
3p3-58  VB:          [<<f>´Eu `jÁ']
3p3-59       `JÁ=´A`cho> [´`quE::; (0,401) `quE]
3p3-60  AT:              [não
3p3-61  LV:              [-muI:to=´i`deA´lis↓-ta-]
3p3-62  VB: ´O'↑`´o:: -di`VÓRcio;
→ 3p3-63       <<all>`Olha ´quAndo os `fi-lhos -ainda`SÃO pe`quEnos;
3p3-64       <g> -quando ´Às `vezes ↓-têm que ser->>
3p3-65       (0,332) `Acho ´que=é -di´`Fí:-cil-
```

No exemplo 7, a informação anunciada pelo acto metacomunicativo, em (59), consistiu apenas na introdução do tópico ("*o divórcio*"); não chega a ser completada, porque VB muda de intenções e, por isso, tem que alterar a ordem pela qual organizara o discurso. A interrupção (iniciação da reparação) é realizada antes do PT, através do sinal conversacional topográfico de abertura "*olha*", que tem a propriedade de atrair a atenção dos ouvintes para algo de importante que vai ser dito. Também indica que o que vai ser dito é um aparte: não pertence ao mesmo nível do tema principal, mas faz parte de uma informação adicional, sobre as circunstâncias relacionadas com o tópico anunciado. O aparte é constituído por duas unidades informacionais: na primeira, (63), VB refere uma situação específica do "*divórcio*", na segunda, (64), faz uma avaliação da modalidade (por necessidade: "*têm que ser*") das circunstâncias que conduzem, nessa situação específica, ao "*divórcio*".

Estes dois enunciados destacam-se da fala circundante pelas suas características prosódicas: velocidade mais rápida da fala, altura global de tom mas baixa e, no último acto, tom de voz mais grave. Estas características prosódicas conferem-lhe propriedades de menor proeminência relativamente à fala envolvente, um aspecto que caracteriza a maioria dos apartes.

A introdução do aparte é feita através de um sinal verbal, típico no desempenho da função de tomada de vez ("*olha*"). Este caso ilustra a tendência de recorrer a estratégias e sinais (linguísticos, prosódicos ou não-verbais) geralmente usados em situações mais agradáveis e preferidas, para as usar em situações menos agradáveis e despreferidas, como é o caso da reparação. Na minha opinião, através deste disfarce do recurso a um sinal típico de tomada de vez, o desarranjo causado pela interrupção e pela reparação passa mais despercebido e a ameaça da reparação para a face de um indivíduo é atenuada e minimizada. Ao usar este sinal, VB age com se tivesse tomado a vez nesse momento e orienta a atenção dos falantes para o que vai ser dito, anulando a interrupção antecedente. Por outras palavras, faz como se esta fosse inexistente.

---

[19] Cf. parte I, 4.1.2. Neste trabalho optei pela designação de **aparte**, sinónimo de **parêntese**

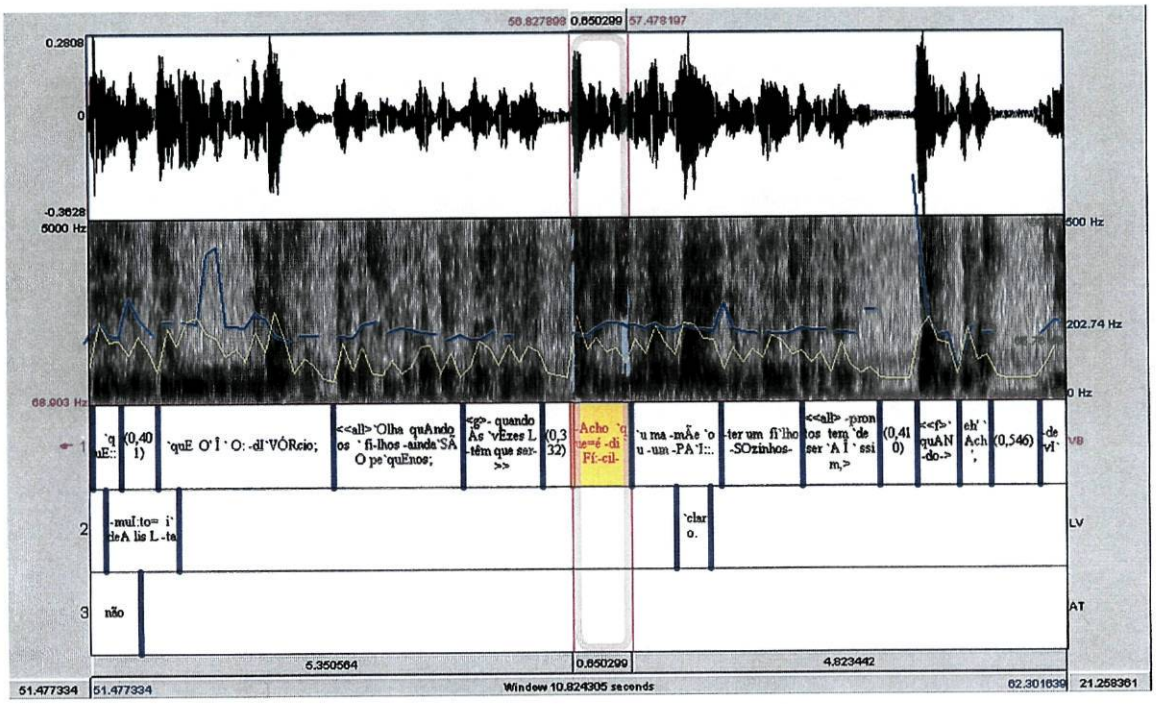


FIGURA 4/7: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P3 (58) - (65).

No que diz respeito à comunicação não-verbal da falante, observa-se o seguinte:

VB olha para AT , ou para a frente, inspira e levanta a cabeça, fecha os olhos e pronuncia:

[<<f>´Eu `jÁ'] `JÁ=

´A`cho> [´`quE::; - *VB abre os olhos, olha em frente, afasta um pouco as mãos do corpo;*

pausa vazia - *VB fecha os olhos e inspira, afasta um pouco mais as mãos do corpo; esta pausa não é uma pausa cognitiva: VB prolonga a realização verbal, não porque tenha dificuldades de planeamento da sua vez, mas porque espera que LV termine o seu enunciado para a poder ouvir com atenção;*

`quE]. ´O'↑``o:: -di`VÓRcio; - *VB vira a cabeça para AT e desvia o olhar para cima; LV olha para VB;*

<<all>`Olha - *VB está a olhar para cima; inclina a cabeça um pouco para a direita e vira-a na direcção de LV;*

´quAndo os `fi-lhos -ainda - *VB olha, em seguida, para LV;*

`SÃO pe`quEnos; - *VB fecha os olhos, inclina a cabeça para a esquerda, levanta as sobrancelhas e encolhe os ombros*[20]*;*

<g> -quando - *VB abre os olhos e olha para LV.*

´Às `vezes ↓-têm que ser->> - *VB realiza uma série de pequenos acenos*[21]*; em "têm que ser", VB desvia o olhar para cima;*

pausa vazia - *VB fecha os olhos e mantém a cabeça levantada. Esta pausa tem uma função retórica, porque, sem ser longa de mais, informa que VB se prepara para o próximo enunciado, supostamente uma retoma do tema deixado em suspenso.*

LV e AT olham atentamente para LV.

`Acho ´que=é -di´`Fí:-cil- *VB dá um pequeno impulso com as costas para a frente, olha para LV ao produzir a sílaba proeminente (Fí) de "difícil"; mantém as mãos em posição de repouso.*

O momento de terminação do aparte e retoma do tema principal foi, de certo modo, preparado pela pausa vazia antecedente que, neste contexto, tem uma função retórica de criar expectativa nos ouvintes; a retoma do tema principal foi prosodicamente marcada por um aumento da intensidade da voz e com a mudança de qualidade (menos grave). A nível não-verbal, neste preciso momento e em simultâneo com a verbalização da sílaba proeminente em (65), observa-se um pequeno impulso do tronco da falante para a frente e a orientação do olhar para LV.

Resumindo, a fronteira do início do aparte encontra-se marcada através de

- sinal verbal topográfico de abertura "*olha*";
- desvio do olhar para cima e inclinação da cabeça;
- tom de voz mais grave e aumento da velocidade de produção da fala.

A fronteira final caracteriza-se por

- uma descida de altura de tom e uma pausa vazia.

Na retoma do tema principal, constata-se

- a repetição do elemento verbal "*acho*", produzido antes da introdução do aparte (dobra sintáctica) (frase interrompida não foi gramaticalmente completada);
- ataque à mesma altura de tom do aparte, seguido por uma variação de altura de tom (descida e subida);
- tom de voz mais agudo;
- orientação do olhar para o parceiro;
- movimento do tronco.

---

[20] Tendo em conta a relação de significado entre CNV e fala, verifica-se aqui que o conteúdo relacionado com o acto seguinte ("*quando às vezes têm que ser*") é antecipado através da CNV: quando encolhe os ombros, ao mesmo tempo que inclina a cabeça para o lado e fecha os olhos, VB expressa a sua atitude de sujeição a circunstâncias desagradáveis e inevitáveis. A seguir, este conteúdo é explicitado verbalmente.

[21] Os pequenos acenos reforçam o conteúdo expresso pela fala, i.e., o valor da necessidade da realização do divórcio.

4.1.8 Exemplo (8): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (SUBSTITUIÇÃO DE FRASE)

```
1p11-21   CL:  <<f>´nÃO `ma neste -nes`te ´nes`ta questÃO;>
1p11-22   ES: -tu És= afi`cio´`nÁria ´do `cOntra;
1p11-23   CL: `´SOU `sOu´`´sOu `contra.
1p11-24       ´mEsmo -por E:sse-
→ 1p11-25     <<len>´nÃO=`É`pe-la ´quEs`-tÃO `´do=-AfEcto que
              `vão -DAR-
1p11-26       <<p>´não é pela ques`tÃO: (.) ↓´-dI:`sso.>>
1p11-27   ES: <<pp>pois.>
```

Na linha (24) do exemplo 8 está registado um falso arranque de CL. Como se pode constatar, sob o ponto de vista da comunicação não-verbal, este pequeno distúrbio passa praticamente despercebido:

`´SOU `sOu´`´sOu `contra.- *CL olha para baixo, continua a mexer com a mão direita nas calças, encolhe ligeiramente o ombro esquerdo e realiza uma série de acenos (IMAGENS 1, 2 e 3);*

´mEsmo -por E:sse- - *CL olha para baixo, continua a mexer com a mão direita nas calças (IMAGENS 4 E 5);*

<<len>´nÃO=`É`pe-la - *CL levanta o braço até ao peito, pontas dos dedos viradas para o corpo; continua a olhar para baixo(IMAGENS 6 e 7);*

´quEs - *CL afasta o braço para a frente (IMAGEM 8);*

`-tÃO - *volta a aproximar o braço do corpo;*

`´do=-A-fE - *afasta o braço para a frente (IMAGENS 9, 10 e 11);*

cto que `vão -DAR- - *volta a aproximar a mão do corpo, desta vez até ao ombro (IMAGEM 12).*

Pouco antes do enunciado transcrito em (21), CL iniciara uma actividade gestual de auto-toque. O momento em que inicia este gesto coincide com o fim do tratamento de um tema (explicação de uma frase, ou comentário, dada por ela) e com a retoma de um tema por ela iniciado (em 1p10-10), a expressão da sua opinião -"*sou radicalmente contra*"- ainda por desenvolver ou justificar. O falso arranque foi realizado num momento de pouco envolvimento do falante, durante a nova actividade gestual de auto-toque[22]. Fornel (1991) regista a falta de atenção concedida ao estudo dos gestos de auto-toque. Uma

[22] Este gesto surge com frequência em situações de maior tensão nervosa, como uma actividade automática de disfarce, provocada por factores cognitivos e emocionais mais complexos (cf. Freedman (1977); Feyereisen/Lannoy (1991).

razão é o facto de os auto-toques não terem a propriedade de representar coisas, acções, etc. Estão inseridos numa actividade de focalização sobre o próprio corpo e não numa actividade de representação. Fornel observa este gesto em pausas e procuras lexicais e conclui que ele permite ao falante suspender a actividade gestual em curso sem a interromper, isto é, transforma um gesto em curso num auto-toque (Fornel, 1991: 138-141). No presente exemplo, essa necessidade de focalização em si próprio pode advir do facto de o tratamento deste tema ser um pouco delicado: CL prepara-se para justificar a sua opinião "contra" relativamente à adopção de crianças por homossexuais. Baseando-se no seu conhecimento do mundo que é compartilhado pelas suas parceiras, CL sabe que o que se espera de um futuro psicólogo é uma grande abertura de pensamento. Sendo assim, a sua opinião não corresponde às expectativas dos ouvintes. Esse conhecimento compartilhado e as expectativas dos interactantes são talvez os factores que provocam um encolher de ombros de CL, enquanto repete o que dissera poucos minutos antes ("*sou sou sou contra*"). Sendo este acto de justificar tal opinião uma tarefa que exige certo recolhimento e concentração, CL acompanha-o de um gesto de auto-toque. Deve dizer-se que a falante realiza este gesto repetitivo de fricção sobre as próprias coxas com alguma frequência, de modo que ele pode ser interpretado como uma espécie de tique que se manifesta em momentos de maior tensão.

Considerando o conteúdo expresso em (23) e a CNV realizada em simultâneo, parece que existe uma discrepância entre estes dois canais: o enunciado "*sou contra*" é, à superfície, afirmativo; a comunicação não-verbal expressa pelo movimento da cabeça tem um sentido negativo. Isto comprova que o movimento da cabeça acompanha o significado do enunciado ("ser do contra" quer dizer "não querer, rejeitar, não aprovar").

Nos enunciados que se seguem ao falso arranque, o envolvimento e a força argumentativa é tal que "abafa" o distúrbio causado pela interrupção. O falso arranque é superado através de realização de um enunciado, prosodicamente marcado como "importante", acompanhado pelo início de uma nova actividade gestual de grande amplitude (relativa), cujos movimentos acompanham a cadência rítmica do enunciado. O parâmetro prosódico que mais contribui para a ênfase da fala que constitui esses enunciados é a quantidade (redução da velocidade). Como refere Uhmann (1992), a impressão de "mais lento" é dada pela combinação de uma menor densidade I e uma maior densidade II, isto é, por uma menor quantidade de sílabas (na sua totalidade) e uma maior quantidade de sílabas acentuadas (acento primário) por unidade de tempo. Esta impressão de ritmo é ainda reforçada pela sequência dos gestos realizados em simultâneo.

Concluindo, a superação do falso arranque está marcada pelo início de uma nova actividade gestual e pela redução da velocidade da fala. Estes parâmetros orientam a atenção dos ouvintes para o que vai ser dito, permitindo ao falante manter a vez.

1 SOU

2 SOU

3 CONTRA

4 MESMO

5 POR ESSE

6 NÃO

7 É

8 QUESTÃO

9 DO

10 A-

11 -FECTO

12 DAR

13 NÃO

14 É

15 QUESTÃO DISSO

16 (ES: POIS)

4.1.9 Exemplo (9): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (ANÚNCIOS)

```
    1p12-20 CL: eh ´U-ma `crI´An`ça ↓`que ´`vi`va `num ´`lAR`com
                dOis=`´hO`mens.
→   1p12-21      (0,318) ´mEs`mo ´que `´Um: (.) -a´`ssU'
    1p12-22      <<all>`E ´de-pOis -lÁ es`tÁ:;=
    1p12-23      =é que `tEm=`´E`ssa `ques`´`´tão,>
    1p12-24      (0,099)-quEm=É que= Assume o`quê;
```

No enunciado (21) da passagem transcrita no exemplo 9, CL interrompe um argumento durante a produção de uma palavra para introduzir outro com uma orientação argumentativa supostamente mais eficaz para obter o que pretende.

O acto (22), que vem substituir o acto interrompido, é produzido a uma maior velocidade do que o antecedente. Este articula, a nível local, o enunciado antecedente - (21) - com o seguinte - (23). Este último é um acto metacomunicativo que classifica o teor do conteúdo do acto que se segue (uma "*questão*"). A reparação fica, assim, marcada pela sucessão destes dois actos: o que anuncia o acto metacomunicativo e o próprio acto metacomunicativo. Estes actos funcionam como anúncios[23], estruturando a vez e dando indicações necessárias para a sua descodificação. Esta abertura dupla tem a função de dirigir a atenção dos ouvintes para o que o falante vai dizer. Simultaneamente, a colocação em posição de destaque do que vai ser dito confere-lhe automaticamente um significado de "verdadeiro", de "certo", de uma opinião segura e bem fundamentada, protegendo assim o falante contra quaisquer manifestações de desacordo dos ouvintes que possam representar momentos de perigo de perda de vez.

O conteúdo anunciado é apresentado, a seguir, em forma de uma interrogação, uma estratégia que segue a orientação antecedente, ou seja, incita os ouvintes a participar activamente na interacção e a partilhar da opinião do falante. Esta interrogação tem características idênticas à de uma pergunta retórica do discurso monológico[24].

Nesta passagem encontram-se vários elementos linguísticos e fenómenos prosódicos que desempenham funções importantes a nível conversacional:

O acto (22), que serve como introdução a um aparte, destaca-se prosodicamente da fala envolvente por ter um movimento global de tom descendente; os elementos "*e depois*" estabelecem, a nível local, uma ligação interactiva de adição, indicando que algo vai ser acrescentado; por sua vez, os elementos "*lá está*" estabelecem uma relação retrospectiva

---

[23] Cf. parte I, 4.1.4.

[24] A **pergunta retórica** representa um meio sintáctico de manter o ouvinte atento, fazendo-o participar mais activamente na construção da vez do falante (cf. Meibauer, 1986: 163), e é usada para conduzir o ouvinte a aceitar a asserção feita pelo falante, interpretando-a como verdadeira. Este aspecto será retomado mais adiante, sob 5.2.2.5 e nos exemplos 30 e 33.

com um tópico já mencionado (modelos parentais) e outro que faz parte do conhecimento compartilhado dos interactantes (os homossexuais não fornecem esse modelo).

O localizador primário "*lá*" serve, por um lado, para indicar/localizar um tópico, por outro lado, revela o ponto de vista subjectivo do falante relativamente ao tratamento do tópico - indica que o âmbito desse tópico é afastado do falante[25]. Embora estabeleça uma ligação entre outra informação já conhecida dos participantes e o que vai ser dito a seguir, este acto tem uma função marcadamente focalizadora, sendo, por isso, um sinal topográfico de abertura. No acto (23), a focalização sintáctica através de "é que" também envolve a participação dos ouvintes[26]. Sendo assim, os actos (22) e (23) podem ser considerados um sinal de abertura complexo, constituído por um acto de carácter díctico, que aponta para alguma coisa, e um acto que atribui uma classificação a essa mesma coisa.

Prosodicamente, estes dois enunciados têm uma característica comum: foram realizados a uma velocidade mais lenta do que a fala circundante: esta sequência distingue-se dos apartes atrás descritos em termos de velocidade de realização. Além dos elementos linguísticos, a diminuição da velocidade da fala e o ritmo marcado são estratégias importantes para a constituição do foco[27].

No caso do aparte, que contém informações acessórias ao tema principal, verifica-se uma tendência para uma desfocalização, não só por questões relacionadas com o carácter secundário do seu conteúdo, mas também porque o falante pretende retomar o tema principal o mais rapidamente possível para não se esquecer do que pretendia dizer e para não perder a vez; as características de desfocalização são o aumento da velocidade da fala e a redução da intensidade da voz.

Vejamos de seguida o que se passa a nível da comunicação não-verbal.

``Um:- *CL está a olhar para baixo; faz um gesto na direcção corpo/frente (joelhos), com as mãos fechadas e os punhos unidos*[28], *virados um contra o outro (IMAGEM 6);*

---

[25] Cf. Carvalho (1983) trata os localizadores primários *cá* e *lá* como elementos que permitem a localização subjectiva de referentes num espaço (âmbito) próximo do falante, para o caso de *cá*, e afastado dele, para o caso de *lá* (cf. Rodrigues, 1999a). Num artigo sobre a comunicação emotiva, Caffi/Janney (1994) referem um segundo tipo de deixis *am Phantasma* (cf. Bühler, 1965) que não consiste na transposição para um espaço imaginado, mas sim na transposição de diferentes lugares metafóricos para um espaço interior (*inner space*). Nesse espaço o falante ocupa a posição de *origo* díctica (o ponto zero do acto de referência) e os objectos da comunicação emotiva são localizados relativamente a essa *origo*, ou seja, como estando perto ou longe do falante (cf. Caffi/Janney, 1994: 364 segs.). Esta localização "emotiva" pode ser realizada tanto verbalmente (através de vários tipos de deixis, como pronomes demonstrativos, localizadores primários, etc.), como não-verbalmente (por exemplo através da proxémica, da postura, do gesto e - por que não? - do olhar).

[26] Um caso idêntico foi tratado em Rodrigues (1998: 133); cf. também Meyer-Hermann (1984).

[27] Este aspecto será tratado mais adiante.

[28] CL já realizara este gesto para acompanhar a verbalização das palavras "*homens*", "*homossexuais*" e "*adopção*". O gesto serviu de elemento coesivo para a sua localização perto dos joelhos da falante, ou seja, o mais afastado possível do seu corpo. Pode-se concluir que, além de contribuir para a coesão do discurso, este gesto não só cria uma localização espacial fictícia para os conceitos/objectos que refere, mas também

-a´`ssU'- *CL entrelaça as mãos, palmas voltadas para o corpo numa forma côncava, e aproxima-as do lado direito do corpo. CL fecha os olhos, levanta as sobrancelhas e vira a cabeça um pouco para a direita (IMAGENS 7 e 8);*

A localização gestual desta palavra mais à direita do corpo tem a ver com a propriedade de estruturação do discurso atribuída ao gesto: atendendo a que há dois referentes implícitos no conceito de homossexuais, ao falar-se de um, está implícita a existência de outro; ao localizar um ao lado direito, fica implícito que o outro vai ser localizado ao lado esquerdo. Visto a falante ter interrompido a sua linha de argumentação após referência de "*um*", a parte do discurso esperada, que deveria referir "*o outro*", ficou por realizar. Como se poderá ver abaixo, na sequência desta marcação à direita, as mãos (nesta posição) movem-se um pouco para a esquerda e de novo para a direita:

<<all>`E ´de-pOis - *CL move as mãos entrelaçadas para a esquerda; CL inclina a cabeça um pouco para a esquerda (IMAGENS 9 e 10);*

-lÁ es`tÁ:;= - *CL move as mãos entrelaçadas para a direita (IMAGEM 11);*

Pelas suas características dinâmicas, estes dois últimos gestos, ou sintagmas gestuais, não só parecem estabelecer uma relação entre os dois lados de que se deduz a localização de "*um*" e de "*outro*", mas também transmitem uma sensação de instabilidade.

=é que `tEm=``E`ssa `ques`´´´tão,> - *CL volta a juntar as mãos fechadas (polegar e indicador esticados) em frente do corpo, e estica os braços para a frente - um gesto complexo que se pode considerar um sinónimo de qualquer gesto de apontar mais simples; CL olha para ES (IMAGENS 12 e 13);*

-quEm=É que= Assume o`quê; - *CL mantém as mãos entrelaçadas ao nível dos joelhos e vira-as para a direita, esquerda, direita e baixa-as; levanta um pouco mais a cabeça e semi-cerra os olhos (IMAGENS 14, 15 e 16).*

Há vários movimentos do corpo de CL que mostram que, durante a realização de "*assu*", a falante já estava a planear uma reparação: o fechar de olhos, erguer das sobrancelhas e a inclinação da cabeça um pouco para a direita mostram que algo de diferente vai ser dito; no que diz respeito ao gesto, nota-se, em "*assu*", um movimento directo e decidido, da frente para o lado direito do corpo, que parece pertencer a um sintagma gestual interrompido; este movimento é seguido por pequenos movimentos oscilantes que, por sua vez, se integram formalmente no gesto (sintagma gestual) iniciado antes (localização de "*um*" à direita"), tornando a interrupção menos marcada e salvaguardando a fluidez da fala. Ao mesmo tempo, o movimento para a esquerda, em "*depois*", contrasta com o movimento antecedente para a direita em "*assu*". Assim, este novo sintagma gestual que

---

mostra aspectos da subjectividade do falante relativamente a esses conceitos/objectos. Essa distância subjectiva está também patente no uso do pronome demonstrativo "*essa*", que refere algo que se encontra afastado do falante (e também do ouvinte). Deste modo, CL mostra, inconscientemente, que "*essa questão*" é algo que lhe é pouco agradável.

acompanha os dois actos que constituem a reparação está, por um lado, integrado no sintagma gestual antecedente; por outro lado, indica uma orientação que contrasta com a antecedente. A marcação da nova orientação também é realizada pelo movimento da cabeça: à inclinação da cabeça para a direita em "*e depois*" segue-se uma ligeira inclinação da cabeça para a esquerda em "*lá está*".

Recorrendo aos meios linguísticos, prosódicos, movimento da cabeça, direcção do olhar e gesto, CL consegue que esta reparação não provoque grandes distúrbios na fluidez da fala, mas que seja interpretada como tal pelos ouvintes. Deste modo, CL mantém um discurso fluido e seguro, contendo as propriedades necessárias para manter a vez.

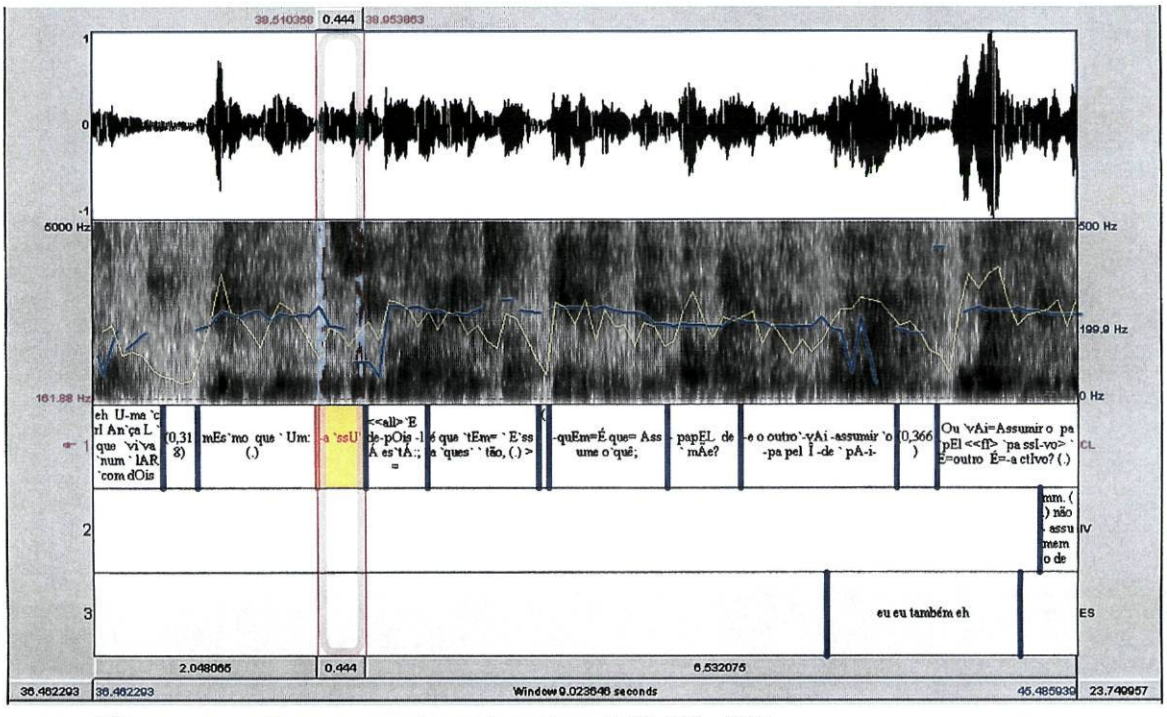


FIGURA 4/9: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1P12 (20) - (24).

1 EH UMA CRIANÇA

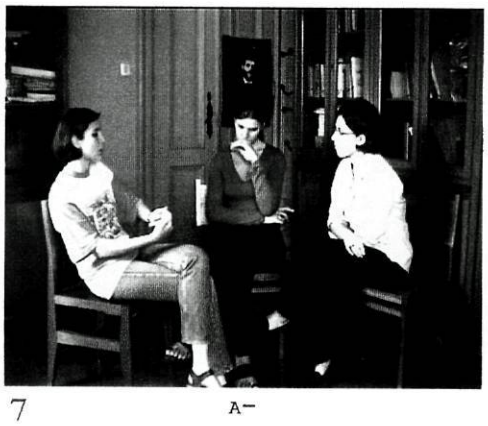
2 QUE VIVA

3 COM

4 HOMENS

5 (PAUSA VAZIA)

6 UM



7 A-

8 -SSU'

9 (PAUSA VAZIA)

10 DEPOIS

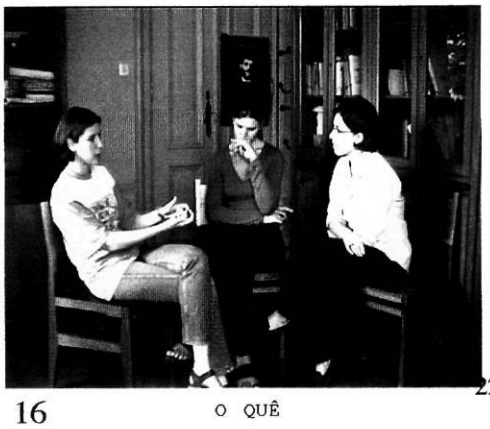
11 LÁ ESTÁ

12 TEM ESSA

13 ESSA QUESTAO

14 QUEM

15 ASSUME



16 O QUÊ

4.1.10 Exemplo (10): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE + + RETOMA)

```
    3p1-14  AT:  <<p>`nÃo. ´`em -CA´sa, (.)
→   3p1-15       ↓<<all>(´tam`bém)> ↑`a´`´QUI::, ´so`mos ↓-dU:-as-
    3p1-16       ´mas- (.) -lÁ=EM=minha ↓`cA-sa:: -so´-mo::s-
    3p1-17       (1,348 ) ↑-quatro -mu´lhERes, `e=UM= `´HOmem,>
    3p1-18       (0,307)
```

No exemplo 10, está transcrito um momento da interacção em que chegou a vez de a falante AT informar as parceiras sobre se vive com algum homem ou não. VB já a informara de que em casa eram só mulheres. AT toma a vez em (14) e interrompe o seu primeiro acto para introduzir outra informação. A sua primeira intenção foi informar as parceiras de que também tinha um homem em casa, mas interrompe-se porque se lembra de que tem duas moradas e numa delas também só vive com mulheres. Essa informação vai torná-la cúmplice de VB, facto que parece agradar a AT. Para transmitir essa nova informação, AT substitui o tópico "*casa*" pelo tópico "*aqui*", palavra que funciona como reparação da primeira.

A entoação com que foi realizada (subida brusca de altura de tom) confere-lhe uma posição de proeminência relativamente à fala circundante. O momento da reparação, iniciado pela palavra "*também*" produzida a uma velocidade mais elevada do que a fala envolvente, é aquele em que AT pretende introduzir essa informação dirigida para VB. Aí, AT olha para VB, ergue as sobrancelhas, vira a cabeça para VB e inclina-a para o lado direito. Nota-se aqui a intenção de chamar a atenção de VB para o que vai ser dito, ou seja, de focar um momento importante de manifestação de cumplicidade/ empatia para com VB ("*também eu, como tu, vivo aqui com duas mulheres*"). Neste momento, a comunicação de AT centra-se na ouvinte VB - o estabelecimento de contacto visual e o tratamento de um tópico ligado à ouvinte parecem servir como meios de aproximação entre estas duas parceiras. Este fenómeno pode-se considerar uma estratégia de sintonização[30].

A retoma do tópico deixado em suspenso antes da interrupção realiza-se em (16), através do elemento "*mas*", que marca uma relação contra-argumentativa com o acto antecedente (15). Os elementos que se seguem a este sinal topográfico de transição ("*lá em minha casa*") são uma reformulação expandida do início de frase interrompido ("*em casa*"). Trata-se de uma auto-reparação, para efeitos de precisão[31].

---

[30] Tais estratégias são referidas por Caffi/Janney (1994: 361 segs.) no âmbito das escolhas linguísticas de natureza emotiva centradas no ouvinte

[31] As características formais desta reparação não são abrangidas pelas regras formuladas por Uhmann (2001) para o caso do alemão.

Durante esta passagem, AT mantém os braços cruzados[32]. Embora não use o gesto para marcar estas mudanças de planeamento do discurso, AT dispõe ainda de meios suficientes (prosódia, direcção do olhar, movimento da cabeça e mímica) para não só realizar uma reparação, mas também acrescentar mais informações a nível das relações interpessoais.

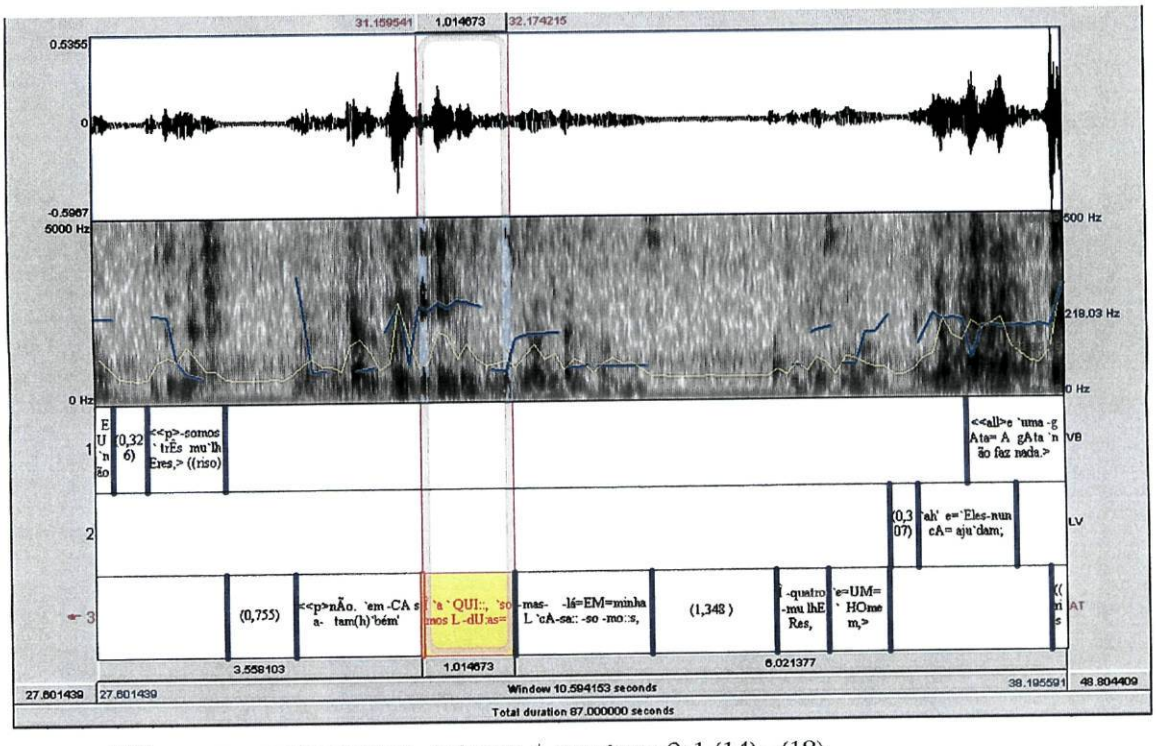


FIGURA 4/10: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P1 (14) - (18)

[32] Esta imobilidade pode ter a ver com a situação da interacção: AT sabe que está a ser gravada e encontra-se sob maior tensão. Esta tensão está patente, por exemplo, no balançar constante da perna cruzada. Nas interacções que constituem o *corpus* deste trabalho, a situação não se pode considerar natural. Pode, em maior ou menor grau, condicionar ou inibir o comportamento dos interactantes. Independentemente deste condicionamento, a fala é espontânea, na medida em que não foi previamente preparada. É provável que, em situações naturais, os movimentos pudessem ter sido mais relaxados e amplos. No entanto, mesmo nos casos de maior contenção do movimento, o que interessa observar é a sua orientação, o momento da sua realização em relação à fala e às outras modalidades não-verbais. Isto é, o que interessa é *onde*, *quando* e *como* é que um movimento se realiza.

4.1.11 Exemplo (11): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO

Os três exemplos que se seguem, 11, 12 e 13, são constituídos por fases introdutórias de narrativas orais, em que o falante interrompe a linha temática principal, com o objectivo de introduzir outras informações necessárias para a contextualização da narração.

```
    3p2-21  AT: [((riso))              ]
    3p2-22  VB  ´e -nós `quando (.) `quando mo´rÁvamos -todos juntos-
    3p1-23       (0,311) ↑`o ´meu `´pAI=
→   3p2-24       <<all>=-Eh- (clique) -tOda a gente'
    3p2-25       ↑`os ´meus ´pAIs -trabalhavam->
    3p2-26       -e a gente ↓-ta´`va::. -tava- (0,327) eh'eh'
    3p2-27       <<all>`estu´DA`va;>
```

No exemplo 11, a falante interrompe-se em (24) e depois de uma pequena hesitação ("eh") seguida de um "clique", verbaliza um constituinte de uma frase que não chega a terminar. A seguir, começa uma nova frase que completa em (27). Estas duas interrupções devem-se, certamente, a questões de organização da informação. Tudo leva a crer que a falante tinha a intenção de contar um determinado assunto (o que o pai fazia quando moravam todos juntos), mas interrompe o seu enunciado para alterar a ordem segundo a qual organizara a informação.

O enunciado em (22) é uma espécie de anúncio que fornece aos ouvintes as informações necessárias para interpretarem o que vai ser dito como uma narração de algo que se passou num determinado lugar e com determinadas personagens. A categoria linguística que desempenha aqui o papel mais relevante é o imperfeito do indicativo, o tempo verbal que faz parte do sistema de tempos verbais do discurso fictício/inactual e que permite uma ancoragem no plano de enunciação narrativo[33]. A conjunção temporal "*quando*" contextualiza esta ancoragem, quer dizer, faz com que o discurso narrativo seja indubitavelmente entendido como tal pelos ouvintes. Depois de estar criado o cenário (viver juntos, certamente numa casa[34]) e apresentadas as personagens ("*nós*"), de acordo com o que deve ser o enquadramento das informações dadas, a falante prepara-se para narrar um determinado episódio passado com uma das personagens (23); no entanto, muda de intenções e, seguindo novos propósitos, altera a ordem pela qual ia fornecer as informações, verbalizando um constituinte que refere o conjunto de todas as personagens[35] ("*toda a gente*") (24). A seguir à enunciação deste constituinte, VB pára de

---

[33] Cf. Fonseca, F. I. (1992: 183 segs.).

[34] VB não precisa de dar mais indicações porque os ouvintes, como membros da mesma cultura, sociedade, etc., compartilham o mesmo conhecimento do mundo e sabem o que significa "viver juntos".

[35] Neste caso, teoricamente, "*toda a gente*" tanto se poderia referir a ela e às irmãs, como fazendo parte de um grupo separado dos pais, a todas as irmãs e à mãe, como fazendo parte do grupo das mulheres, sendo o pai o elemento masculino que contrasta com esse grupo, ou a todos juntos, pais e filhas. Considerando o contexto dos enunciados e o co-texto na sequência das vezes, a última interpretação parece ser a mais provável.

novo e, alterando, mais uma vez, as suas intenções comunicativas, produz um acto completo, que informa sobre parte desse conjunto (os pais), e ainda outro, sintacticamente paralelo ao antecedente, com informações sobre a parte restante ("*a gente*"). Estes dois actos fecham o conjunto de actos conversacionais que desempenham a função de contextualizar um momento narrativo do discurso oral. Por outras palavras, estes actos fornecem as informações que o falante considera necessárias para que os ouvintes descodifiquem os enunciados que se seguem como uma narração de alguma coisa. Assim, VB zela não só pelo seu direito à vez, mas também por que a vez decorra o mais suavemente possível, sem grandes percalços, e por que as parceiras a ouçam com a devida atenção e interpretem a mensagem do modo como ela quer que seja compreendida.

Observando apenas a transcrição da fala, pode-se afirmar que, linguisticamente, as duas reparações, que consistem numa indecisão relativamente à ordem da enunciação de referentes distintos, estão bem visíveis. A prosódia e a comunicação não-verbal, por sua vez, evidenciam outros aspectos relacionados com este momento difícil para VB:

A seguir a "*pai*", há uma pausa cheia ("*eh*"), realizada com uma intensidade de voz quase tão elevada como a sílaba de acento primário (pAI); depois desta vocalização, VB produz um clique (um pequeno estalido por sucção, ao afastar-se a língua do palato) com o significado de aborrecimento e irritação, um som que se emite quando alguém se engana e fica irritado com isso. Em seguida, VB faz o novo arranque com um aumento de velocidade e com uma altura global de tom mais elevada do que a fala antecedente. Em contrapartida, a passagem para o novo arranque foi muito suave: entre (24) e (25) não se verifica nenhum som proveniente da oclusão glotal (vocalizações típicas destas situações de interrupção), nem variações em termos de altura de tom e de intensidade (a intensidade com que são realizadas as sílabas acentuadas é regular, como se pode ver na imagem a seguir).

No enunciado (26), VB hesita de novo, certamente para escolher a informação que pretende dar e que considera mais adequada para o contexto interaccional. Durante este processo de escolha, VB repetiu sílabas, prolongou vogais e emitiu pausas cheias ("*eh*"). As palavras que se seguem a esta hesitação e que põem fim a este momento despreferido foram pronunciadas com um aumento de velocidade da fala e com um contorno entoacional descendente. Este último confere-lhe a propriedade de fecho da passagem antecedente, i.e., da série de enunciados que serviu para contextualizar a narração.

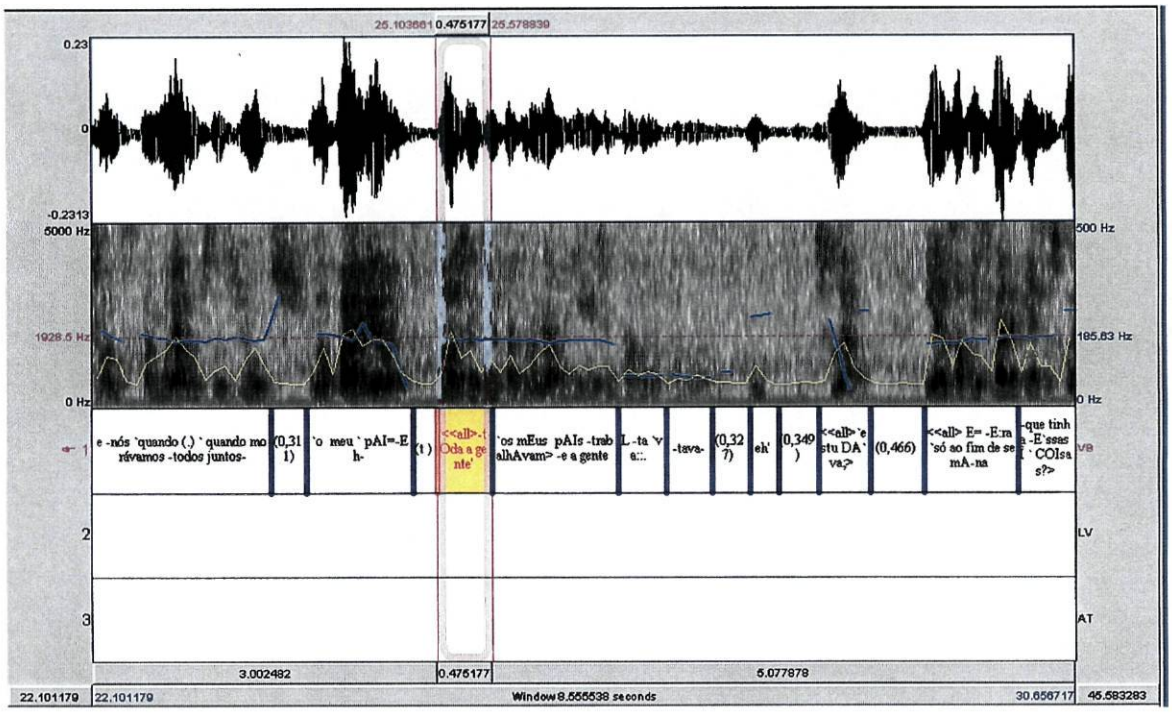


FIGURA 4/11: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊCIA 3P2 (22) - (27).

No que diz respeito à comunicação não-verbal, observaram-se os seguintes movimentos:

↑`o ´meu ``pAI= - *VB levanta um pouco mais a cabeça, olha para AT e, em seguida, para baixo; começa a erguer as mãos (IMAGEM 1);*

<<all>=-Eh- - *VB levanta e abre ambas as mãos, com as pontas dos dedos voltados para o chão; vira a cabeça para LV, mantendo o olhar para baixo (IMAGENS 2 e 3);*

(clique) - *VB junta de novo as mãos, palmas para baixo; olha para LV (IMAGEM 4);*

-tOda a gente' - *VB levanta um pouco o braço esquerdo, mão ao nível do peito, fechada, polegar apontando para cima; continua a olhar para LV (IMAGENS 5 e 6);*

↑`os ´meus ´pAIs - *VB vira a mão esquerda de novo para fora, palma para baixo; olhos para baixo; roda a cabeça para AT, em direcção oposta à antecedente (IMAGENS 7 e 8);*

-trabalhavam-> - *VB vira a mão esquerda de novo para dentro(IMAGENS 9 e 10);*

-e a gente - *VB vira a mão esquerda novamente para fora; olha para AT (IMAGEM 11);*

↓-ta´`va::. -tava- (0,327) - *VB vira a mão esquerda para baixo e recolhe-a; olha para baixo (IMAGENS 12, 13, 14 e 15);*

eh'eh' - *VB olha de novo para AT, abre a mão esquerda e vira-a para fora, inclina a cabeça para a esquerda com um ligeiro encolher de ombros (como se sujeitasse à escolha da informação que decide dar) (IMAGENS 16, 17 e 18);*

<<all>`estu´DA`va;> *recolhe as mãos para dentro, junto ao corpo (IMAGEM 19).*

No momento em que VB fica irritada com a dificuldade de planeamento do seu discurso, produz um pequeno clique com a língua e junta de novo as mãos[36]. Este clique e o regresso das mãos à posição de descanso põem fim a uma fase de hesitação. Sendo assim, ao mesmo tempo que realizam uma reparação e transmitem a atitude do falante, constituem um sinal topográfico de fecho.

Resumindo o que se passou neste exemplo a nível de reparação, pode-se concluir, como Schegloff (1979: 178-179), que as sequências de auto-reparação se caracterizam por um movimento progressivo para o sucesso. Nota-se que, nos momentos de hesitação com reparação proactiva - em (24) e em (26) -, VB leva as mãos a uma posição de repouso e desvia o seu olhar para baixo; nos novos arranques - ("*eh*", "*toda a gente*", "*os meus pais*"), a falante executa um gesto de abertura, como uma tentativa de reparação retroactiva, e dirige o olhar para outro participante, mostrando que vai continuar a falar.

Além dos aspectos relacionados com a reparação, encontram-se outras actividades não--verbais interessantes:

Em (26), durante a hesitação nota-se um ligeiro encolher de ombros, movimento que transmite a atitude (de aquiescência, de cedência perante as circunstâncias) do falante relativamente à informação que vai dar - os ouvintes ficam sem saber a informação que VB preferiu não transmitir. Por sua vez, as diversas pausas (cheias e vazias) são acompanhadas por movimentos gestuais característicos, já encontrados em exemplos antecedentes, que consistem no retorno da mão à posição de repouso e numa nova abertura da mão antes de pronunciar a palavra procurada. Pode dizer-se que é uma espécie de "marcha atrás" gestual, seguida por um novo arranque do mesmo gesto, i.e., por um gesto formalmente idêntico ao primeiro.

O último enunciado (27), a que atrás foram atribuídas propriedades (prosódicas) de terminação, é acompanhado por um gesto que também desempenha a função de fecho: a paragem da gesticulação e o retorno a uma posição de repouso representam o fim de uma unidade de gesto. Este momento pode corresponder ao fim de um acto conversacional ou ao fim da vez. Neste caso, coincide com um fim de tema (fim de uma parte narrativa) e com o fim do acto conversacional. Sendo assim, um momento de mudança temática é marcado por uma mudança de actividade não-verbal.

A manutenção do mesmo gesto tem características coesivas. Tais características observam-se, por exemplo, ao longo de toda esta passagem narrativa em que há um

[36] Cf. Fornel (1991), C. Müller (1994, 1999).

movimento de mão que predomina: o virar da mão esquerda para fora e para dentro. Ao mesmo tempo que estabelece uma relação coesiva entre os enunciados que constituem esta parte da vez de VB, este movimento marca o ritmo da fala.

No fim desta passagem, no momento de mudança temática, VB inspira. Esta inspiração tem um carácter de abertura, porque mostra que o falante ainda não terminou a sua vez. Por este motivo, pode ser classificada como um sinal topográfico de abertura e um sinal de manutenção de vez. Levanta-se agora uma questão: será que esta actividade fisiológica também pode ser classificada deste modo? A meu ver pode, porque é uma actividade do corpo humano imprescindível no processo de produção da fala. Para dar dois exemplos, aliás referentes à função de tomada de vez, Yngve (1970) refere o abrir da boca e a inspiração como indicadores de que alguém pretende dizer algo: "How does someone interrupt or indicate he wants to say something? One signal appears to be a slight opening of the mouth and intake of breath accompanied by a slight tilting of the head" (Yngve, 1970: 575); do mesmo modo, Schwitalla (1976a: 83) menciona a inspiração como um meio paralinguístico para tomar a vez.

1 MEU PAI

2 EH

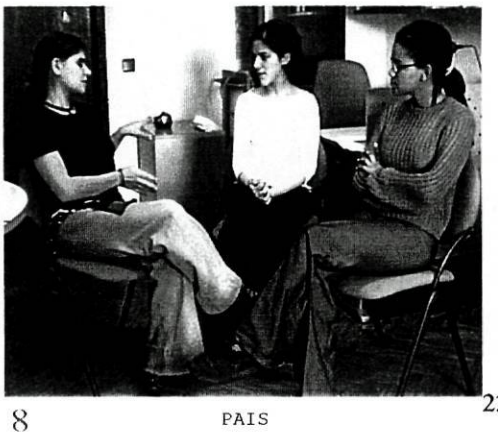
3 EH

4 T'

5 TODA

6 A GENTE

7 OS MEUS



8 PAIS

9 TRABALHA-

10 -VAM

11 GENTE

12 TAVA

13 TAVA

14 (PAUSA)

15 (PAUSA)

16 EH

17 PAUSA

18 (PAUSA)

19 ESTUDAVA

20 (INSPIRA)

21 ERA

4.1.12 Exemplo (12): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE - COM SUBSTITUIÇÃO DE FRASE + RETOMA)

```
    3p1-50  AT: ´`já ´mes`mo'
→   3p1-51      <<g>↓`prontos.
    3p1-52      <all>↑-os meus ´pAIs são se`pa`RA:dos.>>
    3p1-53      (0,484) ↑´`-mA::s- (.)´`qUAN-do=`o meu `pAI:.(.)
    3p1-54      <<p>↑-quando nÓs=Inda vivíamos com o ↓´meu ↑`´pai?>
    3p1-55      ↓´perCE`bes.
    3p1-56      ´o meu' -o mEu ´`PAI -não dEIxAva que o meu Irmão
                fi´ZEsse `nAda=´em ´`CA::`sa; (0,691)
    3p1-57  LV: <<pp>`hm isso é um'=estu[pidez>]
    3p1-58  AT:                          [<<all>-per`CE-bes- <a>´É:
                                                        ´`mes´mo]
    3p1-59      `estu´pi´`dE::z;>>
    3p2-01      (0,380) <<all>`'m ´na`quE-lA=
```

No que diz respeito à CNV, foram observados os seguintes movimentos:

´`já ´mes`mo' - *AT olha para VB, descruza os braços e levanta o braço direito, mão direita aberta, palma virada para o corpo, indicador um pouco mais esticado, apontando para o corpo (IMAGENS 1 e 2);*

<<g>↓`prontos. - *AT desce o braço, a mão fica virada para cima, indicador mais esticado, desvia o olhar para cima (IMAGENS 3 e 4);*

<all>↑-os meus ´pAIs - *AT mantém a mão levantada, olha de novo para VB (IMAGENS 5, 6 e 7);*

são se`pa`RA:dos.>> - cruza os braços, vira a cabeça para a esquerda, olha para a câmara e *depois para baixo (IMAGENS 8 e 9);*

pausa vazia - *AT inspira e vira a cabeça de novo para a frente, continuando a olhar para baixo;*

Neste exemplo, AT interrompe o início de uma narração para introduzir um aparte, uma informação que a falante considera necessária para a interpretação correcta do conteúdo do que vai ser narrado. Para marcar a interrupção do enunciado iniciado mantendo uma certa fluidez na fala, AT recorre ao elemento de fecho temático "*prontos*". O significado de fecho deste elemento provém sobretudo do contorno entoacional descendente com que é realizado. Para este significado contribui também o gesto que acompanha a sua produção: um movimento para cima e para baixo, como um apagar de alguma coisa. Mas este gesto não reforça só o conteúdo expresso pela fala; observando melhor a fase de retracção do gesto, verifica-se que a falante mantém a mão aberta, com a palma para cima e o dedo indicador esticado. Isso significa que se encontra numa fase de planeamento

cognitivo da fala e que ainda vai continuar a vez. Essa informação é idêntica à que transmite a orientação do olhar: o desvio do olhar para cima indica que AT está a reflectir sobre o que está para avançar. Sendo assim, há dois significados diferentes expressos pelas quatro modalidades: as modalidades linguística e prosódica transmitem o significado de sinal topográfico de fecho; as modalidades visual e gestual, o significado de sinal topográfico de abertura. É o carácter diferente da comunicação não-verbal e da fala que permite a expressão simultânea de significados distintos. Se estes significados tivessem de ser transmitidos através da fala, teriam que ser produzidos linearmente, um antes, o outro depois, como por exemplo no caso da sequência das palavras "ˆpronto.´então," - a primeira, com entoação desdencendente, como sinal topográfico de fecho, a segunda, com entoação ascendente (média), como sinal topográfico de abertura. O recurso a várias modalidades de comunicação permite que estes dois significados sejam expressos em simultâneo e descodificados também em simultâneo pelo ouvinte, não como a percepção da cor roxa, resultante da mistura de azul e vermelho, mas como a percepção do azul e do vermelho, não-misturados. Além disso, embora diferentes canais expressem diferentes significados, não se trata aqui de um caso de discrepância de canal[37], porque não existe contradição entre as informações dadas pelos diferentes canais, mas sim a adição de informações distintas.

Nota-se que o falante não se sente muito à vontade com a transmissão desta informação, porque a sua procura de contacto visual (olha para VB e para a câmara, ou seja, para o realizador da experiência que estava ao lado da câmara) indica que necessita de verificar o modo como a sua informação foi recebida pelos ouvintes. Depois de introduzida a informação aparte, AT olha de novo para baixo para se concentrar no que vai dizer. Prosodicamente, o aparte destaca-se da fala circundante porque foi realizado com uma maior velocidade da fala.

A retoma do tópico que o falante pretendia tratar a seguir ao aparte (atitude do pai) efectua-se verbalmente através da palavra "*mas*", um sinal conversacional topográfico de transição; embora, formalmente, esta palavra seja homónima da conjunção contra-argumentativa "mas", neste contexto perdeu o seu significado "contra-argumentativo", para passar a desempenhar uma função dominante na articulação entre tópicos. O momento de retoma está também prosodicamente marcado através de uma subida abrupta de tom:

↑´`-mA::s- (.) - *AT olha de novo para baixo, cruza os braços (IMAGEM 10).*

Verifica-se nesta passagem mais outra reparação que tem em vista a introdução de um aparte antes da continuação do tema principal:

---

[37] Cf. Scherer (1977: 281-282) refere-se à contradição evidente na **discrepância de canal**, i.e. quando aquilo que é verbalizado não corresponde às informações dadas através da comunicação não-verbal. Este tipo de contradição distingue-se daquele que está patente na ironia. É um fenómeno que está ligado à mentira e foi descrito por Ekman/Friesen (1969) no âmbito da teoria da **fuga não-verbal** (*nonverbal leakage*) (cf.parte I, 2.4.2, nota 20).

(.)´`qUAN-do=`o meu `pAI:.(.)- *AT vira a cabeça para a direita e olha primeiro para VB, depois para LV (IMAGENS 11 e 12);*

<<p>↑-quando nÓs= *AT vira a cabeça de novo para a frente, descruza o braço esquerdo e abre a mão esquerda (IMAGENS 13 e 14);*

Inda vivíamos com o ↓´meu ↑`´pai?> - *AT cruza de novo o braço esquerdo (IMAGENS 15, 16 e 17);*

↓´perCE`bes. - *AT mantém os braços cruzados, olha para VB (IMAGEM 18).*

O enunciado (53) não foi completado e foi substituído pelo enunciado (54), uma frase também temporal, contendo a mesma conjunção que o acto antecedente ("quando") mas outro sujeito ("*nós*" em vez de "*pai*"). Enquanto o enunciado interrompido se caracteriza por uma proeminência prosódica (maior intensidade da voz e subida e descida abrupta de altura de tom), que marca a sua função de retoma do tema principal a seguir ao aparte, o enunciado que serve de reparação a este mantém um nível global de altura de tom médio constante. Assim, a realização do primeiro "*quando*" é marcada através da prosódia e do olhar (AT olha para VB e para LV); a realização do segundo "*quando*", em contrapartida, é indicada apenas pelo gesto (abertura da mão esquerda). Parece que, para este momento passar o mais despercebido possível, deve ser disfarçado como "algo de novo" e não como "algo de corrigido". Sendo assim, a falante não repete nem os movimentos do corpo, nem a entoação utilizados no enunciado corrigido, mas usa novos meios de focalização para fazer com que a atenção dos ouvintes recaia sobre o que vai ser dito.

Convém ainda realçar os elementos verbais que desempenham um papel relevante na contextualização da narrativa oral: só por si, o enunciado (59) não mostra que o que vai ser dito faz parte de uma narração. Talvez por isso, a falante interrompa a ordem pela qual se preparava para transmitir a informação e introduza um aparte, informando sobre aspectos relacionados com a situação que pretendia narrar. Nos enunciados (53) e (54), são os elementos verbais "*quando*" e "*vivíamos*" que caracterizam o discurso narrado.

Outra passagem de grande interesse para a descrição dos sinais de manutenção de vez é o enunciado que constitui um sinal de pedido de retorno (56). A última palavra deste acto foi realizada com grande variação de altura de tom (estilo enfático) e com um aumento da intensidade da fala. Em "*não deixava*", AT abre de novo a mão, com os dedos esticados, e começa a rodar a cabeça na direcção de LV que estava a olhar para ela. No fim do enunciado, AT mantém o gesto em suspenso (mão aberta e dedos esticados) e continua a olhar para LV. Esta imobilidade não-verbal de uma postura que não corresponde à postura mais relaxada de alguém que cede a vez, tem a função de solicitar ao ouvinte um sinal de retorno, através do qual ele manifeste a sua compreensão, acordo ou atitude para com o que acaba de ser dito. Isso de facto acontece em (57).

A retoma da vez a seguir a este sinal de retorno é assegurada pela repetição da palavra "*percebes*" - em (55). Dado que tanto a entoação como a localização na vez destas duas realizações é diferente, pode-se partir do princípio de que, apesar de serem produções da mesma palavra, desempenham funções conversacionais distintas. Mas vejamos, com mais minúcia, alguns pormenores destas duas realizações.

A primeira verbalização de "*percebes*" - em (58) - foi realizada com entoação ascendente na sílaba proeminente a um nível de altura de tom bastante mais baixo do que a última sílaba da palavra antecedente. Parece que a falante precisava de se certificar de se as parceiras a estavam a compreender e se não era preciso especificar mais o que acabara de enunciar[38]. Por outro lado, a forte assertividade com que este "*percebes*" é realizado e o facto de fazer apelo à compreensão dos ouvintes conferem-lhe a capacidade de anular qualquer necessidade de mais explicações. Note-se que, neste momento, AT olha em frente, não mantém contacto visual com nenhuma das parceiras, de modo que o significado apelativo ou interpessoal que esta palavra também poderia ter fica mais reduzido. Sendo assim, funciona como sinal de reforço informativo, colocado a meio da vez, a seguir a um aparte que constitui uma unidade informativa distinta.

No segundo "*percebes*", a velocidade da fala é muito mais rápida e, sob o ponto de vista da altura de tom, não se observam grandes desníveis relativamente à fala antecedente - esta palavra é realizada com uma altura de tom global média e constante. Neste caso, a palavra "*percebes*" dá apoio à retoma de vez a seguir ao sinal de retorno de LV. Ao mesmo tempo, reforça o retorno de LV e introduz um enunciado que consiste na repetição desse comentário de retorno. Esta repetição funciona como uma expressão de acordo (e de sintonia), um meio frequentemente usado na manutenção de vez, na retoma de um tema a seguir a uma interrupção, aparte ou comentário do ouvinte. Além disso, é um sinal topográfico de transição, porque serve para estabelecer uma relação retroactiva entre o que foi dito antes e o momento da retoma de vez[39].

---

[38] Esta estratégia está ligada à "lei do menor esforço", segundo a qual, na fala, se pretende dizer o máximo com um gasto mínimo de energias, ou seja, com o mínimo de palavras possível.

[39] Uma expressão do espanhol que parece ter um significado idêntico é "*me entiendes*?". Esta expressão foi objecto de estudo de Chodorowska (1997), que lhe atribui as funções de atenuação, ou de marcador de cortesia, porque, ao atenuar a força ilocutiva indesejada de um enunciado, funciona como uma estratégia de defesa de face ou como uma estratégia que segue a **máxima do tacto** sugerida por Leech, 1983: 131 segs.). Chodorowsky também distingue a função de marcador da distância interpessoal, codificada no seu significado secundário gramaticalizado. Esta expressão encontra-se em posição final ou média do enunciado e funciona, segundo o autor, do mesmo modo que os apensos do tipo "*não é*?" e "*you know*", que orientam o ouvinte para participar activamente na conversação. No primeiro caso destas duas verbalizações da palavra "*percebes*", é difícil considerar a função de marcador interpessoal que assinala a relação entre o falante e o ouvinte, atendendo a que AT olha em frente e não mantém contacto visual com nenhuma das suas parceiras; no segundo caso, pode-se ter em linha de conta a existência de uma função interpessoal, nomeadamente na manifestação de acordo e de sintonia entre os participantes. Aqui a palavra encontra-se numa posição média da vez, mas inicial no acto que constitui a retoma da vez. Tal posição inicial já foi constatada para o caso de "*não é*" como sinal de retoma de vez (cf. Rodrigues, 1998: 147).

Sob o ponto de vista não-verbal, este segundo "*percebes*" também é diferente do primeiro. Enquanto no primeiro caso, AT tem os braços cruzados e olha em frente, no segundo olha para LV e estica a mão (ver imagem 27).

Concluindo, a primeira realização de "*percebes*" funciona principalmente como um sinal de manutenção de vez de reforço informativo; a segunda, como um sinal de manutenção de vez de retoma, como um sinal de manutenção de vez de reforço informativo e como um sinal topográfico de transição.

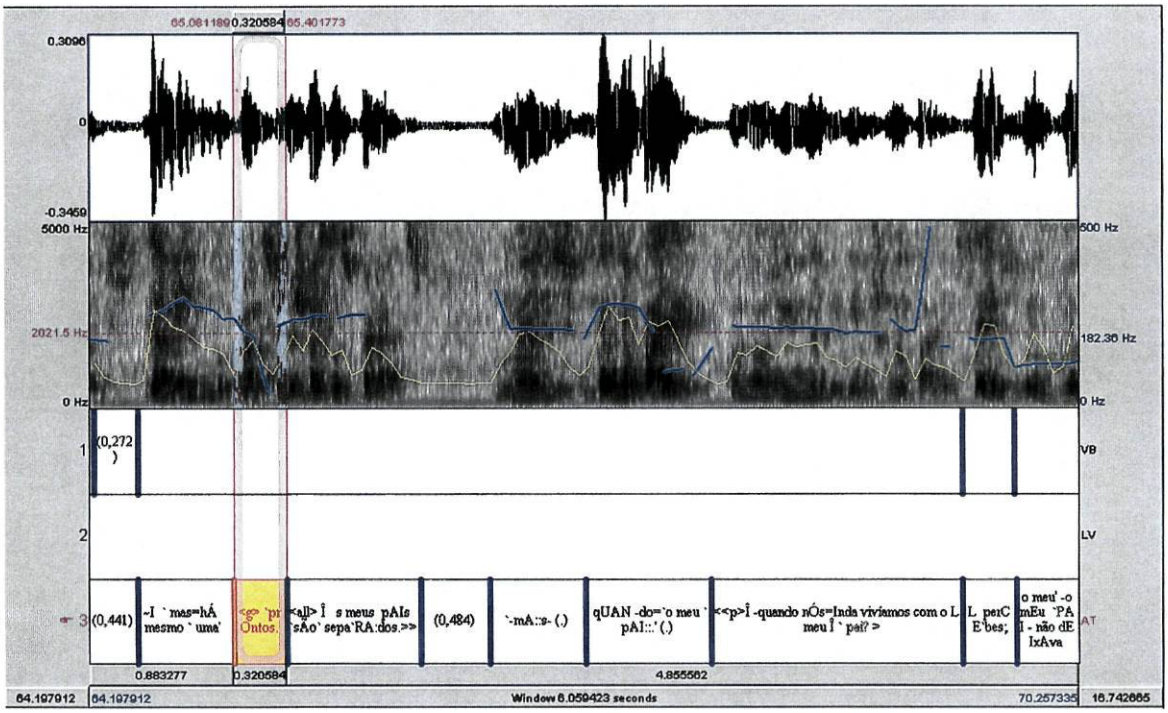


FIGURA 4/12A: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P1 (50) - (55).

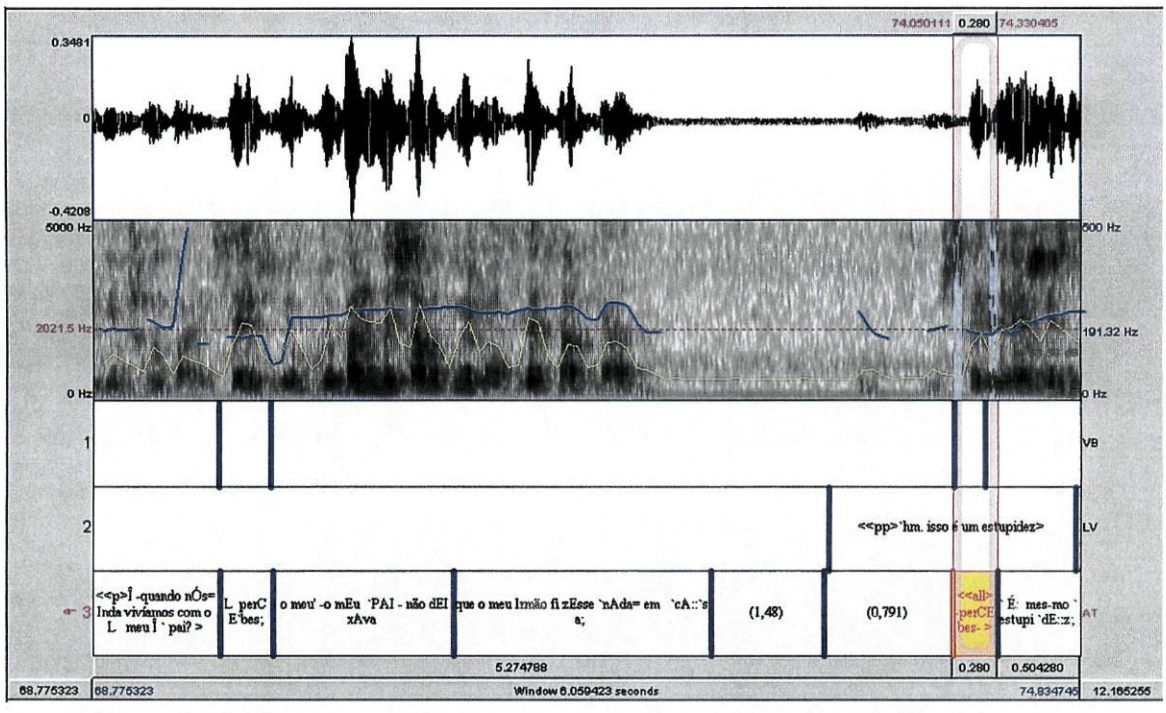


FIGURA 4/12B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P1 (56) - (59).

1 JÁ MES-

2 -MO

3 PRON-

4 -TOS

5 OS

6 MEUS

7 PAIS

8 SEPARA-

9 -DOS

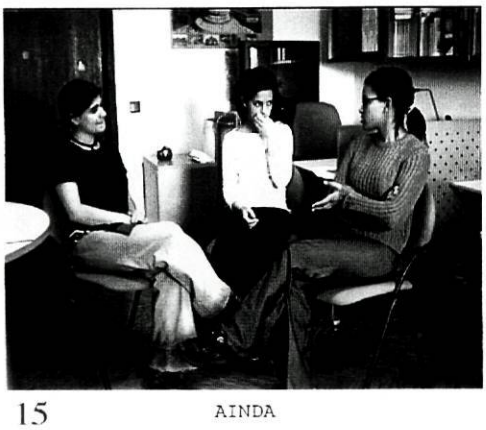
10 MAS

11 QUANDO

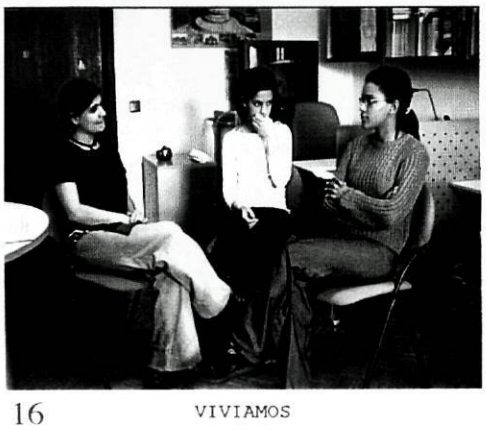
12 O MEU PAI

13 QUANDO

14 NÓS



15 AINDA



16 VIVIAMOS

17 COM O MEU PAI

18 PERCEBES

19 O MEU PAI

20 NÃO DEIXAVA

21 QUE O MEU

22 FIZESSE

23 NADA

24 EM CASA

25 (PAUSA)

26 MESMO ESTUPIDEZ

27 PRECEBES

28 É MESMO

29 ESTUPI-

30 -DEZ

31 NAQUELA

4.1.13 **Exemplo (13):** AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (APARTE + + RETOMA)

```
    3p2-67  AT: ´o -mEU ´`pAi ´ti`nha -U´ma `cOisa' hm- ↓´-ehm::-
→   3p3-01        (0,744)´BEM,
    3p3-02        <<all>`prOn´tos=`o mEu ´`PAI -tra`´bA-lha `fO´ra=
    3p3-03        =´de maneira `que=-aQUI↓lo `ER-´A=a´`ssim;>
    3p3-04        (0,454) `SEM´pre `´quE::=
    3p3-05        -Ele che`gAva a `CA:´sa,
```

No exemplo 13, a reparação consiste na interrupção do desenvolvimento da narração para introduzir informação importante. Neste caso, a reparação não decorre de um modo tão fluido como no caso antecedente: a interrupção é efectuada através de um "cut-off" e de pausas cheias e vazias, dos elementos linguísticos *"bem"* e *"prontos"*. Em ambos os exemplos, o aparte é realizado a uma velocidade mais elevada do que a fala envolvente. Mas, enquanto no exemplo 12 a palavra *"prontos"* não fica incluída na unidade entoacional formada pela fala seguinte, no exemplo 13, o elemento *"prontos"* fica prosodicamente integrado no aparte, cabendo ao elemento *"bem"* a função de charneira na articulação entre o acto corrigido e a reparação do mesmo, entre o tema principal e o aparte.

Nesta passagem observa-se a seguinte CNV:

´BEM - *antes deste enunciado, AT tinha o braço esquerdo levantado, dedo indicador esquerdo junto à boca e olhava para VB; em "bem", move o braço para a frente, desvia o olhar para o lado/cima (IMAGEM 7);*

<<all>`prOn´tos=- *AT baixa a mão, deixando o braço levantado, roda a cabeça para a direita e olha para VB (IMAGENS 8 e 9);*

`o mEu ´`PAI - *AT continua a olhar para VB, roda a mão para fora (IMAGEM 10);*

-tra`´bA-lha `fO´ra=- *AT mantém o braço direito levantado, fecha e aproxima a mão direita do corpo, roda a cabeça um pouco para a esquerda e, em "fora", olha para baixo (IMAGEM 11);*

=´de maneira `que=-aQUI↓lo `ER-´A=a´`ssim;> - *inclina a cabeça para baixo, estica os dedos da mão que estava levantada; continua a olhar para baixo (IMAGENS 12, 13 e 14);*

(0,454) `SEM´pre `´quE::= - *AT levanta um pouco a cabeça, continua a olhar para baixo (IMAGENS 15, 16, 17 e 18);*

-Ele che`gAva a `CA:´sa, - *AT começa a rodar a cabeça para VB e olha para ela; move a mão esquerda (que se encontra levantada) para a esquerda, palma para baixo, em "casa" olha para baixo e começa a rodar a cabeça para a frente e a mover a mão para a direita (estes movimentos no fim do acto focam o início do próximo acto que deverá conter a nova informação) (IMAGENS 19 e 20).*

Ao contrário do caso antecedente, neste exemplo a distribuição dos significados de fecho e abertura pela fala e pela CNV é um pouco diferente: como a palavra "*prontos*" foi realizada com um movimento de altura de tom final ascendente, não tem um significado de sinal topográfico de fecho, mas sim de abertura - está completamente integrada no enunciado seguinte. O fecho do acto antecedente cabe à pausa cheia - "*-ehm*::", produzida com uma descida abrupta de altura de tom, que marca uma interrupção na fala - e à pausa vazia. O elemento "*bem*", realizado com entoação ascendente, orienta a atenção para o que vai ser dito. Por isso, tem a função de um sinal topográfico de abertura. Este valor é reforçado por "*prontos*" que, por sua vez, se encontra prosodicamente integrado no acto seguinte. A nível não-verbal, a função de abertura é reforçada pela orientação do olhar para cima; o gesto que acompanha a realização da palavra "*prontos*", caracterizado por um baixar da mão, um movimento idêntico ao fechar de uma tampa, representa iconicamente um "fecho". Mais uma vez, os significados expressos pelas palavras e pelas várias modalidades não-verbais são diferentes. Na modalidade verbal encontra-se uma sequência de fecho + abertura; na modalidade não-verbal, estes dois significados distribuem-se pelo olhar e pelo gesto, podendo, assim, ser realizados em simultâneo. Aqui, o enunciado interrompido já contém elementos linguísticos (Pretérito Imperfeito do Indicativo) que o contextualizam como discurso narrado. Isto não se constata no exemplo 12.

Ao aparte segue-se um enunciado que anuncia não só a retoma do tema principal (03), mas também que esse tema principal trata de um episódio que vai ser narrado (o Pretérito Imperfeito do Indicativo funciona aqui como uma pista de contextualização de uma parte narrativa do enunciado); sob o ponto de vista prosódico, este acto está integrado no aparte, pois além de não estar marcado por qualquer descontinuidade de altura de tom, foi executado, juntamente com o aparte, a uma velocidade mais elevada do que a fala envolvente. Este acto - (03) - desempenha aqui a função de estabelecer a transição entre a informação adicional contida no aparte e a informação que vai ser narrada (serve de pista de contextualização de uma fase narrativa da vez[40]).

Concluindo, AT interrompe um enunciado para introduzir um aparte com informações necessárias para a interpretação do que se segue. O aparte é delimitado relativamente à fala envolvente através dos seguintes parâmetros prosódicos e não-verbais:

- na fronteira inicial, por uma pausa vazia e pela descida de altura de tom no ataque do primeiro acento (em "*bem*"), por um aumento de velocidade da fala, pela orientação do olhar para VB e pelo gesto;

- na fronteira final (do aparte e do anúncio), por uma descida de altura de tom (contorno entoacional final descendente) seguida de uma pausa vazia; pela orientação do olhar para baixo e pela rotação da cabeça para a frente. Na retoma do tema principal, em (04), verifica-se um movimento da cabeça (inclinação para a frente) e um gesto de abertura.

[40] Este aspecto vai ser tratado com maior pormenor no exemplo 37.

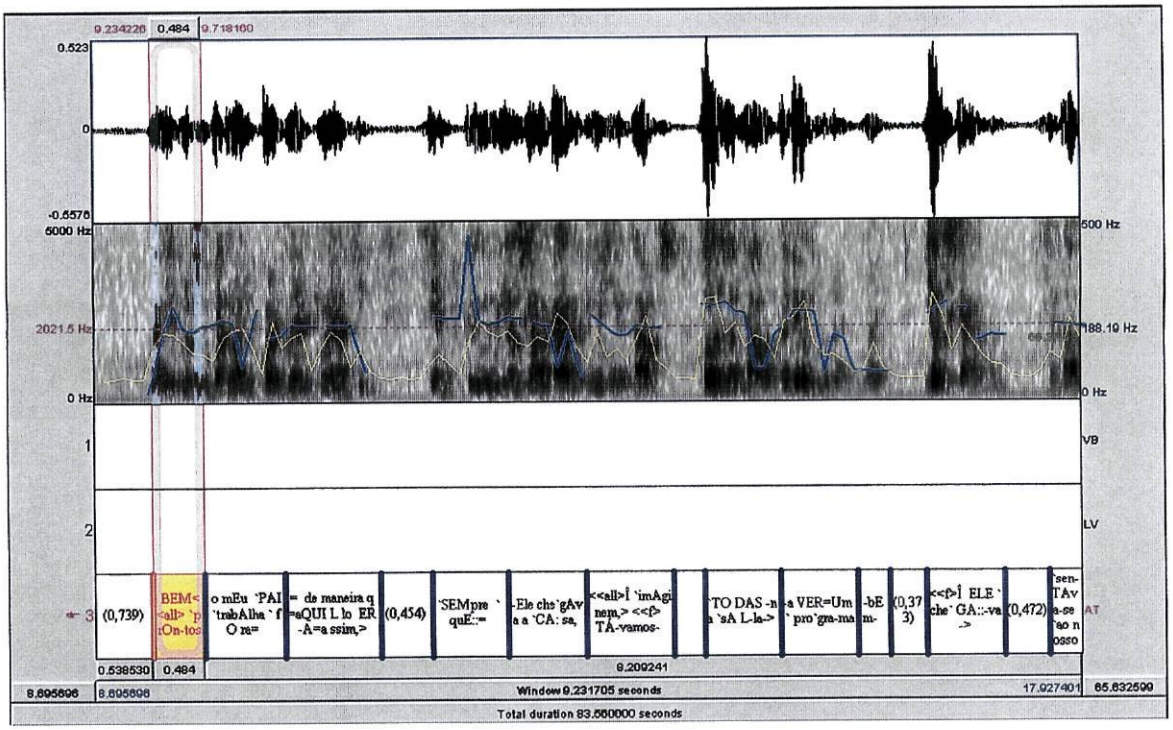


FIGURA 4/13: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO: SEQUÊNCIA 3P2 (01) - (05).

1 O MEU PAI

2 UMA COISA

3 HM

3 EHM: :

5 (PAUSA)

6 (PAUSA)

7 BEM

8 PRON-

9 -TOS

10 O MEU PAI

11 TRABALHA

12 AQUILO

13 ERA

14 ASSIM

15 (PAUSA)

16 (PAUSA)

17 SEMPRE

18 QUE

19 CHEGAVA

20 A CASA

17 SEMPRE

18 QUE

19 CHEGAVA

20 A CASA

4.1.14 Exemplo (14): AUTO-INICIAÇÃO (INTERRUPÇÃO)> AUTO-REPARAÇÃO (PARÁFRASE[41])

```
2p1-11  NF: `´nÃo
2p1-12  CP: [os hO`mens -lavam a `´LOUça;]
2p1-13  NF: [↓`NÃO ´é Isso. o que tá em']
2p1-14  BS: [(   ) sabes como é. ((haha))]
2p1-15  NF: <<f>´o que -TÁ em ´CAUsa,> (0,381)
→ 2p1-16      <<all>´eu=´Acho -que ↓-É a`ssim.>
2p1-17      (0,374)-sE::: -neste= `se::ehm:::.
2p1-18      nEste`CA-so- ↑`se HÁ <<acc>-um um HOmem -e uma mulhER
2p1-19      -e Eles são ca`SA´dos,
2p1-20      -ou se há uma rela´`ÇÃO->
2p1-21      (0,744) ↓acho que ↑´DE-vem <<a>´aju´dAr nas ´ta`RE-
            fas->
```

Depois de explicitar o seu descordo com o que o interactante acaba de dizer, NF inicia outro acto, "*o que tá em*", que interrompe porque CP ainda não acabara de falar. A sua tomada de vez concretiza-se em (15), um enunciado que consiste na repetição dos elementos já produzidos. Este enunciado pode-se considerar uma reparação do enunciado antecedente ("*o que tá em*"), devida a questões de ordem interaccional: NF interrompera-se para ouvir, repete o que dissera para ser ouvido. Este enunciado é metacomunicativo porque fornece informações para a interpretação certa do que vai ser dito: o tema que vai ser tratado ("está em causa"). E visto (15) anunciar e evidenciar certas características do conteúdo do enunciado que vai verbalizar, representa uma estratégia de focalização sintáctica, no sentido de Meyer-Hermann (1993: 39), que consiste no uso de uma construção pseudo-clivada para focalizar a introdução de um tópico (topicalização) (cf. Rodrigues (1998: 132). Este enunciado funciona como um sinal topográfico de abertura numa tomada de vez.

Em seguida, em vez de introduzir o tópico anunciado, o falante verbaliza um acto metacomunicativo[42], (16), que indica, através de "*acho que*" com entoação ascendente, a modalidade do acto seguinte (uma opinião) e focaliza o que vai ser dito por meio de "*é assim*", com entoação descendente. Na medida em que o acto (16) anuncia a nova informação, tem um significado idêntico ao antecedente (15). Como tal, o acto (16) pode-se considerar uma paráfrase do acto antecedente. Estes dois actos metacomunicativos têm a função interaccional de orientar as actividades dos interactantes para a continuação da vez do falante, tendo, por isso, um papel importante na manutenção da vez.

Mas o tópico anunciado é ainda precedido de mais informações necessárias para a sua interpretação: estas consistem na descrição de uma situação (um cenário) a partir da qual pode desenvolver o seu raciocínio. Esta informação adicional parece estar intercalada,

---

[41] Parte I, 4.1.3.
[42] Parte I, 4.1.4.

como um parêntese (aparte), no tema principal. A retoma do tema principal, ou seja, do tema anunciado em (15), realiza-se em (21). O elemento verbal "*acho*", a repetição da forma verbal contida em (16), desempenha uma função importante a nível da organização temática da vez por estabelecer a ligação entre estes dois actos. No que diz respeito às características prosódicas desta passagem, verifica-se que todos os enunciados correspondentes à descrição da situação (17-20) foram realizados a uma altura global de tom mais baixa do que a fala circundante; além disso, a altura de tom usada no início da primeira sílaba das duas realizações da palavra "*acho*" é a mesma (embora os movimentos de altura de tom sejam diferentes), como comprova a representação do sinal acústico.

Veja-se agora, com mais pormenor o que se passou a nível não-verbal:

<<f>´o que -TÁ em ´CAUsa,> - *NF olha para cima (desvio para deliberar, indicador de que o falante se encontra num processo de planeamento da vez). O falante procura neste momento um isqueiro nos bolsos do casaco. A maior intensidade com que este acto foi realizado tem ainda a ver com a tomada de vez;*

<<all>´eu ↓´Acho -que ↓-É a`ssim.> - *NF, que encontrara o isqueiro, inclina o tronco para a frente, apoia os braços nas coxas, inclina a cabeça para baixo e olha para baixo.*

Por não contribuir com novas informações, este acto (16) representa uma estratégia para ganhar tempo, um equivalente a uma pausa cheia. Aliás há vários factores que apontam para a necessidade de atrasar a vez: a procura do isqueiro e retoma de uma posição confortável; a espera de que os outros participantes terminem uma fase de riso; a necessidade de concentração para o planeamento da vez. Ao provocar um retardamento na transmissão da informação focando a importância do que vai ser dito, o enunciado (16) assume também a função retórica de aumentar a expectativa nos ouvintes, que ainda estão ocupados com a reacção à fala antecedente (riso). Considero este acto uma reparação retroactiva do acto antecedente porque, sob o ponto de vista sintáctico, não tem ligação gramatical com o primeiro e, sob o ponto de vista semântico, é uma paráfrase daquele.

(0,374)-sE::: - *NF está inclinado para a frente, olha para baixo, segura o isqueiro e de vez em quando acende-o;*

-neste= - *NF abre as mãos para os lados;*

`se:: - *NF volta a fechar as mãos;*

ehm:::. - *NF levanta um pouco mais o tronco e a cabeça e olha em frente;*

nEste `CA-so- - *em "caso", NF afasta as mãos e orienta o olhar para baixo;*

↓`se HÁ - *NF mantém as mãos afastadas;*

<<acc>-um um HOmem -e uma mulhER
-e Eles são ca`SA´dos,
-ou se há uma rela´`ÇÃO-> (0,744) - *NF executa movimentos com braços/mãos para a direita e para a esquerda, que marcam duas instâncias postas em contraste: homem-mulher, casados-relação*[43];

acho que `DE-vem <<a>´aju´dAr nas ´ta`RE-fas-> - *NF olha para CP em "devem"*[44].

A partir dos gestos realizados por NF pode-se deduzir o seu esforço no planeamento do discurso. A tentativa de continuação da vez está marcada por um afastamento de mãos, como se pode ver nos momentos em que a informação parece avançar, em (17), "*neste*"; em (18), "*neste caso*". Como já se pôde constatar, esta repetição é uma estratégia típica das situações de reparação. Durante a fase de hesitação, o falante mudou a posição do tronco e olhou ou para baixo ou para a frente, ou para cima, isto é, desviou o olhar de qualquer influência dos outros participantes para se poder concentrar na estruturação da sua vez e voltou a fechar as mãos.

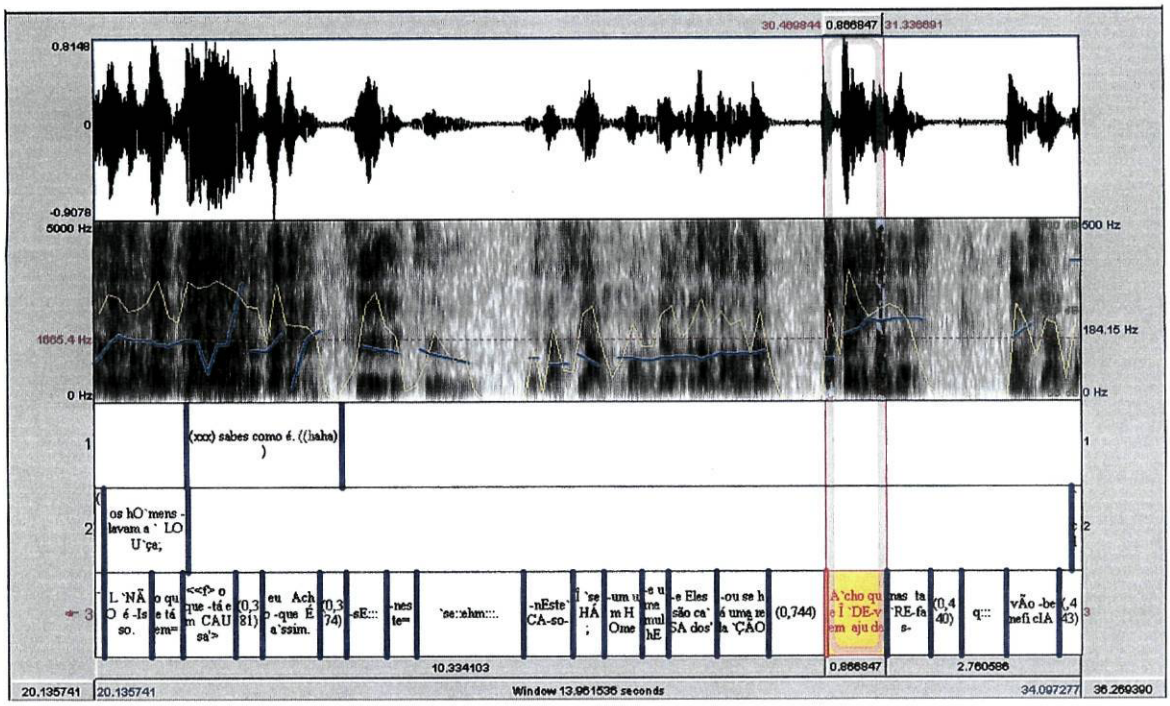


FIGURA 4/14: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P1 (15) - (21).

[43] "relação" significa aqui "união de facto".

[44] O envolvimento do falante neste momento é transmitido através da prosódia (grande variação da altura de tom, tom de voz agudo, aumento da intensidade da voz) (cf. Selting, 1994, 1996).

4.1.15 Exemplo (15): AUTO-INICIAÇÃO (PROCURA LEXICAL) > AUTO-REPARAÇÃO

Pouco antes da passagem abaixo transcrita, o falante VB defende a sua opinião contra a adopção de crianças por homossexuais e acrescenta um último argumento, o que se encontra a partir de (86):

```
   3p3-85  LV: `e´xacto,
   3p3-86  VB: <<len>`e=a´`quEla=´i`MA::`gem.
   3p3-87      (0,251) ↑`quE -JÁ=HOje em ´`DI:`a.
→  3p3-88      (0,186) ↑´do::, ´DA `famÍli`a. (.)>
   3p3-89      ↑`tar -TO`dA ´t' `to-da ´es-trA`´ga:´da,
   3p3-90      (0,169)<<all>-ainda ´fi´`ca ↑´PI`-OR->
   3p3-91      (0,673)
```

A nível da CNV observou-se o seguinte:

>`e=a´`quEla - *VB - desenha um semi-círculo com as mãos de cima para baixo; mantém a cabeça levantada e olha em frente (possivelmente para AT) (IMAGENS 1, 2, 3);*

=´i`MA::`gem. - *as mãos de VB já se encontram na base do semi-círculo desenhado e executam mais um pequeno movimento para o corpo e para fora, na base desse semi-círculo imaginário, para acompanhar a palavra "imagem" (IMAGENS 4, 5);*

pausa vazia - *VB mantém as mãos abertas, desvia o olhar para cima.*

Embora este tema não faça parte do âmbito deste trabalho e não seja, por isso, aprofundado, aproveito esta ocasião para apontar algumas propriedades e características de certos gestos que acompanham a fala: simultaneamente com as palavras "*aquela imagem*" e "*família*", VB desenha (para utilizar a expressão de C. Müller, 1998, "a mão desenha") uma forma bidimensional com ambas as mãos. Este gesto é designado gesto metafórico (cf. McNeill, 1992: 14-15; 145 segs.) por ser a representação formal de um conceito abstracto, correspondente à metáfora das imagens conceptuais descrita por Lakoff/Johnson (1980) e Lakoff (1987). Se se considerasse o significado literal da palavra "*imagem*", poder-se-ia falar aqui de um gesto icónico que representa a forma de um objecto. No entanto, a forma semi-circular desenhada pelas mãos tem semelhanças com a forma típica de representação gestual da metáfora contentor de Lakoff/Johnson (1980).

Interessante, neste exemplo, é que a actualização do conceito "imagem" foi realizada em duas fases: primeiro gestualmente, depois, verbalmente: ao mesmo tempo que VB pronuncia a palavra "*aquela*", desenha um espaço grande, semi-circular, à frente do corpo, como se estivesse em frente de um espelho, televisor, quadro, etc.; só depois é que pronuncia a palavra "*imagem*", enquanto acentua gestualmente a base do semi-círculo

desenhado. Segundo o que se tem podido observar, a deixis é geralmente acompanhada por um gesto que reforça o significado de "indicar", "apontar para algo", o chamado gesto díctico (cf. McNeill, 1992: 18; 171 segs.); sob o ponto de vista semântico, não há correspondência entre o significado do elemento díctico (verbalizado) e o significado do gesto icónico realizado ao mesmo tempo. Por isso, penso que a forma gestualmente desenhada simultaneamente com a realização do díctico "*aquela*" é uma antecipação do significado da palavra que se vai seguir. Esta constatação vem dar razão àqueles que, como McNeill, defendem que a fala e o gesto fazem parte do mesmo sistema. Neste exemplo, os conceitos de "referir / indicar algo" (através de um elemento díctico) e de "imagem" estiveram simultaneamente presentes a nível conceptual; a linearidade da língua e as regras gramaticais que governam a sua estruturação obrigaram a que o elemento díctico fosse verbalizado antes do substantivo "*imagem*". Porém, determinadas características do conceito abstracto foram introduzidas antes, através do gesto que acompanhou a verbalização do díctico "aquela". Assim, através do canal não-verbal, o falante anuncia que vai referir um conceito, um tópico importante[45].

↑`quE -JÁ - *VB baixa um pouco os braços para a frente e ergue as sobrancelhas;*

HOje - *VB levanta um pouco a mão esquerda, a seguir, a direita (IMAGEM 6);*

em ´`DI: - *VB move a mão direita para o lado, palma para cima, e a mão esquerda para o corpo (movimento assimétrico);*

DI:`a. "-ia" - *VB levanta o braço, aproxima a mão direita do corpo e afasta a mão esquerda até as duas mãos ficarem ao mesmo nível;*

pausa vazia - *VB fecha os olhos, coloca as mãos ao mesmo nível em frente do corpo;*

↑´do::, "do:: " - *VB levanta ligeiramente ambas as mãos em frente do corpo e desvia o olhar para cima (IMAGENS 7, 8);*

´DA `famÍli`a. - *VB desenha um círculo à frente do corpo com ambas as mãos e fecha os olhos (IMAGENS 9, 10);*

↑`tar - *VB vira as mãos para baixo, palmas para baixo (IMAGEM 11);*

---

[45] Na minha opinião, este gesto também pode ser observado sob outra perspectiva: a função díctica tem sido atribuída sobretudo aos movimentos que sugerem "apontar para alguma coisa", gestos de apontar, apontar com o queixo, com o lábio inferior ou com os olhos (cf. Poggi, 2002c). Porém, o conceito de *deixis* não abrange também a mostração de um espaço? De facto, tanto se pode indicar um ponto (apontar), como indicar um espaço (mostrar, apresentar). Por isso, os gestos realizados com ambas as mãos e que servem para mostrar, "abrir" um espaço em frente dos participantes, também podem ser entendidos como gestos dícticos. Sendo assim, este gesto pode ter um significado duplo: por um lado, um significado díctico que corresponde ao expresso pela palavra que acompanha; por outro lado, a referência antecipada de um conceito abstracto. Com base na tipologia dos gestos de C. Müller (1998), esta questão não se colocaria: tanto os gestos com propriedades dícticas como os gestos com propriedades metafóricas fazem parte do grupo dos gestos referenciais (Müller, 1998: 110 segs.).

-TO`dA ´t' `to-da - *VB levanta as mãos até ao nível do peito, palmas viradas para o corpo, dedos esticados, polegares esticados para cima (IMAGEM 12);*

´es-trA - *VB afasta de novo os braços para os lados, mãos abertas, palmas para cima (IMAGEM 13);*

``´ga: - *VB baixa de novo os braços e olha para LV, que está também a olhar para ela;*

´da, - *VB fecha os braços, aproxima as mãos, em concha, uma da outra;*

pausa vazia - *vira a cabeça para a frente e fecha os olhos;*

<<all>-ainda ´fi´`ca ↑´PI`-OR-> - *VB olha em frente e afasta os braços para os lados; nota-se, a seguir, um ligeiro encolher de ombros (IMAGENS 14, 15, 16).*

No momento de hesitação - em (88) - que ocorreu devido a um processo cognitivo relacionado com uma escolha lexical, a falante procede a uma reparação prospectiva. Na primeira pausa, a falante pára de gesticular[46] e olha para cima, um modo de olhar característico da actividade de reflexão/trabalho cognitivo; VB faz uma primeira tentativa de arranque ("*do*::"), acompanhado por um movimento das mãos (com tensão, mas sem grande progressão), mantendo o olhar dirigido para cima - este comportamento indica que o falante se encontra em fase de produção verbal, na fase que precede a sua concretização física; quando o elemento lexical certo é encontrado e produzido, a falante executa outro gesto.

Sob o ponto de vista prosódico, os enunciados (88) e (89) caracterizam-se por grandes variações de altura de tom, pausas, variações de velocidade, que parecem estar relacionadas com a informação transmitida - "tudo estragado". Nos casos em que a prosódia transmite informações relacionadas com o conteúdo dos enunciados, Uhmann (1992: 313 segs.) fala da função onomatopaica (ou icónica) da prosódia[47]. Estas variações prosódicas são também características do estilo enfático que revela a emoção do falante. Posto isto, estes enunciados transmitem um maior envolvimento da falante, que, por sua vez, atrai também a atenção das parceiras e as faz aproximar do tema em questão.

[46] Estamos aqui perante um caso de congelamento do gesto mencionado por Fornel (1991) e C. Müller (1994, 1999). Cf. parte II, 3.2.1.
[47] Cf. parte II, 3.2.2.

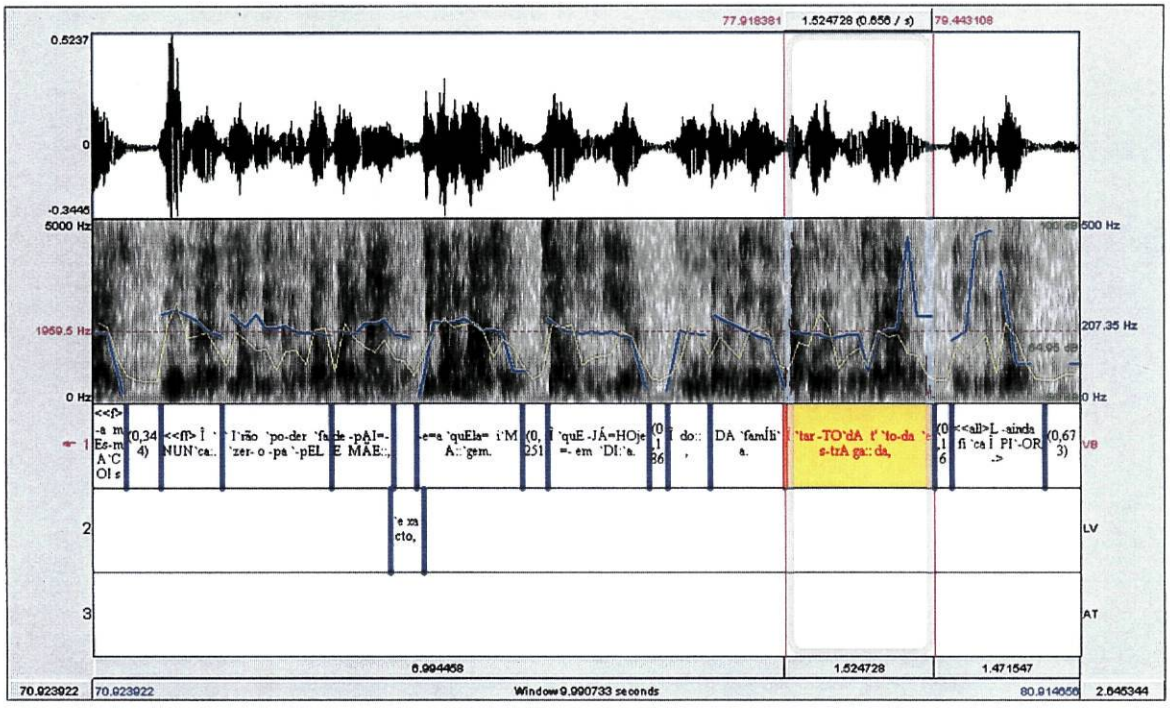


FIGURA 4/15: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P3 (86) - (90).

1 E

2 A-

3 -QUELA

4 IMA-

5 -GEM

6 HOJE

7 DO

8 o::

9 DA

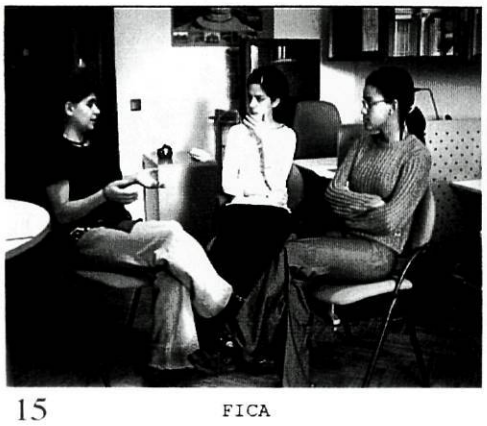
10 FAMÍLIA

11 TAR TODA

12 TODA

13 ESTRAGADA

14 AINDA



15 FICA

16 PIOR

17 (PAUSA)

18 (PAUSA)

19 (PAUSA)

4.1.16 Exemplo (16): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (REPETIÇÃO)

```
   2p2-04  CP: [´`o ´que=É que `tu `A-chas (`fi´lho),]
   2p2-05      <<p>↓-tu -inda não disseste ↓´nada,>
   2p2-06      (1,825)
   2p2-07  BS: ((riso))
   2p2-08  NF: ´res´´´PON ↓´de
   2p2-09  CP: ´anda `lá;
   2p2-10  NF: <<f>`diz ´o que É que tu `FAzes à tua mulhEr.>
   2p2-11      (0,714)[((riso))]
   2p2-12  CP:        [((riso))]
   2p2-13  BS:        [(  ) não;]
   2p2-14      (1,697) ´nÃO -É A´ju`dAr ↑`É:;
→  2p2-15      (2,028)  dividir.
   2p2-16  CP: ´É ↑`I↓sso. ((palmas))
   2p2-17      -muito ´bem ↓muito [`bem;]
→  2p2-18  BS:                    [´`há que -FA]
   2p2-19      ´ZER,
   2p2-20      (0,721) eh -há que `fa´ZER,
   2p2-21      (0,226) ↓´di↑`VIde-se.(.)
   2p2-22      <<g> ´cada -UM `faz ´a sua `pAr:te.>
   2p2-23      (0,517)
   2p2-24  CP: -É isso-
   2p2-25      ↑-muito `BEM (.) chi=`bo´a ´ele ↑`per-cebe -disto-
   2p2-26      (1,810)
   2p2-27      ↑`prÓximo ↓´dis[co;]
```

Neste exemplo temos um caso de procura lexical durante a qual o falante se mantém silencioso, mas revela, não-verbalmente, que se encontra num processo cognitivo de procura lexical:

Enquanto o incitam a falar, e até ao enunciado (16), os parceiros de BS olham para ele com uma grande expectativa e um certo gozo: CP, de perna cruzada, mãos entrelaçadas, à volta do joelho, cabeça inclinada para BS, olhar de baixo para cima, boca semi-aberta, com um ligeiro sorriso; NF, de cabeça virada para BS, olhando fixamente para ele, boca semi--aberta, braços em repouso em frente do corpo. BS inicia uma série de movimentos da cabeça para a direita e para a esquerda. Cada um destes movimentos (sintagmas de movimentos[48]) encontra-se descrito a seguir:

[48] Cf. parte II, 1.3, pág. 137.

[( ) não;] - *BS tem o cotovelo direito apoiado na mesa, braço aberto para o lado direito; BS inclina a cabeça para a direita, aproxima a mão da cara e coloca-a, com o indicador esticado, por baixo do nariz (auto--toque); roda a cabeça para a direita; fecha os olhos e vira a cabeça, lentamente, para a esquerda; perna cruzada; NF e CP riem-se.*

(1,697) - *BS roda a cabeça para a direita/baixo e coloca a mão em volta da boca-queixo (auto-toque); roda a cabeça de novo para a esquerda e mexe um pouco a mão (auto-toque);*

´nÃO -É A´ju`dAr - *BS roda a cabeça um pouco mais para a esquerda (fica quase voltada para a frente);*

↑`É:; - *BS roda um pouco a cabeça para a direita (inclinada), de modo que fricciona a base do nariz no dedo indicador (auto-toque);*

(2,028) - *BS roda de novo a cabeça para a esquerda e fica imóvel, mexendo apenas muito ligeiramente a mão esquerda.*

dividir. - *BS levanta e endireita a cabeça, vira-a para NF, tira a mão do queixo e baixa o braço;*

´É ↑`I↓sso. ((palmas)) -muito ´bem ↓muito - *durante este "aplauso" de CP, BS vira a cabeça para CP e olha para ele, faz alguns acenos com a cabeça enquanto sorri; depois levanta e baixa a mão (com os dedos esticados) que tinha em repouso em cima da coxa, olha para NF, que se ri muito, e a seguir para a câmara. Durante o retorno de CP, este olha primeiro para BS, depois para a câmara; enquanto se ri, NF inclina-se primeiro para a frente e depois para trás, olhando para BS e a seguir para CP; logo depois de CP ter terminado o aplauso, BS continua o seu enunciado.*

BS retoma a vez após o sinal de retorno de CP:

CP olha para a câmara; NF está inclinado para trás e olha para CP.

[´`há que -FA] ´ZER, - *Parte do enunciado de BS fica sobreposta com o fim do enunciado de CP; BS move o braço, com a mão mais aberta, para a frente do corpo e de novo para o lado direito; em "ZER" o braço alcança a maior abertura; nesse momento, orienta o olhar para NF (que se está a rir voltado para a câmara); em "ZER", NF olha para BS; a seguir a "fazer", BS volta a pousar a mão na coxa (IMAGENS 1 e 2);*

(0,721) - *BS olha para NF; move o braço para a frente do corpo e pousa a mão em cima do joelho; NF e CP olham para BS enquanto riem (IMAGENS 3 e 4);*

eh há - *BS olha para baixo e recomeça o mesmo gesto - levanta de novo o braço direito, mão aberta (IMAGEM 5);*

que `fa´ZER, - *BS move o braço para a frente do corpo, mão aberta com as pontas dos dedos voltadas para o lado esquerdo, a seguir para o lado direito; a posição de maior afastamento do braço não é em "ZER", mas a seguir à realização desta sílaba (IMAGENS 6 e 7);*

(0,226) - *logo após a verbalização de "fazer", BS olha para NF (IMAGEM 8);*

↓´di↑`VIde-se.(.) - *BS move o braço para a esquerda, à frente do corpo, pousa o pulso no joelho, deixando a mão relaxada, caída para baixo, e sorri; continua a olhar para NF (IMAGENS 9 E 10);*

<<g> ´cada -UM `faz - *BS levanta de novo o braço direito, mão aberta, em "cada", move-a um pouco para a esquerda, em "um", para a direita" (IMAGEM 11);*

´a sua `pAr:te.> - *BS pousa de novo a mão no joelho e olha para baixo. NF também olha para baixo (IMAGENS 12 e 13).*

Constata-se também que, durante as pausas vazias, a actividade do falante não terminou. Durante a primeira procura lexical (14), caracterizada por uma pausa vazia superior a dois segundos, a postura, os pequenos movimentos da cabeça e o gesto de auto-toque mostram que o falante se encontra num processo cognitivo de planeamento do discurso. Interessante é o modo como os movimentos da cabeça estão integrados no gesto de auto-toque (ou vice-versa), ou servem como disfarce do gesto de auto-toque: na sua tomada de vez através do elemento "*não*", um sinal de tomada de vez, BS manifesta a sua opinião de desacordo com uma opinião positiva já manifestada relativamente à questão "ajudar em casa"[49]. Por articular o tema que vai ser introduzido com outros momentos da vez em que também foi tratado, esta palavra também representa um sinal topográfico de transição. A opinião de desacordo continua a manifestar-se no acto seguinte (14), em que o conteúdo de "rejeição" é ainda reforçado pelos movimentos da cabeça - pequenos acenos - que estão integrados num gesto de auto-toque[50] - o movimento de fricção da base do nariz no dedo indicador.

Segundo Poggi (2002c), a direcção do olhar "para baixo" representa um sinal da operação cognitiva de "recordar", em oposição ao olhar "para cima" que é um sinal de uma operação de inferência. Neste caso, o falante encontra-se, de facto, a olhar para baixo e a procurar lembrar-se de alguma coisa. Mas na minha opinião, o desvio do olhar para baixo, com os olhos quase fechados, pelo menos neste caso, está mais ligado a uma certa timidez e deve-se, certamente, ao constrangimento que o falante sente no momento em que não encontra uma palavra, momento em que se sente observado e troçado pelos parceiros.

---

[49] O termo "ajudar" já tinha sido usado por NF em 2p1(21) -"*acho que devem* ajudar *nas tarefas*"-, em 2p1(26) - "*acho que tu deves* ajudar *a tua mulher a cozinhar*" -, em 2p1 (35) - "*acho que tens que* ajudar" - e em 2p1 (37)-(39) - "*se calhar é como é como dizes (-) o termo* ajudar *pode ser mudado para compartilhar, porque ao dizermos* ajudar *eh*".

[50] O auto-toque, o reflexo de uma focalização em si próprio, já foi atrás descrito como típico das situações em que um falante precisa de se concentrar; está ligado a momentos de maior tensão nervosa (lembre-se que este falante, como se pode verificar na primeira fase da interacção, é mais tímido do que os outros e foi necessária a incitação dos parceiros para que falasse), mas também pode ser um tique.

Este silêncio da pausa em (14) constitui uma fase de reparação que termina com a recordação da palavra procurada e a sua enunciação. Esta é marcada pela conclusão do gesto de auto-toque, da alteração da postura de "reflexão" (BS levanta a cabeça e baixa a mão, retomando a posição de repouso) e pela retoma do contacto visual com um parceiro (orientação do olhar para NF).

A seguir a este primeiro momento de sucesso, BS pretende reforçar e acrescentar mais informação ao que disse. Para isso, parafraseia o que antes tinha afirmado. Este fenómeno de substituição de um enunciado por uma paráfrase, para que a informação fique mais precisa, também é um tipo de reparação. Mas dentro desta reparação, existe ainda outra: a pausa vazia e a repetição da expressão "*há que fazer*". A pausa vazia (19) e a repetição (20), que constituem um retardamento no desenvolvimento da vez de BS, não resultam de problemas de natureza cognitiva como em muitos casos já descritos em exemplos antecedentes, mas sim de problemas a nível interaccional: para ser ouvido, BS tem que esperar que os parceiros se mostrem dispostos a prestar-lhe atenção. Quando isso acontece, BS repete a parte do enunciado já produzida (para se assegurar de que está a ser seguido) e continua a desenvolver a informação planeada. Sendo assim, esta "espera" (formada pela repetição e pela pausa vazia) constitui uma reparação ligada não a processos cognitivos, nem a questões de conteúdo, mas sim a um fenómeno muito comum, já focado, por exemplo, por Goodwin (1981), relacionado com a necessidade que o falante tem de obter a atenção do(s) ouvinte(s). Trata-se, pois, de uma reparação de natureza interaccional, isto é, referente ao desempenho correcto dos papéis de falante e de ouvinte, como no caso do exemplo 14, enunciado (15).

Durante esta pausa, BS não fica inactivo: para captar a atenção dos parceiros ou verificar se estes já lhe podem prestar a atenção que pretende, olha para eles (já se vê aqui uma diferença entre as pausas vazias de natureza cognitiva - em que o falante evita o contacto visual, desviando o olhar para cima, para longe, ou para baixo - e estas outras pausas - em que o falante quer captar o que se passa à sua volta e olha para os parceiros); BS começa a repetir o enunciado (18) um pouco antes de os parceiros olharem para ele. Isso acontece simultaneamente com a realização da sílaba proeminente "ZER" da palavra "*fazer*".

Para reforçar ainda mais esta reparação, mantendo os parceiros atentos, BS faz outra pausa, bastante mais curta, a seguir ao momento em que verifica que obteve a sua atenção visual - em (21). Esta pausa também não é de natureza cognitiva, mas sim retórica: tem por objectivo retardar a progressão informacional da vez, aumentando a expectativa dos ouvintes. Estando localizada a seguir a um enunciado, cuja força argumentativa implica a realização de outro[51], obriga os ouvintes a esperar por esse outro argumento. Deste modo, aumenta o seu estado de curiosidade ou interesse e, por conseguinte, mantém-os atentos.

Neste processo, a entoação desempenha também um papel essencial: o contorno entoacional ascendente da sílaba final e proeminente da palavra "*fazer*" participa na constituição do foco (o clímax), formado pela informação nova que vai ser apresentada a seguir. A pausa vazia aumenta assim a espera por esse anunciado foco, desempenhando

[51] Trata-se de um caso idêntico ao do exemplo 3.

um papel focalizador importante. Pode-se, assim, concluir que a sequência argumentativa dos enunciados e a prosódia (movimento ascendente de altura de tom, aumento da intensidade e pausa vazia) desempenham uma função de focalização que integra uma estratégia de reparação. Por sua vez, esta estratégia de reparação funciona como sinal de manutenção de vez.

O último acto deste exemplo - (22) - pode também ser considerado uma reparação, porque representa uma paráfrase da palavra antecedente ("*divide-se*" = "*cada um faz a sua parte*"). Por transmitir uma informação já conhecida e ter, prosodicamente, propriedades de terminação (tom de voz mais grave e altura global de tom descendente seguido de uma pequena pausa vazia), é classificado como um sinal de cedência de vez.

As partes da unidade gestual que acompanha a vez de BS apresentam traços bastante uniformes. Predominam dois movimentos do braço, para a direita e para a esquerda (realizados com o cotovelo apoiado na mesa). Cada nova orientação do movimento acompanha a realização de novos constituintes da vez, ou seja, novas orientações do enunciado, assim como fases de silêncio. Além de marcarem contraste/diferença, zelando pela estruturação da vez, as características formais desta sequência de sintagmas gestuais representam, iconicamente, o significado de "dividir". Por exemplo, a seguir a "*há que fazer*", BS move o braço para a direita; em "*divide-se*", move o braço para a esquerda; este movimento é repetido, com menor amplitude, em "*cada um*". Nele está implícita a acção de "dividir alguma coisa" entre duas pessoas. Sendo assim, através do gesto o falante transmite uma informação que reforça o conteúdo dos enunciados.

Exemplo (16)

1 HÁ QUE

2 -ZER

3 (PAUSA)

4 (PAUSA)

5 HÁ

6 QUE FA-

7 -ZER

8 (PAUSA)

9 DIVI-

10 DE-SE

11 CADA UM

12 A SUA

13 PARTE

14 (PAUSA)

15 (PAUSA)

4.1.17 **Exemplo (17):** AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO

Os três exemplos seguintes, 17, 18 e 19, ilustram reparações que consistem em superações de fases de hesitação. Embora algumas situações destas já tivessem sido descritas nos exemplos antecedentes, estas três passagens exemplificam casos interessantes, em que se verifica uma espécie de "jogo" de disfarce entre a palavra e a CNV.

```
   1p10-25 ES:                              [<<p>´é di`FÍcil- reagir-]
   1p10-26      -eh::> (0,659)
   1p10-27 IV: <<f>´eu não ´sei `s=`isto´`-JÁ::
   1p10-28     jÁ ´tOU `com::> eh'
→  1p10-29     <<all>><g>tou' tou-me a lembrAR duma ´pess`oa;
   1p10-30     -que aqui hÁ dIAs me dizia justamente ´Is`to=>
   1p10-31     =`EU ´jÁ -nÃo sEi se isto é sI`nÓ-nimo de
               cres´cimENto,
   1p10-32     (.) `se=É:
   1p10-33     <<f>-se=É ´si`nÓ-nImo dE rEgre`ssÃO; (.)
```

Este exemplo ilustra uma fase de hesitação que foi camuflada através da explicitação de uma actividade cognitiva. Em (26), IV anuncia a continuação da vez através do desvio do olhar para cima/lado (para reflectir) e um erguer de sobrancelhas.

<<f>´eu não ´sei `s=`isto´`-JÁ:: jÁ - *IV continua a olhar para cima/esquerda (IMAGENS 1, 2 e 3);*

´tOU `com::> - IV *semi-cerra os olhos e, simultaneamente à realização da palavra "com", faz um movimento circular com os braços em frente do corpo (IMAGEM 4);*

eh' <<all>><g>tou' - *IV fecha os olhos, vira a cabeça para a esquerda e abana-a repetidamente; mantém os olhos semi-cerrados de tal modo que a sua mímica expressa esforço (IMAGEM 5);*

tou-me a lembrAR duma ´pess`oa;- *continua a abanar a cabeça, levando a mão aos olhos (gesto icónico que reforça o conteúdo do verbo "lembrar") e mantendo esta posição da mão até ao fim da vez (IMAGEM 6).*

A reparação proactiva, embora iniciada de um modo implícito a nível verbal (prolongamentos, falsos arranques e outras vocalizações), foi disfarçada através da sequência dos gestos realizados pela falante: em primeiro lugar, esta hesitação foi enquadrada no significado expresso pelo enunciado a seguir: "lembrar-se de alguma coisa". Esta actividade cognitiva exige um maior ou menor esforço mental e é sentida (metaforicamente) como um "puxar pela cabeça". Os gestos que traduzem iconicamente esta metáfora de actividade intelectual são precisamente o tocar da testa ou dos olhos com

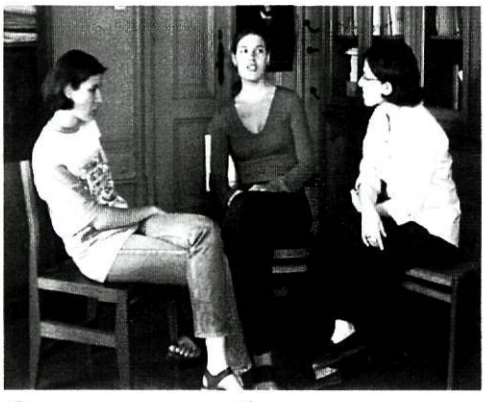
a mão e o abanar de cabeça[52]. Estes movimentos da cabeça que IV inicia na pausa cheia "*eh*" e que são sinais com a propriedade de negar, rejeitar ou cancelar o que foi dito antes para dar início a um novo arranque, desempenham aqui também a função de reforçar o significado expresso pelo verbo "*lembrar*" em (29).

Assim, a fala pouco fluente de IV - tal como o tinha sido em vários momentos anteriores mas que agora ainda o é mais acentuadamente - foi atribuída explicitamente a uma actividade cognitiva da falante. Os gestos e os movimentos do corpo desempenham, neste disfarce, uma função bivalente: são, por um lado, reflexos da hesitação da falante (certamente devido a problemas de estruturação do discurso e não ao preciso facto de "se lembrar de alguma coisa"); por outro lado, reforçam a informação expressa verbalmente (a actividade mental de "lembrar-se de algo"), servindo assim de disfarce para a pouca fluência na fala.

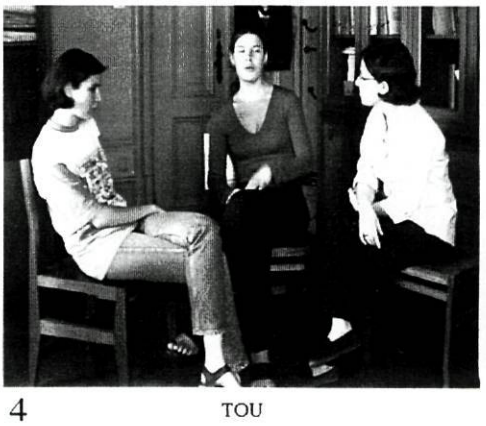
[52] Mesmo que não acompanhe a fala, este gesto é compreendido (pelo menos) pelos membros pertencentes à mesma cultura; devido ao seu grau de codificação, pode ser considerado um emblema, no sentido de Ekman/Friesen (1969). Possivelmente por ser um gesto que representa actividades mentais, tem um significado universal, como o da metáfora de Lakoff/Johnson (1987), "DOWN IS BAD, UP IS GOOD". É em função destes gestos que Poggi (2002a: 159) considera o tipo de gesto biologicamente determinado: "A gesture is a natural or biological signal when its percentual motor aspects are the same as those produced by a biological event linked to the meaning of the signal itself" (Poggi, 2002a: 159-160). O tocar-se na testa está, assim, relacionado com o esforço da actividade mental de pensar.

1 NÃO SEI

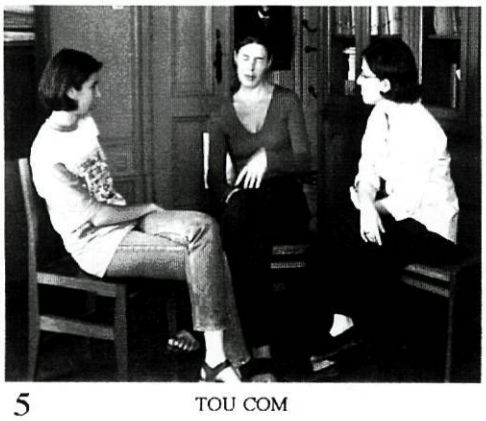
2 ISTO



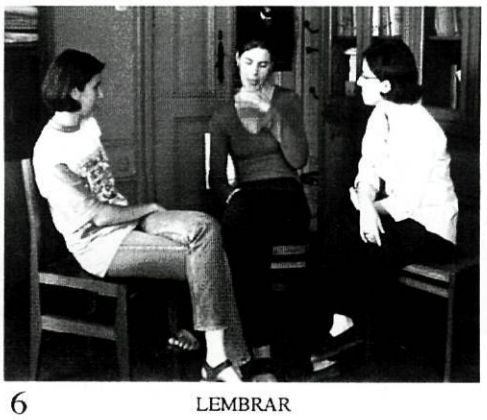
3 JÁ



4 TOU

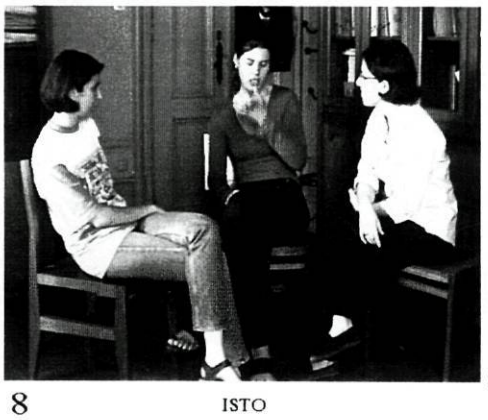


5 TOU COM



6 LEMBRAR

7 PESSOA QUE HÁ DIAS ME DIZIA JUSTAMENTE



8 ISTO

9 EU

10 NÃO SEI

11 SINÓNIMO

12 CRESCI-

13 -MENTO

14 SE É

15 SINÓNIMO

16 REGRESSÃO

4.1.18 Exemplo (18): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO

```
  1p09-15 IV:                  [`´não=sei,`mas tambÉm ]
  1p09-16      há=lá=imENsas -estra´TÉgias <<dim>`pra::::: .>
→ 1p09-17      (0,767)<<all>quer dizer.> (0,237) `A´cho=[-Eu-]
  1p09-18 CL:                                          [-hÁ.]
  1p09-19      <<f>-`rA-ptas->
  1p09-20      (0,236)
  1p09-21 IV: <<f> se calhAR=
  1p09-22      `Ó::: ´sA`bes -d'al`guém que t'↑`-faz ´de=>
→ 1p09-23      ´não ↓-sEI ↓-cOmo-
  1p09-24      ↑-prOnto- [-mAs ((riso))]
  1p09-25 CL:            [((riso))]
  1p09-26 ES:            [((riso))]
```

Nesta passagem há uma primeira reparação através do anúncio de paráfrase "*quer dizer*"[53], realizado para superar um momento de hesitação sobre o modo como terminar o enunciado - parece que IV não se atreve a exprimir aquilo em que está a pensar; no entanto, a indecisão continua, pois a esta expressão não se segue uma paráfrase, como seria de esperar, mas uma pausa vazia, em que IV leva a mão à boca (auto-toque), e um acto metacomunicativo ("*acho eu*"). Este acto fornece retroactivamente informação sobre o modo como os enunciados (15) e (16) devem ser interpretados.

O outro momento de reparação nesta vez de IV caracteriza-se pela substituição do que seria o último constituinte de um acto pela expressão de resumo "*não sei como*" (23). Este enunciado foi realizado com um movimento global de tom descendente, o que o coloca numa posição de menos proeminência. Deste modo, a falante pode cancelar o acto que iniciara. Segue-se um sinal topográfico de fecho, "*pronto*" com entoação terminal descendente, que encerra o tema iniciado em (22) e permite que seja introduzido outro; isso acontece depois de IV terminar uma fase de riso (IV ri-se contagiada pelo riso das parceiras, que se segue ao comentário irónico de CL. E este comentário - (18) e (19) - será tratado no exemplo 25). A observação da descrição da CNV permite detectar outros aspectos:

`[`´não=sei,` - *IV tem as mãos em frente do corpo e mexe com os dedos uns nos outros; tem a cabeça inclinada para baixo, um pouco recolhida nos ombros, e olha para baixo;*

`e depois tambÉm ]` - *IV começa a rodar a cabeça para cima e a levantar o braço esquerdo; continua a olhar para baixo (IMAGEM 1);*

[53] Cf. parte I, 4.1.3.

há=lá=imEN - *IV levanta a mão esquerda, que fica aberta na direcção do braço, à altura da cabeça, pontas dos dedos voltadas para cima (IMAGEM 2);*

sas -es - *IV roda a mão um pouco para o lado de fora, ficando com a palma voltada para a frente, e volta a baixá-la;*

tra´TÉgias - *IV baixa a mão e o braço até ao nível do peito e volta a juntar as mãos (IMAGEM 3);*

<<dim>`pra::::: .> - *IV afasta um pouco os braços para os lado, ficando com as pontas dos dedos voltadas umas para as outras, palmas viradas para o corpo (IMAGEM 4);*

pausa vazia - *IV roda a cabeça um pouco para a frente e torce o nariz; mantém as mãos na posição anterior (IMAGEM 5);*

<<all>quer dizer.> - *IV roda a cabeça para a esquerda, ergue as sobrancelhas e olha para ES; mantém as mãos na posição anterior (IMAGENS 6 e 7);*

`A´cho=[-Eu-] - *IV volta a levantar a mão esquerda até à boca, mordisca o dedo, olha para cima na direcção de ES, depois para baixo, começa a rodar a cabeça para CL e olha para ela (IMAGENS 8 e 9).*

A hesitação no enunciado (16) manifesta-se verbalmente (prolongamento da palavra "*pra*") e não-verbalmente (paragem da fase inicial de um gesto de abertura em que as mãos ficam abertas e imóveis, como se acompanhassem o prolongamento da palavra[54]). A mímica de IV também dá informações sobre a sua atitude - de desagrado - para com o que ia dizer e que, afinal, decide não dizer. A expressão "*quer dizer*", um sinal linguístico que convencionalmente (sob o ponto de vista semântico) serve para introduzir uma paráfrase, vem, neste caso, pôr fim a uma hesitação (devida a uma busca lexical) que representa um desarranjo na cadeia sonora. "*Quer dizer*" serve, assim, como um sinal topográfico de transição. Simultaneamente informa que a seguir vai ser introduzido um enunciado que parafraseia ou reformula o conteúdo do enunciado anterior. Como foi atrás referido, neste contexto esta expressão não antecede a introdução de uma paráfrase/reformulação, mas sim um acto metacomunicativo. Assim, como a maior parte dos sinais topográficos, "*quer dizer*" perdeu o seu significado original de introduzir paráfrases, funcionando apenas como elo de ligação entre o desarranjo (hesitação) e o elemento reparador, o acto metacomunicativo "*acho eu*" que, por sua vez, altera, retroactivamente, o valor assertivo do enunciado antecedente[55]. Com esta reparação, a falante pretende que aquilo que foi dito seja entendido como uma suposição sua e não como uma opinião de quem está muito seguro. Por outras palavras, a reparação permite modalizar retrospectivamente o que foi dito e avaliá-lo como "incerto". Este fenómeno de

[54] Este fenómeno, conhecido por **congelamento do gesto**, podia-se, aliás, designar, por analogia com a fala, por **prolongamento gestual**.

[55] Este fenómeno parece corresponder àquilo que Schegloff (1979: 273) entende por **conversão** (cf. parte II, 3.1).

atenuação funciona como uma estratégia através da qual a falante se distancia do que diz ou, melhor, se auto-desresponsabiliza[56].

Tal como a maioria dos sinais de manutenção de vez usados numa estratégia de reparação, a expressão "*quer dizer*" foi realizada com uma velocidade maior do que a fala envolvente. A nível não-verbal, é acompanhada por sinais de abertura: mudança de orientação da cabeça, erguer de sobrancelhas, direccionamento do olhar para ES.

Durante o comentário de CL, IV olha para ela e mordisca no dedo (cf. imagens 11 e 12).

<<f> se calhAR= - *IV faz um gesto circular com a mão em frente da boca, mantendo o polegar junto à boca e baixa a mão; olha para CL (IMAGENS 13 e 14);*

`Ó::: ´sA`bes -d'al`guém - *fica com os dedos a tocar no peito (decote); olha para o lado (canto direito); abana com a cabeça (IMAGENS 15 e 16);*

que t'↑`-faz ´de=> - *levanta a mão na direcção do queixo, roda-a para fora, palma para fora; fecha os olhos e vira-os para cima; leva os dedos até ao nível do nariz, sempre a olhar para cima (IMAGENS 17, 18 e 19);*

´não ↓-sEI ↓-cOmo- - *inclina a cabeça para a esquerda, fecha os olhos e volta a abri-los bem virados para cima; leva as pontas dos dedos à boca; um pouco antes de dizer "pronto", a falante baixa a mão com a palma virada para o corpo (IMAGENS 20 e 21);*

↑-prOnto- - *IV levanta de novo a mão, virando a palma para fora (IMAGENS 22 e 23);*

[-mAs ((riso))] - *IV baixa a mão, sempre a olhar para cima (IMAGEM 24).*

Na linha (23) a reparação consistiu na informação do falante sobre o seu "não saber como" desenvolver um tópico anteriormente anunciado ("*há imensas estratégias*"). A expressão "*não sei como*" não pode, porém, ser interpretada no sentido literal. IV pretende dizer que há estratégias para adoptar uma criança, que consistem na invenção de uma situação fictícia. Só que, como tal situação levanta inúmeras questões de ordem moral e social, a falante não se atreve a mencioná-las e faz várias tentativas para se assegurar se pode, ou não, contar com o apoio das parceiras. Por isso, não chega a terminar o enunciado em (23) e produz o acto seguinte, ritmicamente integrado no anterior, de tal modo que parece ser o constituinte que faltava para a sua completação - "alguém que faz de não sei como". Esta solução poderia tornar a frase (24) um pouco ambígua: será que alguém faz de pai "*não sei como*", isto é, de uma maneira qualquer? Ou será que este "*não sei como*" se refere às estratégias anunciadas, no sentido de saber quais elas são? Essa ambiguidade não existe, de facto, devido às características

[56] Caffi/Janney (1994: 366) referem algumas escolhas linguísticas que funcionam como estratégias ou sinais de distanciamento, não-imediatez e não-identidade. Entre elas figuram "marcadores" que sugerem insegurança, como é o caso de muitos elementos vocais e verbais desta passagem da vez de IV.

prosódicas da expressão "*não sei como*", que marcam uma descontinuidade entre a frase incompleta e este novo acto (em "não" verifica-se uma subida de tom, que contrasta com o nível constante da altura de tom da unidade antecedente, seguida por uma descida abrupta de tom em "sei"). Esta unidade fica, assim, destacada da frase antecedente, aliás também no plano não-verbal: os movimentos do corpo que acompanham a realização desta expressão consistem num inclinar da cabeça com um fechar de olhos (como de quem se distancia e não quer saber), seguido de um desvio do olhar para cima e de um pequeno movimento da mão para a boca (como de quem reflecte sobre um assunto[57]).

Segue-se a palavra "*pronto*" que marca o fim desta confissão de ignorância. A subida brusca de altura de tom no ataque da palavra reflecte o maior envolvimento emocional do falante. Transmite informações sobre as suas emoções, a saber, a sua atitude de sujeição à circunstância de "não saber como". Também parece estar implícito um processo de minimização do facto de "não saber". Este significado está mais claramente expresso no gesto que acompanha a realização de "*pronto*" (rotação e abertura da mão para cima, com palma voltada para cima, seguida da rotação da mão para baixo, ficando voltada para o corpo) um movimento de rejeição de alguma coisa que não interessa, atirando-a para trás das costas. IV mantém os olhos sempre orientados para cima, para evitar que no seu horizonte visual surja alguma coisa que possa interferir no seu raciocínio. Esta manutenção da orientação do olhar para cima mostra também que IV se encontra ainda numa fase de produção da fala e que pretende continuar a sua vez.

[57] Esta atitude de mordiscar o dedo e olhar para cima/lado é um comportamento típico (certamente universal) de quem se sente inseguro. Possivelmente uma *displacement activity* de um comportamento ligado à amamentação e procura de proximidade. Uma *displacement activity* refere-se ao comportamento de seres vivos que é irrelevante no contexto em que ocorre, porque já não desempenha a função para a qual se desenvolveu (cf. Feyereisen/Lannoy, 1991: 40).

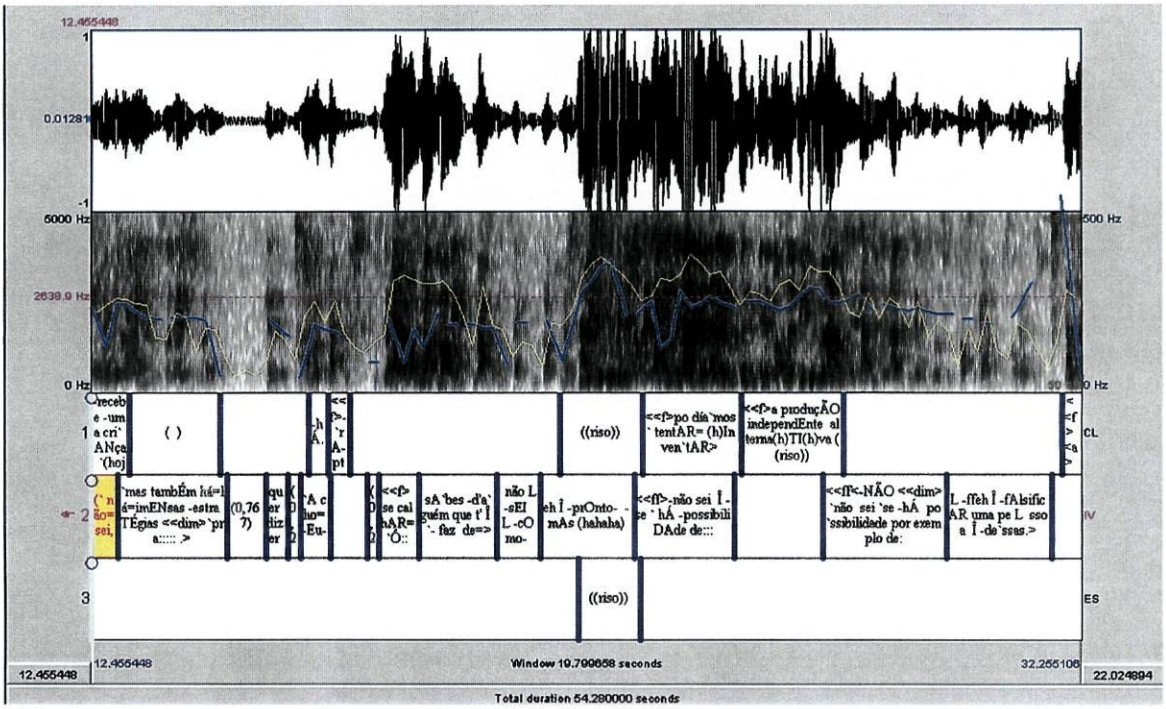


FIGURA 4/18: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1P9 (16) - (24).

1 TAMBÉM HÁ

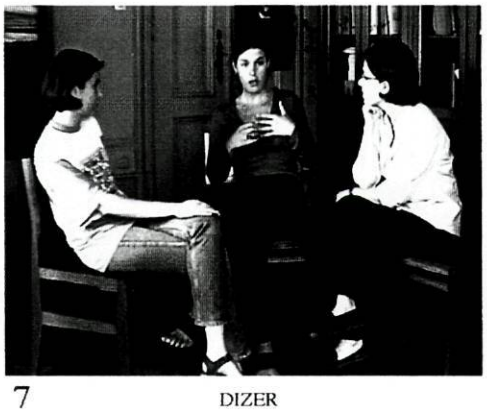
2 IMENSAS

3 ESTRATÉGIAS

4 PRA:::::

5 (PAUSA)

6 QUER



7 DIZER

8 A-

9 -CHO

10 EU

11 (CL: HÁ)

12 (CL: RAPTAS)

13 SE

14 CALHAR

15 OU

16 ALGUÉM

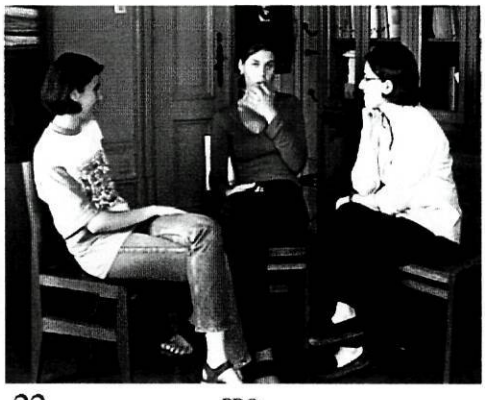
17 TE F-

18 -FA-

19 -AZ

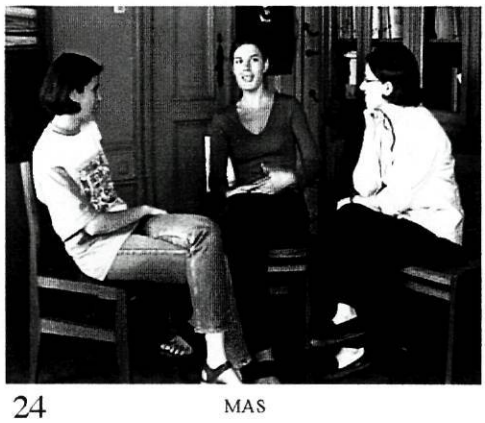
20 NÃO

21 SEI



22 PRO-

23 -ONTO



24 MAS

4.1.19 Exemplo (19): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > AUTO-REPARAÇÃO (ACTO DE ARGUMENTAR)

```
    2p1-55  NF: não. ´não é uma obri-GA´ÇÃO,
    2p1-56      <<rall>`mas -É: Algo -Al`go: `é ´Algo:-> (0,267)
→   2p1-57      ↑`se É <<f><all> `pró ´bem -co´`´MUM?>>
    2p1-58      (1,392)
    2p1-59  CP: <<p>`´é::'>
    2p1-60  NF: <<p>é `isso;>
    2p2-01  CP: ´`É isso.
    2p2-02      (0,884)
```

No exemplo (19), NF tem os braços em posição de repouso. Manifesta o seu desacordo para com CP e olha para cima para pensar (sem ser incomodada por factores exteriores) no melhor modo de argumentar. Mantém esta posição durante as repetições e prolongamentos transcritos na linha (56). A característica prosódica que destaca este enunciado dos antecedentes é a velocidade da fala, cada vez mais lenta. Para superar esta hesitação e este momento de desarranjo no prosseguimento da sua vez e obter a atenção dos outros participantes - note-se que, neste momento, CP olha para baixo e ri-se e BS olha para baixo, ou seja, nenhum deles colabora com NF na completação do seu enunciado -, NF decide-se por uma estratégia argumentativa que consiste na enunciação de uma primeira parte, o acto de argumentar (57), e na não-enunciação da segunda (um acto de inferir). Por ser tão evidente, a segunda parte da sequência não precisa de ser produzida. A sequência dos enunciados na conversação foi conduzida de tal modo por parte do falante, que o ouvinte infere o que o falante intende e concorda com ele. Assim, a elipse da segunda parte da sequência argumentativa representa um meio eficaz para exercer influência sobre o outro.

Este acto é realizado a uma velocidade mais elevada, certamente como reacção à superação da sequência mais lenta e não-desejada que o antecede. A impressão de maior rapidez está também condicionada pela velocidade mais lenta do enunciado antecedente. Também apresenta as características prosódicas necessárias para atrair a atenção dos ouvintes: a sílaba com acento primário é antecedida por uma subida abrupta de altura de tom; a última sílaba da última palavra do acto tem um contorno entoacional ascendente--descendente-ascendente, típico do estilo enfático que confere a esta palavra uma posição de proeminência.

A nível não-verbal também se observam, nesta passagem, movimentos mais marcados: NF levanta os braços e as mãos, pontas dos dedos voltadas para o corpo, palmas viradas para cima, depois afasta e baixa mais os braços, mantendo as mãos em pinça fechada, pontas dos dedos voltadas para cima.

No fim do enunciado, NF continua a olhar para baixo, pousa os braços sobre as coxas e roda a cabeça, que estava orientada para CP, para a frente/baixo. CP vira a cabeça para NF e manifesta o seu acordo para com NF. Esta realimentação repete-se em (01).

A reacção de BS "*é*", uma resposta típica a uma interrogativa total, modifica (retroactivamente) o valor comunicativo e argumentativo do enunciado de NF. Isso pode ter acontecido devido à entoação terminal (subida de altura de tom) em (57). Embora este acto não seja uma pergunta, é tratado como tal pelo ouvinte.

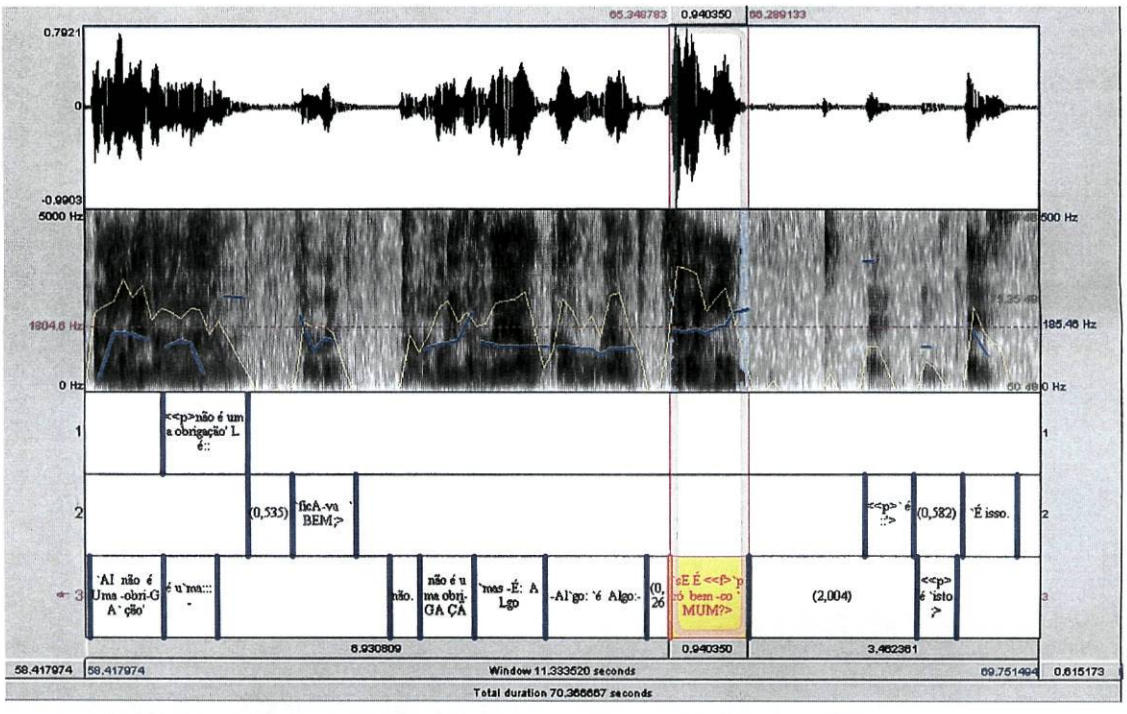


FIGURA 4/19: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P1 (55) - 2P2 (02).

4.1.20 Exemplo (20): AUTO-INICIAÇÃO (INTERROGAÇÃO)

```
3p3-35  VB:  `sim; ´mas=aGOra ´vamos `fa-lAr `sobre
             este=[assunto;]
3p3-36  AT:        [((riso))]
3p3-37       (h)po(h)is-
3p3-38       (0,607)
3p3-39  VB:  do::::.
3p3-40       (0,804)
3p3-41  LV:  do:::,
3p3-42  VB:  [<<f><all>´dA ``´MÃE,>> <<pp>da mãe>]
3p3-43  LV   [-em re´la`ÇÃO- À- ]
3p3-44       À: `mãe <<pp>-à ´mulher,
3p3-45       -só ↑``´que=eh::
3p3-46       -que prefe´rem ↓-ter a´go-ra ↓´FI`lhos ↑-sEm->
3p3-47       (0,232)
3p3-48  AT:  !`AH=pOis!=`sem ↓-Aju-da- ((riso))
→ 3p3-49     <<pp>-ter ↓-sem =A↑-jU:`da. (   )>=
3p3-50  LV:  =<<p> ´eU=`Acho ↓-que=`i´sso=`é um `bo´cado-
             IMpo↑`ssÍvel.> [(         )]
```

Em (48) AT completa a vez de LV logo que se recorda do tema que tinha sido mencionado. No entanto, a mensagem transmitida é ambígua e presta-se a uma interpretação maliciosa. O *riso*[58], uma reacção da própria falante ao que acabara de verbalizar, funciona como uma auto-iniciação da reparação. A reacção em forma de riso é provocada pela componente cómica do enunciado: a incongruência entre o que está implícito no conteúdo proposicional do enunciado (48) - as mulheres que têm filhos sem a ajuda de ninguém - e o que é válido de acordo com o conhecimento do mundo compartilhado pelas falantes - é impossível ter um filho sem a ajuda de ninguém, é preciso um pai.

Segue-se uma manifestação de desacordo com o que acabara de dizer em (48) através da repetição de parte do conteúdo de (48) com entoação interrogativa[59]. A estratégia de

[58] O riso é uma actividade que Schegloff descreve como podendo assumir a função de alter-iniciação de uma reparação (Schegloff, 2000: 220-222). O riso também pode ser utilizado pelo próprio falante para "auto-iniciar" uma reparação, assumindo um papel de observador crítico.

[59] A subida abrupta de altura de tom no acento principal confere a este elemento terminal do enunciado uma entoação interrogativa (cf. Cruz-Ferreira, 1998.).

manifestar desacordo/criticar através da interrogação (enfática) de enunciados é comum em alter-reparações - é a chamada reparação alter-iniciada de Schegloff/Jefferson/Sachs (1977: 370 segs.). No presente exemplo, é realizada pelo próprio falante.

Ao recorrer a esta estratégia, o falante coloca-se numa posição de observador, o que lhe permite um maior distanciamento do enunciado realizado e, consequentemente, uma melhor capacidade de avaliação crítica. Este significado também está patente nos movimentos oscilantes do tronco para a direita e esquerda, simultâneos à realização verbal de "*ter sem ajuda*", que transmitem valores de incerteza.

Sendo uma auto-crítica com certa carga humorística, este enunciado pode-se considerar irónico[60]. Para a marcação da ironia contribuem não só as características prosódicas (grande movimentação de altura de tom, variações abruptas de altura de tom em "*ajuda*"), mas também a comunicação não-verbal de AT que se segue à verbalização do acto: AT apresenta uma expressão facial típica de alguém que acaba de cometer um erro e o pretende disfarçar: depois de ter produzido o enunciado, AT vira a cabeça para VB, olha para ela, inclina o tronco e a cabeça ligeiramente para a esquerda, olha em frente; em seguida, desvia o olhar para cima e faz um trejeito com a boca/olhos/língua, como se fizesse uma "careta" para alguém; em seguida olha para VB. LV começa a falar.

AT proferiu esta reparação em voz baixa, de tal modo que as parceiras, preocupadas com o novo tema, não repararam nem no seu comentário, nem na sua mímica.

[60] Cf. Hartung (1998: 167 segs.).

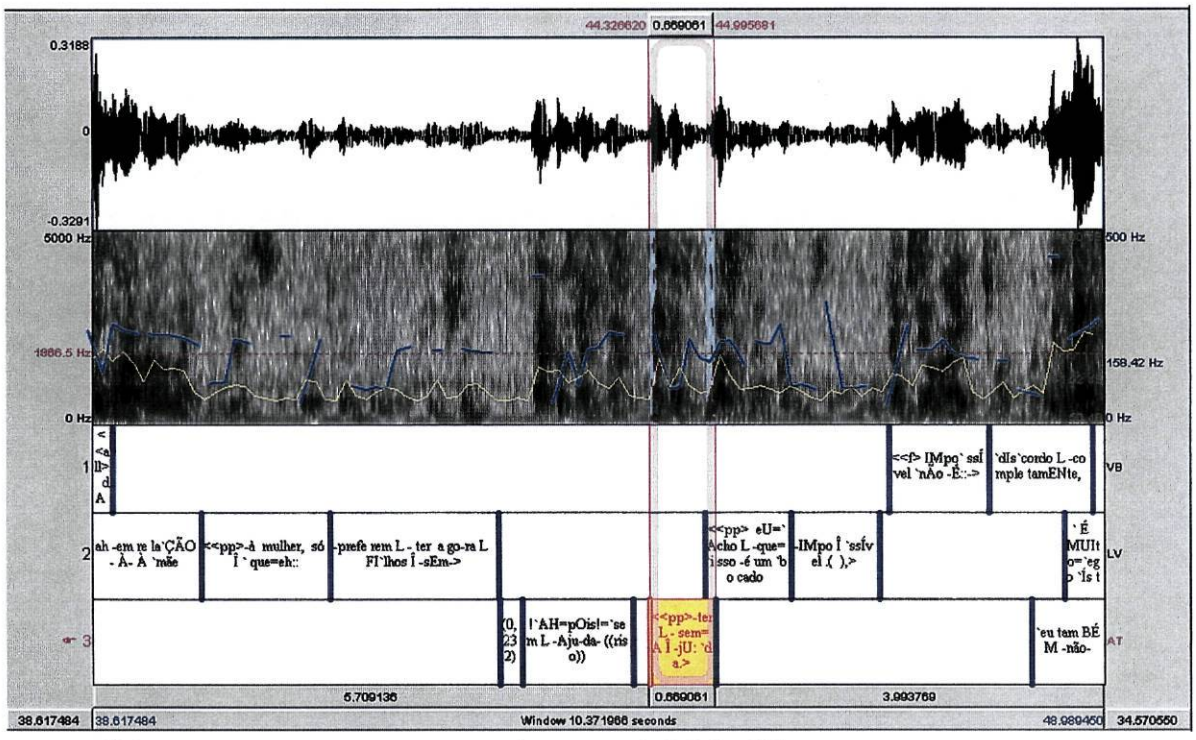


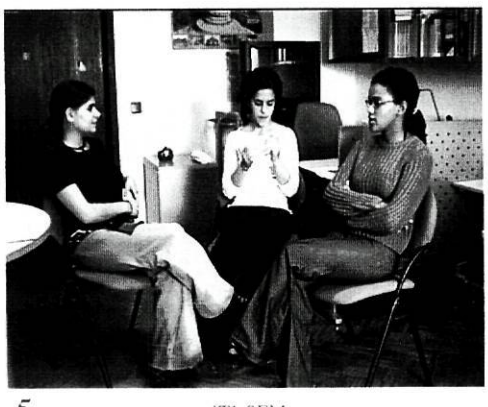
FIGURA 4/20: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P3 (44) - (50).

1 LV: FILHOS

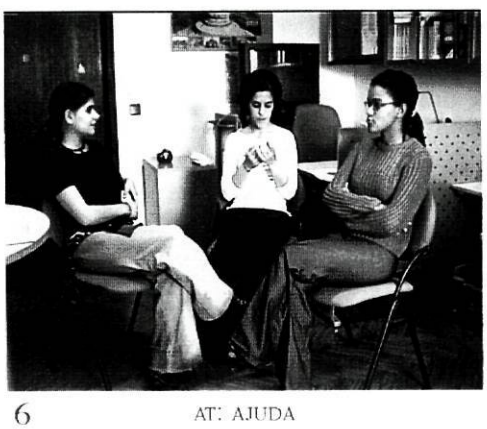
2 (PAUSA)

3 AT: AH

4 AT: POIS

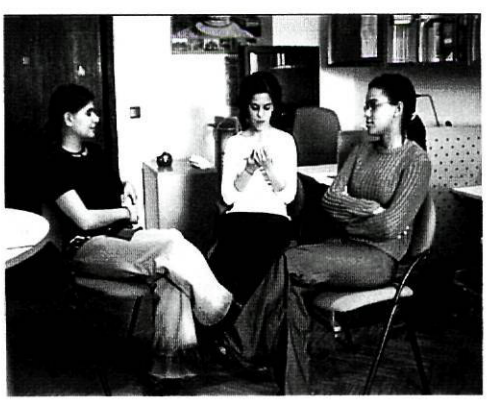


5 AT: SEM



6 AT: AJUDA

7 AT: (RISO)



8 AT: TER

9 AT: SEM AJUDA

10 AT: ISSO

11 LV: É UM (AT: CARETA)

12 LV: BOCADO

13 LV: IMPOSSÍVEL

4.2 Alter-reparação

Os exemplos que se seguem ilustram casos em que a reparação foi iniciada pelo próprio e efectuada pelo outro. No *corpus* pude encontrar duas situações distintas: numa, o falante *auto-inicia* a reparação através de prolongamentos e repetições de palavras devido a uma dificuldade em encontrar o elemento lexical adequado. Antes de ele próprio resolver o problema, o ouvinte antecipa-se e avança com uma proposta lexical que o falante aceita ou rejeita; na outra, o ouvinte faz um comentário irónico, como avaliação crítica do enunciado do falante. Trata-se assim de uma manifestação de desacordo, camuflada em forma de "piada", como foi sugerido por Schegloff (1992), que, geralmente, tem implicações na progressão da vez do falante.

4.2.1 Exemplo (21): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > AUTO--REPARAÇÃO > ACEITAÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO[61]

```
   2p3-15  NF: <<f>=´NÃO é -a ´pUl``sO' `HÁ:Á'`Á'´`Á::>
   2p3-16      (0,040) <<all>-por ↑`Exem´plo> ↓´tu::'
   2p3-17      ↑´`Eu ↓-tenho `como -mo´DE:lo'
   2p3-18      <<all>Ó -tive como mo``dElo na> minhA:: na minhA::
→  2p3-19  BS: (0,351)-o ´tEu ``pAI,=
→  2p3-20  NF: <<all><p>`no meu cresciment'>>
→  2p3-21      (.) ↓-o mEU ´`pA´`i;
   2p3-22      (-)↓`sei lá.
→  2p3-23      (-)`fUi -do clUbe  que o ´`mEu `pA´I'
→  2p3-24      ↓´`sOu -do clUbe que o mEU pAI ´É:?=
```

Nesta passagem ocorreu a seguinte CNV:

na minhA::nha - *NF faz um pequeno movimento (circular) à frente do corpo com a mão na mesma posição (indicador esticado), vira a cabeça de novo para a frente e olha para baixo (IMAGEM 1);*

minhA::- *NF baixa o braço e afasta-o para a frente, ficando com a mão aberta, palma para cima (IMAGEM 2);*

(0,351)+ BS: -o ´tEu ``pAI,- NF move a mão para a esquerda (um pouco) e de novo para a direita, afastando-a mais, e de novo para a esquerda - olhando agora para BS *(IMAGEM 3);*

[61] Esta passagem já foi comentada no exemplo 2, na perspectiva da auto-reparação.

<<all><p>=`no meu cresci- *NF continua a mover a mão para a esquerda (em "no meu"), depois de novo para a direita (em "cresci"); continua a olhar para BS (IMAGEM 4);*

ment'>> - *levanta o braço direito, virado para a esquerda, quase até ao nível do ombro; levanta as sobrancelhas, olhando sempre para BS (IMAGEM 5);*

↓-o mEU - *NF continua a olhar, mantendo as sobrancelhas levantadas; move a mão ainda mais para cima, para o lado esquerdo, acima do nível do ombro, como apontando para algo que se encontra longe (IMAGEM 6);*

´`pA´`i; - *fase de retracção do gesto anterior - BS baixa o braço direito e coloca a mão junto da outra, à frente do corpo; inclina o tronco um pouco para trás e levanta mais a cabeça; mantém as sobrancelhas levantadas (IMAGEM 7);*

(-) ↓`sei lá. - *NF continua a olhar para BS, baixa as sobrancelhas; em seguida olha para baixo e começa uma contagem pelos dedos (IMAGEM 8).*

Na hesitação (procura lexical) em (18), através dos prolongamentos de vogais e da repetição da palavra "*minha*", o falante NF inicia a reparação. BS interpreta o que NF pretende dizer e, fornecendo uma informação de acordo com essa interpretação - em (19) - , repara a vez de NF. Esta reparação não se relaciona com o desarranjo em (18), que constitui a iniciação da reparação, a saber, a busca lexical, mas com um momento posterior da conversação.

Por um lado, como a partir do contexto temático e do conhecimento compartilhado por ambos, as intenções de NF são tão óbvias, deixa de ser necessário encontrar os elementos mais adequados para as expressar. Neste sentido, BS fornece ao parceiro o material linguístico que acha que vai ser necessário para continuação da construção da vez. Por outro lado, o facto de a alter-reparação actuar sobre um momento mais adiantado da vez indica que BS a orienta de acordo com os seus interesses. Sendo assim, ao mesmo tempo que efectua uma reparação, BS faz avançar a vez, sob o ponto de vista informativo, de acordo com os seus próprios interesses. O seu contributo é importante sob o ponto de vista do dinamismo comunicativo[62].

Enquanto BS apresenta a sua proposta, NF continua a sua procura lexical. Os elementos "na minha" (os iniciadores da reparação) deixam supor que NF pensara num termo ("infância", "juventude" ou "adolescência") que não achara adequado; acaba por dar preferência a "*crescimento*", efectuando aí a auto-reparação (substituição dos elementos "*na minha*" por "*no meu*" e adição de "*crescimento*"). As características prosódicas desta auto-reparação (maior velocidade da fala e menor intensidade da voz) têm a propriedade de reduzir a importância de um enunciado, diminuindo o seu valor comunicativo e retirando-o de uma posição de proeminência, ou seja, minimizando-o e desfocalizando-o. Esta desfocalização/minimização mostra o desejo de NF de apressar a verbalização destes elementos para se dedicar, o mais depressa possível, à continuação da vez, aceitando a

[62] Cf. parte I, 2.6.3.3, nota 43.

proposta de BS e orientando as suas actividades para o tratamento desta nova informação. Por causa deste novo rumo temático, a reparação auto-iniciada deixa de ser importante. Além disso, ao indicar um constituinte pertencente a uma fase posterior da vez, BS mostra que a informação que NF pretendia dar já tinha sido devidamente inferida. Deste modo, a ajuda de BS provoca uma aceleração no processo de construção da vez. Concluindo: ao mesmo tempo que mantém o seu papel de ouvinte, BS colabora com o falante na construção da vez e influencia o seu desenvolvimento.

Durante a reparação e até ao fim desta passagem, ou seja, a partir do momento em que BS realiza a sua reparação "construtiva", NF olha para ele. Do ponto de vista gestual a auto-reparação de NF consiste na repetição dos movimentos efectuados durante o momento de silêncio que acompanha a procura lexical, mas com uma amplitude mais reduzida. Estes movimentos são golpes gestuais para a esquerda e para a direita, trajectórias que denotam certa impaciência ou urgência do falante na realização da tarefa em curso. Na fase terminal desta auto-reparação, NF já antecipa o conteúdo do que vai dizer (e que também já tinha sido expresso por BS), pois é ainda durante a verbalização da palavra "*crescimento*" que inicia o novo sintagma gestual (caracterizado por um movimento com o braço/mão direita até á altura do ombro esquerdo) que vai acompanhar a produção do elemento "*pai*".

Segue-se, em (21), a aceitação, por parte de NF, da reparação proposta por BS. NF repete-a, adaptando-a ao novo contexto. Este momento destaca-se da fala envolvente pelas suas características prosódicas e gestuais: sob o ponto de vista prosódico, há uma redução da velocidade e uma grande movimentação de altura de tom (característica de um estilo enfático) na última sílaba acentuada ("*pai*"). A palavra "*pai*" parece, assim, constituir o foco desta sequência de actos. E é colocada em posição de foco não só através dos parâmetros prosódicos, mas também através do gesto: além de o movimento da mão ter uma trajectória de relativamente grande amplitude, a mão aponta para alguma coisa. Este gesto, ou sintagma gestual, tem ainda outra função: através dele, NF localiza, subjectivamente, o referente "*pai*" no mesmo espaço em que situara o passado ("*tive como modelo*"[63]), obviamente, porque o "modelo do passado" é o "*pai*". Esta passagem ilustra o funcionamento do gesto como um meio de estabelecer relações de coesão não só entre partes do discurso, mas também entre conteúdos ou tópicos[64]. Através da interligação fluida das diversas cláusulas da unidade gestual e das variações da trajectória e características formais, todos estes diferentes actos (auto-iniciação, auto-reparação e aceitação da alter-reparação) se encontram harmoniosamente articulados e significativamente representados.

---

[63] Cf. exemplo 2.

[64] Como já foi referido no exemplo 9, a isotopia gestual, ou seja, a localização por meio do gesto de entidades/objectos/acções no mesmo ponto do espaço interaccional permite não só criar relações de coesão entre partes do discurso, mas também entre certos conteúdos. Neste caso, a localização de "*pai*", junto de "*modelo*" e também no sítio de "*tive*", está ligada ao conteúdo "*passado*", em que o falante teve o seu pai como modelo.

O acto que se segue, (22), é um exemplo de um sinal conversacional polifuncional e merece, por isso, uma descrição mais detalhada. Para poder explicar melhor a expressão "*sei lá*", é necessário descrever, em primeiro lugar, as suas características prosódicas. No ataque, apresenta uma subida abrupta da altura do tom, uma altura de tom global descendente e termina com um movimento descendente da altura de tom. Estas características estão relacionadas com a propriedade de fecho. No entanto, o elemento verbal que se segue ("*fui*") mantém a tendência descendente da altura de tom, ficando prosodicamente integrado nesta expressão. Esta característica tem propriedades de abertura. Sendo assim, este enunciado marca a transição entre dois tópicos já apresentados ("*pai*" e "*modelo*") e o seu desenvolvimento (esclarecimento, justificação), desempenhando a função de sinal topográfico de transição.

Retomando as características prosódicas desta expressão, constata-se que os movimentos descendentes de altura de tom veiculam os significados de "menos importante", "menos interessante", "menos agradável". A partícula modal "*lá*", por sua vez, contribui com informações adicionais sobre a atitude do falante: certa impaciência por ter que fornecer exemplos que justifiquem a sua afirmação sobre o facto de o pai ser o modelo e que sejam adequados à situação. Posto isto, o significado interaccional mais marcante do conteúdo deste acto consiste em minimizar a informação que vai ser dada em seguida, para que esta seja entendida apenas como um exemplo, de entre muitos, e o falante não se sinta na obrigação de seguir a rigor a *máxima da qualidade* de Grice. Esta estratégia protege-o de alguma crítica que possa provir dos parceiros e, por esta razão, representa um meio eficaz de defesa de face.

Concluindo, as características prosódicas e semântico-pragmáticas desta expressão fazem com que este acto possa funcionar simultaneamente como um sinal topográfico de transição e um sinal modal. Através dele, o falante realiza, prospectivamente, uma auto--avaliação (de carácter minimizador) dos argumentos que vai apresentar. Tendo em conta a sequência dos enunciados na conversação, este acto não constitui um momento de reparação, mas dá indicações importantes para o desenvolvimento do discurso.

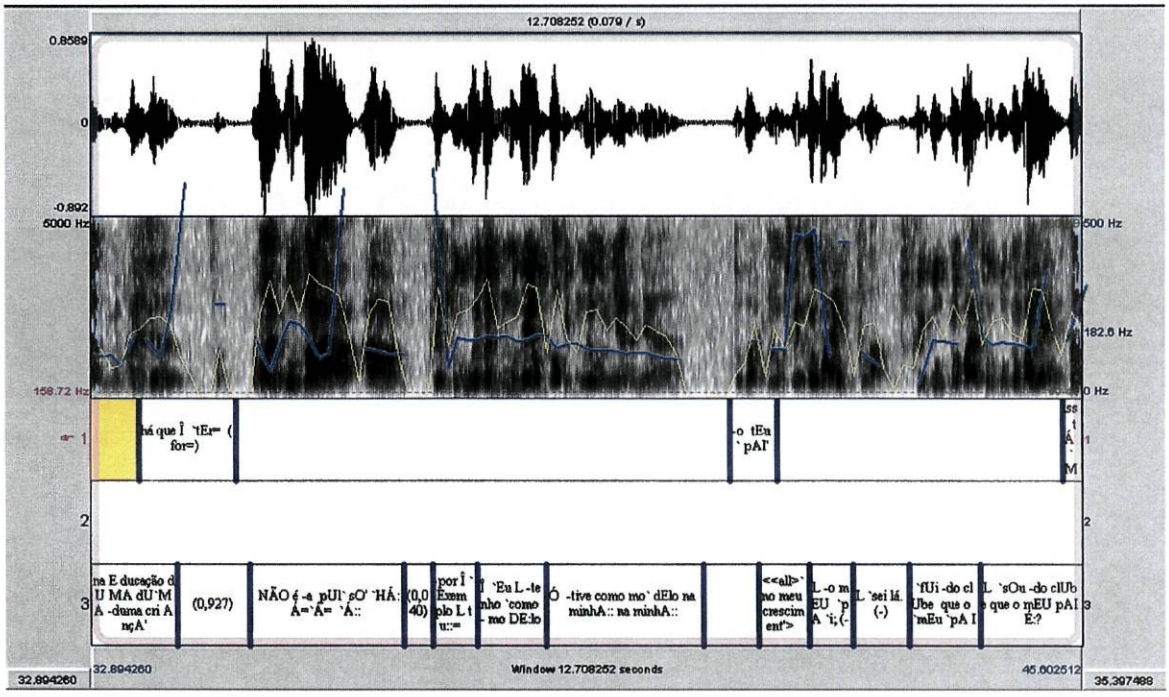


FIGURA 4/21: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P3 (15) - (23).

1 NA MINHA NA MINHA

2 A:::

3 PAI

4 CRESCIMENTO

5

6 O MEU

7 PAI

8 SEI

9 LÁ

10

4.2.2 Exemplo (22): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > AUTO--REPARAÇÃO > ACEITAÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO

Esta passagem exemplifica um caso idêntico, mas mais simples que o antecedente: numa hesitação do falante, provocada pela dificuldade em encontrar um elemento lexical, o ouvinte verbaliza uma proposta que é, em seguida, aceite pelo falante:

```
   2p3-36      <<dim>´nÃO -É `Aí.
   2p3-37     ´nÃO É ``Uma `questÃO dE'
   2p3-38     `nãO -É umA questÃO ``de- <all>tEr que`cO´me``çar -a
              seguir `o -E``XEM`plo.>>
   2p3-39     ↑`mAS ´HÁ Um: ``hÁ -Um:-
→  2p3-40  BS: <<p>`uma re-ferência>=
   2p3-41  NF: <<all>=-hÁ -Uma rE↑`fe´rência-
   2p3-42      ↑´É ↓-isso- (.)
   2p3-43      ↑`E -É Isso ´e::: ´fAz ´fAl ↑`ta::-A::
   2p3-44      um ´`pOnto de ´`re<<a>´ferÊn>`cia.>
   2p3-45  CP:  ´`É:=Eh;
```

No plano não-verbal observou-se o seguinte:

<<dim>´nÃO -É `Aí. - *NF olha para BS; inicia uma unidade de gesto em frente do corpo (mãos em cima, paralelas, segurando o isqueiro entre elas) (IMAGEM 1);*

´nÃO É ``Uma `questÃO dE' `nãO -É umA questÃO ``de- - *NF baixa um pouco as mãos, segurando sempre o isqueiro, e olha para baixo (IMAGENS 2, 3, 4, e 5);*

<all>tEr que`cO´me``çar -a seguir `o -E``XEM`plo.>> - *em "ter", NF olha para BS e move as mãos, mantendo sempre a mesma posição relativa delas, para a esquerda, depois para a direita, depois para o centro; em "exemplo", NF olha para cima e começa, de novo, a levantar os braços, subindo as mãos e mantendo-as sempre paralelas (IMAGENS 6, 7 e 8);*

↑`mAS ´HÁ Um: - *NF levanta mais a mão direita, acima do nível da cabeça, apontando com as pontas dos dedos para cima/frente e olhando na mesma direcção (IMAGENS 9 e 10);*

``hÁ -Um:- - *NF baixa o braço e a mão, mantém o olhar dirigido para cima (IMAGEM 11);*

BS: <<p>`uma re-ferência>= - *NF olha em frente; inclina a cabeça para trás e começa a levantar a mão esquerda, apontando para cima com o isqueiro. Estes movimentos observam-se durante o comentário de BS (IMAGEM 12);*

<<all>=-hÁ -Uma rE↑`fe´rência- - *depois de BS falar, NF olha para ele e levanta as sobrancelhas; baixa o braço enquanto abre a mão que estava pousada na coxa e retoma a posição de repouso (IMAGENS 13, 14 e 15);*

↑´É ↓-isso- (.) - *NF continua a olhar para BS e mantém as sobrancelhas erguidas (IMAGEM 16);*

↑`E -É Isso - *NF acena ligeiramente com a cabeça, mantendo as sobrancelhas levantadas; continua a olhar para BS;*

´e::: - *NF encolhe ligeiramente os ombros e olha para baixo (IMAGEM 17);*

´fAz ´fAl ↑`ta::-A:: - *NF olha para baixo, baixa as sobrancelhas; mantém as mãos na posição de repouso, i.e., retoma o movimento de toque orientado para o objecto (isqueiro) (IMAGEM 18);*

um ´`pOnto de ´`re<<a>´ferÊn>`cia.> - *NF inclina a cabeça e curva os ombros mais para baixo (IMAGEM 19);*

Durante a procura lexical em (39), o falante antecipa informações importantes sobre o elemento exacto procurado através da comunicação não verbal: o "mirar" de um ponto em frente a si e o indicar da localização desse ponto com a mão aberta são sinais com que tenta aproximar-se dos traços específicos do conceito em questão (cf. imagem 10). Apoiado no contexto e nessa informação, BS infere o que NF pretende dizer. Mais uma vez, sentindo-se na obrigação de cooperar com ele, BS verbaliza o termo que, na sua opinião e de acordo com a interpretação feita a partir da descodificação da comunicação não-verbal de NF, serve para "traduzir" o que este pretende comunicar.

NF aceita a proposta lexical de BS. Esta aceitação manifesta-se na repetição da palavra fornecida pelo parceiro. Para manter a coesão interna entre a parte da vez anterior à hesitação e a superação da hesitação, NF repete uma palavra da frase que tinha ficado por terminar e que pode, sob o ponto de vista sintáctico, ser seguida pelo novo elemento lexical. O artigo indefinido "*um*", prosodicamente prolongado e repetido durante a hesitação, teve que ser morfologicamente alterado de acordo com o género da palavra que passou a determinar. Este tipo de reparação pertence ao nível sintáctico.

Sob o ponto de vista não-verbal, o momento de descodificação, compreensão e aceitação da proposta de BS é visível no erguer de sobrancelhas de NF e na orientação do olhar para BS (cf. imagem 13).

O acordo é reforçado ainda pelo acto avaliativo (42) que, por um lado, explicita acordo e, por outro lado, como não contribui com novas informações, parece funcionar como uma espécie de "remate final" da vez. Este acto é acompanhado pela abertura e fecho da mão do falante, talvez um impulso motor que revela o envolvimento e convicção do falante. As características prosódicas deste acto - movimento de altura de tom fortemente ascendente-descendente (cf. figura 4/22) - são outros indicadores para o grande envolvimento do falante neste momento da sua vez e da sua satisfação por ter tido o

apoio de BS e por se sentir compreendido. A manutenção da posição das sobrancelhas (levantadas) no fim deste acto assinala que NF ainda não regressou a uma posição mais relaxada de ouvinte e que pretende continuar a sua vez. Sendo assim, as sobrancelhas erguidas representam um sinal de que há alguma coisa que ainda vai ser dia. Esta posição das sobrancelhas tem, por isso, a função de um sinal topográfico de abertura.

O acto que se segue ("e é isso"), ligado ao antecedente pelo elemento "*e*", um sinal interactivo geográfico de adição, é formado pelos mesmos elementos deste ("*é isso*" e "*e é isso*"). Esta repetição parece corresponder ao que Tannen (1989: 48) designa por *linking repetition*, a repetição de elementos nas fronteiras entre episódios, encontrada com frequência em narrativas orais que "enables a speaker to produce fluent speech while formulating what to say next". A repetição do tópico, ponto de referência, no acto seguinte é um fenómeno que, por via de regra, aponta para uma possível terminação breve da vez. De facto, NF esforça-se por ceder a vez a CL que, em vez de a tomar imediatamente, se limita a emitir sinais de acordo (cf. 2p2-45). Posto isto, NF vê-se na obrigação de continuar a falar (aqui aplica-se a regra n° 1c de alternância de vez de Sachs/Schegloff/Jefferson, 1974).

Considerando as sequências formais descritas por Schegloff para o caso da alter--reparação (cf. parte II, 3.1), verifica-se que a primeira componente (a componente de iniciação à reparação) não existe (também a reparação foi iniciada pelo falante), mas, em contrapartida, a segunda componente (a componente de acordo/aceitação) está presente, assim como a quarta (repetição, reformulação, explicação, caracterização), se se considerar a avaliação e a sua conclusão como um tipo de caracterização e de explicação.

Neste caso, foi o ouvinte que, ao apoiar o falante na construção da vez, lhe permitiu continuar a manter o papel de falante. A situação que se segue um pouco mais adiante mostra como os dois outros participantes (CP e BS) não estavam interessados em tomar a vez, enquanto NF procurava cedê-la.

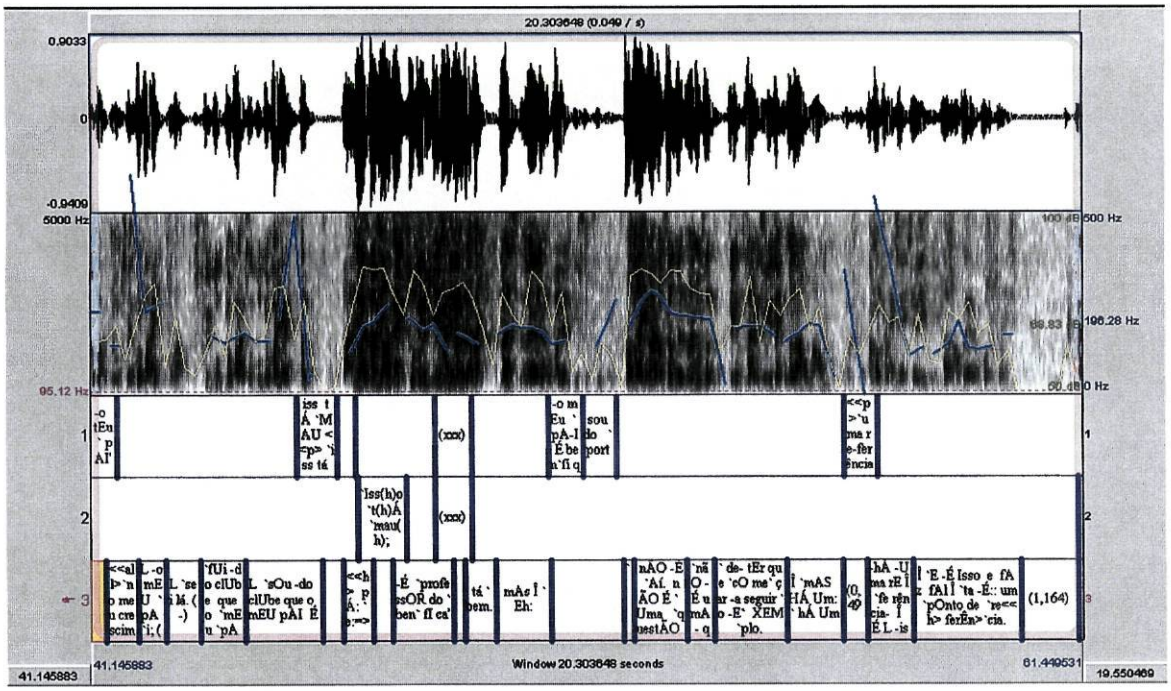


FIGURA 4/22: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P3 (36) - (45).

1 NÃO É AÍ

2 NÃO É

3 NÃO É

4 UMA QUES-

5 -TÃO DE

6 TER

7 COMEÇAR

8 EXEMPLO

9 MAS

10 HÁ UM:

11 HÁ UM:

12 UMA REFERÊNCIA

13

14 HÁ UMA REFE-

15 -RÊNCIA

16 É ISSO

17 E:::

18 FALTA

19 UM PONTO DE REFERÊNCIA

4.2.3 Exemplo (23): AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > AUTO--REPARAÇÃO > ACEITAÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO E AUTO-INICIAÇÃO (HESITAÇÃO) > ALTER-REPARAÇÃO > REJEIÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO

Neste exemplo encontra-se, em duas passagens, um padrão de actos idêntico aos dos exemplos antecedentes; no entanto, num dos casos, a alter-reparação não foi aceite:

```
   2p1-39      por´quE=<<all>`AO di´zEr`mos ´aju ↑dA`R>=eh,
   2p1-40      <<all>`tA-mos `a dizer que tAmos a `fazer> ´qual-quer
               coisa:::-
   2p1-41      (0,646)
→  2p1-42   CP: <<p>tamos a fazer um [favor;>]
   2p1-43   NF:                      [<<ff>`a ´fa`zEr um]
   2p1-44       `fa´vOr à ´mu`lhEr.>
   2p1-45       ↑`e -NÓS não ´tAmos- a fazER UM -fa´vor,
   2p1-46       `por`´que, (0,492) - pA´ssa `por ↑`sER -U:::m-
                `'mm ´'mm,
→  2p1-47   CP:  <<p>obrigação'>
   2p1-48       (0,896)
→  2p1-49   NF:  <<f>`AI ´não ´é uma `obri-GA`´ção,>
   2p1-50        é [u`ma::-]
→  2p1-51   BS:     [não é uma obrigação'] é-
   2p1-52        (0,284)
→  2p1-53   CP: `ficA-va ´`BEM;
   2p1-54       (0,430)
→  2p1-55   NF: não. ´não é uma obri-GA´ÇÃO,
   2p1-56       <<ral>`mas -É: Algo -Al`go: `é ´Algo:-> (0,267)
   2p1-57       ↑`se É <<f><all> `pró ´bem -co´`´MUM?>>[65]
   2p1-58       (1,392)
   2p1-59   CP: <<p>`´é::'>
   2p1-60   NF: <<p>é `isso;>
   2p2-01   CP: ´`É isso.
   2p2-02       (0,884)
   2p2-03   NF: [((riso))]
```

[65] Cf. exemplo 19.

Segue-se um resumo da comunicação não-verbal de NF nesta passagem:

por´quE=<<all>`AO di´zEr`mos ´aju ↑dA`R> - *NF continua a olhar em frente; segura no isqueiro com as mãos em posição de repouso; BS e CP olham para ele;*

=eh, - *NF continua a olhar em frente; afasta e levanta a mão direita, palma para cima, dedos e polegar esticados;*

<<all>`tA-mos `a dizer que tAmos a - *continua a levantar a mão; levanta um pouco mais a cabeça;*

`fazer> - ´qual-quer - *move um pouco a mão na direcção do corpo;*

coisa::: - *NF olha para baixo; mantém a cabeça levantada; fecha os lábios(IMAGEM 1);*

(0,646) - *NF aproxima de novo a mão do corpo e abre a boca (IMAGEM 2);*

CP: <<p>tamos a fazer um [favor;>] - *CP levanta ligeiramente a cabeça e volta a baixá-la, a seguir faz uma série de acenos, continuando a olhar para NF (IMAGEM 3);*

[<<ff>`a ´fa`zEr um] `fa´vOr à ´mu`lhEr.> - *em "favor", NF olha para CP; ao mesmo tempo faz o seguinte gesto: levanta os braços e os ombros, mãos à altura do tórax, pontas dos dedos juntas, palmas viradas para o corpo; em seguida, afasta os braços para os lados, inclinando o tronco um pouco para a frente; inclina a cabeça na direcção de CP; no fim do enunciado NF fica com as mãos abertas, a olhar para CP;* SIMULTANEAMENTE, *CP, que está a olhar para NF, faz vários acenos com a cabeça mantendo as sobrancelhas erguidas e o olhar dirigido para o falante (IMAGENS 4 e 5);*

↑`e -NÓS não ´tAmos- - *NF continua a olhar para CP; inclina o tronco um pouco para trás, erguendo os ombros, levanta e afasta um pouco mais os braços, palmas das mãos para cima (a abertura maior coincide com "TA") (IMGENS 6 e 7);*

a fazER UM -fa´vor, - NF vira a cabeça para o lado, desviando o olhar de CP, junta os braços mais ao corpo, mantendo as mãos viradas para cima, e inclina o tronco mais para a frente (IMAGENS 8 e 9);

`por``que,- *NF desvia o olhar de CP, orientando-o para a frente; junta as mãos, que se encontravam ao nível do peito, à frente do corpo, pontas dos dedos viradas umas para as outras, palmas voltadas para o corpo (IMAGEM 10);*

(0,492)- *NF baixa os braços e as mãos, sem regressar à posição de repouso (não chega a pousá-las nas pernas); palma da mão direita virada para cima, mão esquerda fechada, segurando o isqueiro, com que aponta para cima;*

-pA´ssa `por ↑`sER - *mantém a posição acima descrita (IMAGENS 10 e 11);*

-U:::m- `'mm ´'mm, - em "um::", *NF olha para CP e sorri quando CP olha para ele; inclina o tronco ligeiramente para a frente, apoia os braços nas coxas e junta as mãos, que seguram no isqueiro, à frente do corpo (IMAGEM 13);*

<<p>obrigação'> - *CP olhara pouco antes para NF; quando pronuncia esta palavra, faz um movimento semi-circular com a cabeça, da direita para a esquerda (IMAGEM 14);*

<<f>`AI ´não ´é uma `obri-GA`´ção,> é [u`ma::-] - *NF inclina o tronco para trás e levanta a cabeça; depois olha para cima (IMAGEM 15, 16 e 17);*

BS: [não é uma obrigação'] é- - *BS, que estava voltado para CP, vira o tronco para a frente, olha para cima, ajusta a posição do tronco e das pernas; CP que estivera a olhar para NF, rindo, quando ouve a manifestação de desacordo de BS, vira a cabeça para a frente e inclina-a para a esquerda, olha para a frente e franze um pouco o sobrolho (IMAGEM 18);*

CP: `ficA-va ´`BEM; - *CP vira a cabeça para BS e inclina-a para a direita/trás; BS olha para ele; NF está ainda a olhar para cima (IMAGEM 19);*

não. - *NF continua a olhar para cima, braços e mãos em repouso; CP e BS olham um para o outro; a seguir, CP vira a cabeça para a frente, inclina-a para baixo e olha para baixo (IMAGEM 20);*

´não é uma obri-GA´ÇÃO, - *NF continua a olhar para cima; mãos em posição de repouso; em "não" faz um pequeno movimento com a cabeça para a direita (uma espécie de semi-círculo);*

<<ral>`mas -É: Algo -Al`go: `é ´Algo:-> - (0,267) - *NF olha em frente, inclina a cabeça um pouco mais para baixo, ficando com ela direita; mãos em posição de repouso (IMAGEM 21);*

↑`se É <<f><all> `pró - *NF levanta os braços e as mãos, pontas dos dedos voltadas para o corpo, palmas para cima; CP leva a mão ao sapato, sorrindo (IMAGEM 22);*

´bem -co´`´MUM?>>[66] - *NF baixa e afasta um pouco mais os braços, amplitude máxima em "comum"; olha para baixo, cabeça virada na direcção de CP (IMAGEM 23);*

<<p>`´é::'> - *CP vira a cabeça para NF (que entretanto rodara a cabeça para a frente/baixo), mantendo o tronco inclinado para a frente e continuando a mexer no sapato (IMAGEM 24).*

Na sequência dos enunciados (40-43), a iniciação verbal da reparação apresenta algumas pequenas diferenças relativamente à descrita no exemplo 22: a hesitação de NF caracteriza-se pelo recurso à expressão vaga e imprecisa "*qualquer coisa*" e pelo prolongamento em "coisa", seguido de uma pausa vazia de 0,646 msegs; a proposta do outro parceiro não consiste apenas na verbalização da palavra "*favor*", mas ainda na

[66] Cf. exemplo 19.

repetição de um constituinte da vez em curso. Como o último constituinte da vez de NF ("*qualquer coisa*") não pode, sem mais, e sob o ponto de vista morfo-sintáctico, anteceder a palavra "*favor*", CP repete a forma verbal da frase incompleta de NF ("*tamos a fazer*") para realizar a reparação. A repetição desta forma verbal perifrástica permite introduzir o substantivo "*favor*".

Constata-se que, durante a procura lexical, NF retarda o seu enunciado através do emprego de palavras com significado vago e de um prolongamento de som ("qualquer *coisa*::::"). A nível gestual, o movimento do braço/mão fica também muito lento, acompanhando o prolongamento da vogal e a pausa vazia.

O momento de descodificação e de aceitação da proposta de CP está marcado, como no exemplo antecedente, pelo estabelecimento de contacto visual (NF orienta o olhar para BS) antes de CP ter terminado a sua frase. A aceitação, caracterizada pela repetição das palavras de CP (43), fica quase sobreposta com a última palavra do enunciado de CP. NF acrescenta ainda o constituinte "*à mulher*". Este acto foi realizado com uma maior intensidade de voz, o que demonstra o maior envolvimento do falante neste momento da sua vez. A sua terminação em movimento ascendente de tom confere-lhe um carácter assertivo. Para este significado de certeza ou de convicção contribui ainda o *ritmo*, marcado pelas batidas (momentos de maior proeminência prosódica[67]) em "zEr, "vOr" e "lhEr". A orientação do olhar para CP funciona também como um sinal de confirmação, reforçando este estado de acordo entre os dois parceiros. O significado de "*fazer um favor*" é reforçado pelo gesto que acompanha esta verbalização, um gesto cuja trajectória se desenvolve do corpo para fora.

Note-se que, neste momento, CP realiza uma actividade não-verbal de retorno, através da qual manifesta o seu acordo para com NF (vários acenos com a cabeça); por sua vez, a comunicação verbal e não-verbal de NF parece estar adaptada a esse retorno, pois as suas características no fim do enunciado são típicas de um sinal de pedido de retorno: mãos abertas, braços afastados, olhar orientado para CP, pausa vazia. Esta atitude dos dois interactantes assinala a existência de uma grande sintonia entre si (cf. imagens 4, 5 e 6).

NF realiza, a seguir, um novo acto, ligado ao antecedente pelo sinal interaccional geográfico de adição "*e*" (45), produzido a um nível de tom mais elevado do que a fala antecedente (veja-se o salto ascendente de tom que caracteriza a sua produção). O início deste acto está marcado por movimentos do corpo: inclinação do tronco, movimento do braço, orientação da cabeça. Este acto inicia um novo encadeamento argumentativo, produzido com uma altura global de tom ascendente que orienta a atenção dos ouvintes para um ponto (clímax).

A concretização do clímax é esperada na frase causal, introduzida pela conjunção "*porque*". O gesto que acompanha esta conjunção, ou antes, este sinal interactivo argumentativo e sinal topográfico de abertura, parece marcar um momento de pausa/fecho na gesticulação, com um significado idêntico ao de um dispositivo de articulação entre duas partes (cf. imagem 10).

---

[67] Para mais informações sobre os conceito de ritmo e de batida, cf. parte I. 3.4.5; parte II, 1.2.

Contra as expectativas criadas nos ouvintes, a seguir a esta conjunção surge um curto momento de silêncio, e NF não introduz a informação anunciada devido a uma falha lexical. É por causa desta falha que o falante retarda a progressão da vez, recorrendo a um prolongamento e uma pausa cheia, com oclusões glotais (`'mm´'mm). A entoação ascendente mostra que o falante se encontra numa fase de actividade cognitiva e que pretende continuar a sua vez.

A nível não-verbal verifica-se que, nesse momento de silêncio, NF baixa os braços lentamente, sem contudo voltar a colocá-los na posição de repouso, pois a orientação das palmas para cima indica que algo ficou em suspenso e que a vez não terminou. Neste caso, não se pode falar de um congelamento do gesto, nem do retorno a uma posição de repouso, mas sim de um caso intermédio.

Perante esta hesitação de NF, e porque já fora uma vez bem sucedido, CP propõe a NF o conceito "*obrigação*" (46). É difícil afirmar que a escolha desta palavra tenha a ver com uma interpretação, por parte de CP, do que NF pretendia dizer. A avaliar pela atitude de CP, que se tem vindo a manifestar ao longo desta interacção, este não parece estar muito interessado em lidar seriamente com o assunto. Por isso, não está muito preocupado em compreender nem o que o parceiro pretende dizer, nem onde pretende chegar. Parece que o seu maior interesse consiste em assumir uma atitude provocatória "machista", esperando que os seus parceiros participem nessa brincadeira. No entanto engana-se, porque NF pretende debater com seriedade o tema que lhe foi apresentado. Por este motivo, a proposta de CP não foi aceite por nenhum dos seus parceiros. Note-se que foi de tal modo provocadora que até BS, por natureza calado, manifestou o seu desacordo a seguir a NF.

A reacção de NF surge com certo atraso, comparativamente às situações anteriores - há uma pausa vazia de 0,896 msegs. entre o fim do enunciado de CP e a retoma da vez por NF. Talvez este retardamento coincida com o referido por Schegloff (1979) para o caso das situações menos preferidas de alter-reparação[68]. A meu ver, este atraso está ligado ao espanto de NF relativamente à posição de CP, de tal modo que precisa de mais algum tempo para reagir ou raciocinar. Como já foi referido, num trabalho recente, Schegloff (2000: 216) também defende este ponto de vista. A reacção de NF tem uma estrutura semelhante às que Schegloff descreve para o caso do *third turn repair* (cf. Schegloff, 1992: 1315-1317). Antes de mais, NF manifesta a sua indignação através da interjeição "*ai*". Esta interjeição, ou *change of state token*, foi pronunciada com entoação descendente. Parece corresponder ao *repair initiation component*. Segue-se um acto que rejeita o conteúdo da proposta de CP. Sob o ponto de vista prosódico-entoacional, esta frase foi realizada com uma maior intensidade de voz e com um nível global de tom descendente que lhe confere uma conotação negativa. Este acto corresponde ao *rejection component*. Mas antes que NF efectuasse a reformulação, iniciada por "*é uma*::", isto é, a própria reparação[69], surgiram outras actividades intercaladas: a reacção de BS (51), outro comentário de CP (53) e a repetição da rejeição de NF (55). A repetição da rejeição apoia

[68] Tanto a reacção de NF como a de BS se podem considerar reparações da reparação de CP.
[69] A reparação de NF encontra-se descrita no exemplo 19.

a retoma da reformulação deixada em suspenso, porque estabelece uma ligação entre estas duas partes do enunciado.

A manifestação de discordância de BS (51) fica sobreposta ao enunciado (50) de NF. Como já referido em rodapé, estes dois enunciados, a não-aceitação de NF e o desacordo de BS, são reparações da reparação de CP. Como esta rejeição dupla representa uma forte agressão para a face de CP, este não pôde deixar de reagir. Através do acto (53), CP minimiza o que dissera atrás, rotulando-o de "uma brincadeira". De facto, o uso do imperfeito do indicativo em "*ficava bem*" mostra que a sua atitude e a sua opinião se enquadram num plano fictício, em que são defendidos outros pontos de vista que não pertencem à realidade dos seus parceiros. Assim, dá a entender aos parceiros que a proposta da palavra "*obrigação*" não passara de uma brincadeira. Por outras palavras, o comentário de CP em (53) fornece as informações necessárias para que os parceiros interpretem o seu enunciado em (47) como uma "piada". Este comentário irónico é uma auto-reparação retroactiva, realizada já num momento muito adiantado da vez relativamente ao problema a reparar[70], para acalmar um pouco o ânimo dos parceiros evitando mais ataques pessoais.

Parece que, neste preciso momento, CP finalmente reconhece que se encontra sozinho na posição de provocação e troça, defendendo valores actualmente já tidos como "errados" por pessoas com um certo nível de educação. Por esta razão, muda de atitude e concorda com NF em (59) e em (01). De qualquer modo, neste exemplo pode constatar-se como a necessidade de um interactante salvaguardar a sua face foi susceptível de provocar um retardamento no desenvolvimento da vez, sem contudo obrigar a uma mudança de falante.

Como se pode ver, no caso em que surge uma situação de desacordo entre dois ou mais interactantes, a reparação (ou reparações) deu origem a sequências que retardaram o desenvolvimento temático planeado. Nesta sequência está bem patente o modo como a interacção é constantemente construída através da participação conjunta de todos os interactantes.

[70] Schegloff (2000) menciona também reparações realizadas em momentos posteriores da vez.

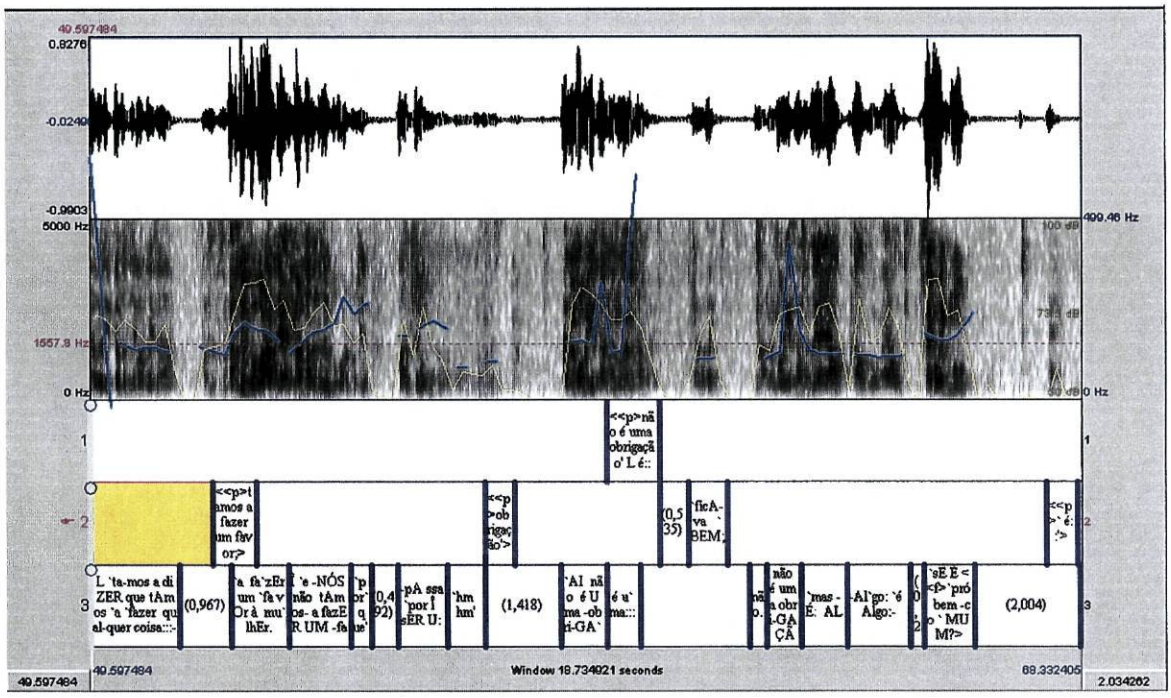


FIGURA 4/23: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P1 (40) - (59).

1 COISA:

2 (PAUSA)

3 FAVOR

4 FAVOR

5 À MULHER

6 E NÓS

7 NÃO TAMOS

8 A FAZER

9 UM FAVOR

10 PORQUE

11 PASSA

12 SER

13 U:::M

14 OBRIGAÇÃO

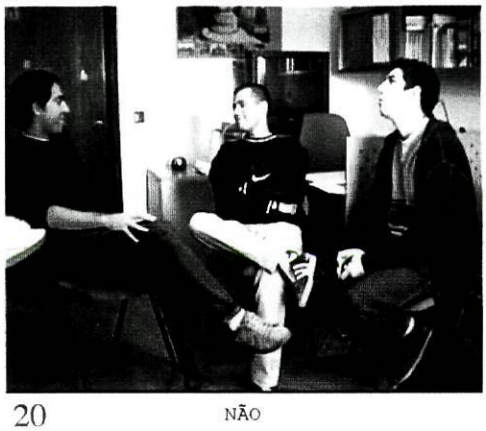
15 AI

16 OBRIGAÇÃO

17 É UMA: :

18 NÃO É UMA OBRIGAÇÃO

19 FICAVA BEM



20 NÃO

21 ALGO ALGO

22 SE É PRÓ

23 BEM COMUM

24 É: :

4.2.4 Exemplo (24): ALTER-REPARAÇÃO > REJEIÇÃO DA ALTER-REPARAÇÃO

```
    2p3-11      (2,449)
    2p3-12  NF: na E´ducação dU´MA dU`MA -duma cri[´nçA']
    2p3-13  BS:                                  [há que]
    2p3-14       ↑´`sE:::r' (for')=
→   2p3-15  NF: <<f>=´NÃO é -a ´pUl`´sO' `HÁ:Á'`Á'´`Á::> (0,040)
    2p3-16      <<all>-por ↑`Exem´plo> ↓´tu::'
    2p3-17      ↑´`Eu ↓-tenho `como -mo´DE:lo'
```

Neste exemplo o parceiro "ajuda" o falante actual, interrompendo o seu enunciado, num momento em que não se verifica qualquer hesitação por parte do falante, nem que essa ajuda fosse solicitada.

Esta interrupção é ambígua, porque, por um lado, sendo uma violação às regas de alternância de vez (foi realizada fora de um PT, impedindo NF de completar uma frase começada), representa uma ameaça à face de NF; por outro lado, acaba por não representar uma ameaça, porque BS não pretende reclamar a vez para si. Além disso, por constituir um comentário de ouvinte em forma de "completação de frase" iniciada pelo falante, tem um estatuto diferente do de uma interrupção qualquer. Na verdade, atendendo a todo o desenvolvimento da interacção, em que se nota certa solidariedade entre BS e NF, parece que, neste momento, BS pretende mostrar a sua empatia para com NF, ou uma sintonia relativamente ao modo como os dois pensam, antecipando uma interpretação dos pensamentos do parceiro (13-14). O facto de se ter enganado prova que BS e NF não se conhecem bem.

Os meios que BS usa para verbalizar a sua interrupção são também muito discretos, certamente para afectar o menos possível a face de NF: contrariamente ao que se passa na maioria das interrupções, o comentário de BS foi realizado a uma intensidade de voz normal; além disso, a quantidade de elementos verbalizados foi tão reduzida quanto possível para ser compreendido; a informação nova e mais importante que BS tencionava transmitir é fornecida através de um gesto que pretende substituir um conteúdo ("modo severo ou rígido de educação")[71]. Só depois de realizar o gesto é que BS verbaliza a sílaba "for-", talvez a primeira de "forte". Por sua vez, NF, ao mesmo tempo que rejeita esta opinião, reinterpreta o gesto de BS por meio de palavras. Dito de outro modo, a

[71] O gesto realizado por BS, embora não seja um gesto convencionalizado, pode-se considerar emblemático porque substitui um conceito (força). Este gesto com o punho fechado, que oscila um pouco para a frente e para trás, representa iconicamente o conceito de "força". Por se basear em movimentos do corpo mais ligados a propriedades motoras do ser humano do que a factores culturais, o seu significado é muito provavelmente universal. No entanto, não se pode considerar como fazendo parte de um repertório convencionalizado dos gestos emblemáticos que em qualquer altura podem substituir a fala e podem ser uniformemente parafraseados por qualquer indivíduo desse grupo (pelo menos para o caso do português).

reacção à reparação de BS consiste, por um lado, numa reformulação por meio do canal verbal do comentário não-verbal de BS (15), por outro, numa reparação do seu conteúdo.

A rejeição de NF encontra-se prosodicamente marcada através de uma ligeira variação de altura de tom (movimento descendente-ascendente em "*pulso*") que transmite irritação/ indignação do falante. Esta combinação de tons é típica de um estilo enfático do português, que deixa transparecer um modo menos distante (mais atenuado) de persuadir alguém de alguma coisa, sem querer magoar nem entrar em conflitos (cf. figura 4/24).

Observando a CNV, constata-se que o desacordo também é expresso por meio de um desvio da orientação da cabeça de NF (do ponto onde se encontra BS para o lado), pelo desvio do olhar também para o lado e pela inclinação do tronco para trás. Esta postura sugere uma atitude de afastamento e /ou de rejeição.

na E´ducação dU´MA dU`MA -duma cri[´nçA'] - *BS olha para NF; CP olha para a câmara e ri-se; NF vira a cabeça para a frente, para BS; tem os braços em repouso: braços pousados nas coxas, mãos à frente do corpo, entre os joelhos; tronco ligeiramente inclinado para a frente (IMAGEM 1);*

BS: [há que] ↑´`sE:::r' (for')= - *NF olha para BS, CP olha para NF e ri-se (IMAGENS 2, 3, 4, 5 e 6);*

CP olha para BS; NF olha para baixo, vira a cabeça para a esquerda e olha em frente; em seguida fala:

<<f>=´NÃO é -a ´pUl`´sO' HÁ:Á'`Á'´`Á::> (0,040) (IMAGENS 7, 8, 9, 10 e 11);

<<all>-por ↑`Exem´plo> ↓´tu::' - *NF levanta a cabeça e encolhe os ombros (IMAGENS 12 e 13.*

A continuação desta sequência é descrita no exemplo 2.

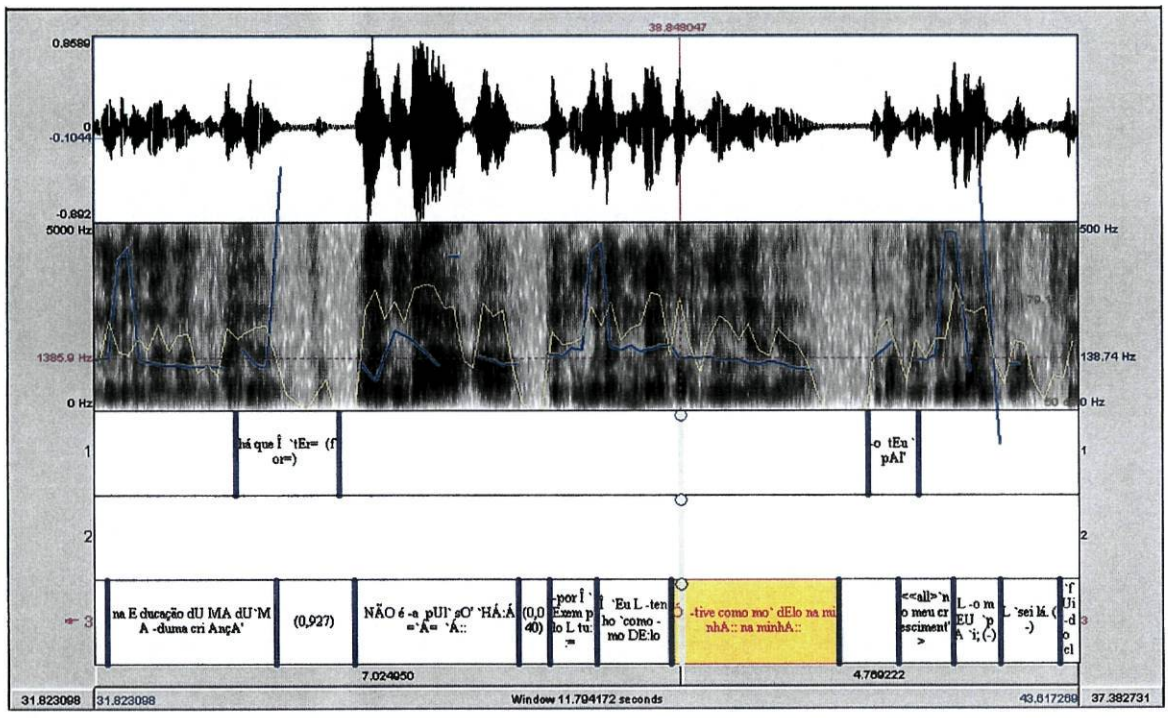


FIGURA 4/24: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2P3 (12) - (17).

Exemplo (24)

1 NA EDUCAÇÃO

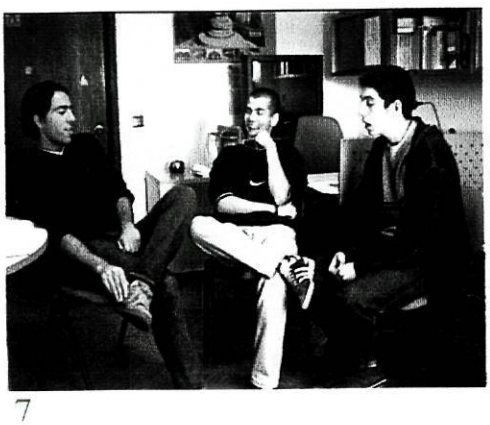
2 HÁ QUE TER

3

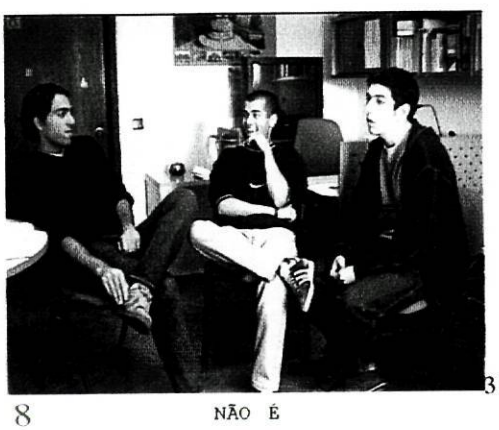
4

5

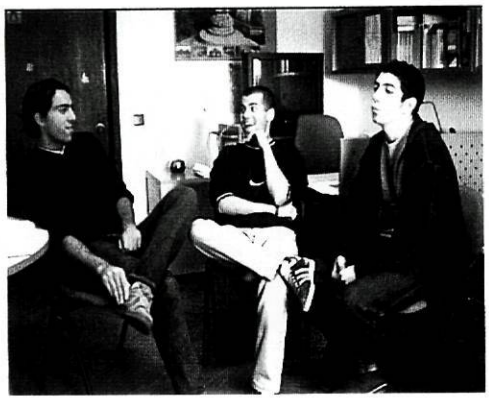
6 FOR



7



8 NÃO É



9 PULSO

10 HÁ: :

11 (PAUSA)

12 POR EXEMPLO

13 TU

4.2.5 Exemplo (25): ALTER-REPARAÇÃO (IRONIA) > RETOMA DA VEZ (IRONIA)

```
1p09-15 IV:                  [`´não=sei,`mas tambÉm ]
1p09-16     há=lá=imENsas -estra´TÉgias <<dim>`pra::::: .>
1p09-17     (0,767)<<all>quer dizer.> (0,237) `A´cho=[-Eu-]
1p09-18 CL:                                          [-hÁ.]
1p09-19     <<f>-`rA-ptas->
1p09-20 ES: raptas  [((riso))]
1p09-21 IV:         [<<f> se calhAR=]
1p09-22     `Ó::: ´sA`bes -d'a`guém que t' ↑`- faz ´de=>
1p09-23     ´não ↓-sEI ↓-cOmo-
1p09-24     ↑-prOnto- [-mAs ((riso))]
1p09-25 CL/ES:        [((riso))]
1p09-26 IV: [<<ff>-não sei ↑-se `´hÁ -possibiliDAde de:::]
```

A observação da CNV permite detectar certos movimentos importantes para a interpretação do que se passou:

`A´cho=[-Eu-] depois deste acto, IV mordisca no dedo;

CL: [-hÁ.]<<f>-`rA-ptas-> - *em "há", IV olha para CL e vira a cabeça para ela;*

actividade de retorno de ES:
raptas [((riso))] - *ES vira a cabeça para CL; quando se ri, volta a rodar a cabeça para IV;*

simultaneamente*: IV baixa um pouco a mão que tinha na boca, ficando com o polegar ao nível da boca; vira os olhos para o lado/cima, coloca a mão em frente da boca, palma voltada para baixo, ponta do polegar na boca;*

<<f> se calhAR= - *IV faz um movimento com a mão, de baixo para cima, ficando com a palma voltada para o lado direito;*

`Ó::: - *IV volta a deixar cair a mão; continua a olhar para cima/lado;*

´sA`bes -d'al` - *IV baixa ainda mais a mão, faz um movimento de auto--toque abaixo da clavícula; mantém os olhos virados para cima/lado; abana várias vezes com a cabeça;*

guém - *IV roda a mão para cima, continua a olhar para cima;*

t' ↑`- faz ´de=> - *volta a levar a mão à cara, põe os dedos junto à boca, baixa os olhos e mordisca os dedos;*

´não ↓-sEI ↓-cOmo- - *olha para cima;*

↑-prOnto- *IV baixa a mão para dentro e levanta-a num movimento de dentro para fora, dedos afastados para cima; mantém o olhar dirigido para cima/lado;*

[-mAs - *IV baixa o braço e a mão (aberta, dedos esticados) e pousa-a no colo com a palma para cima; mantém a mesma orientação do olhar;*

((riso))]- *quando se ri, IV inclina a cabeça para trás e endireita o tronco.*

IV detém a vez. O tema desenvolve-se em torno da procura de uma solução para um problema de adopção. IV pretende apresentar uma proposta, mas tem certo receio da reacção das parceiras por se tratar de uma solução "ilegal". Produz, por isso, muitos sinais de incerteza ("*não sei*", prolongamentos e hesitações)[72].

CL parece adivinhar o que IV pretende dizer e, através de um comentário irónico, mostra a sua posição crítica relativamente a IV. O comentário de CL é uma reacção humorística à vez de IV. A referência a uma situação incompatível com a realidade e que todas as interactantes, com base no saber do mundo compartilhado, interpretam como irrealizável e absurdo, funciona como uma crítica indirecta ao que IV está a dizer e tem uma componente cómica. Assim, através desta piada que critica o conteúdo do enunciado de IV, CL realiza uma alter-reparação do tipo *joke*.

Os ouvintes deste comentário irónico são a destinatária IV - que não só conhece CL, mas também compartilha com ela os mesmos conhecimentos sobre o assunto "adopção" e que vai ser ridicularizada -, e ES - que não conhece nenhuma das outras parceiras e para quem o assunto "adopção" não é familiar. Através do comentário de CL, ES poder-se-á solidarizar com ela, assumindo uma postura crítica relativamente a IV. Assim, ao mesmo tempo que manifesta o seu desacordo relativamente a IV, criticando a sua postura, CL também informa ES sobre o modo (ridículo) como ela deve interpretar o que IV diz.

A descodificação deste comentário por ES processa-se em duas fases: na primeira, repete o elemento "raptas", expressando certa surpresa, o que demonstra que ES considera ainda a possibilidade de CL estar a falar "a sério", sendo válido o significado literal do enunciado; numa segunda interpretação, em que ES, de acordo com o conhecimento do mundo, considera a incongruência de tal proposta, compreende a ironia e o humor contidos no comentário e ri-se. Esta sucessão de diferentes reacções é uma prova de que ES não interpreta imediatamente a ironia de CL, certamente porque não compartilha dos mesmos conhecimentos sobre o assunto em questão.

Por sua vez, IV não se deixa afectar pelo comentário, disfarçando não reconhecer a crítica nele implícita e expressando, através de "*se calhar*", uma possibilidade de aceitação. Com esta atitude, IV não se deixa afectar pela crítica e provoca CL, demonstrando que a proposta de rapto faz parte longínqua das possibilidades a considerar[73], mas que não era essa que estava na sua mente. Continua a vez, referindo outra possibilidade alternativa

[72] Este aspecto já foi tratado no exemplo 18.
[73] Hartung (1998: 165) refere um exemplo de um caso idêntico.

(22) que, no entanto, não se atreve, mais uma vez, a verbalizar, interrompendo a sua descrição em (23), através de um enunciado que expressa o seu "não saber". Termina esta fase de apresentação de alternativas através do elemento "*pronto*", e com "*mas*" indica que vai retomar o tema principal, o tema que pretendia tratar antes do comentário de CL. Durante a curta fase de disfarce, em que age como se tivesse interpretado o significado literal do comentário de CL, IV mantém-se séria, com os olhos sempre orientados para cima, evitando influências das parceiras, sobretudo de CL. Com esta atitude, IV marca um afastamento da parceira, mostra que não compreendeu o que CL lhe pretendia dizer e retira a CL todo o prazer da crítica ridicularizante. Tem assim uma atitude de rejeição pela negativa (por omissão de compreensão) ao comentário de CL.

No fim de toda esta sequência de disfarce, que constitui a reacção ao comentário irónico de CL, IV mostra através do riso que interpretou o comentário de CL no sentido intendido por ela, mas que não se deixa afectar por ele.

As parceiras demonstram a sua aproximação/compreensão de IV, rindo também. IV retoma a vez em (27), repetindo elementos lexicais verbalizados antes - em (15) e em (23) -, mantendo o olhar sempre dirigido para cima.

A orientação do olhar para cima e a manutenção da distância relativamente a CL, ignorando a sua crítica, constituem uma estratégia de manutenção de vez.

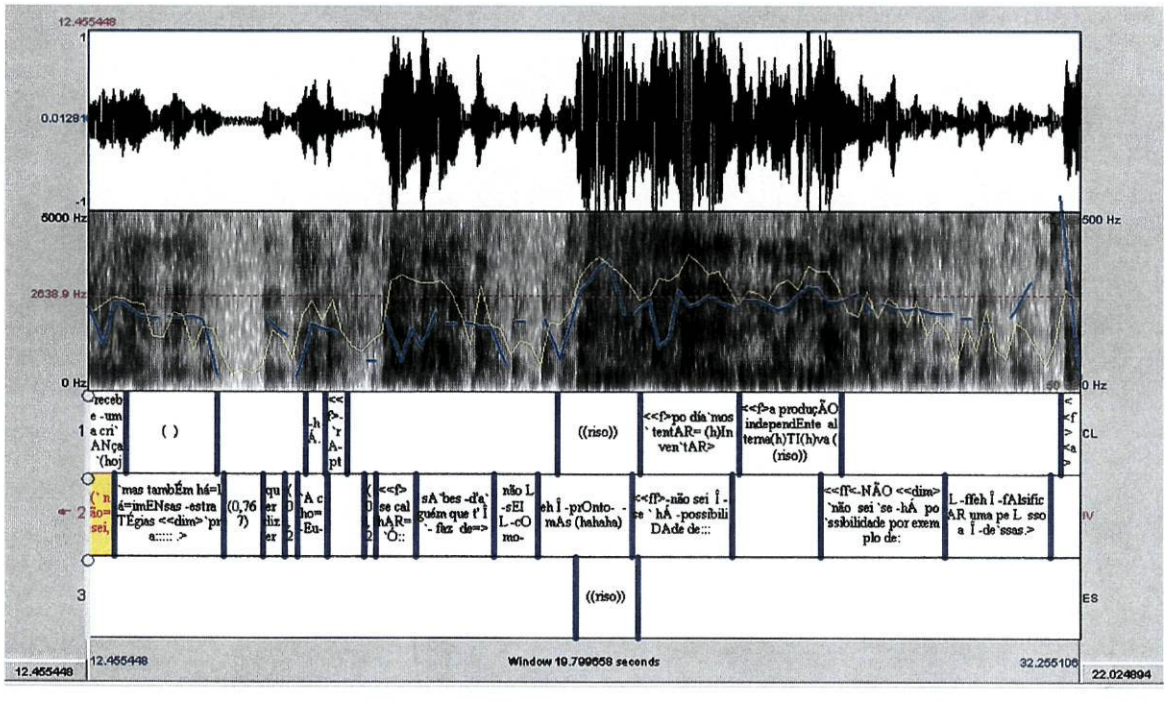


FIGURA 4/25: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1P9 (16) - (26).

4.2.6 Exemplo (26): ALTER-REPARAÇÃO (IRONIA) > RETOMA DA VEZ COM REPETIÇÃO

1p09-26 IV: [<<ff>-não sei ↑-se `´hÁ -possibiliDAde de:::]
1p09-27 CL: [<<f>po´día`mos` tentAR= (h)Inven`tAR]
1p09-28 a produçÃO independEnte alterna(h)TI(h)va>
[((riso))]
1p09-29 IV: [<<ff<-NÃO>]
1p09-30 <<dim>´`não ´sei `se -hÁ ´po`ssibilidade por exemplo
de:;
1p09-31 ↓-ffeh ↑-fAlsificAR uma pe↓´ssoa ↑<<a>-dE`ssas.>>
1p09-32 CL: <<f><a> ↑`nÃo. >>
1p09-33 ↑- mas=´ há `muitos casos ´em que [( )]
1p09-34 ES: [`´pode↓´haver um
<<f>aMIgo]
1p09-35 [ou mesmo alguÉm que>]
1p09-36 IV: [( ) exactamEnte?]
1p09-37 -nEm que tu te ↑`´FAças de ↑`ca-sAda com algu´Ém=
1p09-38 =e: `não sei até que [`´ponto,]
1p09-39 ES: [ai não.]

A nível não-verbal observou-se o seguinte:

[<<ff>-não sei ↑-se `´hÁ -possibiliDAde - *IV olha em frente, tem a cabeça levantada, mãos abertas, costas das mãos pousadas no colo (IMAGENS 1 e 2);*

de:::] - *IV faz movimentos circulares com ambas as mãos, à frente do corpo, em sentidos contrários, olhando para CL (IMAGENS 2, 3 e 4) e desviando, a seguir, o olhar; SIMULTANEAMENTE: actividade de retorno de CL - (27) e (28) (IMAGENS 3, 4, 5, 6, 7 e 8);*

[<<ff<-NÃO>] - *IV olha para o cima/lado, fecha os olhos, mantém a cabeça levantada, as mãos em repouso (IMAGEM 9);*

<<dim>´`não ´sei `se -hÁ - *IV vira a cabeça para CL, inclina-a para trás, olha para cima/lado, mantendo as sobrancelhas levantadas (IMAGENS 10 e 11);*

´po`ssibilidade - *IV levanta o braço esquerdo, mão esquerda com o indicador esticado apontando para o próprio corpo (IMAGEM 12);*

por exemplo - *IV continua a olhar para cima/lado e imobiliza o gesto (fica com a mão ao peito, com o indicador esticado) (IMAGEM 13);*

↓-ffeh ↑-fAlsificAR uma pe↓´ssoa ↑<<a>-dE`ssas.>> - *IV levanta o braço, indicador e polegar esticados (em forma de pistola), leva o indicador à têmpora esquerda, inclina a cabeça na direcção do indicador e fica nesta posição a olhar para CL (IMAGENS 14, 15 e 16).*

Este exemplo ilustra uma passagem imediatamente a seguir à descrita no exemplo 25. Contém mais outra actividade de alter-reparação através de um comentário irónico, produzido também por CL, para criticar e ridicularizar a falante IV.

Depois de ser eficiente na defesa da crítica de CL, IV retoma a vez em (26). Em (27), CL interrompe a vez em curso, aumentando a intensidade da voz; simultaneamente, IV aumenta também a intensidade da voz no seu enunciado, mas pára de falar para ouvir o comentário de CL; aí, a vez não termina, pois continua a ser preenchida pela actividade gestual da falante (rotação de ambas as mãos em frente do corpo em sentidos contrários), gesto que substitui material lexical[74]; durante esse intervalo de tempo, IV olha para CL e ouve o que ela diz, sorrindo.

Note-se que IV não verbaliza aquilo em que está a pensar: em primeiro lugar, porque ainda não se atreveu a fazê-lo (por se tratar de uma proposta ilegal, como já foi referido no exemplo antecedente, e também por já ter sido ridicularizada por CL); em segundo lugar, para ouvir o comentário de CL. Concluindo, neste momento há várias actividades interaccionais simultâneas em curso: por parte de IV, uma auto-reparação (procura do material lexical mais adequado para exprimir a informação que pretende dar a conhecer) e a descodificação do enunciado de CL; por parte de CL, uma alter-reparação (crítica em forma de comentário irónico) do conteúdo da vez de IV.

Embora também "ouça" as palavras de CL, IV não perde o estatuto de falante, nem CL reclama para si esse papel. Esta interrupção através de um comentário reactivo e humorístico à vez de IV é, como no caso do exemplo 25, um modo amigável de criticar a falante: ao mostrar-lhe, indirectamente, que o que está a dizer não faz muito sentido, a ouvinte dá à falante, caso esta reconheça a crítica, a possibilidade de alterar a orientação do seu discurso. Esta estratégia evita uma manifestação directa de desacordo, o que representaria uma ameaça para a face da falante (Cf. Hartung, 998: 161 segs.).

IV ri-se, mas rejeita, verbalmente, a crítica de CL. Essa rejeição é expressa através do sinal de desacordo "*não*" (29), usado na retoma da vez. Em seguida, IV faz outra auto-reparação que consiste, desta vez, na repetição do acto conversacional que ficara parcialmente sobreposto com o comentário de CL. A retoma da vez é produzida com uma menor intensidade de voz, para evitar, certamente, mais interferências por parte das parceiras. No ponto do enunciado em que antes realizara a procura lexical, IV introduz um novo constituinte ("*por exemplo*"). O seu valor metacomunicativo e de focalizador (aponta para o que vai ser dito, sendo que o que vai ser dito representa só *um* exemplo de uma solução, e não *a* solução) permite manter os ouvintes atentos e modalizar (reduzir) o

[74] Este gesto é ambivalente: por um lado, serve para preencher um espaço vazio, mostrando que a falante realiza uma procura lexical; por outro lado, pelo seu significado, está relacionado com o que a falante pretende dizer ("fazer uma falsificação", "trocar tudo").

grau de "certeza" da informação que se segue. Por outro lado, sendo um exemplo, desresponsabiliza a falante relativamente ao conteúdo que vai verbalizar.

Antes da introdução da informação nova, tão anunciada, IV volta a hesitar ("*de*:;") (30); segue-se essa informação anunciada (31), verbalizada com uma grande movimentação da altura de tom (típica do estilo enfático) que transmite o grande envolvimento do falante. A sílaba proeminente deste acto é realizada com um ataque a uma altura de tom mais elevada e com um tom de voz mais agudo, seguida de uma sílaba não-acentuada com entoação descendente.

Este acto tem todas as características de pedido de retorno. Se observarmos a sua continuação na sequência da interacção, vê-se que CL reclama a vez para manifestar o seu desacordo, mas é interrompida por ES que verbaliza a sua compreensão e acordo (sintonia) para com IV. IV ainda retoma a vez, demonstrando o seu acordo para com ES (36) e acrescenta outra informação, através da qual reforça o seu ponto de vista ("*exactamente nem que tu te faças de casada com alguém e não sei até que ponto*") (37/38). Este último acto, em que a informação se torna menos precisa, e outro produzido a uma intensidade de voz mais baixa (41), que não foi possível transcrever, funcionam como um sinal de cedência de vez. A seguir a um momento em que a interacção é formada verbalmente por comentários parcialmente sobrepostos e sucessivos de CL e de ES, ES toma a vez e mantém-na durante mais algum tempo - o tempo necessário para narrar um episódio vivido.

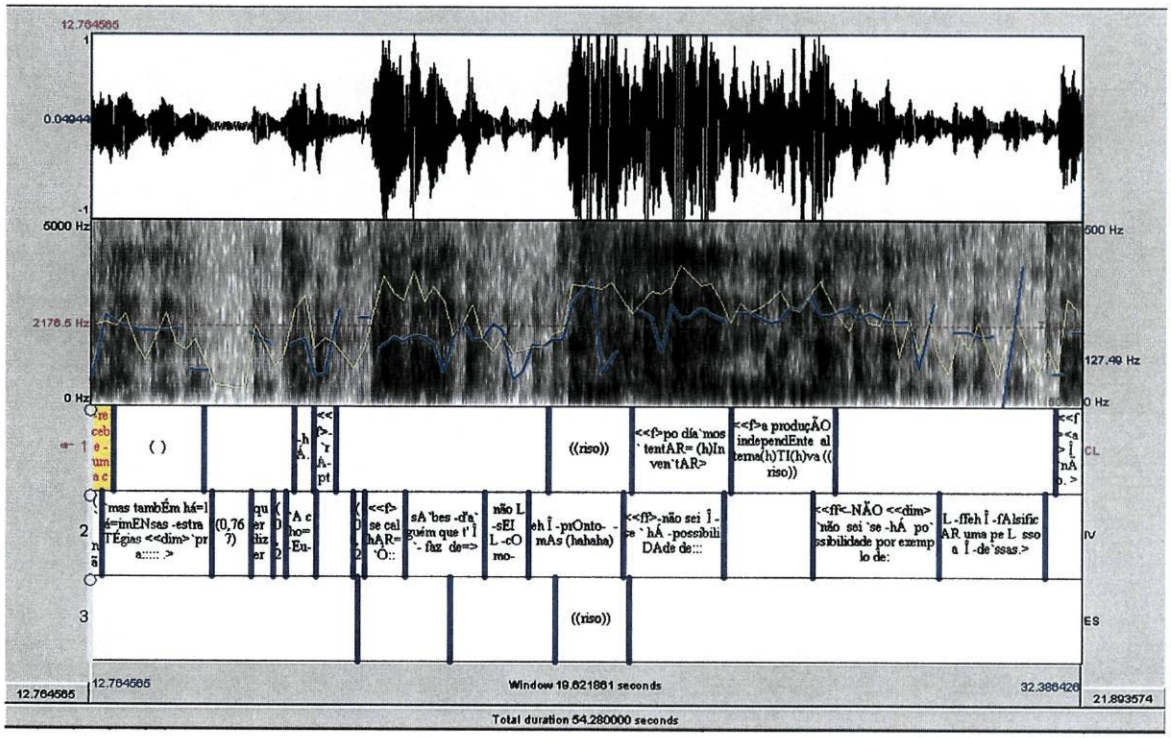


FIGURA 4/18: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1P9 (15) - (24)

1 IV: NÃO SEI (CL: PODÍAMOS)

2 IV: POSSIBILIDADE (CL: TENTAR)

3 IV: DE: (CL: IN-)

4 IV: E: (CL: -VEN-)

5 IV: E: (CL: -TAR)

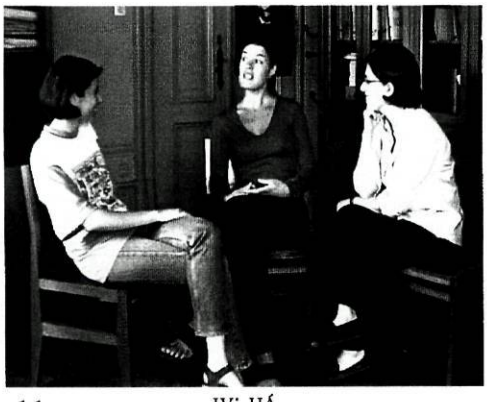
6 (CL: A PRODUÇÃO)

7 (CL: INDEPENDENTE)

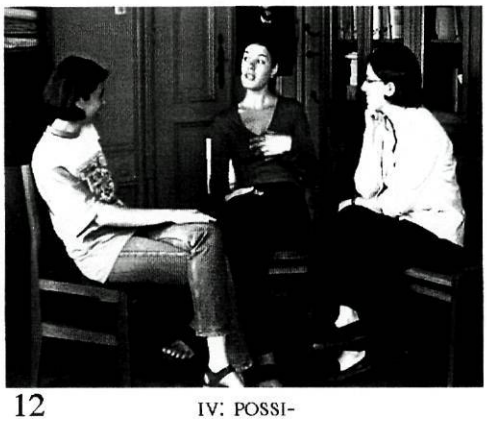
8 IV: (RISO) (CL: ALTERNATIVA)

9 IV: NÃ-

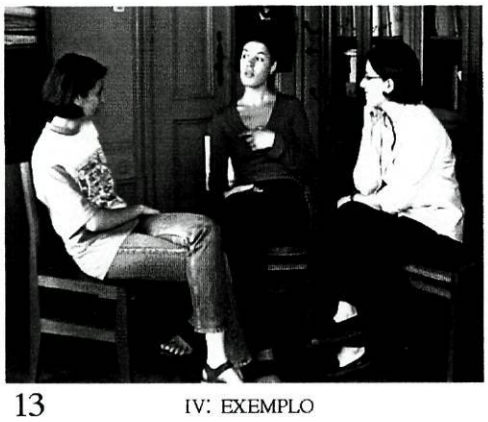
10 IV: -ÃO



11 IV: HÁ

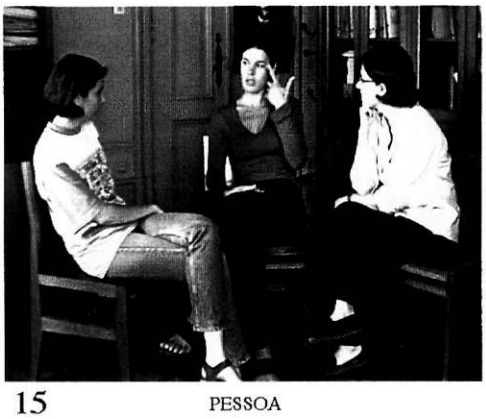


12 IV: POSSI-



13 IV: EXEMPLO

14 IV: FALSIFICAR



15 PESSOA

16 CL: NÃO

4.3 Restrospectiva e sistematização

Pelo que foi atrás apresentado, conclui-se que a *reparação* é uma actividade que não só representa uma perda de tempo, mas também ameaça a ordem da interacção. É aplicada pontualmente sobre um ou mais elementos da fala, ou sobre sequências de actos, onde se verificam irregularidades. Estas irregularidades consistem, por um lado, em pausas vazias, prolongamentos de sons, repetições de sílabas e de palavras, originados por procuras de elementos lexicais adequados para exprimir o que o falante pretende dizer; por outro lado, em interrupções e desvios no desenvolvimento de um tema, que resultam de mudanças de intenções comunicativas por parte do falante, devidas a novas motivações e prioridades. Muitas vezes desrespeitam a esperada gramaticalidade das frases e a sua completude sintáctica (*gestalt* sintáctica) de tal modo que as frases produzidas não se interligam num encadeamento suave e sem percalços. Por isso, os falantes e os ouvintes procuram integrar a sua reparação o melhor possível na sequência dos enunciados[75]. Para resumir o que foi abordado neste capítulo, serão focados nos parágrafos seguintes os aspectos mais importantes e evidentes que pude deduzir da análise destes 26 exemplos no âmbito das actividades de auto-reparação, alter-reparação, manutenção de vez e co-funções conversacionais[76].

4.3.1 Reparação

4.3.1.1 Origens da auto-reparação

A maior parte das auto-reparações está ligada a questões de planeamento e de organização da informação, i.e., a momentos em que o falante tem dificuldade em encontrar os termos certos para exprimir as suas ideias, ou ainda não encontrou a melhor sequência para a organização da informação que pretende transmitir, de modo a atingir os seus objectivos da melhor maneira possível; outras vezes a reparação deve-se à necessidade de reformular, com maior precisão, o que tinha sido dito antes - através de outra construção (paráfrase) ou de outra palavra; outras vezes ainda, tem a ver com factores interaccionais, em que o falante necessita de retardar ou de repetir a vez, para se adaptar às circunstâncias do contexto social.

4.3.1.2 Origens da alter-reparação

As alter-reparações aqui analisadas devem-se tanto a questões de natureza cognitiva (hesitação do falante), como a questões relativas à atitude dos ouvintes para com o conteúdo expresso pelo falante.

---

[75] Este aspecto foi focado por Couper-Kuhlen (1992) para o caso da reparação iniciada por outro, mas também se pode aplicar ao caso da auto-reparação.

[76] Note-se que estes comentários se referem apenas aos exemplos analisados.

4.3.1.3 Características formais da auto-reparação

Puderam-se observar dois tipos básicos de situações ligados a actividades comunicativas distintas: momentos de interrupção da fala e momentos de retoma do tema principal da vez. Os momentos de interrupção da fala em curso, que caracterizam a iniciação da reparação, são marcados, com frequência, por sinais verbais e não-verbais com a característica de fecho. Em contrapartida, os momentos de retoma de tema, que coincidem com a superação de desarranjos, são concretizados por meio de elementos verbais e não-verbais com características de abertura.

4.3.1.3.1 Sinais com características de fecho

A nível **verbal** encontram-se vários sinais topográficos de fecho, elementos linguísticos como "*prontos*" (exemplo 12), actos conversacionais que marcam fronteiras finais, fenómenos prosódicos típicos de hesitações, como pausas cheias com entoação descendente (exemplo 13), oclusões glotais (exemplos 5, 6, 9, 11, 12, 17), entoação descendente da palavra interrompida (exemplos 3, 7) e clique com a língua (exemplo 11).

A nível **não-verbal**, destacam-se, sobretudo, as actividades do olhar e do gesto. No caso do olhar, a actividade de fecho caracteriza-se por um desvio de olhar (para baixo, para a frente ou para cima), que impede a continuação da comunicação visual com os parceiros, ou seja, que interrompe o contacto visual entre o falante e os outros parceiros; ligados ao olhar encontram-se também desvios da orientação da cabeça; no que diz respeito ao gesto, constatam-se actividades distintas conforme o tipo de desarranjo:

- Nas hesitações, o falante que estava a iniciar um sintagma gestual pára o movimento e volta à posição a partir da qual iniciara o gesto (geralmente à posição de repouso à frente do corpo ou a um gesto de auto-toque) (cf. exemplos 11, 13); ou então suspende o movimento e prossegue-o, logo que supera a hesitação (exemplo 15); também há casos em que as pausas são preenchidas pela continuação de gestos caracterizados por sequências de movimentos com direcções opostas. Quando a palavra é retomada, o falante inicia um novo gesto (sintagma gestual) (exemplos 2, 16 13).

- No caso de interrupções seguidas por novos arranques, se as mãos se encontram em posição de repouso, ou executando um movimento de auto-toque no momento da interrupção, o falante pode acompanhar o novo arranque com um novo gesto (geralmente um gesto de abertura) (exemplo 8); se as mãos estão a executar o início de um gesto, no momento de interrupção regressam ao ponto de partida, numa espécie de "marcha-atrás" gestual (exemplo 12); no novo arranque, ou repetem o gesto interrompido, ou iniciam um novo gesto, numa direcção que permita marcar um contraste com a direcção do gesto interrompido na reparação (exemplos 2, 4).

Em alguns casos, o gesto a que o falante recorre para consumar a reparação permite camuflar o desarranjo, inserindo-o numa outra actividade (cf. exemplos 9, 17). Noutros

casos, formas geralmente usadas para um tipo de reparação são utilizadas para outros tipos de reparação - conversão (cf. exemplo 18). Nas auto-reparações também se encontram outras estratégias, geralmente usadas em alter-reparações, como o recurso a estratégias que permitem o falante distanciar-se e emitir comentários sobre a sua própria vez (exemplos 19, 20).

4.3.1.3.2 Sinais com características de abertura

No plano da comunicação **verbal**, encontram-se sinais topográficos de abertura como "*olha*", "*bem*", "*prontos*" (exemplos 7, 13), actos metacomunicativos que anunciam o que vai ser dito/feito (exemplos 8, 14) e que, por isso, também podem ser considerados sinais topográficos de abertura. Estes actos são, geralmente, realizados com entoação ascendente ou descendente-ascendente. Também se verificaram dobras sintácticas (exemplos 2 e 7).

Quando uma frase (ou constituinte) é corrigida, as características prosódicas são, com frequência, idênticas às do segmento corrigido. Pode-se falar aqui de uma repetição da prosódia. Nas superações de hesitações, nota-se uma tendência para um aumento da velocidade da fala, da intensidade da voz e para uma subida da altura de tom.

Sob o aspecto **não-verbal**, o falante retoma (nem que seja por alguns instantes apenas) o contacto visual com os parceiros, acompanhado, às vezes, por um erguer das sobrancelhas que, como se fosse um marcador fluorescente, sublinha uma passagem, um tópico ou uma sílaba. A comunicação do significado de abertura através do gesto já foi atrás referida no contexto do significado de fecho. Pôde-se observar, à semelhança do que foi descrito por Fornel (1991) e C. Müller (1994, 1999) que, em situações de hesitação, há uma tendência para uma passagem do gesto à posição de repouso; em situações de novo arranque, verifica-se o início de um novo sintagma gestual, geralmente com uma trajectória de sentido oposto ao do gesto que acompanhou a unidade a corrigir. No caso de uma reparação retroactiva de uma palavra, constatou-se, bastantes vezes, uma repetição do gesto.

Convém ainda referir que, sob o ponto de vista da sintaxe da reparação, as regras sugeridas por Uhmann (2001) não são suficientes para explicar todos estes casos do português. Seria necessário analisar uma quantidade muito maior de auto-reparações para poder formular outras regras. Mas como as situações de interacção verbal são tão heterogéneas, tanto sob o ponto de vista formal como funcional, parece-me mais importante desenvolver o instrumental teórico que permita a descrição de qualquer tipo de forma, do que formular regras atrás de regras e as respectivas excepções.

4.3.1.4 Características formais da alter-reparação

Encontram-se com frequência alter-reparações que se seguem a hesitações do falante; nesses casos são as hesitações que constituem uma auto-iniciação, seguida então da alter--reparação por parte do ouvinte (uma proposta para uma completação de

frase/pensamento). Noutras situações, a alter-reparação é feita na forma de comentário irónico.

No primeiro caso, quando a proposta resulta de uma interpretação adequada das intenções e pensamentos do falante por parte do ouvinte, o falante manifesta a sua aceitação:

- no plano **verbal**, emite sinais de acordo que consistem, por exemplo, na repetição das palavras do parceiro, muitas vezes com aumento da intensidade da voz;

- no plano **não-verbal** há uma aproximação física, uma *orientação para* o ouvinte (o falante orienta o tronco para o ouvinte, vira a cabeça e olha para ele, muitas vezes ergue as sobrancelhas, ou mantém-as levantadas) e produz um novo gesto.

Depois de ter manifestado o seu acordo com a reparação feita pelo ouvinte, o falante continua a vez. Sendo assim, este tipo de reparação não implica uma mudança de falante, ou seja, uma tomada de vez pelo interactante que fez a reparação (cf. exemplos 21 e 22).

Quando, porém, a proposta resultou de uma má interpretação do pensamento do falante, este rejeita-a imediatamente (cf. exemplos 23 e 24):

- no plano **verbal**, recorre a sinais que significam rejeição, como o elemento de negação "não";

- no plano **não-verbal** constata-se um afastamento físico, um *desvio do* ouvinte (o falante vira a cabeça e a cara para o lado oposto ao ouvinte, muitas vezes muda a posição do tronco inclinando-o mais para trás.

Quando o falante discorda da proposta do outro e a rejeita, pode acontecer que se desenvolva uma nova orientação do discurso ou uma sequência à parte da vez. O falante retoma a vez depois de esta sequência estar concluída. Estes casos são mais favoráveis a uma mudança de falante.

No segundo tipo de alter-reparação (através de um comentário irónico da ouvinte), o falante acusa a recepção deste comentário de modos diferentes: no exemplo 25, não estabelece contacto visual com o ouvinte, nem se orienta para ele; por outras palavras, ignora o comentário e mantém-se distante; no entanto, verbalmente, acusa a recepção e aceitação parcial do comentário deste; no exemplo 26, manifesta a recepção da crítica do ouvinte não-verbalmente - através da orientação do corpo e do olhar para este, acompanhada de um sorriso largo - e verbalmente, através de um sinal de rejeição.

Na minha opinião, as situações analisadas são demasiado limitadas em número para se proceder a uma sistematização do tipo de comunicação não-verbal na reparação, mas permitem, de qualquer modo, salientar algumas tendências.

4.3.2 Manutenção da vez

Nos exemplos analisados, encontraram-se os seguintes subtipos de sinais de manutenção de vez:

4.3.2.1 Sinais de retoma

Os sinais de retoma servem para retomar a vez, depois de uma interrupção seguida de um aparte, hesitação, reparação ou depois de um sinal de retorno do ouvinte. Tipicamente, são formados por elementos verbais que, ao mesmo tempo que desempenham a função de manutenção de vez, também servem como sinais topográficos de fecho e/ou de transição e/ou de abertura. São elementos verbais que permitem fechar o que foi dito antes e/ou focalizar o que vai ser dito depois, como os elementos "*pronto*", "*bem*", com diferentes entoações (geralmente descendente, no caso de fecho, e ascendente, ascendente--descendente ou descendente-ascendente, no caso de abertura), ou outras expressões (actos) metacomunicativas. Os parâmetros prosódicos podem variar e só são interpretáveis a partir do contexto sequencial dos enunciados. Geralmente uma velocidade mais reduzida, ou progressivamente mais reduzida, assim como o aumento de intensidade caracterizam as partes da vez para as quais o falante pretende orientar a atenção do ouvinte. Parte da comunicação não-verbal que acompanha a retoma da vez apresenta características idênticas às dos sinais verbais: por exemplo, o desvio do olhar para cima/lado, o erguer das sobrancelhas, um gesto díctico ou um movimento dos braços/mãos que inicia um novo gesto - todos indicam que o falante vai continuar a vez; o virar da cabeça para um lado oposto ao antecedente ou gesto de afastar alguma coisa da frente (gesto de fecho) têm propriedades de fecho.

Uma característica comum da retoma, que se pôde constatar sobretudo para o caso da retoma a seguir à introdução de um aparte, é a repetição de propriedades formais (lexicais, prosódicas e gestuais) que caracterizaram o enunciado no momento da introdução do aparte.

Outros tipos de retoma são formados por manifestações de **acordo** e de **desacordo**. No primeiro caso, o falante recorre a elementos verbais que expressam aceitação; aqui verifica-se com frequência um estabelecimento de contacto visual entre falante e ouvinte, ou seja, o falante olha para o ouvinte. Esta tomada de contacto visual pode ser acompanhada por um erguer de sobrancelhas, movimento que focaliza o que está a ser dito ou, antecipadamente, o que vai ainda ser dito a seguir (este movimento também pode ser interpretado como uma chamada de atenção para um determinado saber compartilhado por falante e ouvinte). Muitas vezes a retoma da vez também é acompanhada por um novo gesto. No segundo caso, além de verbalizar elementos que exprimem rejeição, o falante pode virar a cabeça e desviar o olhar do ouvinte, assumindo uma atitude/postura de mais afastamento para com o seu interlocutor. Também se encontra no exemplo 12 um sinal de retoma ("*percebes*") que é formalmente parecido com um sinal de pedido de retorno. Este fenómeno mostra, mais uma vez, a facilidade com que formas, geralmente usadas com determinadas funções, são utilizadas para outras e que essas funções só são interpretáveis a partir do contexto interaccional. Um caso

idêntico verifica-se no exemplo 7, em que a falante usou a palavra "olha", um sinal frequente na tomada de vez, para introduzir um aparte.

4.3.2.2 Sinais de pedido de retorno e sinais de reforço informativo

Estes dois tipos de sinais podem ser tratados em conjunto, porque a única característica que os distingue é o facto de serem seguidos por um sinal de retorno do ouvinte, ou não. Ou seja, a classificação de "pedido de retorno" só pode ser feita tendo em conta a sequência dos encadeamentos da vez.

No desempenho da função de **pedido de retorno** encontram-se combinações verbais e não-verbais típicas: sob o ponto de vista prosódico, os enunciados caracterizam-se pelo seu **estilo enfático** (subidas e descidas de altura de tom com aumento de intensidade da voz) (cf. exemplos 6, 12). No que diz respeito à comunicação não-verbal, é comum o falante manter suspensa uma determinada postura física (posição do tronco, dos braços, cabeça, etc.): o gesto fica parado, mas não-relaxado, o olhar fica orientado para o ouvinte e fixado nele, muitas vezes é acompanhado por um erguer das sobrancelhas (cf. exemplos 6, 12, 24, 26). Na função de **reforço informativo** encontra-se a expressão "percebes" no exemplo 12, linha 55.

4.3.3 Estratégias básicas

No desempenho da reparação e da manutenção de vez distinguem-se as seguintes estratégias que estão na base de muitas das características dos sinais de manutenção de vez acabados de referir:

4.3.3.1 Focalização e desfocalização

Em todos os casos de abertura e de fecho, estão envolvidas duas estratégias fundamentais da interacção: a focalização e a desfocalização. A última, usada para anular a importância de alguma coisa; a primeira, para chamar a atenção para o que é importante. Estas duas estratégias podem surgir numa sequência linear (desfocalização > focalização), ou nas formas mais variadas, através dos meios mais diversos (sintácticos, semânticos, prosódicos e não-verbais), apoiando o falante na estruturação da sua vez, nomeadamente em situações em que necessita de encontrar um equilíbrio entre forças antagónicas: a necessidade de cancelar o que foi dito antes, a necessidade de dirigir a atenção dos ouvintes para o que vai ser dito e a necessidade de colocar um rótulo no que vai ser dito para que possa ser descodificado do modo que o falante pretende. Por outras palavras, o falante necessita de encontrar um equilíbrio entre as suas próprias necessidades comunicativas e as necessidades dos ouvintes. E assim, quanto mais êxito ele tiver na construção da sua vez (com maior ou menor participação activa dos ouvintes), tanto melhor a poderá manter enquanto assim o desejar.

4.3.3.2 Actos metacomunicativos

Outros fenómenos que foram encontrados com alguma frequência nas auto-correcções são os chamados anúncios e os actos metacomunicativos. Como já foi referido (parte I, 4.1.4), os actos metacomunicativos são tipos de anúncios que não só indicam que vai ser dita/feita alguma coisa, funcionando como uma charneira entre enunciados, mas também transmitem informações de vária ordem sobre o que vai ser dito: ou seja, além de criarem uma espécie de fronteira entre a fala antecedente e a que se vai seguir, também servem para introduzir e "rotular" enunciados com características específicas, de acordo com o seu conteúdo. Assim, ao marcar o início de um acto, podem dar indicações sobre questões ligadas ao seu conteúdo, instruindo o ouvinte sobre o modo como o deve interpretar. Estes actos conversacionais são ajudas importantes durante a produção da vez, porque marcam fronteiras no encadeamento dos enunciados, facilitando a tarefa de descodificação por parte do ouvinte.

Nos exemplos observados, estes actos metacomunicativos fornecem as informações necessárias para contextualizar o que se vai seguir como um "exemplo", "uma paráfrase", uma "narração", etc. A sua utilização frequente em reparações levou a questionar se, à semelhança do que se passa em muitas outras situações menos preferidas, o recurso a tais molduras não pode, porventura, ser uma estratégia de disfarce da tarefa mais desagradável de reparação[77]; por exemplo, um acto metacomunicativo, geralmente usado para introduzir uma paráfrase, pode ser utilizado para superar uma hesitação, marcando apenas a transição entre um falso arranque e um novo arranque. O seu significado de introdução de paráfrase fica, então, anulado, mas as suas características formais fazem com que o desarranjo passe mais despercebido (cf. exemplo 18).

4.3.3.3 Elementos coesivos

Outra característica típica do discurso é o estabelecimento de relações de coesão entre partes da vez ou da conversação pela repetição de elementos verbais, das características prosódicas e das formas gestuais. Embora este aspecto já tinha sido atrás referido (4.3.2.1), volto a salientá-lo como uma estratégia básica da interacção.

4.3.4 Relação entre a comunicação não-verbal e a comunicação verbal

Esta análise multimodal da interacção verbal e não-verbal permitiu mostrar como a comunicação não-verbal tanto pode reforçar a primeira, transmitindo, em simultâneo (ou antecipadamente), significados idênticos aos expressos verbalmente, como adicionar outras informações a este conteúdo. Além disso, as diferentes modalidades não-verbais podem fornecer, ao mesmo tempo, informações distintas (cf. exemplos 12, 13). Expressões simultâneas de vários conteúdos que, como um pano de fundo, matizam ou "tingem" a produção verbal só são possíveis através dos movimentos do corpo: toda esta coreografia influencia ou altera o sentido do enunciado verbal e é indispensável para a sua descodificação/interpretação. Além disso, as diferentes características físicas de cada

[77] Couper-Kuhlen (1992) descreve estratégias de "camuflagem" na expressão do desacordo.

modalidade não-verbal fazem com que sejam diferentemente usadas conforme as situações. Assim, há significados que podem mais facilmente ser expressos por uma determinada modalidade, outros por outra, etc. Também se constatam certas tendências de uso das diferentes formas de sinais[78]. Uma análise quantitativa permitiria certamente detectar se há tipos de informação que são tipicamente transmitidas por determinadas modalidades, ou se todas (e quais) as modalidades são susceptíveis de se substituírem umas às outras[79].

4.3.5 Relação entre a comunicação não-verbal e a cognição

Como já foi referido, os desarranjos na fala, causados pelas perturbações na estruturação do discurso, são muito comuns na língua falada. Isso não é de admirar quando se parte do princípio de que os conceitos não se encontram dispostos segundo uma ordem linear, mas sim simultaneamente representados na mente. O estudo da comunicação verbal e não-verbal destes momentos de estruturação e de re-estruturação do discurso, sobretudo da comunicação não-verbal (resultante de actividades motoras que deixam transparecer o que se está a passar a nível cognitivo), contribui para o conhecimento do funcionamento da mente humana. Daí a importância decisiva de considerar os fenómenos não-verbais na análise da interacção ligada à psicologia, sobretudo à investigação de todos os tipos de patologias ligados à fala.

Concluindo: neste capítulo, pretendeu-se, acima de tudo, mostrar como o canal verbal e as diversas modalidades do canal não-verbal podem actuar em conjunto nas situações de reparação e como, simultaneamente, desempenham a função interaccional de sinal ou estratégia de manutenção de vez. No capítulo seguinte vão ser abordados outros fenómenos interaccionais, de natureza mais geral e de aplicação mais alargada, como sejam, as estratégias de focalização e de desfocalização e os diferentes que contribuem para a dinâmica da interacção.

---

[78] Esta constatação vem ao encontro daquilo que foi proposto por Poggi (2002c) relativamente à existência de dicionários de sinais não-verbais. Cf. parte II, capítulo 1.1.

[79] Veja-se, por exemplo, o caso de indivíduos sem braços, em que se pode notar como a comunicação através do gesto foi substituída por outros canais, nomeadamente, pelo olhar. Os movimentos do abrir e fechar das pálpebras funcionam como substitutos dos gestos batuta, o desvio da íris para a direita e para a esquerda, acompanhado por movimentos da cabeça, funciona como um gesto de apontar, etc. (informações recolhidas numa entrevista com o Dr. Álvaro Costa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002).

Isabel Maria Galhano Rodrigues

Fala e movimentos do corpo na interacção face a face

Estratégias de reparação e de (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez

ERRATA

FLUP
Porto - 2003

ERRATA

PÁGINA	ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
v - linha 14	3.4.1 A frase prosódica na investigação	A unidade prosódica na investigação
14 - linha 35	Ao contrário dos *replies* (respostas)	Ao contrário dos *replies* (réplicas)
14 - nota 16	Cf. parte I, 1.2.4.	Cf. parte II, 1.1, nota 6.
15 - nota 18	pedaços de conversação em parênteses, apartes, etc.	pedaços de conversação em parênteses, etc.
25 - linha 6	não-vezes (actividades de ouvinte) implicou	não vezes (actividade de ouvinte) e implicou
27 - linha 27	Halliday (1987b)	Halliday (1985)
27 - nota 49	*a verbal motifemic-slot-class-correlatives*	*a verbal motifemic-slot-class-correlative*
29 - linha 4	Muitos trabalhos mais recentes	Na Europa, muitos trabalhos mais recentes
30 - linha 4	Com vista à construção de um modelo funcional de análise do discruso didáctico, é isolado	Esta última tem em vista a construção de um modelo funcional de análise do discurso didáctico. Para isso, é isolado
35 - linha 34	Para Goodwin/Duranti (1997: 6), o contexto é	Para Goodwin/Duranti (1997: 6), o contexto[65] é (introduzir nota 65)
36 - linha 7	aspecto do contexto[65]	aspecto do contexto (mudar nota 65)
40 - linha 3	estudo da língua	estudo do uso da língua
41 - linha 18	entre o humano e a máquina	entre o ser humano e a máquina
41 - nota 73	os que combinam a fala com o movimento dos olhos e o contacto visual	os que combinam a fala com os movimentos dos olhos e o contacto visual
44 - linha 24	simultaneamente linguístico e verbal,	simultaneamente linguístico e não-verbal,
45 - linha 31	instrumento	instrumental
47 - nota 4	e Grammar (1997, cap. 168).	e Grammer (1997).
48 - nota 5	different cultures inábil different sonsory worlds	different cultures inhabit different sensory worlds
48 - nota 5	experience it differently" (*ibid*, 27).	experience it differently" (*ibid*, 207).
50 - linha 20	informações adicionais à fala	informações adicionais às que são transmitidas através da fala
51 - linha 37	mudança de tópico, de tema, uma orientação	mudança de tema, uma orientação
53 - nota 10	combinar unidades tonais	combinar unidades prosódicas
56 - linha 24	**regras de exibição**	**regras de ostentação**
56 - nota 14	quatro **regras de exibição** fundamentais	quatro **regras de ostentação** fundamentais
57 - linha17	*Facial Affect Coding Scheme* (FACS)	*Facial Action Coding Scheme* (FACS)
59 - nota 20	relativamente à fala	relativamente à comunicação verbal
61 - linha 19	falante (p) [23] olha para o ouvinte (q)	falante[23] olha para o ouvinte
62 - nota 25	Ao desviar o olhar, p (falante)	Ao desviar o olhar, p (neste caso o falante)
62 - nota 25	Para q (ouvinte), estes olhares	Para q (neste caso o ouvinte), estes olhares
66 - linha 3	funcionamento da fala a nível conceptual	funcionamento da língua a nível conceptual
66 - nota 30	para referir os sinais verbais produzidos pelos órgãos do aparelho fonador	para referir os sons produzidos pelos órgãos do aparelho fonador que representam elementos de um sistema linguístico
67 - linha 3	estudo dos gestos; a segunda	estudo dos gestos[34]; a segunda
67 - linha 17	investigação do século XX[34].	investigação do século XX.
71 - linha 2	vai-vem	vai-e-vem
72 - nota 42	sociabilização	socialização

73 - linha 24	Definindo a língua	Definindo a actividade linguística
73 - linha 41	(*ibid.*, 35). Este aspecto	(*ibid.*, 35). Como se pôde ver atrás (Parte I, 1.7), este aspecto
74 - linha 11	como a língua	como os elementos linguísticos
75 - linha 12	os segmentos linguísticos estiveram os dois juntos	os segmentos linguísticos co-expressivos. Esses segmentos linguísticos e as imagens que lhes estão associadas estiveram juntos (*ibid.*, 220)
75 - linha 17	pontos de crescimento	pontos de geração
77 - linha 26	representam movimentos curtos e rápidos em movimentos bifásicos	representam percursos curtos em movimentos rápidos e bifásicos
77 - linha 32	*repairs* (reparações), marcando	*repairs* (reparações) (cf. Parte II, 3.1), marcando
80 - linha 41	comuns à linguagem e gesto	comuns à língua e ao gesto
81 - linha 1	durante a fala	durante a produção verbal
83 - nota 54	Damit vergindet	Damit verbindet
83 - nota 54	sie verknupft	sie verknüpft
83 - nota 54	os gestos de contar e outros	os gestos de contar (cf. Parte II, 6.10) e outros
85 - linha 23	Os gestos subdividem-se anda em sinais **icónicos** ou sinais mecanicamente determinados, podendo estes últimos ser ainda **biológicos** ou **naturais**.	Os gestos motivados subdividem-se anda em **icónicos**, ligados por semelhanças, ou mecanicamente determinados, podendo estes últimos ser ainda **biológicos** ou **naturais**.
86 - linha 9	pode também ser irónico	pode também ser icónico
89 - linha 15	percepção da fala (compreendida aqui como um sistema formado	percepção linguística, sendo a língua compreendida como um sistema formado
97- linha 18	modelos generativos	modelos gerativos
99 - linha 2	A frase fonémica na investigação da comunicação	A unidade prosódica na investigação da comunicação
99 - linha 34	paralinguísticas e notação	paralinguísticas e a notação
100 - linhas 18, 19, 27, 29	unidades entoacionais	unidades prosódicas
100 - linha 26	unidade entoacional	unidade prosódica
100 - linha 26	corresponde a uma unidade gestual distinta	corresponde um padrão de movimento distinto ou uma posição distinta
101 - linhas 10, 14	unidades tonais	unidades prosódicas
101- linha 18	unidade entoacional	unidade prosódica
101- linha 21	phrase"[21]. Relativamente à prosódia, o autor conclui	phrase"[21]. Aliás, como já foi citado na Parte I, 2.6.3.3, o autor conclui
101- linha 27	O estudo da prosódia nas pesquisas semântico--pragmáticas da Eescola britânica foram influenciadas pela	O estudo da prosódia nas pesquisas semântico--pragmáticas da Escola britânica foi influenciado pela
101 - nota 21	unidade entoacional	unidade prosódica
102 - linha 20	generalizaste	generalizante
108 - linha 34	importância do ritmo (*rhythmic beats*)	importância das batidas rítmicas (*rhythmic beats*)
110 - nota 34	por um início (*onset*) com uma altura de tom	por um ataque com uma altura de tom
110 - nota 34	alturas de *onset*	alturas de ataque
110 - nota 34	força coesiva por não só etabelecerem relações	força coesiva por etabelecerem relações
111 - linhas 1	unidade tonal	unidade entoacional
111 - linha 1	batida[35] - numa unidade tonal	batida - numa unidade entoacional (eliminar nota 35)
112 - linha 5	em <acelerando>, ou seja	em <acelerando>[35], ou seja (introduzir nova nota 35) [35] - sinal do sistema de transcrição prosódica GAT (cf. anexo, 2.1.1)
116 - linha 10	em que discurso é livremente	em que o discurso é livremente
119 - nota 9	(cf. parte I, 1.2.5, nota 41)	(cf. parte I, 1.2.5, nota 29)

120 - nota 12	in welchem er steht	in welchem es steht
121 - linhas 31-34	Outras formas de mudança de planeamento do discurso são o **acrescento** (*Nachsatz*) (Koch/Oesterreicher, 1990: 85) e a técnica de **afunilamento** (*Engführung*), em que há uma repetição de um constituinte, ou seja, uma relação semântica de precisão entre o constituinte interrompido e o novo.	Outra forma de mudança de planeamento do discurso, mudança que afecta a disposição dos constituintes no enunciado e não a constituição frásica, é o **acrescento** (*Nachsatz*) (Koch/ Oesterreicher, 1990: 85). Não se deve confundir com a técnica de **afunilamento** (*Engführung*): a repetição sintáctica de um constituinte, em que os elementos lexicais que fazem parte do constituinte novo têm uma relação semântica de precisão com os elementos do constituinte antecedente.
123 - linha 1	que se inscritas numa frase	que se encontram inscritas numa frase
129 - linha 35	marcadores sintomáticos	marcadores sintagmáticos
130 - linha 33	topográfico-textuais	partículas topográfico-textuais
130 - linha 34	interaccionais	partículas interaccionais
130 - linha 35	modais	partículas modais
132 - esquema	Sinais interactivos geográficos - subdividem-se em "aditivos" e "alternativos"	
137 - linha 32	cada "modalidade" não-verbal	cada "modalidade"[4] não-verbal (inserir aqui nota 4)
138 - linha 1	topográfico e modal[4].	topográfico e modal. (mudar nota 4)
139 - linha 8	tratadas	tratados
139 - linha 11	unidades de análise consideradas, já descritas	unidades de análise prosódica, já descritas
139 - linha 29	frase entoacional	unidade entoacional
141 - linha 22	(*Facial Affect Coding Scheme*)	(*Facial Action Coding Scheme*)
143 - linha 31	são analisadas em várias etapas	se processa em várias etapas
143 - linhas 32, 35, 36	movimento	movimento / não-movimento
144 - linha 3	da correlação com a fala	da sua correlação com a fala
147 - linha 14	**ponto de transição - PT** [7].	**ponto de transição - PT.** (eliminar nota 7)
154 - linha 3	(cf. Schegloff, 1972, 1979).	(por exemplo Schegloff, 1972, 1979).
158 - linha 12	por terminada, mas se mais nenhum	por terminada, se mais nenhum
162 - linha 36	por ele.	por ele" (*ibid.*, 186-187).
162 - linha 37	Os **sinais de reclamação de vez** são realizados	Os **sinais de reclamação de vez** "são realizados
164 - linha 27	subvenções	subfunções
166 - nota 4	perturbação na fala. Esta perturbação desarranjo no discurso	desarranjo na fala. Este desarranjo perturbação no discurso
170 - linha 21	O tipo de reparação	Como já disse atrás, o tipo de reparação
174 - linha 10	busca	procura
177 - linha 5	de camuflagem, de disfarce e de modalização	de camuflagem e de modalização
186 - nota 8	Cf. parte II, 3.2.2	Cf. parte II, 3.2.3, nota 26.
187 - nota11	exemplo 22	exemplo 21
196 - linha 3	VB inclina	LV inclina
210 - linha 22	circundante	envolvente
210 - linha 23	mas baixa	mais baixa
234 - linha 23	informação aparte	informação à parte
235 - linha 23	enunciado (59)	enunciado (56)
250 - linha 7	circundante	envolvente
250 - linha 12	para deliberar	para reflectir
259 - linha 32	inclinada para BS	inclinada para o lado
302 - linha 16	movimento ascendente	movimento descendente
345 - linha 35	alguma coisa, monitorizado	alguma coisa, monitorizando
346 - linha 15	conteúdo preposicional	conteúdo proposicional
346 - linha 16	o valor ilocutivo, e/ou sobre a modalidade do	o valor ilocutivo (uma pergunta, uma censura),

	enunciado a verbalizar, ou seja, tanto sobre o modo como ele deve ser interpretado (uma piada, um exemplo , etc.), como sobre a atitude do falante	e/ou sobre a modalidade do enunciado a verbalizar, ou seja, tanto sobre o modo como ele deve ser interpretado (uma piada, um opinião, etc.), como sobre a atitude do falante
351 - linhas 15, 17	parênteses	apartes
351 - linha 19	Na minha opinião, estas	Na minha opinião, como já disse atrás, estas
353 - linha 17	sequências de contagens e	sequências de contagens[53] e (introduzir nota 53)
356 - linha 17	informação aparte	informação à parte
357 - linha 16	(contagens)[53] assim	(contagens) assim (mudar nota 53)
369 - linha 26	perguntas retóricas	frases interrogativas
369 - linha 27	numa sequência condicional	em sequências lógico-argumentativas
385 - linha 9	e com acento	e com variação abrupta de altura de tom
394 - linha 16	"*as crianças precisam de modelos parentais*"	"*a criança necessita de modelos parentais*"
396 - linha 14	anúncio anteposto, informa sobe o modo como deve ser entendido o que vai ser dito, isto é que o significado expresso (a opinião da falante) pode não ser verdadeiro (correcto).	anúncio pós-posicionado que, retroactivamente dá indicações de interpretação relativamente ao que foi dito, isto é que o significado expresso (o que parece à falante) é uma opinião e pode não ser a mais correcta.
410 - linha 8	"*ambos assumem o papel de pai*"	"*não, assumem o de pai*"
428 - linha 38	*para a frente; no fim de*	*para a frente; ergue as sobrancelhas, no fim de*
434 - linha 34	**Gesto / conteúdo lexical**	**Gesto / significado lexical**
472 - linhas 26-30	A curva no gráfico que representa a altura de tom do som "ARe" (em "beneficiare") (...) com uma subida abrupta de altura de tom.	eliminar
500 - tabela linha 18	1,617	1,453
500 - tabela linha 19	1,684	1,575
501 - linha 17	segundo acto, a falante	segundo acto (desde arrumar as casas), a falante
537 - linha 30	A análise de conta	A análise dá conta
548 - linha 2	reforçam o conteúdo semântico dos enunciados	reforçam a ideia contida nos enunciados
548 - linha 11	contradizer o significado expresso pela fala	contradizer o significado expresso pelos elementos lexicais
588 - linha 24	Sinais de recepção	Sinais de retorno